JORDAN BELFORT

O LOBO DE WALL STREET

O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DE **MARTIN SCORSESE**, ESTRELADO POR **LEONARDO DICAPRIO**

Planeta

O LOBO
DE WALL STREET

JORDAN BELFORT

O LOBO
DE WALL STREET

Tradução de Pedro Barros

2ª edição

Planeta

Sumário

Aos meus dois maravilhosos filhos,
Chandler e Carter Belfort

Nota do autor

Este livro é uma obra de memória; é uma história verdadeira, baseada em recordações de vários eventos de minha vida. Quando indicado, os nomes e as características de certas pessoas mencionadas no livro foram alterados a fim de proteger-lhes a privacidade. Em certos trechos, reorganizei e/ou abreviei eventos e períodos de tempo a serviço da narrativa e recriei diálogos para adaptá-los às lembranças desses momentos.

PRÓLOGO

UM BEBÊ NA FLORESTA

4 de maio de 1987

"Você é pior que balde de merda", disse meu novo chefe, conduzindo-me pela sala de corretagem da LF Rothschild pela primeira vez. "Tem algum problema em relação a isso, Jordan?"

"Não", respondi, "sem problemas."

"Bom", ralhou meu chefe, e seguiu andando.

Estávamos atravessando um labirinto de mesas de mogno marrom e fios de telefone pretos no 22º andar de uma torre de vidro e alumínio de 41 andares na famosa Quinta Avenida de Manhattan. A sala de corretagem era um espaço amplo, talvez de 15 por 22 metros. Era um local opressivo, lotado de mesas, telefones, monitores de computador e diversos *yuppies* detestáveis, setenta deles ao todo. Não usavam seus paletós e, a essa hora da manhã – 9h20 –, estavam encostados em seus assentos, lendo o *Wall Street Journal* e se parabenizando por serem jovens Mestres do Universo.

Parecia um objetivo nobre querer ser um Mestre do Universo, e, enquanto passava pelos Mestres, em meu terno azul barato e sapatos rústicos, descobri-me desejando ser um deles. Mas meu novo chefe era rápido em me lembrar que eu não era.

"Seu trabalho", ele olhou para o crachá de plástico em minha lapela azul, "Jordan Belfort, é ser um *conector*, o que significa que vai telefonar quinhentas vezes por dia, com o intuito de ir além das secretárias. Você não estará tentando vender, recomendar nem criar alguma coisa. Estará apenas tentando trazer os empresários ao telefone." Fez uma pausa por um breve instante, então despejou mais veneno. "E, quando *realmente* conseguir colocar um no telefone, tudo que dirá é 'Olá, sr. Fulano, Scott gostaria de falar com o senhor', e então passará o telefone para mim e voltará a discar. Acha que pode fazer isso ou é muito complicado para você?"

"Não, posso fazer isso", disse, confiante, mas uma onda de pânico me assombrava como um tsunami assassino. O programa de treinamento da LF Rothschild durava seis meses. Seriam meses duros, cansativos, durante os quais eu estaria ao inteiro dispor de babacas como Scott, a escória *yuppie* que parecia ter surgido das mais ferozes profundezas do inferno *yuppie*.

Espiando com canto de olho, cheguei à rápida conclusão de que Scott parecia um peixinho dourado. Ele era careca e pálido, e o pouco de cabelo que lhe restava tinha um tom laranja lamacento. Tinha trinta e poucos anos, era alto e ostentava uma cabeça fina e lábios rosados e grossos. Usava uma gravata-borboleta, o que o deixava ridículo. Sobre seus olhos castanhos salientes, usava um par de óculos de armação de metal, o que o tornava estranho.

"Bom", disse o peixinho de merda. "Eis as regras de trabalho: não há pausas, nada de ligações pessoais, nada de faltar por doença, nada de chegar tarde e nada de ficar sem fazer nada. Tem trinta minutos de almoço", fez uma pausa para causar efeito, "e é melhor voltar a tempo, porque

há 50 pessoas aguardando para tomar sua mesa se você fizer alguma cagada."

Continuou andando e falando enquanto eu o seguia um passo atrás, hipnotizado pelas milhares de cotações da bolsa que deslizavam através de monitores de diodo laranja. À frente da sala, uma parede de vidro dava vista para o centro de Manhattan. Mais à frente, eu podia ver o Empire State, que erguia-se sobre tudo, parecendo elevar-se até o céu e arranhar as nuvens. Era uma visão que merecia ser contemplada, uma imagem valiosa para um jovem Mestre do Universo. E, naquele instante, aquele objetivo parecia muito, mas muito distante mesmo.

"Para dizer-lhe a verdade", resmungou Scott, "não acho que você seja adequado para este trabalho. Você parece uma criança, e Wall Street não é lugar para crianças. É um lugar para assassinos. Um lugar para mercenários. Assim, nesse sentido, você tem sorte por não ser eu quem faz as contratações por aqui." Ele soltou uma risadinha irônica.

Mordi o lábio e não disse nada. O ano era 1987, e babacas *yuppies* como Scott pareciam comandar o mundo. Wall Street era o centro de um mercado de touros indomáveis, e novos milionários surgiam abundantemente. Dinheiro era fácil, e um cara chamado Michael Milken inventou algo chamado "títulos de alto risco", que mudara a forma como a América corporativa conduzia seus negócios. Era uma época de ambição desenfreada, uma época de excesso libertino. Era a época dos *yuppies*.

Conforme nos aproximávamos de sua mesa, meu castigo *yuppie* virou-se para mim e disse:

"Irei dizer mais uma vez, Jordan: você é o mais baixo dos baixos. Não é nem uma espécie de *telemarketing* ainda; é um *conector*." O desdém gotejava de suas palavras. "E, até você passar pela Série Sete, conectar será todo o seu universo. E é por isso que você é pior que balde de merda. Tem algum problema quanto a isso?"

"Absolutamente", respondi. "É o trabalho perfeito para mim, porque sou pior que balde de merda." Dei de ombros inocentemente.

Ao contrário de Scott, não pareço um peixinho dourado, o que me deixou orgulhoso de mim mesmo enquanto ele me encarava, procurando ironia em meu rosto. Contudo, sou baixinho, e, aos 24 anos, ainda tinha as delicadas feições de um adolescente. Era o tipo de rosto que me criava dificuldades para entrar em um bar sem ter de mostrar a identidade. Tinha farto cabelo castanho fino, pele oliva lisa e um par de olhos azuis. No geral, até que não era feio.

Mas, ah!, eu não estava mentindo para Scott quando lhe contei que era pior que um balde de merda. Para falar a verdade, era como eu me sentia. Eu acabara de destruir meu primeiro empreendimento, e minha auto-estima tinha ido junto. Fora um negócio mal planejado no ramo de carne e frutos do mar, e, quando tudo terminou, eu estava fodido com o arrendamento de 26 caminhões – todos os quais eu havia garantido pessoalmente e todos os quais eu estava agora devendo. Assim, os bancos estavam atrás de mim, e também uma mulher hostil da American Express – barbada e com mais de 150 quilos, a julgar pelo som de sua voz –, que estava ameaçando me arrebentar ela mesma se eu não pagasse as contas. Pensei em trocar o número do telefone, mas estava tão atrasado com a conta telefônica que a NYNEX também estava atrás de mim.

Chegamos à mesa de Scott, e ele me ofereceu o assento ao lado do dele, junto com algumas palavras gentis de encorajamento.

"Olhe pelo lado bom", satirizou. "Se por algum milagre não for despedido por vagabundagem, estupidez, insolência ou atrasos, então você pode realmente se tornar um corretor da bolsa um

dia." Forçou um sorriso para rir de sua própria piada. "Apenas para que saiba, no ano passado ganhei mais de 300 mil dólares, e o outro cara para quem você estará trabalhando, mais de um milhão."

Mais de um milhão? Eu podia imaginar o babaca que era o outro cara. Com uma expressão triste, perguntei:

"Quem é o outro cara?"

"Por quê?", perguntou meu castigo *yuppie*. "Que você tem que ver com isso?"

Caramba!, pensei. Só fale quando mandarem, seu retardado! Era como estar no Exército. Na verdade, eu tinha a ligeira impressão de que o filme favorito desse idiota era *A força do destino* e que ele estava brincando de ser Louis Gossett Jr. comigo – fingindo ser um sargento-treinador responsável por um fuzileiro abaixo da média. Mas guardei aquele pensamento para mim, e tudo que eu disse foi:

"Nada, eu estava apenas... curioso."

"O nome dele é Mark Hanna, e você irá conhecê-lo logo." Com isso, ele me entregou uma pilha de cartões de visita, cada um com o nome e o número de telefone de um empresário próspero. "Sorria e disque", instruiu, "e não levante a porra da cabeça até o meio-dia." Então se sentou à mesa, pegou um exemplar do *The Wall Street Journal*, colocou seu sapato de couro de crocodilo sobre a mesa e começou a ler.

Eu estava pegando o telefone quando senti uma mão carnuda em meu ombro. Ergui a cabeça e, só de olhar, sabia que era Mark Hanna. Ele cheirava a sucesso, como um verdadeiro Mestre do Universo. Era um cara grande – por volta de 1,85 metro e 100 quilos, sendo a maior parte disso de músculos. Tinha cabelo da cor do azeviche, olhos escuros intensos, feições carnudas e umas cicatrizes de acne. Era bonito, para os padrões do centro, sem ter as gordurinhas típicas de Greenwich Village. Senti carisma fluindo dele.

"Jordan?", disse ele, num tom muito suave.

"Sim, sou eu", respondi, no tom de um amaldiçoado. "Balde de merda de primeira linha, a seu dispor!"

Ele riu calorosamente, e as ombreiras de seu terno cinza de risca de giz de 2 mil dólares subiam e desciam a cada risada. Então, com uma voz mais alta que o necessário, falou: "Bem, percebo que já recebeu sua primeira dose do babaca da vila!". Ele moveu a cabeça na direção de Scott.

Acenei com a cabeça imperceptivelmente. Ele piscou para mim. "Não se preocupe, sou o corretor sênior aqui; ele é apenas um pão-duro desprezível. Então desconsidere tudo o que ele disse até agora e qualquer coisa que venha a dizer no futuro."

Embora tentasse, não consegui deixar de olhar para Scott, que murmurava: "Vai se foder, Hanna!".

Mas Mark não se ofendeu. Apenas deu de ombros e andou ao redor de minha mesa, colocando seu corpanzil entre Scott e mim, e disse: "Não o deixe importuná-lo. Ouvi falar que você é um vendedor de primeira linha. Daqui a um ano, aquele idiota estará beijando seus pés".

Sorri, sentindo uma mistura de orgulho e vergonha. "Quem lhe contou que eu sou um grande vendedor?"

"Steven Schwartz, o cara que o contratou. Disse que você enfiou ações nele já na entrevista de emprego." Mark riu com isso. "Ele ficou impressionado; falou para eu ficar de olho em você."

“É, estava nervoso com a possibilidade de ele não me contratar. Havia vinte pessoas esperando para ser entrevistadas, então imaginei que devia fazer algo drástico... sabe, causar boa impressão.” Encolhi os ombros. “Ele me disse, porém, que eu precisava moderar um pouco.”

Mark sorriu. “É, bem, não modere *tanto*. Pressão é uma necessidade neste negócio. Pessoas não compram ações; elas são vendidas para as pessoas. Nunca se esqueça disso.” Fez uma pausa, deixando suas palavras serem assimiladas. “De qualquer forma, aquele sr. Balde de Merda ali estava certo sobre uma coisa: conectar realmente é um saco. Fiz isso por sete meses e queria me matar todos os dias. Então vou lhe contar um segredinho...”, e abaixou sua voz conspiratoriamente. “Apenas *finja* conectar. Fique sem fazer nada sempre que puder.” Ele sorriu e piscou, então ergueu a voz de volta ao tom normal. “Não me entenda mal; quero que você me passe a maior quantidade de conexões possível, porque ganho dinheiro com elas. Mas não quero que corte os pulsos por isso, porque odeio ver sangue.” Ele piscou de novo. “Então, faça várias pausas. Vá até o banheiro e bata uma punheta se precisar. Era isso que eu fazia, e funcionava como um feitiço para mim. Eu imagino que você gosta de bater punheta, certo?”

Fiquei um pouco sem graça com a pergunta, mas, como eu iria aprender mais tarde, uma sala de corretagem de Wall Street não era lugar para brincadeiras simbólicas. Palavras como *merda*, *foda*, *retardado* e *imbecil* eram tão comuns quanto *sim*, *não*, *talvez* e *por favor*. Eu disse: “É, eu... adoro bater punheta. Quero dizer, que cara não gosta, certo?”.

Ele concordou com a cabeça, quase aliviado. “Bom, isso é muito bom. Bater punheta é a chave. E também recomendo fortemente o uso de drogas, principalmente cocaína, porque isso o fará discar mais rápido, o que é bom para mim.” Fez uma pausa, como se estivesse procurando mais palavras de sabedoria, mas aparentemente não se lembrou de nada. “Bem, isso é tudo”, disse. “Esse é todo o conhecimento que posso passar-lhe agora. Você se dará bem, calouro. Um dia vai olhar para trás e rir; pelo menos isso eu posso prometer.” Sorriu mais uma vez e então se sentou à frente de seu próprio telefone.

Um instante depois, uma campainha soou, anunciando que o mercado acabara de abrir. Olhei para meu relógio Timex, comprado na JCPenney por catorze pratas na semana passada. Nove e trinta em ponto. Era 4 de maio de 1987, meu primeiro dia em Wall Street.

De repente, pelo alto-falante, veio a voz do gerente de vendas da LF Rothschild, Steven Schwartz. “Está bem, senhores. O mercado futuro parece forte nesta manhã e grandes compras estão vindo de Tóquio.” Steven tinha apenas 38 anos, mas havia ganhado mais de 2 milhões de dólares no ano passado. (Outro Mestre do Universo.) “Estamos imaginando um estouro de dez pontos na abertura”, continuou, “portanto, vamos pegar os telefones e arrebentar!”

E assim a sala tornou-se um pandemônio. Pés saíram voando de sobre as mesas; exemplares do *Wall Street Journal* foram jogados em latas de lixo; mangas foram arregaçadas até o cotovelo e, um a um, os corretores pegaram seus telefones e começaram a discar. Também peguei meu telefone e comecei a discar.

Em minutos, todos estavam num ritmo furioso, gesticulando de maneira feroz e gritando para seus telefones pretos, o que criava um rugido poderoso. Foi a primeira vez que ouvi o rugido de uma sala de corretagem de Wall Street, que soava como o urro de uma multidão. Era um som que eu nunca esqueceria, um som que mudaria minha vida para sempre. Era o som de jovens afundados na cobiça e na ambição, entregando-se de coração e alma para empresários prósperos por toda a América.

“MiniScribe é uma puta barganha aqui”, gritou um *yuppie* de rosto rechonchudo para seu telefone. Ele tinha 28 anos, um vício furioso por cocaína e uma renda bruta de 600 mil dólares. “Seu corretor na Virgínia do Oeste? Ah! Ele pode ser bom em pegar ações de mineradoras de carvão, mas agora estamos nos anos 1980. O nome do jogo é alta tecnologia!”

“Tenho 50 mil contratos para julho pagando 50!”, berrou um corretor, duas mesas depois.

“Eles estão sem dinheiro!”, gritou outro.

“Não vou ficar rico com uma venda”, jurou um corretor para seu cliente.

“Você está brincando?”, disparou Scott para seu fone. “Depois que eu dividir minha comissão com a firma e com o governo, não conseguirei colocar ração na tigela do meu cachorro!”

De vez em quando, um corretor batia o telefone vitoriosamente, então preenchia um bilhete de compra e andava até um sistema de tubos pneumáticos afixado em uma coluna. Enfiava o bilhete num cilindro de vidro e o observava ser sugado para o teto. De lá, o bilhete seguia para a mesa de negociação no outro lado do prédio, onde seria redirecionado para o andar da Bolsa de Valores de Nova York para execução. Para abrir espaço para o tubo, o teto fora rebaixado, e eu me sentia oprimido naquele lugar.

Até as dez horas, Mark Hanna fizera três viagens até a coluna e, agora, estava prestes a fazer mais uma. Ele era tão habilidoso no telefone que eu fiquei chocado. Era como se ele estivesse se desculpando com seus clientes enquanto arrancava os olhos deles fora. “Senhor, deixe-me dizer-lhe uma coisa”, Mark falava para o presidente de uma empresa que estava entre as quinhentas mais ricas da revista *Fortune*. “Eu me orgulho de ter encontrado as últimas ações desta emissão. E meu objetivo não é apenas convencê-lo a entrar nessas situações, mas também tirá-lo, quando necessário.” Seu tom era tão suave e meloso que era quase hipnótico. “Gostaria de auxiliar o senhor em longo prazo; auxiliar seu negócio... e sua família.”

Dois minutos depois, Mark estava no sistema de tubos com uma ordem de compra de 250 mil dólares para uma ação chamada Microsoft. Eu nunca ouvira falar da Microsoft antes, mas parecia ser uma empresa bastante decente. De qualquer forma, a comissão de Mark na negociação foi 3 mil dólares. Eu tinha 7 dólares no bolso.

Ao meio-dia, eu estava tonto e morrendo de fome. Na verdade, estava tonto, morrendo de fome e suando demais. Mas, acima de tudo, estava viciado. O rugido poderoso agitava minhas vísceras e ecoava em todas as fibras do meu corpo. Eu sabia que podia fazer esse trabalho. *Sabia* que podia fazer do *mesmo* jeito que Mark Hanna, talvez até melhor. Sabia que podia ser liso como seda.

PARA MINHA SURPRESA, em vez de descer pelo elevador do prédio até o saguão e gastar metade de meu patrimônio líquido em duas salsichas e uma Coca, estava subindo à cobertura com Mark Hanna ao meu lado. Nosso destino era um restaurante cinco estrelas chamado Top of the Sixes, que ficava no 41º andar do prédio. Era onde a elite se encontrava para comer, um lugar onde os Mestres do Universo podiam ficar alegres com martínis e contar histórias de guerra.

No momento em que pisamos no restaurante, Luís, o *maître*, correu em direção a Mark, apertando-lhe a mão violentamente e dizendo quão maravilhoso era vê-lo numa tarde de segunda tão deliciosa. Mark deslizou uma nota de 50 para ele, o que fez que eu quase engolisse minha própria língua, e Luís nos conduziu a uma mesa de canto com uma vista fabulosa do noroeste de Manhattan e da ponte George Washington.

Mark sorriu para Luís e disse: “Traga-nos dois martínis de Absolut, Luís, já. E, então, nos traga mais dois em”, ele olhou para seu grosso Rolex de ouro, “exatamente sete minutos e meio, e continue trazendo-os a cada cinco minutos, até que um de nós passe mal”.

Luís aquiesceu. “Lógico, sr. Hanna. Essa é uma estratégia excelente.”

Sorri para Mark e disse, num tom humilde: “Desculpe-me, mas eu não bebo”. Então me virei para Luís. “Você pode me trazer apenas uma Coca. Isso seria bom.”

Luís e Mark trocaram um olhar, como se eu tivesse acabado de cometer um crime. Mas tudo que Mark disse foi: “É o primeiro dia dele em Wall Street; dê-lhe tempo”.

Luís olhou para mim, comprimiu os lábios e acenou com a cabeça, sério. “Isso é perfeitamente compreensível. Não tenha medo; logo o senhor será um alcoólatra.”

Mark concordou com a cabeça. “Isso mesmo, Luís, mas lhe traga um martíni de qualquer forma, apenas para o caso de mudar de ideia. No pior dos casos, eu mesmo o bebo.”

“Excelente, sr. Hanna. O senhor e seu amigo irão comer hoje ou apenas se embebedar?”

Que porra Luís estava falando?, pensei. Era uma pergunta bastante imbecil, considerando ser hora do almoço! Mas, para minha surpresa, Mark disse a Luís que não iria comer hoje, só eu o faria; com isso, Luís me entregou um cardápio e foi buscar nossas bebidas. Pouco depois, descobri exatamente por que Mark não queria comer, quando colocou a mão no bolso do paletó, puxou um frasco de cocaína, desatarraxou a tampa e enfiou uma colher minúscula. Tirou com a colher o mais poderoso supressor de apetite da natureza, isto é, cocaína, e deu uma cheirada gigante com a narina direita. Então repetiu o processo e aspirou com a esquerda.

Fiquei chocado. Não podia acreditar naquilo! Bem no meio do restaurante! Entre os Mestres do Universo! Pelo canto do olho, espiei o restaurante para ver se alguém havia percebido. Aparentemente ninguém, e, pensando hoje, tenho certeza de que não teriam dado a mínima de qualquer forma. Afinal de contas, estavam muito ocupados ficando chapados de vodca, uísque, gim, *bourbon* e qualquer outro produto farmacêutico perigoso que adquiriram com seus altíssimos salários.

“Pegue aqui”, disse Mark, passando-me o frasco de coca. “O verdadeiro registro de Wall Street; isso e putas.”

Putas? Isso também me abalou. Quer dizer, nunca paguei por uma! Além do mais, estava apaixonado por uma garota prestes a se tornar minha esposa. Seu nome era Denise, e ela era linda – tão bonita por dentro quanto por fora. As chances de eu traí-la eram menores que zero. E, em relação à coca, bem, tive minha quota nas festas na faculdade, mas fazia alguns anos que não punha as mãos em outra coisa que não fosse baseado. “Não, obrigado”, disse, sentindo-me um pouco envergonhado. “Não cai muito bem para mim. Me deixa... hã... pirado. Tipo não conseguir dormir nem comer, e eu... bem, começo a ficar preocupado com tudo. É muito ruim para mim. Realmente perverso.”

“Sem problemas”, disse, dando mais uma cheirada diretamente do frasco. “Mas garanto que a cocaína pode ajudar a enfrentar o dia por aqui!” Balançou a cabeça e deu de ombros. “É uma profissão de merda, essa de corretor da bolsa. Quer dizer, não me entenda mal: o dinheiro é incrível e tudo o mais, mas você não está criando nada, não está *construindo* nada. Então, depois de um tempo torna-se meio monótono.” Fez uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas. “A verdade é que somos nada mais do que vendedores de putaria. Nenhum de nós tem a menor ideia de quais ações irão subir! Estamos todos apenas jogando dardos em um

alvo, vendendo indiscriminadamente e queimando dinheiro. De qualquer forma, logo você irá perceber isso."

Passamos os minutos seguintes contando nossas formações. Mark fora criado no Brooklyn, em Bay Ridge, que, pelo que eu sabia, era um bairro bastante violento. "O que quer que você faça", brincou, "não saia com uma garota de Bay Ridge. Elas são loucas pra caralho!" Então deu mais uma cheirada em seu frasco de coca e completou: "A última com quem saí me espetou com uma porra de uma caneta enquanto eu estava dormindo! Pode imaginar isso?".

Foi então que um garçom de fraque surgiu e colocou nossas bebidas na mesa. Mark ergueu seu martíni de 20 dólares e eu ergui minha Coca de oito. Mark disse: "Este é para o Dow Jones subindo para cinco mil!". Batemos os copos. "E este é para sua carreira em Wall Street!", completou. "Que você possa fazer uma puta fortuna nessa profissão e que consiga manter ao menos uma pequena parte de sua alma no caminho!" Ambos sorrimos e batemos os copos novamente.

Naquele mesmo instante, se alguém me contasse que em poucos anos eu acabaria dono daquele restaurante em que estava e que Mark Hanna, assim como metade dos outros corretores da LF Rothschild, acabaria trabalhando para mim, eu teria dito que isso era loucura. E se alguém me contasse que eu estaria cheirando carreiras de cocaína naquele mesmo restaurante, enquanto uma dúzia de putas de alto nível me olhavam admiradas, eu diria que esse alguém tinha perdido a noção das coisas.

Mas isso seria apenas o começo. Naquele mesmo momento, havia coisas acontecendo longe de mim – que não tinham nada a ver comigo –, começando com uma coisinha chamada *seguro de portfólio*, uma estratégia de limitação de venda de ações controlada por computador, que definitivamente poria fim a esse mercado de touros indomáveis e faria o Dow Jones cair 509 pontos num único dia. E, a partir dali, a cadeia de eventos que se seguiria era quase inimaginável. Wall Street pararia os negócios por um tempo, e o banco de investimentos LF Rothschild seria forçado a fechar as portas. E então a insanidade tomaria conta de tudo.

O que lhes ofereço agora é uma reconstrução daquela insanidade – uma reconstrução satírica –, do que acabaria sendo uma das viagens mais loucas da história de Wall Street. E lhes ofereço numa voz que falava dentro de minha cabeça naquela mesma época. É uma voz irônica, uma voz descontraída, uma voz que servia para mim mesmo e, muitas vezes, uma voz desprezível. É uma voz que me permitiu racionalizar tudo que tentava me impedir de ter uma vida de hedonismo desenfreado. É uma voz que me ajudou a corromper outras pessoas – e manipulá-las – e levar caos e insanidade a toda uma geração de jovens americanos.

Fui criado numa família de classe média em Bayside, Queens, onde palavras como *negão*, *cucaracho*, *carcamano* e *china* eram consideradas as mais sujas – palavras que não deveriam ser ditas sob nenhuma circunstância. Na casa de meus pais, preconceitos de qualquer natureza eram fortemente desencorajados; eram considerados processos mentais de seres inferiores, de seres ignorantes. Sempre pensei dessa forma – quando criança, quando adolescente e mesmo no ápice de minha insanidade. Porém, palavrões como aqueles deslizariam pela minha língua com incrível facilidade, principalmente quando fui tomado pela insanidade. Lógico que racionalizaria isso também – dizendo para mim mesmo que aqui é Wall Street e que em Wall Street não há tempo para brincadeiras simbólicas nem gentilezas sociais.

Por que digo essas coisas para os senhores? Digo-as porque desejo que saibam quem eu

realmente sou e, mais importante, quem eu não sou. E digo essas coisas porque tenho dois filhos, a quem devo muitas explicações. Algum dia terei de explicar como o adorável pai deles – o mesmo pai que hoje os leva para jogos de futebol, aparece nas reuniões de pais e mestres, fica em casa nas noites de sexta e prepara para eles salada Caesar – conseguiu ser uma pessoa tão desprezível antes.

Mas o que sinceramente espero é que minha vida sirva como um alerta tanto para os ricos como para os pobres; para qualquer pessoa que viva com uma colher no nariz e um monte de pílulas dissolvendo no estômago; ou para qualquer pessoa que esteja pensando em pegar um dom divino e usá-lo impropriamente; para qualquer um que decida ir para o lado negro da força e viver uma vida de hedonismo desenfreado. E para qualquer um que pense que há algo glamoroso em ser conhecido como o Lobo de Wall Street.

LIVRO I

CAPÍTULO 1

UM LOBO EM PELE DE CORDEIRO

Seis anos depois

A insanidade tinha rapidamente se apoderado de mim e, no inverno de 1993, eu estava com uma sensação estranha, de ser a estrela principal de um *reality show* de televisão, antes de eles entrarem na moda. O nome do meu programa era *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*, e cada dia parecia mais maluco do que o anterior.

Eu abrira uma firma de corretagem e lhe dera o nome de Stratton Oakmont, que era agora uma das maiores e, de longe, a mais agressiva firma de corretagem na história de Wall Street. Os rumores em Wall Street eram de que eu tinha uma vontade pura de morrer e que, com certeza, iria para a cova antes de completar trinta anos. Mas isso não fazia sentido, eu sabia, porque tinha acabado de completar 31 e ainda estava vivo.

Neste momento, uma madrugada de quarta-feira no meio de dezembro, eu estava diante dos controles do meu helicóptero Bell Jett de hélices duplas, saindo do heliporto na rua 30 no centro de Manhattan a caminho de minha residência em Old Brookville, Long Island, com uma quantidade de drogas correndo em meu sistema circulatório suficiente para sedar a Guatemala inteira.

Passava um pouco das três da madrugada, e estávamos voando a uma velocidade de 220 km/h sobre algum lugar na parte oeste da baía Little Neck, em Long Island. Lembro-me de pensar quão incrível era poder voar em linha reta mesmo vendo tudo dobrado, quando de repente comecei a me sentir debilitado. De uma hora para outra, o helicóptero estava no meio de um mergulho profundo, e eu podia ver as águas negras da baía vindo em minha direção. Havia uma terrível vibração vindo da hélice principal, e eu podia ouvir pelo fone de ouvido a voz apavorada de meu copiloto, gritando freneticamente: "Porra, chefe! Puxe para cima! Puxe para cima! Vamos bater! Puta merda!".

Então ficamos nivelados novamente.

Meu leal e confiável copiloto, capitão Marc Elliot, estava vestido de branco e sentado diante do seu conjunto de controles. Mas tinha ordens estritas de não os tocar, a não ser que eu passasse mal ou estivesse em perigo iminente de bater na terra. Agora ele estava pilotando, o que provavelmente era o melhor para nós.

O capitão Marc era um daqueles capitães de queixo quadrado, o tipo que inspira confiança só de olhar para ele. E não apenas seu queixo era quadrado; seu corpo todo parecia estar comprimido em formas quadradas, soldadas, uma em cima da outra. Até seu bigode negro era um retângulo perfeito e ficava sobre seu rígido lábio superior como uma vassoura industrial.

Decoláramos de Manhattan uns dez minutos atrás, após uma longa noite de terça-feira que havia saído totalmente de controle. A noite, porém, começara de maneira inocente – num restaurante da moda na Park Avenue chamado Canastel's, onde eu jantara com alguns de meus jovens corretores. De alguma forma, contudo, acabamos na suíte presidencial do Helmsley

Palace, onde uma puta muito cara chamada Venice, com lábios sensuais e quadris largos, tentou usar uma vela para me ajudar a atingir uma ereção, o que acabou não dando certo. E era por isso que eu estava atrasado agora (mais ou menos cinco horas e meia, para ser exato), ou seja, estava ferrado, mais uma vez, com minha adorável e fiel segunda esposa, Nadine, aspirante, com justiça, a espancadora de marido.

Os senhores talvez tenham visto Nadine na tevê; ela era aquela loira sensual que tentava vender-lhes cerveja Miller Lite durante o *Monday Night Football*, aquela que caminhava pelo parque com o *frisbee* e o cachorro. Ela não falou muito no comercial, mas ninguém parecia se importar. Foram suas pernas que lhe conseguiram o emprego; isso e a bunda, que era mais redonda que a de uma porto-riquenha e firme o suficiente para balançar um quarteirão. De qualquer forma, eu iria sentir sua ira em breve.

Respirei fundo e tentei me ajeitar. Estava me sentindo muito bem agora, então segurei o manche, enviando para o capitão Bob Esponja um sinal de que estava pronto para pilotar novamente. Ele parecia um pouco nervoso, então lhe mostrei um sorriso caloroso, do tipo colegas de batalha, e ofereci-lhe algumas palavras gentis de encorajamento através do meu microfone ativado por voz. "Oooxê irá receber grachificaxão de rixo purixo, amigu", disse eu.

"É, isso é *excelente*", respondeu o capitão Marc, liberando os controles para mim. "Lembre-me de cobrar, se por acaso chegarmos em casa vivos." Ele balançou a cabeça quadrada com resignação e completou: "E não se esqueça de fechar o olho esquerdo antes de começar a descer. Vai te ajudar com a visão dupla".

Esse meu capitão quadrado era muito sagaz e profissional; na verdade, ele era um festeiro de primeira linha. E não apenas era o único piloto licenciado na cabine, mas também, por acaso, era o capitão do meu iate motorizado de 167 pés, o *Nadine*, nome dado em homenagem à minha já mencionada esposa.

Fiz, para meu capitão, um sinal sincero com o polegar para cima. Então olhei pela janela da cabine e tentei recuperar a consciência. À frente, eu via as chaminés listradas de vermelho e branco que se erguiam no próspero subúrbio judeu de Roslyn. As chaminés serviam como uma dica visual de que eu estava prestes a entrar no coração da Gold Coast de Long Island, que é onde fica Old Brookville. Gold Coast é um lugar incrível para se morar, em especial se você gosta de WASPs[1] de sangue azul e cavalos caríssimos. Pessoalmente, desprezo ambos, mas de alguma forma acabei tendo um monte de cavalos caríssimos e me socializando com um monte de WASPs de sangue azul, os quais, eu imaginava, viam-me como um jovem judeu circense.

Olhei para o altímetro. Estava a trezentos pés e girando para baixo. Balancei o pescoço como um boxeador entrando no ringue, começando minha descida num ângulo de trinta graus, passando sobre o campo de golfe do Brookville Country Club, e então aliviei o manche e voei sobre as exuberantes árvores na Hegemans Lane, onde iniciei minha descida final sobre o campo de golfe no fundo de minha residência.

Trabalhando os pedais, trouxe o helicóptero para um estado estacionário a mais ou menos 60 metros do solo e então tentei pousar. Um pequeno ajuste com o pé esquerdo, um pequeno ajuste com o pé direito, um pouco menos de força no coletivo, um pouquinho de pressão para trás no manche... e de repente o helicóptero bateu no chão e começou a subir novamente.

"Ah, porra!", murmurei, subindo. Em pânico, dei uma porrada no coletivo e o helicóptero

começou a afundar como uma pedra. E então de repente, *SLAM!*, pousamos com uma pancada gigante. Balancei a cabeça, assombrado. Que aventura incrível! Não foi um pouso perfeito, mas quem se importava? Virei-me para meu adorável capitão e, muito orgulhoso, gaguejei: "Zou bom, amigu, non zou?".

O capitão Marc moveu sua cabeça quadrada para o lado e ergueu as sobrancelhas quadradas sobre a testa quadrada, como se fosse dizer: "Você ficou louco, porra?". Mas então começou a concordar com a cabeça lentamente, seu rosto quebrando-se em um sorriso torto. "Você é bom, amigo. Tenho de admitir. Manteve o olho esquerdo fechado?"

Fiz que sim com a cabeça. "Funzionou como feitizo", murmurei. "Vozê é o melhor!"

"Bom. Fico feliz que pense assim." Deu uma risadinha. "De qualquer forma, tenho de partir rapidamente, antes que tenhamos problema. Quer que ligue para a guarita e mande alguém vir buscá-lo?"

"Não, tô bem, amigu. Tô bem." Com isso, soltei o cinto de segurança, fiz uma saudação ridícula para o capitão, abri a porta da cabine e pulei para fora. Fiquei cambaleando, fechei a porta da cabine e espanquei duas vezes a janela, para que soubesse que fui responsável o suficiente para fechar a porta, o que produziu em mim um sentimento de grande satisfação, por saber que um homem em minha condição podia ficar sóbrio o suficiente para fazer aquilo. Então cambaleei mais uma vez e segui para casa, direto para o olho do Furacão Nadine.

Lá fora estava maravilhoso. O céu estava cheio de estrelas, cintilando e brilhando. Estava estranhamente quente para o mês de dezembro. Não havia um sopro de vento, e isso dava ao ar um cheiro de terra e madeira que lembrava a infância. Pensei nas noites de verão que passei acampando. Pensei em meu irmão mais velho, Robert, com quem eu perdera contato recentemente, depois que sua esposa ameaçou processar um de meus amigos por assédio sexual; por isso saí com ele para jantar, fiquei muito chapado e então chamei sua esposa de babaca. Mas, ainda assim, eram boas recordações, recordações de uma época muito mais simples.

Eram 200 metros até minha casa. Respirei fundo e saboreei o perfume de minha residência. Que cheiro gostoso! Aquela grama das Bermudas! O aroma penetrante dos pinheiros! E tantos sons tranquilizantes! O canto infinito dos grilos! O pio místico das corujas! A água fluindo naquela fonte ridícula ali na frente!

Eu comprara minha casa do presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Dick Grasso, que se parecia um pouco com Frank Perdue, o vendedor de frango. Então despejei alguns milhões para várias reformas – a maior parte sugada por aquela fonte ridícula e o restante por uma guarita e um sistema de segurança de primeira linha. A segurança era mantida 24 horas por dia por dois guarda-costas armados, ambos chamados Rocco. Dentro da guarita havia montes de monitores de tevê que recebiam imagens de 22 câmeras de segurança posicionadas por toda a residência. Cada câmera estava ligada a um sensor de movimento e um holofote, criando um anel de segurança impenetrável.

De repente, senti um golpe de ar fortíssimo. Encolhi o pescoço e olhei para cima para observar o helicóptero sumir na escuridão. Percebi que estava dando alguns passos curtos para trás, e então os passos curtos tornaram-se passos maiores, e aí... Ah, merda! Eu estava em perigo! Ia cair no chão! Cambaleei e dei dois passos gigantes para a frente, estendendo meus braços como asas. Como um patinador no gelo sem controle, tropeçava para lá e para cá, tentando encontrar meu centro de gravidade. E então, de repente... uma luz ofuscante!

Que porra! Coloquei as mãos sobre os olhos, protegendo-me da dor cauterizante dos holofotes. Eu tropeçara em um dos sensores de movimento e fora vítima de meu próprio sistema de segurança. A dor era lancinante. Meus olhos estavam dilatados em razão de todas as drogas que tomara, minhas pupilas do tamanho de um pires.

Então, o insulto final: tropecei em meu simpático sapato de couro de crocodilo e voei para trás, caindo de costas com tudo. Após alguns segundos, os holofotes apagaram-se e eu lentamente baixei meu braço para o lado. Pus as palmas das mãos sobre a grama delicada. Que lugar maravilhoso escolhi para cair! Eu era um especialista em quedas, sabendo exatamente como não me machucar. O segredo era deixar acontecer, como um dublê de Hollywood. E o que era ainda melhor: minha droga da vez, Quaalude, tinha o incrível poder de transformar meu corpo em borracha, o que me protegia ainda mais de danos.

Resisti contra a ideia de terem sido os Quaaludes os responsáveis pela minha queda. Afinal de contas, havia tantas vantagens em usá-los que eu me considerava sortudo por ser viciado nisso. Quer dizer, que droga me fazia sentir tão maravilhosamente bem quanto essa, e ainda por cima não me deixava de ressaca no dia seguinte? E um homem em minha posição, um homem sobrecarregado com tantas responsabilidades sérias, não podia se permitir ficar de ressaca... de jeito nenhum!

E minha esposa... bem, acho que ela ganhara o direito de fazer sua cena comigo, mas com ressalvas; tinha ela realmente razão em ficar furiosa? Quer dizer, quando se casou comigo, sabia em que estava entrando, não sabia? Fora minha amante, pelo amor de Deus! Isso significava muita coisa, não? E o que, na verdade, eu havia feito hoje à noite? Nada tão terrível, ou pelo menos nada que ela pudesse provar.

E assim essa minha mente doentia continuava vagando – racionalizando, justificando, então negando, aí racionalizando mais um pouco, até que eu fosse capaz de fingir uma expressão saudável de ressentimento sincero. Sim, pensei, havia certas coisas que aconteciam entre homens ricos e suas esposas que datavam da época das cavernas, ou pelo menos da época dos Vanderbilts e Astors.[2] Havia liberdades, por assim dizer, certas liberdades que homens poderosos podiam ter, que homens poderosos tinham conquistado! Logicamente esse não era o tipo de coisa que eu podia falar para Nadine. Ela era propensa à violência física e era maior do que eu, ou pelo menos da mesma altura... Apenas mais um motivo para eu me desculpar.

De repente, ouvi o zumbido elétrico do carrinho de golfe. Devia ser Rocco Noite, ou talvez Rocco Dia, dependendo de quando trocavam de turno. De qualquer forma, algum Rocco estava vindo para me buscar. Era incrível como tudo sempre parecia dar certo. Quando eu caía, sempre havia alguém para me pegar; quando era apanhado dirigindo drogado, sempre havia algum juiz ou policial corrupto para ajeitar as coisas; e quando desmaiava na mesa de jantar e acabava me afogando na sopa, sempre havia minha esposa, ou, se não ela, alguma puta benevolente, que vinha em meu socorro com respiração boca a boca.

Era como se eu fosse *à prova de balas* ou algo assim. Era impossível contar quantas vezes havia desafiado a morte. Mas será que eu realmente queria morrer? Seriam a minha culpa e meu remorso me destruindo com tamanha voracidade? Será que, na verdade, eu estava tentando tirar minha própria vida? Quer dizer, era impressionante, agora que pensava sobre isso! Arriscara minha vida milhares de vezes, mas ainda assim não havia ganhado nada mais que um arranhão.

Dirigi bêbado, voei, andei no topo de um edifício e fiz pesca submarina drogado, apostei milhões de dólares em cassinos no mundo todo, e ainda assim não parecia ter mais de 21 anos de idade.

Tinha um monte de apelidos: Gordon Gekko, Don Corleone, Kaiser Soze;[3] até chegaram a me chamar de Rei. Mas meu favorito era o Lobo de Wall Street, porque caía perfeitamente em mim. Eu era, de fato, um lobo em pele de cordeiro: parecia uma criança e agia como uma criança, mas não era uma criança. Tinha 31 anos, mas me sentia quase com sessenta, envelhecendo igual cachorro – sete anos a cada ano. Mas eu era rico e poderoso e tinha uma esposa maravilhosa e uma filha de quatro meses que vivia e exalava perfeição.

Como dizem, era bom demais, e tudo parecia funcionar. De alguma forma, sem saber exatamente como, acabei sob um lençol de seda de 12 mil dólares, dormindo em uma câmara real drapejada com seda chinesa suficiente para fazer paraquedas para um esquadrão inteiro. E minha esposa... bem, ela me perdoaria. Afinal de contas, ela sempre me perdoou.

E, com esse pensamento, desmaiei.

---

1 White Anglo-Saxan Protestants (Protestantes Anglo-Saxões Brancos). (N. T.)

2 Famílias aristocratas americanas dos séculos XVII e XVIII. (N. T.)

3 Gordon Gekko: personagem do filme *Wall Street* (1987, dirigido por Oliver Stone), ganancioso corretor, interpretado por Michael Douglas. Don Corleone: líder da Máfia italiana de *O poderoso chefão* (1972, dirigido por Francis Ford Coppola), interpretado por Marlon Brando. Kaiser Soze: personagem do filme *Os suspeitos* (1995, dirigido por Bryan Singer), interpretado por Kevin Spacey. (N. T.)

CAPÍTULO 2

A DUQUESA DE BAY RIDGE

13 de dezembro de 1993

Na manhã seguinte – ou, mais especificamente, algumas horas depois –, eu estava tendo um sonho incrível. Era o tipo de sonho que todo homem jovem espera ter e reza por isso, então decidi continuar nele. Estou sozinho na cama, quando Venice, a Puta, vem até mim. Ela se ajoelha na ponta de minha suntuosa cama *king size*, pairando onde eu não podia tocá-la, uma imagem perfeitinha. Posso vê-la claramente agora... o volumoso cabelo castanho escuro... suas delicadas feições... os seios jovens e suculentos... os quadris incrivelmente redondos, cintilando de gula e desejo.

"Venice", digo. "Venha até mim, Venice. Venha até mim, Venice!"

Venice move-se na minha direção, engatinhando. Sua pele é lisa e branca e treme sob a seda... a seda... há seda por todo lado. Um enorme véu de seda chinesa pendurado no teto. Ondas de seda chinesa branca nos quatro cantos da cama... estou afundando na porra da seda branca. Nesse mesmo instante, números ridículos começam a surgir em minha mente: a seda custa 250 dólares o metro, e deve haver 200 metros dela. Isso dá 50 mil dólares de seda chinesa branca. Porra, é muita seda branca.

Mas isso é o que minha esposa faz, minha querida aspirante a decoradora – ou, espere, essa era a aspiração do mês passado, não? Ela não é aspirante a *chef* agora? Ou aspirante a paisagista? Ou seria enóloga? Ou estilista? Quem podia acompanhar todas as porras de aspirações dela? Isso é tão cansativo... é muito cansativo estar casado com um embrião de Martha Stewart.

De repente sinto uma gota d'água. Ergo a cabeça. Que porcaria é essa? Uma tempestade? Como pode haver uma tempestade dentro de minha câmara real? Onde está minha esposa? Puta merda! Minha esposa! Minha esposa! Furacão Nadine!

SPLASH!

Acordei com a visão do rosto nervoso, mas maravilhoso, de minha segunda esposa, Nadine. Em sua mão direita havia um copo vazio; em sua mão esquerda, prestes a me bater, estava seu punho, adornado por um diamante amarelo-canário de sete quilates, numa armação de platina. Ela estava a menos de 1,5 metro, balançando para trás e para a frente, como um boxeador. Fiz um rápido registro mental para tomar cuidado com o anel.

"Por que você fez isso, caralho?", gritei, desanimado. Enxuguei os olhos com o dorso da mão e fiz uma pausa para estudar Esposa Número Dois. Deus, ela era realmente muito gostosa... minha esposa! Não há como negar isso... nem agora. Ela vestia uma minúscula camisola rosa, tão curta e decotada que a fazia parecer mais nua do que se não estivesse usando nada. E que pernas ela tinha! Uau, eram fantásticas. Mas, ainda assim, aquilo estava passando do limite. Eu precisava endurecer com ela e mostrar quem mandava. Com os dentes cerrados, eu disse: "Juro por Deus, Nadine, eu vou matar...".

"Ah, estou com medo pra caralho", interrompeu o rojão loiro. Ela balançou a cabeça,

enojada, e seus pequenos mamilos rosados saíram de seu traje quase inexistente. Tentei não olhar, mas era difícil. "Talvez eu deva sair correndo e me esconder", ironizou. "Ou talvez apenas fique aqui e *te arrebente*!" Essas últimas palavras ela gritou.

Bem, talvez fosse *ela* quem mandava. De qualquer forma, ela finalmente ganhara sua chance de fazer uma cena comigo; não havia como negar. E a Duquesa de Bay Ridge tinha um temperamento cruel. Sim, ela era uma verdadeira Duquesa – britânica de nascimento e ainda tinha passaporte britânico. Era algo maravilhoso, e ela nunca se esquecia de me lembrar disso. Ainda assim, era bem irônico, pois nunca vivera na Grã-Bretanha. Na verdade, mudara-se para Bay Ridge, Brooklyn, ainda quando bebê, e fora criada lá, na terra das consoantes esquecidas e vogais torturadas. Bay Ridge; naquele minúsculo canto da Terra onde palavras como *foda*, *merda*, *retardado* e *imbecil* saíam da boca de jovens nativos com a mesma pretensão poética de T. S. Eliot e Walt Whitman. E foi lá que Nadine Caridi – minha adorável mistura de Duquesa inglesa, irlandesa, escocesa, alemã, norueguesa e italiana – aprendeu a juntar seus palavrões, assim como aprendeu a amarrar os cadarços de seus patins.

Era uma piada cruel, pensei, considerando que Mark Hanna me alertara sobre sair com uma garota de Bay Ridge tantos anos atrás. A namorada dele, pelo que me recordo, espetara-o com uma caneta enquanto ele dormia; a Duquesa preferia atirar água. Assim, por um lado, eu levava certa vantagem.

De qualquer forma, quando a Duquesa ficava furiosa, era como se suas palavras saíssem borbulhando de um bueiro podre do sistema de esgoto de Brooklyn. E ninguém conseguia deixá-la mais furiosa do que eu, seu marido leal e confiável, o Lobo de Wall Street, que menos de cinco horas atrás estava na suíte presidencial do Helmsley Palace com uma vela no cu.

"Então me diga, seu merdinha", ralhou a Duquesa, "quem diabos é Venice, hein?" Fez uma pausa, deu um passo agressivo para a frente e assumiu uma pose, com os quadris erguidos numa demonstração de insolência, uma perna longa e nua esticada para o lado e os braços dobrados abaixo dos seios, deixando seus mamilos totalmente visíveis. Ela disse: "Provavelmente é alguma putinha... aposto". Ela franziu o cenho, de maneira acusadora. "Você acha que não sei o que faz? Ora, eu devia arrebentar a porra da sua cara, seu... seu... *arghhh*!" Era um rugido furioso e, no instante em que parou de rugir, desfez sua pose e começou a marchar pelo quarto... marchando sobre o carpete bege e cinza Edward Fields, feito à mão, de 120 mil dólares. E ela marchou, rápida como um raio, indo até o banheiro da suíte, que ficava a uns bons 10 metros, onde abriu a torneira, encheu de novo o copo d'água, fechou a torneira e voltou marchando, parecendo duas vezes mais furiosa. Seus dentes estavam cerrados, certamente irada, fazendo seu queixo quadrado de manequim sobressair. Ela parecia a Duquesa do Inferno.

Enquanto isso, eu tentava juntar as ideias, mas ela se movia muito rapidamente. Não havia tempo para pensar. Devia ser aquela porra de Quaalude! Isso me fez falar durante o sono novamente. Ah, merda! O que eu tinha dito? Considerei as possibilidades em minha mente: a limusine... o hotel... as drogas... Venice, a Puta... Venice com a vela... Ah, Deus, a porra da vela! Afastei o pensamento da mente.

Olhei para o relógio digital sobre o criado-mudo: eram 7h16. Porra! A que horas eu tinha chegado em casa? Balancei a cabeça, tentando tirar as teias de aranha da mente. Corri os dedos pelo cabelo... Putz, eu estava ensopado! Ela deve ter derramado a água bem sobre a minha cabeça. Minha própria esposa! E então ela me chamou de merdinha... um merdinha! Por que

tinha usado o diminutivo? Eu não era tão pequeno, era? Ela podia ser muito cruel, a Duquesa.

Ela estava de volta agora, a menos de 1,5 metro, segurando o copo d’água à sua frente, com o cotovelo de lado: sua posição de arremesso! E aquele olhar em seu rosto: *puro veneno*. Ainda assim... que beleza inegável! Não apenas sua grande madeixa de cabelo loiro, mas também aqueles olhos azuis inflamados, aquelas deliciosas bochechas, seu nariz minúsculo, a linha do maxilar perfeita e delicada, seu queixo com uma pequena rachadura, aqueles cremosos seios jovens... um pouco menos bonitos depois de amamentar Chandler, mas nada que não pudesse ser arrumado com 10 mil dólares e um bisturi afiado. E aquelas pernas... Puta merda, não havia nada igual àquelas longas pernas nuas dela! Eram tão perfeitas, a maneira como afinavam tão belamente no tornozelo, mas seguiam torneadas sobre o joelho. Eram definitivamente seu melhor bem, junto com sua bunda.

Foi apenas três anos atrás, na verdade, que vi a Duquesa pela primeira vez. Foi uma visão tão sedutora que acabei deixando minha simpática primeira esposa, Denise... pagando-lhe milhões de adiantamento mais 50 mil por mês para uma manutenção não-tributável, e assim ela sairia silenciosamente, sem requisitar um pente-fino em meus negócios.

E veja a velocidade em que as coisas se deterioraram! E o que eu havia realmente feito? Dito algumas palavras durante o sono? Qual era o crime disso? A Duquesa estava definitivamente exagerando. Na verdade, quanto a isso, eu tinha toda a razão para estar louco com ela também. Talvez eu pudesse transformar toda essa coisa em uma rápida rodada de sexo de reconciliação, que era o melhor sexo de todos. Respirei fundo e disse numa inocência absoluta e completa: “Por que você está tão louca comigo? Quer dizer, você... você está me deixando meio confuso aqui”.

A Duquesa respondeu jogando sua cabeça loira para o lado, como uma pessoa reage depois que acaba de ouvir algo que desafia completamente a lógica. “Você está confuso?”, repreendeu. “Você está confusinho? Ora... seu... babaquinha!” Inho de novo! Inacreditável! “Por onde você quer que eu comece? Que tal voar para cá no seu estúpido helicóptero às três da manhã, sem nem ao menos uma porra de telefonema para dizer que se atrasaria. Esse é o comportamento normal de um homem casado?”

“Mas eu...”

“E um pai, pior ainda. Agora você é pai! Mas ainda age como uma porra de um bebê! E não está nem aí por eu ter acabado de fazer um *driving range*[1] coberto de grama das Bermudas. Você deve ter arruinado o campo, caralho!” Ela balançou a cabeça com nojo, então continuou: “Mas por que deveria dar a mínima? Não foi você que perdeu seu tempo pesquisando tudo e negociando com paisagistas e o pessoal de campo de golfe. Sabe quanto tempo perdi naquele seu estúpido projeto? Sabe? Sabe, seu babaca imprudente?”.

Ahhh, então ela é aspirante a paisagista neste mês! Mas que paisagista sensual! Deve haver alguma forma de alterar o curso das coisas aqui. Algumas palavras mágicas. “Querida, por favor, estou...”

Um aviso entre dentes cerrados: “Não venha com essa de querida! Nunca mais se atreva a me chamar de querida!”.

“Mas, querida...”

SPLASH!

Dessa vez previ que isso ia acontecer, e fui capaz de puxar o lençol de seda de 12 mil dólares

sobre minha cabeça, desviando-me da maior parte de sua fúria justa. Na verdade, nem uma gota d'água me tocou. Mas, ah, minha vitória era de curta duração, e quando abaixei o lençol ela já marchava de volta para o banheiro a fim de encher o copo mais uma vez.

Agora ela estava retornando. O copo d'água estava cheio até a boca; seus olhos azuis eram como raios mortais; seu queixo de manequim parecia ter um quilômetro de largura; e suas pernas... Nossa! Não conseguia parar de olhar. Ainda assim, não havia tempo para isso agora. Era hora de o Lobo endurecer. Era hora de o Lobo mostrar suas presas.

Tirei os braços de debaixo do lençol de seda branco, tomando cuidado para não enroscá-los nas milhares de minúsculas pérolas costuradas à mão no tecido. Então ergui os cotovelos, como asas de galinha, apresentando à irada Duquesa os meus poderosos bíceps. Disse, numa voz alta e franca: "Não se atreva a atirar essa água em mim, Nadine. Falo sério! Vou aceitar os primeiros dois copos em razão de sua raiva, mas continuar fazendo isso infinitamente... bem, é como apunhalar um morto quando ele está caído no chão sobre uma piscina de sangue! É doentio pra caralho!".

Isso pareceu acalmá-la, mas apenas por um instante. Ela disse, num tom de gozação: "Quer parar de flexionar os braços, por favor? Parece um puta imbecil!".

"Não estava flexionando os braços", disse, desflexionando os braços. "Você tem sorte de ter um marido em tão boa forma. Certo, amorzinho?" Dei-lhe meu sorriso mais afável. "Agora venha já aqui e me dê um beijo!" Assim que as palavras escaparam de meus lábios sabia que havia cometido um erro.

"Dar-lhe um beijo?", bradou a Duquesa. "O que você está fazendo? Me gozando?" Pingava nojo de suas palavras. "Eu estava com vontade de cortar seu saco fora e enfiá-lo numa das minhas caixas de sapato. Assim você nunca o encontraria."

Porra, ela estava certa sobre isso! Sua sapateira era do tamanho do estado de Delaware, e meu saco nunca mais seria achado. Mas, com a maior humildade, disse: "Por favor, dê-me uma chance de explicar, queri... quero dizer, amorzinho. Por favor, estou lhe implorando!".

De repente, seu rosto começou a se suavizar. "Não posso acreditar em você!", disse, dando pequenas fungadas. "O que eu fiz para merecer isso? Sou uma boa esposa. Uma esposa bonita. Mas tenho um marido que volta para casa tarde da noite e fala sobre outra garota no sono!" Ela começou a se lamentar com desprezo: "Ahhhhhh.... Venice... Venha para mim, Venice".

Puta merda! Esses Quaaludes podiam ser de matar às vezes. E agora ela estava chorando. Eu era um desastre completo. Afinal de contas, que chance eu tinha de levá-la de volta para a cama agora que estava chorando? Eu precisava mudar o prumo aqui, surgir com uma nova estratégia. Num tom de voz de alguém que está na beira de um precipício e ameaçando pular, falei: "Abaixe o copo d'água, amorzinho, e pare de chorar. Por favor. Posso explicar tudo, de verdade!".

Lenta e relutantemente, ela abaixou o copo d'água até a cintura. "Vamos lá", disse, num tom cheio de descrença. "Deixe-me ouvir outra mentira do homem que mente para viver."

Isso era verdade. O Lobo *realmente* mentia para viver, pois esta era a regra de Wall Street caso quisesse ser um corretor muito poderoso. Todo mundo sabia disso, principalmente a Duquesa... portanto, ela não tinha o direito de ficar furiosa com isso também. Apesar de tudo, deixei seu sarcasmo de lado, fiz uma pausa por um breve instante, ganhei um tempo extra para coagular minha mentira e disse: "Para início de conversa, você entendeu tudo errado. A única

razão por não ter te telefonado ontem à noite foi porque não me dei conta de que chegaria em casa tão tarde até quase onze da noite. Sei quanto você gosta de seu belo sono e imaginei que estaria dormindo de qualquer forma, então não havia por que ligar".

A resposta venenosa da Duquesa: "Ah, você é atencioso pra caralho. Preciso agradecer as minhas estrelinhas da sorte por ter um marido tão atencioso". Escorria sarcasmo de suas palavras como pus.

Ignorei o sarcasmo e decidi arriscar de vez: "De qualquer forma, você tirou do contexto toda essa coisa de Venice. Eu estava falando com Marc Parker na noite passada sobre abrir um Canastel's em Venice, Calif...".

SPLASH!

"Você é mentiroso pra caralho!", gritou, pegando um roupão de seda no encosto de uma cadeira de tecido branco obscenamente caro. "Um puta de um mentiroso!"

Suspirei para que ela notasse. "Está bem, Nadine, você já se divertiu o suficiente para uma manhã. Agora volte para a cama e me dê um beijo. Eu ainda te amo, apesar de você ter me ensopado."

Que olhar eu recebi! "Você quer me foder agora?"

Ergui as sobrancelhas e concordei com a cabeça avidamente. Era o olhar que um garoto de sete anos dá à mãe em resposta à pergunta: "Gostaria de uma casquinha de sorvete?".

"Então vai se foder você mesmo!", gritou a Duquesa.

Com isso, a sedutora Duquesa de Bay Ridge abriu a porta – a porta de 350 quilos, 3,5 metros, de mogno sólido, robusta o suficiente para resistir a uma explosão nuclear de 12 quilotoneladas – e saiu do quarto, fechando a porta delicadamente atrás dela. Apesar de tudo, uma porta batida podia enviar a mensagem errada para o nosso bizarro zoológico de criados.

Nosso bizarro zoológico: havia cinco criados simpaticamente rechonchudos, que falavam espanhol, sendo dois deles casados; uma tagarela babá jamaicana, que aumentava nossa conta telefônica em mil dólares por mês telefonando para sua família na Jamaica; um eletricista israelense, que seguia a Duquesa por todo lado como um cachorrinho apaixonado; um faz-tudo vagabundo, que tinha a mesma motivação de uma anêmona viciada em heroína; minha aia pessoal, Gwynne, que antecipava todas as minhas necessidades, não importando quão malucas fossem; Rocco e Rocco, os dois guarda-costas armados, que mantinham longe as multidões de assaltantes, apesar de o último crime em Old Brookville ter ocorrido em 1643, quando colonizadores brancos roubaram a terra dos índios Mattinecock; cinco paisagistas em período integral, três dos quais recentemente haviam sido mordidos por minha labrador marrom-chocolate, Sally, que mordia qualquer um que se atrevesse a chegar a menos de 30 metros do berço de Chandler, principalmente se sua pele fosse mais escura do que um saquinho de mercado; e a mais recente adição ao zoológico, dois biólogos marinhos em período integral, também marido e mulher, que, por 90 mil dólares ao ano, mantinham aquele pesadelo de tanque ecologicamente balanceado. E, é lógico, havia George Campbell, meu motorista de limusine, preto como carvão, que odiava todas as pessoas brancas, incluindo eu.

Ainda assim, mesmo com todas essas pessoas trabalhando em Chez Belfort, o fato era que, neste momento, eu estava completamente sozinho, ensopado e excitado pra caramba, nas mãos de minha segunda esposa loira, a aspirante a tudo. Procurei por algo para me secar. Tentei me enxugar naquele mar de seda chinesa branca. Porra! Não ajudou em nada. Aparentemente a

seda fora tratada com algum tipo de impermeabilizador, e tudo que aconteceu foi a água passar de um lado para o outro. Olhei para trás de mim... uma fronha! Era feita de algodão egípcio; talvez com mais de três milhões de fios. Deve ter custado uma fortuna... *do meu dinheiro!* Retirei a fronha do travesseiro fofo de pena de ganso e comecei a me enxugar. Ahhh, o algodão egípcio era gostoso e suave. E que absorção incrível! Meu humor melhorou.

Para sair do canto molhado, girei na cama para o lado que minha esposa ocupava costumeiramente. Eu ia puxar os lençóis sobre a cabeça e voltar para o calor do meu sonho. Voltaria para Venice. Respirei fundo... Ah, merda! O perfume da Duquesa estava por todo lado! De repente, senti sangue jorrando para a minha virilha. Ah... ela era um animalzinho traquinas, com um perfuminho traquinas! Tudo que podia fazer agora era bater punheta. Era para o meu bem, afinal de contas. Apesar de tudo, o poder da Duquesa sobre mim começava e acabava abaixo da cintura.

Eu ia iniciar uma sessão de autoalívio quando ouvi uma batida na porta. "Quem é?", perguntei, numa voz alta o suficiente para atravessar a porta à prova de bombas.

"É Gwaayne", respondeu Gwynne.

Ahhh, Gwynne... com seu maravilhoso sotaque sulista! Tão tranquilizante... Na verdade, tudo em Gwynne era tranquilizante. A forma como ela antecipava todas as minhas necessidades, a forma como cuidava de mim como a criança que ela e seu marido, Willie, nunca puderam conceber. "Entre", respondi com simpatia.

A porta à prova de bombas abriu com um pequeno ranger. "*Dia, bom dia!*", disse Gwynne. Ela carregava uma bandeja de prata. Trazia um copo de café gelado e um frasco de aspirina Bayer. Sob seu braço esquerdo havia uma toalha de banho branca.

"Bom dia, Gwynne. Como está nesta bela manhã?", perguntei com minha formalidade zombeteira.

"Ah, estou bem... estou bem!" *Tô bem... tô bem!* "Bem, percebo que o senhor está do lado da cama da sua esposa, então vou até aí levar-lhe seu café gelado. Também trouxe uma toalha macia e gostosa para o senhor se enxugar. A sra. Belfort contou-me que o senhor deixou cair água em cima de si."

Inacreditável pra caralho! Martha Stewart ataca novamente! De repente, percebi que minha ereção deixara o lençol de seda branca parecendo uma tenda de circo. *Merda!* Elevei meus joelhos rápido como um coelho.

Gwynne caminhou até mim e colocou a bandeja sobre o criado-mudo rústico no lado da Duquesa. "Venha cá, deixe-me secá-lo!", disse Gwynne, e ela se inclinou e começou a passar delicadamente a toalha branca em minha testa, como se eu fosse um bebê.

Porra! Que circo do caralho era esta casa! Quer dizer, eis-me aqui, deitado de costas, com uma furiosa ereção, e minha rechonchuda criada negra de 55 anos, um vestígio de uma era passada, inclinava-se com suas mamas caídas a poucos centímetros de meu rosto e me enxugava com uma toalha de banho adornada com monogramas Pratesi de 500 dólares. Logicamente, Gwynne não parecia nem um pouco negra. Ahhh, não! Isso seria muito normal para *esta* casa. Gwynne, na verdade, era até mais clara do que eu. Imaginei que, em algum ponto de sua árvore genealógica, talvez uns 150 anos atrás, quando Dixie ainda era Dixie,[2] sua tatatatataravó fora uma escrava que tivera um caso secreto com algum próspero agricultor no sul da Geórgia.

Mudando de assunto, pelo menos esse *close* das mamas caídas de Gwynne estava afastando o sangue de minha virilha e fazendo-o retornar ao seu lugar, ou seja, meu fígado e canais linfáticos, onde ele podia ser desintoxicado. E mais, a simples visão dela assim sobre mim era algo insuportável, então gentilmente expliquei a ela que eu era capaz de enxugar minha própria testa.

Ela pareceu ficar um pouco triste por isso, mas tudo que disse foi: "Está bem", que saiu como um *Tá beim*. "O senhor precisa de uma aspirina?" *O sinhô pricisa duma asprina?*

Balancei a cabeça. "Não, estou bem, Gwynne. Obrigado de qualquer forma."

"*Tá beim*, que tal então uma daquelas pilulinhas brancas *pras suas costa*?", perguntou inocentemente. "O senhor quer que eu pegue uma?"

Caramba! Minha própria criada estava se oferecendo para buscar Quaaludes para mim às 7h30 da manhã! Como eu poderia ficar sóbrio? Onde quer que estivesse, havia drogas por perto, me procurando, chamando meu nome. E não havia lugar pior para isso do que a minha firma de corretagem, onde todas as drogas imagináveis estavam nos bolsos de meus jovens corretores.

Contudo, minhas costas *realmente* doíam. Sofria uma dor crônica em razão de uma lesão estranha que ocorrera logo após meu primeiro encontro com a Duquesa. Foi seu cachorro que me fez isso... aquele imbecilzinho branco maltês, Rocky, que latia incessantemente e não tinha serventia nenhuma além de incomodar qualquer ser humano que se aproximasse. Estava tentando trazer aquele babaca para dentro de casa, tirando-o da praia, no final de um dia de verão nos Hamptons, mas o imbecilzinho se recusava a me obedecer. Quando eu tentava agarrá-lo, ele corria em círculo ao meu redor, deixando-me sem fôlego. Lembrava Rocky Balboa perseguindo aquela galinha escorregadia em *Rocky II*, antes de sua revanche com Apollo Doutrinador. Mas, ao contrário de Rocky Balboa, que se tornou rápido como um raio e por fim ganhou sua luta, eu acabei rompendo um disco e ficando de cama por duas semanas. Desde então, fiz duas cirurgias nas costas, que deixaram minha dor maior.

Assim, os Quaaludes me ajudavam com a dor... mais ou menos. E, mesmo que não ajudassem, a dor era uma excelente desculpa para continuar a tomá-los.

E eu não era o único que odiava aquele cãozinho de merda. Todo mundo odiava, com exceção da Duquesa, que era sua única protetora, permitindo até que o vira-lata dormisse no pé da cama e mastigasse suas próprias calcinhas, o que por algum motivo inexplicável me deixava com ciúmes. Pelo menos Rocky estaria ali do lado para o seu futuro previsível... até que eu conseguisse bolar uma forma de eliminá-lo sem que a Duquesa desconfiasse de mim.

Voltando ao assunto, disse a Gwynne obrigado por oferecer, mas não queria os Quaaludes, e ela pareceu ficar mais triste por isso. Afinal de contas, tinha falhado em antecipar todas as minhas necessidades. Mas tudo que falou foi: "*Tá certo*... bem, já ajustei o *timer* na sua sauna, e ela está pronta para o senhor neste momento" – *nesti momentu –,* "e pendurei as roupas para o senhor ontem de madrugada. O seu terno cinza risca de giz e aquela gravata azul com peixinhos, *tá bom*?".

Ah, isso é que é serviço! Por que a Duquesa não podia ser só um pouquinho assim? Verdade, eu estava pagando a Gwynne 70 mil dólares por ano, que era mais que o dobro do salário médio, mas, ainda assim... Olha o que eu recebia em retorno: serviço com um sorriso! Já minha esposa gastava 70 mil dólares por mês... por baixo! Na verdade, com todas aquelas porcarias de aspirações, ela devia estar gastando o dobro disso. E eu não me importava, mas precisava haver

um certo retorno. Quer dizer, se eu precisasse sair de vez em quando para balançar o bilau aqui e descabelar o palhaço ali, então ela devia ao menos me agraciar um pouco, não? Sim, certamente que sim... na verdade, era uma ideia tão justa que comecei a concordar com a cabeça com meus próprios pensamentos.

Aparentemente, Gwynne encarou meu aceno de cabeça como uma resposta afirmativa à sua pergunta e disse: "*Tá* bem, vou dar uma saidinha e preparar Chandler para que ela esteja bonita e limpinha para o senhor. Tenha um bom banho!". Alegria, alegria, alegria!

Ao dizer isso, Gwynne saiu. Bem, pensei, pelo menos ela matou minha ereção, deixando-me melhor para o encontro. Em relação à Duquesa, eu cuidaria dela depois. Afinal de contas, ela era uma vira-lata, e vira-latas são conhecidos por sua natureza de perdoar.

Tendo resolvido essas coisas na minha mente, engoli meu café gelado, tomei seis aspirinas, balancei os pés para fora da cama e segui para a sauna. Lá eu suaria os cinco Quaaludes, os dois gramas de coca e os três miligramas de Xanax que consumira na noite passada – uma quantidade relativamente modesta de drogas, considerando o que eu realmente era capaz de tomar.

AO CONTRÁRIO DO quarto principal, que era uma homenagem à seda branca chinesa, o banheiro principal era uma homenagem ao mármore cinza italiano. Era decorado num padrão extravagante de assoalho, da forma que apenas italianos babacas sabiam fazer. E logicamente eles não tiveram remorso ao me cobrar! Contudo, paguei os italianos ladrões sem me chatear. Afinal de contas, era regra no capitalismo do século XX que todos deviam enganar os outros, e o que enganasse mais definitivamente ganhava o jogo. Nessa lógica, eu era o campeão mundial invencível.

Olhei no espelho e fiquei um tempo me observando. Nossa, que filho da puta magrinho eu era! Eu era bem musculoso, mas, ainda assim... precisava ficar girando no chuveiro para molhar meu corpo inteiro! Seria por causa das drogas? Bem, talvez; mas era uma aparência boa para mim, de qualquer forma. Tinha apenas 1,72 metro, e uma pessoa muito sagaz certa vez disse que nunca se pode ser rico demais ou magro demais. Abri o gabinete de remédios e peguei um frasco de colírio extraforte. Joguei o pescoço para trás e coloquei seis gotas em cada olho, o triplo da dose recomendada.

Naquele mesmo instante, um pensamento estranho surgiu borbulhando em meu cérebro: que tipo de homem abusa de colírio? E, em relação a isso, por que eu tinha tomado seis aspirinas Bayer? Não fazia sentido. Afinal de contas, diferentemente de Ludes, coca e Xanax – cujos benefícios de aumentar a dose são claros como o dia –, não havia absolutamente nenhuma razão válida para exceder as doses recomendadas de colírio e aspirina.

Porém, ironicamente, isso era mesmo o que minha vida acabou significando. Tudo em excesso: ultrapassar limites proibidos, fazer coisas impensáveis e me associar a pessoas ainda mais loucas do que eu, e considerar minha vida bem normal.

De repente, percebi que comecei a ficar deprimido. O que ia fazer em relação à minha esposa? Porra... será que tinha passado do limite desta vez? Ela parecia furiosa demais hoje de manhã! Fiquei tentando imaginar o que ela estaria fazendo naquele exato momento. Se tivesse de adivinhar, diria que ela estava tagarelando no telefone com uma de suas amigas ou discípulas ou o que quer que elas sejam. Ela estava em algum lugar lá embaixo, vomitando perfeitas pérolas

de sabedorias para suas amigas não tão perfeitas, na genuína esperança de que, com um pouquinho de treinamento, poderia torná-las perfeitas como ela. Ahhh, essa era minha esposa... a Duquesa da porra de Bay Ridge! A Duquesa e todas as suas fiéis subalternas, aquelas jovens esposas da Stratton, que a encaravam como se ela fosse a rainha Elizabeth ou algo assim. Dava-me um nojo do caralho.

Contudo, em sua defesa, a Duquesa tinha um papel a representar e ela o fazia bem. Entendia a ideia confusa de lealdade que todos os envolvidos na Stratton Oakmont tinham, e estreitara os laços com as esposas de empregados-chave, o que tornou as coisas muito mais sólidas. Sim, a Duquesa era espertinha.

Normalmente, pela manhã, ela entrava no banheiro enquanto eu me preparava para trabalhar. Era uma pessoa muito sociável, quando não estava ocupada dizendo para eu ir me foder. Mas quase sempre eu merecia isso, então não podia me ofender. Na verdade, eu realmente não podia culpá-la por nada, podia? Ela acabou sendo uma esposa boa demais, apesar de todo aquele lixo de Martha Stewart. Ela deve ter dito "eu te amo" uma centena de vezes por dia. E, conforme o dia avançava, adicionava uns pequenos intensificadores maravilhosos: *Eu te amo desesperadamente! Eu te amo incondicionalmente!*... e, lógico, meu favorito, *Morro de amor por você!*..., que eu considerava o mais apropriado de todos.

Porém, apesar de todas as suas palavras gentis, eu ainda não tinha certeza de que podia confiar nela. Afinal de contas, era minha segunda esposa, e palavras não têm tanto valor. Será que ela ficaria mesmo comigo na alegria e na tristeza? Por fora, deu toda a indicação de que genuinamente me amava – frequentemente me banhando de beijos – e sempre que estávamos em público segurava minha mão e me abraçava ou corria os dedos pelos meus cabelos.

Era tudo muito confuso. Quando eu era casado com Denise, nunca me preocupei com essas coisas. Denise casou-se comigo quando eu não tinha nada; assim, sua lealdade era inquestionável. Mas, depois que fiz meu primeiro milhão de dólares, ela deve ter tido uma premonição sombria, e perguntou-me por que eu não podia ter um emprego normal para ganhar um salário de 1 milhão de dólares por ano? Pareceu-me uma pergunta ridícula na hora, mas, naquela época, naquele dia em particular, nenhum de nós sabia que em menos de um ano eu estaria ganhando 1 milhão de dólares por semana. E nenhum de nós sabia que, em menos de dois anos, Nadine Carine, a garota Miller Lite, apareceria na minha casa de praia em Westhampton no feriado de Quatro de Julho, saindo de uma Ferrari amarelo-banana com uma saia ridiculamente curta e um par de saltos brancos de matar.

Nunca tive a intenção de magoar Denise. Na verdade, era algo que nunca cheguei a cogitar. Mas Nadine me fez perder o equilíbrio, e eu a fiz perder o dela. Não se escolhe por quem se apaixona, escolhe? E, quando você se apaixona – aquela paixão obsessiva, que o consome por completo, em que duas pessoas não conseguem ficar afastadas nem um instante –, é possível deixar uma paixão assim passar?

Respirei fundo e exalei lentamente, tentando enterrar todo esse negócio da Denise. Afinal de contas, culpa e remorso eram emoções desprezíveis, não? Bem, sabia que não, mas não tinha tempo para elas. Seguir em frente; esse era o segredo. Corra o máximo que puder e não olhe para trás. E, quanto à minha esposa... bem, eu ajeitaria as coisas com ela também.

Tendo resolvido as coisas em minha mente pela segunda vez em menos de cinco minutos, forcei-me a abrir um sorriso para meu próprio reflexo e então entrei na sauna. Lá, deixei o mau

humor escorrer pelo suor e comecei o dia como novo.

---

1 *Driving range* é uma área onde golfistas podem treinar suas tacadas. (N. T.)
2 Região no sul e sudeste dos Estados Unidos, que compreendia os estados que defenderam a Confederação durante a Guerra da Secessão americana. (N. T.)

CAPÍTULO 3

PEGADINHA

Trinta minutos depois de começar minha desintoxicação matutina, emergi da suíte principal sentindo-me rejuvenescido. Trajava aquele terno cinza risca de giz que Gwynne pendurara para mim. Em meu pulso esquerdo, usava um relógio de ouro Bulgari de 18 mil dólares, fino e de bom gosto. Antigamente, antes de a Duquesa aparecer, usava um Rolex de ouro sólido, grosso e volumoso. Mas a Duquesa, autoproclamando-se árbitra do bom gosto, da graça e da delicadeza, imediatamente o descartou, explicando para mim que aquilo era brega. Como ela sabia disso, eu não conseguia compreender, dado que o relógio mais bonito que ela vira, tendo sido criada no Brooklyn, fora um da Disney. Todavia, ela parecia ter aptidão para essas coisas, assim eu normalmente lhe dava ouvidos.

Mas sem problemas. Eu mantinha meu orgulho masculino com um artefato: um par incrível de botas de caubói de couro de crocodilo preto, feitas à mão. Cada bota fora cortada de uma única pele de crocodilo, deixando-a absolutamente sem costuras. Custaram 2.400 dólares, e eu as amava demais. A Duquesa, é lógico, desprezava-as. Hoje eu as calcei com muito orgulho, esperando enviar um sinal claro para minha esposa de que eu não podia ser intimidado, apesar de ela sempre ter feito isso.

Estava a caminho do quarto de Chandler para meu momento matutino de paternidade, que era a parte do dia de que eu mais gostava. Chandler era a única coisa totalmente pura em minha vida. Cada vez que eu a segurava era como se todo o caos e a insanidade ficassem presos com arreios.

Enquanto me dirigia ao quarto dela, senti meu humor melhorar. Ela tinha quase cinco meses de idade e era absolutamente perfeita. Mas, quando abri a porta de Channy... que susto tremendo! Channy não estava sozinha; Mamãe estava com ela! Ela ficou escondida no quarto de Channy todo esse tempo, esperando-me entrar!

Lá estavam elas, sentadas bem no centro do quarto sobre o tapete rosa mais macio e agradável que eu já vira. Fora outra escolha estranhamente cara de Mamãe, a antiga aspirante a decoradora... que estava perigosamente bela, pelo amor de Deus! Chandler estava sentada entre as pernas ligeiramente abertas da mãe – *pernas ligeiramente abertas!* – com suas delicadas costinhas encostadas no abdômen firme de Mamãe, e as mãos de Mamãe apoiavam a barriguinha dela. Ambas estavam deslumbrantes. Channy era uma cópia da mãe, tendo herdado os mesmos olhos azuis vívidos e as bochechas deliciosas.

Respirei fundo para saborear bem o perfume do quarto de minha filha. Ahhhh, o cheiro de talco de bebê, xampu de bebê, fraldas de bebê! E respirei fundo novamente para saborear o cheiro de Mamãe. Ahhhh, seu xampu de 400 dólares o frasco e o condicionador que só Deus sabia de onde vinha! Seu hidratante hipoalergênico, feito especialmente para ela, da Kiehl; aquele leve toque de perfume Coco que ela usava tão despreocupadamente! Senti um agradável formigamento correr por todo meu sistema nervoso central e em minha virilha.

O próprio quarto era perfeito, um pequeno país das maravilhas cor-de-rosa. Inúmeros

bichinhos de pelúcia se espalhavam pelo quarto. À direita havia um berço branco de vime, feito sob medida por Bellini, da avenida Madison, pela pechincha de 60 mil dólares. (Mamãe ataca novamente!) Pendurado sobre ele, havia um móbile rosa e branco que tocava 12 canções da Disney, enquanto personagens impressionantemente realísticos da Disney circulavam com um simples puxão. Era um outro toque sob medida de minha adorável aspirante a decoradora, este de apenas nove mil dólares (para um móbile?). Mas quem se importava? Este era o quarto de Chandler, o lugar de que eu mais gostava em minha casa.

Fiquei um tempo observando minha esposa e minha filha. De repente, a expressão *de tirar o fôlego* surgiu em minha mente. Chandler estava nua. Sua pele parecia sedosa como manteiga e sem nenhuma mancha.

E então havia Mamãe, vestida para matar ou, nesse caso, para provocar. Mamãe usava um minivestido salmão-rosa sem mangas com um decote profundo. Seu peito era lindo! Seu deslumbrante cabelo loiro-dourado brilhava com os raios do sol da manhã. O vestido estava erguido acima dos quadris, e eu podia ver tudo até a sua cintura. Estava faltando alguma coisa... mas o que seria? Não consegui descobrir, por isso afastei o pensamento e continuei olhando. Seus joelhos estavam ligeiramente dobrados, e deixei meus olhos percorrerem toda a extensão de suas pernas. Seus sapatos combinavam perfeitamente com o vestido. Eram Manolo Blahnik, devem custar umas mil pratas, mas valem cada centavo, se quiserem saber o que estava pensando naquele instante.

Tantos pensamentos passavam pela minha cabeça que eu não conseguia acompanhá-los. Desejava minha esposa mais do que nunca... contudo minha filha estava lá também... mas, como era bem pequena, isso não mudava muito as coisas! E quanto à Duquesa? Já tinha me perdoado? Eu queria dizer algo, mas não conseguia encontrar as palavras. Amava minha esposa... Amava minha vida... Amava minha filha. Não queria perdê-las. Assim, tomei a decisão lá, naquele mesmo instante: estava satisfeito. Sim! Nada de putas! Nada de passeios de helicóptero à meia-noite! Nada de drogas... ou pelo menos não tanto.

Eu ia dizer algo, pedir o perdão do tribunal, mas nunca tive a chance. Chandler falou primeiro. Minha filha, o bebê-gênio! Ela sorria de orelha a orelha e, numa vozinha fininha, disse: “Da-da-da-da-da-da-da... Da-da-da-da--da-da-da-da”.

“Bom dia, Papai!”, disse Mamãe, com vozinha de bebê. Que doce! Sensual demais! “Você não vai me dar um beijo de bom-dia, Papai? Eu quero muito, mas muito mesmo!”

Hein? Será que seria assim tão fácil? Cruzei os dedos e arrisquei: “Posso beijar ambas, Mamãe *e* Filhinha?”. Franzi os lábios e ofereci a Mamãe minha melhor expressão de cachorrinho. Então fiz uma oração ao Todo-Poderoso.

“Ahhh, não!”, disse Mamãe, cortando as esperanças de Papai. “Papai não vai poder beijar Mamãe por um bom tempo... Mas sua filhinha está louca por um beijo. Não é verdade, Channy?”

Meu Deus... a minha esposa não joga justo!

Mamãe continuou com sua voz de bebê: “Ei, Channey, vá engatinhando até seu pai. Agora, Papai, agache-se para que Channy possa engatinhar até seus braços. Certo, Papai?”.

Dei um passo à frente...

“Está bom aí”, alertou Mamãe, erguendo a mão direita no ar. “Agora se agache, como Mamãe mandou.”

Fiz o que me mandou. Afinal de contas, quem era eu para brigar com aquela sedutora Duquesa?

Mamãe colocou Chandler de quatro, com toda a delicadeza, e deu-lhe um adorável empurrão para a frente. Chandler começou a engatinhar na minha direção num ritmo de lesma, repetindo: “Dadadadadadada... Dadadadadadada”.

Ahhhh, que alegria! Que alegria de viver! Não era o homem mais sortudo da Terra? “Venha aqui”, disse para Chandler. “Venha para o Papai, querida.” Ergui a cabeça para Mamãe, lentamente abaixando meu olhar... e... “Puta merda! Nadine, qual o... qual é o seu problema? Você perdeu a...”

“Qual o problema, Papi? Espero que não esteja vendo algo que deseje, porque nunca mais o terá”, falou Mamãe, a aspirante a animadora de rolas, com suas deliciosas pernas escancaradamente abertas, a saia erguida sobre os quadris e sem calcinha. Sua linda vulva rosada estava olhando diretamente para mim e brilhava de desejo. Tudo que Mamãe tinha era uma minúscula penugem loira da cor do pêssego, um pouco acima do púbis, e só isso.

Fiz a única coisa que qualquer marido racional faria: rebaixei-me como o cachorro que eu era. “Por favor, querida, você sabe que sinto muito por ontem à noite. Juro por Deus que nunca mais...”

“Ah, guarde isso para o próximo ano”, disse Mamãe, acenando com o dorso da mão. “Mamãe sabe quanto você gosta de jurar por Deus sobre isso e aquilo e tudo o mais quando está quase explodindo. Mas não perca seu tempo, Papai, porque Mamãe está apenas esquentando. A partir de agora só usarei saias curtas, muito curtas, pela casa! Isso mesmo, Papi! Nada além de coisas curtas, saias curtas, nada de calcinha, e isso...”, disse a sedutora Mamãe, orgulhosa, colocando as palmas das mãos sob si, jogando os cotovelos para baixo e jogando-se para trás. Então, usando as pontinhas dos saltos altos de seu Manolo Blahnik de uma forma que os estilistas de sapatos nunca imaginariam, transformou-os em falos e fez aquelas suas pernas sedutoras se abrirem e fecharem, abrirem e fecharem, até que ao terceiro toque ela as deixou cair tão abertas que seus joelhos quase tocaram o maravilhoso carpete rosa. Ela disse: “Qual o problema, Papi? Você não parece muito bem”.

Bem, não é que eu não tivesse visto aquilo antes. Na verdade, não era a primeira vez que Mamãe tirava uma com a minha cara. Houve elevadores, quadras de tênis, estacionamentos públicos, até a Casa Branca. Não havia nenhum local totalmente livre de Mamãe. Era apenas o susto do caralho que isso me deu! Senti-me como um boxeador que não previu um soco e acabou nocauteado – permanentemente!

Piorando ainda mais as coisas, Chandler havia parado de engatinhar e decidiu gastar algum tempo inspecionando o maravilhoso tapete rosa. Ficou puxando as fibras como se tivesse descoberto algo realmente incrível, totalmente alienada do que transpirava à sua volta.

Tentei me desculpar mais uma vez, mas a resposta de Mamãe a isso foi enfiar o dedo indicador direito na boca e começar a chupar. Foi aí que perdi o poder da fala. Ela parecia saber que tinha acabado de dar o soco destruidor, então lentamente retirou o dedo da boca e forçou ainda mais a vozinha de bebê: “Ahhh, pobrezinho do Papi! Ele adora dizer que errou quando está quase gozando em suas próprias calças, não é verdade, Papi?”.

Fiquei olhando sem acreditar, perguntando-me se outros casais faziam coisas assim.

“Bem, Papai, é muito tarde para desculpas agora.” Ela comprimiu os lábios sedutores e

acenou lentamente com a cabeça, da forma que uma pessoa faz quando acha que acabou de contar alguma grande verdade. “E que *pena* que Papai goste de voar pela cidade em seu helicóptero durante toda a noite depois de fazer o que só Deus sabe, porque Mamãe ama tanto Papai, tanto... e não há nada que ela queira mais neste momento do que fazer amor com Papai o dia inteiro! E o que Mamãe realmente quer é que Papai a beije no lugar de que ele mais gosta, bem onde ele está olhando agora.”

Mamãe comprimiu os lábios novamente e fingiu estar zangada. “Mas, ahhh... pobrezinho do Papai! Não há nenhuma chance de isso acontecer agora, mesmo que Papai fosse o último homem no planeta Terra. Na verdade, Mamãe decidiu ser como a ONU e instituiu um de seus famosos embargos, esse de sexo. Papai não vai poder fazer amor com Mamãe até a véspera do Ano-Novo” – Hein? Ora, que atrevimento! –, “e isso apenas se ele for um rapaz muito bonzinho até lá. Se Papai cometer um único erro, será até o Carnaval.” Mas que porra! Mamãe perdeu a noção!

Eu estava quase me afundando a níveis de humilhação sem precedentes quando, de repente, me dei conta de algo. Ah, droga! Será que eu devia contar para ela? Foda-se, o show é bom demais!

Mamãe com voz de bebê: “E, agora que estou pensando melhor, Papai, acho que é hora de Mamãe tirar do armário as meias de seda e começar a usá-las pela casa, e todos sabemos quanto Papai ama Mamãe com meias de seda, não, Papai?”.

Concordei avidamente.

Mamãe prosseguiu: “Ah, sim, sabemos! E Mamãe está tão cansada de usar calcinhas... *uhhh*! Na verdade, decidiu jogar todas fora! Então dê uma boa olhada, Papi” – hora de parar? Uhhhn, ainda não! –, “porque você verá muito pouca calcinha pela casa por um bom tempo! Mas, logicamente, pelas regras do embargo, tocar será estritamente proibido. E não haverá punhetas também, Papai. Até que Mamãe lhe dê permissão, as mãos serão deixadas de lado. Está entendido, Papai?”.

Com confiança renovada: “Mas e quanto a você, Mamãe? O que irá fazer?”.

“Ah, Mamãe sabe como se satisfazer sozinha muito bem. Uhhhn... uhhhn... uhhhn”, grunhia a manequim. “Na verdade, só o fato de pensar nisso já está deixando Mamãe toda excitada! Você não está começando a odiar helicópteros, Papai?”

Fui para a jugular: “Não sei, Mamãe, acho que você só fala e não age. Satisfazer-se sozinha? Não acredito em você”.

Mamãe comprimiu aqueles seus lábios sedutores e balançou lentamente a cabeça, então falou: “Bem, acho que é hora de Papai aprender sua primeira lição” – ahhh, isso estava ficando bom! E Chandler, ainda inspecionando o carpete, não entendia nada –, “então Mamãe quer que Papai mantenha os olhos na mão de Mamãe e observe bem de perto, senão o Carnaval irá se tornar Domingo de Páscoa antes que Papai consiga dizer ‘saco cheio’! Você entendeu quem manda aqui, Papai?”.

Entrei na brincadeira, preparando-me para jogar a bomba. “Sim, Mamãe, mas o que você irá fazer com a mão?”

“Shhh”, disse Mamãe, e então enfiou o dedo na boca, chupou e chupou até que ele ficasse cintilando com a saliva, e aí, lentamente, graciosamente, lubrificadamente, dirigiu-se para baixo... passou pelo pescoço... passou pelo decote... passou pelo umbigo... e chegou até a...

“Pode parar aí!”, falei, erguendo a mão direita. “Eu não faria isso se fosse você!”

Isso chocou Mamãe. E também a enfureceu! Aparentemente, ela estivera esperando este momento mágico tanto quanto eu. Mas tinha passado dos limites. Era hora de soltar a bomba. Mas, antes que eu tivesse chance, Mamãe começou a me insultar: “Acabou! Agora já era! Nada de beijos ou amor até Quatro de Julho!”.

“Mas, Mamãe, e Rocco e Rocco?”

Mamãe ficou paralisada de horror. “Hein?”

Inclinei-me e peguei Chandler no maravilhoso carpete rosa, segurei-a próxima ao peito e dei-lhe um beijão na bochecha. Então, com ela fora de perigo, falei: “Papai quer contar a Mamãe uma história, e quando acabar Mamãe ficará feliz por Papai tê-la interrompido antes que fizesse o que estava prestes a fazer, então ela terá de perdoá-lo por tudo que ele fez, combinado?”.

Nenhuma reação. “Está bem”, disse eu, “essa é a história de um quartinho rosa em Old Brookville, Long Island. Mamãe quer ouvi-la?”

Mamãe aquiesceu, um olhar de total confusão em seu perfeito rostinho de modelo.

“Mamãe promete manter as pernas escancaradas enquanto Papai conta a história?”

Ela aquiesceu lenta e sonhadoramente.

“Bom, porque é a paisagem que Papai mais gosta de ver no mundo todo, e isso o inspira a contar a história *direitinho*! Está certo... havia um quartinho rosa no segundo andar de uma grande mansão de pedras numa propriedade perfeita na melhor parte de Long Island, e as pessoas que viviam lá tinham muito dinheiro, mas muito mesmo. Mas, e isso é muito importante para a história, Mamãe, de todas as posses que tinham, de tudo de que eram donos, considerava uma coisa muito mais valiosa do que todo o resto junto... a pequenina filhinha deles. Ora, o papai da história tinha um monte de gente trabalhando para ele, e a maioria era muito, muito jovem e mal domesticada, assim Mamãe e Papai decidiram colocar grandes portões de ferro por toda a propriedade para que esses jovens não fossem capazes de entrar lá sem serem convidados. Mas, acredite ou não, Mamãe, eles ainda tentavam passar lá!” Fiz uma pausa e estudei o rosto de Mamãe, que estava lentamente perdendo a cor. Então segui: “Aí, após um tempo, Mamãe e Papai ficaram tão cansados de serem incomodados que saíram e contrataram dois guarda-costas em período integral. Ora, mesmo que pareça engraçado, Mamãe, por um acaso ambos se chamam Rocco!”. Fiz outra pausa e fiquei estudando o rosto lindo de Mamãe. Ela estava pálida como um fantasma.

Continuei: “Assim, Rocco e Rocco passavam seu tempo numa maravilhosa guaritinha no quintal daquela mansão. E como a mamãe da história sempre gostou de fazer as coisas bem-feitas, ela saiu e pesquisou o que havia de melhor em equipamentos de vigilância, e acabou comprando as mais novas e melhores câmeras de tevê, que forneciam a imagem mais clara, brilhante e detalhada que o dinheiro podia comprar. E a melhor parte, Mamãe, é que tudo isso acontece ao vivo e em cores! É, sim!”.

As pernas de Mamãe ainda estavam escancaradas, com todo seu encanto, quando falei: “Aí, por volta de dois meses atrás, Mamãe e Papai estavam deitados na cama numa manhã chuvosa de domingo quando ela contou a ele sobre um artigo que lera sobre babás e criados maltratando bebês de que cuidavam. Isso assustou terrivelmente Papai, e então ele sugeriu a Mamãe que colocassem duas câmeras escondidas e um microfone ativado por voz instalado naquele mesmo quarto rosa que mencionei no começo da história!”.

"E uma dessas câmeras escondidas está bem acima do ombro de Papai", apontei para um minúsculo furo no alto na parede, "e, por sorte, Mamãe, ela está neste momento focando a melhor parte de sua deliciosa anatomia", e então as pernas se fecharam com tudo, como um cofre de banco, "e, como amamos muito Channy, demais, este é o quarto que eles monitoram nas grandes telas de tevê de 32 polegadas colocadas na guarita."

"Então sorria, Mamãe! Você está numa *pegadinha*!"

Mamãe não se mexeu... por quase um oitavo de um segundo. Então, como se alguém tivesse disparado dez mil volts de eletricidade pelo maravilhoso carpete rosa, Mamãe pulou e gritou: "Puta merda! Puta que pariu! Ah, meu Deus! Não posso acreditar nisso, caralho! Ah, meu Deus". Ela correu até a janela e olhou para a guarita... então se virou e voltou correndo e... BUM!... para o chão foi Mamãe, quando um dos falos dos sapatos lindos se quebrou.

Mas Mamãe ficou no chão apenas por um segundo. Rapidamente girou para ficar de quatro com a velocidade e a destreza de um praticante de luta greco-romana e se levantou logo em seguida. Para minha completa surpresa, ela abriu a porta, saiu correndo e a bateu enquanto saía, sem nem se preocupar com o que o bizarro zoológico de criados pudesse achar de todo o escândalo.

"Bem", disse eu para Channy, "a verdadeira Martha Stewart não aprovaria de forma alguma uma porta batida, certo, querida?" Então, fiz uma oração silenciosa para o Todo-poderoso, pedindo-lhe... não, implorando, na verdade... que nunca deixasse Channy se casar com um cara como eu, nem ao menos sair com um. Afinal de contas, eu não era exatamente candidato a Marido do Ano. Depois, desci a escada com ela e entreguei-a a Marcie, a babá jamaicana tagarela, e fui direto para a guarita, não querendo que o vídeo de Mamãe acabasse em Hollywood como um piloto para o *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*.

CAPÍTULO 4

PARAÍSO DOS WASPS

Como um cão no cio, procurei Mamãe nos 24 quartos da mansão. Na verdade, procurei em cada canto e fenda de todos os seis acres da minha propriedade até que, por fim, relutantemente e com grande tristeza, desisti da busca. Eram quase nove horas, e eu precisava ir trabalhar. Só não conseguia descobrir onde minha querida aspirante a animadora de rolas estava escondida. Assim, desisti de tentar transar.

Partimos de minha residência em Old Brookville um pouco depois das nove da manhã. Estava sentado no banco de trás de minha limusine Lincoln azul-marinho, com meu chofer que odiava capatazes brancos, George Campbell, ao volante. Nos quatro anos que George trabalhou para mim, ele falou apenas uma dúzia de palavras. Certas manhãs eu achava seu voto de silêncio autoimposto bastante perturbador, mas neste momento em particular era bastante agradável. Na verdade, depois de minha recente briga com a sedutora Duquesa, um pouquinho de paz e silêncio era sublime.

Ainda assim, como parte de meu ritual matutino, eu sempre cumprimentava George de maneira excessivamente calorosa e tentava tirar alguma resposta dele. Então pensei em experimentar mais uma vez, apenas para tirar um barato.

Eu disse: "E aí, Georgezinho? Como tá hoje?".

George virou a cabeça aproximadamente quatro graus e meio para a direita, para que eu pudesse ver o branco de seus brilhantes globos oculares, e acenou com a cabeça, apenas uma vez.

Nunca falha, caramba! O cara é um mudo filho da puta!

Para ser sincero, isso não era verdade: mais ou menos seis meses atrás, George me perguntara se eu poderia emprestar-lhe (o que, logicamente, significava dar) 5 mil dólares para comprar um novo conjunto de presas (como ele se referia a seus dentes). Isso eu fiz com alegria, mas não sem torturá-lo por uns bons quinze minutos, obrigando-o a me contar tudo: quão brancos seriam, quantos eram, quanto tempo durariam e qual era o problema dos dentes que ele tinha. Quando George acabou, havia gotas de suor correndo por sua testa preto-carvão, e me arrependi de ter-lhe feito tantas perguntas.

Hoje, assim como todos os dias, George estava usando seu terno azul-marinho e uma expressão de raiva, a expressão mais raivosa que seu salário inflacionado de 60 mil dólares por ano permitia. Eu não tinha dúvidas de que George tinha ódio ou ao menos rancor de mim, da mesma forma que tinha ódio ou rancor de todos os capatazes brancos. A única exceção era minha esposa, a aspirante a agradar as pessoas, a quem George adorava.

A limusine era bem comprida, com um bar totalmente abastecido, tevê e vídeo, geladeira, um sistema de som incrível e um assento traseiro que se transformava numa cama *queen size* ao se apertar um botão. A cama foi um toque final, para aliviar minhas dores nas costas, mas acabou, não intencionalmente, transformando minha limusine num bordel sob rodas, de 96 mil dólares. Vá entender. Meu destino nessa manhã era nada mais nada menos que Lake Success, Long

Island, o pequeno vilarejo de classe média, antes silencioso, onde a Stratton Oakmont ficava.

Hoje o bairro era como Tombstone, Arizona – *antes* dos Earp chegarem à cidade. Vários pequenos e estranhos comércios caseiros haviam sido abertos para servir às necessidades, vontades e desejos dos malucos corretores jovens de minha empresa. Havia bordéis, salões de apostas ilegais, clubes de *striptease* e todo tipo de diversão desse gênero. Havia até uma pequena equipe de prostituição fazendo turnos no andar mais baixo do estacionamento, por 200 dólares a gozada.

Nos primeiros anos, os comerciantes locais ficaram revoltados com a aparente grosseria de meu alegre bando de corretores, muitos dos quais pareciam ter sido criados na selva. Mas não demorou muito para esses mesmos comerciantes perceberem que os corretores da Stratton não pechinchavam. Assim, eles inflacionaram seus preços, e todo mundo vivia em paz, como no Velho Oeste.

Agora a limusine dirigia-se para o oeste, pela Chicken Valley Road, uma das mais belas estradas em Gold Coast. Abri um pouco a janela para deixar entrar o ar fresco. Observei o exuberante campo de golfe do Brookville Country Club, onde eu descera hoje de madrugada sob o efeito de drogas.

O clube de campo ficava bastante próximo de minha residência... tão perto, na verdade, que eu podia bater com um taco de ferro sete uma bola de golfe do jardim em frente à minha casa para o meio do sétimo buraco, se a tacada fosse boa. Mas, naturalmente, nunca tive vontade de me associar, pois meu *status* de judeu humilde, que tinha o atrevimento de invadir o paraíso dos WASPs, não permitia isso.

E não era apenas o Brookville Country Club que criava restrições para judeus. Não, não, não! Todos os clubes da vizinhança tinham a mesma opinião sobre os judeus ou, pelo menos, qualquer pessoa que não fosse um babaca WASP de sangue azul. (Na verdade, o Brookville Country Club admitia católicos e nem era tão ruim quanto outros.) Quando a Duquesa e eu nos mudamos de Manhattan para cá, toda essa coisa de WASP me incomodou. Era como um clube ou sociedade secreta, mas logo percebi que os WASPs eram uma coisa atrasada, uma espécie correndo sério risco de extinção, assim como o pássaro dodô e a coruja pintada. E, apesar de ainda terem seus pequenos clubes de golfe e acampamentos de caça, como últimos bastiões contra as hordas *shtetl*[1] invasoras, não eram nada mais do que Little Big Horns[2] prestes a serem invadidos por judeus selvagens como eu, que fizeram fortuna em Wall Street e estavam dispostos a gastar o que precisassem para viver onde Gatsby[3] viveu.

A limusine fez uma curva suave para a esquerda e agora estávamos em Hegemans Lane. À frente, do lado esquerdo, ficavam os Estábulos Gold Coast, ou, como os proprietários gostavam de dizer, “O Centro Equestre de Gold Coast”, que soava infinitamente mais WASP.

Ao passarmos por lá, pude ver os estábulos listrados de verde e branco, onde a Duquesa guardava seus cavalos. Do começo ao fim, toda essa mania equestre dela tinha se transformado num pesadelo gigante. Começou com o proprietário do estábulo, viciado em Quaalude, um judeu pançudo maluco, com um sorriso social de mil watts e um objetivo de vida secreto de ser confundido com um WASP. Ele e sua esposa loira falsa-WASP perceberam que a Duquesa e eu aparecemos sem saber nada e decidiram despejar todos os seus cavalos rejeitados em nós, inflacionando o preço em 300%. Como se isso não fosse sacanagem o bastante, assim que

compramos os cavalos, descobrimos que eles sofriam de doenças bizarras. Entre contas de veterinário, contas de alimentação e o salário de jóqueis para montar os cavalos a fim de que permanecessem em forma, a coisa toda havia se transformado num enorme buraco negro.

Apesar disso, minha sedutora Duquesa, aspirante a especialista em hipismo, ia lá todos os dias – para alimentar seus cavalos com cubos de açúcar e cenouras e fazer aulas de equitação –, apesar de sofrer de incuráveis alergias a cavalo e voltar para casa espirrando, respirando com dificuldade, coçando-se e tossindo. Mas, ei, quando se vive no meio do paraíso dos WASPs faz-se o que fazem os WASPs, e se finge gostar de cavalos.

Quando a limusine cruzava a Northern Boulevard, senti minha dor lombar aparecer novamente. Já era hora, pois a maior parte da mistura de drogas recreativas de ontem à noite havia saído do meu sistema nervoso central para o meu fígado e canais linfáticos, onde ficariam. Mas isso também significava que a dor estava voltando. Era como se um dragão furioso, selvagem, cuspidor de fogo, estivesse lentamente acordando. A dor começou na parte baixa das costas, no lado esquerdo, e foi descendo pela parte posterior da perna esquerda. Era como se alguém estivesse girando um ferro de marcar, vermelho de fogo, na parte de trás de minha coxa. Era desesperador. Se eu tentasse aliviar a dor esfregando, ela passava para outro ponto.

Respirei fundo e resisti à necessidade de pegar três Quaaludes e engoli-los a seco. Afinal de contas, isso seria um comportamento completamente inaceitável. Eu estava a caminho do trabalho e, apesar de ser o chefe, não podia aparecer cambaleando e babando como um idiota. Isso era aceitável apenas à noite. Em vez disso, fiz uma breve oração para que um raio surgisse do límpido céu azul e eletrocutasse o cão da minha esposa.

Nesse lado da Northern Boulevard, as coisas eram decididamente de baixo nível, ou seja, o preço médio da moradia caía para pouco acima de 1,2 milhão. Era muito irônico como uma criança de uma família pobre se tornava insensível às extravagâncias da prosperidade, a ponto de casas de 1 milhão de dólares hoje parecerem favelas. Mas isso não era algo ruim, era? Bem, sei lá...

Foi então que vi uma placa verde e branca pendurada sobre a rampa de entrada da Long Island Expressway. Muito em breve eu estaria entrando no escritório da Stratton Oakmont – minha segunda casa –, onde o rugido poderoso da sala de corretagem mais agressiva dos Estados Unidos fazia a insanidade parecer perfeitamente normal.

---

1 Um pequeno bairro ou vila de judeus. (N. T.)

2 Local onde ocorreu a batalha em que o general George A. Custer e sua cavalaria foram derrotados pelas nações cheyenne e sioux, comandadas por Touro Sentado e Cavalo Louco. (N. T.)

3 Personagem do livro *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, representante da aristocracia que morava em Long Island. (N. T.)

CAPÍTULO 5

A DROGA MAIS PODEROSA DE TODAS

O banco de investimentos Stratton Oakmont ocupava o primeiro andar de um espichado prédio comercial de vidro preto, que se erguia sobre o centro lamacento de um velho pântano de Long Island. Na verdade, não era tão ruim como soava. A maior parte do velho pântano fora recuperada no começo dos anos 1980 e ostentava agora um complexo de escritórios de primeira linha com um estacionamento enorme e uma garagem subterrânea de três níveis, onde os corretores da Stratton faziam *coffee-breaks* no meio da tarde e transavam com um esquadrão feliz de prostitutas.

Hoje, assim como todos os dias, paramos no prédio comercial em que eu me sentia inflar de orgulho. O vidro preto espelhado brilhava com o sol matutino, lembrando-me de quão longe eu chegara nos últimos cinco anos. Era difícil imaginar que eu começara a Stratton nos fundos de uma loja de carros usados. E agora... *isso*!

Na face oeste do prédio havia uma entrada enorme que tinha como objetivo fascinar todos que passavam por ela. Mas nenhuma alma da Stratton nunca passou por ela. Ficava muito longe, e tempo, afinal de contas, era dinheiro. Em vez disso, todos, incluindo eu, usavam uma rampa de concreto na face sul do prédio, que dava diretamente na sala de corretagem.

Saí da traseira da limusine, despedi-me de George (que aquiesceu sem falar nada) e subi por aquela mesma rampa de concreto. Enquanto atravessava as portas de aço, eu já podia decifrar os ecos ofuscados do rugido furioso, que soava como uma multidão. Era música para meus ouvidos. Segui na sua direção, com determinação.

Após uma dúzia de passos, virei o corredor e lá estava: a sala de corretagem da Stratton Oakmont. Era um espaço gigantesco, mais longo que um campo de futebol e quase da mesma largura. Era um espaço aberto, sem partições e com um teto muito baixo. Fileiras bem apertadas de mesas de bordo ajeitadas como em uma sala de aula e um mar infinito de camisas bem brancas moviam-se para lá e para cá furiosamente. Os corretores estavam sem os ternos e gritavam para telefones pretos, criando o rugido. Era o som de jovens educados usando lógica e razão para convencer empresários de todo o país a investir suas economias na Stratton Oakmont:

"Porra, Bill! Deixe de ser mulherzinha e tome uma decisão!", gritava Bobby Koch, um irlandês rechonchudo, de 22 anos, apenas com diploma de ensino médio, com um vício furioso por cocaína e renda bruta líquida de 1,2 milhão de dólares. Ele estava repreendendo algum empresário próspero chamado Bill, que vivia em algum lugar no coração dos Estados Unidos. Cada mesa tinha um computador cinza sobre ela, em que números e letras de diodo verde piscavam trazendo cotações em tempo real para os strattonitas. Mas dificilmente uma alma viva olhava para elas. Estavam muito ocupados suando profusamente e gritando para seus telefones pretos, que pareciam berinjelas gigantes crescendo de suas orelhas.

"Preciso de uma decisão... *Bill!*... Preciso de uma decisão já!", repreendia Bobby. "A Steve Madden é a maior novidade de Wall Street, e não tem por que ficar pensando! Hoje à tarde isso já será um dinossauro do caralho!" Bobby saíra havia duas semanas da Clínica Hazelden e já

tivera a recaída. Seus olhos pareciam estar pulando para fora de seu carnudo crânio irlandês. Podia-se literalmente sentir os cristais de cocaína pingando de suas glândulas sudoríparas. Eram 9h30.

Um jovem strattonita com cabelo para trás, queixo quadrado e um pescoço do tamanho de Rhode Island estava agachado, tentando explicar para um cliente os prós e os contras de incluir sua esposa no processo de tomada de decisão. "Falar com tua mina? Tu é louco ou o quê?" Ele mal percebia que seu sotaque de Nova York era tão forte que o fazia parecer da ralé. "Quer dizer, tu acha que tua mina fala com você quando sai pra comprar um par de sapatos?"

Três fileiras atrás, um jovem strattonita de cabelo castanho encaracolado e um caso sério de acne juvenil estava em pé, duro como um rodo, com seu telefone preto enfiado entre a bochecha e a clavícula. Seus braços estavam estendidos como asas de avião, e ele tinha manchas gigantes de suor em suas axilas. Enquanto gritava para seu telefone, Anthony Gilberto, o alfaiate da firma, media-o para fazer-lhe um terno. O dia todo Gilberto ia de mesa em mesa pegando medidas de jovens strattonitas e fazia ternos para eles por 2 mil dólares cada. De repente, o jovem strattonita jogou a cabeça para trás e esticou os braços o máximo possível, como se fosse mergulhar de uma plataforma de 10 metros. Então falou, num tom de alguém que está prestes a estourar: "Olha, faça um favor para si mesmo, sr. Kilgore: compre dez mil em ações. Por favor, você está me deixando louco aqui... está me deixando louco. Quer dizer, será que tenho de pegar um avião até o Texas e usar a força? Porque, se precisar, eu o farei!".

Que dedicação!, pensei. O garoto de rosto espinhento enfiava ações mesmo enquanto comprava roupas! Minha sala ficava na outra ponta do escritório, e enquanto atravessava o mar torto de humanidade sentia-me como Moisés em botas de caubói. Corretores afastavam-se para o lado, abrindo caminho para mim. Cada corretor pelo qual passava oferecia-me um piscar de olhos ou um sorriso como forma de demonstrar seu apreço por essa pequena fatia de paraíso na terra que criei. Sim, esse era o meu povo. Vieram até mim atrás de esperança, amor, aconselhamento e direção, e eu era dez vezes mais louco que todos eles. Porém, uma coisa todos tínhamos em comum: o amor incondicional pelo rugido furioso. Na verdade, nunca ficávamos satisfeitos:

"Pega a porra do telefone, por favor!", gritava um pequeno e loiro assistente de vendas.

"Pegue você a porra do telefone! É o seu trabalho, caralho."

"Estou pedindo apenas uma chance!"

"... vinte mil a oito e meio..."

"... pegue cem mil ações..."

"As ações vão estourar!"

"Pelo amor de Deus, Steven Madden é o melhor negócio em Wall Street!"

"Foda-se Merrill Lynch! Comemos essas baratinhas no café."

"Seu corretor local? Foda-se o seu corretor local! Ele está ocupado lendo o *Wall Street Journal* de ontem."

"... tenho vinte mil bônus B a quatro..."

"Foda-se isso; é lixo!"

"É, bem, foda-se você também e aquele lixo de Volkswagen que o trouxe aqui!"

Foda-se isso e foda-se aquilo! Caralho aqui e caralho ali! Era a linguagem de Wall Street. Era a essência do rugido furioso, escutado por todos os cantos. Ele o intoxicava. Ele o seduzia! Ele o

libertava, porra! Ele o ajudava a chegar a objetivos que nunca sonhou ser capaz de atingir! E arrebatava todos, especialmente a mim.

Das milhares de almas na sala de corretagem dificilmente havia alguém vivo com mais de 30; a maioria estava com 20 e poucos. Era uma multidão bonita, explodindo de vaidade, e a tensão sexual era tão pesada que se podia literalmente cheirá-la. O código de trajes para homens – *garotos!* – era um terno sob medida, camisa branca, gravata de seda e relógio de pulso de ouro puro. Para as mulheres, em minoria de dez para um, eram saias lindas, decotes enormes, sutiãs que aumentavam os peitos e saltos pontudos, quanto mais altos melhores. Era o tipo de traje estritamente proibido pelo manual do setor de recursos humanos da Stratton, mas fortemente encorajado pela administração (incluindo este que vos fala).

As coisas tinham saído tão fora do controle que jovens strattonitas estavam trepando embaixo das mesas, em cabines de banheiro, em armários, na garagem subterrânea e, lógico, no elevador panorâmico do prédio. Eventualmente, para manter algum tipo de ordem, passávamos um memorando declarando o prédio como uma Zona Sem Fodas entre as oito da manhã e as sete da noite. No topo do memorando havia estas exatas palavras, *Zona Sem Fodas*, e sob elas o contorno de pessoas trepando estilo cachorrinho. Ao redor dos desenhos havia um círculo vermelho grande com uma linha diagonal atravessando-o: uma placa estilo *Caçadores de Fantasmas*. (Certamente uma novidade em Wall Street.) Mas, ah, ninguém levava isso a sério.

Contudo, era tudo de bom e fazia total sentido. Todos eram jovens e bonitos, e estavam aproveitando o momento. Aproveitar o momento – era o verdadeiro mantra corporativo que queimava como fogo no coração e na alma de cada jovem strattonita e vibrava nos centros de prazer hiperativos de todos os milhares de cérebros recém-saídos da puberdade.

E quem podia discutir com tamanho sucesso? A quantidade de dinheiro sendo ganha era incrível. Um corretor de ações calouro esperava ganhar 250 mil dólares em seu primeiro ano. Qualquer coisa a menos e ele era suspeito. No ano dois deveria ganhar 500 mil dólares ou era considerado fraco e sem valor. E no ano três era melhor estar ganhando um milhão ou mais ou era motivo de chacota. E esses eram os mínimos; grandes produtores ganhavam o triplo disso.

E lá a prosperidade reinava. Assistentes de vendas, que eram secretárias verdadeiramente admiráveis, estavam ganhando mais de 100 mil dólares por ano. Até a garota no quadro de distribuição telefônica ganhava 80 mil dólares por ano, apenas para atender ligações. Não devia nada a uma boa corrida do ouro à moda antiga, e Lake Success tinha se tornado uma cidade próspera. Jovens strattonitas, ainda crianças, começaram a chamar o lugar de Disneylândia dos Corretores, e cada um deles sabia que, se chegasse a ser expulso do parque de diversões, nunca iria ganhar tanto dinheiro assim novamente. E era enorme o medo que vivia na base do crânio de cada jovem strattonita... de um dia perder o emprego. Então o que fariam? Afinal de contas, quando se era um strattonita, esperava-se viver a Vida – dirigir o carro mais pomposo, comer nos restaurantes mais quentes, dar as maiores gorjetas, vestir as roupas mais chiques e residir numa mansão na fabulosa Gold Coast de Long Island. E, mesmo que se estivesse apenas começando e não se tivesse um puto, então se pegaria dinheiro de algum banco insano o suficiente para emprestá-lo – sem levar em consideração a taxa de juros – e se começaria a viver a Vida, estando-se pronto para isso ou não.

Estava tudo tão fora de controle que crianças ainda com acne no rosto e apenas recém-apresentadas a lâminas de barbear saíam por aí comprando mansões. Alguns eram tão jovens

que nem sequer se mudavam; ainda se sentiam mais confortáveis dormindo em casa com os pais. Durante os verões, alugavam casas enormes nos Hamptons, com piscinas aquecidas de frente para o oceano Atlântico. Nos finais de semana, organizavam festas loucas, tão depravadas que eram invariavelmente interrompidas pela polícia. Havia bandas tocando ao vivo; DJs nas picapes; jovens garotas da Stratton dançavam de *topless*; strippers e putas eram consideradas convidadas de honra; e, inevitavelmente, em algum momento, jovens strattonitas ficavam nus e entravam no cio sob o límpido céu azul, como animais no curral, felizes por fazer um show explícito para uma plateia sempre crescente.

Mas qual era o problema disso? Eles estavam bêbados de juventude, abastecidos pela ambição e muito drogados. E a cada dia o trem da alegria crescia, e mais e mais pessoas faziam fortunas provendo os elementos cruciais de que todo jovem strattonita precisa para viver a Vida. Havia corretores imobiliários vendendo-lhes mansões; bancos assegurando-lhes o financiamento; decoradores de interiores lotando suas mansões de móveis a preços absurdos; paisagistas cuidando da terra (qualquer strattonita pego cortando a própria grama estaria muito chapado); vendedores de carros exóticos vendendo Porsches, Mercedes, Ferraris, Lamborghinis (dirigir qualquer coisa menor era considerada uma vergonha do caralho); *maîtres* reservando mesas nos restaurantes mais chiques; cambistas vendendo assentos na primeira fila para eventos esportivos, shows de rock e espetáculos da Broadway esgotados; e joalheiros, relojoeiros, alfaiates, sapateiros, floristas, bufês, cabeleireiros, amestradores de animais, massagistas, quiropráticos, mecânicos de automóveis e todos os outros provedores de serviços de nicho (principalmente putas e traficantes de drogas) que apareciam na sala de corretagem e ofereciam seus serviços aos pés de jovens strattonitas para que não perdessem sequer um segundo de seus dias ocupados ou, pelo menos, se envolvessem em qualquer atividade extracurricular que não melhorasse diretamente sua habilidade de se dedicar a uma única ação: telefonar. Era só isso. Sorria-se e telefonava-se do segundo em que se chegava ao escritório ao segundo em que se saía. E, se o cara não estivesse motivado o suficiente para fazer isso ou não conseguisse suportar a rejeição constante de secretárias de todos os 50 estados batendo o telefone na sua cara 300 vezes por dia, havia dez pessoas bem atrás de si mais do que loucas para fazer o serviço. E então se estava fora... para sempre.

E qual a fórmula secreta que a Stratton descobrira permitindo que todas essas crianças obscenamente jovens ganhassem tais quantidades obscenas de dinheiro? Principalmente duas simples verdades: primeiro, a maior parte do 1% mais rico dos americanos era composta de apostadores enrustidos, que não podiam resistir à tentação de continuar jogando os dados, mesmo que soubessem que os dados eram viciados contra eles; e, segundo, ao contrário do que se pensava, homens e mulheres jovens com a sociabilidade de uma manada de búfalos no cio e QI de Forrest Gump, com três gotas de ácido na cuca, *podiam* ser ensinados a soar como magos de Wall Street, desde que se anotasse tudo para eles e se continuasse a fazer lavagem cerebral todo dia, duas vezes por dia, pelo período de um ano.

Quando boatos sobre esse segredinho começaram a correr por Long Island – que havia um escritório maluco, em Lake Success, onde tudo que se tinha de fazer era aparecer, seguir ordens, jurar lealdade incondicional ao dono, e ele o deixaria rico –, crianças começaram a aparecer na sala de corretagem sem se anunciar. De início, elas pingavam; depois, choviam. Começou com crianças dos subúrbios de classe média do Queens e de Long Island, e então rapidamente se

espalhou para todos os cinco bairros de Nova York. Antes que eu percebesse, estavam vindo de todos os Estados Unidos, implorando-me por empregos. Crianças simples viajavam todo o país até a sala de corretagem da Stratton Oakmont e juravam lealdade incondicional ao Lobo de Wall Street. E o resto, como dizem, é história de Wall Street.

Como sempre, minha ultraleal assistente pessoal, Janet[1], estava sentada à sua mesa, aguardando ansiosamente minha chegada. Nesse momento em particular, ela estava batendo o indicador direito no tampo da mesa e balançando a cabeça de uma maneira que dizia: "Por que diabos o meu dia muda totalmente quando meu chefe louco decide aparecer para trabalhar?". Ou talvez fosse apenas minha imaginação e ela estivesse simplesmente entediada. De qualquer forma, a mesa de Janet ficava bem em frente à minha porta, como se ela fosse um zagueiro protegendo a área. Isso não era por acaso. Entre suas muitas funções, Janet era minha guardiã. Se alguém quisesse me ver ou falar comigo, primeiro tinha de passar por Janet – o que não era fácil. Ela me protegia como uma leoa faz com seus filhotes, não tendo o menor problema para liberar sua fúria sobre qualquer alma viva que tentasse romper o bloqueio.

Assim que Janet me viu, soltou um sorriso caloroso, e fiquei um instante contemplando-a. Ela estava com quase 30 anos, mas parecia um pouco mais velha. Tinha mechas grossas de cabelo castanho-escuro, pele bem clarinha e um corpinho rígido. Possuía belos olhos azuis, mas havia certa tristeza neles, como se tivessem visto dor demais. Talvez fosse por isso que Janet aparecia para o trabalho todo dia vestida de Morte. Sim, dos pés à cabeça, ela sempre trajava preto, e hoje não era exceção.

"Bom dia", disse Janet, com um sorriso alegre e um leve toque de aborrecimento na voz. "Por que está tão atrasado?"

Sorri calorosamente para minha ultraleal assistente. Na verdade, apesar da aparência funesta e da sua necessidade infinita de saber cada detalhe das minhas fofocas pessoais, eu sentia muito prazer ao vê-la. Ela era a duplicata de Gwynne no escritório. Fosse para pagar minhas faturas, controlar minhas contas de corretagem, cuidar de meu horário, organizar minhas viagens, pagar minhas putas, negociar com meus traficantes de droga ou mentir para qualquer esposa com quem estivesse casado no momento, não havia tarefa grande demais nem pequena demais que Janet não fizesse o possível para realizar. Era incrivelmente competente e nunca cometia um erro.

Janet também fora criada em Bayside, mas seus pais morreram quando ela era pequena. Sua mãe fora uma boa mulher, mas seu pai a maltratava, um perfeito filho da puta. Fiz o que podia para que se sentisse amada. E eu a protegia da mesma forma que ela fazia comigo.

Quando Janet se casou, no mês passado, preparei para ela um casamento incrível e acompanhei-a na entrada com grande orgulho. Naquele dia ela usou um vestido de noiva Vera Wang branco-neve – pago por mim e escolhido pela Duquesa, que também passou duas horas fazendo a maquiagem de Janet. (Sim, a Duquesa também era aspirante a maquiadora.) E Janet ficou totalmente deslumbrante.

"Bom dia", respondi com um sorriso caloroso. "A sala está com um som bom hoje, não?"

Sem emoção: "Sempre está, mas você não me respondeu. Por que está tão atrasado?".

Que garota controladora ela era, e abelhuda demais também. Soltei um suspiro longo e disse: "Nadine ligou, por acaso?".

“Não. Por quê? Que aconteceu?” Eram perguntas-metralhadora. Aparentemente ela sentiu uma fofoquinha suculenta no ar.

“Não aconteceu nada, Janet. Cheguei tarde em casa, e Nadine ficou puta e jogou um copo d’água em mim. Foi isso; na verdade, foram três copos, mas quem fica contando? De qualquer forma, o resto é muito bizarro para colocar em palavras, mas preciso enviar flores a ela já ou, caso contrário, talvez eu esteja atrás da esposa número três antes que o dia termine.”

“Quantas devo enviar?”, perguntou, pegando um bloco com espiral e uma caneta Montblanc.

“Não sei... 3 ou 4 mil dólares. Apenas lhes diga para enviar a porra do caminhão inteiro. E faça com que sejam montes de lírios. Ela gosta de lírios.”

Janet franziu o cenho e comprimiu os lábios, como se dissesse: “Você está quebrando nosso acordo silencioso de que parte de meu pacote de benefícios é o direito de saber todos os detalhes sangrentos, não importando quão sangrentos sejam!”. Mas, sendo uma profissional, movida pelo senso de dever, tudo que ela disse foi: “Certo, você me conta a história depois”.

Fiz que sim com a cabeça, sem convencer. “Talvez, Janet, veremos. Então me diga o que está acontecendo.”

“Bem... Steve Madden está zanzando por aqui em algum lugar e parece meio nervoso. Não acho que ele vá se dar bem hoje.”

Uma tempestade imediata de adrenalina. *Steve Madden!* O irônico era que, com todo o caos e a insanidade desta manhã, não havia me dado conta de que a Sapatos Steve Madden iria a público hoje. Na verdade, antes de o dia terminar eu estaria fechando o caixa na casa das 20 milhões de pratas. Nada mal! E Steve tinha de aparecer diante da sala de corretagem e fazer um pequeno discurso, uma espécie de show de faz de conta. Ora, isso seria interessante! Não sabia se Steve era do tipo que conseguia olhar nos olhos selvagens de todos aqueles loucos jovens strattonitas sem engasgar.

Porém, shows de faz de conta eram uma tradição de Wall Street: pouco antes de uma nova ação ir ao mercado, o presidente surgia diante de uma multidão de corretores de ações e fazia um discurso enlatado, focando em quão glorioso era o futuro de sua empresa. Era uma espécie amigável de reunião, com um monte de tapinhas nas costas e falsos apertos de mãos.

E então havia a Stratton, onde as coisas ficavam muito feias de vez em quando. O problema era que os strattonistas não estavam nem um pouco interessados; queriam apenas ações e ganhar dinheiro. Portanto, se o orador convidado não os cativasse no momento em que começasse a falar, os strattonitas ficavam rapidamente entediados. Então começavam a vaiar – e a seguir disparar obscenidades. Por fim, atiravam coisas no orador, começando com bolinhas de papel e rapidamente mudando para produtos alimentícios, como tomates podres, coxinhas de frango comidas pela metade e maçãs mordidas.

Eu não podia permitir que tal destino terrível caísse sobre Steve Madden. Primeiro e acima de tudo, ele era amigo de infância de Danny Porush, meu vice-presidente. E, segundo, eu era proprietário de mais da metade da empresa de Steve, portanto, basicamente, estava levando meu próprio negócio a público. Eu dera a Steve 500 mil dólares para o capital inicial por volta de 16 meses atrás, o que me tornou o maior acionista da empresa, com 85% das ações. Alguns meses depois, vendi 35% de minhas ações por pouco mais de 500 mil dólares, recuperando meu investimento original. Agora eu possuía 50% de graça! Isso é que é negócio bom!

Para falar a verdade, foi esse processo de comprar ações de empresas privadas e depois

revender uma parte de meu investimento original (e recuperar meu dinheiro) que tornara a Stratton muito mais uma gráfica do que qualquer outra coisa. E, como eu usava o poder da sala de corretagem para levar minhas próprias empresas a público, meu patrimônio líquido decolava cada vez mais. Em Wall Street, esse procedimento era chamado de "banco de investimento", mas para mim era como ganhar na loteria a cada quatro semanas.

Disse para Janet: "Ele deve se sair bem, mas, caso dê errado, vou subir lá para salvá-lo. E que mais está acontecendo?".

Dando de ombros: "Seu pai está te procurando, e ele parece puto".

"Ah, merda!", murmurei. Meu pai, Max, era o verdadeiro diretor financeiro da Stratton e também autodesignado chefe da Gestapo. Ele era tão doente que, às 9h, ficava zanzando pela sala de corretagem com um copo de isopor cheio de vodca Stolichnaya, fumando seu vigésimo cigarro. No porta-malas de seu carro, mantinha um taco de beisebol de mais de um quilo, autografado por Mickey Mantle, para que pudesse arrebentar a "porra da janela" de qualquer corretor insano o suficiente para estacionar em sua simpática vaga. "Ele falou o que queria?"

"Não!", respondeu minha leal assistente. "Perguntei, e ele rosnou para mim, como um cachorro. Ele está realmente puto com alguma coisa e, se eu tivesse de adivinhar, diria que é a conta da American Express de novembro."

Forcei um sorriso. "Será?" De repente, o número de meio milhão surgiu borbulhando, sem ser convidado, em meu cérebro.

Janet acenou com a cabeça. "Ele estava segurando a conta na mão e era dessa largura." O espaço entre seu polegar e o indicador era de uns bons sete centímetros.

"Hmmmmm..." Fiquei um tempo ponderando sobre a conta da American Express, mas algo bem distante chamou minha atenção. Estava flutuando... flutuando... que diabos era aquilo? Estreitei os olhos. Caralho... alguém tinha trazido para o escritório uma bola de praia de plástico, vermelha, branca e azul! Era como se a sede corporativa da Stratton Oakmont fosse um estádio, o piso da sala de corretagem a seção da orquestra e os Rolling Stones estivessem prestes a fazer um show.

"... além de tudo, ele está limpando a porra do aquário", disse Janet. "É inacreditável!"

Só peguei o fim do que Janet estava dizendo e resmunguei: "É, bem, sei o que quer dizer...".

"Você não ouviu uma palavra do que eu disse", murmurou, "portanto não finja que entendeu."

Porra! Quem, além de meu pai, falava comigo daquela forma? Bem, talvez minha esposa, mas, no caso dela, normalmente eu merecia. Eu amava Janet, apesar de sua língua ferina. "Muito engraçado. Agora me conte o que você disse."

"O que eu disse foi que aquele garoto ali é inacreditável", ela apontou para uma mesa a uns 20 metros. "Qual é o nome dele? Robert alguma coisa... ele está limpando o aquário em meio a tudo isso. Quer dizer, é dia de novas debêntures! Você não acha que isso é meio maluco?"

Olhei na direção do suposto criminoso: um jovem strattonita – não, definitivamente não era um strattonita –, um jovem desajustado, com uma mecha feroz de cabelo castanho encaracolado e gravata-borboleta. O fato de ter um aquário sobre a mesa não era tão surpreendente. Os strattonitas podiam levar animais de estimação para o escritório. Havia iguanas, furões, hamsters, periquitos, tartarugas, tarântulas, cobras, fuinhas e o que quer que esses jovens maníacos pudessem adquirir com seus altos salários. Na verdade, havia até uma arara vermelha com um vocabulário de mais de 50 palavras em inglês, que podia mandar você ir se foder quando não

estava ocupada imitando os jovens strattonitas enfiando ações. A única vez que interferi nesse negócio de animais de estimação foi quando um jovem strattonita trouxe um chimpanzé de fraldas usando patins.

“Vá chamar Danny”, bradei. “Quero que ele cuide desse moleque.”

Janet aquiesceu e foi buscar Danny, enquanto fiquei lá abismado. Como pôde esse imbecil de gravata-borboleta cometer um ato... atroz pra caralho? Um ato que ia contra a ideia de tudo o que a sala de corretagem da Stratton Oakmont representava! Era um sacrilégio! Não contra Deus, lógico, mas contra a Vida! Era a forma mais rude de ruptura do código de ética da Stratton. E a punição era... qual era a punição? Bem, eu deixaria isso para Danny Porush, meu sócio júnior, que tinha um dom incrível para disciplinar strattonitas impertinentes. Na verdade, ele sentia prazer nisso.

Foi então que vi Danny andando na minha direção, com Janet seguindo-o dois passos atrás. Danny parecia puto, o que significava que o corretor de gravata-borboleta estava ferrado. Enquanto ele se aproximava, aproveitei para observá-lo, e não pude deixar de me divertir com o fato de ele parecer normal. Era realmente irônico. Na verdade, vestido como ele estava, num terno cinza risca de giz, camisa branquíssima e gravata de seda vermelha, nunca se imaginaria que ele estava próximo de atingir seu objetivo, publicamente anunciado, de transar com todas as assistentes de vendas na sala de corretagem.

Danny Porush era um judeu do tipo ultrasselvagem. Tinha altura e peso medianos, por volta de 1,80 metro, 75 quilos, e não apresentava nenhum traço que indicasse que era um membro da Tribo. Mesmo seus olhos azulados, que geravam quase a mesma quantidade de calor que um *iceberg*, não tinham nada de Yid.[2]

E isso era apropriado, pelo menos do ponto de vista de Danny. Afinal de contas, como muitos judeus antes dele, Danny ardia com o desejo secreto de ser confundido com um WASP e fazia o possível para se disfarçar completamente de WASP – dentes incrivelmente esmaltados, que tinham sido branqueados e ajeitados até ficarem grandes e brancos, parecendo radioativos, óculos de casco de tartaruga com lentes sem grau (Danny tinha visão perfeita) e sapatos de couro preto e bicos extravagantes feitos sob medida, que eram polidos até poderem servir de espelho.

E que piada cruel... levando-se em consideração sua idade avançada de 34 anos, Danny dera um novo significado ao termo “psicologia anormal”. Talvez eu devesse ter suspeitado disso seis anos atrás, quando o conheci. Aconteceu antes de começar a Stratton, e Danny trabalhava para mim como corretor *trainee*. Durante a primavera, eu lhe pedira para me acompanhar em uma ida breve a Manhattan a fim de me encontrar com o contador. Chegando lá, ele me convenceu a dar uma passada rápida numa casa de fumo em Harlem, onde me contou sua história de vida – dizendo que seus dois últimos negócios, um serviço de mensageiros e um serviço ambulatorial, foram cheirados. Ainda me disse que se casara com sua própria prima de primeiro grau, Nancy, porque ela era muito gostosa. Quando lhe perguntei se se preocupava com procriação consanguínea, ele respondeu que dava a maior importância e que, se tivessem um filho *retardado*, ele simplesmente o deixaria nos degraus de uma instituição, e estaria tudo resolvido.

Talvez eu devesse ter fugido naquele instante, percebendo que um cara como esse podia fazer brotar o pior em mim. Em vez disso, emprestei dinheiro para Danny a fim de ajudá-lo a se

reerguer, e então o treinei para se tornar um corretor de ações. Um ano depois, comecei a Stratton e deixei Danny lentamente ir comprando ações e tornar-se sócio. Nos últimos cinco anos, Danny provou ser um guerreiro feroz – afastando qualquer um de seu caminho e segurando sua posição como número dois da Stratton. E, apesar disso tudo, apesar de toda essa sua insanidade, não havia como negar que ele era esperto como um chicote, perspicaz como uma raposa, cruel como um huno e, acima de tudo, leal como um cão. Hoje, na verdade, contava com ele para fazer quase todo o meu trabalho sujo, uma função que lhe dava mais prazer do que se pode imaginar.

Danny cumprimentou-me como os mafiosos fazem, com um abraço caloroso e um beijo em cada lado do rosto. Era um sinal de lealdade e respeito, e na sala de corretagem da Stratton Oakmont era um gesto extremamente apreciado. Pelo canto dos olhos, contudo, vi Janet, a cínica, revirando os olhos com desdém, como se ridicularizasse a demonstração de lealdade e carinho por parte de Danny.

Danny liberou-me de seu abraço da Máfia e murmurou: “Vou matar aquele moleque dos infernos. Juro por Deus!”.

“Não vai cair bem, Danny, principalmente hoje.” Dei de ombros. “Acho que você deve dizer-lhe que, se o aquário não estiver fora daqui no final do dia, o aquário fica e ele sai. Mas você decide; faça o que quiser.”

Janet, a instigadora: “Ah, meu Deus! Ele está usando uma gravata-borboleta! É inacreditável!”.

“Esse rato filho da puta!”, disse Danny, num tom usado para descrever alguém que acabou de estuprar uma freira e depois a matou. “Vou cuidar desse moleque de uma vez por todas... do meu jeito!” Irado e bufando, Danny marchou sobre a mesa do corretor e começou a conversar com ele.

Após alguns segundos, o corretor começou a balançar a cabeça, negando. Então mais alguma coisa foi dita, e o corretor seguiu balançando a cabeça, ainda negando. Agora Danny começou a balançar sua própria cabeça, da forma que uma pessoa faz quando está perdendo a paciência.

Janet, com uma pérola de sabedoria: “Gostaria de saber o que estão falando. Gostaria de ter orelhas biônicas como a Mulher de 6 Milhões de Dólares, sabe?”.

Balancei a cabeça com nojo. “Nem vou me dignar a responder, Janet. Mas, apenas para que saiba, não houve Mulher de 6 Milhões de Dólares. Foi a Mulher Biônica.”

De repente, Danny estendeu a palma na direção da mão esquerda do corretor, que segurava uma redinha de pesca, e começou a balançar os dedos, como se dissesse: “Me dê a porra da redinha!”. O corretor respondeu jogando o braço para o lado – mantendo a redinha longe do alcance de Danny.

“O que você acha que ele vai fazer com a redinha?”, perguntou a aspirante a Mulher Biônica.

Avaliei as possibilidades em minha mente. “Não tenho certeza... Ah, merda, sei exatamente o que...”

De repente, mais rápido do que parecia possível, Danny arrancou o paletó, jogou-o no chão, desabotoou as mangas da camisa, ergueu-a acima dos cotovelos e enfiou a mão dentro do aquário. Todo o seu antebraço estava submerso. Então começou a mexer o braço para lá e para cá, tentando pegar um inocente peixinho laranja na palma da mão. Seu rosto estava rígido como pedra e seu olhar era o de um homem possuído pela pura maldade.

Uma dúzia de jovens assistentes de vendas, que estavam próximas à ação, pularam de suas cadeiras e recuaram horrorizadas com a imagem de Danny tentando capturar o inocente peixinho.

"Ah... meu... Deus", disse Janet. "Ele vai matá-lo."

De repente, os olhos de Danny se escancararam e seu queixo caiu uns bons cinco centímetros. Era um rosto que dizia algo como "Peguei!". Um segundo depois, tirou o braço do aquário, com o peixinho laranja firmemente agarrado.

"Ele o pegou!", gritou Janet, enfiando o punho na boca.

"É, mas a pergunta de 1 milhão de dólares é: o que ele irá fazer com isso?" Fiz uma brevíssima pausa e então completei: "Mas estou com vontade de apostar 100 mil dólares contra mil seus que ele irá comê-lo. Topa?".

Uma resposta imediata: "Cem pra um? Tô dentro! Ele não fará isso! É muito nojento. Quer dizer...".

Janet parou de falar quando Danny subiu sobre uma mesa e esticou os braços, como se fosse Jesus Cristo na cruz. Ele gritou: "Isso é o que acontece quando você fode com seus animaizinhos em dia de novas debêntures!". E, completando o pensamento: "E nada dessas merdas de gravatas-borboleta na sala de corretagem! É ridículo... pra caralho!".

Janet, esquivando-se: "Quero cancelar a aposta já!".

"Desculpe-me, tarde demais!"

"Ora... não é justo!"

"Nem a vida é, Janet." Dei de ombros inocentemente. "E você devia saber isso." Como se não estivesse nem aí, Danny abriu a boca e jogou o peixinho laranja goela abaixo.

Uma centena de assistentes de vendas engasgou coletivamente, enquanto dez vezes mais corretores começaram a aplaudir com admiração – fazendo homenagem a Danny Porush, carrasco da inocente vida marinha. Sem perder a oportunidade, Danny respondeu com uma reverência formal, como se estivesse num palco da Broadway. Então pulou da mesa para os braços de seus admiradores.

Comecei a falar rindo para Janet. "Bem, não se preocupe em me pagar. Vou apenas descontar do seu salário."

"Não se atreva!", assobiou.

"Certo, você pode ficar me devendo, então!" Sorri e pisquei. "Agora vá pedir as flores e traga-me um café. Já está na hora de começar essa porra de dia." Com leveza em meus passos e um sorriso no rosto, entrei em meu escritório e fechei a porta... pronto para enfrentar qualquer coisa que o mundo pudesse arremessar contra mim.

---

1 O nome foi alterado. (N.A.)

2 Maneira depreciativa de se referir a algo judeu. (N. T.)

CAPÍTULO 6

CONGELANDO OS REGULADORES

Menos de cinco minutos depois, eu estava sentado em minha sala, diante de uma mesa apropriada para um ditador, numa cadeira grande como um trono. Deitei a cabeça para o lado e disse para os outros dois ocupantes da sala: "Agora, deixe-me entender isso direito: vocês querem trazer um anão aqui e arremessar sua bundinha por aí pela sala de corretagem?". Em uníssono, concordaram com a cabeça.

Sentado à minha frente, numa poltrona de couro vermelho-escura bem estofada, estava ninguém menos que Danny Porush. Nesse momento em particular, ele não parecia ter nenhuma lembrança de sua última pescaria e estava tentando me vender sua última grande ideia: pagar a um anão cinco mil para vir à sala de corretagem a fim de ser arremessado pelos corretores, o que seria certamente a primeira Competição de Arremesso de Anão na história de Long Island. Apesar de toda essa coisa parecer estranha, fiquei de alguma forma intrigado.

Danny deu de ombros: "Não é tão louco quanto parece. Quer dizer, não é que vamos ficar arremessando o babaquinha em qualquer direção. Da forma como planejei, colocaremos colchões de luta na frente da sala de corretagem e daremos aos cinco melhores corretores no negócio da Madden dois arremessos cada. Pintaremos um alvo numa ponta do colchão e colocaremos algumas fitas de velcro para que o babaquinha grude. Então escolheremos algumas das melhores assistentes de vendas para segurar placas... como se fossem árbitras numa competição de salto ornamental. Eles podem pontuar baseados em estilo de arremesso, distância, grau de dificuldade e todo esse tipo de merda".

Balancei a cabeça sem conseguir acreditar: "Onde você irá encontrar um anão em tão curto prazo?". Olhei para Andy Green, o terceiro ocupante da sala. "Qual é sua opinião sobre isso? Você é o advogado da firma; deve ter algo a dizer, não?"

Andy aquiesceu sabiamente, como se estivesse medindo a resposta legal apropriada. Ele era um velho e confiável amigo, recentemente promovido a chefe do Departamento Financeiro Corporativo da Stratton. E era função de Andy filtrar os montes de planos de negócios que a Stratton recebia todos os dias e decidir qual, se houvesse algum, valia a pena passar por mim. Na essência, o Departamento Financeiro Corporativo servia como uma fábrica – provendo bens manufaturados na forma de ações e bônus de ofertas públicas iniciais, ou novas debêntures, quando a notícia chegasse a Wall Street.

Andy estava trajando o uniforme típico da Stratton – consistindo num imaculado terno Gilberto, camisa branca, gravata de seda e, no seu caso, a pior peruca deste lado da Cortina de Ferro. Hoje, em particular, parecia que alguém pegara um rabo de macaco e jogara sobre seu crânio judeu em forma de ovo, derramara goma-laca, enfiara uma tigela de cereais sobre a goma e então colocara uma placa de urânio sobre a tigela, deixando-a lá por um tempo. Era esse o verdadeiro motivo para o apelido oficial de Andy na Stratton ser Cabana.

"Bem", disse Cabana, "por questões de segurança, se conseguirmos uma autorização por escrito do anão, junto com algum contrato contra danos físicos, não acho que teremos alguma

responsabilidade se o anão acabar quebrando o pescoço. Mas precisaríamos ter toda a precaução que uma pessoa razoável teria, que é claramente o imperativo legal numa situação como...”

Porra! Não queria uma droga de uma análise legal de todo esse negócio de arremesso de anão – apenas queria saber se Cabana achava que era bom para o moral dos corretores! Então me desliguei, mantendo um olho nos números e nas letras de diodo verde correndo pelos monitores de computador em cada lado de minha mesa e outro olho na janela de vidro prateado que ia do chão ao teto e permitia ver a sala de corretagem.

Cabana e eu nos conhecíamos desde o ensino fundamental. Naquela época, ele tinha uma cabeça incrível, com o mais belo cabelo loiro que já se viu, fino como palha de milho. Mas, ah, no seu 17º aniversário, seu maravilhoso couro cabeludo era uma lembrança distante, sem cabelo nem para o homem temeroso pentear de lado.

Diante do destino iminente de ser careca como uma águia ainda no ensino médio, Andy decidiu trancar-se em seu porão, fumar cinco mil baseados de haxixe mexicano barato, jogar videogame, comer pizza congelada no café da manhã, no almoço e no jantar e aguardar a Mãe Natureza, essa vagabunda, terminar sua brincadeira cruel.

Ele emergiu de seu porão três anos atrás, um judeu teimoso parecendo ter 50 anos, com alguns poucos fios de cabelo, uma pança assombrosa e uma recém-descoberta personalidade, que era uma mistura do insípido Bisonho, do Ursinho Puff, e Henny Penny, que achava que o céu estava caindo. Na juventude, Andy conseguiu ser pego colando em vestibulares, forçando-o ao exílio na pequena cidade de Fredonia, no norte de Nova York, onde estudantes congelavam durante o verão, na instituição educacional local, a Universidade Estadual de Fredonia. Mas ele conseguiu atravessar as rigorosas exigências acadêmicas daquela bela instituição e formou-se cinco anos e meio depois – nem um pouco mais esperto, porém bem mais desajustado. De lá, deu uma enganada em alguma escola de direito de quinta categoria no sul da Califórnia – conseguindo um diploma que tinha quase o mesmo valor de um pacote de Elma Chips.

Mas, lógico, na firma de investimentos da Stratton Oakmont, meras trivialidades como essas não significavam muito. Tudo tinha a ver com relacionamentos pessoais; isso e lealdade. Então, quando Andrew Todd Green, apelidado Cabana, ficou sabendo do enorme sucesso de seu amigo de infância, fez como o resto de meus amigos de infância e me procurou, jurou lealdade incondicional e subiu no trem da alegria. Isso foi há pouco mais de um ano. Desde então, à moda da Stratton, ele sacaneou, apunhalou pelas costas, manipulou, enganou e afastou qualquer um que se colocou em seu caminho, até que chegou como um total idiota no topo máximo da cadeia alimentar da Stratton.

Como ele não possuía nenhuma experiência na arte sutil das finanças corporativas do estilo da Stratton – identificar empresas emergentes desesperadas por dinheiro que se dispunham a vender para mim uma parte significativa de suas ações antes de eu financiá-las –, eu ainda estava no processo de treiná-lo. E, dado que Cabana possuía um diploma de direito que eu não usaria para limpar a bundinha perfeita de minha filha, eu o iniciei com um salário-base de 500 mil dólares.

“... então isso faz sentido para você?”, perguntou Cabana.

De repente, percebi que ele estava me fazendo uma pergunta, mas, além de saber que tinha algo a ver com o arremesso de anões, não tinha a menor ideia de que porra ele estava falando. Então o ignorei, virei-me para Danny e perguntei: “Onde você vai encontrar um anão?”.

Ele deu de ombros. “Não tenho certeza, mas, se você me der o sinal verde, meu primeiro

telefonema será para o Circo Irmãos Ringling.”

“Ou talvez para a Federação Internacional de Luta Livre”, completou meu fiel advogado.

Meu Deus!, pensei. Eu estava rodeado de mais xaropes que uma farmácia! Respirei fundo e disse: “Ouçam, rapazes, ficar zuando anões não é uma brincadeira legal. Se fossem do mesmo tamanho que a gente, seriam mais fortes que ursos pardos, e, se querem saber a verdade, tenho um puta medo deles! Então, antes de aprovar esse negócio de arremessar anão, vocês precisam encontrar um guarda-florestal que possa frear a criaturazinha caso ela fique nervosa. Então iremos precisar de dardos tranquilizantes, um par de algemas, uma maça...”.

Cabana entrou na conversa: “Uma camisa de força...”.

Danny completou: “Uma cerca elétrica...”.

“Exatamente”, falei, com uma risadinha. “E vamos comprar também uns frascos de salitre, apenas para segurança. Afinal de contas, o babaca pode ficar de pau duro e correr atrás de alguma assistente de vendas. Eles têm tesão, os pequenos, e podem foder como coelhos.” Todos gargalhamos com isso. Eu disse: “Agora sério, se isso chegar à imprensa vamos pagar caro”.

Danny deu de ombros. “Não sei, acho que podemos ver a coisa toda pelo lado positivo. Quer dizer, pense sobre isso um instante: quantas oportunidades de emprego há para anões? Será como se estivéssemos ajudando os menos afortunados.” Ele deu de ombros novamente. “De qualquer forma, ninguém dará a mínima.”

Bem, ele tinha razão sobre isso. A verdade é que ninguém podia ligar menos para os jornais. Todos tinham o mesmo mote negativo – que os strattonitas eram renegados selvagens, capitaneados por mim, um jovem banqueiro precoce, que criara seu próprio universo independente em Long Island, onde não mais existia comportamento normal. Para os olhos da imprensa, a Stratton e eu éramos inexoravelmente conectados, como gêmeos siameses. Mesmo quando doei dinheiro para uma fundação para crianças vítimas de abuso, eles conseguiram achar algo errado nisso – escrevendo um único parágrafo sobre minha generosidade e três ou quatro páginas sobre todo o resto.

O ataque da imprensa começou em 1991, quando uma repórter insolente da revista *Forbes*, Roula Khalaf, alcunhou-me de *uma versão distorcida de Robin Hood, que rouba dos ricos e dá para si mesmo e para seu bando alegre de corretores*. Ela merecia um 10 por sagacidade, é lógico. E, logicamente, fui um pouco afetado por isso, pelo menos de início, até que cheguei à conclusão de que o artigo era na verdade um cumprimento. Afinal de contas, quantos homens de 28 anos recebiam atenção da *Forbes*? E não havia como negar que todo esse negócio de Robin Hood enfatizava minha natureza generosa! Depois do artigo, surgiu uma nova onda de recrutas à minha porta.

Sim, era bem irônico que, apesar de trabalhar para um cara acusado de tudo, menos dos sequestros de Lindbergh, os strattonistas não podiam ser mais orgulhosos. Ficavam zanzando pela sala de corretagem cantando “Somos seu bando feliz! Somos seu bando feliz!”. Alguns vinham ao escritório usando calças justas; outros usavam boinas extravagantes em ângulos garbosos. Alguns surgiam com a ideia inspirada de deflorar uma virgem – pela simples similaridade com a Idade Média –, mas, após uma busca acurada, não se encontrava nenhuma, pelo menos não na sala de corretagem.

Então, sim, Danny estava certo. Ninguém ligava para a imprensa. Mas arremesso de anão? Não tinha tempo para isso agora. Ainda havia assuntos sérios para resolver com a subscrição da

Steve Madden, e ainda tinha de discutir com meu pai, que estava observando de perto – segurando uma conta de meio milhão de dólares da AmEx em uma mão e, certamente, um copo de café com vodca na outra.

Disse para Cabana: “Por que você não vai atrás de Madden... quem sabe oferecer-lhe algumas palavras de encorajamento ou algo assim? Diga-lhe para ser breve e doce e não ficar falando quanto ele adora sapatos femininos. Eles podem linchá-lo por isso”.

“Perfeito”, disse Cabana, erguendo-se da cadeira. “O Sapateiro não falará nada sobre sapatos.”

Antes mesmo de ele sair, Danny estava gozando sua peruca. “Qual é a dessa merda de tapete barato dele?”, murmurou Danny. “Parece um esquilo morto, caralho.”

Dei de ombros. “Acho que é a peruca especial do Cabeleireiro. Ele tem isso há muito tempo. Talvez precise apenas ser lavada a seco. De qualquer forma, vamos falar sério um pouco: ainda há o mesmo problema com o negócio da Madden, e estamos sem tempo.”

“Pensei que a NASDAQ tivesse dito que o listariam”, disse Danny.

Balancei a cabeça. “Eles irão, mas apenas permitirão que mantenhamos 5% de nossas ações; só isso. O resto, precisamos passar para Steve antes que comece a ser negociado. Isso significa que temos de assinar os papéis agora, hoje de manhã! E também temos de acreditar que Steve será honesto depois que a empresa for a público.” Comprimi os lábios e comecei a balançar a cabeça lentamente. “Não sei, Dan... tenho a sensação de que ele está jogando seu próprio xadrez conosco. Não sei se fará o que for preciso caso as coisas apertem.”

“Pode confiar nele, JB. Ele é 100% leal. Conheço o cara há tempos, e acredite em mim... ele conhece o código de *omertà* tão bem quanto qualquer um.” Danny colocou o polegar e o indicador à frente da boca e girou-os, como se dissesse “Ele manterá a boca bem fechada”, que é exatamente o que a palavra da Máfia *omertà* significava: silêncio. Então falou: “De qualquer forma, depois de tudo que você fez por ele, ele não irá te foder. Steve não é idiota, e está ganhando tanto dinheiro como meu laranja que não vai arriscar perder isso”.

Laranja era uma senha da Stratton para se referir a um nomeado, uma pessoa que possuía ações no papel, mas nada mais era do que um homem de frente. Não havia nada inerentemente ilegal em ser um nomeado, enquanto os devidos impostos estivessem sendo pagos e o acordo de nomeação não violasse as leis mobiliárias. Na verdade, o uso de nomeados era muito comum em Wall Street, com grandes jogadores usando-os para obter posições acionárias numa companhia sem alertar outros investidores. E, desde que não se adquirisse mais de 5% de qualquer empresa – quando seria requisitada a apresentação de um 13D revelando sua propriedade e intenções –, era perfeitamente legal.

Mas o modo como estávamos usando nomeados – para comprar secretamente grandes quantidades das novas debêntures da Stratton – violava tantas leis mobiliárias que a Comissão de Valores Mobiliários estava tentando novas formas de nos impedir. O problema era que as leis atuais tinham mais furos que queijo suíço. Logicamente, não éramos os únicos em Wall Street levando vantagem nisso; na verdade, todos estavam. A diferença era que nós estávamos fazendo isso com um pouco mais de pretensão... e cara de pau.

Falei para Danny: “Sei que ele é seu laranja, mas controlar pessoas usando o dinheiro não é tão fácil quanto parece. Confie no que estou dizendo. Faço isso há mais tempo que você. Tudo depende de se controlar as expectativas futuras do seu laranja, e pouco com o que se fez por ele

no passado. Os lucros de ontem são coisas ultrapassadas e, acima de tudo, são usados contra você. Pessoas não gostam de se sentir em dívida com alguém, principalmente um amigo próximo. Então, após um tempo, seus laranjas começam a se ressentir com você. Já perdi alguns amigos assim. Você também poderá; verá em breve. De qualquer forma, o que estou tentando dizer é que amizades compradas com dinheiro não duram muito, e o mesmo acontece com lealdade. É por isso que amigos antigos como Cabana não têm preço por aqui. Não se pode comprar lealdade assim; entende o que estou dizendo?".

Danny concordou com a cabeça. "Sim, e é isso que tenho com Steve."

Aquiesci com tristeza. "Não me entenda mal, não estou tentando diminuir seu relacionamento com Steve. Mas aqui estamos falando de oito milhões de pratas, no mínimo. Dependendo do que acontecer à empresa, pode ser dez vezes isso." Dei de ombros. "Quem sabe o que vai acontecer na verdade? Não tenho uma bola de cristal no bolso... porém tenho seis Ludes, e ficarei feliz em dividi-los com você depois que o mercado fechar!" Ergui as sobrancelhas três vezes numa sucessão rápida.

Danny sorriu e me fez o sinal com o polegar para cima. "Estou dentro!"

Acenei com a cabeça. "De qualquer forma, falando sério, preciso te dizer que estou com um pressentimento realmente bom em relação a isso. Acho que a empresa tem uma boa chance de fazer um golaço. E, se o fizer, teremos dois milhões de ações. Então faça as contas, amigo: a cem pratas a ação, serão 200 milhões. E essa quantidade de dinheiro leva as pessoas a fazer coisas estranhas. Não apenas Steve Madden."

Danny concordou e disse: "Entendo o que está dizendo, e não há dúvida de que você é o mestre nessas coisas. Mas estou te falando, Steve é leal. O único problema é como tirar todo esse dinheiro dele. Ele paga lentamente".

Era um argumento válido. Um dos problemas com laranjas era descobrir como gerar grana sem levantar nenhuma bandeira vermelha. Era mais fácil falar do que fazer, principalmente quando os números iam para a casa dos milhões. "Há maneiras...", eu disse com confiança. "Podíamos arranjar alguma espécie de contrato de consultoria, mas se os números chegarem à casa das dezenas de milhões teremos de considerar a ideia de fazer algo com nossas contas suíças, apesar de que eu gostaria de manter isso o mais sigiloso possível. De qualquer forma, da maneira como as coisas estão indo, temos negócios maiores do que a Sapatos Steve Madden... como as outras 15 empresas indo para o mesmo caminho da Madden. E se estou com dificuldade para confiar em Steve, bem, a maioria das pessoas eu mal conheço."

Danny falou: "Apenas me diga o que quer que eu faça com Steve e eu o farei. Mas ainda lhe afirmo que não há por que se preocupar com ele. Ele idolatra você mais do que qualquer um".

Eu estava bem ciente de como Steve me idolatrava, talvez ciente demais. A verdade era que eu tinha feito um investimento na Sapatos Steve Madden e pegado 85% em troca, então o que ele me devia de fato? Na verdade, a não ser que fosse a reencarnação de Mahatma Gandhi, ele tinha de estar bravo comigo – pelo menos de alguma forma – por pegar tamanha porcentagem de sua xará. E havia outras coisas sobre Steve que me incomodavam, coisas que não podia comentar com Danny – isto é, que Steve sugerira sutilmente que preferia negociar diretamente comigo em vez de através de Danny. E, por eu não ter dúvida de que Steve estava simplesmente tentando ganhar pontos comigo, sua estratégia não poderia ter sido mais errada. Isso provou apenas que Steve era esperto e manipulador – e, mais importante, em busca de um Negócio Maior e Melhor.

Se em algum momento ele descobrisse um Negócio Maior e Melhor do que eu, o jogo acabaria.

Nesse momento, Steve precisava de mim. Mas tinha pouco a ver com a Stratton ter lhe emprestado 7 milhões de dólares, e menos ainda com os aproximadamente 3 milhões de dólares que Danny passara a ele como seu laranja. Isso não era novidade. Pensando na frente, minha influência sobre Steve era baseada na minha habilidade de poder controlar o preço de suas ações depois que elas fossem a público. Como principal abridor de mercados para Steve Madden, praticamente todas as compras e vendas ocorreriam dentro das quatro paredes da sala de corretagem da Stratton – o que me daria a oportunidade de subir e descer as ações quando achasse adequado. Então, se Steve não jogasse o jogo, eu podia literalmente derrubar os preços de suas ações até que estivessem sendo negociadas a centavos.

Era esse mesmo machado, na verdade, que pairava sobre a cabeça de todos os clientes do banco de investimentos da Stratton Oakmont. E eu usava isso para garantir que se mantivessem leais à causa da Stratton: emitir para mim novas ações, abaixo do preço de mercado prevalecente, que eu poderia vender depois com um lucro enorme, usando o poder da sala de corretagem.

Logicamente, não fui eu quem criou esse jogo esperto de extorsão financeira. Na verdade, o mesmo processo ocorria nas mais prestigiadas firmas de Wall Street – firmas como Merrill Lynch, Morgan Stanley, Dean Witter, Salomon Brothers e várias outras –, nenhuma das quais teria o menor escrúpulo em destruir uma companhia de 1 bilhão de dólares se ela decidisse não jogar o jogo com eles.

Era irônico, pensei, que as melhores e supostamente mais legítimas instituições financeiras dos Estados Unidos tivessem enganado o mercado do Tesouro (Salomon Brothers); falido Orange County, na Califórnia (Merrill Lynch); e lesado vovós e vovôs em cerca de 300 milhões de dólares (Prudential-Bache). Porém, todos eles ainda estavam ativos – ainda prosperando, na verdade, sob a proteção de um guarda-chuva WASP.

Mas, na Stratton Oakmont, onde nosso negócio era banco de investimento de microcapitalização – ou, como a imprensa gostava de se referir, ações de baixo preço –, não tínhamos tal proteção. Na realidade, todas as novas ações custavam entre 4 e 10 dólares e não eram ações de baixo preço. Era uma distinção que passava totalmente despercebida pelos reguladores, muito em razão de sua própria desinformação. Era por isso que os palhaços da Comissão de Valores Mobiliários – principalmente os dois agora acampados em minha sala de reuniões – não conseguiam decidir sobre uma ação de 22 milhões de dólares que moveram contra mim. Na essência, a Comissão engendrara seu processo como se a Stratton fosse uma firma de ações de baixo preço, mas a verdade é que a Stratton Oakmont não se parecia em nada com isso.

Firmas de ações de baixo preço eram notoriamente descentralizadas, tendo dezenas de pequenos escritórios espalhados pelo país. A Stratton, contudo, tinha apenas um escritório, o que tornava mais fácil controlar a negatividade que se espalhava por uma equipe de vendas depois que a Comissão movesse uma ação. Normalmente, bastava isso para tirar do negócio uma firma de ações de baixo preço. E firmas de ações de baixo preço miravam investidores não sofisticados, que tinham pouco ou nenhum patrimônio líquido, e convenciam-nos a especular com uns 2 mil dólares, no máximo. A Stratton, por outro lado, mirava os investidores mais prósperos dos Estados Unidos, convencendo-os a especular com milhões. Em consequência, a

Comissão não podia fazer sua alegação habitual de que os clientes da Stratton não eram adequados para arriscar seus ganhos em ações especulativas.

Mas nada disso foi notado pela Comissão antes de mover sua ação. Ao contrário, ela erroneamente acreditou que a repercussão negativa seria suficiente para tirar a Stratton do negócio. Mas, com apenas um escritório para administrar, fora fácil manter as tropas motivadas, e ninguém saiu da firma. E a Comissão, só depois de ter movido sua ação, teve a oportunidade de analisar os formulários de novas contas da Stratton e logo ficou claro que todos os clientes da Stratton eram milionários.

O que eu fiz foi descobrir um terreno intermediário obscuro – ou seja, a venda organizada de ações de 5 dólares para o 1% mais rico de americanos, algo bem diferente de vender ações de baixo preço (de menos de 1 dólar) para os outros 99%, que tinham um patrimônio líquido pequeno ou quase nenhum. Havia uma firma em Wall Street, DH Blair, que cogitara essa ideia por mais de 20 anos, mas nunca chegara às vias de fato. Apesar disso, o dono da firma, J. Morton Davis, um judeu selvagem, ainda ganhara uma fortuna do caralho no processo e era uma lenda de Wall Street.

Mas eu *chegara* aos finalmente, e por pura sorte fizera-o no momento certo. O mercado de ações estava apenas começando a se recuperar do Grande *Crash* de Outubro, e o capitalismo caótico ainda reinava supremo. A NASDAQ estava ganhando força e não era mais considerada a criança bastarda da Bolsa de Valores de Nova York. Computadores velozes como um raio estavam aparecendo em cada mesa – enviando uns e zeros sibilando de costa a costa –, eliminando a necessidade de as firmas serem fisicamente localizadas em Wall Street. Era uma época de mudanças, uma época de reviravolta. E, enquanto o volume na NASDAQ decolava, eu, coincidentemente, estava embarcando num programa de treinamento de três horas por dia com meus jovens strattonitas. Das cinzas ardentes do Grande *Crash*, o banco de investimento da Stratton Oakmont nasceu. E, antes que qualquer regulador soubesse o que estava acontecendo, ele havia atravessado o país com a força de uma bomba atômica.

De repente, um pensamento interessante ocorreu-me, e falei para Danny: “O que aqueles dois idiotas da Comissão estão dizendo hoje?”.

“Nada, na verdade”, respondeu. “Têm estado muito quietos, falando a maior parte do tempo sobre os carros no estacionamento, a merda de sempre.” Deu de ombros. “Vou te dizer, esses caras são totalmente sem noção! É como se nem soubessem que estamos fazendo um negócio hoje. Ainda estão vasculhando registros de transações de 1991.”

“Hmmm”, falei, esfregando o queixo, pensativo. Não ficara tão surpreso com a resposta de Danny. Afinal de contas, a sala de reuniões estava grampeada havia mais de um mês e eu acumulava informações de contra-inteligência contra a Comissão diariamente. E uma das primeiras coisas que aprendi sobre reguladores do mercado de capitais (além de que são totalmente desprovidos de personalidade) era que uma mão não tinha a menor ideia do que a outra mão estava fazendo. Enquanto os palhaços da Comissão em Washington, D.C., estavam aprovando a oferta pública inicial da Steve Madden, os palhaços da Comissão em Nova York estavam sentados em minha sala de reuniões, sem a menor noção do que estava prestes a ocorrer.

“Qual é a temperatura lá?”, perguntei, bastante interessado.

Danny deu de ombros. “Por volta de 15 graus, acho. Eles estão usando casaco.”

"Pelo amor de Deus, Danny! Por que está tão quente lá? Eu te falei... quero congelar aqueles babacas e mandá-los de volta para Manhattan! O que eu tenho de fazer, chamar uma porra de um técnico de geladeira aqui para fazer o serviço? Estou falando sério, Danny, quero lascas de gelo saindo da porra do nariz deles! Qual parte disso você não entende?"

Danny sorriu. "Ouça, JB, podemos congelá-los ou podemos queimá-los. Posso até mandar instalar um daqueles pequenos aquecedores de querosene no teto e deixar a sala tão quente que eles precisarão de pílulas de sal para se manter vivos. Mas, se deixarmos o espaço assim tão desconfortável, eles podem acabar saindo, e não vamos mais escutá-los."

Respirei fundo e exalei lentamente. Danny estava certo, pensei. Sorri e falei: "Está certo, foda-se! Deixemos os babacas morrerem de velhice. Mas eis o que quero com Madden: quero que ele assine um documento dizendo que as ações continuarão nossas, sem importar quão alto chegue o preço e sem importar o que diz no prospecto. E também quero que Steve coloque o certificado de ações em escritura, para que tenhamos controle sobre elas. Deixemos Cabana ser o agente da escritura. Ninguém tem de saber sobre isso. Será tudo entre amigos; *omertà*, companheiro. Assim, a não ser que Steve tente nos ferrar, dará tudo certo".

Danny aquiesceu. "Vou cuidar disso, mas não vejo como isso irá nos ajudar. Se precisarmos tentar quebrar o acordo, teremos o mesmo problema que ele. Quero dizer, há umas 17 mil" – apesar de o escritório ter acabado de ser varrido em busca de grampos, Danny murmurou as palavras *leis que estamos infringindo* – "se Steve for laranja de todas essas ações."

Ergui a mão e sorri calorosamente. "Ei... ei... ei! Acalme-se! Antes de tudo, revirei o escritório atrás de escutas 30 minutos atrás, assim, se já estiver grampeado novamente, eles merecem nos pegar. E não são 17 mil leis que estamos infringindo; talvez três ou quatro, ou cinco, no máximo. Mas, de qualquer forma, ninguém precisa saber disso nunca." Dei de ombros e então mudei para um tom chocado: "Contudo, estou surpreso com você, Dan! Ter um acordo assinado ajuda-nos muito... mesmo que não o possamos usar na verdade. É um impedimento poderoso para evitar que ele tente nos foder".

De repente, a voz de Janet surgiu pelo interfone: "Seu pai está se dirigindo para cá".

Uma resposta rápida: "Diga-lhe que estou numa reunião, droga!".

Janet respondeu logo em seguida, rapidamente: "Vai se foder! Diga *você* a ele! Eu não irei lhe dizer isso!".

Ora, que insolência! Que audácia! Houve alguns segundos de silêncio. Então choraminguei: "Ah, vai, Janet! Será que você não pode apenas dizer-lhe que estou numa reunião importante ou numa conferência ou qualquer coisa, *por favor*?".

"Não e não", respondeu sem emoção.

"Obrigado, tenho de confessar que você é realmente um primor de assistente... caralho! Lembre-me desse dia daqui a duas semanas, quando for a hora de seu bônus de Natal, está bem?"

Fiz uma pausa e aguardei a resposta de Janet. Nada. Silêncio mortal. *Inacreditável!* Prossegui: "A que distância ele está?".

"Quase 40 metros, e aproximando-se incrivelmente rápido. Posso ver daqui as veias pulando em sua cabeça, e ele está fumando pelo menos um... ou talvez dois cigarros ao mesmo tempo. Ele parece um dragão cuspidor de fogo, juro por Deus."

"Obrigado pelo encorajamento, Janet. Você poderia ao menos criar algum tipo de distração?

Talvez puxar o alarme de incêndio ou algo assim? Eu...” De repente, Danny começou a se levantar da cadeira, como se estivesse tentando sair de meu escritório. Ergui a mão e disse com uma voz alta e direta: “Onde diabos você acha que vai, hein, amigo?”. Comecei a balançar o dedo indicador na direção do sofá. “Agora sente-se, caralho, e relaxe por um instante.” Virei a cabeça na direção do telefone preto. “Um segundo, Janet, não vá a lugar algum.” Então me virei para Danny. “Deixe-me dizer-lhe algo, amigo: pelo menos 50 ou 60 mil daquela conta da AmEx são seus, então é bom você assumir o abuso também. Além disso, os números são assustadores.” Virei a cabeça de volta na direção do fone. “Janet, diga a Kenny para arrastar a bunda para o meu escritório nesse instante. Ele tem de lidar com essa merda também. E venha abrir minha porta. Preciso de algum barulho aqui.”

Kenny Greene, meu outro sócio, era um tipo diferente de Danny. Na verdade, os dois eram exatamente opostos. Danny era o mais esperto dos dois, e, apesar de parecer improvável, era definitivamente mais refinado. Mas Kenny era mais compenetrado, abençoado com um apetite insaciável por conhecimento e sabedoria – dois atributos que não tinha. Sim, Kenny era um *débil mental*. Era triste, mas verdade. E tinha um incrível talento para dizer as maiores asneiras durante reuniões de negócios, principalmente as reuniões-chave, das quais eu não mais permitia que ele participasse. Era um fato que Danny saboreava muito, e ele quase nunca perdia uma oportunidade de me lembrar dos muitos defeitos de Kenny. Assim, eu tinha Kenny Greene e Andy Greene, nenhum parentesco – eu parecia estar rodeado por Greenes.

De repente, a porta se abriu e o rugido poderoso adentrou. Era uma puta tempestade de ambição lá fora, e eu amava cada pedacinho daquilo. O rugido poderoso – sim, essa era a droga mais poderosa de todas. Era mais forte que a fúria de minha esposa; mais forte que minhas dores nas costas; e mais forte que aqueles reguladores palhaços tiritando na minha sala de reuniões.

E era ainda mais forte que a insanidade de meu pai, que neste momento específico estava se preparando para soltar o seu próprio rugido poderoso.

CAPÍTULO 7

PREOCUPANDO-SE COM COISAS PEQUENAS

Com um tom ameaçador, e seus olhos azuis brilhantes bem salientes, parecendo um personagem de quadrinhos prestes a estourar, Mad Max disse: “Se vocês três, babacas, não tirarem esses olhares convencidos da porra do rosto, juro por Deus que eu mesmo o farei!”.

Com isso, ele começou a caminhar... lenta e deliberadamente... com seu rosto contorcido numa máscara de pura fúria. Em sua mão direita havia um cigarro aceso, provavelmente o 20º do dia; na mão esquerda, um copo de isopor cheio de vodca Stolichnaya, que eu torcia para que fosse a primeira do dia, mas provavelmente era a segunda.

De repente, ele parou de andar, virou-se sobre os calcanhares como um advogado de acusação e olhou para Danny: “Então, o que tem a dizer em seu favor, Porush? Sabe, você é ainda mais retardado do que pensei... comer um peixinho no meio da sala de corretagem! Qual é o seu problema, caralho?”.

Danny levantou-se, sorriu e disse: “Ora, Max! Não foi tão ruim quanto parece. O moleque mereceu...”.

“Sente-se e cale a boca, Porush! Você é uma desgraça do caralho, não apenas para si mesmo, mas para toda a porra da sua família, que Deus os ajude!” Mad Max fez uma breve pausa e, então, continuou: “E para de sorrir, droga! Esses seus dentes brilhantes estão machucando meus olhos! Preciso de um par de óculos escuros para me proteger, pelo amor de Deus!”.

Danny sentou-se e fechou a boca bem rigidamente. Trocamos olhares, e me vi resistindo contra uma vontade mórbida de sorrir. Mas resisti – sabendo que isso apenas pioraria as coisas. Olhei para Kenny. Ele estava sentado à minha frente, na mesma cadeira em que Cabana se sentara, mas não consegui fazer contato visual com ele. Kenny estava muito ocupado olhando para seus próprios sapatos, os quais, como sempre, precisavam desesperadamente de graxa. Na moda típica de Wall Street, as mangas de sua camisa estavam enroladas, expondo um pesado Rolex de ouro. Era o modelo Presidencial – na verdade, meu antigo relógio, que a Duquesa fizera-me descartar por sua breguice. No entanto, Kenny não parecia brega ou, pelo menos, feio. E esse corte de cabelo reto dele fazia sua cabeça achatada parecer muito mais achatada. Meu sócio júnior, pensei: o Cabeça Quadrada.

Enquanto isso, um silêncio venenoso preencheu a sala, o que significava que era hora de eu pôr um fim nessa loucura, de uma vez por todas. Então me inclinei para a frente na cadeira e vasculhei fundo meu fabuloso vocabulário, extraindo palavras que sabia que meu pai respeitaria mais, e disse numa voz de comando: “Está certo, pai, chega dessa merda! Por que o senhor não se acalma um pouco? Esta empresa é minha, caralho, e se eu tenho gastos de negócios legítimos, então estou...”.

Mas Mad Max me cortou antes que eu pudesse argumentar. “Você quer que eu me acalme enquanto vocês três, retardados, agem como crianças numa loja de doces? Acha que não há um fim à vista? Tudo é uma puta festa para vocês três, panacas; nenhum dia chuvoso no horizonte, certo? Bem, vou-lhes dizer uma coisa... Toda essa mentirinha de bosta de vocês, a forma como

vocês declaram suas despesas pessoais em nome dessa porra de empresa... estou de saco cheio disso!"

Então fez uma pausa e nos encarou, a começar por mim, seu filho. Nesse instante, ele devia estar se perguntando se eu, na verdade, não nascera de uma cegonha. Quando seu olhar se afastou de mim, consegui vê-lo bem, pelo ângulo certo, e fiquei maravilhado sobre quão mais agradável ele parecia hoje! Ah, sim, apesar de tudo, Mad Max era bem asseado – gostava de *blazers* azul-marinho, colarinhos ingleses, gravatas sólidas e calças de gabardine, tudo sob medida, tudo engomado e passado quase à perfeição pelo mesmo serviço de lavanderia chinês que ele usara nos últimos 30 anos. Meu pai era uma criatura cheia de hábitos.

Então, lá estávamos nós três, sentados como bons aluninhos, aguardando pacientemente seu próximo ataque verbal, o qual eu sabia que só viria após ele fazer uma coisa: fumar. Finalmente, depois de uns bons dez segundos, deu uma enorme tragada em seu cigarro Merit de teor de alcatrão ultrabaixo e inflou seu poderoso peito, que dobrou de tamanho, como um baiacu tentando afastar um predador. Então lentamente exalou e desinflou-se. Contudo, seus ombros eram ainda enormes, e sua postura inclinada para a frente e a fina camada de cabelo grisalho davam-lhe a aparência de um touro indomável de 1,70 metro.

Então jogou sua cabeça para trás e deu um baita gole de seu copo de isopor, engolindo o conteúdo ardente como se fosse apenas Evian gelada. Começou a balançar a cabeça. "Todo esse dinheiro sendo ganho e vocês três, imbecis, desperdiçando-o como se não houvesse amanhã. É impossível ver isso e não fazer nada. O que vocês acham? Que sou do tipo de cara que concorda com tudo e que apenas vira para o lado e se finge de morto enquanto vocês três destroem essa porra de empresa? Vocês têm ideia de quantas pessoas contam com esse lugar para a porcaria de suas vidas? Têm ideia do risco e da exposição que..."

Mad Max continuou sem parar, da maneira Mad Max, mas eu apaguei. Na verdade, fiquei hipnotizado por essa habilidade maravilhosa que ele tinha de juntar tantos xingamentos sem pensar muito e ainda assim tornar suas sentenças poéticas pra caralho. Era verdadeiramente bonita a forma como ele xingava – igual a um Shakespeare agressivo! E na Stratton Oakmont, onde xingar era considerado uma arte, dizer que alguém sabia juntar xingamentos era um cumprimento muito apreciado. Mas Mad Max levava as coisas a um padrão completamente diferente e, quando ele realmente pegava o pique, como agora, suas tiradas verbais chegavam quase a ser agradáveis aos ouvidos.

Agora Mad Max estava balançando a cabeça com nojo... ou seria incredulidade? Bem, provavelmente um pouco de tudo. O que quer que fosse, ele estava balançando a cabeça, contando para nós, retardados *schmendricks*,[1] que a conta de novembro da American Express era de 470 mil dólares, e apenas 20 mil dólares disso, pelos seus cálculos, foram gastos legítimos da empresa; o resto era de natureza pessoal, ou merda pessoal, como ele disse. Então, num tom ameaçador, falou: "Deixe-me dizer-lhes algo desde já... vocês três, maníacos, vão prender seus mamilos no arame farpado! Podem guardar essa porra que estou dizendo... cedo ou tarde, aqueles babacas do Fisco marcharão até aqui e farão uma auditoria completa, caralho, e vocês três, retardados, estarão fodidos, a não ser que alguém ponha um fim a essa loucura toda. É por isso que irei cobrar de cada um de vocês, pessoalmente, por esta conta". Ele acenou com a cabeça concordando com sua própria ordem. "Não vou cobrar isso da empresa... nenhuma porra

de centavo... e isso está decidido! Vou tirar 450 mil dólares bem da porra do salário maluco de vocês, e nem tentem me impedir!”

Ora... que audácia do caralho! Tinha de dizer algo a ele em sua própria língua: “Caralho, pode parar por aí, pai! O senhor está falando muita merda! Um monte dessa porcaria é de despesas legítimas do escritório, quer o senhor acredite ou não. Se o senhor parar de ficar tagarelando por um segundo, vou te dizer o que é o quê e...”.

Mas novamente ele me interrompeu, agora voltando seu ataque diretamente contra mim: “E você, o famoso Lobo de Wall Street... o jovem Lobo demente. Meu próprio filho! Que veio da porra do meu sangue! Como? Você é o pior de todos! Por que diabos você sai para comprar dois casacos de pele iguais, por 80 mil dólares cada? Está certo... liguei para o lugar, Casa de Peles da Porra do Alessandro, porque pensei que fosse algum engano! Mas, não... sabe o que o babaca grego de lá me contou?”.

Alegrei-o com uma resposta: “Não, pai, que porra ele lhe contou?”.

“Ele me contou que você comprou dois casacos de marta iguaizinhos... da mesma cor, estilo e tudo o mais!” Com isso, Mad Max virou sua cabeça para o lado e enfiou o queixo entre suas clavículas. Ergueu a cabeça para mim com aqueles seus olhos azuis salientes e falou: “Qual o problema? Um casaco não é suficiente para sua esposa? Ou, espere... deixe-me adivinhar... você comprou a segunda marta para uma prostituta, certo?”. Fez uma pausa e deu mais uma tragada longa em seu cigarro. “Estou cansado dessa bosta de putaria. Você acha que não sei o que é E. J. Entretenimentos?” Franziu o cenho de maneira acusadora. “Vocês três, maníacos, estão pagando putas com o cartão de crédito corporativo! De qualquer forma, que tipo de puta aceita cartão de crédito?”

Nós três trocamos olhares, mas não dissemos nada. Afinal de contas, o que havia para ser dito? A verdade era que putas *aceitavam* cartões de crédito... ou pelo menos as nossas aceitavam! Na verdade, tinham se entranhado tanto na subcultura da Stratton que nós as classificávamos como ações publicamente negociadas: Blue Chips eram os puteiros *top* de linha, *la crème de la crème*. Eles estavam frequentemente aliciando jovens modelos ou universitárias excepcionalmente bonitas desesperadas por instrução ou roupas de marca, e por alguns milhares de dólares elas fariam quase tudo que se podia imaginar, por você ou por elas. Então vinham os NASDAQs, um degrau abaixo dos Blue Chips. Lá as putas custavam entre 300 e 500 dólares e obrigavam os clientes a usar camisinha, a não ser que ganhassem uma gorjeta polpuda, o que eu sempre dava. Então vinham as putas do Pink Sheets, que era o mais baixo de todos... geralmente uma prostituta de rua ou aquele tipo de puta de baixa classe que aparece após uma ligação desesperada tarde da noite para um número na revista *Screw* ou nas páginas amarelas. Elas normalmente custavam 100 dólares ou até menos, e, caso não se usasse camisinha, devia-se tomar uma injeção de penicilina no dia seguinte e então rezar para seu pau não cair.

De qualquer forma, as putas Blue Chips aceitavam cartões de crédito... Assim, qual o problema de descontar esses gastos de nossos impostos? Afinal de contas, o Fisco sabia que esse tipo de coisa acontecia, não? Na verdade, nos bons tempos, quando uma chupeta durante o almoço era considerada comportamento corporativo normal, o Fisco referia-se a esse tipo de despesas como almoços com três martínis! Até havia um termo contábil para isso: era chamado de *P e D*, que significava Passeio e Diversão. Tudo que fiz foi ter a pequena liberdade de definir as coisas de maneira mais lógica, transformando *P e D* em *P e B*: Peitos e Bundas!

Deixando isso de lado, os problemas com meu pai eram muito maiores do que algumas cobranças questionáveis no cartão de crédito corporativo. A verdade é que ele era o homem mais rígido que já andou neste planeta. E eu... bem, vamos apenas dizer que eu discordava fundamentalmente dele sobre administração de dinheiro; afinal de contas, não me arrependia por perder meio milhão de dólares numa mesa de dados ou então gastar uma ficha cinza de pôquer de cinco mil dólares com uma Blue Chip sedutora.

De qualquer forma, a verdade pura era que, na Stratton Oakmont, Mad Max era como um peixe fora d'água... ou mais como um peixe em Plutão. Ele tinha 65 anos de idade, ou seja, era uns bons 40 anos mais velho do que o strattonita médio; era um homem com excelente formação, com CRC e um QI que chegava à estratosfera, enquanto o strattonita médio não tinha formação alguma e era tão esperto quanto uma caixa de pedras. Ele fora criado em época e lugar diferentes, no velho Bronx judeu, entre as cinzas econômicas ardentes da Grande Depressão, sem saber se haveria comida na mesa de jantar. E, como milhões de outros que nasceram nos anos 1930, ainda tinha uma mentalidade da era da Depressão – sendo avesso a riscos, resistente a mudanças de qualquer forma ou tipo e preocupado com problemas financeiros. E aqui estava ele, tentando administrar as finanças de uma empresa cujo único negócio baseava-se em mudanças a cada momento e cujo dono majoritário, por acaso seu próprio filho, era um corredor de riscos nato.

Respirei fundo, ergui-me da cadeira e andei para a frente de minha mesa, sentando-me na ponta. Então cruzei os braços num gesto de frustração e disse: "Ouça, pai... há certas coisas que acontecem aqui e que não espero que o senhor entenda. Mas a verdade é que essa é a porra do meu dinheiro, para fazer o que eu quiser fazer com ele, caralho. Na verdade, a não ser que o senhor possa argumentar que meus gastos estão complicando o fluxo de caixa, sugiro que morda a porra da sua língua e pague a conta. Ora, o senhor sabe que o amo, e me machuca vê-lo tão chateado com uma conta idiota de cartão de crédito. Mas isso é tudo que ela é, pai: uma conta! E sabe que irá acabar pagando-a de qualquer forma. Assim, por que ficar tão chateado com isso? Antes de o dia terminar, teremos faturado 20 milhões de pratas, então quem dá a mínima por meio milhão?".

Nesse momento, Cabeça Quadrada entrou: "Max, minha porção da conta é praticamente nenhuma. Assim, estou na mesma que o senhor".

Sorri por dentro, sabendo que o Cabeça Quadrada acabara de fazer uma asneira colossal. Havia duas regras quando se negociava com Mad Max. Primeiro, nunca tente passar a culpa para outra pessoa... nunca! Segundo, nunca denuncie, sutilmente ou de outra forma, seu amado filho, a quem apenas ele tinha o direito de repreender. Ele se virou para Kenny e disse: "Para mim, Greene, cada dólar que você gasta acima de zero é dólar demais, seu idiota do caralho! Pelo menos meu filho é quem ganha todo o dinheiro por aqui! Que porra você faz, além de nos deixar enrolados com processos de assédio sexual com aquela assistente de vendas tetuda... sei lá o nome daquela vagabunda". Ele balançou a cabeça com nojo. "Então por que você não cala a porra da sua boca e agradece aos céus por meu filho ter sido gentil o suficiente para tornar um idiota como você um sócio deste lugar?"

Sorri para meu pai e disse brincando: "Pai... Pai... Pai! Agora, acalme-se antes que o senhor tenha uma porra de um ataque do coração. Sei o que está pensando, mas Kenny não estava tentando insinuar nada. O senhor sabe que todos nós o amamos e o respeitamos, e acreditamos no

senhor para ser a voz da razão por aqui. Então vamos todos apenas relaxar...”.

Desde que me conheço por gente, meu pai esteve lutando uma guerra de um só lado contra si mesmo – consistindo em batalhas diárias contra inimigos invisíveis e objetos inanimados. Notei isso pela primeira vez quando eu tinha cinco anos. Ele parecia acreditar que seu carro tinha vida. Era um Dodge Dart 1963, ao qual ele se referia como *ela*. O problema era que ela estava com um barulho terrível vindo de debaixo de seu painel. Era um som ilusório filho da puta, o qual ele tinha certeza de que aqueles canalhas da fábrica da Dodge tinham propositalmente colocado *nela*, como uma forma de fodê-lo. Era um barulho que ninguém mais conseguia ouvir, exceto minha mãe – que apenas fingia escutá-lo, para evitar que meu pai criasse um drama.

Mas isso foi apenas o começo de tudo. Mesmo uma simples ida à geladeira podia ser imprevisível, devido ao seu hábito de beber leite diretamente da garrafa. O problema era que, se uma única gota de leite escorresse pelo seu queixo, ele ficaria totalmente balístico – jogando a garrafa no chão e murmurando: “Essa merda de garrafa de leite filha da puta! Esses babacas que projetam garrafas de leite não podiam inventar uma que não deixa a porra do leite escorrer pelo seu sagrado queixo?”.

É lógico. Era culpa da garrafa de leite! Assim, Mad Max se protegia numa série de rotinas bizarras e rituais constantes, como proteção contra um mundo cruel e imprevisível cheio de painéis barulhentos e garrafas de leite imperfeitas. Ele acordava toda manhã para fumar três cigarros Kent, e tomava um banho de 30 minutos, enquanto um cigarro queimava em sua boca e outro sobre a pia. Então ele se vestia, primeiro colocando uma samba-canção branca, depois um par de meias altas pretas, depois um par de sapatos de couro brilhante – mas não suas calças. A seguir andava pelo apartamento dessa forma. Tomava café da manhã, fumava mais alguns cigarros e pedia licença para dar uma cagada de primeira linha. Depois, penteava o cabelo quase à perfeição, punha uma camisa de manga comprida, abotoava-a lentamente, erguia o colarinho, sacudia a gravata, dava-lhe um nó, abaixava o colarinho e vestia a jaqueta do terno. Finalmente, pouco antes de sair de casa, vestia as calças. O motivo para ele deixar esse passo para o final, eu nunca consegui entender, mas ver isso todos esse anos deve ter me deixado marcas um tanto inexplicáveis.

Mais estranha ainda, porém, era a aversão completa e total de Max a toques inesperados no telefone. Ah, sim, Mad Max odiava o som de um telefone tocando, o que parecia extremamente cruel – considerando que trabalhava num escritório com mais ou menos mil telefones um do lado do outro. E eles tocavam sem parar, do momento em que Mad Max entrava no escritório, às 9h em ponto (ele nunca chegava atrasado, é lógico), ao momento em que saía, que era a qualquer instante que lhe aprouvesse.

Não surpreendentemente, ser criado naquele apartamento minúsculo de dois quartos no Queens era bastante complicado de vez em quando, sobretudo quando o telefone começava a tocar, e sobretudo quando era para meu pai. Porém, na verdade, nunca ele mesmo atendia ao telefone, mesmo que desejasse, porque minha mãe, Santa Leah, metamorfoseava-se em velocista de nível olímpico no momento em que o aparelho começava a tocar – arremessando-se como louca para ele, sabendo que cada toque que ela evitasse tornaria mais fácil acalmá-lo depois.

E naquelas tristes ocasiões em que minha mãe era forçada a expressar aquelas palavras terríveis, “Max, é para você”, meu pai lentamente se erguia de sua poltrona, vestindo uma

samba-canção branca e nada mais, e caminhava pesadamente para a cozinha, murmurando: “Esse telefone filho da puta, cuzão, pedaço de merda do caralho! Que cuzão tem a porra de coragem de ligar para o caralho da minha casa numa merda de uma porra de uma tarde de um sábado filho da puta...”.

Mas quando, finalmente, pegava o telefone, acontecia a coisa mais bizarra. Ele magicamente se transformava em seu *alter ego*, *Sir* Max, um cavalheiro refinado com modos impecáveis e sotaque que lembrava a aristocracia britânica. Era deveras estranho, eu pensava, considerando que meu pai nascera e fora criado nas ruas imundas do sul do Bronx e nunca estivera na Inglaterra.

Todavia, *Sir* Max dizia ao telefone: “Alô? Como posso ajudá-lo?”. E mantinha seus lábios enrugados e suas bochechas levemente comprimidas, que era o que fazia surgir aquele seu sotaque aristocrático. “Ah, está certo, então; isso seria esplêndido! Perfeito, então!” Com isso, *Sir* Max desligava o telefone e voltava a ser Mad Max. “Aquela porra de amigo chupador de cacete, pedaço de merda do caralho, que tem a porra da audácia de ligar para esse caralho de casa...”

Porém, com toda essa insanidade, Mad Max era o treinador sorridente de todos os meus times da Liga Infantil, e era Mad Max o primeiro pai a acordar nas manhãs de domingo e descer as escadas para jogar bola com os filhos. Era ele quem segurava a traseira do selim da minha bicicleta e me empurrava pela calçada em frente ao nosso prédio, e então corria atrás de mim, e era ele quem vinha ao meu quarto à noite e deitava-se comigo – correndo os dedos pelo meu cabelo enquanto eu sofria com os medos da noite. Era ele quem nunca perdia uma peça escolar, ou uma reunião de pais e mestres, ou recital de música ou qualquer coisa desse tipo, onde ele podia curtir suas crianças e nos mostrar que éramos amados.

Era um homem complicado, meu pai; um homem de grande capacidade mental destinado ao sucesso, mas levado à mediocridade pelas suas próprias limitações emocionais. Afinal de contas, como podia um homem como esse funcionar no mundo corporativo? Seria tolerado tal comportamento? Quantos empregos perdera por causa disso? Quantas promoções passaram por ele? E quantas janelas de oportunidade foram trancadas como resultado da *persona* Mad Max?

Mas tudo isso mudou com a Stratton Oakmont, um lugar onde Mad Max podia liberar sua fúria ardente com total impunidade. Na verdade, não havia forma melhor de um strattonita provar sua lealdade do que ser repreendido por Mad Max e engolir isso para um bem maior, ou seja, viver a Vida. Então, uma pancada de beisebol na janela de seu carro ou um xingamento público eram considerados rituais de passagem para um jovem strattonita, a serem usados como uma medalha de honra.

Assim, havia Mad Max e *Sir* Max, e a ideia era descobrir uma forma de trazer *Sir* Max. Minha primeira tentativa foi a aproximação a sós. Olhei para Kenny e Danny e disse: “Por que vocês dois não me dão um minuto para falar com meu pai?”.

Nenhuma reclamação! Os dois saíram com tanta vivacidade, que meu pai e eu mal tínhamos nos sentado no sofá, a apenas cinco metros de distância, quando a porta bateu atrás deles. Meu pai sentou-se, acendeu outro cigarro e deu mais uma de suas enormes tragadas. Deixei-me cair à sua direita, recostei-me no sofá e coloquei os pés sobre uma mesinha de vidro à nossa frente.

Sorri com tristeza e disse: “Juro por Deus, pai, minhas costas estão me matando, caralho. O senhor não tem ideia. A dor está descendo para a parte de trás de minha perna esquerda. Isso pode deixar qualquer um louco”.

O rosto de meu pai se suavizou de pronto. Aparentemente, a primeira tentativa estava funcionando: “Bem, o que os médicos dizem?”.

Hmmmmm... Eu não havia detectado nenhuma pista de sotaque britânico naquelas últimas palavras; apesar disso, minhas costas estavam realmente me matando e eu estava definitivamente progredindo com ele. “Médicos? Que porra eles sabem? A última cirurgia piorou ainda mais as coisas. E tudo que eles fazem é me dar pílulas que incomodam meu estômago e não fazem merda nenhuma pela dor.” Balancei um pouco mais a cabeça. “Que seja, pai. Não quero preocupá-lo. Estou apenas desabafando.” Tirei os pés da mesinha, encostei as costas e estiquei os braços no sofá. “Ouça”, disse com suavidade, “sei que é difícil para o senhor ver sentido em toda essa maluquice por aqui, mas, acredite em mim, há um método em minha loucura, principalmente em relação a gastos. É importante manter esses caras buscando o sonho. E é ainda mais importante mantê-los quebrados.” Gesticulei na direção da janela de vidro. “Olhe para eles; não importa quanto dinheiro ganhem, todos eles, sem exceção, estão quebrados! Eles gastam cada centavo que têm, tentando chegar perto do meu estilo de vida! Mas não conseguem, porque não ganham o suficiente. Assim, acabam vivendo no limite de seus salários, apesar de ganhar 1 milhão de dólares por ano. É difícil imaginar, considerando como o senhor foi criado, mas é assim que funciona. Mantê-los quebrados torna-os mais fáceis de serem controlados. Pense nisso. Virtualmente, cada um deles está na ponta da faca, com carros, casas, barcos e todo o resto desse lixo, e se perderem um mísero salário estarão literalmente fodidos. É como ter algemas de ouro. Quer dizer, a verdade é que eu poderia pagar-lhes mais do que pago. Mas, então, não precisariam tanto de mim. Porém, se eu lhes pagasse pouco, eles me odiariam. Assim, pago a eles o suficiente para que me amem, mas ainda precisem de mim. E, enquanto precisarem de mim, sempre me temerão.”

Meu pai estava me olhando intensamente, pensando sobre cada palavra. “Um dia”, apontei com o queixo na direção da janela de vidro, “tudo isso terá acabado, e também a tal lealdade. E, quando esse dia chegar, não quero que o senhor tenha o menor conhecimento do tipo de coisas que aconteceram aqui. É por isso que às vezes sou evasivo. Não é que não confie no senhor ou não o respeite... ou que não dê valor à sua opinião. É o oposto, pai. Afasto as coisas do senhor porque o amo, porque o admiro e porque quero protegê-lo de todo o lixo quando isso começar a desabar.”

Sir Max, num tom preocupado: “Por que você está falando assim? Por que tudo isso tem de desabar? As empresas que você está levando a público são todas legítimas, não?”.

“Sim. Não tem nada a ver com as empresas. E a verdade é que não estamos fazendo nada diferente do que todo mundo faz por aí. Apenas estamos fazendo maior e melhor, o que nos torna um alvo. De qualquer forma, não se preocupe com isso. Estou apenas tendo um momento mórbido. Tudo vai dar certo, pai.”

De repente, a voz de Janet veio pelo interfone: “Desculpe interromper, mas você tem uma conferência por telefone com Ike Sorkin e o resto dos advogados. Eles estão na linha neste exato momento e os seus reloginhos de cobrança estão correndo. Quer que eu peça para aguardarem ou devo marcar para outra hora?”.

Conferência por telefone? Eu não tinha nenhuma conferência por telefone! Foi então que me dei conta: Janet estava me pagando a minha fiança! Olhei para meu pai e dei de ombros, como se dissesse: “Que posso fazer? Preciso ter essa reunião”.

Rapidamente trocamos abraços e desculpas, e então fiz uma promessa de tentar gastar menos no futuro, mas ambos sabíamos que isso era mentira pura. No final das contas, meu pai viera como um leão e saíra como um cordeiro. E, assim que a porta se fechou atrás dele, fiz uma anotação mental de dar a Janet algo extra de Natal, apesar de todas as porcarias que ela me disse hoje de manhã. Ela tinha muita valia – tinha valia pra cacete.

---

1 Termo em iídiche que significa idiota. (N. T.)

CAPÍTULO 8

O SAPATEIRO

Por volta de uma hora depois, Steve Madden estava se dirigindo para a frente da sala de corretagem com andar confiante. Era o tipo de andar, pensei, de um homem com o controle total, um homem que tinha a real intenção de fazer um show de faz de conta de primeira linha. Mas, quando ele chegou à frente da sala de corretagem... que olhar! Terror absoluto!

E a forma como estava vestido! Era ridículo! Parecia um golfista profissional falido que trocara seus tacos por duas doses de malte e uma passagem sem volta para o Inferno. Era irônico Steve ser do ramo da moda, considerando que era um dos estilistas mais fora de moda do planeta. Era do tipo "estilista extravagante", um cara afetado demais, que andava pela cidade segurando um sapato de plataforma horrível na mão como se oferecesse explicações não solicitadas sobre por que aquele sapato seria o que toda jovem garota estaria louca para usar na próxima estação. Naquele momento em particular, trajava um *blazer* azul-marinho enrugado, que cobria sua figura magra como um pedaço de lona de barco barata. O resto de sua aparência não era melhor. Usava uma camiseta cinza rasgada e jeans Levi's boca de sino, ambos manchados

Mas seus sapatos eram os maiores insultos. Afinal de contas, seria de esperar que alguém que estava tentando passar-se por um legítimo estilista de sapato teria a decência de dar uma engraxada no dia em que fosse a público. Mas, não, não Steve Madden; ele tinha um par de mocassins de couro marrom que não foram engraxados desde o dia em que o gado fora abatido para dar o couro. E, logicamente, seu característico boné de beisebol azul-marinho cobria os fios remanescentes de seu ralo cabelo laranja, os quais, na moda típica do centro, foram puxados para trás num rabo de cavalo e amarrados com uma fita elástica.

Steve, relutantemente, pegou o microfone de um púlpito da cor do mármore e disse uns poucos e breves uhh-humms e uhh-hus, enviando um sinal claro de que estava pronto para começar o show. Lentamente – muito lentamente, na verdade –, os strattonitas desligaram seus telefones e recostaram-se em suas cadeiras.

De repente, senti algumas vibrações terríveis vindo da minha esquerda – quase um miniterremoto. Virei-me para ver... Putz, era o elefante Howie Gelfand!, 180 quilos como se tivesse um grama!

"Ei, JB", disse o elefante Howie. "Preciso de um grande favor seu: preciso de umas dez mil unidades extras da Madden. Você pode fazer isso pelo seu amigo Howie?" Ele sorria de orelha a orelha, e então inclinou a cabeça para o lado e colocou o braço em meus ombros como se dissesse: "Vamos lá, somos companheiros, certo?".

Bem, eu meio que gostava do elefante Howie, apesar do fato de ele ser um babaca obeso. Mas, deixando isso de lado, sua solicitação de quotas adicionais fazia parte do jogo. Afinal de contas, uma quota de uma nova ação da Stratton valia mais que ouro. Bastava fazer uma conta simples: uma unidade consistia em uma quantidade de ações ordinárias e duas opções de compra, uma A e uma B, cada uma dando-lhe a oportunidade de comprar uma porção adicional

de ações por um preço pouco acima do preço de oferta inicial. Nesse caso da Madden, o preço de oferta inicial era 4 dólares por ação; a opção A era exercível a 4,50 e a opção B, a 5 dólares. E, conforme o preço da ação subia, o valor dessas opções subia junto. Assim, a alavancagem era incrível.

Uma típica nova ação da Stratton consistia em dois milhões de unidades oferecidas a 4 dólares cada, o que por si não era tão espetacular. Mas, com um campo de futebol cheio de jovens strattonitas – sorrindo, telefonando e arrancando os olhos das pessoas –, demanda-se um estoque dramaticamente excedente. Em consequência, o preço das unidades subiria a 20 dólares, ou mais, no momento em que eles começassem a negociar. Assim, dar a um cliente um quinhão de dez mil unidades era como lhe dar um presente de seis dígitos. Era por isso que se esperava que o cliente jogasse o jogo – ou seja: para cada unidade que lhe era dada pelo preço de oferta pública inicial, esperava-se que comprasse *dez vezes mais* depois que o negócio começasse a ser negociado publicamente (no mercado futuro).

"Está certo", murmurei. "Você pode ter suas dez mil unidades extras porque te amo e sei que é leal. Agora vá perder algum peso antes que tenha um ataque do coração."

Com um sorriso grande e um tom afável: "Eu te saúdo, JB. Eu te saúdo!". Ele se esforçou para fazer uma reverência. "Você é o Rei... o Lobo... Você é tudo! Seu desejo é minha..."

Eu o cortei. "Caia fora daqui, Gelfand. E faça com que nenhum dos moleques em sua seção comece a vaiar Madden ou atirar merda nele. Estou falando sério, ok?"

Howie começou a dar passinhos para trás curvado na minha direção com os braços estendidos à frente, da forma que uma pessoa faz quando está saindo de uma câmara real após uma audiência com um rei.

Que elefante babaca, pensei. Mas que belo vendedor! Delicado como seda. Howie fora um dos meus primeiros empregados – apenas 19 anos quando veio trabalhar para mim. No seu primeiro ano, ganhou 250 mil dólares. Neste ano, estava a caminho de ganhar 1,5 milhão de dólares. Apesar disso, ainda morava na casa dos pais.

De repente, mais murmúrios vieram do microfone: "Uh... com licença, todos. Para aqueles dos senhores que não me conhecem, meu nome é Steve Madden. Sou o presidente...".

Antes que pudesse sequer terminar seu primeiro pensamento, os strattonitas tiraram um sarro:

"Todos sabemos quem você é!"

"Belo boné de beisebol!"

"Tempo é dinheiro! Diga logo o que tem de dizer, caralho!"

Então vieram algumas vaias, assobios, miados e alguns gritinhos. Aí a sala começou a se aquietar novamente. Steve olhou para mim. Sua boca estava levemente aberta e seus olhos castanhos, dilatados como pires. Estendi os braços, com as palmas na sua direção, e as movi para cima e para baixo algumas vezes, como se dissesse: "Acalme-se e vá devagar".

Steve aquiesceu e respirou fundo. "Gostaria de começar contando-lhes um pouquinho sobre mim e minha história na indústria de calçados. E então, depois disso, gostaria de discutir os planos que tenho para o futuro de minha empresa. Comecei a trabalhar numa loja de sapatos quando tinha 16 anos, varrendo o chão de tacos. E, enquanto todos os meus amigos ficavam atrás de garotas pela cidade, eu estava aprendendo sobre sapatos femininos. Eu era como Al Bundy,[1] com uma calçadeira enfiada no bolso de trás..."

Outra interrupção: “O microfone está muito longe da sua boca. Não conseguimos ouvir nenhuma porra de palavra que você está dizendo! Traga o microfone mais para perto”.

Steve moveu o microfone. “Bem, desculpem-me por isso. Err... como eu estava dizendo, estou na indústria de calçados desde que me conheço por gente. Meu primeiro emprego foi em uma pequena loja de sapatos em Cedarhurst, chamada Sapatos Jildor, onde trabalhava como estoquista. Então me tornei um vendedor de sapatos. E foi... err... então... quando eu ainda era uma criança... que me apaixonei por sapatos femininos. Sabem, posso honestamente dizer...”

E foi assim que ele começou a fazer uma explicação incrivelmente detalhada de como era realmente apaixonado por sapatos femininos desde a adolescência e de como, em algum momento – não tinha certeza quando –, ele ficara fascinado com as possibilidades infinitas de design para sapatos femininos, em relação aos diferentes tipos de saltos, fitas, abas e fivelas, e todos os diferentes tipos de tecido com os quais se podia trabalhar, e todos os ornamentos decorativos que podia utilizar. Então começou a dizer que gostava de acariciar os sapatos e correr os dedos pelas molduras.

Nesse momento, espiei o centro da sala de corretagem. O que vi lá foram olhares intrigados dos strattonitas. Mesmo as assistentes de vendas, com quem normalmente se podia contar para manter algum senso de decoro, estavam deitando a cabeça em descrença. Algumas delas estavam revirando os olhos.

Então, de repente, eles atacaram: “Que viado do caralho!”.

“Essa é uma doença do caralho, mano!”

“Sua bicha! Fala sério, caralho!”

Então vieram mais vaias, assobios e miados, e agora algumas batidas de pés – um sinal claro de que estavam entrando na fase dois do tratamento de tortura.

Danny aproximou-se, balançando a cabeça. “Estou envergonhado pra caralho”, murmurou.

Concordei. “Bem, pelo menos ele concordou em documentar nossas ações por escrito. É uma pena que não tenhamos conseguido redigir os documentos hoje, mas o mundo não é perfeito. De qualquer forma, ele tem de parar essa merda ou eles vão comê-lo vivo.” Balancei a cabeça. “Não sei, mas... ensaiei com ele essa merda alguns minutos atrás e ele parecia estar bem. Tem uma empresa realmente boa. Precisava apenas contar a história. Quer dizer, ele é seu amigo e tudo o mais, mas é um puta xarope!”

Danny, sem emoção: “Sempre foi, mesmo na escola pública”.

Dei de ombros. “Que seja. Vou dar apenas mais um minuto e então subirei lá.”

Foi então que Steve olhou para nós, e o suor *gotejava* dele. Havia um círculo escuro em seu peito, do tamanho de uma batata-doce. Acenei com a mão em pequenos círculos, como se dissesse “Acelere!”. Então balbuciei: “Fale sobre seus planos para a empresa!”.

Ele fez que sim. “Está certo... gostaria de contar a todos sobre como a Sapatos Steve Madden começou e então falar sobre nosso futuro brilhante!”

As últimas duas palavras resultaram em alguns olhos revirando e algumas cabeças balançando, mas, graças a Deus, a sala de corretagem permaneceu em silêncio.

Steve seguiu em frente: “Comecei minha empresa com mil dólares e um único sapato. Ele era chamado de Marilyn” – *meu Deus do céu!* –, “uma espécie de tamanco oriental. Era um sapato bom... não meu melhor sapato, mas ainda assim um sapato bom. De qualquer forma, consegui mandar fazer 500 pares no crédito e comecei a andar por aí com eles no porta-malas do carro,

vendendo para qualquer loja que os comprasse. Como poderia descrever esse sapato para os senhores? Deixe-me ver... tinha uma sola volumosa e os dedos abertos, mas a parte de cima era... bem, acho que na verdade não interessa. O que eu estava tentando dizer é que era realmente um sapato louco, que é a marca da Sapatos Steve Madden. Somos loucos. De qualquer forma, o sapato que realmente lançou a empresa era chamado de Mary Lou, e esse sapato... bem, *esse* não era um sapato comum!" – *Ah, caramba! Que frutinha do caralho!* – "Era muito à frente de seu tempo... muito!" Steve balançou a mão no ar, como se dissesse "não tem nem como descrever". E seguiu: "De qualquer forma, deixem-me descrevê-lo para os senhores, porque isso é importante. Era uma variação de couro preto brilhante do Mary Jane tradicional, com uma fita de tornozelo relativamente fina. Mas a chave era que ele deixava os dedos protuberantes. Algumas das garotas aqui devem saber exatamente o que estou falando, certo? Quer dizer... era realmente um sapato lindo!". Fez uma pausa, obviamente esperando algum retorno positivo das assistentes de vendas, mas não veio nenhum... apenas mais cabeças balançando. Então fez-se um silêncio assustador, venenoso, o tipo de silêncio que se vê numa cidadezinha no meio do Kansas um pouco antes de um tornado a atingir.

Pelo canto dos olhos, vi um aviãozinho de papel voar pela sala de corretagem com destino incerto. Pelo menos não estavam atirando coisas diretamente nele! Isso viria depois. Disse para Danny: "Os nativos estão ficando impacientes. Será que devo ir lá?".

"Se você não o fizer, eu o farei. Isso é nauseante pra caralho!"

"Está certo, estou indo." Andei em linha reta até Steve.

Ainda estava falando sobre a porra de Mary Lou quando cheguei até ele. Pouco antes de eu agarrar o microfone, ele estava falando sobre como *ela* era o sapato perfeito para a formatura, com um preço razoável e feito para durar.

Agarrei o microfone de sua mão antes que percebesse o que havia acontecido, e foi então que notei que ele estava tão absorvido pela beleza dos seus próprios desenhos de sapato que na verdade havia parado de suar. Na realidade, ele parecia totalmente calmo agora e não tinha a menor noção de que estava prestes a ser linchado.

Sussurrou para mim: "O que está fazendo? Eles me amam! Não precisa vir aqui. Está tudo sob controle!".

Franzi o cenho. "Caia fora, Steve! Eles estão prestes a atirar tomates em você! Como pode ser tão cego? Quer dizer, eles não dão a mínima sobre a porra de Mary Lou! Eles apenas querem vender suas ações e ganhar dinheiro. Agora, vá até Danny e relaxe um pouco, antes que eles subam aqui, trucidem o seu boné de beisebol e escalpelem os últimos sete fios de cabelo da sua cabeça!"

Finalmente, Steve capitulou e saiu do palco central. Ergui a mão direita, pedindo silêncio, e a sala ficou quieta. Com o microfone bem abaixo de meus lábios, disse num tom provocativo: "Está certo, pessoal, vamos todos dar uma grande salva de palmas para Steve Madden e seu sapato muito especial. Afinal de contas, ouvir sobre a pequena Mary me inspirou a pegar o telefone e começar a ligar para todos os meus clientes. Assim, quero que cada um de vocês, incluindo as assistentes de vendas, bata palmas para Steve Madden e seu sapatinho *sexy*: o Mary Lou!". Encaixei o microfone sob o braço e comecei a aplaudir.

E de repente... aplausos retumbantes! Todos os strattonitas estavam aplaudindo, batendo os pés, assoviando, uivando e aclamando de maneira incontrolável. Ergui o microfone para o ar de novo,

pedindo silêncio, mas dessa vez eles não deram atenção. Estavam muito ocupados curtindo o momento.

Por fim, a sala aquietou-se. “Está certo”, falei, “agora que estamos aliviados, quero que saibam que há uma razão para Steve ser tão completamente pinel. Em outras palavras, há um método em sua loucura. Vejam, a verdade é que o cara é um gênio criativo, e por definição Steve tem de ser de alguma forma insano. É necessário para sua imagem.”

Acenei com a cabeça convictamente, perguntando-me se o que eu acabara de dizer fazia o mínimo sentido. “Mas me ouçam, todos, e ouçam bem. A habilidade que Steve tem, esse seu dom, vai muito além de ser capaz de apresentar algumas tendências de sapatos da moda. O verdadeiro poder de Steve, o que o separa de todos os outros estilistas de sapatos nos Estados Unidos, é que ele na verdade *cria* tendências. Sabem quão raro é isso? Encontrar alguém que consiga realmente criar uma tendência de moda e reforçá-la... Pessoas como Steve surgem uma vez a cada dez anos! E, quando surgem, tornam-se nomes conhecidos, como Coco Chanel ou Yves St. Laurent, ou Versace, ou Armani, ou Donna Karan... e uma lista pequena de outros.”

Dei alguns passos na direção da sala de corretagem e baixei a voz, como um pastor fazendo um sermão. “E ter alguém como Steve no leme é o que se precisa para enviar uma empresa como essa para a estratosfera. E podem guardar o que estou dizendo! Esta é a empresa pela qual todos nós temos esperado desde o começo. É a que irá colocar a Stratton num plano totalmente novo. É a que nós estamos...”

Eu estava no pique e, conforme seguia meu discurso, minha mente começava a pensar em outras coisas. Comecei totalizando os lucros que estava prestes a ganhar. O número incrível de 20 milhões de dólares surgiu borbulhando em meu cérebro. Era uma boa estimativa, imaginei, e os cálculos eram bem simples. Dos dois milhões de unidades sendo oferecidos, um milhão estava indo para as contas de meus laranjas. Eu compraria de volta essas unidades deles a cinco ou 6 dólares cada e então as manteria na conta de negociação da firma. Em seguida, usaria o poder da sala de corretagem, a compra maciça que esta mesma reunião criaria, para subir as unidades a 20 dólares, o que geraria um lucro não realizado de 14 ou 15 milhões de dólares. Contudo, na verdade, eu nem precisaria fazer as unidades subirem a 20 dólares; o resto de Wall Street faria o trabalho sujo para mim. Quando as outras firmas de corretagem e de negócios soubessem que eu estava querendo comprar as unidades de volta com o preço mais alto de mercado, elas fariam o preço subir quanto eu quisesse! Eu apenas teria de deixar o boato vazar para algumas pessoas-chave, e o resto seria história. (E isso eu já tinha feito.) Dizia-se por aí que a Stratton estava disposta a comprar por até 20 dólares a unidade, e assim os motores já estavam em movimento! *Inacreditável!* Ganhar todo aquele dinheiro sem cometer um crime! Bem, laranjas não eram exatamente algo honesto, mas ainda assim era impossível de se provar a existência deles. Ahhh, esse é o capitalismo desenfreado!

“... como um foguete e continuar subindo. Quem sabe quão alto podem essas ações ir? A 20? A 30? Quer dizer, se eu estiver mais ou menos certo, esses números são ridiculamente baixos! Não são nada comparados ao que esta empresa é capaz de ganhar. Num piscar de olhos, as ações podem chegar a 50 ou até a 60! E não estou falando sobre algo muito distante no futuro. Estou falando de agora, enquanto conversamos.

“Escutem-me todos. A Sapatos Steve Madden é a empresa mais quente em toda a indústria de sapatos femininos. Há pedidos se acumulando até o teto agora! Toda loja de departamentos nos

Estados Unidos... cadeias como Macy's e Bloomingdale's, Nordstrom e Dillard's... elas não conseguem manter nossos sapatos no estoque. Os sapatos são tão quentes que estão literalmente saindo voando das prateleiras!

"Sabem, espero que todos estejam cientes de que, como corretores de ações, têm um dever para com seus clientes, uma *responsabilidade fiduciária*, por assim dizer, de falar ao telefone com eles assim que eu terminar meu discurso e fazer o necessário, mesmo que isso signifique arrancar seus olhos fora, para convencê-los a comprar o máximo de ações da Sapatos Steve Madden que puderem. Sinceramente espero que estejam cientes disso, porque, se não estiverem, então vocês e eu teremos alguns problemas sérios para discutir depois que tudo isso for dito e feito.

"Vocês têm um dever aqui! Um dever para com seus clientes! Um dever para com esta firma! E um dever para consigo mesmos, droga! É melhor enfiarem essas ações pelas goelas de seus clientes e deixá-los engasgados até que digam 'Compre-me 20 mil ações', porque cada dólar que seus clientes investirem irá voltar para vocês em grande quantidade.

"Eu podia continuar falando sobre o futuro brilhante da Sapatos Steve Madden. Podia falar sobre todos os fundamentos... sobre todas as aberturas de novas lojas e como produzimos nossos sapatos com um custo mais eficiente que a concorrência, sobre como nossos sapatos são tão quentes que não temos nem de fazer publicidade e como os comerciantes de massa estão querendo nos pagar *royalties* para ter acesso aos nossos desenhos, mas, no final das contas, nada disso importará. O importante é que todos os seus clientes querem saber que as ações irão subir; só isso."

Diminuí um pouco o ritmo e disse: "Ouçam, rapazes, apesar de querer muito, não posso pegar o telefone e vender as ações para os seus clientes. Apenas *vocês* podem pegar o telefone e agir. E, no final de tudo, é isso o que terá valido: agir. Sem ação, as melhores intenções do mundo são nada mais do que isso: intenções".

Respirei fundo e prossegui: "Agora, quero que todos olhem para baixo". Estendi o braço e gesticulei para uma mesa bem à minha frente. "Olhem para baixo, para esta caixinha preta bem à frente de vocês. Vocês a vêem? É uma maravilhosa invençãozinha chamada telefone. Ora, vou soletrar para vocês: T-E-L-E-F-O-N-E. Agora, adivinhem, pessoal? Esse telefone não irá discar sozinho! Sim, isso mesmo. A não ser que tomem alguma porra de providência, não é nada mais do que um pedaço de plástico sem valor. É como uma M16 carregada sem um fuzileiro treinado para puxar o gatilho. Vejam, é a ação de um fuzileiro altamente treinado, um matador treinado, que torna a M16 uma arma mortal. E, no caso do telefone, é a ação de vocês, um strattonita altamente treinado, um matador altamente treinado que não aceitará um não como resposta, que não desligará o telefone até que seu cliente compre ou morra, alguém totalmente ciente de que uma venda deve ser concluída a cada telefonema e que tudo se resume a quem está vendendo para quem. Foi você quem fez a venda? Você foi proficiente, motivado e corajoso o suficiente para ter o controle da negociação e fechar a venda? Ou foi seu cliente quem fez a venda, dizendo que não poderia investir naquele momento porque o *timing* estava errado e que precisava conversar com a esposa ou o sócio ou o Papai Noel ou a porra da fada madrinha?"

Revirei os olhos e balancei a cabeça com nojo. "Assim, nunca se esqueçam de que o telefone sobre a mesa de vocês é uma arma mortal. E nas mãos de um strattonita motivado é uma licença para imprimir dinheiro. E é o *grande equalizador!*" Fiz uma pausa, deixando aquelas últimas duas

palavras reverberarem pela sala de corretagem, e então prossegui: “Tudo que têm de fazer é pegar o telefone e dizer as palavras que lhes ensinei, e isso pode deixá-los tão poderosos quanto os mais poderosos presidentes de empresa do país. E não me importa se vocês se formaram em Harvard ou se foram criados nas ruas violentas da Cozinha do Inferno. Com esse pequeno telefone preto, podem conseguir qualquer coisa.

“Este telefone equivale a dinheiro. E não me importo com quantos problemas vocês têm agora, porque tudo pode ser resolvido com dinheiro. Sim, isso mesmo; dinheiro é o maior ‘resolvedor’ de problemas conhecido pelo homem, e qualquer um que lhes diga algo diferente é um puta de um mentiroso. Na verdade, estou disposto a apostar que qualquer um que diga isso nunca teve um centavo na conta!” Ergui a mão, no cumprimento de honra dos escoteiros, e disse com muito sarcasmo e saco cheio: “São sempre essas mesmas pessoas as primeiras a emitir seus conselhos inúteis... são sempre os miseráveis, que disparam aquela argumentação ridícula sobre como o dinheiro é a raiz de todo o mal e sobre como o dinheiro corrompe. Bem... eu... quero dizer... *sério!* Que bosta! Ter dinheiro é maravilhoso! E ter dinheiro é uma necessidade!

“Ouçam-me, todos. Não há nobreza alguma em ser pobre. Já fui rico e já fui pobre, e prefiro ser rico. Pelo menos, sendo rico, quando tenho de enfrentar meus problemas, posso aparecer no banco traseiro de uma limusine, vestindo um terno de 2 mil dólares e um relógio de ouro de 20 mil dólares! E, acreditem em mim, chegar com estilo torna seus problemas muito mais fáceis de lidar.”

Encolhi os ombros para causar efeito. “De qualquer forma, se alguém aqui achar que sou louco ou não se sentir exatamente como me sinto, *então caia fora da porra desta sala já!* Isso mesmo... caia fora da porra da minha sala de corretagem e vá arrumar um emprego no McDonald’s fritando hambúrgueres, porque lá é o seu lugar! E, se o McDonald’s não estiver contratando, há um Burger King em cada esquina!

“Mas, antes de partir desta sala cheia de vencedores, quero que dê uma boa olhada na pessoa sentada ao seu lado, porque um dia, num futuro não tão distante, você estará em seu velho e batido Pinto, diante de um farol vermelho, e a pessoa ao seu lado irá disparar em seu novíssimo Porsche, com uma linda e jovem esposa ao lado. E quem estará ao seu lado? Alguma besta feia, sem dúvida, com três dias sem tirar o buço, vestindo um *muumuu* sem mangas ou um avental, e você provavelmente estará voltando para casa depois de passar na loja de 1,99 com um porta-malas cheio de produtos com desconto!”

De repente, fixei o olhar sobre um jovem strattonita que parecia literalmente tomado pelo pânico. Martelando meu argumento, disse: “O que foi? Acha que estou mentindo? Bem, quer saber? As coisas apenas irão piorar. Veja, se quiser envelhecer com dignidade... se quiser envelhecer e manter seu autorrespeito... então é melhor ficar rico agora. A época em que se trabalhava para uma grande empresa entre as 500 Maiores da *Fortune* com aposentadoria integral é coisa da porra do passado! E, se você acha que a Previdência Social será sua segurança, é melhor repensar. Com as taxas atuais de inflação, dará apenas para pagar suas fraldas depois que o enfiarem em algum asilo mofado, onde uma jamaicana de 160 quilos com barba e bigode irá dar-lhe sopa através de um canudinho e então o esbofeteará quando estiver de mau humor.

“Assim, ouçam o que estou dizendo, e ouçam bem. O seu problema hoje é que está com as contas de cartão de crédito em atraso? Bom... então pegue a porra do telefone e comece a discar.

“Ou é o proprietário de sua casa que está ameaçando despejá-lo? É esse o seu problema? Bom... então pegue a porra do telefone e comece a discar.

“Ou é sua namorada? Ela quer te deixar porque pensa que você é um perdedor? Bom... então pegue a porra do telefone e comece a discar!

“Quero que resolvam todos os seus problemas ficando ricos! Quero que ataquem seus problemas de cabeça erguida! Quero que saiam e comecem a gastar dinheiro já. Quero que vocês se alavanquem. Quero que fiquem encurralados. A única opção de vocês é ter sucesso. Deixem as consequências do fracasso tornarem-se tão horrendas e impensáveis que tudo que farão é se esforçar o máximo para ser bem-sucedidos.

“E é por isso que digo: ajam como se fossem! Ajam como se fossem homens prósperos, já ricos, e então irão com certeza ficar ricos. Ajam como se tivessem confiança total e as pessoas com certeza terão confiança em vocês. Ajam como se tivessem uma experiência incrível e as pessoas irão seguir seus conselhos. Ajam como se já fossem um sucesso tremendo e, com toda a certeza do mundo... vocês *irão* se tornar um sucesso!

“Ora, essa negociação abre em menos de uma hora. Assim, peguem a porra do telefone neste exato segundo e vão de A a Z da sua lista de clientes e não deixem nada os atrapalhar. Sejam ferozes! Sejam *pitbulls*! Sejam terroristas pelo telefone! Façam exatamente como digo e, acreditem, estarão me agradecendo mil vezes daqui a algumas horas, quando cada um de seus clientes estiver ganhando dinheiro.”

Com isso, desci do púlpito central para o som de milhares de strattonitas animados, que já estavam pegando seus telefones e seguindo o meu conselho: arrancar os olhos de seus clientes.

---

1 Personagem do seriado *Um amor de família* (*Married with Children*). (N. T.)

CAPÍTULO 9

NEGABILIDADE PLAUSÍVEL

Às 13h, os gênios da Associação Nacional da Segurança de Negócios, a NASD, liberaram a Sapatos Steve Madden para negociar na bolsa de valores NASDAQ sob o símbolo SHOO: pronuncia-se *shoe*.[1] Bonitinho e apropriado!

E, com sua prática antiga de olhar apenas para o próprio rabo, reservaram para mim, o Lobo de Wall Street, a distinta honra de dar o preço para o lance de abertura. Era apenas mais um exemplo de uma longa sequência de políticas de negociações mal planejadas, tão absurda que eles, fazendo assim, apenas garantiam que cada nova ação que entrava na NASDAQ fosse manipulada de alguma forma, não importando se a Stratton Oakmont estivesse ou não envolvida nisso.

Eu pensava de vez em quando sobre o motivo real de a NASD ter criado um ambiente que claramente fodia o cliente, e chegava à conclusão de que isso se dava em razão de a NASD ser uma agência autorregulatória, "pertencente" às próprias firmas de corretagem. (Na verdade, a Stratton Oakmont era membro também.)

Na essência, o verdadeiro objetivo da NASD era apenas aparentar estar do lado do cliente, embora, de fato, não estivesse. E nem se esforçavam muito para isso. O esforço era estritamente cosmético, suficiente para evitar que se levantasse a ira da Comissão de Valores Mobiliários, a quem eles tinham de responder.

Assim, em vez de permitir que o jogo natural entre compradores e vendedores ditasse o valor com o qual uma ação deveria abrir, reservaram esse direito incrivelmente valioso para o principal financiador, que era eu, nesse caso em particular. Eu podia escolher o preço que julgasse apropriado, apesar de ser algo arbitrário e volúvel. Em consequência, decidi ser bem arbitrário e até mais volúvel, e abri as unidades a 5,50 dólares cada, o que me deu a oportunidade deliciosa de readquirir meu um milhão de unidades de laranjas de cara. E, apesar de não negar que meus laranjas teriam gostado de manter as unidades por um *bom* tempo mais, eles não tiveram escolha nesse caso. Afinal de contas, a recompra fora pré-acordada (acerto que as autoridades reguladoras não permitiriam) e eles tiveram um lucro de 1,50 dólares por unidade para não fazer nada e arriscar nada – tendo comprado e vendido as unidades sem nem pagar pelo negócio. E, se quisessem ser incluídos na negociação seguinte, era melhor que seguissem o protocolo previsto, que era calar a porra da boca e dizer "Obrigado, Jordan!", mentindo até os dentes se fossem alguma vez interrogados por um regulador de mercado de capitais federal ou estadual a respeito de por que tinham vendido suas unidades por um preço tão baixo.

De qualquer forma, não se podia questionar minha lógica. Às 13h03 – apenas três minutos depois que eu comprara de volta minhas unidades a 5,50 dólares cada –, o resto de Wall Street tinha feito as unidades subirem a 18 dólares. Isso significava que eu obtivera um lucro de 12,5 milhões de dólares... *12,5 milhões! Em três minutos!* Ganhara mais um milhão ou pouco mais em taxas de banco de investimento e consegui outros três ou quatro milhões alguns dias depois –

quando comprei de volta as unidades de empréstimos-ponte, que também estavam nas mãos de meus laranjas. Ahhhh... laranjas! Que ideia! E, de todos, o próprio Steve era o meu maior laranja. Ele estava guardando 1,2 milhão de ações para mim, as mesmas ações das quais a NASDAQ me forçara a me livrar. Com o preço atual da unidade a 18 dólares (cada unidade consistindo de uma quota de ação ordinária e duas garantias), o preço atual da ação era 8 dólares. Isso significava que as ações que Steve estava guardando para mim valiam agora pouco menos de 10 milhões de dólares! *O Lobo ataca novamente!*

Dependia agora de meus leais strattonitas venderem todas essas ações inflacionadas para seus clientes. Todas essas ações inflacionadas – não apenas o milhão de unidades que ofereceram a seus próprios clientes como parte da oferta pública inicial, mas também meu milhão de unidades de laranjas, que eram agora mantidas na conta de negociação da firma, junto a 300 mil unidades de empréstimos-ponte que eu compraria de volta daqui a alguns dias – e então algumas ações adicionais que eu tinha de recomprar de todas as firmas de corretagem que haviam feito o preço das unidades subir a 18 dólares (realizando o trabalho sujo para mim). Elas venderiam lentamente suas ações de volta para a Stratton Oakmont, tendo seu próprio lucro. Assim, no final de tudo, eu precisaria que meus strattonitas levantassem aproximadamente 30 milhões de dólares. Isso mais do que cobriria tudo, também daria à conta de negociação da firma um belo travesseirinho contra qualquer vendedor a descoberto, chato pra caramba, que pudesse tentar vender ações que ele nem tem (com a esperança de fazer cair o preço para que possa comprar de volta por um preço menor no futuro). Esses 30 milhões não eram problema para meu bando alegre de corretores, principalmente depois da reunião de hoje de manhã, o que os fez arremessar seus corações e almas como nunca.

Nesse momento em particular, eu estava na sala de negociações da firma – olhando sobre o ombro do meu negociador-chefe, Steve Sanders. Um olho estava nos vários monitores de computador à frente de Steve, enquanto o outro observava uma janela de vidro com vista para a sala de corretagem. O ritmo era absolutamente frenético. Corretores gritavam para seus telefones como demônios selvagens. A cada segundo uma jovem assistente de vendas com um volumoso cabelo loiro e um decote grande vinha correndo até a janela de vidro, apertava seus peitos contra ela e passava um monte de bilhetes de compra através de um espaço estreito na parte de baixo. Então um dos quatro assistentes de ordens pegava os bilhetes e os digitava no sistema – fazendo com que os números surgissem no terminal de negociação à frente de Steve, quando então eu os executaria de acordo com o mercado corrente.

Com os números de diodo laranja brilhando no terminal de Steve, sentia um orgulho estranho por aqueles dois imbecis da Comissão de Valores Mobiliários estarem na minha sala de reuniões, pesquisando o registro histórico de algum revólver, enquanto eu disparava uma bazuca sob seus narizes. Mas acredito que estivessem muito ocupados congelando até a morte, enquanto ouvíamos cada palavra que diziam.

Nesse momento, mais de 50 firmas de corretagem diferentes estavam participando do frenesi de compras. O que todas tinham em comum, contudo, era que cada uma realmente pretendia vender cada ação de volta para a Stratton Oakmont no final do dia, pelo preço mais alto de mercado. E, com outras firmas de corretagem fazendo as compras, seria impossível para a Comissão provar que fora eu quem manipulara as unidades, levando-as a 18 dólares. Era elegante e simples. Como eu poderia ser culpado se não fora quem subira os preços das ações?

Na verdade, eu apenas vendera o dia inteiro. E vendera às outras firmas de corretagem apenas o suficiente para lhes molhar os bicos, para que continuassem a manipular minhas novas ações no futuro – mas não tanto a ponto de tornar-se uma grande aflição para mim quando tivesse de recomprar as ações no fim do dia de negociação. Era um balanço cuidadoso para se fazer, mas a verdade era que ter outras firmas de corretagem subindo o preço da Sapatos Steve Madden criava uma negabilidade plausível junto à Comissão. E, dentro de alguns meses, quando eles estivessem requisitando meus registros de negócios, tentando reconstruir o que acontecera naqueles primeiros momentos de negociação, tudo que veriam era que firmas de corretagem por todo o país tinham subido o preço da Sapatos Steve Madden, e só isso.

Antes de sair da sala de negócios, minha instrução final para Steve era que sob nenhuma circunstância ele deveria deixar as ações caírem abaixo de 18 dólares. Afinal de contas, eu não estava disposto a sacanear o resto de Wall Street depois de eles terem sido gentis o suficiente para manipular minhas ações para mim.

---

1 "Sapato", em inglês. (N. T.)

CAPÍTULO 10

O CHINA DEPRAVADO

Às 16h, era algo para o livro dos recordes. O período de negociação tinha terminado nos Estados Unidos e, por isso, o mundo viera deslizando pela rede Dow Jones para que todos pudessem ver. O mundo! Que audácia! Que audácia incrível!

Ah, sim, a Stratton Oakmont tinha o poder, certo. Na verdade, a Stratton Oakmont *era* o poder, e eu, como líder da Stratton, estava ligado diretamente a esse poder, sentado em sua torre de comando. Senti isso surgir de minhas próprias entranhas e ressoar em meu coração e alma, fígado e intestinos. Com mais de oito milhões de ações mudando de mãos, as unidades haviam fechado a pouco menos de 19 dólares, tendo subido 500% no dia, tornando a Stratton Oakmont o maior ganhador de porcentagem na NASDAQ, na NYSE, na AMEX, assim como em qualquer outra bolsa de valores do mundo. Sim, o mundo... do câmbio OBX, lá em cima nas terras desoladas e congeladas de Oslo, Noruega, até lá embaixo, no câmbio ASX, no paraíso dos cangurus de Sidney, Austrália.

Nesse momento, eu estava na sala de corretagem, casualmente encostado na janela de vidro de minha sala, com os braços cruzados no peito. Era a pose de um guerreiro poderoso após uma briga. O rugido poderoso da sala de corretagem ainda estava forte, mas o tom era diferente agora. Era menos urgente, mais amortecido.

Era quase hora de celebrar. Enfiei a mão direita no bolso da calça e fiz uma verificação rápida para ter certeza de que meus seis Ludes não tinham caído ou simplesmente evaporado no ar. Quaaludes de alguma maneira evaporavam de vez em quando, apesar de ser mais provável que seus “amigos” os tenham “apanhado” de você... ou simplesmente ficar tão chapado que você mesmo os tivesse tomado e simplesmente não se lembra. Essa era a quarta fase de um barato de Quaalude e, talvez, a mais perigosa: a fase da amnésia. A primeira fase era o formigamento, depois vinha o gaguejar, então a baba e, finalmente, lógico, a amnésia.

De qualquer forma, o deus das drogas fora gentil comigo, e os Quaaludes não tinham evaporado. Fiquei um tempo rolando-os pelas pontas dos dedos, o que me deu uma sensação inexplicável de alegria. Então comecei a calcular a hora apropriada para tomá-los, que era algo por volta das 16h30, imaginei, daqui a 25 minutos. Isso me daria quinze minutos para ficar na reunião vespertina, assim como tempo suficiente para analisar o ato de depravação da tarde, que era raspar o cabelo de uma mulher.

Uma das jovens assistentes de vendas, que estava nadando em dinheiro, tinha concordado em colocar um biquíni asa-delta, sentar-se num banquinho de madeira diante da sala de corretagem e nos deixar raspar sua cabeça até o crânio. Ela tinha um lindo cabelo loiro cintilante e um belo par de seios, recentemente aumentados para tamanho 44. Sua recompensa seria 10 mil dólares em dinheiro, que usaria para pagar seu implante mamário, o qual acabara de financiar a 12% de juros. Assim, era uma situação de ganhar ou ganhar para todo mundo. Em seis meses, ela teria seu cabelo de volta e possuiria seus 44 sem nenhuma dívida.

Não consegui deixar de pensar se deveria permitir que Danny trouxesse um anão para o

escritório. Afinal de contas, qual era o problema disso? Soou um pouco doentio de início, mas, agora que eu tivera um tempinho para digerir a ideia, não parecia tão ruim.

Na essência, tudo se resumia ao direito de pegar um anão e arremessá-lo por aí como se fosse uma moeda que se devia a algum guerreiro poderoso, um espólio de guerra, por assim dizer. De que outra forma podia um homem medir seu sucesso se não realizando cada uma de suas fantasias adolescentes, sem se importar sobre quão bizarras fossem? Havia definitivamente algo a se pensar sobre isso. Se o sucesso precoce trazia junto formas questionáveis de comportamento, o jovem prudente deveria colocar cada ato não adequado na coluna de débitos na sua planilha de balanço moral e então equipará-lo, em algum ponto futuro, com um ato de gentileza ou generosidade (um crédito moral, por assim dizer), quando ele ficasse mais velho, mais inteligente e mais sereno.

Entretanto, por outro lado, podemos apenas ser maníacos depravados... uma sociedade autossuficiente totalmente fora de controle. Nós, strattonitas, nos regozijávamos com atos de depravação. Contávamos com eles, na verdade; quer dizer, precisávamos deles para sobreviver!

Foi por essa razão que, depois de não se divertirem mais com atos simples de depravação, os poderes (ou seja, eu) sentiram-se compelidos a formar um time não oficial de strattonitas – com Danny Porush como seu orgulhoso líder – para preencher essa lacuna. O time agia como uma versão distorcida dos cavaleiros templários – cuja jornada sem-fim para encontrar o Santo Graal era épica. Mas, ao contrário dos cavaleiros templários, os cavaleiros da Stratton aproveitavam o tempo vasculhando os quatro cantos da terra por atos cada vez mais depravados, para que o resto dos strattonitas pudesse continuar a curtir. Não era como se fôssemos viciados em heroína ou algo tão sórdido; éramos viciados em adrenalina pura e precisávamos de precipícios cada vez mais altos para mergulhar e piscinas cada vez mais rasas para aterrissar.

O processo tinha oficialmente se iniciado em outubro de 1989, quando Peter Galletta, de 21 anos, um dos oito strattonitas iniciais, batizou o elevador panorâmico do prédio com um boquete rápido e uma enrabada ainda mais rápida nos quadris sedutores de uma assistente de vendas de 17 anos. Ela foi a primeira assistente de vendas da Stratton e, acima de tudo, era loira, bonita e incrivelmente promíscua.

De início, fiquei chocado e até pensei em despedir Peter, por manchar a imagem da empresa. Mas, em uma semana, a garota provara ser uma verdadeira atleta – chupando todos os oito strattonitas, a maioria dos quais no elevador panorâmico, e a mim sob minha mesa. E ela tinha uma forma estranha de fazer isso, que se tornou lendária entre os strattonitas. Chamávamos de giro e gozo – usando ambas as mãos, enquanto transformava sua língua num dervixe rodopiante. De qualquer forma, mais ou menos um mês depois, após um pouquinho de encorajamento, Danny convenceu-me de que seria bom se nós dois a comêssemos ao mesmo tempo, o que fizemos, numa tarde de sábado, quando nossas esposas haviam saído para comprar vestidos de Natal. Ironicamente, três anos depois, após ir para cama com Deus sabe quantos strattonitas, ela finalmente casou-se com um. Ele era um dos oito strattonitas originais e vira-a fazer seu serviço inúmeras vezes. Mas ele não se importava. Talvez o giro e gozo o tivesse conquistado! Qualquer que fosse o caso, ele tinha apenas 16 anos quando veio trabalhar comigo. Saiu do colegial para se tornar um strattonita... para viver a Vida. Mas, depois de um breve casamento, ficou deprimido e cometeu suicídio. Seria o primeiro, mas não o último, suicídio da Stratton.

Além disso, dentro das quatro paredes da sala de corretagem, comportamento normal era

considerado algo de mau gosto, como se você fosse algum tipo de estraga-prazeres ou algo do estilo, procurando destruir a alegria de todos os outros. Pensando bem, contudo, o conceito de depravação não é relativo? Os romanos não se consideravam maníacos depravados, consideravam? Na verdade, eu estava disposto a apostar que era normal para eles terem seus escravos preteridos sendo jogados aos leões e os escravos favoritos alimentados com uvas.

Foi então que vi Cabeça Quadrada andando na minha direção com a boca aberta, a testa franzida e o queixo levemente empinado para cima. Era a expressão ansiosa de um homem que estivera aguardando boa parte de sua vida para fazer uma única pergunta. Sendo ele o Cabeça Quadrada, não havia dúvidas de que a pergunta era grosseiramente idiota ou grosseiramente inútil. Sem me preocupar, fiz sinal para que entrasse com uma empinada de meu próprio queixo, e então fiquei um tempo observando-o. Apesar de possuir a cabeça mais quadrada de Long Island, tinha na verdade boa aparência. Suas feições eram suaves, como as de um garotinho, e era abençoado com um físico razoavelmente bom. Tinha altura mediana e peso mediano, o que era surpreendente, considerando as entranhas de que emergira.

A mãe de Cabeça Quadrada, Gladys Greene, era uma mulher grande.

Por todos os lados.

Começando pelo topo de sua cabeça, onde uma colmeia de cabelo loiro-abacaxi erguia-se uns bons 15 centímetros sobre seu largo crânio judeu, até as articulações calejadas de seus pés tamanho 44, Gladys Greene era grande. Tinha um pescoço do tamanho de uma sequoia e ombros de jogador de futebol americano. E sua barriga... bem, era grande, está certo, mas não havia um grama de gordura. Era o tipo de barriga que normalmente se via num halterofilista russo. E suas mãos eram do tamanho de ganchos de carne.

A última vez que uma pessoa realmente irritara Gladys foi quando ela estava numa fila do caixa no Supermercado Grand Union. Uma daquelas típicas judias de Long Island, com um nariz grande e o hábito nojento de enfiá-lo onde não é chamado, cometera o erro patético de informar Gladys que ela era sem-vergonha por tentar passar pelo caixa expresso apesar de estar com uma quantidade de itens que excediam o número máximo permitido. A resposta de Gladys foi virar-se contra a mulher e atingi-la com um cruzado direto. Com a mulher ainda inconsciente, Gladys delicadamente pagou suas compras e saiu calmamente, seu batimento cardíaco nunca excedendo a 72.

Então não era preciso pensar muito para entender por que Cabeça Quadrada era apenas um pouco mais são que Danny. Contudo, a favor de Cabeça Quadrada, ele não tivera dificuldades em sua juventude. Seu pai, que falecera de câncer quando Kenny tinha apenas 12 anos, fora dono de uma distribuidora de cigarros que, sem conhecimento de Gladys, fora grosseiramente mal administrada – devendo centenas de milhares de dólares em impostos atrasados. E, de repente, Gladys viu-se numa situação desesperadora: uma mãe solteira a caminho da ruína financeira.

O que Gladys podia fazer? Desistir de tudo? Talvez apelar para a previdência? Ah, não, sem chance! Usando seus fortes instintos maternais, recrutou Kenny para as sórdidas entranhas do negócio de contrabando de cigarros – ensinando-o a pouco conhecida arte de reembalar maços de Marlboro e Lucky Strike e contrabandeá-los de Nova York para Nova Jersey com selos de impostos falsificados, com o que podiam ganhar com a diferença dos preços. O plano funcionou como por encanto e a família continuou abastada.

Mas isso foi apenas o começo. Quando Kenny completou 15 anos, sua mãe percebeu que ele e seus amigos começaram a fumar um tipo diferente de cigarro: baseados. Gladys ficara puta? Nem um pouco! Sem hesitar, incentivou o adolescente Cabeça Quadrada a ser traficante de maconha – provendo-o com dinheiro, encorajamento, um local seguro para realizar sua tarefa e, logicamente, proteção, que era sua especialidade.

Ah, sim, e os amigos de Kenny eram bem cientes do que Gladys Greene era capaz. Ouviram falar de suas histórias. Mas ela nunca precisou usar a violência. Quero dizer, que criança de 16 anos quer uma mãe judia de 110 quilos aparecendo à porta de seus pais para cobrar uma dívida de drogas? Sobretudo quando ela, com certeza, estará trajando um moletom de poliéster roxo, tênis roxos tamanho 44 e um par de óculos de acetato rosa com lentes do tamanho de calotas de automóvel?

Mas Gladys estava apenas aquecendo. Afinal de contas, podia-se amar maconha ou odiar maconha, mas tinha-se de respeitá-la como a mais confiável droga de alívio no mercado, principalmente quando se referia a jovens. Diante disso, não demorou para Kenny e Gladys perceberem que havia outras lacunas a serem preenchidas no mercado de drogas juvenil de Long Island. Ah, sim, aquele pó boliviano, cocaína, oferecia uma margem de lucro alta demais para capitalistas ardentes como Gladys e Cabeça Quadrada resistirem. Dessa vez, porém, trouxeram um terceiro parceiro, o amigo de infância de Cabeça Quadrada, Victor Wang.

Victor era uma figura interessante, sendo o maior chinês a ter pisado na Terra. Sua cabeça era do tamanho da de um panda gigante, olhos rachados e um peito do tamanho da Muralha da China. Na verdade, o cara era uma cópia exata de Oddjob, o capanga do filme *007 contra Goldfinger*, que podia te picotar em 200 pedaços com um chapéu com aba de aço.

Victor era chinês de nascença e judeu por influência, tendo sido criado entre os jovens judeus mais selvagens de toda Long Island: as vilas de Jericho e Syosset. Foi da espinha dorsal desses dois guetos judeus de classe média alta que a maior parte dos meus primeiros cem strattonitas veio, a maioria antigos clientes de drogas de Kenny e Victor.

Como o resto dos sonhadores desprovidos de educação de Long Island, Victor caíra também em meu poder, mas não na Stratton Oakmont. Em vez disso, ele era o presidente da S. A. Judicate, um de meus empreendimentos-satélites. Os escritórios da Judicate ficavam lá embaixo, no porão, um mero depósito do alegre esquadrão de putas NASDAQ. Seu negócio era Resoluções de Querelas Alternativas, ou RQA, que era um termo chique para a atividade de juízes aposentados na arbitragem de querelas civis entre companhias de seguro e advogados queixosos.

A empresa mal estava se pagando agora – sendo mais um exemplo clássico de um negócio que parecia incrível no papel, mas que não funcionava assim no mundo real. Wall Street estava lotada desse tipo de empresas conceituais. Tristemente, um homem no meu ramo de trabalho – ou seja, capital de baixo risco – parecia estar adquirindo todas elas.

Contudo, a morte lenta da Judicate tornara-se um assunto doloroso para Victor, apesar de isso não ser culpa dele. O negócio era falho na base, e ninguém poderia ter se dado bem com ele, ou pelo menos não muito. Mas Victor era um chinês e, como a maioria de seus conterrâneos, se pudesse escolher entre perder a honra ou cortar seus próprios bagos e comê-los, ele pegaria alegremente uma tesoura e começaria a retalhar seu saco. Mas essa não era uma opção aqui. Victor tinha, de fato, perdido a honra, e ele era um problema com que se tinha de lidar. E com Cabeça Quadrada constantemente defendendo o caso de Victor, isso havia se tornado um espinho

perpétuo que me acompanhava.

Por essa razão, não fiquei nem um pouco surpreso quando as primeiras palavras que saíram da boca de Cabeça Quadrada foram: “Podemos nos sentar com Victor mais tarde hoje e tentar ajeitar as coisas?”.

Fingindo ignorância, respondi: “Ajeitar *o quê*, Kenny?”.

“Ora”, encorajou-me. “Precisamos conversar com Victor sobre abrir sua própria firma. Ele quer sua bênção e está me deixando louco com isso!”

“Ele quer minha bênção ou meu dinheiro? Qual dos dois?”

“Ele quer ambos”, disse Cabeça Quadrada. Depois de pensar um pouco, completou: “Ele *precisa* de ambos”.

“Ahã”, respondi, num tom não surpreso. “E se eu não lhe der?”

Cabeça Quadrada deixou sair um grande suspiro de sua cabeça quadrada. “O que você tem contra Victor? Ele já jurou lealdade a você milhares de vezes. E o fará novamente, neste exato momento, na frente de nós três. Estou te dizendo, depois de você, Victor é o cara mais esperto que conheço. Vamos ganhar uma fortuna com ele. Juro! Ele já encontrou uma corretora que poderia comprar por quase nada. É chamada Duke Securities. Acho que você deveria lhe dar o dinheiro. Tudo de que ele precisa é de meio milhão... só isso.”

Balancei a cabeça em desgosto. “Guarde suas opiniões para quando eu realmente precisar delas, Kenny. De qualquer forma, agora não é a hora de discutir o futuro da Duke Securities. Acho que isto é um pouquinho mais importante, você não acha?” Apontei para a frente da sala de corretagem, onde um bando de assistentes de vendas preparava uma barbearia ridícula.

Kenny abaixou a cabeça para o lado e observou a barbearia com um olhar confuso, mas não disse nada.

Respirei fundo e exalei lentamente: “Ouça, há coisas sobre Victor que me incomodam. E isso não devia ser novidade para você... a não ser, é claro, que você estivesse olhando para o próprio rabo nos últimos cinco anos!”. Comecei a rir. “Você parece não entender mesmo, Kenny. Não percebe que, com todas as conspirações e golpes de Victor, ele irá de Sun Tzu até a morte. E toda essa bosta de honra dele... não tenho tempo ou vontade para lidar com isso. Juro pela porra do bom Deus! De qualquer forma, enfie isso na sua cabeça: Victor... nunca... será... leal. *Nunca!* Nem a você, nem a mim nem a ele mesmo. Ele cortaria seu próprio nariz chinês para disfarçar seu rosto chinês a fim de ganhar alguma guerra imaginária que está lutando contra ninguém além de si mesmo. Captou?” Sorri cinicamente.

Fiz uma pausa e suavizei meu tom. “De qualquer forma, escute. Você sabe quanto te amo, Kenny. E também sabe quanto te respeito.” Lutei contra a vontade de rir com essas últimas palavras. “E, por causa dessas duas coisas, eu me sentarei com Victor e tentarei tranquilizá-lo. Mas não farei isso por causa da porra do Victor Wang, que eu detesto. Farei isso por causa de Kenny Greene, que eu amo. Por outro lado, ele não pode simplesmente cair fora da Judicate. Pelo menos, ainda não. Conto com você para garantir que ele fique lá até que eu faça o que preciso fazer.”

Cabeça Quadrada aquiesceu. “Sem problemas”, disse com alegria. “Victor me escuta. Quer dizer, se você soubesse apenas como...”

Cabeça Quadrada começou a vomitar todas as tolices de cabeça quadrada, mas imediatamente me desliguei. Na verdade, pela expressão em seus olhos, sabia que ele não tinha

captado nada do que eu dissera. A bem da verdade, era eu, não Victor, quem tinha mais a perder se a Judicate fosse à falência. Eu era o maior acionista, possuindo pouco mais de três milhões de ações, enquanto Victor mantinha apenas opções sobre ações, que eram inúteis com o valor atual das ações a 2 dólares. Ainda assim, sendo proprietário de ações, meu investimento valia 6 milhões de dólares – apesar de o preço de 2 dólares por ação ser equivocado. Afinal de contas, a empresa estava tão mal que não se podia, na verdade, vender as ações sem descer o preço a centavos.

A não ser, é lógico, que se tivesse um exército de strattonitas.

Porém, havia um obstáculo nessa saída: minhas ações ainda não eram elegíveis para venda. Eu comprara minhas ações diretamente da Judicate sob a Resolução 144 da Comissão de Valores Mobiliários, o que significava que havia um período de manutenção de dois anos antes que pudesse legalmente vendê-las. Faltava apenas um mês para completar os dois anos; assim, tudo de que eu precisava era que Victor mantivesse as coisas vivas por mais um tempinho. Mas essa tarefa aparentemente simples estava provando ser bem mais difícil do que eu imaginara. A empresa estava sangrando dinheiro como um hemofílico numa roseira.

Na verdade, agora que as opções de Victor não tinham valor, sua única compensação era um salário de 100 mil dólares por ano, uma soma ridícula comparada ao que seus colegas estavam ganhando no andar de cima. E, diferentemente de Cabeça Quadrada, Victor não era nenhum bobo; estava bastante ciente de que eu usaria o poder da sala de corretagem para vender minhas ações assim que elas se tornassem elegíveis, e também estava ciente de que ele podia ser deixado para trás assim que elas fossem vendidas – reduzido a nada mais que um presidente de uma empresa pública sem valor.

Confessara essa preocupação para mim através de Cabeça Quadrada, a quem estivera usando como uma marionete desde o ensino fundamental. E eu dissera a Victor, mais de uma vez, que não tinha nenhuma intenção de deixá-lo para trás, que eu o deixaria por perto não importando o que acontecesse... mesmo que isso significasse que ele tivesse de ganhar dinheiro como meu laranja.

Mas o China Depravado não se convencia disso, não por mais que algumas poucas horas. Era como se minhas palavras entrassem por um ouvido e saíssem por outro. A verdade era que ele era um paranoico filho da puta. Fora criado como um chinês enorme entre uma tribo de judeus selvagens. Em consequência, sofria de um complexo gigantesco de inferioridade. Ele estava magoado com todos os judeus selvagens, principalmente comigo, o mais selvagem de todos. Até hoje, eu tinha sido mais esperto, mais sagaz, mais enganador do que ele.

Foi devido ao seu próprio ego, na verdade, que Victor não se tornara um strattonita logo de início. Por isso, fora para a Judicate. Foi sua forma de adentrar o círculo íntimo, uma forma de manter a honra por não tomar a decisão certa lá em 1988, quando o resto de seus amigos jurou lealdade a mim e todos se tornaram os primeiros strattonitas. Na cabeça de Victor, a Judicate era meramente uma estação de passagem para se insinuar de volta à fila, e um dia eu lhe daria um tapinha nos ombros e diria: “Vic, quero que você abra sua própria firma de corretagem, e aqui estão o dinheiro e a *expertise* para fazê-lo”.

Era o sonho de todo strattonita e algo com que eu lidava em todas as minhas reuniões – que, se continuasse a trabalhar duro e permanecesse leal, um dia eu lhe daria um tapinha nos ombros e o ajudaria a abrir seu próprio negócio.

E então ele ficaria verdadeiramente rico.

Eu já havia feito isso duas vezes: uma com Alan Lipsky, meu mais antigo e confiável amigo, que agora era dono da Monroe Parker Securities; e, uma segunda vez, com Elliot Loewenstern, outro amigo de longa data, que era agora dono da Biltmore Securities. Elliot fora meu parceiro na época em que eu vendia sorvete. No verão, íamos até a praia mais próxima e vendíamos sorvete italiano de esteira em esteira, ganhando uma fortuna. Gritávamos nossas ofertas de venda com geladeiras de isopor nos ombros, correndo dos tiras quando eles nos perseguiam. E, enquanto nossos amigos estavam vagabundeando ou realizando serviços domésticos por 3,50 dólares a hora, nós estávamos ganhando 400 dólares por dia. Todo verão cada um de nós poupava 20 mil dólares e os usava durante os meses de inverno para pagar a faculdade.

De qualquer forma, as firmas de ambos – Biltmore e Monroe Parker – estavam fenomenalmente bem, faturando dezenas de milhões por ano, e cada um me pagava um *royalty* escondido de 5 milhões de dólares por ano, apenas por tê-los ajudado.

Era uma soma pesada, 5 milhões de dólares, e na verdade tinha pouco a ver com o fato de tê-los ajudado. A realidade era que eles me pagavam por lealdade e respeito. E o crucial disso, que ligava tudo, era que eles ainda se consideravam strattonitas. E eu os considerava assim também.

E era assim. Enquanto Cabeça Quadrada estava à minha frente, ainda tagarelando sobre quão leal era o China, eu pensava de outra forma. Como alguém que lapidou um profundo ressentimento em relação a todos os judeus selvagens podia se manter leal ao Lobo de Wall Street? Ele era um homem rancoroso, Victor, um homem que desprezava todos os strattonitas.

Era claro. Não havia motivo lógico para apoiar o China Depravado, o que criava um outro problema – ou seja, não havia como impedi-lo. Tudo que eu podia fazer era atrasá-lo. E, se eu atrasasse muito, corria o risco de ele fazê-lo sem mim – sem minha bênção, por assim dizer, o que criaria um precedente perigoso para o resto dos strattonitas, principalmente se ele tivesse sucesso.

Era triste e irônico, pensei, que meu poder fosse apenas uma ilusão, que desapareceria rapidamente se eu não pensasse dez movimentos à frente. Era obrigado a me torturar sobre cada decisão, compreender cada detalhezinho das intenções de todos. Sentia-me como um teórico de um jogo complicado, que ficou um bom tempo pensando – considerando todos os movimentos, os contramovimentos e as consequências disso. Minha vida era emocionalmente carregada, e após cinco longos anos eu parecia estar ficando bem esgotado. Na verdade, ultimamente, os únicos momentos em que minha mente ficava calma era quando eu estava doido de drogas ou dentro dos quadris sedutores da sedutora Duquesa.

Apesar disso, o China Depravado não podia ser ignorado. Começar uma firma de corretagem requeria uma quantidade minúscula de capital, talvez meio milhão no máximo, o que não era nada comparado ao que ela ganharia só nos primeiros meses. O próprio Cabeça Quadrada podia financiar o China, se desejasse, apesar de que isso seria um claro ato de guerra... se eu pudesse provar, o que seria difícil.

Na realidade, a única coisa segurando Victor era sua falta de confiança... ou sua simples má vontade de colocar seu enorme ego chinês e seus culhõezinhos chineses na luta. O China queria garantias; queria direção, apoio emocional, proteção contra vendedores a descoberto – e, mais importante, queria grandes quotas das novas ações da Stratton, que eram as mais quentes de Wall Street.

Ele ia querer todas essas coisas até que pudesse fazer tudo sozinho.

Então não ia querer mais.

Isso levaria seis meses, calculei, quando então viraria as costas para mim. Ele revenderia todas as ações que eu lhe dera, colocando pressão desnecessária sobre os strattonitas, que seriam forçados a comprá-las. Definitivamente, sua venda levaria as ações para baixo, resultando em reclamações de clientes e, mais importante, uma sala de corretagem cheia de strattonitas infelizes. Ele então depredaria aquela infelicidade, usando-a para tentar roubar meus strattonitas. E acompanharia isso com uma falsa promessa de uma vida melhor na Duke Securities. Sim, pensei, podia-se levar a sério alguém pequeno e esperto, como ele seria. Seria difícil defender-me de tal ataque. Eu era o lenhador gigante, vulnerável nos flancos.

Então a solução era negociar com o China numa posição de força. Eu era grande, é verdade, e, apesar de vulnerável pelos flancos, era duro como unha no centro. Assim, eu teria de atacar pelo centro. Concordaria em apoiar Victor e o tranquilizaria com uma falsa sensação de segurança; então, quando ele menos esperasse, eu lançaria um primeiro ataque contra ele com tamanha ferocidade que o deixaria de calças na mão.

Cada coisa a seu tempo. Eu pediria ao China que aguardasse três meses a fim de que eu tivesse tempo de descarregar minhas ações da Judicate. O China entenderia isso e não suspeitaria de nada. Enquanto isso, eu arrancaria algumas concessões de Cabeça Quadrada. Afinal de contas, como um sócio com 20% da Stratton, ele estava numa posição que vários outros strattonitas desejavam.

E, ao colocar Victor no negócio, eu o levaria ao ponto em que estivesse ganhando uma grana decente, mas não tanta. Então, eu o aconselharia a negociar de uma maneira que o deixaria sutilmente exposto. E há formas de fazer isso que apenas os negociantes mais sofisticados poderiam perceber, formas que Victor certamente não notaria. Aproveitaria aquele gigantesco ego chinês dele – aconselhando-o a manter grandes posições em sua conta de *proprietary trading*.[1] E, quando ele menos esperasse, quando estivesse em seu ponto mais vulnerável, eu me viraria contra ele com todo o meu poder e atacaria. Tiraria o China Depravado da porra do negócio. Venderia ações através de nomes e lugares de que Victor nunca ouviu falar, nomes que nunca poderiam ser ligados a mim, nomes que o deixariam coçando sua cabeça do tamanho da de um panda. Eu lançaria um embargo de vendas tão rápido e furioso que, antes que ele soubesse o que o atingiu, estaria fora do negócio – e sairia do meu pé para sempre.

Logicamente, Cabeça Quadrada perderia algum dinheiro no processo, mas, no final, ele ainda seria um homem próspero. Eu registraria isso como dano colateral.

Sorri para Cabeça Quadrada. “Como te falei, vou conversar com Victor por respeito a você. Mas só posso fazer isso na semana que vem. Então vamos conversar em Atlantic City, quando nós nos reunirmos com nossos laranjas. Presumo que Victor vá, certo?”

Cabeça Quadrada aquiesceu. “Ele irá a qualquer lugar que você queira que ele vá.”

Acenei com a cabeça. “Até lá, é melhor você endireitar a cabeça do China. Não serei pressionado a fazer isso antes de estar pronto. E isso será só depois que eu apagar a Judicate. Entendeu?”

Ele aquiesceu com orgulho. “Sabendo que você irá apoiá-lo, ele aguardará o tempo que você precisar.”

O tempo de que eu precisar? Que imbecil, esse Cabeça Quadrada! Era minha imaginação ou ele provou mais uma vez que era um tolo? Ao dizer isso, ele confirmou o que eu já sabia – que a fidelidade do China Depravado era condicionada.

Sim, hoje Cabeça Quadrada era leal; ainda vestia a camisa da Stratton. Mas nenhum homem pode servir a dois mestres por muito tempo, e certamente não para sempre. E o China Depravado era isso: outro Mestre. Ele estava esperando calmamente, manipulando a mente débil de Cabeça Quadrada enquanto espalhava sementes de divergência dentro de meu próprio esquadrão, começando com meu próprio sócio júnior.

Havia uma guerra fermentando aqui. Estava surgindo no horizonte – dirigindo-se para a entrada de minha casa num futuro não muito distante. E era uma guerra que eu venceria.

---

1 *Proprietary trading* são as transações que uma corretora conduz com dinheiro próprio, sem investir o dinheiro dos clientes. (N. T.)

LIVRO II

CAPÍTULO 11

A TERRA DOS LARANJAS

Agosto de 1993
(Quatro meses antes)

Caralho, onde estou, pelo amor de Deus?

Essa foi a pergunta que surgiu em minha mente quando acordei com o ruído inconfundível do trem de pouso sendo abaixado na enorme barriga de um jato jumbo. Lentamente recuperando a consciência, olhei para o emblema vermelho e azul na parte de trás do assento à minha frente e tentei descobrir o sentido disso tudo.

Aparentemente, o jato jumbo era um Boeing 747; o número de meu assento era 2A, um assento de janela na primeira classe, e, nesse momento em particular, apesar de meus olhos estarem abertos, meu queixo ainda estava enfiado entre minhas clavículas como se estivesse dormindo e minha cabeça parecia que tinha levado uma pancada de um cassetete farmacêutico.

Uma ressaca?, pensei. De Quaaludes? Isso não fazia sentido!

Ainda confuso, ergui o pescoço e olhei pela pequena janela oval à minha esquerda, tentando me recompor. O sol estava ali em cima, no horizonte... *Manhã!* Uma pista importante! Meu humor melhorou. Estiquei a cabeça e admirei a vista: montanhas verdes girando, uma pequena cidade cintilante, um enorme lago turquesa no formato de uma lua crescente, um gigantesco gêiser subindo a centenas de metros de altura... *de tirar o fôlego!*

Esperem um minuto. O que eu estava fazendo num avião comercial, caralho? Que coisa de mau gosto! Onde estava meu jato Gulfstream? Desde quando eu estava dormindo? E quantos Quaaludes... Ah, droga! Os Restorils!

Uma nuvem de desespero começou a crescer na raiz do meu cérebro. Eu fora indiferente aos avisos do meu médico e misturara Restorils com Quaaludes, duas pílulas soníferas, mas de composições concorrentes. Tomadas separadamente, o resultado era previsível... de seis a oito horas de sono profundo. Tomadas juntas, o resultado era... qual era o resultado?

Respirei fundo e afastei a negatividade. Foi então que percebi... meu avião estava pousando na Suíça. Tudo ficaria bem! Era território amigo! Território neutro! Território suíço! Cheio de coisas suíças – chocolate ao leite aveludado, ditadores depostos, belos relógios de pulso, ouro nazista escondido, contas de banco numeradas, dinheiro lavado, leis de sigilo bancário, francos suíços, Quaaludes suíços! Que pequeno país fabuloso! E deslumbrante, visto do ar! Nenhum arranha-céu à vista e milhares de minúsculas casas pontuando a área rural à moda dos contos de fadas. E aquele gêiser... inacreditável! Suíça! Eles até tinham sua própria marca de Quaaludes, pelo amor de Deus! Eram chamados de Methasedils, se a memória não me enganava. Fiz uma breve anotação mental para falar com o recepcionista do hotel sobre isso.

De qualquer forma, não havia como não amar a Suíça... apesar de metade do país ser cheia de galos e a outra, de chucrutes. Era o resultado de séculos de guerra e disputas políticas; o país havia sido dividido em dois, com a cidade de Genebra sendo a Central Galinácea, onde se falava francês, e a cidade de Zurique, a Central Chucrute, onde se falava alemão.

Se minha humilde opinião judia valesse, era com os galos de Genebra que se devia fazer

negócios... ao contrário dos chucrutes de Zurique, que passavam seu tempo falando um alemão glótico nojento enquanto se embebedavam de cerveja quente como mijo e comiam *Wiener schnitzel* até que suas barrigas ficassem como as de cangurus-fêmeas depois do cio. E, além disso, não era preciso muito esforço para descobrir que ainda havia alguns canalhas nazistas escondidos entre o populacho, vivendo dos estoques de ouro extraídos à força de meus ancestrais antes de os colocarem para morrer na câmara de gás!

De qualquer forma, havia um benefício adicional em fazer negócio na Genebra francófona: as mulheres. Ah, sim! Ao contrário da típica mulher alemã de Zurique, com ombros largos e peito em forma de barril, suficientes para jogar futebol americano, a típica mulher francesa, que perambulava pelas ruas de Genebra com sacolas de compra e *poodles*, era magra e deslumbrante, apesar das axilas peludas. Com esse pensamento, meu sorriso veio à tona; afinal de contas, meu destino era exatamente Genebra.

Afastei a cabeça da janela e olhei para a minha direita, onde estava Danny Porush... dormindo. Sua boca estava aberta, no modo pega-mosca, enquanto aqueles seus enormes dentes brancos brilhavam com o sol da manhã. Em seu pulso esquerdo, havia um relógio Rolex de ouro grosso com diamantes suficientes para fornecer energia a um laser industrial. O ouro resplandecia e os diamantes cintilavam, mas nenhum dos dois era páreo para seus dentes, mais brilhantes que uma supernova. Ele usava ridículos óculos de aros de chifre, aqueles com lentes sem grau. Inacreditável! Ainda era um WASP judeu... mesmo num voo internacional.

Sentado à direita dele estava o organizador da viagem, o autoproclamado especialista em sistema bancário suíço Gary Kaminsky, que por acaso também era o (escorregadio) diretor financeiro do Grupo Dollar Time, uma empresa negociada publicamente da qual eu era o maior acionista. Como Danny, Gary Kaminsky estava dormindo. Ele usava uma peruca grisalha ridícula, de cor inteiramente diferente das suas costeletas, que eram pintadas de preto... aparentemente tingidas por uma colorista com um ótimo senso de humor. Por curiosidade mórbida (e hábito), fiquei um tempo observando sua peruca horrível. Se tivesse de dar um palpite, diria que era um produto especial de Sy Sperling; o bom e velho Hair Club for Men!

De repente, a aeromoça passou – ah, Franca! Que delicinha suíça! Tão atrevida! Ela era deslumbrante, principalmente a forma como seu cabelo loiro caía sobre aquela deliciosa blusa branca com colarinho alto. Que sexualidade reprimida! E aquele par de asas de piloto de ouro sensual preso em sua teta esquerda – *uma aeromoça!* Que raça incrível de mulher! Principalmente essa, com sua saia vermelha justa e meias de seda pretas, que som delicioso produziam quando ela passava! Sobressaindo ao ruído do trem de pouso e tudo o mais!

Na verdade, a última coisa que eu conseguia recordar era ter dado em cima de Franca, enquanto ainda estávamos em terra no Aeroporto Kennedy em Nova York. Ela gostava de mim. Talvez ainda houvesse uma chance. Hoje à noite! Suíça! Franca e eu! Como eu poderia ser flagrado num país em que bico fechado era a ordem? Com um sorriso grande e num tom alto o suficiente para ser escutado através do rugido poderoso dos motores Pratt & Whitney do jato, falei: “Franca, meu amor! Venha aqui. Posso falar com você um segundo?”.

Franca virou-se sobre os calcanhares e assumiu uma pose, com os braços dobrados sob os seios, os ombros jogados para trás, as costas levemente arqueadas e seus quadris erguidos numa demonstração de desprezo. Que olhar ela me deu! Aqueles olhos estreitos... aquele maxilar rígido... aquele nariz enrugadinho... totalmente venenoso!

Bem, isso foi um pouco gratuito. Ora, a...

Antes de eu sequer conseguir terminar meu pensamento, minha adorável Franca girou sobre o salto e se afastou.

O que aconteceu com a hospitalidade suíça, pelo amor de Deus? Disseram-me que todas as mulheres suíças eram vagabundas. Ou seriam as mulheres suecas? *Hmmm*... sim, pensando bem, as mulheres suecas é que eram vagabundas. Ainda assim... isso não dava a Franca o direito de me ignorar! Eu era um cliente pagante da Swissair, caramba, e o preço do meu bilhete... bem, deve ter custado uma fortuna. E o que eu recebera em troca? Um assento mais largo e uma refeição melhor? Eu dormira durante a porra da refeição!

De repente, a necessidade incontrolável de urinar. Ergui a cabeça para o sinal do cinto de segurança. *Merda!* Já estava iluminado, mas eu não conseguiria segurar. Minha bexiga era notoriamente pequena (o que deixava a Duquesa louca), e eu devia ter dormido por umas boas sete horas. Ah, foda-se! O que eles podiam fazer contra mim se eu me levantasse? Prenderem-me por dar uma mijada? Tentei me levantar... mas não consegui.

Olhei para baixo. Não havia um, mas, caramba, quatro cintos de segurança sobre mim. Eu fora amarrado! Ah... uma tiração de sarro! Virei a cabeça para a direita. "Porush", repreendi, falando alto, "acorde e me desamarre, seu cuzão!"

Nenhuma resposta. Ele ficou sentado lá, com a cabeça jogada para trás e a boca aberta, um pouco de baba brilhando com o sol da manhã.

Novamente, mas mais alto dessa vez: "Danny! Acorde, droga! *Pooorussshhhhh!* Acorde, seu pedaço de merda, e me desamarre!".

Ainda nada. Respirei fundo e lentamente joguei a cabeça para trás; então, com um impulso poderoso para a frente, bati com a cabeça em seu ombro.

Um segundo depois, os olhos de Danny abriram-se rapidamente, e sua boca se fechou com tudo. Balançou a cabeça e olhou para mim através das ridículas lentes sem grau. "O que... qual é o problema? O que você fez agora?"

"O que você quer dizer? O que eu fiz agora? Me desamarre... seu pedaço de merda... antes que eu arranque esses óculos estúpidos da porra da sua cabeça!"

Com um meio sorriso: "Não posso... senão eles irão te eletrocutar!".

"*O quê?*", perguntei, confuso. "O que você está falando? Quem irá me eletrocutar?"

Danny respirou fundo e falou num tom calmante: "Ouça-me. Tivemos alguns problemas aqui. Você atacou Franca", ele apontou com o queixo na direção da cintilante aeromoça loira, "em algum lugar sobre o oceano Atlântico. Eles quase fizeram o avião retornar, mas eu os convenci a amarrá-lo em vez disso e prometi que o manteria em seu assento. Mas a policia suíça pode estar aguardando na alfândega. Acho que eles planejam prendê-lo."

Fiquei um tempo vasculhando minha memória de curto prazo. Não havia nada. Com uma expressão triste, disse: "Não tenho a menor ideia do que você está falando, Danny. Não me lembro de nada. O que eu fiz?".

Danny deu de ombros. "Você ficou agarrando as tetas dela e tentando enfiar a língua em sua goela. Nada tão terrível se estivéssemos numa situação diferente, mas aqui em cima, no ar... bem, há regras diferentes daquelas do escritório. O que é realmente foda, porém, é que acho que ela na verdade gostou de você!" Ele balançou a cabeça e comprimiu os lábios, como se dissesse: "Você deixou uma bela boceta fugir, Jordan!". Então falou: "Mas então você tentou levantar a

sainha vermelha dela e ela ficou ofendida".

Balancei a cabeça sem acreditar. "Por que você não me impediu?"

"Eu bem que tentei, mas você começou a ficar nervoso comigo. O que você tomou?"

"Ahn.... não tenho certeza", murmurei. "Acho que talvez... ah, talvez três ou quatro Ludes... e então... três daqueles Restorils azuizinhos... e, ah... hmmmm... não sei... talvez um Xanax ou dois... e talvez um pouco de morfina para as costas. Mas a morfina e o Restoril foram prescritos por um médico, então não é minha culpa, na verdade." Agarrei-me àquele pensamento reconfortante o mais que pude. Mas lentamente a realidade estava surgindo. Recostei-me em meu confortável assento de primeira classe e tentei tirar alguma força daquilo. Então, de repente, pânico: "Ah, merda... a Duquesa! E se a Duquesa descobrir isso? Estou realmente ferrado, Danny! O que irei dizer a ela? Se isso chegar aos jornais... ah, Deus, ela irá me crucificar! Todas as desculpas do mundo não irão...". Não conseguia nem terminar o pensamento. Fiz uma pausa por um breve instante, até que uma segunda onda de pânico me atingiu. "Ah, putz... o governo! O motivo para voar em aviões comerciais era ficar incógnito! E agora... uma prisão num país estrangeiro! Ah, droga! Vou matar o dr. Edelson por me dar aquelas pílulas! Ele sabe que eu tomo Ludes", em desespero, procurei uma saída para aliviar a culpa, "ainda assim me prescreveu pílulas soníferas! Ele prescreveria heroína para mim sem pestanejar se eu lhe pedisse, caralho! Que porra de pesadelo, Danny! O que poderia ser pior? Uma prisão na Suíça... a capital mundial da lavagem de dinheiro! Nem sequer lavamos dinheiro ainda e já estamos com problemas!" Comecei a balançar a cabeça, sério. "É um mau agouro, Danny. Me desamarre", falei. "Não vou me levantar." De repente, um momento de inspiração. "Talvez eu deva me desculpar com Franca, suavizar as coisas com ela? Quanta grana você tem contigo?"

Danny começou a me desamarrar. "Tenho vinte pratas, mas não acho que você deva tentar falar com ela. Apenas irá piorar as coisas. Tenho certeza absoluta de que você colocou sua mão nas calcinhas dela. Deixe-me cheirar seus dedos!"

"Cala a boca, Porush! Pare de tirar sarro e continue a me desamarrar."

Danny sorriu. "De qualquer forma, me dê o resto de seus Ludes para escondê-los. Deixe-me passar com eles pela alfândega para você."

Aquiesci e fiz uma oração silenciosa para que o governo suíço não quisesse nenhuma publicidade ruim que maculasse sua reputação de discrição. Como um cachorro com um osso, agarrei-me àquele pensamento com tudo, enquanto nós lentamente começávamos a descer em Genebra.

COM MEU CHAPÉU na mão e minha bunda numa cadeira de aço cinza, disse para os três oficiais da alfândega sentados à minha frente: "Estou lhes dizendo. Não me lembro de nada. Fico muito ansioso quando ando de avião, foi por isso que tomei todas aquelas pílulas". Apontei para os dois frascos sobre a mesa de metal cinza entre nós. Ainda bem que ambos os frascos continham meu nome na etiqueta; nas minhas atuais circunstâncias, isso parecia ser o mais importante. Quanto aos meus Quaaludes, nesse momento em particular eles estavam enfiados com segurança no cólon descendente de Danny, que, eu imaginava, já teria passado com segurança pela alfândega nessa hora.

Os três oficiais da alfândega suíça começaram a tagarelar em algum dialeto francês estranho. Soavam como se suas bocas estivessem cheias de queijo suíço podre. Era impressionante –

mesmo quando falavam quase à velocidade da luz, eles de alguma forma conseguiam manter seus lábios fechados como pratos de bateria e seus maxilares travados firmemente.

Comecei a vasculhar a sala. *Estava na prisão?* Não havia como descobrir isso pelos suíços. O rosto deles era sem expressão, como se fossem autômatos sem opinião vivendo a vida com a costumeira precisão de um relógio suíço, e enquanto isso a sala gritava: "Você está entrando na porra de uma região Além da Imaginação!". Não havia janelas... nenhum quadro... nenhum relógio... nenhum telefone... nenhuma caneta... nenhum lápis... nenhum abajur... nenhum computador. Não havia nada além de quatro cadeiras de aço cinza, uma mesa de aço cinza e uma porra de um gerânio esmorecendo, em morte lenta.

Porra! Será que eu deveria exigir falar com a embaixada americana? *Não, sua besta!* Eu estava provavelmente numa lista de observação. Tinha de ficar incógnito. Esse era o objetivo... incógnito.

Olhei para os três oficiais. Eles ainda estavam tagarelando em francês. Um segurava a garrafa de Restoril, outro, meu passaporte, e o terceiro coçava seu delicado queixo suíço, como se estivesse decidindo sobre meu futuro... ou teria apenas uma coceira?

Finalmente, o suíço coçador de queixo falou: "O senhor gostaria, por favor, de repetir mais uma vez sua história para nós?".

Gostaria? Da onde vinha toda essa bosta de *gostaria*? Por que esses galos estúpidos insistiam em falar em alguma forma bizarra do condicional? Tudo era baseado em desejos, e tudo era fraseado com *gostaria*, *desejaria*, *conseguiria*, *faria* e *talvez*. Por que não podiam apenas exigir que eu repetisse minha história? Mas nãããão! Eles apenas *desejavam* que eu repetisse minha história! Respirei fundo. No entanto, antes que eu começasse a falar, a porta se abriu e um quarto oficial da alfândega entrou na sala. Esse galo, percebi, tinha barras de capitão nos ombros.

Em menos de um minuto, os três primeiros oficiais saíram da sala, com a mesma expressão nula com que tinham entrado. Agora eu estava sozinho com o capitão. Ele deu-me um sorriso fino de galo, então puxou um maço de cigarros suíços. Acendeu um e começou calmamente a fazer anéis de fumaça. Então fez um tipo de truque impressionante com a fumaça – deixando uma nuvem densa escapar de sua boca e então a sugando diretamente pelo nariz em duas grossas colunas. Uau! Mesmo na minha situação do momento achei aquilo impressionante. Quer dizer, nunca vira meu pai fazer aquilo, e ele escreveu o manual de truques com fumaça! Teria de lhe perguntar como fazia aquilo se eu conseguisse sair dessa sala vivo.

Finalmente, depois de mais alguns anéis de fumaça e um pouco mais de inalação nasal, o capitão disse: "Bem, sr. Belfort, peço desculpas por qualquer inconveniência que o senhor tenha sofrido por esse infeliz engano. A aeromoça concordou em não prestar queixa. Assim, o senhor está livre para ir. Seus amigos o aguardam lá fora, se o senhor puder me acompanhar".

Hein? Tão simples assim? Os banqueiros suíços já teriam me afiançado? Só pra saber! O Lobo de Wall Street... à prova de balas, mais uma vez!

Minha mente estava relaxada agora, livre do pânico, e voltou voando para Franca. Sorri inocentemente para meu novo amigo suíço e disse: "Já que os senhores sempre falam em desejos e coisas assim, o que eu realmente desejaria é que o senhor de alguma forma me colocasse em contato com a aeromoça do avião". Fiz uma pausa e lhe ofereci meu sorriso de lobo em pele de cordeiro.

O rosto do capitão começou a enrijecer.

Ah, merda! Ergui as mãos, com as palmas voltadas para ele, e falei: “Lógico, só com o propósito de me desculpar formalmente com a jovem loira... quero dizer, com a jovem dama... e talvez fazer algum tipo de indenização financeira, se o senhor entende o que quero dizer”. Lutei contra a necessidade de piscar.

O galo deitou a cabeça para um lado e fixou o olhar em mim como se dissesse: “Você é um babaca demente!”. Mas tudo que falou foi: “Gostaríamos que o senhor não contatasse a aeromoça enquanto estiver na Suíça. Aparentemente ela está... como se diz isso em inglês... ela está...”.

“Traumatizada?”, ofereci.

“Ah, isso... traumatizada. Esse é o termo que usaríamos. Gostaríamos que o senhor, por favor, não a contatasse sob nenhuma circunstância. Não tenho a menor dúvida de que o senhor encontrará muitas mulheres desejáveis na Suíça, se for este seu objetivo. Aparentemente, o senhor tem amigos nos lugares certos.” E com isso o Capitão dos Desejos pessoalmente me escoltou pela alfândega, sem nem ao menos carimbar meu passaporte.

AO CONTRÁRIO DO meu voo, meu passeio de limusine foi quieto e sem imprevistos. Isso era adequado. Afinal de contas, um pouco de paz era bem-vinda após todo o caos dessa manhã. Meu destino era o famoso Hotel Le Richemond, aparentemente um dos melhores em toda a Suíça. Na verdade, de acordo com meus amigos do sistema bancário do país, Le Richemond era um dos estabelecimentos mais elegantes, mais refinados.

Mas, assim que cheguei, percebi que *refinado* e *elegante* eram termos suíços para deprimente e melancólico. Quando entrei no saguão, notei que o lugar era cheio de antigas mobílias de galos, Luís XIV, da metade do século XVIII, informou-me com orgulho o porteiro. Mas, para meus olhos perspicazes, o rei Luís deveria ter guilhotinado seu decorador de interiores. Havia um floral estampado no carpete carcomido, uma espécie de desenho serpenteado que um macaco cego poderia pintar, se ficasse inspirado para tanto. A combinação de cores era desconhecida para mim – uma mistura de amarelo da cor de mijo de cão e rosa de vômito. Estava certo de que o galo responsável gastara uma fortuna nesse lixo, o que, para um judeu *nouveau riche* como eu, era exatamente isso: lixo! Quero coisas novas, brilhantes e alegres!

De qualquer forma, deixei isso de lado. Afinal de contas, eu estava em débito com meus banqueiros suíços; assim, imaginei que o mínimo que podia fazer era fingir que apreciava sua escolha de hotéis. E, a 16 mil francos por noite, ou 4 mil dólares, qual o problema?

O gerente do hotel, um galo alto e aprumado, fez meu check-in e com orgulho me confidenciou a lista de hóspedes célebres do hotel, que incluía ninguém menos que Michael Jackson. Fabuloso!, pensei. Agora, com certeza, eu odiava o lugar.

Alguns minutos depois, eu estava na suíte presidencial, acompanhando o *grand tour* do gerente. Ele era um camarada razoavelmente afável, principalmente depois de eu ter-lhe dado sua primeira dose do Lobo de Wall Street, na forma de uma gorjeta de 2 mil francos, como agradecimento por fazer meu check-in sem avisar a Interpol. Ao sair, ele me garantiu que bastava uma ligação telefônica para ter as melhores prostitutas suíças em meu quarto.

Andei até o terraço e abri um par de portas francesas que davam sobre o lago Genebra. Observei o gêiser com um pavor silencioso. Deve ter disparado 300... 400... não, 500 vezes para o ar, pelo menos! O que os motivara a construir tal coisa? Quero dizer, era bonita, mas por que ter

o mais alto gêiser do mundo na Suíça?

De repente, o telefone tocou. Era um toque estranho: três breves estouros, então silêncio absoluto, três breves estouros, então silêncio absoluto. *Porra de galos!* Até seus telefones eram chatos! Deus, como tinha saudade dos Estados Unidos! Cheeseburgers com catchup! Sucrilhos! Churrascos de frango! Eu estava com medo de olhar o cardápio do serviço de quarto. Por que o resto do mundo era tão atrasado comparado aos Estados Unidos? E por que eles nos chamavam de *ugly americans*?[1]

Eu estava perto do telefone... *Meu Deus!* Que equipamento triste! Deve ser algum protótipo original de alguma espécie. Era desbotado e parecia ter pertencido ao lar de Fred e Wilma Flintstone!

Estiquei o braço e agarrei o antiquado telefone. "O que está pegando, Dan?"

"*Dan?*", disparou a Duquesa acusadora.

"Ah, Nae! Ei, querida! Como está, docinho? Pensei que fosse Danny."

"Não, é sua *outra* esposa. Como foi o voo?"

Ah, porra! Ela já sabia? Não tinha como! Ou tinha? A Duquesa possuía um sexto sentido para esse tipo de coisa. Mas isso era rápido demais, mesmo para ela! Ou teria havido uma notícia de jornal? Não... não passara tempo suficiente entre meu episódio de apalpação e a edição seguinte do *New York Post*. Que alívio... mas apenas por um milésimo de segundo! Então, um pensamento sombrio terrível: Cable News Network! CNN! Já vira esse tipo de coisa acontecer durante a Guerra do Golfo. Aquele canalha do Ted Turner tinha alguma espécie de sistema louco pronto para dar as notícias na hora em que estivessem acontecendo, em tempo real! Talvez a aeromoça tivesse ido a público!

"Alô?", irrompeu a promotora loira. "Você não vai me responder?"

"Ah... nada de mais. Apenas da forma como deveria ter sido. Sabe o que quero dizer?"

Uma longa pausa.

Putz! A Duquesa estava me testando, esperando que eu desmoronasse sob o peso de seu silêncio! Minha esposa era demoníaca! Talvez eu devesse começar colocando a culpa em Danny, por antecipação.

Mas então ela falou: "Ah, isso é bom, querido. Como foi o serviço na primeira classe? Conheceu alguma aeromoça bonitinha no avião? Vamos lá, pode me dizer! Não vou ficar com ciúmes". Soltou uma risadinha.

Inacreditável! Teria eu casado com o Incrível Kreskin?[2] "Não, não", respondi, "elas não eram nada de mais. Alemãs, acho. Uma delas era grande o suficiente para me arrebentar. De qualquer forma, dormi a maior parte do tempo. Até perdi a refeição."

Isso pareceu entristecer a Duquesa. "Ahhhhh, isso é muito chato, amorzinho. Você deve estar morrendo de fome! Como foi na passagem pela alfândega... algum problema?"

Puta merda! Eu tinha de terminar o telefonema *naquele instante*! "Bem calmo, quase o tempo todo. Algumas perguntas... apenas coisas típicas. De qualquer forma, eles nem sequer carimbaram meu passaporte." Então, uma mudança de assunto estratégica: "Mas, mais importante, como está a pequena Channy?".

"Ah, ela está bem. Mas a babá está me deixando louca! Ela nunca sai daquele telefone idiota. Acho que está ligando para a Jamaica. De qualquer forma, encontrei dois biólogos marinhos que

virão trabalhar para nós em tempo integral. Eles disseram que podem tirar as algas da fonte se revestirem o fundo com algum tipo de bactéria. O que você acha?"

"Quanto?", perguntei, não ansioso para ouvir a resposta.

"Noventa mil por ano... para ambos. São marido e mulher. Parecem ser legais."

"Está certo, parece bastante razoável. Onde você encontrou..." De repente, uma batida na porta. "Espere um segundo, querida. Deve ser o serviço de quarto. Já volto." Coloquei o telefone sobre a cama, caminhei até a porta e a abri. *Que diabos!* Ergui a cabeça... e subi mais... e uau! Uma mulher de pele negra de 1,85 metro, à minha porta! Uma etíope, pela aparência. Minha mente ficou acelerada. Que pele jovem e delicada ela tinha! Que sorriso caloroso, sedutor! E que par de pernas! Tinham um quilômetro! Seria eu tão baixo assim? Bem... que seja. Ela era deslumbrante. E, por acaso, estava usando um minivestido preto do tamanho de uma tanga. "Posso ajudá-la?" perguntei, intrigado.

"Olá", foi tudo que ela disse.

Minhas suspeitas foram confirmadas. Era uma prostituta negra da Etiópia, que conseguia apenas dizer olá e até mais! Meu tipo favorito! Fiz sinal para que entrasse no quarto e a conduzi até a cama. Ela se sentou. Sentei-me ao seu lado. Fui lentamente para trás, coloquei o cotovelo direito sobre a cama e encostei a bochecha na palma da mão... AH, CARALHO! MINHA ESPOSA! A DUQUESA! MERDA! Rapidamente coloquei o indicador em meus lábios e rezei para que a mulher entendesse a linguagem de sinais internacional, conhecida por todas as putas, que, nesse caso em particular, significava: "Cala a porra da sua boca, sua vagabunda! Minha esposa está no telefone e, se ela ouvir uma voz feminina no quarto, estarei ferrado e você não vai ganhar gorjeta!".

Graças a Deus, ela entendeu.

Com isso, peguei o telefone e falei para a Duquesa que não havia nada pior no mundo do que ovos Benedict frios. Ela foi simpática e disse que me amava *incondicionalmente*. Ansiava por essa palavra sem saber por quê. Então disse a ela que a amava também, que estava com saudades dela e que não conseguia viver sem ela... tudo isso era verdade.

E, de repente, uma onda terrível de tristeza passou sobre mim. Como eu podia sentir essas coisas por minha esposa e ainda fazer as coisas que fazia? O que havia de errado comigo? Esse não era o comportamento normal de um homem. Mesmo para um homem de poder... não, especialmente para um homem de poder! Uma coisa era ter uma indiscrição marital ocasional; esperavam-se coisas assim. Mas tinha de haver um limite, e eu... bem, escolhi não terminar o pensamento.

Respirei fundo e tentei afastar a negatividade da minha cabeça, mas foi difícil. Amava minha esposa. Ela era uma boa garota, apesar de ter culpa pelo fim do meu primeiro casamento. Mas eu também tinha culpa por aquilo.

Sentia-me como se estivesse sendo levado a fazer coisas, não porque eu realmente queria fazê-las, mas porque se esperava que eu as fizesse. Era como se minha vida fosse um palco, e o Lobo de Wall Street estivesse atuando para alguma plateia imaginária, que julgava cada movimento meu e ansiava por cada palavra minha.

Era uma noção cruel dos verdadeiros defeitos da minha personalidade. Quero dizer, teria eu realmente me importado com Franca? Ela não chegava aos pés da minha esposa. E aquele sotaque francês dela... eu preferia o sotaque do Brooklyn da minha esposa, sempre. Contudo,

mesmo depois de eu ter acordado do meu apagão, ainda pedira ao oficial da alfândega seu telefone. Por quê? Porque achei que era algo que se esperava que o Lobo de Wall Street fizesse. Que bizarro! E triste também.

Observei a mulher sentada ao meu lado. Será que ela tinha alguma doença?, perguntei-me. Não, parecia bastante saudável. Muito saudável para estar carregando o vírus da aids, certo? Por outro lado, ela era da África... Não, de jeito nenhum! Aids era uma doença das antigas. Tinha-se de merecê-la por enfiar seu pau num buraco em que ele não devia estar. Além disso, eu nunca parecia capaz de pegar nada, assim, por que dessa vez seria diferente?

Ela sorriu para mim, e eu sorri de volta. Estava sentada na ponta da cama, com as pernas cruzadas e a mão na cintura. Que insolente! Tão incrivelmente sensual! Sua tanga estava quase acima dos quadris. Essa seria a última vez! Perder esse inferno na torre marrom-chocolate seria dissimular a consciência... só isso!

Com esse pensamento, afastei todo o lixo negativo da minha mente e decidi ali, naquele momento, que, assim que eu a dispensasse, jogaria na privada o resto de meus Quaaludes e começaria uma nova vida.

E foi exatamente o que fiz, exatamente nessa ordem.

---

1 *Ugly americans*, literalmente, americanos feios. A expressão origina-se do título de um livro de William Lederer e Eugene Burdick, que foi filmado com Marlon Brando no papel principal (o nome do filme em português é *Quando irmãos se defrontam*). É uma expressão pejorativa que designa os americanos, em particular quando viajam para outros países, como pessoas barulhentas, rudes e ignorantes. (N. T.)

2 George Joseph Kresge Jr., mais conhecido como o Incrível Kreskin, é um paranormal que se tornou popular na televisão americana nos anos 1970. (N. T.)

CAPÍTULO 12

MAUS PRESSENTIMENTOS

Algumas horas depois, às 12h30, hora galinácea suíça, Danny estava sentado à minha frente no banco traseiro de uma limusine Rolls-Royce azul, mais larga que um barco de pesca comercial e mais longa que um ataúde, o que me dava a sensação assustadora de estar dirigindo-me a meu próprio funeral. Esse foi o primeiro mau pressentimento do dia.

Estávamos a caminho da Union Bancaire Privée para a primeira reunião com nossos futuros banqueiros suíços. Eu estava olhando pela janela traseira, observando o gêiser gigantesco, ainda apavorado com ele, quando Danny disse com grande tristeza: "Ainda não entendo por que tive de jogar meus próprios Ludes na privada. Quero dizer, fala sério, JB! Eu tinha acabado de enfiá-los no cu algumas horas atrás! Isso é meio pecaminoso, não acha?".

Olhei para Danny e sorri. Ele tinha um argumento válido. No passado, eu enfiara drogas no cu também, ao passar por este ou aquele país, e não senti nenhuma vontade de rir. Uma vez escutara que era mais fácil selar as drogas num frasco e revestir o frasco com uma boa quantidade de vaselina. Mas a simples ideia de planejar tanto só para contrabandear drogas impediu que eu levasse em frente a estratégia da vaselina. Afinal de contas, apenas um verdadeiro viciado em drogas consideraria a possibilidade de fazer tudo isso.

De qualquer forma, eu também respeitava Danny por cuidar de mim, por sempre ajudar a proteger a galinha dos ovos de ouro. A pergunta que se devia fazer, porém, era por quanto ele continuaria a proteger a galinha se ela parasse de colocar ovos de ouro? Era uma boa pergunta, mas sobre a qual não valia a pena me estender. Eu estava no pique agora, e o dinheiro estava entrando mais rápido do que nunca. Falei: "Sim, é bem pecaminoso; não vou negar. Mas não ache que não admiro o gesto... principalmente por você entochá-las sem nenhum KY ou coisa do estilo... mas passou a hora de ficar sob o efeito de Ludes. Preciso que você esteja são, pelo menos nos próximos dias, e preciso estar são também. Certo?".

Danny recostou-se em seu assento, cruzou as pernas despreocupadamente e disse: "Sim, sem problemas quanto a isso. Seria bom mesmo dar uma parada. Apenas não gosto de coisas enfiadas no meu cu".

"Precisamos maneirar com as putas também, Dan. Já está ficando bem desagradável." Comecei a balançar a cabeça para concluir minha argumentação. "Quero dizer, aquela última garota era bem gostosa. Você devia ter visto. Acho que ela tinha 1,90 metro, ou talvez até mais! Senti-me como um recém-nascido chupando as tetas da mãe... o que me deu uma espécie de tesão, na verdade." Mexi-me em meu assento desconfortavelmente, tirando a pressão da perna esquerda. "Garotas negras têm um sabor diferente das brancas, você não acha? Principalmente as bocetas, que têm gosto de... uhhhhmm... cana-de-açúcar jamaicana! É, uma boceta de negrinha é muito doce! É com... bem, isso não importa na verdade. Ouça, Dan... não posso te dizer onde enfiar seu pau, isso é problema seu, mas eu parei mesmo com as putas por um tempo. Sério."

Danny deu de ombros. "Se minha esposa fosse bonita como a sua, talvez eu também

maneirasse. Mas Nancy é um puta de um pesadelo em carne e osso! Essa mulher acaba comigo! Sabe o que estou dizendo?"

Resisti contra a vontade de comentar sobre genealogia e sorri com simpatia. "Talvez vocês devam se divorciar. Todos os outros parecem estar fazendo isso, então, não é nada de mais." Encolhi os ombros. "De qualquer forma, não pretendo ignorar a importância de seus problemas com sua esposa, mas precisamos falar de negócios agora. Estaremos no banco em alguns minutos, e há certas coisas que quero repassar com você antes de chegarmos lá. Primeiro, você sabe que deve me deixar falar, certo?"

Ele aquiesceu. "Quem você acha que sou, o porra do Cabeça Quadrada?"

Sorri. "Não, sua cabeça nem é tão quadrada e, além disso, você tem um cérebro. Mas ouça, falando sério, é importante que você fique quieto e observe. Tente descobrir o que aqueles galos estão pensando. Não consigo descobrir nada pela linguagem corporal deles. Estou começando a achar que eles não têm nenhuma. De qualquer forma, aconteça o que acontecer hoje de manhã, não importando quão perfeita a coisa seja, teremos de sair dizendo que não estamos interessados. Isso é um dever, Danny. Dizemos que não se ajusta ao que estamos fazendo nos Estados Unidos e que decidimos que não é para nós. Vou inventar alguma razão lógica depois que eles me contarem um pouco mais sobre as questões legais, está certo?"

"Sem problema", respondeu, "mas por quê?"

"Por causa de Kaminsky", falei. "Ele estará lá na primeira reunião e não confio nem um pouco naquele filho da puta de peruca. Vou te dizer... estou realmente pessimista em relação a toda essa coisa suíça. Tenho maus pressentimentos por algum motivo. Mas, se realmente decidirmos fazer isso, Kaminsky não pode saber. Isso destruiria todo o propósito. Talvez usemos um banco diferente se decidirmos prosseguir, ou talvez possamos até usar este mesmo. Tenho certeza de que eles não são leais a Kaminsky. De qualquer forma, o mais importante é que ninguém nos Estados Unidos saiba de nada. Não me importa quão chapado você esteja, Danny, ou quantos Ludes tenha tomado ou quanta cocaína tenha cheirado. Nunca fale sobre isso. Nem para Madden, nem para seu pai e, principalmente, nem para sua esposa... está certo?"

Danny concordou. "*Omertà*, companheiro. Até o fim."

Sorri, acenei com a cabeça e olhei para fora da janela sem dizer uma palavra. Era um sinal para Danny de que não estava mais a fim de conversar, e Danny, sendo quem era, entendeu isso imediatamente. Passei o restante do passeio de limusine observando as ruas imaculadas de Genebra, maravilhado em ver como não havia nem um átomo de lixo nas calçadas ou pincelada de *graffiti* nos muros. Logo minha mente começou a vagar e fiquei me perguntando por que diabos estava fazendo aquilo. Parecia errado, parecia arriscado e parecia temerário. Um dos meus primeiros mentores, Al Abrams, aconselhara-me a ficar longe de bancos estrangeiros. Falou que era o caminho para problemas, que levantava muitos sinais de alerta. Disse que não se podia confiar em suíços, que me entregariam se o governo americano fizesse uma boa pressão sobre eles. Contou que todos os bancos suíços tinham sucursais nos Estados Unidos, o que os tornava vulneráveis à pressão governamental. Todos os argumentos de Al eram válidos. E Al era o homem mais cuidadoso que eu já conhecera. Ele, na verdade, mantinha em seu escritório canetas velhas de dez ou quinze anos para que, se tivesse de antedatar um documento, a idade da tinta enganasse o cromatógrafo de gás do FBI. *Isso é que é criminoso cuidadoso!*

Bem no início, quando eu ainda estava começando, nos encontrávamos para tomar café da

manhã na Seville Lanches, a pouco mais de um quilômetro do escritório da Stratton na época, na Marcus Avenue, 2001, bem pertinho de onde fica atualmente. Ele me oferecia uma xícara de café e uma torta Linzer, junto com uma análise histórica da evolução das leis mobiliárias federais. Explicava-me por que as coisas estavam daquele jeito, que erros as pessoas cometeram no passado, e como a maioria das leis mobiliárias federais foi escrita em consequência de atos criminosos do passado. Eu memorizava tudo. Não tomava notas. Afinal de contas, anotar as coisas era proibido. Negócios com Al eram feitos estritamente com um aperto de mãos. Sua palavra era sua garantia. E ele nunca a quebrou. Sim, se não houvesse outro jeito, documentos eram trocados, mas apenas aqueles que tivessem sido cuidadosamente produzidos por Al com canetas escolhidas com ainda mais cuidado. E, lógico, todo documento trazia uma ideia de negabilidade plausível.

Al me ensinara muitas coisas, mas a mais importante delas era que toda transação – toda negociação de títulos e toda transferência de fundos, sendo de um banco ou de uma firma de corretagem – deixava um rastro em papel. E, a não ser que aquele rastro em papel o isentasse de culpa – ou, ao menos, permitisse alguma explicação alternativa que lhe garantisse negabilidade plausível –, mais cedo ou mais tarde se estaria em meio a uma denúncia federal.

E, assim, eu sempre fora cuidadoso. Desde os primeiros dias da Stratton Oakmont, toda negociação que consumava, toda transferência de fundos que Janet fazia por mim e todo negócio financeiro corporativo questionável de que participei foram camuflados – ou acolchoados, como se diz em Wall Street – com vários documentos e selos datados, até cartas registradas, que, juntos, propiciavam uma explicação alternativa que suavizasse minha responsabilidade criminosa. Não haveria tiros acertando o Lobo de Wall Street; eu não me tornaria o centro das atenções.

Mas agora Al estava na cadeia ou aguardando sentença por, entre várias coisas, lavagem de dinheiro. Apesar de ter sido bem cuidadoso, ele ignorou uma lei, ou seja, saques de dinheiro de uma conta bancária em quantias um pouquinho menores que 10 mil dólares, a fim de evitar a necessidade de preencher um formulário para o Fisco. Era uma lei instituída para pegar traficantes de drogas e mafiosos, mas servia para todos os cidadãos dos Estados Unidos. Outra coisa que Al me ensinara foi que, se eu, alguma vez, recebesse um telefonema de um parceiro de negócios – atual ou antigo – tentando me conduzir a uma discussão sobre negociações passadas, havia 90% de chance de ele estar cooperando com a polícia. E isso incluía ele. Quando recebi um telefonema de Al, e aquela sua estranha voz grunhida expressou as funestas palavras "Lembra-se de quando...", sabia que ele estava com problemas. Pouco tempo depois, recebi uma ligação de um dos advogados dele, dizendo-me que Al fora indiciado e que agradeceriam muito se eu lhe pagasse todos os investimentos que tínhamos juntos. Seus bens foram congelados, e ele estava ficando sem dinheiro vivo. Sem hesitar, paguei-lhe tudo, cinco vezes acima do valor de mercado, canalizando milhões para ele em dinheiro vivo. E então rezei. Rezei para que Al não me entregasse. Rezei para que Al resistisse ao interrogatório. Rezei para que, apesar de ele estar cooperando, entregasse todos, menos a mim. Mas, quando me encontrei com um dos melhores advogados criminalistas de Nova York, ele me disse que não existia cooperação parcial; ou se cooperava contra todos ou não se cooperava. Meu coração caiu até o estômago.

O que eu faria se Al falasse contra mim? A maioria do dinheiro que ele sacara do banco fora para mim. Uma vez, disse-me que tinha alguns laranjas no ramo das joias, para quem estava

ganhando dinheiro com novas ações e eles estavam lhe mandando de volta grandes quantias. Nem por um instante considerei a possibilidade de ele estar tirando dinheiro do banco. Ele era muito esperto para isso, não era? Era o homem mais cuidadoso do planeta. Um erro... foi o suficiente.

Teria eu o mesmo destino? Seria a Suíça meu último ato de estupidez? Por cinco anos eu fora incrivelmente cuidadoso... nunca possibilitando ao FBI um único tiro certeiro. Nunca falava sobre o passado, minha casa e meu escritório eram constantemente varridos em busca de grampos, documentei todas as transações que fiz até hoje, criando negabilidade plausível, e nunca tirei pequenas quantias do banco. Na verdade, eu havia sacado mais de 10 milhões de dólares em dinheiro vivo de várias contas bancárias, em quantias de 250 mil dólares ou mais, apenas a fim de ter uma negabilidade plausível se fosse pego com uma grande quantia em dinheiro vivo. Na realidade, se o FBI viesse me interrogar, eu poderia simplesmente dizer: "Vá verificar meu banco e verão que todo o meu dinheiro é legítimo".

Portanto... sim, eu fora cuidadoso. Mas também o fora meu bom amigo Al, meu primeiro mentor, um homem a quem eu devia demais. E, se *o* pegaram... bem, as possibilidades estavam definitivamente apontando contra mim.

E esse seria meu segundo mau pressentimento do dia. Mas, nesse momento em particular, eu não tinha como saber que não seria o último.

CAPÍTULO 13

LAVAGEM DE DINHEIRO 101

O banco privado Union Bancaire Privée ocupava um prédio de vidro preto brilhante, dez andares acima do centro infestado de galos de Genebra. Ficava na rue du Rhône, no coração do distrito comercial extremamente caro de Genebra, bem perto do meu gêiser favorito.

Diferentemente de um banco americano, onde se entrava e encontravam-se atendentes sorridentes atrás de vidros à prova de balas, nesse saguão em particular havia apenas uma moça cercada por 40 toneladas de mármore italiano cinza. Ela estava sentada atrás de uma mesa de mogno grossa, grande o suficiente para eu pousar meu helicóptero. Trajava um *tailleur* cinza-claro, uma blusa branca de gola alta e tinha uma expressão vazia. Seu cabelo era loiro e fora puxado para trás num coque rígido. Sua pele não tinha manchas, nenhuma ruga ou cicatriz. Outro robô suíço, pensei.

Enquanto Danny e eu andávamos até a mesa, ela nos olhava com suspeita. *Ela sabia, não?* Lógico que sabia. Estava claro em nosso rosto. Jovens criminosos americanos procurando lavar dinheiro ganho ilegalmente! Traficantes que ganhavam dinheiro vendendo drogas para crianças! Respirei fundo e resisti à vontade de dizer a ela que éramos meros trapaceiros da bolsa, somente viciados em drogas. Na verdade, não as vendíamos, pelo amor de Deus!

Mas, ainda bem, ela preferiu guardar sua opinião para si mesma e não investigar a natureza exata de nosso crime. Tudo que disse foi: "Gostaria de uma ajuda?".

Gostaria? Porra! Mais desejos! "Sim, estou aqui para uma reunião com Jean Jacques Saurel?[1] Meu nome é Jordan Belfort?" Por que eu estava falando tudo como se estivesse perguntando, caralho? Esses babacas suíços estavam me pulverizando.

Esperava que a androide me respondesse, mas ela não o fez. Continuou olhando para mim... e então para Danny... medindo a nós dois de cima a baixo. Então, para reforçar que eu pronunciara mal o nome do sr. Saurel, ela respondeu: "Ah... o senhor quer dizer *Monsieur Jean Jacques Saurel*!". Como o nome dele soava bonito quando dito por ela! "Sim, sr. Belfort, eles estão aguardando os senhores no quinto andar." Ela apontou para o elevador.

Danny e eu subimos num elevador de mogno operado por um jovem vestido como um marechal do Exército suíço do século XIX. Falei baixinho para Danny: "Lembre-se do que eu lhe disse. Não importa como estejam as coisas, sairemos da sala dizendo que não estamos interessados. Está certo?".

Danny concordou com a cabeça.

Saímos do elevador e seguimos por um longo corredor com paredes de mogno que fediam a prosperidade. Era tão silencioso que eu me sentia como se estivesse dentro de um caixão, mas lutei contra a vontade de concluir alguma coisa sobre aquele pensamento em particular. Em vez disso, respirei fundo e continuei na direção da figura alta e esguia no fim do corredor.

"Ahhh, sr. Belfort! Sr. Porush! Bom dia, senhores!", disse Jean Jacques Saurel calorosamente. Apertamos as mãos. Então ele fixou o olhar em mim com um sorriso torto e completou:

"Acredito que sua estada tenha melhorado depois daquela situação desagradável no aeroporto. O senhor tem de me contar, depois do café, sobre sua aventura com a aeromoça!". E piscou para mim.

Que figura!, pensei. Ele, certamente, não era o típico galo suíço. Definitivamente fazia parte do lixo europeu, mas, ainda assim, era tão... *suave* que não havia como ser suíço. Tinha pele oliva e cabelo castanho-escuro, penteado para trás como um verdadeiro homem de Wall Street. Seu rosto era longo e fino, assim como as feições, mas tudo se encaixava direitinho. Trajava um imaculado terno de lã azul-marinho com riscas de giz cinzas, camisa branca com mangas francesas e uma gravata de seda azul que parecia cara. Suas roupas cobriam seu corpo com tamanha suavidade, de uma forma que só aqueles babacas europeus conseguiam.

Tivemos uma breve conversa no corredor, quando descobri que Jean Jacques não era suíço, mas francês, emprestado da filial de Paris do banco. Fazia sentido. Então ele me impressionou pra caramba ao afirmar que estava desconfortável por Gary Kaminsky participar dessa reunião, mas, já que fora ele, Gary, quem nos apresentara, era inevitável. Sugeriu que fôssemos apenas até certo ponto e, depois, nos encontrássemos mais tarde naquele dia ou no dia seguinte. Disse-lhe que já planejava terminar a reunião com uma negativa por aquele mesmo motivo. Ele franziu os lábios e balançou a cabeça concordando, como se dissesse "Nada mal!". Nem me preocupei em olhar para Danny. Sabia que ele estava impressionado.

Jean Jacques conduziu-nos a uma sala de reuniões que parecia mais um clube de charutos masculino do que qualquer outra coisa. Havia seis galos suíços sentados em torno de uma grande mesa de reuniões, cada um com seu tradicional traje de negócios. Todos estavam segurando um cigarro aceso ou tinham deixado um queimando num cinzeiro à sua frente. De cima a baixo, a sala estava tomada por uma nuvem gigante de fumaça.

E então lá estava Kaminsky. Sentado entre os galos com aquela peruca ridícula sobre seu crânio como se fosse um animal morto. Em seu obeso rosto redondo havia um sorrisinho de merda que me dava vontade de esbofeteá-lo. Por um breve instante pensei em pedir que saísse da sala, mas preferi não o fazer. Seria melhor que ele presenciasse a reunião e ouvisse com seus próprios ouvidos que eu decidira não fazer negócios na Suíça.

Após alguns minutos de conversa fiada, falei: "Estou curioso sobre as leis de discrição de seu banco. Ouvi muitas informações desencontradas de advogados lá nos Estados Unidos. Sob que circunstâncias os senhores cooperam com o governo americano?".

Kaminsky respondeu: "Essa é a melhor parte de fazer negócios na...".

Interrompi-o. "Gary, se estivesse interessado na sua opinião sobre o assunto, caralho, eu teria..." Eu me brequei, percebendo que esses robôs suíços provavelmente não apreciariam minha fala chula. Então falei humildemente: "Desculpem-me... eu teria lhe solicitado quando estávamos em Nova York, Gary".

Os galos sorriram e acenaram com a cabeça. A mensagem não dita era: "Sim, esse tal Kaminsky é tão idiota quanto parece". Mas agora minha mente estava acelerada. Obviamente, Kaminsky ia conseguir algum tipo de taxa de intermediação se eu decidisse fazer negócios com o banco. Por que mais ele estaria tão ansioso para aliviar minhas preocupações? De início, eu pensara que Kaminsky era apenas mais um tolo que gostava de mostrar quanto sabia sobre um assunto obscuro. Wall Street era cheia desse tipo de gente. Eram chamados de diletantes. Mas agora eu estava convencido de que a motivação de Kaminsky era financeira. Se eu realmente

estivesse disposto a abrir uma conta no banco, ele seria avisado através de um recibo de sua taxa de intermediação. Aquilo era um problema.

Como se estivesse lendo minha mente, Jean Jacques falou: "O sr. Kaminsky sempre foi rápido em oferecer sua opinião sobre questões como essa. Acho muito estranho, considerando que ele não tem nada a ganhar ou perder com a sua decisão. Ele já recebeu uma pequena taxa de intermediação por trazer o senhor aqui. A decisão do senhor sobre fazer negócios com o Union Bancaire não interfere em nada na carteira do sr. Kaminsky".

Acenei com a cabeça demonstrando que compreendi. Achei interessante o fato de Saurel não falar em desejos, como os suíços. Ele tinha um domínio total da língua inglesa, dialetos e tudo o mais.

Saurel continuou: "Mas, respondendo à sua pergunta, a única forma que o governo suíço cooperaria com o governo americano seria se o suposto crime também se configurasse assim na Suíça. Por exemplo, na Suíça, não há leis referentes a evasão de impostos. Assim, se recebêssemos uma solicitação do governo americano quanto a isso, não cooperaríamos com ele".

"O sr. Saurel está totalmente correto", disse o vice-presidente do banco, um galinho magro de óculos, que respondia pelo nome de Pierre alguma coisa. "Não morremos de amores pelo seu governo. Por favor, não se ofenda com isso. Mas o fato é que apenas cooperaríamos se o suposto crime fosse uma ofensa penal, ou, como se diz, um crime capital."

Então um segundo Pierre aderiu à conversa, apesar de ser mais jovem e careca como uma bola de sinuca. Ele falou: "O senhor perceberia que o código penal suíço é bem mais liberal do que o do seu país. Muitos de seus crimes capitais não são assim considerados na Suíça".

Deus do céu! A expressão *crime capital* era suficiente para fazer um calafrio correr pela minha espinha. Na realidade, era óbvio que havia problemas enormes em minha ideia preconcebida de usar a Suíça como um paraíso fiscal... a não ser, é claro... bem... seriam os laranjas legais na Suíça? Considerei a possibilidade em minha mente. Não, duvidava muito disso, mas teria de indagar sobre isso quando me encontrasse com Saurel em particular. Sorri e disse: "Bem, não estou realmente preocupado com esse tipo de coisa, porque não tenho nenhuma intenção de burlar qualquer lei americana". Era uma mentira deslavada. Mas amei a forma como falei. Quem se importava se era um monte de merda? Por algum motivo inexplicável, ainda assim senti-me mais calmo por estar na Suíça. Prossegui: "E, quando digo isso, falo por Danny também. Vejam, a única razão para querermos ter dinheiro na Suíça é a proteção de bens. Minha preocupação principal é que, no meu ramo, existe uma grande probabilidade de ser processado... sem motivo, devo acrescentar. Mas, de qualquer forma, o que eu gostaria de saber... ou, para ser franco, o mais importante para mim... é que sob nenhuma circunstância os senhores irão entregar meu dinheiro para um cidadão americano ou, melhor dizendo, para qualquer pessoa no planeta que por acaso tenha um processo civil contra mim".

Saurel sorriu. "Não apenas nunca faríamos isso", meditou, "mas nem reconhecemos qualquer processo que seja, como o senhor disse, civil. Mesmo se recebêssemos uma intimação de sua Comissão de Valores Mobiliários, que é um órgão regulador civil, não cooperaríamos com ela sob nenhuma circunstância." Então, pensando melhor, completou: "E assim agiríamos mesmo que o suposto crime fosse um crime capital de acordo com as leis suíças". Acenou com a cabeça para completar seu pensamento. "Nem assim cooperaríamos!" Deu-me um sorriso

conspiratório.

Acenei com a cabeça, aprovando, e então corri o olhar pela sala. Todos pareciam estar satisfeitos com a forma como as coisas estavam indo, todos menos eu. Eu não poderia estar mais desanimado. O último comentário de Saurel me incomodara demais, fazendo meu cérebro trabalhar a todo vapor. A verdade é que, se o governo suíço se recusasse a cooperar com uma investigação da Comissão, ela seria obrigada a recorrer ao escritório do procurador-geral da República para uma investigação criminal. Isso é que é ser o agente de sua própria morte!

Comecei a avaliar os cenários possíveis em minha mente. Noventa por cento de todos os casos da Comissão eram resolvidos num nível civil. Só quando a Comissão sentia que algo realmente ruim estava acontecendo é que recorria ao FBI para uma investigação criminal. Mas, se a Comissão não pudesse conduzir sua investigação – se fossem impedidos pelos suíços –, como poderiam decidir o que era ruim ou não? Na verdade, a maior parte do que eu estava fazendo não era assim tão terrível, era?

Respirei fundo e falei: "Bem, isso parece razoável para mim, mas me pergunto como o governo ao menos saberia onde procurar... quero dizer, como saberiam para qual banco suíço enviar uma intimação? Nenhuma conta tem nome; são apenas numeradas. Assim, a não ser que alguém lhes desse uma dica", resisti contra a tentação de olhar para Kaminsky, "sobre onde o dinheiro está sendo guardado, ou a não ser que os senhores não fossem cuidadosos o suficiente e deixassem algum rastro em papel, então como eles saberiam por onde começar? Eles têm de adivinhar o número da conta? Deve haver milhares de bancos na Suíça, e cada um tem provavelmente centenas de milhares de contas. Isso dá milhões de contas, todas com números diferentes. Seria como procurar uma agulha num palheiro. Seria impossível". Olhei diretamente para os olhos negros de Saurel.

Depois de um instante de silêncio, Saurel respondeu: "Esta é outra pergunta excelente. Mas, para respondê-la, gostaria que o senhor me concedesse a oportunidade de dar-lhe uma pequena aula sobre a história bancária suíça".

Isso estava ficando bom. A importância de entender os acontecimentos passados era exatamente o que Al Abrams enfiara em minha cabeça durante todos aqueles cafés da manhã bem cedo. Aquiesci e disse: "Por gentileza. Sou realmente fascinado por história, sobretudo quando se refere a uma situação como essa, em que estou avaliando a possibilidade de fazer negócios em território desconhecido".

Saurel sorriu e falou: "Toda essa noção de contas numeradas é de alguma forma enganosa. Apesar de ser verdade que todos os bancos suíços oferecem a seus clientes essa opção, como uma forma de manter-lhes a privacidade, cada conta é ligada a um nome, que é mantido registrado no banco".

Com essa afirmação, meu coração baqueou. Saurel continuou: "Muitos anos atrás, antes da Segunda Guerra Mundial, não era assim que funcionava. Naquela época, era uma prática comum entre banqueiros suíços abrir uma conta sem um nome ligado a ela. Tudo era baseado em relações pessoais e um aperto de mãos. Muitas dessas contas eram mantidas no nome de corporações. Mas, ao contrário das corporações nos Estados Unidos, essas eram corporações de portadores, as quais, mais uma vez, não tinham nenhum nome ligado a elas. Em outras palavras, quem quer que fosse o portador dos certificados físicos de ações da corporação seria considerado o proprietário legal.

“Mas então veio Adolf Hitler e os desprezíveis nazistas. Esse é um capítulo muito triste em nossa história, e um de que particularmente não temos orgulho. Fizemos o máximo para ajudar a maior quantidade de clientes judeus possível, mas no final eu diria que não os ajudamos o suficiente. Como o senhor sabe, sr. Belfort, sou francês, mas acho que falo por todos os homens nesta sala quando digo que gostaríamos de ter feito mais.” Com isso, fez uma pausa e acenou solenemente com a cabeça.

Todo mundo na sala, incluindo o próprio porteiro da corte, Kaminsky, um judeu de nascimento, aquiesceu em simpatia. Imaginei que todos soubessem que tanto Danny como eu éramos judeus, e não pude deixar de me perguntar se Saurel dissera essas coisas para nos agradar. Ou se ele realmente quisera dizer aquilo. De qualquer forma, antes de ele começar a falar, eu já estava dez passos à frente e sabia exatamente onde ele ia chegar. A verdade é que, antes de Hitler conseguir varrer a Europa, juntar seis milhões de judeus e exterminá-los nas câmaras de gás, muitos conseguiram transferir seu dinheiro para a Suíça. No começo dos anos 1930, eles perceberam o que estava por vir quando os nazistas estavam chegando ao poder. Mas esconder o dinheiro provara ser bem mais fácil do que se esconder. Praticamente todos os países europeus, com exceção da Dinamarca, negaram asilo a milhões de judeus desesperados. A maioria desses países fechara acordos secretos com Hitler, aceitando entregar suas populações judias se Hitler concordasse em não os atacar. Foram acordos que Hitler rapidamente renegou, assim que teve todos os judeus enfiados com segurança em campos de concentração. E quando nação após nação era derrotada pelos nazistas, os judeus não tinham mais onde se esconder. A ironia disso tudo era que a Suíça fora tão rápida em aceitar o dinheiro judeu quanto relutante em aceitar as almas judias.

Depois que os nazistas foram finalmente derrotados, muitas das crianças sobreviventes vieram à Suíça em busca das contas bancárias secretas de suas famílias. Mas não havia como provar que tinham direito a elas. Afinal de contas, não havia nomes ligados às contas, apenas números. A não ser que as crianças sobreviventes soubessem exatamente em que banco seus pais haviam guardado o dinheiro e precisamente com qual banqueiro fizeram negócios, não tinha como eles requisitarem o dinheiro. Até aquele dia, bilhões e bilhões de dólares ainda não haviam sido sacados.

E então minha mente vagou por campos mais obscuros. Quantos desses canalhas suíços sabiam exatamente quem eram as crianças sobreviventes, mas preferiram não as procurar? Pior ainda... quantas crianças judias cujas famílias inteiras foram aniquiladas apareceram no banco suíço correto e falaram com o banqueiro suíço correto, mas foram enganadas? Deus! Que tragédia do caralho! Apenas os mais nobres banqueiros suíços tiveram a dignidade de garantir que os herdeiros corretos recebessem o que lhes fora deixado. E em Zurique – que estava cheia de chucrutes do caralho – seria quase impossível encontrar amigos dos judeus. Talvez na Genebra francesa as coisas tenham sido um pouco melhores, mas só um pouco. A natureza humana era a natureza humana. E todo aquele dinheiro judeu ficara perdido para sempre, absorvido pelo próprio sistema bancário suíço, enriquecendo esse minúsculo país de forma sem igual, o que provavelmente era a razão de não haver mendigos nas ruas.

“... e o senhor entende por que”, disse Saurel “agora é necessário que toda conta aberta na Suíça tenha um beneficiário ligado a ela. Não há exceção.”

Olhei para Danny. Ele acenou com a cabeça imperceptivelmente. Mas a mensagem não dita

foi: “Esse é um puta pesadelo”.

Na volta para o hotel, Danny e eu mal trocamos uma palavra. Fiquei olhando pela janela e só consegui ver os fantasmas de alguns milhões de judeus mortos, ainda procurando seu dinheiro. Nesse instante, minha panturrilha estava queimando. Caramba! Se pelo menos não estivesse com essa dor crônica, provavelmente eu poderia acabar com meu vício de drogas. Estava me sentindo afiado como uma flecha. Fazia mais de 24 horas que não tomava uma pílula, e minha mente estava tão ligeira que eu sentia que podia resolver qualquer problema, por mais insuperável parecesse. Mas como eu poderia burlar as leis bancárias suíças? A lei era a lei, e ver Al Abrams cair servira apenas para reforçar o clichê antigo de como o desconhecimento da lei não é desculpa para burlá-la. A verdade era que, se eu fosse abrir uma conta no Union Bancaire, teria de dar-lhes uma cópia de meu passaporte, que seria então arquivado no banco. E se o Departamento de Justiça americano emitisse uma intimação criminal referente a fraude acionária – o que, é lógico, também era um crime na Suíça –, então eu estaria ferrado. Mesmo que os federais não soubessem qual era a minha conta ou com qual banco eu estava fazendo negócios, nem isso os impediria. A intimação deles iria diretamente para o Departamento de Justiça suíça, o qual enviaria então uma solicitação para cada banco suíço no país, exigindo que vasculhassem todos os registros por qualquer conta pertencente ao indivíduo referido na intimação.

E assim seriam as coisas.

Droga... era melhor eu ficar com meus laranjas nos Estados Unidos. Pelo menos, se eles fossem intimados, podiam simplesmente mentir sob juramento! Não era uma ideia agradável, mas pelo menos não havia rastro em papel.

Espera um pouco! Quem disse que eu tinha de dar meu passaporte ao banco? O que me impedia de trazer um dos meus laranjas para a Suíça e abrir uma conta com o passaporte dele? Quais eram as chances de o FBI chegar ao nome do meu laranja americano depois de meu laranja suíço? Era um laranja depois de um laranja! Uma dupla camada de proteção! Se os Estados Unidos emitissem uma intimação para verificar arquivos relacionados a Jordan Belfort, o Departamento de Justiça suíço reenviaria a solicitação deles e não encontraria nada!

E, agora que pensei nisso, por que desejaria usar um dos meus laranjas atuais? No passado, eu os escolhera com base não apenas em serem dignos de confiança, mas também em sua habilidade para gerar grandes quantias de dinheiro vivo de formas que não alertassem o Fisco. Era uma combinação difícil de encontrar. Meu primeiro laranja foi Elliot Lavigne – que estava rapidamente transformando-se num pesadelo. Ele não foi apenas meu primeiro laranja, mas também responsável por me apresentar aos Quaaludes. Ele era o presidente da Perry Ellis, uma das maiores fábricas de roupas dos Estados Unidos. Mas aquele seu comportamento exaltado estava atrapalhando um pouco. Na verdade, ele era dez vezes mais louco que Danny. Sim, apesar de parecer impossível, perto dele, Danny era um coroinha.

Além de ser um apostador compulsivo e um grande viciado em drogas, Elliot era também um maníaco sexual e um traidor compulsivo. Roubava milhões de dólares por ano da Perry Ellis – tendo negócios secretos com fábricas estrangeiras, que cobravam da Perry Ellis um dólar ou dois a mais por roupa e então devolviam o dinheiro para Elliot. Os números estavam na casa dos milhões. Quando eu ganhava dinheiro para Elliot em novas ações, ele acertava as contas comigo usando o mesmo dinheiro que recebia das fábricas estrangeiras. Era uma troca perfeita; não

havia rastro em papel. Mas Elliot estava começando a falhar comigo. Suas apostas e seu vício estavam deixando-o mal. Seus pagamentos para mim estavam atrasados. Até aquele momento, ele me devia quase 2 milhões de dólares em lucros retornados por ter servido de laranja em novas ações para mim. Mas, se eu o cortasse por completo, perderia aquele dinheiro com certeza. Então, estava no processo de anulá-lo aos poucos e lentamente, continuando a ganhar dinheiro para ele em novas ações enquanto ele ia pagando seus débitos.

Apesar disso, Elliot me servira bem. Ele me retornara mais de 5 milhões de dólares em dinheiro vivo, os quais estavam agora guardados com segurança em cofres nos Estados Unidos. Eu não sabia a maneira exata de mandar todo aquele dinheiro para a Suíça – apesar de ter algumas ideias. Discutiria isso com Saurel quando nos encontrássemos em algumas horas. De qualquer forma, sempre achei que substituir Elliot por outro laranja que pudesse gerar aquela mesma quantia de dinheiro sem deixar rastro em papel seria um problema. Mas agora, tendo a Suíça como minha principal camada de proteção, a questão de gerar dinheiro "limpo" não seria mais uma preocupação. Eu simplesmente manteria o dinheiro na minha conta suíça e deixaria que acumulasse juros. A única questão que não fora capaz de discutir na reunião de hoje foi como me habilitaria para usar todo o dinheiro mantido na minha conta suíça. Como poderia gastá-lo? Como conseguiria canalizar o dinheiro pós-lavagem de volta para os Estados Unidos e fazer investimentos? Havia ainda muitas perguntas a serem respondidas.

Mas o mais importante era que, ao usar a Suíça, agora eu podia escolher meus laranjas unicamente com base na confiabilidade. Isso abria um universo muito maior de possíveis laranjas, e minha mente rapidamente chegou à família de minha esposa. Nenhum era cidadão americano; todos viviam na Grã-Bretanha – longe dos olhos curiosos do FBI. Na verdade, havia uma isenção pouco conhecida nas leis mobiliárias dos Estados Unidos para que cidadãos não americanos investissem em companhias públicas em condições muito mais favoráveis que cidadãos americanos. Era chamado de Regulamento S, o qual permitia que estrangeiros comprassem ações privativas de companhias públicas sem precisar passar pelo período de dois anos requerido pela Lei 144. Em vez disso, sob o Regulamento S, um estrangeiro precisava manter suas ações por apenas 40 dias. Era uma lei ridícula, que dava aos estrangeiros uma vantagem incrível sobre os investidores americanos. Em consequência – como toda titica regulatória –, ocorrera uma onda maciça de abusos, em que investidores americanos malandros tramavam negócios por baixo dos panos com estrangeiros e usavam ilegalmente o Regulamento S para fazer investimentos secretos em companhias públicas sem ter de esperar dois anos inteiros para vender suas ações. Fui abordado inúmeras vezes por estrangeiros que, por uma taxa modesta, se ofereceram para agir como meus nomeados – permitindo-me usar suas cidadanias não americanas para fazer negócios utilizando o Regulamento S. Mas sempre rejeitara. O aviso de Al Abrams estava sempre no fundo da minha cabeça. Além disso, como diabos poderia confiar num estrangeiro para algo tão inerentemente ilegal? Afinal de contas, usar um nomeado estrangeiro para fazer uma compra de ação Regulamento S era crime sério, um que com certeza aguçaria o interesse do FBI. Então eu sempre ficara longe disso.

Mas agora, com um laranja cobrindo outro... com os parentes de minha esposa como o laranja secundário... ora, de repente não parecia tão arriscado!

E então minha mente voltou-se para a tia de minha esposa, Patricia... não, *minha* tia Patricia. Sim, ela havia se tornado minha tia também! A primeira vez que tia Patricia e eu nos

encontramos, percebemos que éramos muito parecidos. Que irônico era isso – considerando-se meu estado quando ela me vira pela primeira vez. Tinha sido dois anos atrás, no Hotel Dorchester, em Londres, e ela me encontrara bem no meio de uma overdose de Quaaludes. Na verdade, eu estava perto de me afogar numa privada quando ela entrou no quarto do hotel. Mas, em vez de me julgar, conversou para tentar me ajudar e ficou comigo a noite toda, segurando minha cabeça sobre aquela mesma privada enquanto eu vomitava o veneno que consumira. Então correu os dedos pelo meu cabelo, como minha mãe fazia quando eu era criança, enquanto várias ondas de ansiedade me atingiam em razão de toda a coca que eu cheirara. Em consequência, eu estava tentando arrancar minha própria pele. No dia seguinte, almoçamos juntos e, sem que eu me sentisse nem um pouco culpado sobre o que ela vira, tia Patricia de alguma forma me convenceu a parar de usar drogas. Eu ficara realmente sóbrio por duas semanas seguidas. Estava de férias na Inglaterra com Nadine, e nunca havíamos nos dado tão bem. Estava tão feliz que até pensei em me mudar para a Inglaterra, tornar tia Patricia parte de minha vida. Mas, bem no fundo, eu sabia que era apenas uma fantasia. Minha vida era nos Estados Unidos, a Stratton era nos Estados Unidos, meu poder era nos Estados Unidos, o que significava que eu tinha de estar nos Estados Unidos. E, quando finalmente retornei para os Estados Unidos, sob a gentil influência de Danny Porush, Elliot Lavigne e o resto de meu alegre bando de corretores, meu vício pelas drogas retornou com força total. E com a dor em minhas costas alimentando a motivação, voltou com mais força do que nunca.

Tia Patricia tinha 65 anos, era divorciada, além de professora primária aposentada e anarquista de armário. Ela seria perfeita. Tinha desprezo por tudo relacionado ao governo e era totalmente confiável. Se eu lhe pedisse para fazer isso por mim, daria o seu sorriso mais caloroso e viria de avião no dia seguinte. Além disso, tia Patricia não tinha dinheiro. Toda vez que eu a via, oferecia-lhe mais do ela possivelmente podia gastar em um ano. E toda vez ela recusava. Era orgulhosa demais. Mas agora eu poderia dizer-lhe que, como estava fazendo um serviço para mim, ela mais do que merecia seu prêmio. Eu lhe daria condições para gastar quanto quisesse. Na verdade, eu faria a vida dela passar de trapos para riquezas. Que ideia maravilhosa! E, além disso, ela dificilmente gastaria muito! Fora criada entre os entulhos da Segunda Guerra Mundial e atualmente vivia de uma minúscula pensão de seus dias de magistério. Não saberia como torrar muito dinheiro... mesmo que quisesse! A maior parte do que ela gastaria seria usada para mimar seus dois netos. E isso era demais! Na realidade, esta simples ideia alegrava meu coração.

Se o governo americano alguma vez surgisse à porta de Patricia, ela lhes diria para tomar em seus cus ianques! Ao imaginar isso, comecei a gargalhar.

“Por que está tão feliz?”, murmurou Danny. “A reunião toda foi uma perda de tempo! E eu sem um Quaalude sequer para afogar minha tristeza. Então, me diga, o que se passa nessa sua mente maluca?”

Sorri. “Vou me encontrar com Saurel em algumas horas. Preciso fazer mais algumas perguntas para ele, mas tenho certeza absoluta de que sei as respostas. De qualquer forma, quero que ligue para Janet assim que chegarmos ao hotel e diga a ela para mandar um Learjet nos aguardar no aeroporto logo cedo de manhã. E diga a ela para reservar a suíte presidencial no Dorchester. Vamos para Londres, companheiro. Vamos para Londres.”

CAPÍTULO 14

OBSESSÕES INTERNACIONAIS

Três horas depois, eu estava diante de Jean Jacques Saurel no restaurante Le Jardin, no saguão do Hotel Le Richemond. A mesa tinha uma das mais elegantes arrumações que eu já vira. Um maravilhoso conjunto de prata legítima polida à mão e uma imaculada coleção de porcelana chinesa branca como neve sobre uma superengomada toalha branca como a neve. Era algo realmente chique; deve ter custado uma fortuna!, pensei. Mas, como o resto desse hotel antiquado, a decoração do restaurante não me agradava. Era decididamente *art déco*, por volta de 1930, e eu presumia que fora a última vez que o restaurante passara por uma reforma.

Ainda assim, apesar da decoração nada estelar – e do fato de eu estar com um *jet lag* e próximo da exaustão –, a companhia foi excelente. Saurel mostrou-se um verdadeiro mulherengo e, nesse momento em particular, estava em meio a uma explicação para mim da delicada arte de trepar com galinhas suíças, as quais ele disse serem mais excitadas que coelhos. Na verdade, era tão fácil persuadi-las a ir para a cama, alegava, que todo dia ele olhava pela janela do seu escritório, observava-as andando pela rue du Rhône – com suas saias curtas e cachorrinhos – e pintava alvos imaginários em suas costas.

Considerei essa uma boa tirada e fiquei triste por Danny não estar presente para ouvi-la. Mas os assuntos que Saurel e eu planejávamos discutir naquela noite eram tão horrendamente ilegais que simplesmente não se podia ter esse tipo de conversa na presença de um terceiro – mesmo que o terceiro fosse alguém envolvido no crime. Era uma impossibilidade clara. Foi mais uma lição de Al Abrams: "Duas pessoas cometem um crime; três, fazem uma conspiração".

Assim, lá estava eu, sozinho com Saurel, mas minha mente voltada para Danny e, mais especificamente, para o que diabos ele estava fazendo naquele exato momento. Ele não era o tipo de cara que se deixava sem vigilância num país estrangeiro. Deixado por sua própria conta, era quase certeza de que algo *ruim* aconteceria. O único alívio era que, neste país em particular, não havia muito que Danny pudesse fazer – a não ser estupro ou assassinato – que o homem sentado à minha frente não pudesse consertar com um telefonema para a autoridade apropriada.

"... então a maior parte do tempo", proclamou Saurel, "levo-as para o Hotel Métropole, bem à frente do banco, e as fodo lá. Falando nisso, Jordan, devo dizer que acho essa palavra de vocês, *foder*, bastante agradável. Não há, na verdade, uma palavra em francês que signifique a mesma coisa. Mas, para não divagar muito... o que eu estava tentando dizer é que tornei isso minha segunda profissão, depois de banqueiro, é lógico: transar com a maior quantidade possível de mulheres suíças." Ele encolheu os ombros como um gigolô e soltou um caloroso sorriso da escória europeia. Então deu mais uma tragada profunda em seu cigarro.

"Kaminsky disse que", falou através da fumaça exalada, "você compartilha do meu amor por mulheres bonitas, certo?"

Sorri e concordei.

"Ahhh... isso é muito bom", continuou o mulherengo, "muito bom! Mas também me disseram que sua esposa é muito bonita. Você não acha isso maluco? Estar casado com uma esposa bonita

e ainda ter um instinto caçador? Mas posso entender isso, meu amigo. Veja, minha esposa é também muito bonita, entretanto ainda me sinto compelido a me satisfazer com qualquer jovem mulher que se importe em me ter, desde que dentro dos meus padrões de excelência. E neste país não há carência desse tipo de mulheres." Deu de ombros. "Mas imagino que seja assim que o mundo funciona, a forma como as coisas devem ser para homens como nós, não acha?"

Nossa! Isso soava horrível! Porém, eu dissera essas mesmas coisas para mim diversas vezes... tentando racionalizar meu próprio comportamento. Mas ouvir isso fez-me perceber como era um pensamento ridículo. "Bem, Jean, chega uma hora em que um homem tem de dizer para si mesmo que conseguiu o que queria. E esse é o ponto em que estou agora. Amo minha esposa e parei de ficar trepando por aí."

Saurel franziu o cenho com sapiência e aquiesceu. "Eu mesmo cheguei a este ponto algumas vezes. E é um sentimento bom quando se chega lá, não? Serve para nos lembrar do que é realmente importante na vida. Afinal de contas, sem uma família para a qual retornar, teria-se uma vida vazia mesmo. É por isso que aproveito demais o tempo que passo com minha família. E então, após alguns dias, percebo que poderia muito bem cortar meus pulsos se permanecesse mais algum tempo. Não me entenda mal, Jordan. Não é que não ame minha esposa e filhos. Amo de verdade. Mas sou francês, e há tanto dessa coisa de esposa e filho para um francês que se pode razoavelmente esperar que eu aproveite as coisas antes que comece a ficar magoado com eles. Acredito que o tempo longe de casa me torna um marido muito melhor para minha esposa e um pai muito melhor para meus filhos." Saurel pegou o cigarro do cinzeiro de vidro e deu uma tragada tremenda.

E eu aguardei... e aguardei... mas ele não exalou. Uau, isso era interessante! Nunca vira meu pai fazer esse truque! Saurel parecia internalizar a fumaça, absorvendo-a em seu interior. De repente me dei conta de que os homens suíços pareciam fumar por motivos diferentes daqueles dos homens americanos. Era como se na Suíça tudo se resumisse a participar de um simples passatempo masculino, enquanto nos Estados Unidos tinha mais a ver com o direito de se matar com um vício terrível, apesar de todos os alertas.

Era hora de falarmos sobre negócios. "Jean", falei calorosamente, "respondendo à sua primeira pergunta, sobre quanto dinheiro estou interessado em transferir para a Suíça. Acho que faria sentido se eu começasse baixo, talvez com mais ou menos 5 milhões de dólares. Então, se as coisas funcionarem, consideraria a ideia de trazer um montante significativamente maior... talvez mais 20 milhões nos próximos 12 meses. Quanto a usar os emissários do banco, agradeço a oferta, mas usarei o meu próprio. Há alguns amigos nos Estados Unidos que me devem favores e tenho certeza de que concordariam em fazer isso por mim. Mas ainda tenho muitas preocupações, e Kaminsky é a primeira. É impossível seguirmos em frente se ele souber alguma coisa sobre meu relacionamento com seu banco. Na verdade, se ele simplesmente suspeitar de que tenho um centavo em seu banco, seria o fim total de nossos negócios. Fecharia todas as minhas contas e transferiria o dinheiro para outro lugar."

Saurel não parecia nem um pouco intimidado. "Você nunca mais precisará falar sobre isso novamente", disse, friamente. "Não apenas Kaminsky nunca saberá disso, como, se ele decidir fazer qualquer investigação sobre o assunto, seu passaporte será colocado numa lista de procurados e ele será preso pela Interpol assim que o encontrarem. Nós, suíços, levamos nossas leis de privacidade mais a sério do que você possa imaginar. Veja, Kaminsky já foi empregado

de nosso banco, portanto ele é bem vigiado. Não estou brincando quando digo que ele acabará na cadeia se revelar assuntos como esses... ou até se apenas enfiar seu nariz onde não foi chamado. Ele será trancado numa sala e jogaremos fora a chave. Então deixemos Kaminsky de lado, de uma vez por todas. Se você decidir mantê-lo entre seus empregados, será sua decisão. Mas tenha cuidado, porque ele é um bufão tagarela."

Sorri e concordei com a cabeça. "Tenho meus motivos para manter Kaminsky onde ele está agora. A Dollar Time está perdendo grandes quantidades de dinheiro, e se eu contratar um novo diretor financeiro ele pode começar a vasculhar. Assim, por enquanto, é melhor deixar isso em banho-maria. De qualquer forma, temos assuntos mais importantes para discutir do que a Dollar Time. Se você me der sua palavra de que Kaminsky nunca saberá sobre minha conta, eu irei aceitá-la. Nunca mais tocarei no assunto."

Saurel aquiesceu. "Gosto da forma como você conduz os negócios, Jordan. Talvez tenha sido europeu em uma vida passada, hein?" Ele me deu seu sorriso mais largo.

"Obrigado", falei, com uma pitada de ironia. "Aceito isso como um grande elogio, Jean. Mas ainda tenho algumas perguntas importantes a lhe fazer, principalmente quanto àquela besteira que vocês me disseram hoje de manhã sobre dar meu passaporte para abrir uma conta. Quero dizer... ora, Jean... isso é um pouco demais, não acha?"

Saurel acendeu outro cigarro e deu uma tragada longa. Através da fumaça exalada, relampejou seu sorriso conspirador e disse: "Bem, meu amigo, pelo que conheço de você, imagino que já tenha bolado uma forma de evitar esse impedimento, certo?".

Fiz que sim com a cabeça, mas não disse nada.

Depois de alguns segundos de silêncio, Saurel percebeu que eu estava esperando que ele confessasse. "Muito bem, então", disse, dando de ombros. "A maior parte do que foi dito no banco era balela. Foi dito em razão de Kaminsky e, lógico, de um ou outro presente. Afinal de contas, tem de parecer que agimos de acordo com a lei. A verdade é que seria suicídio você ter seu nome ligado a uma conta numerada suíça. Eu nunca o aconselharia a fazer isso. Contudo, acho que *seria* prudente que você abrisse uma conta em nosso banco... que apresentaria com orgulho seu nome para qualquer um que quisesse ver. Dessa forma, se o governo americano alguma vez requisitasse os seus registros telefônicos, você teria uma explicação plausível para telefonar para nosso banco. Como sabe, não há lei contra ter uma conta suíça. Tudo que teria de fazer é nos enviar uma pequena quantia, talvez 250 mil dólares, que investiríamos em diversas ações europeias, logicamente apenas as das melhores empresas, e isso lhe daria motivos suficiente para ter contato com nosso banco com certa frequência."

Nada mal!, pensei. Negabilidade plausível era obviamente uma obsessão internacional entre criminosos de colarinho branco. Mexi-me desconfortavelmente na cadeira, tentando tirar a pressão da perna esquerda, que estava lentamente pegando fogo, e disse de forma casual: "Entendo, e posso muito bem fazer isso. Mas, apenas para que saiba o tipo de homem com que está lidando, as chances de eu telefonar para seu banco de minha própria casa são menores que zero. Eu preferiria ir a um telefone público no Brasil, com alguns trocados no bolso, a permitir que seu número aparecesse na minha conta telefônica. Mas, respondendo a sua pergunta, planejo usar um parente com um sobrenome diferente do meu. Ela é da parte da minha esposa e nem é uma cidadã americana; é britânica. Vou pegar um avião para Londres amanhã de manhã e posso trazê-la para cá depois de amanhã, com passaporte em mãos, pronta para abrir uma conta

em seu banco".

Saurel concordou e disse: "Presumo que você tenha uma confiança sem restrições nessa mulher, porque, se não o tiver, podemos oferecer-lhe duas pessoas que usarão seus próprios passaportes. Essas pessoas são bastante simples, a maior parte fazendeiros e pastores da ilha de Mann ou de outro lugar não tributado, e são 100% confiáveis. Além disso, não lhes será dado acesso à sua conta. Mas tenho certeza de que já avaliou a confiabilidade dessa mulher. Contudo, ainda assim, sugeriria que se encontrasse com um homem chamado Roland Franks.[2] Ele é profissional em assuntos como esse, principalmente na criação de documentos. Pode criar faturas de vendas, cartas financeiras, ordens de compra, confirmações de corretagem e quase tudo o mais dentro do razoável. É o que chamamos de fiduciário. Irá ajudá-lo a formar corporações ao portador, que o isolarão ainda mais dos olhos curiosos de seu governo e permitirão que divida a titularidade de companhias públicas em quotas menores, a fim de evitar o preenchimento de formulário necessário para mais de 5% de titularidade de ações".

Interessante. Eles tinham seu próprio serviço de laranjas verticalmente integrado. Era impossível não amar os suíços. Roland Franks serviria como falsificador: gerando documentos que apoiariam uma ideia de negabilidade plausível. "Gostaria muito de conhecer esse homem", respondi. "Talvez você possa marcar alguma coisa para depois de amanhã."

Saurel aquiesceu e falou: "Vou tentar. O sr. Franks também pode ajudar no desenvolvimento de estratégias que pavimentarão o caminho para você reinvestir ou, pelo menos, gastar quanto desejar de seu dinheiro estrangeiro, de maneira que não irão alertar as suas agências reguladoras".

"Por exemplo?", perguntei, de maneira casual.

"Bem, há diversas formas... a mais comum é fazer um cartão Visa ou American Express, diretamente ligado a uma de suas contas bancárias. Quando você fizer uma compra, o dinheiro será automaticamente deduzido de sua conta." Então ele sorriu e disse: "E, pelo que Kaminsky me conta, você gasta um bom dinheiro em cartões de crédito. Assim, isso seria uma ferramenta valiosa".

"O cartão será em meu nome ou no nome da mulher que planejo trazer para o banco?"

"Será em seu nome. Mas eu recomendaria que você nos permitisse fazer um para ela também. Seria inteligente permitir que ela gastasse uma pequena quantia todo mês, você entende?"

Concordei com a cabeça. Era bastante óbvio que Patricia gastando o dinheiro todo mês confirmaria a suposição de que o cliente era realmente ela. Mas vi um outro problema: se o cartão estivesse em meu nome, bastaria o FBI me seguir, entrar numa loja depois que eu tivesse feito uma compra e exigir ver o recibo do cartão de crédito. Então eu estaria ferrado. Achei estranho que Saurel tivesse recomendado uma estratégia tão cheia de furos logo de início. Mas preferi manter esse pensamento para mim. Em vez disso, falei: "Apesar de meus hábitos consumistas, ainda vejo isso como uma forma de gastar apenas uma soma modesta. Afinal de contas, Jean, as transações sobre as quais estamos ponderando são na casa dos milhões. Não acho que um cartão de débito, como o chamamos nos Estados Unidos, será de muita utilidade. Há outras maneiras de repatriar quantidades maiores?".

"Sim, lógico. Outra estratégia comum é hipotecar sua casa, usando seu próprio dinheiro. Em

outras palavras, o sr. Franks formaria para você uma corporação ao portador e então transferiria dinheiro de uma de suas contas suíças para uma conta corporativa. Depois, o sr. Franks redigiria documentos de hipoteca oficiais, os quais você assinaria como hipotecado, e então receberia o dinheiro. Essa estratégia tem duas vantagens. Primeiro, você estaria debitando juros de si mesmo, os quais seriam depositados em qualquer país que escolhesse para formar suas companhias estrangeiras. Atualmente, o sr. Franks prefere as ilhas Virgens Britânicas, que tendem a ser bastante frouxas com relação à papelada. E, claro, não há imposto de renda. A segunda vantagem tem a ver com uma dedução nos impostos americanos. Afinal de contas, no seu país, juros hipotecários são dedutíveis de impostos."

Pensei sobre isso e tive de admitir que era uma estratégia esperta. Mas parecia ainda mais arriscada que o cartão de débito. Se eu fosse hipotecar minha casa, isso seria registrado no distrito de Old Brookville, ou seja, bastava o FBI ir até o distrito e requisitar uma cópia da minha escritura – quando então descobririam que uma empresa estrangeira financiara a hipoteca. Isso, sim, seria um alerta! Aparentemente, essa era a parte mais difícil do jogo. Colocar dinheiro numa conta suíça era fácil, e proteger-me de uma investigação, também. Mas repatriar o dinheiro sem deixar um rastro em papel parecia ser algo difícil.

"A propósito", perguntou Jean, "qual é o nome da mulher que você trará ao banco?"

"O nome dela é Patricia, Patricia Mellor."

Saurel deu seu sorriso conspiratório mais uma vez e falou: "É um belo nome, meu amigo. Como poderia uma mulher com tal nome burlar a lei, não?".

UMA HORA DEPOIS, Saurel e eu havíamos saído do elevador do hotel e estávamos andando pelo corredor do quarto andar nos dirigindo ao quarto de Danny. Como no saguão, o carpete do corredor parecia ter sido desenhado por um macaco retardado, e a combinação de cores era a mesma mistura triste de amarelo da cor do mijo de cão e rosa de vômito. Mas as portas eram novas. Eram marrom-escuras de nogueira e brilhavam muito. Uma dicotomia interessante, pensei. Talvez fosse a isso que chamavam de charme do Velho Mundo.

Quando chegamos à porta brilhante de Danny, falei: "Ouça, Jean... Danny é um baita baladeiro, então não se surpreenda se ele estiver enrolando a língua. Ele estava bebendo uísque quando o deixei, e acho que ainda tem algumas pílulas calmantes no corpo em razão do voo. Mas, independentemente da situação dele agora, quero que saiba que, quando sóbrio, ele é rápido como uma flecha. Na verdade, ele vive sob o lema: 'Quando se sai com os garotos, deve-se acordar com os homens'. Entende isso, Jean?".

Saurel sorriu largamente e respondeu: "Ah, mas é lógico que sim. Só posso respeitar um homem que vive sob tal filosofia. Assim são as coisas na maior parte da Europa. Eu seria o menos adequado para julgar alguém baseado no seu desejo por prazeres carnais".

Virei a chave e abri a porta, e lá estava Danny, deitado no chão do quarto, de costas, nu – a não ser, é lógico, que se considerasse putas suíças peladas como roupa. E ele estava trajando quatro delas. Havia uma sentada em seu rosto, de costas, com sua bundinha rígida sufocando-lhe o nariz; havia uma segunda montada sobre seus quadris, indo para cima e para baixo. Ela estava empolgada, beijando ferozmente a garota sentada sobre o rosto de Danny. Havia uma terceira puta segurando seus tornozelos como se fosse uma águia com as asas abertas, e a quarta puta estava segurando seus braços, também como uma águia. O fato de duas novas pessoas terem

entrado no quarto não os desacelerara nem um pouco. Ainda estavam empolgados... nada de diferente.

Virei-me para Jean e estudei seu rosto por um tempo. Sua cabeça estava pendida para o lado e sua mão direita coçava seu queixo, pensativo, como se estivesse tentando adivinhar o papel de cada garota nessa cena sórdida. Então, de repente, franziu o cenho e começou a concordar com a cabeça lentamente.

"Danny!", explodi, gritando. "Que porra você está fazendo, seu depravado?"

Danny libertou o braço direito e empurrou a jovem puta para longe do seu rosto. Ergueu a cabeça e se esforçou para sorrir, mas seu rosto estava praticamente paralisado. Aparentemente ele usara um pouco de cocaína também. "Tô fazenu um shzcran!", murmurou com os dentes cerrados.

"Você está o quê? Não consigo entender uma porra de palavra que você está dizendo."

Danny respirou fundo, como se tentasse juntar cada grama de sua força masculina, e então disparou numa batida de *staccato*: "Eu... tava... fazendo... um.. *scrum*!".

"Que porra é essa?", murmurei.

Saurel falou: "Ah, acredito que o homem disse que estava fazendo um *scrum*, como se estivesse jogando rúgbi". Com isso, Jean Jacques acenou a cabeça com sapiência e disse: "Rúgbi é um esporte muito popular na França. Parece que seu amigo está, realmente, num *scrum*, mas de uma maneira bastante incomum, apesar de ser uma que me apraz demais. Suba e telefone para sua esposa, Jordan. Vou cuidar de seu amigo. Vejamos se ele é mesmo um cavalheiro e será gentil o suficiente para dividir os bens".

Concordei e fui vasculhar o quarto de Danny – encotrei 20 Quaaludes e três gramas de coca, que joguei na privada. Então o deixei com Saurel para suas atividades.

Alguns minutos depois, eu estava deitado na cama, contemplando a insanidade de minha vida, quando, de repente, senti uma necessidade urgente de ligar para a Duquesa. Olhei meu relógio: Eram 21h30. Fiz os cálculos... 4h30 em Nova York. Será que eu podia ligar tão tarde? A Duquesa amava seu sono. Antes que meu cérebro pudesse responder à pergunta, eu já estava discando.

Depois de alguns toques, surgiu a voz de minha esposa: "Alô?".

Cuidadosamente, desculpando-me: "Ei, querida, sou eu. Desculpe-me por ligar tão tarde, mas estou com muita saudade de você, demais, e apenas queria lhe dizer quanto te amo".

Doce como mel: "Ah, eu também te amo, amor, mas não é tão tarde. Estamos no meio da tarde! Você confundiu o fuso horário".

"É mesmo?", disse. "Hmmm... bem, de qualquer forma, estou com muitas saudades de você. Você não tem ideia."

"Ah, isso é tão doce", disse a sedutora Duquesa. "Channy e eu gostaríamos muito que você estivesse aqui conosco. Quando você vai voltar, meu amor?"

"Assim que puder. Vou pegar um avião para Londres amanhã; vou ver a tia Patricia."

"É mesmo?" perguntou, um tanto surpresa. "Por que você vai ver a tia Patricia?"

De repente, dei-me conta de que não devia estar falando sobre isso pelo telefone... e então de repente percebi que estava envolvendo a tia favorita da minha esposa num esquema de lavagem de dinheiro. Então afastei aqueles pensamentos preocupantes da cabeça e falei: "Não, não, não foi isso que quis dizer. Tenho outros negócios em Londres, mas vou dar uma passada na casa de tia Patricia e levá-la para jantar".

“Ahhh”, respondeu uma Duquesa feliz. “Bem, mande meus cumprimentos à tia Patricia, está certo, amorzinho?”

“Farei isso, amorzinho.” Fiz uma breve pausa, então falei: “Querida?”.

“Que foi, amorzinho?”

Com o coração pesado: “Sinto muito por tudo”.

“Pelo quê, querido? Pelo que você sente muito?”

“Por tudo, Nae. Sabe o que estou dizendo. De qualquer forma, joguei na privada todos os Ludes, e não tomei nenhum desde que desci do avião.”

“*É mesmo?* Como estão suas costas?”

“Não muito boas, amorzinho; doem demais. Mas não sei o que fazer. Não sei se há algo que eu *possa* fazer. A última cirurgia piorou as coisas. Agora dói o dia todo, e a noite toda também. Não sei... talvez todas essas pílulas estejam piorando a dor. Não sei mais nada. Quando voltar para os Estados Unidos, irei ver aquele médico na Flórida.”

“Vai dar tudo certo, meu amor. Você verá. Sabe que te amo muito, não?”

“Sim”, disse, mentindo. “Sei. E amo você duas vezes mais. Você verá o marido excelente que serei quando voltar para casa, está bem?”

“Você já é excelente. Agora vá dormir, amorzinho, e volte para casa com segurança para mim assim que puder, está bem?”

“Pode deixar, Nae. Amo você demais.” Desliguei o telefone, deitei-me na cama e comecei a apertar a parte de trás da minha perna esquerda com o polegar, tentando encontrar o lugar de onde a dor estava vindo. Mas não consegui. Estava vindo de lugar nenhum e de todos os lugares ao mesmo tempo. E ela parecia estar se movendo. Respirei fundo e tentei relaxar para afastar a dor.

Sem saber, acabei fazendo a mesma prece silenciosa – que um raio de luz viesse do límpido céu azul para eletrocutar o cão da minha esposa. Então, ainda com a perna esquerda ardendo, o *jet lag* finalmente me atingiu e adormeci.

CAPÍTULO 15

A CONFESSORA

Aeroporto Heathrow! Londres! Era uma das minhas cidades favoritas no mundo, com exceção do clima, da comida e do serviço – o primeiro sendo o pior na Europa, o segundo sendo o pior na Europa e o último sendo o pior na Europa também. Apesar disso, tinha-se de amar os britânicos, ou, pelo menos, respeitá-los. Afinal, não é normal um país do tamanho de Ohio, com uma base de recursos naturais de alguns poucos bilhões de quilos de carvão sujo, dominar um planeta inteiro por mais de dois séculos.

E, se isso não bastasse, então era preciso ter respeito pela estranha habilidade de alguns britânicos especiais de perpetuar o mais longo golpe na história da humanidade: a realeza! Era a mais fabulosa enganação de todos os tempos, e os britânicos reais fizeram tudo certo. Era incrivelmente encantador como 30 milhões de trabalhadores conseguiam venerar um bando de pessoas comuns e seguir cada movimento deles com admiração e maravilha. E ainda mais encantador: os 30 milhões eram bobos o suficiente para viajar pelo mundo se autointitulando “servos leais” e tagarelando que não conseguiam imaginar a rainha Elizabeth limpando seu próprio cu depois de dar uma cagada!

Mas, na verdade, nada disso importava. O fato era que tia Patricia fora gerada bem no coração das gloriosas ilhas Britânicas. E, para mim, ela era o recurso natural mais valioso da Grã-Bretanha.

Eu iria vê-la em breve, logo depois de passar pela alfândega britânica.

Quando as rodas do Lear 55 de seis lugares tocaram em Heathrow, falei para Danny, numa voz alta o suficiente para atravessar o barulho das duas turbinas Pratt & Whitney: “Sou um homem supersticioso, Danny, portanto vou precisar terminar este voo com as mesmas palavras que o comecei: Você é um puta demente do caralho!”.

Danny deu de ombros e respondeu: “Vindo de você, vou aceitar isso como um elogio. Você não está mais bravo comigo por ter guardado alguns Ludes, está?”.

Balancei a cabeça dizendo que não. “Sempre espero esse tipo de merda vindo de você. Além do mais, você tem o maravilhoso poder de me lembrar quão realmente normal eu sou. Nem sei como lhe agradecer por isso.”

Danny sorriu e ergueu as palmas das mãos. “Eiiiii... para que servem os amigos?”

Dei-lhe um sorriso morto. “Deixando isso de lado, presumo que você não esteja com drogas, certo? Gostaria de passar pela alfândega sem dificuldades dessa vez.”

“Não, estou limpo... você jogou tudo na privada.” Ele ergueu a mão direita como fazem os escoteiros na hora do juramento. Então completou: “Apenas espero que saiba o que está fazendo com toda essa porcaria de Nancy Reagan”.

“Eu sei”, respondi com confiança, mas, lá no fundo, não tinha tanta certeza. Tinha de admitir que estava um pouco desapontado por Danny não ter escondido mais alguns Ludes. Minha perna esquerda ainda estava me matando, e, apesar de estar decidido a ficar sóbrio, a simples ideia de ser capaz de aliviar a dor com um único Quaalude, *só um!*, era uma possibilidade fabulosa. Fazia

mais de dois dias que não tomava um Quaalude, e eu podia imaginar como ficaria chapado.

Respirei fundo e afastei o pensamento dos Quaaludes. “Apenas se lembre de sua promessa”, arremeti. “Nada de putas enquanto estivermos na Inglaterra. Você tem de se comportar bem na frente da tia da minha esposa. Ela é uma dama esperta e perceberá se estiver mentindo.”

“Por que eu tenho de encontrá-la? Confio em você para cuidar de mim. Apenas diga a ela que, se algo acontecer a você, Deus me perdoe, ela receberá instruções de mim. Além disso, não me importaria em agitar um pouquinho as ruas de Londres. Talvez eu deva ir a Savile Row comprar alguns novos ternos feitos sob medida ou algo assim. Ou talvez até King’s Cross verificar as belezinhas de lá!” Ele piscou para mim.

King’s Cross era o vergonhoso distrito da luz vermelha de Londres, onde por 20 libras esterlinas se podia receber um boquete de uma puta desdentada com um pé na cova e um caso bravo de herpes. “Engraçado, Danny, muito engraçado. Apenas se lembre de que não tem Saurel aqui para te libertar. Por que você não me deixa contratar um guarda-costas para te levar para passear?” Era uma ideia fenomenal, e eu estava falando sério.

Mas Danny recusou com a mão como se tivesse um parafuso a menos. “Pare com essa porcaria superprotetora”, exclamou. “Eu ficarei *muuuito* bem. Não se preocupe com seu amigo Danny! Ele é como um gato... tem sete vidas!”

Balancei a cabeça e revirei os olhos. Mas o que eu podia fazer? Ele era adulto, não era? Bem, sim e não. Mas isso não importava. Nesse momento, eu deveria estar pensando em tia Patricia. Em algumas horas, estaria com ela. Ela sempre conseguia me acalmar. E demoraria bastante para eu me acalmar.

“ENTÃO, AMOR”, DISSE tia Patricia, passeando de braços dados comigo por uma estreita viela ladeada por árvores no Hyde Park de Londres, “quando devemos começar essa sua maravilhosa aventura?”

Sorri calorosamente para Patricia, então respirei fundo e saboreei o gelado ar britânico, que nesse momento em particular estava mais espesso que creme de ervilhas. Para mim, o Hyde Park era muito parecido com o Central Park de Nova York, sendo ambos uma pequena fatia de paraíso circundada por uma metrópole desenvolvida. Lá, sentia-me em casa. Mesmo com o fog, às dez da manhã, o sol estava alto o suficiente para realçar toda a paisagem – transformando 500 acres de bosque exuberante, árvores altíssimas, arbustos bem cortados e trilhas de cavalo bem marcadas numa visão tão pitoresca que valia um cartão-postal. O parque é favorecido por um bom número de vielas sinuosas de concreto, todas recentemente pavimentadas e sem uma única partícula de sujeira. Patricia e eu estávamos andando numa delas nesse momento.

Patricia era bonita. Mas não o tipo de beleza que se vê numa mulher de 65 anos na revista *Casa & Construção*, o suposto barômetro do que significa envelhecer com graça. Patricia era infinitamente mais bonita que isso. Tinha uma beleza interior, um certo calor divino que irradiava por todos os poros de seu corpo e ressoava com cada palavra que escapava de seus lábios. Era a beleza da água perfeitamente parada, a beleza do ar gelado das montanhas e a beleza de um coração complacente. Fisicamente, porém, era totalmente mediana. Um pouco mais baixa do que eu e magra. Possuía cabelo marrom-avermelhado na altura dos ombros, olhos azul-claros e bochechas bem brancas, que sustentavam as rugas que se esperava de uma mulher que passara a maior parte de sua adolescência escondida num abrigo antibombas sob seu minúsculo apartamento, para evitar as *blitzen* nazistas. Havia um pequenino vão entre seus dois dentes

frontais que se revelava sempre que sorria, o que era frequente principalmente quando nós dois estávamos juntos. Essa manhã ela trajava uma saia longa de lã, uma blusa creme com botões dourados na frente e uma jaqueta de lã que combinava perfeitamente com a saia. Nada parecia caro, mas tudo parecia digno.

Falei para Patricia: "Se possível, gostaria de ir para a Suíça amanhã. Mas, se houver algum problema para você, fico aguardando em Londres quanto você quiser. Tenho alguns negócios a resolver aqui, de qualquer forma. Há um jato esperando no Heathrow que pode nos levar à Suíça em menos de uma hora. Se você quiser, podemos passar o dia aqui amanhã, passear um pouco e fazer algumas compras. Mas, mais uma vez, Patricia", fiz uma pausa e encarei-a com firmeza, "quero que você me prometa que irá gastar pelo menos dez mil libras por mês da nossa conta, está certo?".

Patricia parou no meio do caminho, desenganchando seu braço do meu, e colocou a mão direita sobre o coração. "Meu filho, eu não saberia nem por onde começar a gastar todo esse dinheiro! Tenho tudo de que preciso. É verdade, amor."

Peguei sua mão e voltei a andar. "Talvez você tenha tudo de que precisa, Patricia, mas estou disposto a apostar que não tem tudo que quer. Por que não começa comprando um carro para si e parando de andar nesses ônibus de dois andares para todo lado? E, depois de comprar um carro, você pode se mudar para um apartamento maior, com quartos para Collun e Anushka dormirem. Apenas pense se não seria legal ter dois quartos extras para seus dois netos!"

Fiz uma pausa por um breve instante e então continuei: "E nas próximas semanas mandarei o banco suíço emitir-lhe um cartão American Express. Você pode usá-lo para pagar todas as suas despesas. E pode usá-lo sempre que quiser e gastar quanto quiser, sem nunca receber a conta para pagar".

"Mas quem irá pagar a maldita conta?", perguntou, confusa.

"O banco. E, como eu disse, o cartão não terá limite. Toda libra que você gastar porá um sorriso em meu rosto."

Patricia sorriu, e caminhamos em silêncio por um tempo. Mas não era um silêncio venenoso. Era o tipo de silêncio compartilhado por duas pessoas que se sentiam confortáveis o suficiente para não mudar a progressão lógica de uma conversa. Considerava a companhia dessa mulher incrivelmente agradável.

Minha perna esquerda doía um pouquinho menos agora, mas isso tinha pouco a ver com Patricia. Qualquer tipo de atividade parecia aliviar a dor – fosse andando, jogando tênis, levantando peso ou mesmo jogando golfe, este último parecendo muito estranho para mim, considerando o esforço em minha coluna. Porém, assim que parasse, a ardência retornaria. E, assim que minha perna estivesse em fogo, não havia como apagá-lo.

De repente, Patricia falou: "Venha sentar-se comigo, amor". E ela me conduziu a um pequeno banco de madeira, ao lado da viela. Quando chegamos ao banco, desenganchamos os braços e Patricia sentou-se ao meu lado. "Amo você como a um filho, Jordan, e estou apenas fazendo isso para ajudá-lo, não por causa do dinheiro. Uma coisa que você irá descobrir quando envelhecer é que, às vezes, dinheiro pode trazer mais problemas do que alegrias." Ela deu de ombros. "Não me entenda mal, amor, não sou nenhuma velha boboca que ficou gagá e vive no mundo dos sonhos onde dinheiro não vale nada. Estou bem ciente de que dinheiro vale alguma coisa. Fui criada tentando sair dos entulhos da Segunda Guerra Mundial, e sei o que é tentar descobrir como

conseguir sua próxima refeição. Naqueles tempos não tínhamos certeza de nada. Metade de Londres ficara em pedacinhos pelos nazistas, e nosso futuro era incerto. Mas tínhamos esperança e um comprometimento para reconstruir nosso país. Foi então que conheci Teddy. Ele estava na Real Força Aérea na época, na verdade, um piloto de testes. Ele era bem arrojado. Foi um dos primeiros a voar no jato Harrier. Seu apelido era Baú Voador." Sorriu com tristeza.

Coloquei o braço no encosto do banco e gentilmente pus minha mão sobre seu ombro.

Num tom mais animado, Patricia falou: "De qualquer forma, o que estava tentando dizer, amor, é que Teddy era um homem que agia de acordo com uma noção de dever, talvez até demais. No final, ele se deixou levar por isso. Quanto mais subia, mais desconfortável ficava em relação ao seu papel na terra. Entende o que estou dizendo, amor?".

Concordei com a cabeça lentamente. Não era uma analogia perfeita, mas imaginei que seu argumento tinha algo a ver com os perigos de se buscar uma ideia preconcebida do que é sucesso. Ela e Teddy eram hoje divorciados.

Patricia prosseguiu: "Às vezes fico me perguntando se você se deixa dominar pelo dinheiro, amor. Sei que usa o dinheiro para controlar pessoas, e não há nada de errado nisso. É assim que funciona o mundo, e não se é uma alma ruim por se tentar fazer as coisas funcionar a seu favor. Mas estou preocupada com a possibilidade de você permitir que o dinheiro *o* controle, o que não é nada bom. Dinheiro é a ferramenta, meu filho, não a construção; pode ajudar a se fazer conhecidos, mas não amigos verdadeiros; e pode lhe comprar uma vida de prazer, mas não uma vida de paz. Sei que você sabe que não o estou julgando. Seria a última coisa que eu faria. Nenhum de nós é perfeito, e cada um é induzido por seus próprios demônios. Deus sabe que tenho os meus.

"De qualquer forma, voltando a esse golpe que você inventou, quero que saiba que estou dentro! Acho tudo muito excitante, na verdade. Sinto-me como uma personagem num romance de Ian Fleming. É realmente muito cheio de energia, todo esse negócio de bancos estrangeiros. E, quando se chega à minha idade, um pouquinho de energia é o que o mantém jovem, não?"

Sorri e soltei uma gargalhada gentil. "Acho que sim, Patricia. Mas, em relação à energia, vou repetir: há sempre uma chance mínima de surgir algum problema, quando então a energia pode se tornar um pouco mais enérgica do que o velho Ian Fleming gostaria. E isso não será um romance. Será a Scotland Yard batendo à sua porta com um mandado de busca."

Olhei-a diretamente nos olhos, e disse com a maior seriedade: "Mas, se algum dia chegar a isso, Patricia, juro que vou surgir em dois segundos e dizer que você não tinha ideia do que estava acontecendo. Direi que lhe pedi para ir ao banco e dar-lhes seu passaporte e que lhe falei que não havia nada errado nisso". Quando disse isso, estava certo de que era verdade. Afinal, não havia como autoridade alguma neste planeta acreditar que essa inocente senhora participaria de um esquema internacional de lavagem de dinheiro. Era inconcebível.

Patricia sorriu e respondeu: "Sei disso, amor. Além do mais, seria bom mimar um pouco meus netos. Talvez eles até se sintam em débito o bastante para me visitar quando eu estiver cumprindo pena na prisão... depois que os tiras tiverem me prendido por fraude bancária internacional, certo, amor?". Ao dizer isso, Patricia inclinou-se para frente e começou a gargalhar.

Gargalhei junto com ela, mas por dentro estava sofrendo. Havia certas coisas com as quais não se brincava; simplesmente dava azar. Era como mijar no olho divino do destino. Se o fizesse por muito tempo, era certeza de que ele mijaria de volta em você. E seu jato de urina era como

uma mangueira de fogo do caralho.

Mas como a tia Patricia poderia saber disso? Ela nunca burlara a lei em toda a sua vida até conhecer o Lobo de Wall Street! Será que eu era uma pessoa tão horrível que se dispunha a corromper uma vovó de 65 anos em nome da negabilidade plausível?

Bem, havia dois lados naquela moeda. Em um lado havia a criminalidade óbvia de tudo isso: corromper uma vovó; expô-la a um estilo de vida que nunca precisou ou quis; colocar sua liberdade e reputação em risco; talvez até causar-lhe um ataque ou alguma outra doença relacionada a estresse se as coisas dessem errado.

Mas, no outro lado... apenas o fato de ela nunca ter desejado ou precisado de uma vida de prosperidade e extravagâncias não significava que não era o melhor para ela! *Era* o melhor para ela, caralho! Com o dinheiro extra, ela poderia passar o crepúsculo de sua vida num mundo de luxo. E (Deus me perdoe), se ela ficasse doente, teria acesso aos melhores cuidados médicos que o dinheiro pudesse pagar. Não tinha dúvidas de que toda essa besteira britânica de utopia igualitária de medicina pública era pura balela. Tinha de haver tratamento médico especial para aqueles com alguns milhões de libras esterlinas a mais. Isso seria justo, não? Além do mais, apesar de ser possível que os britânicos não fossem tão gananciosos quanto os americanos, eles não eram comunistas, caralho. E medicina pública – *verdadeira* medicina pública – era um lema comunista!

Havia outros benefícios também, os quais, quando somados, justificavam recrutar a amável tia Patricia para a toca ilícita da fraude bancária internacional. A própria Patricia dissera que a alegria de apenas ser parte de um círculo sofisticado de lavagem de dinheiro a manteria jovem, talvez por alguns anos! *Que pensamento gostoso!* E, na verdade, quais as chances de ela ter problemas? Quase zero, pensei. Talvez menos que isso.

De repente, Patricia falou: “Você tem este dom maravilhoso, amor, de estar envolvido em duas conversas distintas de uma só vez. Há uma conversa com o mundo externo, que neste caso é sua amada tia Patricia, e há outra consigo mesmo, que apenas você pode escutar”.

Soltei uma risada gentil. Encostei-me no banco e estiquei os braços no encosto do assento de madeira, como se estivesse tentando deixar o banco absorver algumas das minhas preocupações. “Você vê muitas coisas, Patricia. Desde o dia em que nos conhecemos, quando quase me afoguei na privada, sempre senti que você me entendia melhor do que a maioria das pessoas. Talvez você me entenda melhor do que eu mesmo, apesar de isso parecer difícil.

“De qualquer forma, estou perdido em minha própria mente desde que me entendo por gente... desde criança, talvez até desde o berçário.

“Lembro-me de estar na sala de aula observando todas as outras crianças e me perguntando por que eles não entendiam. A professora fazia uma pergunta e eu já sabia a resposta antes mesmo que ela terminasse de perguntar.” Fiz uma pausa e olhei para Patricia com seriedade e falei: “Por favor, não encare isso como vaidade, Patricia. Não quero parecer convencido. Estou apenas tentando ser honesto para que você possa *realmente* me entender. Mas, desde pequeno, estava bem à frente, intelectualmente falando, de todas as outras crianças de minha idade. Quanto mais velho ficava, mais à frente ficava.

“E desde criança tenho esse monólogo interno bizarro rugindo em minha cabeça, que não para... a não ser que eu esteja dormindo. Tenho certeza de que todo mundo tem isso; só que meu monólogo é particularmente alto. E particularmente preocupante. Estou sempre me

questionando. E o problema disso é que o cérebro é como um computador. Se você lhe faz uma pergunta, ele é programado para responder, haja uma resposta ou não. Estou sempre pesando tudo em minha mente e tentando prever como minhas ações influenciarão os acontecimentos. Talvez *manipularão os acontecimentos* seja a expressão mais correta. É como jogar xadrez com sua própria vida. E eu odeio essa merda de xadrez!"

Estudei o rosto de Patricia, procurando algum tipo de resposta, mas tudo que encontrei foi um sorriso caloroso. Continuei esperando que ela respondesse, mas ela não o fez. Porém, por seu total silêncio, sua mensagem era clara como água: *Continue falando!*

"Assim, quando eu tinha por volta de sete ou oito anos, comecei a ter ataques de pânico terríveis. Ainda os tenho, apesar de agora tomar Xanax para acalmá-los. Mas só a ideia de ter um ataque de pânico é suficiente para me dar um. É terrível, Patricia. Totalmente debilitante. É como se o coração estivesse saindo de meu peito; como se cada momento de minha vida fosse a própria eternidade; o polo oposto de estar confortável em minha própria pele. Acho que a primeira vez que nos vimos eu estava na verdade em meio a um... apesar de aquele em particular ter sido induzido por alguns gramas de coca, portanto não conta. Lembra-se?"

Patricia aquiesceu e sorriu calorosamente. Sua expressão não trazia nem uma pitada de crítica.

Segui em frente: "Bem, além disso, nunca fui capaz de impedir que minha mente vagasse, mesmo quando pequeno. Tinha insônias terríveis quando mais jovem... e ainda tenho. Mas é muito pior agora. Costumava ficar acordado a noite inteira, escutando a respiração do meu irmão, olhando-o dormir como um bebê. Cresci num apartamento minúsculo e dividíamos um quarto. Amava-o mais do que você pode imaginar. Tenho um monte de boas recordações disso. E agora nem mais nos falamos. Outra vítima de meu suposto sucesso. Mas essa é outra história.

"De qualquer forma, costumava ter pavor da noite... ou, na verdade, ter receio da noite, porque sabia que não conseguiria adormecer. Mantinha-me acordado a noite toda, olhando para um despertador digital que ficava perto da minha cama, multiplicando os minutos pelas horas, principalmente por tédio, mas também porque minha mente parecia me forçar a tarefas repetitivas. Quando tinha seis anos de idade, conseguia fazer, de cabeça, multiplicações de quatro dígitos mais rápido do que uma calculadora. Não estou brincando, Patricia. Ainda posso fazer isso. Mas naquela época meus amigos nem tinham aprendido a ler! Porém, isso não aliviava muito. Costumava chorar como um bebê quando era hora de ir para a cama. Por aí se vê como ficava com medo de meus ataques de pânico. Meu pai vinha até meu quarto e deitava-se comigo, tentando me acalmar. Minha mãe também. Mas ambos trabalhavam e não podiam ficar acordados a noite toda comigo. Então, de vez em quando, eu era deixado sozinho com meus próprios pensamentos. Ao longo dos anos, a maior parte do pânico na hora de dormir se afastou. Mas nunca sumiu de verdade. Ainda me assombra toda vez que coloco a cabeça no travesseiro na forma de insônia intratável... uma insônia terrível, terrível.

"Passei a vida inteira tentando preencher uma lacuna que não acho ser possível preencher, Patricia. E, quanto mais tento, maior ela parece ficar. Passei mais tempo do que..."

As palavras rolavam pela minha língua, e comecei a cuspir o veneno que estava despedaçando meu interior desde quando menino. Talvez eu estivesse lutando para salvar minha vida naquele dia ou, pelo menos, certamente minha sanidade. Em retrospecto, era um lugar melhor que qualquer outro para um homem desnudar sua alma, sobretudo alguém como eu. Afinal de contas, na minúscula ilha da Grã-Bretanha, não havia nada de Lobo de Wall Street e nada da

Stratton Oakmont, ambos estavam a um oceano de distância. Havia apenas Jordan Belfort – um assustado garotinho –, muito confuso, e cujo sucesso estava rapidamente se transformando no instrumento de sua própria destruição. Minha única pergunta era: eu conseguiria me matar primeiro, sob minhas próprias condições, ou o governo me pegaria antes que eu tivesse chance de fazer isso?

Depois que Patricia me incentivou a começar, eu não conseguia parar. Todo ser humano, na verdade, é possuído por uma inegável necessidade de confessar seus pecados. Religiões eram construídas em cima desse preceito. E reinos eram conquistados com a promessa de que todos os pecados seriam perdoados depois.

Assim, me confessei por duas horas seguidas. Tentei desesperadamente me livrar da bile amarga que destruía meu corpo e espírito e me levava a fazer coisas que eu sabia serem erradas e a cometer atos que tinha certeza de que acabariam me levando à destruição.

Contei a ela a história da minha vida – começando com a frustração que sentira por nascer pobre. Contei a ela a história da insanidade de meu pai e como eu me ressentia de minha mãe por falhar em me proteger de seu temperamento cruel. Disse a ela que sabia que minha mãe fizera o melhor que pôde, mas, de alguma forma, eu ainda estava vendo aquelas recordações através de meus olhos de criança; assim, parecia que não conseguia perdoá-la completamente. Contei a ela de *Sir* Max e de como ele sempre esteve ao meu lado quando mais precisei e como, por outro lado, isso me deixava magoado com minha mãe por não estar lá, como ele, nos momentos cruciais.

E contei-lhe quanto ainda amava minha mãe apesar disso tudo e quanto a respeitava também, apesar, de ela ter enfiado na minha cabeça que ser médico era a única forma honrosa de ganhar muito dinheiro. Disse-lhe que me rebelei contra isso fumando baseado na sexta série.

Contei-lhe que perdi a hora no dia do meu exame para a faculdade de medicina porque tinha usado muitas drogas na noite anterior e que, em consequência, acabei na faculdade, em vez de na de medicina. Contei-lhe a história do meu primeiro dia na faculdade, quando o reitor surgiu antes da aula e falou que a Era Dourada da Odontologia tinha acabado e que, se alguém estivesse se tornando um dentista para ganhar montes de dinheiro, deveria sair naquele momento e poupar tempo e irritação... e que eu me levantei naquele exato momento e nunca mais voltei.

E daí expliquei como isso me levou ao negócio de carnes e frutos do mar e, finalmente, até Denise. Foi nesse momento que meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Com grande tristeza, falei: "... nós vendíamos o almoço para pagar a janta e ter xampu em casa. Éramos pobres assim. Quando perdi todo o meu dinheiro, pensei que Denise me deixaria. Ela era jovem e bonita, e eu era um fracasso. Nunca fui muito confiante com mulheres, Patricia, apesar do que você ou qualquer outra pessoa possa pensar. Quando comecei a ganhar dinheiro no negócio de carnes, presumi que isso, de alguma forma, me ajudaria nesse assunto. E então, quando conheci Denise, bem, estava convencido de que ela me amava por causa de meu carro. Tinha um pequeno Porsche vermelho na época, que era uma excelente conquista para um garoto com 20 e poucos anos, principalmente para um rapaz de família pobre.

"Vou lhe contar a verdade... quando vi Denise pela primeira vez, fiquei totalmente louco. Ela era como uma miragem. Absolutamente linda! Meu coração literalmente parou de bater, Patricia. Estava dirigindo meu caminhão naquele dia, tentando vender carne para o dono do salão de cabeleireiro em que Denise trabalhava. De qualquer forma, fiquei paquerando-a no salão e

pedi seu número de telefone uma centena de vezes, mas ela não me dava de jeito nenhum. Então voltei para casa, peguei meu Porsche e voltei para lá; fiquei esperando do lado de fora do salão para me certificar de que ela o visse quando saísse!" Nesse momento mostrei um sorriso envergonhado para Patricia. "Pode imaginar isso? Que tipo de homem com um pouquinho de auto-estima faz algo assim? Eu era uma vergonha! De qualquer forma, a ironia de tudo é que, desde que comecei a Stratton, toda criança nos Estados Unidos acha que é seu direito de nascença ganhar uma Ferrari ao completar 21 anos." Balancei a cabeça e revirei os olhos.

Patricia sorriu e disse: "Suspeito, amor, que você não seja o primeiro homem a ver uma garota linda e voltar correndo para casa para pegar seu carro chique. E também suspeito que não será o último. Na verdade, não muito longe daqui, há uma área do parque chamada Corredor Podre, onde jovens costumavam desfilar com seus cavalos diante de jovens damas na esperança de entrar em suas calcinhas algum dia". Patricia riu de sua própria piada e completou: "Você não inventou esse jogo, amor".

Sorri com simpatia. "Bem, vou aceitar isso, mas ainda me sinto bem boboca. E, quanto ao resto da história... você já a conhece. Mas a pior parte é que, quando deixei Denise para ficar com Nadine, saiu tudo nos jornais. Que pesadelo filho da puta deve ter sido para Denise! Quero dizer, ela era uma garota com 25 anos de idade trocada por uma jovem modelo gostosa. E os jornais a descreveram como uma velha *socialite* que perdera o charme... como se ela estivesse sendo trocada por uma garota que ainda tinha vida dentro de si, ao contrário dela! Esse tipo de coisa acontece toda hora em Wall Street, Patricia.

"O que quero dizer é que Denise era jovem e bonita também! Não vê a ironia disso? A maioria dos homens ricos espera um pouco para trocar suas primeiras esposas. Sei que você é uma dama esperta, então sabe exatamente o que estou falando. Assim são as coisas em Wall Street e, como falou, não fui eu quem inventou o jogo. Mas tudo em minha vida ficou acelerado. Perdi meus 20 e 30 anos e fui direto para os 40. Há coisas que acontecem durante esses anos e que constroem o caráter de um homem. Há certas dificuldades, Patricia, que todo homem precisa enfrentar para descobrir o que realmente significa ser um homem. Nunca passei por isso. Sou um adolescente no corpo de um homem. Nasci com certos dons divinos, mas não tinha a maturidade emocional para usá-los da forma correta. Eu era um acidente esperando acontecer.

"Deus me deu metade da equação, a habilidade para liderar pessoas e resolver coisas de formas que a maioria das pessoas não consegue. Porém, Ele não me abençoou com a moderação e a paciência para fazer a coisa certa com isso.

"De qualquer forma, onde quer que Denise fosse, as pessoas apontavam para ela e diziam: 'Ah, essa é aquela que Jordan Belfort trocou pela garota da Miller Lite'. Vou falar a verdade, Patricia, eu devia ter sido chicoteado pelo que fiz a Denise. Não me importa se é Wall Street ou Main Street. O que fiz foi sacana demais. Deixei uma garota gentil, bonita, que ficou comigo quando eu não tinha nada, que apostou seu futuro em mim. E, quando ela finalmente ganhou na loteria, cancelei seu bilhete. Vou queimar no inferno por causa disso, Patricia. E eu mereço."

Respirei fundo. "Você não tem ideia de quanto tentei justificar o que fiz, colocar parte da culpa em Denise. Mas nunca consegui. Algumas coisas são fundamentalmente erradas, e pode-se olhar para elas de milhares de pontos de vista diferentes e, no final, sempre se chegar à mesma conclusão; no meu caso, a conclusão é que sou um patife sujo e podre, que deixou sua leal primeira esposa por um par de pernas mais longas e um rosto um tantinho mais bonito.

“Ouça, Patricia... sei que deve ser difícil para você ser imparcial quanto a isso, mas suspeito que uma mulher com o seu caráter pode olhar para as coisas da forma como devem ser olhadas. A verdade é que nunca conseguirei confiar em Nadine da forma que confiei em Denise. E ninguém será capaz de me convencer do contrário. Talvez daqui a 40 anos, quando estivermos velhos e definhando, eu considere a possibilidade de confiar nela. Mas vai demorar muito.”

Patricia falou: “Concordo plenamente com você, amor. Confiar em qualquer mulher que se conheceu sob tais circunstâncias requereria um pouco de fé. Mas não há necessidade de se torturar por isso. Você pode passar a vida inteira olhando para Nadine com desconfiança e se perguntar ‘e se fosse diferente?’. No final, tudo pode acabar se tornando uma profecia realizada. Depois de tudo, frequentemente é a energia que enviamos para o universo que retorna para nós. É a lei universal, amor. Além disso, sabe o que dizem sobre confiança: para se confiar em alguém, precisa-se confiar em si mesmo. Você é confiável, amor?”.

Caramba! Essa era uma pergunta e tanto! Pensei sobre ela em meu computador mental e não gostei da resposta que ele cuspiu de volta para mim. Ergui-me do banco e falei: “Preciso me levantar, Patricia. Minha perna esquerda está me matando por ficar sentado tanto tempo. Por que não caminhamos um pouco? Vamos na direção do hotel. Quero ver a Esquina dos Oradores. Talvez haja alguém sobre uma caixa criticando John Major. Ele é o primeiro-ministro de vocês, certo?”.

“Sim, amor”, respondeu Patricia. Levantou-se do banco e enganchou seu braço no meu. Andamos pela viela, na direção do hotel. Como se não quisesse nada, ela falou: “E então, depois que ouvirmos o que o orador tiver a dizer, você pode responder à minha última pergunta, está bem, amor?”.

Essa mulher era demais! Era impossível não amá-la! Minha confessora! “Está certo, Patricia, está certo! A resposta à sua pergunta é: não! Sou uma porra de um mentiroso traidor e durmo com prostitutas com a mesma frequência com que outras pessoas vestem meias... sobretudo quando estou chapado, que é praticamente metade do tempo. Mas, mesmo quando não estou drogado, ainda sou um traidor. Então aí está! Agora você sabe. Está feliz?”

Patricia riu de meu pequeno estouro e me chocou muito ao dizer: “Ah, amor, todo mundo sabe sobre as prostitutas... até mesmo sua sogra, minha irmã. É quase uma lenda. Penso na situação de Nadine, que decidiu ver o lado bom das coisas. Mas o que eu realmente estava perguntando era se você alguma vez teve um caso com outra mulher, uma mulher por quem sentisse algo”.

“Não, lógico que não!”, gritei com grande confiança. E então, com menos confiança, fiquei um tempo vasculhando em minha memória para ver se estava dizendo a verdade. Eu nunca havia realmente traído Nadine, havia?... Não, não havia mesmo. Não na acepção tradicional da palavra. Que pensamento bom Patricia colocara em minha cabeça! Que senhora maravilhosa!

Ainda assim, esse era um assunto que eu gostaria de evitar, e por isso comecei a falar sobre minhas costas... e como a dor crônica estava me deixando louco. Contei-lhe sobre as cirurgias, que apenas pioraram as coisas... e contei-lhe que tentei tomar narcóticos, de Vicodin a morfina, e que eles me deixaram nauseado e deprimido... assim, tomei drogas antináusea e Prozac para aliviar a náusea e a depressão... mas as drogas para náusea deram-me dor de cabeça... depois, tomei Advil, que incomodou meu estômago... então tomei Zantac, para combater a dor de estômago, que ativou minhas enzimas hepáticas. Em seguida contei a ela como o Prozac afetou meu desempenho sexual e deixou minha boca seca... assim, tomei Salagen para estimular as

glândulas salivares e casca de *yohimbe* para a impotência... mas, por fim, parei de tomar esses também. Por fim, falei que sempre voltei para o Quaalude, que parecia ser a única droga que de fato matava a dor.

Estávamos nos aproximando da Esquina dos Oradores quando falei com tristeza: "Tenho medo de estar totalmente viciado em drogas agora, Patricia, e, mesmo que minhas costas não doessem mais, acho que não seria capaz de parar. Estou começando a ter apagões, e faço coisas das quais não me lembro. É assustador demais, Patricia. É como se parte de minha vida tivesse apenas evaporado... *puf!*... sumido por completo. Mas preciso dizer que joguei todos os meus Quaaludes na privada e agora estou morrendo de vontade de tomar um. Na verdade, estou pensando em pedir à minha assistente que mande meu motorista vir aqui pelo Concorde, a fim de me trazer alguns Ludes. Isso irá me custar uns 20 mil dólares por 20 Ludes. 20 mil dólares! Mas ainda tenho vontade de fazer isso.

"Que posso dizer, Patricia? Sou viciado em drogas. Nunca admiti isso para ninguém, mas sei que é verdade. E todos ao meu redor, incluindo minha própria esposa, têm medo de me dizer isso. De uma forma ou de outra, dependem de mim para viver, e por isso me dão crédito. E me bajulam.

"Eis a minha história. Não é uma imagem legal. Vivo a vida mais cheia de defeitos do planeta. Sou um fracasso bem-sucedido. Tenho 31 anos e vou completar 60 em breve. Quanto tempo mais vou durar nesta terra, só Deus sabe. Mas amo minha esposa. Minha filhinha me desperta sentimentos que nunca achei que fosse capaz de ter. De alguma forma, é ela que me mantém vivo. Chandler. Ela é tudo para mim. Jurei que pararia de usar drogas depois que ela nascesse, mas quem eu estava enganando? Sou incapaz de parar, pelo menos por muito tempo.

"Fico me perguntando o que Chandler achará quando descobrir que seu pai é um viciado em drogas. Fico me perguntando o que ela achará quando seu pai acabar na cadeia. Fico me perguntando o que ela achará quando tiver idade suficiente para ler as notícias e descobrir que seu pai usa o serviço de putas. Eu temo esse dia, Patricia, de verdade. E não tenho dúvidas de que esse dia chegará. É tudo muito triste, Patricia. Muito, muito triste..."

E, com isso, eu tinha acabado. Eu me abrira como nunca. E me sentia melhor por isso? Para falar a verdade, nem tanto. Sentia-me exatamente da mesma forma. E minha perna esquerda ainda estava me matando, apesar da caminhada.

Fiquei esperando uma resposta sábia de Patricia, uma resposta que nunca veio. Imagino que confessores não façam isso. Tudo que Patricia fez foi segurar meu braço com mais força, talvez me puxar um pouco mais para perto de si, para que eu soubesse que, apesar de tudo isso, ela ainda me amava e sempre me amaria.

Não havia ninguém falando na Esquina dos Oradores. A maior parte dos eventos, contou-me Patricia, ocorria nos finais de semana. Que apropriado! Nessa quarta-feira em particular, no Hyde Park, foram ditas palavras suficientes para suprir uma vida toda. E, por um breve instante, o Lobo de Wall Street tornou-se Jordan Belfort novamente.

Mas foi por pouco tempo. Logo à frente, eu podia ver o Hotel Dorchester impondo-se com seus nove andares sobre as ruas agitadas de Londres.

E o pensamento que ocupou minha mente era a que horas o Concorde estaria saindo dos Estados Unidos... e quanto tempo demoraria para chegar à Grã-Bretanha.

CAPÍTULO 16

COMPORTAMENTO RELAPSO

Se eu ganhava 1 milhão de dólares por semana e o americano padrão, mil dólares por semana, então 20 mil dólares que eu gastasse com algo equivalia a 20 dólares sendo gastos pelo americano padrão, certo?

Havia-se passado uma hora, e eu estava na suíte presidencial do Hotel Dorchester quando esse pensamento fabuloso surgiu borbulhando em minha mente. Na verdade, a ideia fazia muito sentido, tanto que peguei o telefone, liguei para Janet, acordei-a de um sono profundo e falei calmamente: "Quero que você envie George até o muquifo do Alan e peça para ele pegar 20 Ludes para mim, então o mande voando para cá no próximo Concorde, está bem?". Só depois é que me dei conta de que em Bayside eram quatro da manhã, no horário de Janet.

Mas meu acesso de culpa durou pouco; afinal de contas, não era a primeira vez que fazia algo assim com ela, e tinha uma ligeira suspeita de que não seria a última. De qualquer forma, se eu lhe pagava cinco vezes o salário-base de assistentes pessoais, no fundo não havia adquirido o direito de acordá-la no meio da noite? Ou, pelo menos, não ganhara o direito de acordá-la em razão do amor e da gentileza que sempre dediquei a ela, como o pai que ela nunca teve? (Outra racionalização maravilhosa!)

Obviamente, sem perder um segundo, Janet estava agora bem desperta e pronta para agradar. Ela respondeu com carinho: "Sem problema; tenho certeza de que o próximo Concorde sai amanhã de manhã bem cedo. Vou fazer com que George esteja nele. Mas não tenho de mandá-lo até a casa de Alan. Tenho um estoque de emergência para você aqui no meu apartamento". Fez uma breve pausa, então completou: "De onde você está me ligando, do quarto do hotel?".

Antes de responder que sim, fiquei me perguntando o que se podia pensar de um homem que ligava para sua assistente e solicitava o uso de transporte supersônico para saciar seu vício furioso de drogas e seu desejo óbvio de se autodestruir, sem dar a mínima para isso. Era algo que me incomodava, então preferi não insistir nesse pensamento por muito tempo. Disse para Janet: "É, estou no quarto. De onde mais estaria ligando para você, pentelha, de um daqueles telefones públicos vermelhos em Picadilly Circus?".

"Vai se foder!", gritou. "Estava apenas querendo saber." Então mudou seu tom para um esperançoso e perguntou: "Gostou mais desse quarto do que daquele na Suíça?".

"Sim... é muito melhor, querida. Não é exatamente do meu gosto, mas tudo é novo e bonito. Você mandou bem."

Fiz uma pausa e aguardei sua resposta, mas não houve nenhuma. *Caramba!* Ela queria uma descrição pormenorizada do quarto... sua emoção vicária do dia. Que saco ela era! Sorri para o telefone e falei: "De qualquer forma, como estava dizendo, o quarto é bem legal. De acordo com o gerente, é decorado à moda tradicional britânica... o que quer que essa merda signifique! Mas o quarto é bem legal, principalmente a cama. É enorme, com montes de tecidos azuis por todo lado. Os britânicos devem gostar de azul, acho. E também devem gostar muito de travesseiros, porque o quarto tem milhares deles.

“E o resto do lugar é cheio de todo tipo de porcaria britânica. Há uma mesa de jantar enorme com um daqueles candelabros prateados. Parece Liberace. O quarto de Danny é no lado oposto da minha suíte, mas ele está vagabundeando pelas ruas de Londres nesse momento... como aquela música ‘Werewolves of London’.[1]

“E é isso. Não tenho mais nenhuma informação, além de minha localização precisa, a qual tenho certeza de que você gostaria de saber. Então, vou lhe dizer antes que pergunte: estou em pé na varanda do quarto, olhando para o Hyde Park enquanto converso com você. Mas não consigo ver muita coisa. Tem muito fog. Está feliz agora?”

“Ahã”, foi tudo que ela disse.

“Quanto custa o quarto? Não olhei quando entrei.”

“Nove mil libras por noite, que dá mais ou menos 13 mil dólares. Mas parece que vale a pena, certo?”

Fiquei pensando sobre a pergunta. Era um mistério para mim por que eu sempre me sentia compelido a reservar a suíte presidencial, não importando quão absurdo fosse o preço. Tinha certeza de que tinha algo a ver com Richard Gere no filme *Uma linda mulher*, um dos meus favoritos. Mas era mais complexo do que isso. Era aquela sensação que eu sempre tinha ao me dirigir ao balcão de entrada de um hotel chique e disparar aquelas palavras mágicas: “Meu nome é Jordan Belfort, e estou aqui para ficar na suíte presidencial”. Bem... sabia que isso se devia a eu ser um babaquinha inseguro, mas que se dane!

Com sarcasmo, falei: “Obrigado por me lembrar da taxa de câmbio, srta. Banqueira Internacional. Quase havia me esquecido. De qualquer forma, o quarto é definitivamente uma pechincha a 13 mil pratas por noite. Mas acho que devia vir com um escravo por esse preço, não?”.

“Vou tentar achar um para você”, disse Janet. “Mas, mesmo assim, consegui para você um checkout mais tarde, assim temos de pagar apenas por uma noite. Vê como sempre cuido do seu dinheiro? A propósito, como está a tia de Nadine?”

No mesmo instante entrei no modo paranoia: avaliei a possibilidade de nossa conversa telefônica estar grampeada. Teria o FBI a audácia de escutar o telefone de Janet? Não, era *inconcebível!* Havia um custo alto para se grampear o telefone de alguém que não discutisse nada significativo pela linha, a não ser, é lógico, que os federais tivessem a intenção de me prender por ser um depravado sexual ou um viciado em drogas do inferno. Mas e os britânicos? Seria possível a MI6 estar me seguindo por um crime que eu ainda não havia cometido? Não, *também inconcebível!* Eles estavam bem ocupados com o IRA, não? Por que dariam a mínima para o Lobo de Wall Street e seus planos diabólicos de corromper uma professora aposentada? Eles não fariam isso. Concluindo que nossa conversa estava segura, respondi: “Está muito bem. Acabei de deixá-la em seu *flat*. É assim que chamam apartamentos aqui, Janet”.

“Não me diga, Sherlock”, disse a insolente.

“Ah, desculpe-me. Não sabia que você era uma pessoa tão viajada, caralho. De qualquer forma, preciso ficar em Londres mais um dia. Tenho alguns negócios aqui. Então reserve mais uma noite no hotel e faça com que o avião esteja me aguardando no Heathrow na manhã de sexta. E diga ao piloto que será uma ida e volta no mesmo dia. Patricia retornará na mesma tarde, está bem?”

Com seu típico sarcasmo, Janet disse: “Farei o que você mandar, *chefe*”, por que sempre tanto desprezo por essa palavra, *chefe*?, “mas não entendo por que você precisa mentir para mim sobre o motivo de ficar mais um dia em Londres”.

Como ela ficara sabendo? Era tão óbvio que eu queria tomar Ludes sozinho... longe dos olhos curiosos dos banqueiros suíços? Não, era apenas porque Janet me conhecia muito bem. Ela era como a Duquesa quanto a isso. Mas, como mentia menos para Janet do que para minha esposa, ela era muito melhor em prever quando eu estava disposto a fazer algo ruim.

Ainda assim, senti-me obrigado a mentir. “Nem vou me dignar a responder. Mas, já que trouxe o assunto à tona, posso aproveitar você. Acontece que há uma danceteria em Londres realmente louca chamada Annabelle’s. Supostamente, é impossível entrar lá. Consiga-me a melhor mesa para amanhã à noite e diga-lhes que quero três garrafas de Cristal me aguardando no gelo. Se tiver algum problema...”

“Por favor, não me insulte”, interrompeu Janet. “Sua mesa estará aguardando-o, *Sir* Belfort. Apenas não esqueça que sei de onde você veio, e Bayside não é exatamente famosa por sua realeza. Quer que eu faça algo mais ou está tudo ajeitado para amanhã à noite?”

“*Ahhhhh*, você é uma diabinha, Janet! Sabe... eu estava realmente tentando virar uma nova página na minha vida com as mulheres, mas, já que *você* colocou a ideia na minha cabeça... por que não me manda duas Blue Chips, uma para mim e outra para Danny? Ou, agora que estou pensando nisso, é melhor mandar três... apenas para o caso de uma ser presa! Nunca se sabe o que irá acontecer nesses países estrangeiros.

“De qualquer forma, vou desligar! Vou descer para fazer um pouco de musculação, e depois irei até a Bond Street fazer algumas comprinhas. Isso deverá deixar meu pai feliz quando receber a conta no próximo mês! Agora, rápido, antes que eu desligue, fale para mim que chefe incrível eu sou e diga-me quanto você me ama e sente saudades de mim!”

Sem emoção: “Você é o melhor chefe de todo este mundo e te amo... e sinto muitas saudades de você... e não consigo viver sem você”.

“Bem, é o que pensei”, respondi condescendente. Então bati o telefone na cara dela sem me despedir.

---

1 Música de Warren Zevon, “Lobisomens de Londres”. (N. T.)

CAPÍTULO 17

O MESTRE EM FALSIFICAÇÕES

Precisamente 36 horas depois, nosso Learjet fretado grunhiu e rugiu como um caça militar ao decolar de Heathrow e seguir pelo céu matutino de sexta-feira. Tia Patricia estava sentada à minha esquerda – um olhar de completo terror tomando seu rosto. Agarrou-se nos apoios para braço com tanta força que seus dedos ficaram brancos. Fiquei 30 segundos olhando para ela, e ela piscou apenas uma vez. Senti uma pontada de culpa por seu óbvio desconforto, mas o que eu podia fazer? O fato era que embarcar numa bala oca de 45 metros e ser disparado para o ar a 800 quilômetros por hora não era o sonho de diversão da maioria das pessoas.

Danny estava à minha frente, com as costas voltadas para a cabine. Ele faria a viagem para a Suíça de costas, algo que sempre achei desagradável. Mas, como a maioria das coisas, isso não parecia incomodar Danny nem um pouco. Na verdade, apesar do barulho e da vibração, ele já havia adormecido e estava em sua posição costumeira, com a boca escancarada, a cabeça jogada para trás e seus enormes dentes resplandecendo.

Não vou negar que essa habilidade incrível que ele tinha – ser capaz de adormecer num segundo – deixava-me totalmente maluco. Como conseguia evitar que seus pensamentos rugissem em sua mente? Parecia ilógico! Bem... que seja. Era seu dom e minha maldição.

Tomado pela frustração, encostei a cabeça na minúscula janela oval e fiquei batendo nela, produzindo um ruído baixinho. Então apertei o nariz contra a janela e observei a cidade de Londres cada vez menor sob mim. A essa hora da manhã – 7 horas –, uma densa camada de neblina cremosa ainda cobria a cidade como um cobertor molhado, e tudo que eu podia ver era a ponta do Big Ben, surgindo da neblina como uma ereção enorme desesperada por uma trepada matutina. Depois das últimas 36 horas, a simples ideia de uma ereção e uma trepada era suficiente para colocar minha cabeça cansada num *looping*.

De súbito, me vi com saudades de minha esposa. Nadine! A amável Duquesa! Onde estaria nesse momento, quando eu mais precisava dela? Seria maravilhoso deitar a cabeça sobre seu peito quente e delicado e receber alguma força dele! Mas, não, eu não podia. Nesse momento em particular, ela estava a um oceano de distância... provavelmente tendo premonições sombrias sobre meus recentes pecados e tramando sua vingança.

Continuei olhando pela janela, tentando entender os eventos das últimas 36 horas. Eu amava de verdade minha esposa. Então por que diabos fizera todas aquelas coisas terríveis? Teriam sido as drogas que me levaram a fazer aquilo? Ou os próprios atos que me fizeram usar drogas para que me sentisse menos culpado? Era uma pergunta circular, sem fim, tal qual aquela sobre o ovo e a galinha... suficiente para deixar alguém louco.

De repente, o piloto executou uma curva fechada para a esquerda e raios brilhantes do sol da manhã explodiram na ponta da asa direita, entrando na cabine, quase me derrubando de meu assento. Afastei os olhos da luz resplandecente e olhei para tia Patricia. Ahhh, pobre Patricia! Ainda estava rígida como uma estátua, agarrada aos apoios para braço e num estado de catatonia induzida por jato. Senti que lhe devia algumas palavras de conforto e, numa voz alta o suficiente

para superar o rugido dos motores, gritei: “O que achou, tia Patricia? É um pouco diferente dos voos comerciais. Sente-se realmente as curvas, não?”.

Virei-me para Danny e fiquei um tempo observando-o... Ainda estava dormindo! Inacreditável! Que filho da mãe!

Pensei sobre a programação do dia e os objetivos que precisava conquistar. Quanto a Patricia, seria fácil. Era apenas questão de entrar e sair com ela do banco o mais rápido possível. Ela sorriria para as câmeras de circuito fechado, assinaria alguns papéis, daria a eles uma cópia de seu passaporte e só. Eu a traria de volta para Londres às 16 horas. Dentro de uma semana, ela receberia seu cartão de crédito e começaria a aproveitar os benefícios de ser minha nomeada. *Bom para ela!*

Assim que resolvesse as coisas com Patricia, eu teria uma reunião rápida com Saurel, amarraria algumas pontas soltas e combinaria rapidamente uma programação para contrabandear o dinheiro. Começaria com cinco milhões, talvez seis, e começaria a agir a partir daí. Algumas pessoas lá nos Estados Unidos fariam o contrabando de verdade para mim, mas pensaria sobre isso quando estivesse em casa.

Com um pouquinho de sorte, conseguiria resolver tudo hoje e pegaria um voo logo cedo para sair da Suíça amanhã de manhã. Essa ideia me deixou feliz! Eu amava minha esposa! E então poderia ver Chandler e segurá-la em meus braços. Bem... que mais eu podia querer? Chandler era perfeita! Apesar de apenas dormir, cagar e tomar leitinho morno, tinha certeza de que se tornaria um gênio qualquer dia! E era absolutamente deslumbrante! A cada dia que passava ficava ainda mais parecida com Nadine. Isso era perfeito, tudo que eu desejava.

Ainda assim, precisava me focar no dia de hoje, sobretudo em meu encontro com Ronald Franks. Pensei muito sobre o que Saurel dissera e não tinha dúvidas de que um homem como Roland Franks podia ser um golpe do acaso. Era difícil calcular o que eu podia conquistar se tivesse um homem ao meu lado com a habilidade de gerar documentos que apoiassem uma ideia de negabilidade plausível. O benefício mais óbvio seria usar minhas contas no exterior para fazer negócios utilizando o Regulamento S – permitindo-me não cumprir o período de manutenção de dois anos da Lei 144. Se Roland conseguisse criar empresas-fantasma que exalassem o perfume santificado de entidades estrangeiras legítimas, eu poderia usar o Regulamento S para passar fundos para minhas próprias empresas, sendo a Dollar Time a principal delas. Precisava de um capital inicial da ordem de 2 milhões de dólares, e, se Roland tivesse a habilidade de gerar os documentos necessários, eu poderia usar meu próprio dinheiro contrabandeado para financiar a Dollar Time. Isso seria um dos assuntos principais da conversa.

O estranho era que, apesar de desprezar Kaminsky, foi ele quem realmente me levou a Jean Jacques Saurel. Era um clássico exemplo de fracasso transformado em sucesso.

Com esse pensamento, fechei os olhos e fingi dormir. Logo estaria de volta à Suíça.

O ESCRITÓRIO DE Roland Franks ocupava o primeiro andar de um prédio estreito de três andares coberto por tijolos vermelhos numa rua pacata de paralelepípedos. Em ambos os lados da rua, um punhado de lojas de quinquilharias estava aberto, porém, apesar de ser começo de tarde, não pareciam estar fazendo muitos negócios.

Eu havia decidido encontrar-me com Roland Franks sozinho, o que parecia ser o mais prudente – levando-se em conta que os assuntos a serem discutidos podiam me colocar na cadeia por

alguns milhares de anos.

Mas me recusei a permitir que tal ideia mórbida colocasse uma sombra sobre meu encontro amigável com meu futuro Mestre em Falsificações. Sim... Mestre em Falsificações. Por algum motivo inexplicável, não consegui tirar essas palavras da cabeça. *Mestre em Falsificações! Mestre em Falsificações!* As possibilidades eram... infinitas! Tantas estratégias diabólicas a serem empregadas! Tantas leis a serem burladas sob o manto impenetrável da negabilidade plausível!

E as coisas com tia Patricia aconteceram sem nenhum arranhão. Era um bom presságio. Na verdade, neste mesmo momento ela estava a caminho de Londres, sentindo-se, esperava eu, mais confortável no Learjet... após consumir cinco doses de uísque irlandês durante o almoço. E Danny... bem, ele era outra história. A última vez que eu o vira foi no escritório de Saurel, escutando um discurso sobre a natureza traquina da fêmea suíça.

De qualquer maneira, o corredor que dava no escritório do Mestre em Falsificações era sombrio e mofado, e fiquei um pouco triste com as redondezas austeras. Logicamente, o título oficial de Roland não era Mestre em Falsificações ou algo do gênero. Na verdade, atrevia-me a dizer que eu era o primeiro humano a juntar essas palavras para caracterizar um fiduciário suíço.

Por si, o título fiduciário era totalmente inócuo e não tinha nenhuma conotação negativa. Do ponto de vista legal, um fiduciário era nada mais do que um título chique para qualquer indivíduo legalmente obrigado a cuidar dos assuntos de outra pessoa... alguém confiável, por assim dizer. Nos Estados Unidos, era coisa de WASPs ricos, que usavam seus fiduciários para cuidar de suas heranças, ou fundos fideicomissos, que eles deixaram para seus filhos idiotas. A maioria dos agentes fiduciários operava sob regras rígidas, redigidas para eles por pais WASPs sobre quanto dinheiro podia ser gasto e quando. Se tudo ocorresse de acordo com o planejado, os idiotas não colocariam as mãos no bolo de suas heranças até que fossem velhos o suficiente para aceitar o fato de serem verdadeiros idiotas. Então ainda teriam dinheiro suficiente para viver o resto de sua vida WASP à típica moda WASP.

Mas Roland Franks não era esse tipo de fiduciário. Suas regras seriam redigidas por mim, para me beneficiar. Ele seria responsável por toda a minha documentação e por preencher qualquer formulário oficial que precisasse ser entregue a diversos governos estrangeiros. Ele criaria documentos que pareceriam oficiais para justificar a movimentação de dinheiro, assim como investimentos acionários em entidades sobre as quais eu mantinha controle secreto. Então, ele dispersaria o dinheiro, sob minhas instruções, para qualquer país que eu escolhesse.

Abri a porta do escritório de Roland e lá estava ele: meu maravilhoso Mestre em Falsificações. Não havia recepção, apenas um escritório grande, bem arrumado, com paredes cobertas de mogno e um exuberante carpete marrom. Estava encostado na ponta de uma grande mesa de carvalho coberta por inúmeros papéis... e ele era um verdadeiro suíço pelancudo! Tinha mais ou menos a minha altura, mas uma barriga tremenda e um sorriso perverso no rosto que praticamente dizia: "Passo a maior parte do dia tentando descobrir formas de enganar diversos governos pelo mundo".

Logo atrás dele, havia uma grande estante de livros de nogueira que ia do chão ao teto; tinha uns 3,5 metros. A estante tinha centenas de livros com capas de couro, todos do mesmo tamanho, todos da mesma grossura e todos da mesma cor marrom-escura. Mas cada livro tinha um nome diferente, inscrito em fontes douradas na lombada. Eu vira livros assim nos Estados Unidos. Eram livros corporativos oficiais, aqueles que se recebe sempre que se abre uma nova empresa. Cada

um continha um alvará de empresa, certificados de ações em branco, um selo da empresa, etc. Encostada à estante havia uma antiquada escada de biblioteca com rodinhas.

Roland Franks andou até mim e pegou minha mão antes que eu tivesse chance de levantá-la. Começou a balançá-la com vigor. Com um sorriso grande, falou: "Ahhhh, Jordan, Jordan... você e eu vamos nos tornar bons amigos! Jean Jacques falou-me tanto sobre você. Ele me falou de suas maravilhosas aventuras do passado e de seus planos futuros. Há tanto a discutir e tão pouco tempo, não?".

Fiz que sim com a cabeça, ansiosamente, um pouco surpreso por seu entusiasmo e tamanho, mas gostei dele de cara. Havia algo muito honesto nele, muito franco. Era um homem em quem se podia confiar.

Roland conduziu-me a um sofá de couro preto e gesticulou para que eu me sentasse, então se sentou numa poltrona de couro preto que combinava com o sofá. Retirou um cigarro sem filtro de uma cigarreira prateada e bateu em sua ponta para compactar o tabaco. Do bolso da calça puxou um isqueiro prateado que combinava com a cigarreira, acendeu o cigarro e jogou a cabeça para o lado, a fim de evitar ser tostado pelas chamas de butano de 20 centímetros.

Observei em silêncio. Finalmente, após uns dez segundos, ele exalou, mas apenas uma gota de fumaça saiu. *Incrível!* Para onde teria ido a fumaça?

Estava prestes a perguntar-lhe isso quando ele falou: "Você precisa me contar sobre seu voo dos Estados Unidos para cá. Já está se tornando uma lenda, pelo que ouvi". Ele piscou para mim. Então ergueu a palma das mãos, deu de ombros e disse: "Mas eu... *errr*... sou apenas um homem simples, e há apenas uma mulher no mundo para mim: minha adorável esposa!". Revirou os olhos. "De qualquer forma, ouvi falar muito de sua firma de corretagem e de todas as empresas que você possui. Muita coisa para um homem tão jovem! Eu diria que você ainda é muito garoto."

O Mestre em Falsificações continuou com isso, comentando que eu era muito jovem e maravilhoso, mas achei difícil acompanhá-lo. Estava muito ocupado tentando acompanhar seu papo enorme, que parecia balançar para frente e para trás como um veleiro num mar bravo. Roland tinha sagazes olhos castanhos, testa baixa e um nariz gordo. Sua pele era muito branca, e sua cabeça parecia estar diretamente sobre seu peito sem nem passar pelo pescoço. O cabelo era castanho-escuro, quase preto, o qual ele usava penteado para trás sobre o crânio redondo. E minha primeira impressão fora correta: havia um certo entusiasmo que esse homem escoava, uma *joie de vivre* de alguém totalmente confortável em sua própria pele, apesar de ela ser abundante o suficiente para acarpetar a Suíça inteira.

"... e, então, meu amigo, as coisas são mais ou menos assim. Afinal de contas, aparências é que contam. Ou, como se diria, tudo tem a ver com colocar os pingos nos "Is" e os traços nos "Ts", não?", perguntou o Mestre em Falsificações com um sorriso.

Apesar de apenas pegar o final do que ele dissera, a essência era clara: rastro em papel era tudo. De maneira mais rude do que o normal, respondi: "Exatamente, Roland. Sempre me orgulhei de ser um homem cuidadoso, um homem realista sobre o mundo em que atua. Afinal, homens como nós não podem se permitir falta de cuidados. Esse é um luxo de mulheres e crianças". Baixei meu tom com sagacidade, mas lá no fundo esperava que ele nunca tivesse visto *O poderoso chefão*. Senti certa culpa por roubar um pouco do ritmo de Don Corleone, mas não consegui evitar. O filme era tão cheio de diálogos incríveis que plagiá-los parecia algo natural.

De certa forma, vivia minha vida como Don Corleone... não vivia? Nunca falava pelo telefone; mantinha meu círculo de confiança restrito a um punhado de velhos e confiáveis amigos; subornava políticos e policiais; a Biltmore e a Monroe Parker pagavam-me tributos mensais... e inúmeras outras coisas também. Mas, ao contrário de mim, Don Corleone não tinha um vício incontrolável em drogas, nem podia ser facilmente manipulado por uma loira deslumbrante. Bem, isso era meu calcanhar de Aquiles, e ninguém podia ser perfeito.

Aparentemente sem perceber meu plágio, ele respondeu: "Esse é um pensamento maravilhoso para um homem de sua idade. E concordo plenamente com você. Falta de cuidado é um luxo que nenhum homem sério pode se permitir. E hoje se deve prestar muita atenção a isso. Como vê, meu amigo, posso servir-lhe para muitas coisas, fazendo vários truques. Logicamente, acredito que já esteja familiarizado com minhas atividades mundanas, como cuidar de documentação e preencher formulários corporativos. Portanto, vamos deixá-las de lado. A pergunta é: por onde devemos começar? O que tem em mente, meu jovem amigo? Por favor me conte, e eu o ajudarei".

Sorri e disse: "Jean Jacques contou-me que você é um homem totalmente confiável, e que é o melhor no que faz. Então, em vez de ficarmos com rodeios, vou assumir que você e eu faremos negócios por muitos anos".

Fiz uma breve pausa, aguardando o aceno de cabeça e o sorriso obrigatórios de Roland em resposta à minha fala condescendente. E como nunca fui bom em falas condescendentes... essa era a primeira vez que eu estava cara a cara com um verdadeiro Mestre em Falsificações... bem, apenas parecia ser a coisa certa a se fazer.

Como esperado, os cantos da boca de Roland ergueram-se e ele acenou a cabeça com deferência. Então deu mais uma tragada longa em seu cigarro e começou a soprar anéis de fumaça perfeitamente redondos. *Que bonito!*, pensei. Eram círculos perfeitos de fumaça cinza-clara, com quase cinco centímetros de diâmetro, e pareciam flutuar levemente no ar.

Sorri e falei: "São anéis de fumaça muito legais, Roland. Talvez você possa me dar alguma luz sobre por que o povo suíço ama tanto fumar. Quer dizer, não me entenda mal, sou totalmente a favor de fumar... se isso é o que te dá barato. Na verdade, meu pai é um dos maiores fumantes de todos os tempos, por isso o respeito. Mas os suíços parecem levar isso mais a sério. Por quê?".

Roland deu de ombros e disse: "Há 30 anos era assim nos Estados Unidos. Mas seu governo sente-se obrigado a enfiar o nariz em lugares que não deveria... mesmo no direito de um indivíduo participar de um simples passatempo masculino. Eles instituíram uma guerra de propaganda contra o fumo, a qual, ainda bem, não se espalhou até o nosso lado do Atlântico. É muito bizarro um governo decidir o que um homem pode ou não fazer a seu próprio corpo. Fico me perguntando o que virá em seguida... comida?". Sorriu largamente e gargalhou, então deu um tapinha com gosto em sua barriga gorda. "Se esse dia chegar, meu amigo, certamente vou colocar uma pistola na boca e puxar o gatilho!"

Dei uma gargalhada gentil e balancei a cabeça, acenando com a mão como se dissesse: "Ah, para com isso! Você não é assim tão gordo!". Então falei: "Bem, você respondeu à minha pergunta, e o que diz faz muito sentido. O governo dos Estados Unidos é totalmente intrusivo em todos os aspectos da vida, e essa é a razão exata para eu estar aqui hoje. Mas ainda tenho muitas preocupações sobre fazer negócios na Suíça, a maior parte delas relacionada à minha falta de conhecimento sobre seu mundo, isto é, o sistema bancário no exterior, e isso me deixa

extremamente nervoso. Acredito mesmo, Roland, que conhecimento é poder e que, numa situação como esta, onde os investimentos são incrivelmente altos, falta de conhecimento é um caminho para o desastre.

"Por isso, devo ficar mais versado. Todo mundo, em algum momento, precisa de um mentor, e penso em você exatamente para isso. Não tenho ideia de como devo operar em sua jurisdição. Por exemplo, o que é considerado tabu? Onde está o limite do bom senso? O que é considerado negligência e o que é considerado prudência? Essas são coisas que preciso muito saber, Roland, coisas que devo saber se pretendo não ter problemas. Preciso entender todos os detalhes das leis bancárias. Se possível, gostaria de analisar processos passados, para ver o que causou problemas a outras pessoas e que erros elas cometeram, e então me certificar de que eu não os repita. Sou um historiador, Roland, e acredito que aquele que não estuda os erros do passado é fadado a repeti-los." Isso foi algo que eu fizera quando comecei a Stratton: analisar processos antigos, e fora importantíssimo.

Roland falou: "Essa é mais uma ideia maravilhosa, meu jovem amigo, e ficarei muito feliz em juntar informações para você. Mas talvez eu possa dar alguma luz para você neste exato momento. Veja, quase todos os problemas dos americanos com os bancos suíços têm pouco a ver com o que acontece neste lado do Atlântico. Assim que seu dinheiro estiver aqui em segurança, vou fazê-lo desaparecer em uma dezena de diferentes empresas sem disparar nenhum alarme, longe dos olhos curiosos do seu governo. Jean Jacques contou-me que a sra. Mellor esteve no banco hoje de manhã, certo?".

Concordei. "Sim, e ela já está de volta à Inglaterra. Mas tenho uma cópia de seu passaporte caso precise." Coloquei a mão sobre o bolso esquerdo do paletó, para que soubesse que estava comigo.

"Isso é ótimo", disse Roland, "excelente. Se puder deixá-lo comigo, vou colocá-lo no registro de cada empresa que abrirmos. Apenas para constar, fique sabendo que Jean Jacques me passa informações apenas sob a autorização que você lhe deu. Caso contrário, nunca teria dito uma palavra sobre a sra. Mellor aparecendo no banco. E gostaria de informar ainda que meu relacionamento com Jean Jacques é de mão única. Não vou contar a ele nada sobre nosso negócio... a não ser que você me instrua a fazê-lo.

"Veja, devo recomendar-lhe fortemente que não coloque todos os ovos numa única cesta. Mas não me interprete mal: a Union Bancaire é uma boa instituição, e recomendo que mantenha o grosso de seu dinheiro lá. Mas há bancos em outros países também, Luxemburgo e Liechtenstein, apenas para citar dois, que servirão muiro bem para nós. Estender suas transações a muitos países diferentes criará uma teia tão densa que será quase impossível que um único governo a desenrole. Cada país tem sua própria legislação. Assim, o que é proibido na Suíça pode muito bem ser legal no Liechtenstein. Dependendo do tipo de transação que você tiver em mente, formaríamos entidades corporativas separadas para cada parte da transação, fazendo apenas o que é legal especificamente em cada país. Mas estou só pincelando umas ideias. As possibilidades são muito maiores."

Incrível!, pensei. Um verdadeiro Mestre em Falsificações! Após alguns instantes de silêncio, falei: "Talvez você possa me instruir brevemente sobre os prós e os contras das coisas. Não posso nem mensurar quão mais confortável isso me deixaria. Claro, há benefícios óbvios em se fazer negócios sob um nome corporativo, seja nos Estados Unidos ou na Suíça, mas estou interessado

mesmo é nos benefícios menos óbvios". Sorri, deixei-me afundar em meu assento e cruzei as pernas. Era o tipo de postura que dizia: "Gaste o tempo que precisar para me contar; não estou com pressa".

"Com certeza, meu amigo; agora estamos chegando ao âmago da questão. Cada uma dessas empresas é uma empresa ao portador, ou seja, não há nenhuma documentação indicando quem seja o dono. Na teoria, quem possuir os certificados de ações, o chamado portador, é considerado o proprietário de direito. Há duas formas de assegurar sua titularidade numa empresa como essa. A primeira é ter posse pessoal desses certificados de ações, ser o portador físico deles. Nesse caso, seria *sua* responsabilidade encontrar um lugar seguro para mantê-los, talvez num cofre nos Estados Unidos ou algo assim. A segunda forma seria abrir um cofre numerado na Suíça e manter os certificados lá. Só você teria acesso a esse cofre. E, diferentemente de uma conta corrente suíça, um cofre é realmente numerado; não haveria nome ligado a ele.

"Se escolher este caminho, então eu sugeriria que alugasse um cofre por um período de 50 anos e pagasse adiantado toda a taxa. Assim, não haveria como qualquer governo ter acesso ao cofre. Apenas você, e talvez sua esposa, caso seja de sua vontade, saberia da existência dele. E se eu puder lhe oferecer mais um pequeno conselho, gostaria de recomendar-lhe que não informe sua à esposa. Em vez disso, dê-me instruções sobre como contatá-la, caso, Deus me perdoe, algo lhe aconteça. Você tem minha palavra de que ela será notificada imediatamente.

"Mas, por favor, meu amigo, não entenda isso como uma indicação de que questiono a confiabilidade de sua esposa. Tenho certeza de que ela é uma senhora decente e, pelo que ouvi falar, muito bonita também. É que não seria a primeira esposa decepcionada a levar um agente do Fisco aonde ele não deveria ir."

Pensei um pouco sobre o que ele disse, e aquilo me lembrava muito os fantasmas de seis milhões de judeus massacrados perambulando pelas ruas de Zurique e Genebra, tentando encontrar seus banqueiros suíços. Porém, tinha de admitir, Roland parecia ser do tipo que resistiria à tentação e faria o correto. Mas como poderia ter certeza disso? Sendo o verdadeiro Lobo em Pele de Cordeiro, quem mais do que eu sabia que aparências enganam? Talvez eu contasse a meu pai ou, ainda melhor, entregaria a ele um envelope selado com instruções explícitas de que deveria ser aberto apenas em caso de minha morte inesperada – o que, dado meu gosto por voar chapado ou mergulhar durante apagões, parecia uma possibilidade real.

Preferi manter todos esses pensamentos errantes para mim. "Prefiro a segunda opção... por muitos diferentes motivos. E, apesar de eu nunca ter recebido uma intimação do Departamento de Justiça, ainda faz sentido manter meus documentos fora da jurisdição dele. Como você provavelmente sabe, todos os meus problemas legais são de natureza civil, não criminal, e é exatamente assim que deve ser. Sou um homem de negócios que tenta seguir as leis, Roland. Quero que saiba isso. De início, sempre tento fazer as coisas certas. Mas, apesar de me esforçar bastante, a verdade é que muitas leis mobiliárias dos Estados Unidos são ambíguas, sem haver totalmente certo ou totalmente errado. Vou lhe contar a verdade, Roland. Em muitos casos, na verdade na maioria dos casos, a violação da lei é muito mais uma questão de opinião do que qualquer outra coisa." Que monte de balela! Mas ainda soava incrivelmente bem. "Então, de vez em quando, algo que eu achava ser perfeitamente legal acaba me pegando. É meio injusto, mas é assim que são as coisas. De qualquer forma, eu diria que a maior parte de meus problemas tem relação direta com leis mobiliárias mal escritas, leis voltadas à coação seletiva de indivíduos que

o governo gosta de perseguir."

Roland sorriu. "Ah, meu amigo, você é demais! Que maneira maravilhosa de ver as coisas. Acho que nunca ouvi alguém proclamar sua percepção das coisas de maneira tão convincente. Muito bom... muito bom!"

Dei um sorrisinho e falei: "Bem, vindo de alguém como você, aceito isso como um grande elogio. Não vou negar que, de tempos em tempos, como qualquer homem de negócios, cruzo a linha e assumo um risco ou outro. Mas são sempre riscos calculados... altamente calculados, devo acrescentar. E cada risco que assumo é sempre apoiado por documentos incontestáveis que dão suporte a uma ideia de negabilidade plausível. Acredito que esteja familiarizado com o termo, certo?".

Roland concordou com a cabeça, obviamente cativado pela minha habilidade de racionalizar a quebra de todas as leis mobiliárias inventadas até hoje. O que ele não sabia era que a Comissão estava tentando inventar novas leis para tentar me parar.

Continuei: "Imaginei que sim. De qualquer forma, quando abri minha firma de corretagem cinco anos atrás, um homem muito esperto me deu um conselho muito valioso. Ele disse: 'Caso queira sobreviver nesse negócio maluco, deve operar sob a premissa de que cada transação será, no fim, vasculhada por uma agência governamental de três letras. E, quando esse dia chegar, é melhor estar seguro de que você tem uma explicação sobre por que a transação não viola nenhuma lei mobiliária ou, na verdade, nenhuma lei'.

"Agora, dito isso, Roland, vou lhe contar que 99% do que faço é certinho. O único problema é que esse 1% restante é que sempre nos mata. Talvez seja inteligente manter uma boa distância entre mim e esse 1%, o quanto fosse humanamente possível. Acredito que você seria o fiduciário de cada uma dessas empresas, correto?"

"Sim, meu amigo", disse Roland. "Seguindo a lei suíça, terei o poder de assinar documentos em nome da empresa e de participar de qualquer contrato que acredite ser do melhor interesse dela ou de seus beneficiários. Logicamente, as únicas transações que considerarei apropriadas serão aquelas recomendadas por você. Por exemplo, se me disser que acha que eu deveria investir o dinheiro numa certa nova ação ou em algum imóvel, ou em qualquer coisa, eu seria obrigado a seguir seu conselho.

"E é aqui que meus serviços lhe serão de maior valia. Veja, a cada investimento que realizarmos, farei um arquivo cheio de documentos de pesquisa e correspondências, vindos de vários analistas do mercado de capitais ou especialistas em mercado imobiliário, ou quem quer que seja necessário, para que eu tenha uma base independente para fazer meu investimento. Posso vir a solicitar os serviços de um auditor externo, cujo trabalho seria fornecer um relatório indicando que o investimento é bom. Logicamente, esse auditor sempre chegaria à conclusão apropriada, mas não antes de emitir um relatório chique com quadros de barras e gráficos coloridos. No final, são essas coisas que realmente apoiam uma ideia de negabilidade plausível. Se alguém, em algum momento, levantar uma dúvida sobre as razões de certo investimento meu, eu simplesmente apontaria para um arquivo de cinco centímetros de grossura e daria de ombros.

"Mais uma vez, meu amigo, estamos apenas arranhando a superfície aqui. Há muitas estratégias que compartilharei com você que lhe permitirão comandar seus negócios por trás de uma camada de invisibilidade. Além disso, se por acaso desejar repatriar qualquer quantia de dinheiro, levá-la de volta para os Estados Unidos sem deixar nenhum rastro, esta é outra área em

que posso ser de muita valia.”

Interessante, pensei. Era com isso que mais estava tendo dificuldades. Movi-me até a ponta do sofá, diminuindo a distância entre nós para menos de um metro. Então baixei a voz e falei: “Isso é algo que me interessa muito, Roland. Vou lhe contar a verdade... não fiquei nem um pouco impressionado com os cenários que Jean Jacques me apresentou; ele esboçou duas diferentes opções e, do meu ponto de vista, eram coisa de amador no melhor dos casos e suicida no pior”.

“Bem”, respondeu Roland, dando de ombros, “isso realmente não me surpreende. Jean Jacques é um banqueiro; sua especialidade é manobrar ativos, não fazer malabarismos com eles. Ele é um excelente banqueiro, devo dizer, e vai gerenciar bem sua conta, com a maior discrição. Mas não é muito versado na criação de documentos que permitam que o dinheiro vá para lá e para cá entre países sem levantar suspeitas. Essa é a função de um fiduciário” – um Mestre em Falsificações! – “como eu. Na verdade, você descobrirá que a Union Bancaire irá desencorajar enfaticamente a retirada de dinheiro da conta. É lógico que sempre poderá fazer o que quiser com seu dinheiro; eles não irão tentar impedi-lo. Mas não se surpreenda se Jean Jacques tentar dissuadi-lo de tirar seu dinheiro da conta, talvez usando a desculpa de que movimentar dinheiro chama a atenção das autoridades. Mas isso não é algo que deponha contra Jean Jacques. Todos os banqueiros suíços operam assim, e é algo bastante egoísta, devo dizer. A verdade, meu amigo, é que, com 3 trilhões de dólares entrando e saindo todos os dias do sistema bancário suíço, não há atividade em sua conta que pudesse chamar a atenção. Um homem esperto como você pode ver com facilidade a motivação do banco para querer manter seus balanços de ativos o mais alto possível.

“Só por curiosidade, que formas Jean Jacques lhe sugeriu? Tenho interesse em ouvir a última retórica do banco nesta área.” Com isso, Roland encostou-se no sofá e entrelaçou os dedos sobre a barriga.

Espelhando-me em sua linguagem corporal, voltei deslizando para o centro do sofá e disse: “Bem, a primeira que ele recomendou foi através de um cartão de débito. Isso pareceu estranho pra caralho para mim, se perdoar a porra do meu vocabulário. Quero dizer, ficar andando pela cidade com um cartão de débito ligado a uma conta no exterior deixa um rastro em papel de mais de um quilômetro!”. Balancei a cabeça e revirei os olhos, para concluir minha opinião.

“E a segunda recomendação dele foi igualmente ridícula: eu usaria meu dinheiro estrangeiro para amortizar a hipoteca de minha própria casa, nos Estados Unidos. De qualquer forma, acredito que nada disso será contado para Saurel, mas tenho de admitir que fiquei extremamente desapontado com essa parte de sua apresentação. Então, diga-me, Roland... o que estou deixando passar aqui?”

Roland sorriu com confiança. “Há muitas formas de fazer isso, todas sem deixar nenhum rastro. Ou, para ser mais exato, deixando um enorme rastro em papel, mas apenas o tipo que se gostaria de ver, que sustenta uma posição de total inocência e que resistiria ao escrutínio mais intenso, em ambos os lados do Atlântico. Está familiarizado com a prática de preços de transferência?”

Preços de transferência? Sim, eu sabia o que era, mas como... De repente, milhares de estratégias nefastas surgiram em minha mente. As possibilidades eram... incalculáveis! Dei um largo sorriso para meu Mestre em Falsificações e falei: “Na verdade, Mestre em... quero dizer, Roland, é uma ideia brilhante”.

Ele pareceu chocado por eu saber sobre a pouco conhecida arte de preços de transferência, um jogo de esconde-esconde em que se realizava uma transação e se pagava a menos ou a mais por um certo produto, dependendo da direção que se queria que seu dinheiro seguisse. O segredo era que se ficava, na verdade, em ambos os lados da transação. Era-se tanto o comprador como o vendedor. Preços de transferência eram mais usados para se sonegar impostos, uma estratégia empregada por empresas multinacionais bilionárias – através da qual elas alteravam seus preços internos quando vendiam de uma subsidiária sua para outra – que resultava na transferência de lucros de países com pesada tributação sobre pessoas jurídicas para países sem nenhuma tributação. Li algo sobre isso numa desconhecida revista de economia... um artigo sobre a Honda, que estava sobrecarregando suas fábricas americanas de partes automotivas, minimizando assim seus lucros nos Estados Unidos. Por motivos óbvios, o Fisco estava fazendo barulho.

Roland disse: "Estou surpreso por você conhecer preços de transferência. Não é uma prática muito conhecida, principalmente nos Estados Unidos".

Dei de ombros. "Posso ver milhares de maneiras de usá-la, de mover dinheiro para lá e para cá sem levantar nenhuma suspeita. Tudo que temos de fazer é abrir uma empresa ao portador e interpô-la em algum tipo de transação com uma de minhas empresas americanas. De início estava pensando numa empresa chamada Dollar Time. Ela está sentada sobre alguns milhões de dólares de estoque de vestuário inútil, que eu não conseguiria vender nem por 1 dólar, assim como o próprio nome diz.

"Mas o que *poderíamos* fazer é abrir uma empresa ao portador e dar a ela um nome relacionado a roupas, como Roupas por Atacado S.A. ou algo por aí. Então posso colocar a Dollar Time numa transação com minha empresa estrangeira, que compraria o estoque inútil, movendo meu dinheiro da Suíça de volta para os Estados Unidos. E o único rastro seria uma ordem de compra e uma fatura."

Roland aquiesceu e disse: "Sim, meu amigo. E tenho a habilidade para imprimir todo tipo de faturas e notas de vendas, e qualquer coisa de que precise. Posso até imprimir recibos de corretagem e datá-los de vários anos atrás. Em outras palavras, podemos pesquisar um jornal do ano passado e pegar uma ação que subiu tremendamente, e então criar registros que indiquem que certa compra foi feita. Mas estou me adiantando. Levaria muitos meses para eu lhe ensinar tudo.

"Só para que saiba, posso também fazer alguns ajustes para que tenha grandes quantias de dinheiro vivo disponível em vários países estrangeiros, simplesmente abrindo empresas ao portador e criando documentação para compra e venda de *commodities* inexistentes. No final, o lucro acabará no país de sua escolha, onde poderá sacar o dinheiro. E tudo que será deixado é um rastro que aponta para a legitimidade da transação. Na verdade, já abri duas empresas em seu nome. Venha, meu garoto, e lhe mostrarei." Com isso, meu Mestre em Falsificações ergueu sua pança enorme da poltrona de couro preto, conduziu-me até a estante de livros corporativos e retirou dois deles. "Aqui", disse. "A primeira é chamada United Overseas Investments, e a segunda, Far East Ventures. Ambas têm sede nas ilhas Virgens Britânicas, onde não haverá impostos a pagar e nenhum regulamento a seguir. Só preciso de uma cópia do passaporte de Patricia, e cuidarei do resto."

"Sem problemas", disse eu, sorrindo, e então coloquei a mão no bolso interno do paletó e entreguei a cópia do passaporte de Patricia para meu maravilhoso Mestre em Falsificações. Eu

aprenderia tudo que conseguisse desse homem. Aprenderia todos os prós e contras do mundo bancário suíço. Aprenderia como esconder todas as minhas transações numa teia impenetrável de empresas ao portador estrangeiras. E, se as coisas ficassem complicadas, o próprio rastro que eu criaria seria minha salvação.

Sim... tudo fazia sentido agora. Apesar de Jean Jacques Saurel e Roland Franks serem diferentes, ambos eram homens poderosos, e ambos eram confiáveis. E esse era o campo da Suíça, a gloriosa terra dos segredos, onde nenhum deles teria motivo para me trair.

Ah, mas eu estava enganado em relação a um deles.

CAPÍTULO 18

FU MANCHU E A MULA

Era uma maravilhosa tarde de sábado em Westhampton Beach, no feriado do Dia do Trabalho,[1] e estávamos deitados na cama, fazendo amor, como um casal normal... mais ou menos. A Duquesa estava deitada com os braços estendidos sobre a cabeça, e sua cabeça descansava em um travesseiro de seda branca, a curva perfeita de seu rosto emoldurada pelo sedutor cabelo loiro. Parecia um anjo enviado dos céus para mim. Eu estava deitado sobre ela com os braços estendidos como os dela, e apertava suas mãos, nossos dedos entrelaçados. Uma camada fina de suor era tudo que nos separava.

Eu estava tentando usar todo o peso do meu corpo para evitar que ela se movesse. Éramos quase do mesmo tamanho, então nos encaixávamos como cadernos de um livro. Enquanto inspirava seu agradável perfume, podia sentir seus mamilos contra os meus, e podia sentir o calor de suas coxas sedutoras contra os meus quadris, e podia sentir a sedosidade de seus tornozelos esfregando-se nos meus.

Mas, apesar de frágil e magra, e dez graus mais quente que uma fogueira enfurecida, ela era mais forte que um touro! Por mais que tentasse, não parecia capaz de mantê-la parada. “Pare de se mexer!”, irrompi, com uma mistura de paixão e fúria. “Estou quase lá, Nae! Apenas mantenha as pernas juntas!”

Agora a voz da Duquesa assumiu o tom de uma criança prestes a fazer birra. “Eu... não... estou... confortável! Deixe-me... sair!”

Tentei beijá-la nos lábios, mas ela virou a cabeça para o lado e tudo que consegui foi beijar-lhe a bochecha. Dobrei o pescoço para o lado e tentei pegá-la pela lateral, mas ela rapidamente virou a cabeça para o outro lado. Agora consegui a outra bochecha. Estava tão rígida que quase cortei meu lábio inferior.

Sabia que devia liberá-la, essa seria a atitude correta, mas não estava disposto a mudar de lugar nesse exato momento, principalmente quando estava tão próximo da Terra Prometida. Tentei mudar a estratégia. Praticamente implorei: “Ora, Nae! Por favor, não faça isso comigo!”. Fiz cara de zangado. “Tenho sido um marido perfeito já faz duas semanas, então pare de reclamar e deixe-me beijá-la!”

Quando essas palavras escaparam de meus lábios, fiquei muito orgulhoso por elas serem verdadeiras. Eu fora um marido quase perfeito desde o dia em que voltei da Suíça. Não dormira com nenhuma prostituta – nenhuma! –, sem contar que nem tinha voltado para casa muito tarde. Minha dose de drogas tinha diminuído – diminuído bem! –, mais do que a metade, e eu até ficara sem por alguns dias. Na verdade, não conseguia me lembrar da última vez que entrara na fase da baba.

Estava em meio a um daqueles breves interlúdios em que meu cruel vício em drogas parecia de alguma forma sob controle. Tivera esses períodos antes, em que minha necessidade incontrolável de voar mais alto que o Concorde era bastante diminuída. E durante esses períodos

até a dor nas costas parecia menos severa, e eu dormia melhor. Mas, ah, era sempre temporário. Alguma coisa ou alguém me deixava em turbulência... e então voltava pior do que antes.

Com um pouco de raiva aparecendo, falei: “Vamos lá, droga! Mantenha a cabeça parada! Estou quase gozando, e quero beijá-la enquanto estou gozando!”.

Aparentemente, a Duquesa não gostava de minha atitude egoísta. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ela colocou as mãos em meus ombros e, com um movimento ligeiro de seus braços finos, projetou-se para cima... e meu pênis rapidamente saiu dela e eu estava caindo da cama, em direção ao chão de madeira clara.

Durante a queda, tive um vislumbre agradável do oceano Atlântico azul-escuro, que eu podia ver através de uma parede sólida de vidro que cobria toda a parte de trás da casa. O oceano estava a uns 100 metros de distância, mas parecia muito mais perto. Mas, antes de bater no chão, ouvi a Duquesa dizer: “Ai, querido! Cuidado! Não pretendia...”.

BUM!

Respirei fundo e pisquei, torcendo para não ter quebrado nenhum osso. “Aaaai... por que fez isso?”, rugi. Agora estava deitado de costas, totalmente pelado, com meu pênis ereto brilhando com o sol vespertino. Joguei a cabeça para trás e fiquei um tempo observando minha ereção... Ainda estava intacta. Isso me animou um pouco. Teria distendido as costas? Não, tinha certeza de que não. Mas estava muito confuso para mover um músculo.

A cabeça da Duquesa surgiu pelo lado da cama e ela olhou para mim, zombeteira. Então comprimiu aqueles lábios sedutores e, num tom que uma mãe normalmente usaria com uma criança que acabou de tropeçar inesperadamente no parquinho, falou: “Ah, pobrezinho do meu bebezinho! Volte aqui para a cama, e eu vou fazer você se sentir melhor!”.

Sendo daqueles que de cavalo dado não olha os dentes, ignorei o uso do “inho” e fiquei de quatro para me levantar. Estava quase ficando sobre ela quando me vi hipnotizado pela visão incrível à minha frente: não apenas a sedutora Duquesa, mas também os três milhões de dólares em dinheiro vivo sobre os quais ela estava deitada.

Sim... eram três milhões de dólares mesmo. Três pilas!

Havíamos acabado de contar. Estava embrulhado em maços de 10 mil dólares, e cada maço tinha por volta de três centímetros. Havia 300 maços, e eles estavam espalhados por toda a extensão do colchão *king-size*... um em cima do outro, 1,5 metro no ar. Em cada canto da cama, uma enorme presa de elefante erguia-se, dando o motivo para a decoração do quarto, que era um safári africano bem no centro de Long Island!

De repente, Nadine deslizou para o lado da cama, mandando 70 ou 80 mil para o chão. Juntaram-se aos 250 mil que caíram comigo. Ainda assim, não fazia a menor diferença. Havia tanto verde sobre a cama que parecia a floresta amazônica após uma monção.

A Duquesa encarou-me com um sorriso caloroso. “Desculpe-me, querido! Não queria te jogar para fora da cama... juro!” Ela deu de ombros inocentemente. “Senti uma câimbra terrível no ombro e acho que você não é muito pesado. Vamos entrar no armário e fazer amor lá dentro. Está bom, amorzinho?” Ela me deu outro sorriso lascivo e, com um movimento atlético, pulou da cama com seu corpo nu e ficou atrás de mim. Então torceu a boca para o lado e começou a morder o interior da bochecha. Era algo que ela fazia sempre que estava tentando entender alguma coisa.

Após alguns segundos, parou de morder e disse: “Tem certeza de que isso é legal? Porque eu

não sei. Tem algo nisso que parece... errado".

Nesse momento, eu tinha pouca vontade de mentir para minha esposa sobre minhas atividades de lavagem de dinheiro. Na verdade, meu único desejo era jogá-la na cama e fodê-la até o talo! Mas ela era minha esposa, o que significava que ganhara o direito de ouvir uma mentira. Com a maior convicção, falei: "Eu te contei, Nae... tirei todo o dinheiro do banco. Você me viu fazendo isso. Ora, não estou negando que Elliot tenha me dado alguns dólares aqui e ali" – alguns dólares? Que tal cinco milhões? –, "mas aquilo não tem nada a ver com esse dinheiro. Esta grana toda é estritamente legítima, e se o governo surgisse aqui neste exato momento, eu simplesmente lhe mostraria meus recibos de saque, e estaria tudo bem". Envolvi sua cintura com meu braço, pressionei meu corpo contra o dela e a beijei.

Ela deu um sorrisinho e se afastou. "Sei que você tirou o dinheiro do banco, mas é só que isso parece ilegal. Não sei... todo esse dinheiro... bem, não sei. Apenas parece estranho." Começou a morder o interior da boca novamente. "Tem certeza de que sabe o que está fazendo?"

Aos poucos, eu estava perdendo a ereção, o que me entristecia demais. Era hora de mudar de lugar. "Apenas acredite em mim, querida. Está sob controle. Vamos entrar no armário e fazer amor. Todd e Carolyn chegarão aqui em menos de uma hora, e quero fazer amor com você sem pressa. Por favor..."

Ela franziu a testa para mim, então de repente saiu correndo e disse olhando para trás: "Aposto que chego no armário mais rápido do que você!". E lá fomos nós... sem nenhuma outra preocupação no mundo.

NÃO HAVIA COMO negar que alguns judeus muito loucos saíram de Lefrak City no começo dos anos 1970.

Mas não havia nenhum mais louco que Todd Garret.

Todd era três anos mais velho que eu, e ainda posso me lembrar da primeira vez que o vi. Eu acabara de completar dez anos, e Todd estava na garagem em que cabia um único carro do sobrado para o qual se mudara com seus pais loucos, Lester e Thelma. Seu irmão mais velho, Freddy, morrera havia pouco de uma overdose de heroína, com a agulha enferrujada ainda no braço quando o encontraram sentado na privada, dois dias depois de ter morrido.

Assim, relativamente, Todd era o normal.

De qualquer forma, ele estava chutando e socando um saco de lona branca – vestido de preto, com calças de kung fu e tênis. Naquela época, no começo dos anos 1970, não havia escolas de caratê em todo shopping center, então Todd Garret rapidamente ganhou a reputação de ser alguém esquisito. Mas, pelo menos, ele era coerente. Podia-se encontrá-lo em sua minúscula garagem, 12 horas por dia, 7 dias por semana... chutando, socando e dando joelhadas no saco.

Ninguém levou Todd a sério até ele completar 17 anos. Foi nessa época que Todd se viu no bar errado em algum lugar de Jackson Heights, Queens. Jackson Heights ficava a apenas alguns quilômetros de Bayside, mas podia muito bem ser em outro planeta. A língua oficial era inglês chulo; a profissão mais comum, desempregado; e até vovós carregavam canivetes. De qualquer forma, dentro do bar, Todd e quatro traficantes de drogas colombianos trocavam ideias – até que eles o atacaram. Quando terminou a briga, dois deles tinham ossos quebrados, todos os quatro com o rosto arrebentado e um fora apunhalado com sua própria faca, que Todd lhe tirara e enfiara nele. Depois disso, todo mundo começou a levar Todd a sério.

Dali em diante, Todd logicamente se transformou num grande traficante de drogas e, através de uma combinação de medo e intimidação, junto com uma boa dose de malandragem das ruas, rapidamente chegou ao topo. Ele estava com 20 e poucos anos... ganhando centenas de milhares de dólares por ano. Passava os verões no sul da França e na Riviera italiana... e os invernos nas praias maravilhosas do Rio de Janeiro.

Tudo ia bem para Todd até certo dia, cinco anos atrás. Estava deitado na praia de Ipanema e foi mordido por um inseto tropical desconhecido... e, de repente, quatro meses depois, viu-se na lista de espera de um transplante de coração. Em menos de um ano, estava com 43 quilos, e seu 1,80 metro parecia um esqueleto.

Após passar dois anos na lista de espera, um lenhador de 2 metros de altura, que aparentemente tinha dois pés esquerdos e uma linha de vida estranhamente curta, caiu de uma sequoia californiana e precipitou sua morte. E, como se diz, a maldição de um homem é a bênção de outro. Seu tipo de tecido combinava perfeitamente com o de Todd.

Três meses depois do transplante de coração, Todd voltara para a academia; três meses depois disso, estava com força total; três meses depois disso, tornou-se o maior traficante de Quaaludes nos Estados Unidos; e três meses depois disso, descobriu que eu, Jordan Belfort, o proprietário do famoso banco de investimentos Stratton Oakmont, era viciado em Quaaludes, e assim ele chegou até mim.

Isso foi há mais de dois anos, e desde então Todd me vendera cinco mil Quaaludes e me dera mais cinco mil, de graça, em troca de todo o dinheiro que eu estava ganhando para ele nas novas ações da Stratton. Mas, como os lucros com as novas ações decolaram para a casa dos milhões, ele rapidamente percebeu que não podia compensar com Quaaludes. Então começou a me perguntar se havia algo mais que pudesse fazer por mim – qualquer coisa.

Eu resistira ao impulso de solicitar a ele que batesse em cada garoto que havia olhado feio para mim desde a segunda série, mas, depois da milésima vez que ele me falou “Se houver qualquer coisa que eu possa fazer por você, mesmo que seja matar alguém, apenas me peça”, finalmente decidi aceitar sua oferta. E o fato de sua nova esposa, Carolyn, ser uma cidadã suíça fez as coisas parecem muito mais naturais.

Nesse momento em particular, Todd e Carolyn estavam em minha suíte fazendo o que sempre fizeram: discutindo! Com meu incentivo, a Duquesa fora para a cidade fazer comprinhas. Afinal, não queria que ela estivesse aqui para ver a insanidade que estava acontecendo à minha frente.

A insanidade: Carolyn Garret trajava nada além de calcinhas de seda branca e tênis Tretorn. Ela estava a menos de um metro de mim, com as mãos presas atrás da cabeça e os cotovelos jogados para o lado, como se um policial tivesse acabado de gritar: “Coloque as mãos na cabeça e fique parada, ou irei atirar!”. Enquanto isso, seus enormes seios suíços flutuavam como dois balões d’água muito cheios batendo em seu corpo fino, de cerca de 1,60 metro. Seus vigorosos cabelos loiros tingidos desciam até a bunda. Ela tinha um par de olhos azuis incríveis, uma testa ampla e um rosto bem bonito. Ela era uma verdadeira gostosa... uma gostosa suíça.

“Taad, vozê é um babaca idiota!”, disse a Gostosa Suíça, cujo forte sotaque gotejava queijo suíço. “Vozê tá me machucando com esta fita, seu cuzon!” *Machucando-me com esta fita, seu cuzão*.

“Cala a boca, sua matraca”, respondeu seu amado marido, “e fique parada, caralho, antes que eu te arrebente!” Todd estava andando em volta de sua esposa, segurando um rolo de fita

adesiva. A cada giro completo, os 300 mil dólares de dinheiro vivo grudados ao seu abdômen e coxas ficavam ainda mais justos.

"Quem você está chamando de matraca, sem imbecil? Tenho o direito de te bater por fazer tal comentário sobre mim. Certo, Jordan?"

Concordei. "Definitivamente, Carolyn... vá em frente e dê-lhe um tapa. O problema é que seu marido é um doente filho da puta e provavelmente irá gostar! Se quiser realmente encher-lhe o saco, por que não sai pela cidade falando para todo mundo que ele é gentil e legal... e que ele gosta de ficar na cama com você nas manhãs de domingo lendo o *Times*?"

Todd olhou para mim com um sorriso perverso, e fiquei tentando entender como um judeu de Lefrak podia acabar parecendo tanto com Fu Manchu. A verdade é que seus olhos haviam se tornado levemente oblíquos e sua pele ficara levemente amarela, e ele tinha uma barba e um bigode que o transformavam num sósia de Fu Manchu. Todd sempre vestia preto, e hoje não era exceção. Trajava uma camiseta Versace preta, com um enorme V em couro preto na frente, e shorts de ciclismo de Lycra pretos. Tanto a camiseta como os shorts cobriam seu corpo musculoso como uma segunda pele. Podia-se ver a silhueta de uma arma, um 38 de cano fino que ele sempre carregava, por baixo de seus shorts de ciclismo, escondido nas costas. Em seus antebraços havia uma camada de cabelo crespo negro que parecia pertencer a um lobisomem.

"Não sei por que você a encoraja", murmurou Todd. "Apenas a ignore. É muito mais fácil."

A Gostosa cerrou seus dentes brancos. "Ah, vá ignorar a si mesmo, seu saca de bosta!"

"É saco de bosta", disparou Todd, "não saca de bosta, sua suíça burra! Agora cale a porra dessa boca e não se mexa. Estou quase acabando."

Todd foi até a cama e pegou um detector de metais manual, do tipo usado quando se passava pela segurança no aeroporto. Ele começou a vasculhar, de cima a baixo, a extensão total do corpo da Gostosa. Quando chegou a seus seios enormes, fez uma pausa... e eu e ele ficamos um tempo admirando-os. Bem, nunca fui fanático por peitos, mas é que ela tinha um par de tetas incrivelmente belo.

"Está vendo, eu falo", disse a Gostosa. "Não faz barulho! Isso é dinheiro de papel, não de prata. Por que acha que o detector de metais faz diferença, hein? Você prefere gastar dinheiro comprando esse equipamento estúpido depois de eu te dizer que não, vira-lata!"

Todd balançou a cabeça em nojo. "O próximo 'vira-lata' que você disser será o último, e, se acha que estou brincando, então vá em frente e diga. Mas, respondendo à sua pergunta, toda nota de 100 dólares tem uma fita fina de metal... assim, apenas queria me certificar de que, quando elas estivessem todas presas a seu corpo, o detector não dispararia. Veja." Ele retirou uma nota de 100 dólares de um dos maços e segurou-a em frente à luz. Logicamente, lá estava: uma fita fina de metal, talvez de um milímetro, que ia de cima a baixo da nota.

Orgulhoso de si mesmo, Todd falou: "Certo, gênia? Nunca mais duvide de mim".

"Está bom, vou aceitar isso, Taad, mas nada mais. Digo que você precisa me tratar melhor, porque sou uma garota legal e podia encontrar um outro homem. Você é cheio de showzinho na frente do seu amigo, mas é mim que veste as calças nesta família e isso..."

E a Gostosa Suíça continuou falando sem parar sobre como *Taad* a maltratava, mas parei de escutar. Estava ficando dolorosamente óbvio que ela sozinha não conseguiria contrabandear uma quantidade boa de dinheiro. A não ser que se dispusesse a enfiar o dinheiro nas malas, o que eu considerava muito arriscado, ela levaria pelo menos dez viagens para levar todos os três milhões

até lá. Isso significava passar pela alfândega 20 vezes, dez em cada lado do Atlântico. O fato de ela ser cidadã suíça apenas assegurava que entraria na Suíça sem nenhum incidente, e as chances de ser parada na saída dos Estados Unidos tendiam a zero. Na verdade, a não ser que alguém avisasse a alfândega americana, não havia chance alguma.

Ainda assim, ficar colocando a mão na botija repetidamente parecia loucura... quase um carma ruim. No fim, algo daria errado. E três milhões era apenas a quantia inicial; se tudo corresse bem, planejava contrabandear cinco vezes isso.

Disse a *Taad* e à Gostosa Suíça: "Odeio parar de ver vocês ficarem se matando, mas, se me dá licença, Carolyn, preciso dar uma andada pela praia com seu marido. Não acho que você possa levar dinheiro suficiente para lá sozinha, portanto precisamos repensar as coisas, e prefiro não falar dentro de casa". Fui até a cama, peguei uma tesoura de costura e entreguei-a a Todd. "Aqui... por que você não a solta e então vamos passear pela praia?"

"Foda-se ela!", disse, entregando a tesoura à esposa. "Deixe ela se desamarrar. Será algo para ela fazer, além de ficar reclamando. Isso é tudo que ela faz, de qualquer forma... comprar e reclamar, e talvez abrir as pernas de vez em quando."

"Ah, cara engraçado, Taad. Como se você grande amante! Hah. Que piada. Vá, Jordan... leve garanhão para a praia para eu ter momento de paz. Eu me desamarro."

Cético, falei: "Tem certeza, Carolyn?".

Todd respondeu: "Sim, ela tem certeza". Então olhou para Carolyn diretamente nos olhos e disse: "Quando levarmos esse dinheiro de volta para a cidade, vou contar cada dólar, e se houver uma única notinha faltando vou cortar sua garganta e ficar vendo-a sangrar até morrer!".

A Gostosa Suíça começou a gritar: "Ahhh, esta é a última vez que você me ameaça! Vou jogar todos os seus remédios na privada e colocar veneno no lugar... seu... seu *cuzão!* Vou arrebentar...", e ela continuou a xingar Todd numa combinação de inglês e francês, e talvez um pouquinho de alemão, apesar de ser difícil decifrar.

Todd e eu saímos da suíte por uma porta de correr de vidro que dava vista para o Atlântico. Apesar de a porta ser grossa o suficiente para resistir a um furacão de categoria 5, eu ainda conseguia escutar Carolyn gritando quando chegamos à varanda.

No canto da varanda, um longo caminho de madeira sobressaía sobre as dunas e levava até a praia. Enquanto nos dirigíamos até à beira da água, senti-me calmo, quase sereno... apesar de a voz dentro de minha cabeça gritar: "Você está prestes a cometer um dos erros mais graves de sua jovem vida". Mas ignorei a voz e, em vez disso, concentrei-me no calor do sol.

Íamos para o oeste, com o oceano Atlântico azul-marinho à nossa esquerda. Havia um barco de pesca comercial a mais ou menos 200 metros da costa, e eu podia ver gaivotas brancas mergulhando com tudo na trilha do barco, tentando roubar restos da coleta do dia. Apesar da natureza obviamente benigna da embarcação, dei-me conta de que podia haver um agente do governo escondido no topo da escuna – apontando um microfone parabólico para nós, tentando escutar nossa conversa.

Respirei fundo, lutei contra a paranoia e falei: "Não vai funcionar apenas com Carolyn. Vai levar muitas viagens, e se ela continuar indo e voltando a alfândega finalmente irá marcar-lhe o passaporte. Nem posso me permitir que as viagens durem seis meses. Tenho outros negócios nos Estados Unidos que dependem de eu levar os fundos para o exterior".

Todd aquiesceu, mas não disse nada. Ele conhecia bem a malandragem das ruas para

perguntar que tipo de negócios eu tinha ou por que eram tão urgentes. Mas o fato era que eu tinha de levar meu dinheiro para o exterior o mais rápido possível. Como suspeitei, a Dollar Times estava indo muito pior do que Kaminsky deixara transparecer, e precisava de uma injeção de capital imediata de 3 milhões de dólares.

Se eu tentasse levantar dinheiro através de uma oferta pública, levaria pelo menos três meses e seria forçado a fazer uma auditoria completa dos livros da empresa. Isso, sim, seria uma situação desagradável! Droga! No ritmo em que a empresa estava torrando dinheiro, tinha certeza de que a auditoria emitiria uma opinião de alerta... ou seja, inseriria uma nota de rodapé no relatório financeiro da empresa dizendo que havia sérias dúvidas de que a empresa podia continuar funcionando por mais um ano. Se isso acontecesse, a NASDAQ a tiraria da lista, o que seria o beijo da morte. Fora da NASDAQ, a Dollar Time se tornaria uma ação de baixo preço, e tudo estaria perdido.

Assim, minha única opção era levantar dinheiro por meio de uma oferta particular. Mas isso era mais fácil de falar do que fazer. Apesar de ser habilidosa para levantar dinheiro em ofertas públicas, a Stratton era fraca para levantar dinheiro em ofertas particulares. (Era um negócio completamente diferente, e a Stratton não estava preparada para isso.) Além do mais, eu estava trabalhando em dez ou quinze negociações ao mesmo tempo, e cada uma delas requeria certa quantia de meu dinheiro particular. Então eu já estava apertado. Afundar 3 milhões de dólares na Dollar Time daria uma bela amortecida em meus outros negócios pelo banco de investimentos.

Mas havia uma solução: o Regulamento S. Pela exceção legal do Regulamento S, eu podia usar minhas "contas Patricia Mellor" para comprar ações privadas da Dollar Times, e 40 dias depois dar meia-volta e vendê-las nos Estados Unidos com um lucro enorme. Era muito diferente de ter de comprar ações privativamente, nos Estados Unidos, e então esperar dois anos inteiros para vendê-las sob a Lei 144.

Já analisara o cenário do Regulamento S com Roland Franks, e ele me garantiu que podia criar toda a documentação necessária para tornar a transação à prova de balas. Tudo que eu tinha de fazer era levar meu dinheiro para a Suíça, e o resto aconteceria naturalmente.

Falei para Todd: "Talvez eu deva levar o dinheiro no Gulfstream. Da última vez que passei pela alfândega suíça, eles nem sequer carimbaram meu passaporte. Não vejo por que dessa vez seria diferente".

Todd balançou a cabeça. "De jeito nenhum, não vou deixar você se colocar em risco. Você tem sido muito bom para mim e para a minha família. Vou fazer o seguinte: mandarei minha mãe e meu pai carregarem dinheiro para lá também. Ambos estão com 70 e poucos anos, assim não há como a alfândega suspeitar deles. Eles vão passar direto em ambos os lados sem nenhum problema. Vou também colocar Rich e Dina[3] nisso. Com isso serão cinco pessoas, 300 mil dólares cada. Em duas viagens estará feito. Então aguardaremos algumas semanas e faremos novamente." Ele fez uma pausa por alguns segundos e então completou: "Sabe, eu mesmo o faria, mas acho que estou numa lista de alerta por causa de toda a coisa das drogas. Mas sei que meus pais estão totalmente limpos, e também Rich e Dina".

Caminhamos em silêncio enquanto eu avaliava as coisas. Na verdade, os pais de Todd eram mulas perfeitas; velhos, nunca seriam parados. Mas Rich e Dina eram um caso diferente. Pareciam *hippies*, principalmente Rich, que tinha cabelo até a bunda e a aparência de um viciado

em heroína. Dina também parecia viciada, mas, sendo mulher, talvez a alfândega a confundisse com uma velhota abatida desesperada por uma plástica. “Está bem”, falei com confiança. “Não há dúvida de que seus pais são uma aposta segura, e provavelmente Dina também. Mas Rich parece um traficante de drogas, portanto vamos deixá-lo fora disso.”

Todd parou de andar, virou-se para mim e disse: “Tudo que peço, amigo, é que, Deus me perdoe, se algo acontecer a algum deles, você cuide de todas as despesas legais. Sei que o fará, mas apenas queria que o dissesse para que não precisássemos falar sobre isso depois. Mas, confie em mim, nada irá acontecer. Prometo”.

Coloquei o braço no ombro de Todd e falei: “Isso nem precisava dizer. Se algo acontecer, não apenas pagarei todas as despesas legais, mas, desde que todos mantenham o bico fechado, eles receberão um bônus em dinheiro com sete dígitos quando tudo acabar. De qualquer forma, confio em você sem restrições, Todd. Vou te dar os 3 milhões de dólares para levar de volta para a cidade, e não tenho dúvidas de que essa grana acabará na Suíça dentro de uma semana. Há apenas algumas poucas pessoas no mundo em que eu confiaria para fazer isso”.

Todd aquiesceu solenemente.

Então completei: “Outra coisa, Danny tem mais um milhão para te dar, mas só na semana que vem. Estarei na Nova Inglaterra com Nadine no iate, então ligue para Danny e combine de se encontrar com ele, está certo?”.

Todd fez uma careta. “Farei o que você pedir, mas odeio negociar com Danny. Ele é maluco pra caralho; toma muitos Quaaludes durante o dia. Se aparecer com 1 milhão de dólares em dinheiro vivo e estiver totalmente sob o efeito de Ludes, juro por Deus que vou arrebentá-lo. Estou falando sério... não quero ficar negociando com um idiota gago.”

Sorri. “Argumento aceito; vou falar com ele. De qualquer forma, preciso voltar para casa. A tia de Nadine está chegando, ela veio da Inglaterra, e virá com a mãe da Nadine jantar conosco. Preciso me aprontar.”

Todd concordou. “Sem problemas. Apenas não se esqueça de dizer para Danny não estar chapado quando se encontrar comigo na quarta, está bem?”

Sorri e aquiesci. “Não me esquecerei, Todd. Prometo.”

Sentindo-me satisfeito, virei-me na direção do oceano e observei a linha do horizonte. O céu era um azul cobalto profundo com um toque de magenta, onde se derretia na água. Respirei fundo...

E de repente me esqueci da promessa.

---

1 Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalho é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. (N. T.)

CAPÍTULO 19

UMA MULA POUCO VEROSSÍMIL

Jantar fora! Westhampton! Ou Hampton dos Judeus, como era chamada por todos aqueles babacas WASPs que moravam em Southampton. Não era segredo que os WASPs olhavam para lá com desprezo, enfiando o nariz longo e fino na vida dos moradores de Westhampton, como se fôssemos judeus que tínhamos acabado de ter nossos passaportes carimbados na chegada aos Estados Unidos e ainda estivéssemos trajando grandes casacos negros e quipás.

Apesar disso tudo, eu ainda considerava Westhampton um lugar bom para se ter uma casa de praia. Era para os jovens e radicais e, mais importante, era cheia de strattonitas... os homens strattonitas enfiando quantias obscenas de dinheiro nas mulheres strattonitas, e as mulheres strattonitas deixando os homens strattonitas enfiarem nelas em recompensa, na versão strattonita de "toma lá, dá cá".

Naquela noite, eu estava sentado numa mesa para quatro no restaurante Starr Boggs, ao lado das dunas de Westhampton Beach, com dois Quaaludes banhando o centro de prazer do meu cérebro. Para mim, era uma dose bem pequena, e eu estava totalmente controlado. Tinha uma vista incrível do oceano Atlântico, que estava logo ali. Na verdade, estava tão próximo que eu podia ouvir as ondas quebrando na costa. Às 20h30 havia luz suficiente no céu para transformar o horizonte numa palheta em redemoinho de roxo, rosa e azul meia-noite. Uma lua cheia incrivelmente grande pairava bem acima do Atlântico.

Era o tipo de visão incrível que servia como um testemunho indiscutível das maravilhas da Mãe Natureza, que entrava em contraste agudo com o próprio restaurante, uma merda de uma pocilga! Mesas de piquenique de metal branco espalhavam-se sobre um convés de madeira cinza que precisava urgentemente de uma nova demão de tinta e uma séria polida. Na verdade, caso se andasse descalço no convés, era certeza acabar na sala de emergências do Hospital Southampton, a única instituição em Southampton que aceitava judeus, apesar de relutantemente. Completando a desgraça, havia uma centena de lanternas vermelhas, laranjas e roxas penduradas em finos fios cinza que cruzavam o restaurante sem teto. Parecia que alguém se esquecera de tirar as últimas luzes de Natal... alguém com um problema crônico de alcoolismo. E então havia tochas Tiki, estrategicamente posicionadas aqui e ali. Isso dava um brilho alaranjado fraco, deixando o lugar com uma aparência muito mais triste.

Mas nada disso – com exceção das tochas Tiki – era culpa de Starr, o proprietário alto e pançudo do restaurante. Ele era um chef de primeira linha, e seus preços eram mais do que razoáveis. Eu trouxera Mad Max aqui uma vez, para dar a ele uma explicação visual de por que minha conta média no Starr Boggs chegava a 10 mil dólares. Era um conceito que ele estava tendo dificuldades em entender, por não estar ciente da reserva especial de vinho tinto que Starr estocava para mim, sendo 3 mil dólares o preço médio da garrafa.

Hoje, a Duquesa e eu, junto com a mãe de Nadine, Suzanne, e a adorável tia Patricia, já havíamos matado duas garrafas de Chateau Margaux, 1985, e estávamos indo bem em nossa terceira – apesar de não termos ainda pedido aperitivos. Mas, sendo Suzanne e tia Patricia meio

irlandesas, a tendência delas para tudo que fosse alcoólico era esperada.

Até o momento, a conversa durante o jantar fora totalmente inocente, pois eu afastara com todo o cuidado o assunto de lavagem de dinheiro internacional. E, apesar de ter contado a Nadine o que estava acontecendo com sua tia Patricia, descrevi as coisas de maneira que tudo parecesse perfeitamente legal – encobrindo os pontos mais interessantes, como as mil e uma leis que estávamos burlando, e focando em como a tia Patricia receberia seu próprio cartão de crédito, permitindo que vivesse o crepúsculo de sua vida no luxo. De qualquer forma, após minutos de mastigação do interior da bochecha e algumas ameaças desanimadas, Nadine finalmente comprara a ideia.

Suzanne estava explicando como o vírus da aids era uma conspiração do governo americano, não muito diferente de Roswell e do assassinato de Kennedy. Eu estava tentando prestar atenção, mas me distraía com os ridículos chapéus de palha que ela e tia Patricia decidiram usar. Eram maiores que sombreiros mexicanos, e tinham flores rosas na aba. Era óbvio que as duas não eram residentes da Hampton dos Judeus. Na verdade, pareciam ser de outro planeta.

E, enquanto minha sogra continuava a difamar o governo, a agradável Duquesa começou a me cutucar sob a mesa com a ponta de seu salto alto, como a dizer: "Lá vai ela de novo!". Virei-me de modo casual para ela e dei uma semipiscadela. Não conseguia entender como ela havia recuperado tão rapidamente o belo corpo após o nascimento de Chandler. Apenas seis semanas atrás, ela parecia ter engolido uma bola de basquete! Agora estava de volta ao seu peso normal – 54 quilos de puro aço –, pronta para me bater à menor provocação.

Agarrei a mão de Nadine e coloquei-a sobre a mesa, a fim de mostrar que eu estava falando por nós dois, e disse: "Quanto às suas teorias sobre a imprensa e como tudo é cheio de mentiras, concordo plenamente com você, Suzanne. O problema é que a maioria das pessoas não é tão perceptiva como você". Balancei a cabeça, sério.

Patricia pegou sua taça de vinho, tomou um gole imenso e falou: "É bastante conveniente sentir-se assim em relação à imprensa, principalmente quando se é alguém que aqueles babacas do inferno continuam difamando! Não é mesmo, meu amor?".

Sorri para Patricia e disse: "Bem, isso merece um brinde!". Ergui minha taça e aguardei até que todas me acompanhassem. Após alguns segundos, falei: "Para a adorável tia Patricia, abençoada com o verdadeiro talento de ser capaz de chamar um cu de cavalo de cu de cavalo!". Com isso, todos batemos as taças e bebemos 500 dólares de vinho em menos de um segundo.

Nadine chegou até mim, esfregou minha bochecha e disse: "Ah, querido, todos sabemos que tudo que dizem sobre você é mentira. Assim, não se preocupe, amorzinho!".

"Sim", completou Suzanne, "lógico que é tudo mentira. Eles fazem parecer como se só você estivesse fazendo algo errado. É quase risível quando se pensa sobre o assunto. Isso vem desde os Rothschild, no século XVIII, e de J. P. Morgan e sua gangue, no começo do século XX. O mercado financeiro é apenas mais uma marionete do governo. Pode-se ver..."

Suzanne disparara novamente. Quer dizer, não havia como negar que ela estava um pouco grogue... mas quem não estava? E ela era esperta demais. Era uma leitora voraz, e criara sozinha Nadine e seu irmão mais novo, AJ, fazendo um belíssimo trabalho (pelo menos com Nadine). E o fato de seu ex-marido não ter movido um fio de cabelo para ajudar, financeiramente ou de qualquer outra forma, tornava sua conquista ainda maior. Ela era uma mulher bonita, com cabelo loiro escuro na altura dos ombros e brilhantes olhos azuis. Acima de tudo, tinha bons

genes.

De repente, Starr veio até a mesa. Trajava um jaleco branco de chef e um enorme chapéu branco de chef. Parecia um Pillsbury Doughboy[1] de mais de 2 metros de altura.

"Boa noite", disse Starr calorosamente. "Feliz Dia do Trabalho para todos os senhores!"

Minha esposa, aspirante a mestre de cerimônia, imediatamente ergueu-se de sua cadeira como uma líder de torcida ansiosa e deu uma bitoca agradável na bochecha de Starr. Então começou a apresentar sua família. Após alguns minutos maravilhosos de conversa fiada, Starr começou a explicar os pratos da noite, iniciando por seus mundialmente famosos caranguejos fritos de casca suave. Mas, em menos de um milissegundo, parei de escutar e fiquei pensando em Todd e Carolyn e meus três milhões de dólares. Como diabos eles levariam tudo aquilo para lá sem serem pegos? E quanto ao resto da minha grana? Talvez eu devesse ter usado o serviço de mensageiro de Saurel. Mas aquilo parecia arriscado, não? Quer dizer... reunir-me com alguém completamente estranho num ponto de encontro sórdido e entregar todo aquele dinheiro?

Olhei para a mãe de Nadine, que, por acaso, estava olhando para mim também. Ela me ofereceu um sorriso dos mais calorosos, um sorriso totalmente adorável, que retribuí sem hesitar. Eu fora muito bom para Suzanne. Na verdade, desde o dia em que me apaixonara por Nadine, Suzanne nunca mais precisou de nada. Nadine e eu compramos um carro para ela, alugamos uma linda casa na praia e demos a ela 8 mil dólares por mês para gastar. No meu registro pessoal, Suzanne era demais. Nunca fizera nada além de apoiar nosso casamento, e...

... então, de repente, a ideia diabólica me ocorreu. *Hmmm*... era realmente muito chato Suzanne e Patricia não poderem levar algum dinheiro para a Suíça. Quer dizer, sério... quem suspeitaria delas? Olhe para elas, nesses chapéus ridículos! Quais seriam as chances de um agente alfandegário pará-las? Zero! Não tinha como! Duas senhoras idosas contrabandeando dinheiro? Era o crime perfeito. Mas instantaneamente rejeitei tal ideia. Caramba! Se Suzanne tivesse dificuldades... bem, Nadine me crucificaria! Ela poderia até me deixar e levar Chandler. Isso não podia acontecer! Eu não podia viver sem elas! Não em...

Nadine gritou: "Terra para Jordan! Olá, Jordan!".

Virei-me para ela e ofereci-lhe um sorriso vazio.

"Você quer o peixe-espada, certo, amor?"

Acenei com a cabeça avidamente e continuei sorrindo.

Então ela completou com confiança: "E ele também quer uma salada Caesar sem *croutons*". Ela se inclinou e me deu um beijo molhado na bochecha, depois se sentou de volta em sua cadeira.

Starr nos agradeceu, cumprimentou Nadine, e então foi cuidar de seus afazeres. Tia Patricia ergueu sua taça de vinho e falou: "Gostaria de fazer mais um brinde, por favor".

Todos erguemos nossas taças.

Num tom sério, ela disse: "Este brinde é para você, Jordan. Sem você, nenhuma de nós estaria aqui hoje à noite. E graças a você estou me mudando para um apartamento maior, mais próximo de meus netos!". Olhei pelo canto dos olhos para a Duquesa a fim de avaliar como ela recebera isso. Ela estava mordendo o interior da boca! Ah, merda! "E é tão grande que eles podem ter seus próprios quartos. Você é um homem realmente generoso, meu amor, e isso é algo de que tem de se orgulhar. Para você, meu amor!"

Todos batemos nossas taças, e então Nadine inclinou-se para mim e me deu um beijo caloroso, maravilhoso, nos lábios, que enviou uma boa quantidade de sangue direto para a minha virilha.

Uau! Meu casamento era maravilhoso! E estava ficando melhor a cada dia! Nadine, eu mesmo, Chandler... éramos uma verdadeira família. Que mais eu podia querer?

DUAS HORAS DEPOIS, eu estava batendo na porta da minha própria casa, como Fred Flintstone ao ter sido trancado para fora por Dino, seu dinossauro de estimação. “Vamos lá, Nadine! Destranque a porta e deixe-me entrar! Sinto muito!”

Do outro lado da porta, a voz de minha esposa, demonstrando desprezo: “Você sente muito? Ora... seu... merdinha! Se eu abrir esta porta vou arrebentar sua cara!”.

Respirei fundo... e exalei lentamente. Deus, eu odiava quando ela me chamava de inho! Por que ela tinha de me chamar assim? Eu não era tão pequeno, pelo amor de Deus! “Nae, eu estava apenas brincando! *Por favor!* Não vou permitir que sua mãe leve dinheiro para a Suíça! Agora abra a porta e me deixe entrar!”

Nada. Nenhuma resposta, apenas passos. *Que se dane ela!* Por que estava tão nervosa? Não fui eu quem sugeriu que sua mãe levasse alguns milhões de dólares para a Suíça! Ela se ofereceu! Talvez eu a tenha levado a sugerir isso, mas, ainda assim, foi ela quem fez a oferta oficial!

Com mais força dessa vez: “Nadine! Abra a porra da porta e me deixe entrar! Você está exagerando!”.

Ouvi mais passos dentro da casa, então a fresta para correspondência na altura da cintura abriu-se. A voz de Nadine veio pela abertura. “Se você quer falar comigo, pode conversar por aqui.”

Que escolha eu tinha? Ajoelhei-me e...

SPLASH!

“Aiiii, merda!”, gritei, enxugando os olhos com a minha camiseta Ralph Lauren branca. “A água está quente pra caramba, Nadine! Qual é o seu problema, caralho? Você podia ter me queimado!”

A Duquesa desdenhosa: “Podia tê-lo queimado? Vou fazer muito mais do que isso! Como pôde convencer minha mãe a fazer aquilo? Acha que eu não sei que você a manipulou? Lógico que ela irá se oferecer depois de tudo que fez por ela! Você tornou isso tudo simples pra caralho para ela, seu canalhinha manipulador! Você e a porra das suas táticas de venda estúpidas ou truques mentais de Jedi, ou como quer que os chame! Você é um ser humano desprezível!”.

Apesar de tudo que ela dissera, foi o *inho* que mais me machucou. “É melhor você tomar cuidado com quem você chama de *inho*, ou vou te bater de uma...”

“Vá em frente e tente! Se erguer uma mão para mim, vou cortar seu saco fora enquanto estiver dormindo e dá-lo para você comer no café da manhã!”

Caramba! Como podia um rosto tão bonito vomitar tanta peçonha... e para seu próprio marido? A Duquesa parecera um anjo hoje, sem mencionar que ela estivera me banhando de beijos a noite toda! Mas então, depois que Patricia terminara seu brinde, observei, por um outro ângulo, ela e Suzanne naqueles chapéus de palha ridículos, e elas pareciam as Irmãs Pigeon do filme *O estranho casal*. Fiquei pensando: que agente alfandegário em sã consciência pararia as Irmãs Pigeon?

E o fato de ambas carregarem passaportes britânicos tornou toda a ideia muito mais plausível. Então lancei o assunto, para ver se alguma delas seria receptiva a contrabandear dinheiro para mim.

A voz de minha esposa, pela fresta: “Venha aqui embaixo e prometa, olho no olho, que não permitirá que ela faça isso”.

“Ir até aí embaixo? Então tá!”, falei, zombando. “Quer que eu te olhe nos olhos? Por quê? Para atirar mais água fervente no meu rosto? O que você acha, que sou muito burro ou algo assim?”

A voz enfadonha da Duquesa: “Não vou atirar mais água em você. Juro pelos olhos de Chandler”.

Não me mexi.

“Sabe, o problema é que minha mãe e tia Patricia acham que toda essa coisa é uma bosta de um jogo. Ambas odeiam o governo e imaginam que seja tudo por uma boa causa. E, agora que minha mãe tem essa ideia fixa na mente, não irá parar de falar sobre o assunto até que você permita que ela o faça. Conheço-a muito bem. Ela acha que é excitante passar pela alfândega com todo aquele dinheiro e não ser pega.”

“Não permitirei que ela faça isso, Nae. Nunca deveria ter mencionado a ideia. Eu tinha tomado muito vinho. Vou falar com ela amanhã.”

“Você não tomou muito vinho; isso é o mais triste. Mesmo quando está sóbrio, você é um diabinho. Não sei por que te amo tanto. Eu é que sou louca, não você! Eu realmente preciso examinar minha cabeça, sério! Quero dizer, o jantar de hoje custou 20 mil dólares! Quem gasta 20 mil dólares para jantar a não ser que seja num casamento ou algo do estilo? Ninguém que eu conheça! Mas por que você se importaria com isso? Você tem três milhões no armário! E isso também não é normal, caralho.

“Ao contrário do que você pensa, Jordan, não preciso de tudo isso. Apenas quero ter uma vida boa, pacata, longe da Stratton e longe de toda essa loucura. Acho que devemos nos mudar antes que algo ruim aconteça.” Ela fez uma pausa. “Mas você nunca o fará. Você é viciado em todo esse poder... e em todos esses idiotas que te chamam de Rei e de Lobo! Puta merda... o Lobo! Que piada do caralho!” Podia escutar o desprezo escorrendo pelo buraco da fechadura. “Meu marido, o Lobo de Wall Street! É quase ridículo dizer isso. Mas você não consegue enxergar isso. Você se importa apenas consigo mesmo. Você é um canalhinha egoísta. É verdade...”

“Pare de me chamar de *inho*, pelo amor de Deus! Qual é o seu problema, caralho?”

“Oh, você é tão sensível!”, disse ela, zombeteira. “Bem, entenda uma coisa, sr. Sensível! Hoje você irá dormir no quarto de hóspedes! E amanhã à noite também! Talvez, se tiver sorte, farei sexo com você no ano que vem! Mas isso é apenas uma possibilidade!” Um momento depois, ouvi a porta ser destrancada... então o som de seus saltos altos batendo na escada, enquanto subia.

Bem, acho que mereci isso. Mas, ainda assim, quais eram as chances de sua mãe ser pega? Tendiam a zero, imagino! Foram aqueles chapéus de palha idiotas que ela e Patricia usavam que fizeram o pensamento borbulhar em meu cérebro. E o fato de eu apoiar financeiramente Suzanne devia ter algum retorno, não? Afinal de contas, foi por isso que ela se ofereceu! Sua mãe era uma senhora decente, astuta, e lá no fundo sabia que havia algum débito que eu poderia descontar se realmente precisasse. Quer dizer, quando toda a papagaiada é deixada de lado, ninguém distribui as coisas de bom coração, distribui? Havia sempre algum motivo velado, mesmo que fosse simplesmente uma satisfação pessoal por ajudar outro ser humano, o que de

alguma forma também era algo egoísta!

Vendo as coisas pelo lado positivo, ao menos eu fizera sexo com a Duquesa naquela tarde. Então, um dia ou dois sem sexo, não seria algo tão difícil de lidar.

---

1 Mascote da empresa Pillsbury, um chef de cozinha feito de farinha de trigo, um dos seus produtos. (N. T.)

CAPÍTULO 20

UMA BRECHA NA ARMADURA

A desconsolada Duquesa estava certa e errada. Sim, ela estava certa sobre sua mãe insistir em ter um pequeno papel "nessa minha aventura fabulosa", como ela e Patricia acabaram se referindo ao meu esquema de lavagem de dinheiro internacional. Na verdade, eu não tentara convencê-la a não o fazer. Mas, em nossa defesa (de Suzanne e minha), era uma ideia bastante sedutora, não? Enfiar uma quantia obscena de dinheiro – 900 mil dólares, para ser exato – numa mochila gigantesca e então a jogar sobre os ombros e passar direto pela alfândega sem ser pega? Sim, sim... era muito sedutor mesmo!

Mas, não, não... a Duquesa estava errada ao se preocupar demais com o assunto. A verdade era que Suzanne encontrara uma brecha na proteção de ambos os lados do Atlântico sem nem se esforçar para isso, entregando a grana para Jean Jacques Saurel com uma piscada e um sorriso. Agora ela estava de volta à Inglaterra em segurança, onde passaria o resto de setembro com tia Patricia, enquanto as duas regozijavam-se pela glória de burlar uma dezena de leis e se safar.

Portanto, a Duquesa me perdoara e éramos novamente amantes... passando as férias de fim de verão na cidade portuária de Newport, em Rhode Island. Conosco estava meu velho amigo, Alan Lipsky, e sua futura ex-esposa, Doreen.

Nesse momento estavamos apenas Alan e eu, e caminhávamos sobre uma doca de madeira a caminho do iate *Nadine*. Estávamos ombro a ombro, mas o ombro de Alan estava uns 15 centímetros acima do meu. Ele era grande e largo, com um peito em forma de barril e um pescoço grande e grosso. Seu rosto era bonito, parecendo um capanga da Máfia, com feições grandes e largas e sobrancelhas enormes e espessas. Mesmo agora, trajando uma bermuda azul-clara, uma camiseta bege com gola em V e mocassim bege, ele parecia ameaçador.

Lá de cima, eu podia ver o *Nadine* acima de todos os outros iates, sua cor bege incomum fazendo-o sobressair-se muito mais. Enquanto me embevecia com essa imagem deliciosa, não conseguia deixar de pensar sobre o motivo de ter comprado essa porra. Meu desonesto contador, Dennis Gaito, implorara para eu não fazê-lo, recitando seu velho axioma: "Os dois dias mais felizes de um proprietário de barco são o dia em que ele compra e o dia em que ele vende o barco!". Dennis era muito perspicaz, por isso hesitei... até que a Duquesa me falou que comprar um iate era a coisa mais idiota que ela já ouvira, o que me deixou sem opções além de imediatamente assinar um cheque.

Dessa forma, agora eu era proprietário do iate *Nadine*, uma dor de cabeça flutuante de 167 pés. O problema era que o barco era velho, originalmente construído para a famosa estilista Coco Chanel lá no começo dos anos 1960. Em consequência, a coisa era barulhenta pra caramba e constantemente quebrava. Como a maioria dos iates daquela época, havia tacos enfeitando os três enormes conveses em quantidade suficiente para manter uma equipe de 12 pessoas, de quatro no chão, envernizando o dia inteiro. Toda vez que eu estava no barco sentia o cheiro de verniz, o que me deixava enjoado.

Ironicamente, quando o iate foi construído, tinha apenas 120 pés. Mas o proprietário anterior,

Bernie Little, decidiu estendê-lo a fim de criar espaço para um helicóptero. E Bernie... bem, Bernie era o tipo de malandro filho da puta que conhecia um otário quando via um. Ele rapidamente me convenceu a comprar o iate depois de alugá-lo algumas vezes, usando meu amor pelo capitão Marc para fechar o negócio (ele me deu o capitão Marc junto com o barco). Logo depois, o capitão Marc convenceu-me a construir do zero um hidroavião movido a jato; sua teoria era que nós dois, mergulhadores ávidos, poderíamos voar com o hidroavião por mares desconhecidos e encontrar peixes nunca pescados antes. Ele dissera: “Os peixes serão tão burros que poderemos amestrá-los antes mesmo de espetá-los com o arpão!”. Era um prospecto bastante sedutor, pensara, então dei a ele sinal verde para construir o avião. O orçamento era de 500 mil dólares, que rapidamente se transformou em 1 milhão de dólares.

Mas, quando tentamos suspender o hidroavião até o convés superior, percebemos que o convés não era grande o suficiente. Com o helicóptero Bell Jet, os seis jet skis Kawasaki, as duas motos Honda, o trampolim e o escorregador de fibra de vidro – todos os quais já estavam no convés superior –, não havia espaço para o helicóptero decolar e pousar sem colidir com o hidroavião. Estava tão cansado de toda essa porcaria que não tive escolha: coloquei o barco de volta no estaleiro e fiz com que o estendessem mais uma vez, ao custo de 700 mil dólares.

Assim, a proa fora puxada para a frente; a popa, empurrada para trás; e o iate parecia agora um elástico de 167 pés prestes a romper-se.

Falei para Alan: “Vou falar para você, amo de verdade este barco. Estou feliz por tê-lo comprado”.

Alan concordou com a cabeça. “Ele é uma beleza!”

O capitão Marc aguardava-me no cais, parecendo tão quadrado quanto um daqueles robozinhos com os quais Alan e eu costumávamos brincar quando crianças. Usava uma camiseta de gola branca e shorts de navegação brancos, ambos com o logo do *Nadine*: duas penas de águia douradas dobradas ao redor de um *N* maiúsculo azul-real.

O capitão Marc falou: “Você recebeu um monte de ligações, chefe. Uma de Danny, que parecia bem chapado, e depois mais três ligações de uma garota chamada Carolyn, com um forte sotaque francês. Ela disse que você precisa ligar para ela com urgência, assim que retornar ao barco”.

Imediatamente meu coração disparou dentro do peito. *Merda! Danny deveria encontrar Todd hoje de manhã e dar a ele 1 milhão de dólares!* De repente, milhares de suposições surgiram em meu cérebro. Teria algo dado errado? Teriam eles, de alguma forma, sido pegos? Estariam os dois na prisão? Não, isso era impossível, a não ser que estivessem sendo seguidos. Mas por que alguém os estaria seguindo? Ou talvez Danny aparecera chapado, Todd o nocauteara e Carolyn estava ligando para se desculpar. Não, isso era ridículo! O próprio Todd telefonaria, não? Porra! Eu me esquecera de falar a Danny para não aparecer chapado!

Respirei fundo e tentei me acalmar. Talvez fosse apenas uma coincidência. Sorri para o capitão Marc e perguntei: “Danny disse alguma coisa?”.

O capitão Marc deu de ombros. “Foi meio difícil entendê-lo, mas ele pediu para lhe dizer que deu tudo certo.”

Alan disse: “Está tudo bem? Precisa que eu faça algo?”.

“Não, não”, respondi, suspirando aliviado. Alan, logicamente, tendo crescido em Bayside, conhecia Todd tão bem quanto eu. Ainda assim, eu não contara a Alan o que estava acontecendo.

Não que não confiasse nele; apenas não houvera motivo para lhe contar. A única coisa de que ele sabia era que eu precisaria que sua firma de corretagem, a Monroe Parker, comprasse alguns milhões de ações da Dollar Time de um vendedor estrangeiro não afiliado, o qual, talvez, ele desconfiasse que fosse eu. Mas nunca perguntara (teria sido uma grave quebra de protocolo). Falei calmamente: "Tenho certeza de que não é nada. Apenas preciso fazer alguns telefonemas. Estarei lá embaixo em meu quarto". Com isso, dei um pequeno salto da ponta da doca de madeira e pousei no iate, que estava amarrado ao lado. Então desci para a suíte máster, peguei o telefone de satélite e liguei para o celular de Danny.

O telefone tocou três vezes. "Falaêêê...", murmurou Danny, soando como Hortelino Trocaletras.

Olhei para o relógio. Eram 11h30. Inacreditável! Ele estava chapado às 11h30 numa quarta-feira... um dia útil! "Danny, qual o seu problema, caralho? Por que está tão chapado no escritório no meio da manhã?"

"Não, não, não! Beguei um gia de voga" – *peguei um dia de folga* – "borque encontrei Tazz" – *Todd* –, "mas não ze breocube! Voi tudo berfeito! Tá feito! Limpo, sem falhas!"

Bem, pelo menos meus piores medos eram infundados. "Quem está cuidando das coisas, Danny?"

"Deixei Cabeça Quadrada e Cabana lá. Eztá dudu bem! Mad Max lá também."

"Todd ficou puto com você, Danny?"

"Ahã", murmurou. "Ele filha da mãe louco, aguele lenhador! Ele buxou arma e abontou bara mim e me dize tenho sorte eu seu amigo. Ele não devia carregar armas. É gontra lei!"

Ele puxou uma arma? Na frente de todos? Isso não fazia sentido! Todd podia ser louco, mas não era descuidado! "Não estou entendendo, Danny. Ele puxou uma arma no meio da rua?"

"Não, não! Eu dei a ele pasta na traseiro da limusine. Encontramos no Zop Zenter Bay Terrace" – Shopping Center – "no estazionamento. Tudo voi bem. Viquei apenas um zegundo, então zaí."

Puta merda! Que cena incrível deve ter sido! Todd numa comprida limusine Lincoln preta, Danny num Rolls-Royce conversível preto, lado a lado no Shopping Center Bay Terrace, onde o outro carro mais chique devia ser um Pontiac!

Perguntei novamente: "Tem certeza de que tudo foi bem?".

"Sim, certeza!", disse, indignado, ao que eu bati o telefone na sua cara, não tanto por eu estar puto com ele, mas porque eu era o maior hipócrita do mundo, pois ficava incomodado ao falar com um idiota chapado enquanto eu estava sóbrio.

Estava prestes a pegar o telefone e discar para Carolyn quando o telefone começou a tocar. Fiquei um tempo olhando para o aparelho, e naquele instante me senti como Mad Max, meu batimento cardíaco acelerando-se a cada toque terrível. Mas, em vez de atendê-lo, simplesmente deitei a cabeça para o lado e o encarei com desprezo.

No quarto toque, alguém atendeu. Aguardei... e rezei. Pouco depois, ouvi um pequeno *beep* ameaçador e então a voz de Tanji, a namorada sensual do capitão Marc, dizendo: "É Carolyn Garret para o senhor, sr. Belfort, na linha dois".

Fiz uma pausa por um breve instante para juntar as ideias e então peguei o telefone. "Ei, Carolyn, que está acontecendo? Está tudo certo?"

"Ah, merda... graças a Deus finalmente te achei! Jordan, Todd está na prisão e..."

Interrompi-a imediatamente. "Carolyn, não diga mais nada. Vou até um telefone público e ligo em seguida. Você está em casa?"

"Sim, casa. Vou ficar aguardando bem aqui sua ligação."

"Certo; não se mexa. Tudo ficará bem, Carolyn. Eu prometo."

Desliguei o telefone e me sentei na ponta da cama, estupefato. Minha mente estava correndo para milhares de direções diferentes. Tive uma sensação estranha que nunca experimentara antes. Todd estava na cadeia. *Na porra da cadeia!* Como isso pôde acontecer? Ele falaria?... Não, lógico que não! Se havia alguém que vivia sob o código da *omertà*, esse alguém era Todd Garret! Além do mais, quantos anos ele ainda tinha para viver? Tinha uma porra de coração de lenhador batendo dentro dele, pelo amor de Deus! Ele sempre ficava dizendo como estava vivendo tempo a mais do que devia, não? Talvez um julgamento pudesse ser adiado até que já estivesse morto. Imediatamente lamentei por pensar em tal coisa, apesar de admitir que havia algo de verdadeiro nisso.

Respirei fundo e tentei me recompor. Então me levantei da cama e fui rapidamente para um telefone público.

ENQUANTO SEGUIA PELA doca, dei-me conta de que tinha apenas cinco Quaaludes comigo, o que, dadas as atuais circunstâncias, era um número totalmente inaceitável. Eu só voltaria para Long Island daqui a três dias, e minhas costas estavam realmente me matando... mais ou menos. Além disso, eu havia sido um anjo por mais de um mês, e isso era tempo suficiente.

Assim que cheguei ao telefone, peguei-o e disquei para Janet. Quando digitava o número de meu cartão telefônico, fiquei pensando se isso, de alguma forma, tornaria a ligação mais rastreável ou, pelo menos, mais grampeável. Após alguns segundos, contudo, afastei esse pensamento ridículo. Usar um cartão telefônico não tornava mais fácil para o FBI gravar minhas conversas telefônicas; era o mesmo que usar moedas. Ainda assim, era o pensamento de um homem cuidadoso, prudente, e eu me elogiei por pensar nisso.

"Janet", disse o homem prudente, "quero que você vá até a gaveta direita inferior da minha mesa e separe 40 Ludes; então os dê para Cabana e faça com que venha voando até aqui num helicóptero já. Há um aeroporto particular a alguns quilômetros do porto. Ele pode pousar lá. Não tenho tempo de pegá-lo, por isso mande uma limusine aguardar..."

Janet me interrompeu. "Eu farei com que ele esteja aí em duas horas; não se preocupe com isso. Está tudo bem? Você parece preocupado."

"Está tudo bem. Apenas calculei mal antes de sair e agora estou sem. De qualquer forma, minhas costas estão doendo e preciso aliviar um pouco." Desliguei o telefone sem me despedir, e peguei o fone logo em seguida para telefonar a Carolyn em casa. Assim que ela atendeu, comecei a falar.

"Carolyn, está..."

"AhmeuDeus, preciso te contar o que está..."

"Carolyn, não..."

"Acontecendo com Taad! Ele está..."

"Carolyn, não..."

"Na cadeia, e disse que..."

Ela se recusava a parar de falar, então gritei: "Caaaaaaarolyn!".

Isso a despertou.

"Ouça-me, Carolyn, e não fale. Sinto muito por ter gritado com você, mas não quero que fale de sua casa. Entende isso?"

"*Oui*", respondeu. Só agora percebi que, com o calor do momento, ela obviamente achou mais tranquilizante falar em sua própria língua.

"Está bem", falei calmamente. "Vá até o telefone público mais próximo e ligue para este número: código de área 401-555-1665. É onde estou neste exato momento. Anotou?"

"Sim", respondeu calmamente, voltando para o inglês. "Eu anoto. Ligo de volta em alguns minutos. Preciso pegar troco."

"Não, apenas use meu número de cartão telefônico", disse, com a mesma calma dela.

Cinco minutos depois, o telefone tocou. Atendi e pedi a Carolyn que lesse o número do telefone público em que estava. Então desliguei, mudei para o telefone público ao lado do meu e disquei para o telefone público de Carolyn.

Ela rapidamente entrou nos detalhes. "... assim Taad esperando no estacionamento por Danny, e ele finalmente aparece no Rolls-Royce chique e ele muito chapado, zanzando pelo shopping center, quase batendo em outros carros. Então seguranças ligam para a polícia porque acham que Danny dirigindo bêbado. Ele dá dinheiro para Todd e sai logo em seguida porque Todd ameaça matá-lo por estar chapado. Mas ele deixa Todd com mala. Então Todd viu dois carros de polícia com luzes piscantes e percebe o que está acontecendo, então corre até a locadora de vídeo e esconde arma em caixa de filme, mas polícia algema ele de qualquer forma. Então polícia assiste vídeo de segurança e vê onde ele esconde arma, e eles encontram ela e prendem ele. Então eles vão até limusine e procuram e encontram dinheiro e pegam ele."

Puta merda!, pensei. O dinheiro era o menor dos meus problemas. O problema maior era que Danny era um filho da puta morto! Ele teria de sair da cidade e nunca mais voltar. Ou fazer algum tipo de compensação financeira com Todd, para suborná-lo.

Foi então que me dei conta de que Todd deve ter falado tudo isso para Carolyn pelo telefone. E, se ele ainda estivesse na cadeia, deve ter usado o telefone da... Merda! Todd não era tão burro! Por que se arriscaria a usar um telefone que quase com certeza estava grampeado... ainda mais para ligar para sua própria casa?

"Quando falou com Todd pela última vez?", perguntei, rezando para que houvesse alguma explicação.

"Eu não falar com ele. Seu advogado me liga e me conta isso. Todd liga para ele e pede a ele que consiga dinheiro de fiança, e então Todd diz que devo ir para a Suíça hoje à noite, antes que isso se torne problema. Então reservo passagens para os pais da Tadd, Dina e eu. Rich vai assinar para Todd e eu vou dar a ele dinheiro de fiança."

Puta que pariu! Era muita asneira para aceitar. Pelo menos Todd tivera o bom senso de não falar pelo telefone. E, quanto à sua conversa com o advogado, ela fora sigilosa. Entretanto, o mais irônico era que, em meio a isso tudo, mesmo sentado na cadeia, Todd ainda estava tentando levar meu dinheiro para o exterior. Não sabia se devia agradecer-lhe por seu comprometimento inabalável para com minha causa ou ficar furioso por ele ter sido descuidado. Avaliei tudo em minha mente, tentando colocar as coisas em perspectiva. A verdade era que a polícia provavelmente achou que haviam feito uma batida de tráfico de drogas. Todd era o vendedor, por isso tinha uma pasta cheia de dinheiro, e quem quer que estivesse dirigindo o Rolls-Royce era

o comprador. Gostaria de saber se eles haviam anotado a placa de Danny. Se houvessem, já não o teriam pego? Mas sob que pretexto o prenderiam? Na verdade, não tinham nada contra Danny. Apenas uma pasta cheia de dinheiro, nada mais. O problema principal era a arma, mas isso podia ser resolvido. Um bom advogado poderia, quase com certeza, liberar Todd sob condicional e talvez com uma multa pesada. Eu pagaria a multa – ou Danny pagaria a multa – e tudo ficaria bem.

Falei para a Gostosa: "Está bem, você precisa ir. Todd deu-lhe todas as coordenadas, certo? Sabe quem deve encontrar?".

"Sim. Vou encontrar Jean Jacques Saurel. Tenho número de telefone e conheço muito bem o local. É região de compras."

"Está certo, Carolyn; tenha cuidado. Diga o mesmo para os pais de Todd e para Dina. E telefone para o advogado de Todd e diga-lhe para contar para Todd que você falou comigo e que ele não tem nada com que se preocupar. Diga-lhe que tudo será resolvido. E reforce a palavra *tudo*, Carolyn. Entende o que estou dizendo?"

"Sim, sim, entendo. Não se preocupe, Jordan. Tadd te ama. Ele nunca diria uma palavra, aconteça o que acontecer. Prometo isso de todo meu coração. Ele preferiria se matar antes de ferir você."

Essas palavras fizeram-me sorrir por dentro, apesar de saber que Todd era incapaz de amar qualquer alma viva, principalmente a si mesmo. Porém, a personalidade de Todd, a personalidade de judeu mafioso, tornava bastante improvável que ele me dedurasse, a não ser que estivesse correndo o risco de passar muitos anos na cadeia.

Tendo resolvido as coisas em minha mente, desejei *bon voyage* à Gostosa e desliguei o telefone. Quando retornava para o iate, a única questão pendente era se eu devia ou não ligar para Danny e dar a ele a má notícia. Ou talvez fosse mais inteligente esperar até que não estivesse mais tão chapado. Contudo, agora, depois que a onda inicial de pânico passara, não era uma notícia tão ruim. Certamente não era boa, mas era muito mais uma complicação inesperada do que qualquer coisa.

Ainda assim, não havia como negar que os Quaaludes seriam a destruição de Danny. Ele tinha um problema sério com eles, e talvez fosse hora de procurar ajuda.

LIVRO III

CAPÍTULO 21

EMBALAGEM CONTA MAIS QUE CONTEÚDO

Janeiro de 1994

Nas semanas que se seguiram ao fracasso do estacionamento, tornou-se claro que as câmeras de vigilância do shopping center não conseguiram uma imagem clara da placa de Danny. Mas, de acordo com Todd, a polícia estava lhe oferecendo um acordo se ele lhes contasse quem dirigia o Rolls-Royce. Todd, logicamente, mandara-os tomar no cu, apesar de eu suspeitar que estivesse exagerando um pouquinho... criando um alicerce para extorsão econômica. De qualquer forma, eu lhe garantira que cuidaria dele e, em troca, ele concordara em poupar a vida de Danny.

Com isso, o resto do ano de 1993 passou sem incidentes – ou seja, *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos* seguia inabalado – e chegou a um final generoso com a oferta pública da Sapatos Steve Madden. As ações se nivelaram em pouco mais de 8 dólares, e, entre laranjas, unidades ponte e comissões de venda, eu ganhara mais de 20 milhões de dólares.

Durante o Natal e o Ano-Novo, fizemos uma viagem de duas semanas para o Caribe a bordo do *Nadine*. A Duquesa e eu festejávamos como astros do rock, e eu conseguira cair no sono em quase todos os restaurantes cinco estrelas entre St. Bart's e St. Martin. Também consegui me furar com o arpão ao mergulhar sob o efeito de Quaaludes, mas fora apenas um ferimento superficial, e, a não ser por isso, havia conseguido seguir a viagem quase sem arranhões.

Mas as férias tinham acabado, e os negócios recomeçaram. Era uma terça-feira, na primeira semana de janeiro, e eu estava na sala de Ira Lee Sorkin, chefe do conselho legal da Stratton Oakmont, com seu comprido cabelo grisalho. Como todo advogado importante, Ike certa vez trabalhara para os malvados... ou para os bonzinhos, dependendo do ponto de vista, ou seja, Ike chegara a ser um regulador. Em seu caso, fora chefe de seção no escritório regional de Nova York da Comissão de Valores Mobiliários.

Nesse momento, ele estava encostado em seu fabuloso trono de couro preto, com as palmas das mãos no ar, dizendo: "Você devia estar pulando de alegria agora, Jordan! Dois anos atrás, a Comissão o processou em 20 milhões e estava tentando fechar a firma; agora estão dispostos a aceitar três milhões e deixar a firma seguir quase sem nenhuma punição. É uma vitória completa. Nada menos que isso".

Sorri obedientemente para o convencido advogado, apesar de, lá no fundo, estar em conflito. Era demais para o primeiro dia de volta das férias de Natal. Quero dizer, por que deveria ter tanta pressa em fazer um acordo, quando a Comissão não encontrara nem uma fumacinha contra mim? Eles entraram com o processo mais de dois anos atrás, alegando manipulação de ações e táticas de venda de alta pressão. Mas tinham poucas evidências para apoiar essas alegações, em particular a manipulação de ações, que era a mais séria.

A Comissão indiciara 14 strattonitas, 12 dos quais colocaram a mão direita sobre uma pilha de bíblias e mentiram sem nenhuma vergonha. Apenas dois strattonitas entraram em pânico e contaram a verdade, admitindo terem usado táticas de venda de alta pressão e coisas afins. Como

uma maneira de dizer “Obrigado por sua honestidade”, a Comissão os arremessara para fora do mercado de capitais. (Afinal de contas, eles admitiram ter pecado sob juramento.) E que destino terrível caíra sobre os 12 que mentiram? Ah, a justiça poética! Cada um deles saíra sem cicatriz alguma e estava trabalhando na Stratton Oakmont até hoje... sorrindo, discando e arrancando os olhos de seus clientes.

Ainda assim, apesar de minha maravilhosa sequência de sucessos na defesa contra os palhaços, Ira Lee Sorkin, um ex-palhaço, estava recomendando que eu fizesse um acordo e deixasse tudo para trás. Mas não era fácil compreender sua lógica, na medida em que “deixar tudo para trás” não significava apenas pagar uma multa de três milhões de dólares e concordar em não violar mais nenhuma lei mobiliária no futuro; significava também que eu teria de me afastar, pelo resto da vida, do mercado de capitais e deixar a Stratton Oakmont – o que, em outras palavras, significava que, se eu de alguma forma morresse e descobrisse uma maneira de ressuscitar, ainda assim estaria impedido.

Eu estava prestes a compartilhar meu pensamento quando Sorkin, o Grande, não conseguiu mais permanecer em silêncio. “O essencial, Jordan, é que você e eu formamos um time excelente e ganhamos da Comissão em seu próprio jogo.” Ele sorriu com a sabedoria de suas próprias palavras. “Nós enganamos os babacas. Os três milhões, você pode ganhar de volta em um mês, e pode até deduzi-los dos impostos. Assim, é hora de seguir em frente com sua vida. É hora de passear sob o pôr do sol e curtir sua esposa e sua filha.” E, com isso, Sorkin, o Grande, deu um enorme sorriso caloroso e acenou ainda mais com a cabeça.

Sorri de forma não comprometedora. “Os advogados de Danny ou de Kenny sabem disso?”

Ele lançou um sorriso conspirador. “Isso é totalmente sigiloso, Jordan; nenhum dos outros advogados sabe de coisa alguma. Legalmente, é lógico, eu represento a Stratton, então minha lealdade é com a firma. Mas, neste momento, você é a firma, portanto minha lealdade é com você. De qualquer forma, imaginei que, dadas as circunstâncias da oferta, você possa querer alguns dias para pensar sobre ela. Mas isso é tudo que temos, meu amigo, alguns dias. Talvez uma semana, no máximo.”

Quando fomos processados pela primeira vez, cada um de nós manteve um conselho legal separado para evitar potenciais conflitos. Na época, considerei isso um desperdício considerável de dinheiro; agora estava feliz por termos feito isso. Dei de ombros e falei: “Tenho certeza de que a oferta deles não vai desaparecer de uma hora para outra, Ike. Como você disse, nós os enganamos. Na verdade, acho que não há mais ninguém na Comissão que saiba alguma coisa sobre o meu processo”. Fiquei tentado a explicar a ele por que eu tinha tanta certeza disso (meu grampo na sala de reuniões), mas preferi não o fazer.

Ike, o Cacique, jogou as mãos para o ar e revirou os olhos. “Por que olhar os dentes de um cavalo dado, hein? O escritório de Nova York da Comissão passou por grandes mudanças nos últimos seis meses, e o moral está baixo. Mas isso é apenas uma coincidência, e não durará para sempre. Agora estou lhe falando como amigo, Jordan, não como seu advogado. Você precisa aceitar um acordo de uma vez por todas, antes que uma nova equipe de investigadores entre e encontre outra brecha. De repente, um deles pode achar alguma coisa; então tudo vai por água abaixo.”

Aquiesci lentamente e disse: “Foi esperto da sua parte manter isso entre nós. Se as notícias vazarem antes que eu tenha chance de falar com as tropas, elas podem entrar em pânico. Mas

vou dizer-lhes que a ideia de aceitar um impedimento perpétuo não me agrada, Ike. Quer dizer... *nunca mais colocar os pés na sala de corretagem!* Nem sei o que dizer sobre isso. A sala de corretagem está no meu sangue. É o que me mantém são, e também insano. É como o bom, o mau e o feio, tudo emaranhado em uma coisa só.

"De qualquer forma, o maior problema não será comigo; será com Kenny. Como vou convencê-lo a aceitar um impedimento perpétuo se Danny ficar? Kenny me ouve, mas não tenho certeza de que aceitará se eu lhe disser para sair e for permitido que Danny fique. Kenny está ganhando 10 milhões de dólares por ano; ele pode não ser a melhor máquina da fábrica, mas ainda é esperto o suficiente para saber que nunca mais conseguirá ganhar esse montante de grana."

Ike deu de ombros e falou: "Então deixe Kenny ficar e escolha Danny para receber a punição. A Comissão não dá a mínima sobre qual deles fica e qual se vai. Desde que *você* tenha ido, ficam felizes. Tudo que querem é fazer um belo e gordo *release* de imprensa dizendo que o Lobo de Wall Street está fora do jogo, e ficarão em paz. Seria mais fácil convencer Danny a sair?".

"Esta não é uma opção, Ike. Kenny é um puta retardado. Não me entenda mal, amo o cara e tudo o mais, mas isso não muda o fato de ele ser incapaz de administrar a firma. Diga-me como as coisas funcionariam caso concordássemos em fazer o acordo."

Ike fez uma pausa, como se estivesse juntando os pensamentos. Após alguns segundos, disse: "Presumindo que você possa convencer Kenny, então os dois venderiam suas ações para Danny e assinariam ordens judiciais de afastamento permanente do negócio de corretagem. O dinheiro de suas multas pode sair diretamente da firma, assim não terão de tirar um tostão do próprio bolso. Eles vão querer que um auditor independente venha até a firma, faça uma análise e então dê algumas recomendações. Mas isso não é nada de mais; posso resolver isso com seu auditor. E será só isso, meu amigo. É bem rápido".

Ike completou: "Mas acho que você está confiando muito em Danny. Ele é definitivamente mais esperto que Kenny, mas fica chapado a maior parte do tempo. Sei que você gosta de festas também, mas está sempre são durante o horário de trabalho. Além do mais, para o bem ou para o mal, há apenas um Jordan Belfort no mundo. E os reguladores também sabem disso... principalmente Marty Kupperberg, que está chefiando o escritório de Nova York neste momento. É por isso que ele o quer fora. Ele pode desprezar tudo aquilo que você representa, mas ainda respeita o que conquistou. Na verdade, vou lhe contar uma história engraçada. Alguns meses atrás, eu estava na reunião da Comissão na Flórida, e Richard Walker, o atual número dois em Washington, falava que precisavam de um novo pacote de leis mobiliárias para lidar com alguém como Jordan Belfort. Recebeu uma risadinha da plateia, e ele não disse isso de maneira depreciativa, se entende o que quero dizer".

Revirei os olhos. "Ah, sim, Ike, tenho muito orgulho disso; fico realmente orgulhoso! Na verdade, por que você não liga para minha mãe e conta o que Richard Walker falou? Tenho certeza de que ela ficará muito empolgada com o respeito incrível que seu filho inspira entre os principais tiras do mercado de capitais do país. Acredite ou não, Ike, houve um tempo, não há muito, em que eu era um bom garoto judeu de uma boa família judia. Sério. Eu era o tipo de garoto que costumava remover a neve de estradas depois de nevascas para ganhar um trocado extra. É difícil imaginar que, menos de cinco anos atrás, eu era capaz de entrar num restaurante sem as pessoas me olharem com curiosidade."

Comecei a balançar a cabeça com espanto. "Quero dizer... Porra! Como consegui deixar tudo sair do controle, caralho? Não era isso que eu pretendia quando comecei a Stratton! Juro por Deus, Ike!" Ergui-me da cadeira e observei o Empire State através das placas de vidro. Não era tão grande assim quando fui pela primeira vez até Wall Street como corretor *trainee*, era? Eu pegara o ônibus fretado, *ônibus fretado!*, e tinha apenas 7 dólares na carteira. 7 dólares, caralho! Lembro-me da sensação de olhar para todas aquelas pessoas e imaginar se elas se sentiam amargas como eu por terem de pegar um ônibus para Manhattan a fim de tentar melhorar de vida. Lembro-me de me sentir mal pelos mais velhos... que tinham de se sentar naqueles assentos duros de plástico e sentir a fumaça do diesel. Lembro-me de prometer que nunca me permitiria terminar daquela forma, que de alguma forma ficaria rico e viveria a vida como quisesse.

Lembro-me de sair do ônibus, olhar para todos aqueles arranha-céus e me sentir intimidado com o poder da cidade, apesar de ter sido criado a apenas alguns quilômetros de Manhattan.

Virei-me, encarei Ike e, com nostalgia na voz, falei: "Sabe, Ike, nunca quis terminar dessa forma. Vou lhe falar a verdade: tinha boas intenções quando comecei a Stratton. Sei que isso não significa muito agora, mas... foi realmente assim cinco anos atrás". Balancei a cabeça novamente e disse: "Acho que de boas intenções o inferno está cheio, como dizem. Vou contar uma história engraçada para você. Lembra-se da minha primeira esposa, Denise?".

Ike fez que sim com a cabeça. "Ela era uma moça gentil e bonita, assim como Nadine."

"Sim. Ela era gentil e bonita... e ainda é. No início, quando comecei a Stratton, ela repetia aquela fala clássica: 'Jordan, por que você não consegue ter um emprego normal ganhando 1 milhão de dólares por ano?'. Achei muito engraçado na época, mas agora sei sobre o que ela estava falando. Sabe, a Stratton é como um culto, Ike; é lá que o verdadeiro poder está. Todos aqueles garotos me procuram para qualquer coisa. Era isso que estava deixando Denise louca. De certa forma, eles me endeusavam e tentavam me transformar em algo que eu não era. Sei disso agora, mas na época não era tão claro. Descobri que o poder intoxica. É impossível recusar.

"De qualquer forma, sempre jurei para mim que, se alguma vez chegasse a este ponto, eu cairia lutando e me sacrificaria pelo bem das tropas." Dei de ombros e sorri fracamente: "Lógico que sempre soube que essa era uma ideia um tanto romântica, mas foi assim que sempre imaginei as coisas.

"Então, sinto que, se jogar a toalha neste momento, pegar o dinheiro e fugir, eu estaria sacaneando todo mundo; deixaria os corretores duros, sem nada. Quer dizer, a coisa mais fácil de fazer seria o que você disse: aceitar o impedimento perpétuo e passear sob o pôr do sol com minha esposa e minha filha. Deus sabe que tenho dinheiro suficiente para dez vidas. Mas então eu estaria sacaneando todos aqueles garotos. E jurei para cada um deles que lutaria até o fim. Assim, como poderia me levantar agora e sair rapidamente da cidade? Só porque a Comissão está me dando uma rampa de saída? Sou o capitão do barco, Ike, e o capitão deve ser o último a abandonar o barco, não?"

Ike balançou a cabeça. "De jeito nenhum", respondeu enfático. "Não pode comparar seu caso com a Comissão a uma aventura no mar. A verdade é que, ao aceitar o impedimento, você garantirá a sobrevivência da Stratton. Não importa quão efetivos sejamos em frustrar a investigação da Comissão, não podemos adiar isso para sempre. Há uma data para o julgamento daqui a menos de seis meses, e você não encontrará um júri, formado por seus próprios colegas, muito simpático à sua causa. E há milhares de empregos em jogo, assim como inúmeras

famílias que dependem da Stratton para sua existência financeira. Ao aceitar o impedimento, você garante o futuro da Stratton, incluindo o seu próprio."

Fiquei um tempo avaliando a sabedoria de Ike, que era apenas parcialmente correta. Para falar a verdade, a oferta da Comissão não foi uma surpresa muito grande para mim. Afinal de contas, Al Abrams a previra. Em uma das inúmeras reuniões durante o café da manhã na Seville, Al falou: "Se você planejar bem o seu jogo, ludibriará a Comissão até que não haja mais ninguém no escritório que saiba sobre seu processo. As mudanças lá são impressionantes, sobretudo quando ficam presos numa investigação encalacrada.

"Mas nunca se esqueça", completou, "de que o fato de eles se acalmarem não significa que acabou. Não há nada que os impeça de voltar com um novo processo um dia depois de você ter entrado em acordo em relação ao anterior. Assim, você precisa registrar por escrito que não há nenhum processo novo pendente. E, mesmo assim, ainda haverá a NASD para enfrentar... e então os governos estaduais... e depois, Deus me livre, a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos e o FBI... apesar de haver uma boa chance de eles já estarem envolvidos caso desejassem fazê-lo."

Com a sabedoria de Al Abrams ainda em minha mente, perguntei a Ike: "Como sabemos que a Comissão não está planejando vir para cima de nós com outro processo judicial logo em seguida?".

"Terei isso registrado no acordo", respondeu Ike. "O acordo cobrirá todos os atos até o presente. Mas lembre-se... se Danny sair da linha novamente, não há nada que os impeça de abrir um novo processo."

Aquiesci lentamente, ainda não convencido. "E a NASD... ou os governos estaduais... ou, Deus me livre, o FBI?"

Sorkin, o Grande, encostou-se em seu trono, cruzou os braços novamente e falou: "Não há garantias quanto a isso. Não vou enganá-lo. Seria interessante se conseguíssemos algo assim por escrito, mas não funciona dessa forma. Se quiser minha opinião, porém, acho que as chances de um outro regulador qualquer se envolver num caso perdido são muito pequenas. Isso destrói carreiras. Você viu o que aconteceu a todos os advogados que a Comissão designou para o caso: cada um deles saiu do escritório envergonhado, e posso garantir que nenhum recebeu ofertas generosas do setor privado. A maioria dos advogados da Comissão está lá apenas para ganhar experiência e desenvolver um histórico. E, depois de terem feito o nome, mudam-se para o setor privado, onde podem ganhar bem mais dinheiro.

"Mas a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos é exceção. Eles tiveram muito mais sorte com a investigação da Stratton do que a Comissão. Coisas curiosas começam a acontecer quando acusações criminais ficam zanzando entre departamentos. Todos aqueles corretores intimados pela Comissão, que o apoiaram de maneira tão admirável... bem, eles provavelmente teriam abandonado o barco se as mesmas intimações tivessem vindo de um grande júri.

"Mas, tendo dito isso, não acho que o procurador-geral tenha algum interesse em seu caso. A Stratton fica em Long Island, que é no Distrito Leste. E o Distrito Leste não é particularmente forte em casos do mercado de capitais, ao contrário do Distrito Sul, em Manhattan, que é bastante ativo. Bom, este é meu melhor palpite, meu amigo. Acho que, se você aceitar o acordo neste exato momento e sair, poderá viver sua vida feliz para sempre."

Respirei fundo e falei lentamente: "Então assim seja. É hora de ter paz com honra. E o que

acontece se eu chegar perto da sala de corretagem? O FBI aparece na minha porta e me prende por violar uma ordem judicial?".

"Não, não", respondeu Ike, balançando o dorso da mão no ar. "Acho que você está levando isso mais a sério do que devia. Na verdade, em teoria, você poderia manter um escritório no mesmo andar, no mesmo prédio, que a Stratton. Ou até poderia ficar no mesmo corredor que Danny o dia inteiro e oferecer a ele sua opinião sobre cada movimento da empresa. Não o estou encorajando a fazer isso ou algo assim, mas isso não seria ilegal. Você apenas não pode forçar Danny a ouvi-lo, e não pode passar parte do dia na sala de corretagem. Mas, se quiser dar uma passada e visitá-los de vez em quando, não haveria nada de errado nisso."

De repente, fiquei estupefato. Seria mesmo tão fácil? Se a Comissão fosse me dar um impedimento, será que eu podia de fato ficar tão envolvido com a firma? Se eu pudesse, e conseguisse de alguma forma fazer com que todos os strattonitas soubessem disso, então eles não se sentiriam como se eu os tivesse abandonado! Vendo uma luz no fim do túnel, perguntei: "E por quanto eu poderia vender minhas ações para Danny?".

"Por quanto quiser", respondeu Ike, o Cacique, parecendo não ter ideia do que minha mente diabólica estava bolando. "Isso é entre você e Danny; a Comissão não dá a mínima."

Hmmmm! Muito interessante, pensei, com o número redondo de 200 milhões de dólares borbulhando em meu cérebro. "Bem, acredito que posso chegar a um acordo interessante com Danny. Ele sempre foi bem razoável quanto a dinheiro. Apesar de achar que não irei manter um escritório no mesmo andar da Stratton. Talvez eu deva arranjar um andar num prédio próximo. O que você acha, Ike?"

"Acho que parece uma boa ideia", respondeu Ike, o Cacique.

Sorri para meu maravilhoso advogado e fui para o golpe final: "Tenho apenas mais uma pergunta, apesar de achar que já sei a resposta. Se estou impedido de participar do negócio de corretagem, então, em teoria, sou como um investidor qualquer. Quer dizer, não estou impedido de investir por minha própria conta e não estou impedido de ter ações de companhias que foram a público, certo?".

Ike sorriu largamente. "Lógico que não! Você pode comprar ações, pode vender ações, pode ter ações em companhias que foram a público, pode fazer o que quiser. Apenas não pode comandar uma firma de corretagem."

"Eu poderia até comprar novas ações da Stratton, não? Ou seja, se não sou mais um corretor registrado, então aquela restrição não se aplica mais a mim, certo?" Fiz uma prece silenciosa para o Todo-Poderoso.

"Acredite ou não", respondeu Ike, o Cacique, "a resposta é sim. Você poderia comprar todas as ações das novas emissões da Stratton que Danny lhe oferecesse. Essa é a essência da coisa."

Hmmm... talvez isso pudesse funcionar muito bem! Na essência, eu poderia me tornar meu próprio laranja, e não apenas na Stratton, mas na Biltmore e na Monroe Parker também! "Está certo, Ike, acho que posso convencer Kenny a aceitar o impedimento perpétuo. Ele vem tentando me convencer a ajudar seu amigo Victor a entrar no negócio de corretagem e, se eu concordar, isso provavelmente fechará o acordo. Mas preciso que você mantenha isso em sigilo por alguns dias. Se alguém mais ficar sabendo, estará tudo perdido."

Sorkin, o Grande, encolheu seus ombros musculosos mais uma vez, jogou as palmas da mão para o ar e piscou. Não precisava dizer nada.

TENDO SIDO CRIADO no Queens, eu tivera o distinto prazer de viajar na Long Island Expressway umas 20 mil vezes e, por algum motivo inexplicável, essa abençoada autoestrada parecia estar em eterna construção. Na verdade, a seção que minha limusine estava percorrendo naquele exato momento – onde a região leste do Queens se encontrava com a região oeste de Long Island – estivera em construção desde que eu tinha cinco anos, e não parecia estar próxima da conclusão. Uma empresa garantira uma espécie de contrato de construção permanente, e eles eram ou os mais incompetentes pavimentadores de estradas da história do universo ou os mais sagazes empresários que já pisaram neste planeta.

Qualquer que fosse o caso, o fato de eu estar a menos de três milhas náuticas da Stratton Oakmont não tinha o menor efeito sobre quando eu poderia realmente chegar lá. Assim, ajeitei-me em meu assento e fiz o de sempre: foquei-me na maravilhosa careca de George e deixei que ela me acalmasse. *O que George faria se perdesse o emprego?* Na verdade, não apenas George seria afetado se eu estragasse tudo, mas também o resto do zoológico. Se eu fosse forçado a cortar minhas despesas em razão de Danny não ser capaz de manter a Stratton viva, isso afetaria muitas pessoas.

O que seria dos strattonitas? Pelo amor de Deus, cada um deles teria de diminuir drasticamente o padrão de vida e enfrentar uma ruína financeira imediata. Teriam de começar a viver como o resto do mundo – como se dinheiro significasse algo e não se pudesse sair por aí comprando o que se quisesse e quando se quisesse. Que ideia insuportável!

Do meu ponto de vista, o mais esperto a se fazer seria sair dessa coisa... limpo. Sim, um homem prudente não venderia a firma para Danny por um preço exorbitante... ou pegaria um escritório logo em frente... ou comandaria as coisas por trás do pano. Seria mais um caso do Lobo de Wall Street agindo como o Ursinho Puff enfiando a cabeça no pote de mel de vez em quando. Vejam o que aconteceu a Denise e Nadine: eu traíra Denise dúzias de vezes até que... Foda-se. Por que me torturar com isso?

De qualquer forma, não havia dúvidas de que, se eu saísse, não estaria arriscando o que já tinha. Não me sentiria obrigado a oferecer meu aconselhamento, minha administração, nem chegaria perto da sala de corretagem para dar apoio moral às tropas. Não teria minhas reuniões clandestinas com Danny, ou com os proprietários da Biltmore e da Monroe Parker. Eu simplesmente desapareceria no pôr do sol com Nadine e Chandler, como Ike me aconselhou.

Mas como eu poderia andar por Long Island sabendo que desertei do barco e deixei todo mundo à deriva? Sem mencionar o fato de meu plano com Kenny ser baseado em minha aceitação de financiar Victor Wang, ajudando-o na abertura da Duke Securities. E, se Victor descobrisse que eu não estava mais por trás da Stratton, iria para cima de Danny mais rápido que um raio.

Na verdade, a única forma de fazer isso era dizer a todos que ainda tinha poderes na Stratton, e que qualquer ataque contra Danny era um ataque contra mim. Então todos se manteriam leais, exceto, é lógico, Victor, com quem eu negociaria sob minhas próprias condições, na hora em que eu escolhesse... muito antes que ele estivesse forte o suficiente para declarar guerra. O China Depravado podia ser controlado, desde que a Biltmore e a Monroe se mantivessem leais e que Danny permanecesse focado e não tentasse colocar as asinhas de fora rapidamente.

Danny colocar as asinhas de fora rapidamente. Sim, era uma variável importante que não

poderia ser ignorada. Afinal de contas, não havia dúvidas de que ele, por fim, desejaria comandar as coisas por seus próprios instintos. Seria um insulto para ele se eu tentasse segurar as rédeas do poder mais do que o necessário. Talvez devesse haver alguma espécie de período de transição acertado verbalmente... um período de seis a nove meses, em que ele seguiria minhas ordens sem questionar. Então, depois disso, eu lentamente o deixaria assumir todo o controle.

E o mesmo se aplicaria à Biltmore e à Monroe Parker. Elas também receberiam ordens de mim, mas apenas por um curto período; depois ficariam por conta própria. Na verdade, a lealdade deles era tão grande que provavelmente continuariam ganhando muito dinheiro para mim, mesmo que eu não levantasse um dedo. Não havia dúvidas de que seria assim com Alan; sua lealdade era inquestionável, baseada numa amizade duradoura. E Brian, seu sócio, possuía apenas 49% da Monroe Parker... concordara com isso como uma precondição para eu entrar com o capital inicial. Assim, era Alan que ditava as coisas lá. E, no caso da Biltmore, era Elliot quem possuía o ponto percentual extra. E, apesar de não ser tão leal quanto Alan, ainda assim era bastante leal.

De qualquer forma, minhas posses eram tão vastas que a Stratton representava apenas uma parte de meus negócios. Havia a Sapatos Steve Madden; havia Roland Franks e Saurel; e havia uma dezena de outras empresas, de que possuía ações atualmente, que estavam se preparando para ir a público. Logicamente, a Dollar Time ainda era um desastre total, mas o pior já passara.

Tendo resolvido as coisas em minha mente, falei para George: “Por que você não sai da autoestrada e pega as ruas mais calmas? Preciso voltar para o escritório”.

O mudo fez que sim com a cabeça duas vezes, obviamente me xingando em silêncio.

Ignorei sua insolência e falei: “E mais, fique por lá depois que me deixar. Vou almoçar no Tenjin hoje. Está bem?”.

Mais uma vez, o mudo concordou, sem dizer nenhuma palavra.

Podem imaginar? A porra do cara não me diz nem uma merda de uma palavra, e eis-me aqui preocupado sobre como será sua vida sem a Stratton. Talvez eu estivesse totalmente doente. Talvez não devesse nada às milhares de pessoas que dependiam da Stratton Oakmont para suas vidas muito boas. Talvez se virassem contra mim num segundo – e mandassem eu ir me foder – se achassem que eu não podia ajudá-los. Talvez... talvez... talvez...

Era irônico que, com todo esse debate interno, eu não percebera um fato importante. Se eu não mais precisasse evitar ficar chapado dentro da sala de corretagem, não haveria nada que me impedisse de tomar Quaaludes o dia todo. Sem me dar conta, estava preparando o cenário para um período negro no futuro. Afinal de contas, a única coisa que me segurava agora era meu próprio bom senso, que tinha uma forma curiosa de me preservar... principalmente quando tinha a ver com loiras e drogas.

CAPÍTULO 22

ALMOÇO NO UNIVERSO ALTERNATIVO

Toda vez que a porta se abria, um punhado de strattonitas entrava marchando no restaurante Tenjin, fazendo com que três *sushimen* e meia dúzia de garçonetes minúsculas parassem o que quer que estivessem fazendo e gritassem "*Gongbongwa! Gongbongwa! Gongbongwa!*", que era "boa tarde" em japonês. Então faziam reverências formais aos strattonitas e mudavam seu tom para um berro agudo dramático "*Yo-say-no-sah-no-seh! Yo-say-no-sah-no-seh! Yo-say-no-sah-no-seh!*", que só Deus sabia o que significava.

Os *sushimen* vinham correndo para cumprimentar os recém-chegados, agarrando-os pelo pulso e inspecionando seus brilhantes relógios de ouro. Num inglês com sotaque forte, eles os interrogavam: "Quanto custa relógio? Onde senhor compra? Que carro o senhor vem para restaurante? Ferrari? Mercedes? Porsche? Que tipo taco de golfe usa? Onde joga? Quanto tempo preparação? Qual *handicap*?".

Enquanto isso, as garçonetes, que trajavam quimonos salmão com mochilas verde-limão nas costas, passavam o dorso das mãos na elegante lã italiana de todos aqueles ternos Gilberto feitos sob medida, acenando com a cabeça, aprovando-os, e emitindo arrulhos: "Ohhhhhhh... ahhhhhhhh... bela tecido... tão delicada!".

Mas então, como que por uma ordem silenciosa, todos paravam precisamente no mesmo instante e retornavam para o que quer que estivessem fazendo. No caso dos *sushimen*, isso significava enrolar, dobrar, fatiar e cortar em cubos. No caso das garçonetes, significava servir tonéis enormes de saquê Premium e cerveja Kirin para os jovens sedentos, e enormes barquinhos de madeira cheios de *sushi* e *sashimi* caríssimos para os esfomeados ricos.

E, quando se achava que as coisas estavam calmas, a porta abria-se mais uma vez e a loucura se repetia, quando a superanimada equipe do Tenjin se enxameava sobre o grupo seguinte de strattonitas e os banhava de pompa e circunstância nipônicas, assim como os enchia de doses de, certamente, pura bajulação japonesa.

Bem-vindo à hora do almoço à moda da Stratton!

Nessa hora, o universo alternativo estava funcionando com força total nesse minúsculo canto do planeta Terra. Dezenas de carros esportivos e limusines compridas bloqueavam o tráfego do lado de fora do restaurante, enquanto do lado de dentro jovens strattonitas seguiam sua tradição honrada de agir como manadas de lobos destemidos. Das 40 mesas do restaurante, apenas duas eram ocupadas por não strattonitas, ou civis, como nós os chamávamos. Talvez tivessem inadvertidamente encontrado o Tenjin ao procurar um local silencioso para curtir uma refeição agradável e relaxante. Qualquer que fosse o caso, não havia dúvidas de que não tinham a menor ideia da maldição bizarra que estava prestes a lhes sobrevir. Afinal de contas, durante o almoço, as drogas começariam a surgir.

Sim, o relógio acabara de marcar 13 horas, e alguns dos strattonitas já estavam loucos. Não era difícil dizer quais estavam sob o efeito de Ludes; eram aqueles sentados às mesas, gaguejando, babando e recitando histórias de guerra. Felizmente, pedia-se às assistentes de

vendas que ficassem na sala de corretagem – cuidando dos telefonemas e adiantando a papelada –, por isso, todos ainda estavam vestidos e ninguém estava trepando escondido nos banheiros ou sob as mesas.

Eu estava sentado num reservado no fundo do restaurante, assistindo a essa loucura toda enquanto fingia ouvir as besteiras de Kenny Greene, o mongoloide de cabeça quadrada, que vomitava sua própria versão de mentiras deslavadas. Enquanto isso, Victor Wang, o China Depravado, concordava, com sua cabeça do tamanho da de um panda, com tudo que seu amigo mongoloide estava falando, apesar de eu ter certeza de que ele também sabia que Kenny era um mongoloide e apenas fingia concordar com ele.

Cabeça Quadrada estava dizendo: "... e é exatamente por isso que você vai ganhar muito dinheiro aqui, JB. Victor é o cara mais astuto que conheço". Ele se aproximou e deu um tapinha nas enormes costas do China Depravado. "Depois de você, é lógico... mas isso nem precisa dizer."

Dei um sorriso falso e falei: "Ora, Kenny, obrigado pelo voto de confiança!".

Victor soltou uma risadinha com a tolice de seu amigo, então lançou para mim um dos seus repugnantes sorrisos, fazendo com que seus olhos ficassem tão estreitos que quase desapareciam.

Kenny, porém, nunca compreendera realmente o conceito de ironia. Em consequência, encarara minha oferta de agradecimento pelo valor nominal e agora estava alegre, todo orgulhoso. "De qualquer forma, da maneira que imaginei, apenas precisaríamos de uns 400 mil de capital inicial para realmente tirar essa coisa do papel. Se quiser, pode dar para mim em dinheiro vivo e eu filtrarei para Victor através de minha mãe" – mãe dele? –, "e você nem terá de se preocupar em deixar uma trilha de papel ruim" – uma trilha de papel ruim? –, "porque minha mãe e Victor possuem alguns imóveis juntos, desse modo eles podem justificar o dinheiro dessa forma. Então precisaremos de alguns corretores-chave para ajudar a fazer a coisa rolar e, mais importante, uma grande alocação da próxima nova ação. A forma que eu imaginei é..."

Rapidamente perdi a concentração. Kenny estava perdendo as estribeiras com alegria, e cada palavra que escapava de seus lábios não tinha nenhum sentido.

Nem Victor nem Kenny tinham conhecimento da oferta de acordo da Comissão. Eu não os deixaria saber disso por mais alguns dias, não até que ambos ficassem tão animados com o futuro fabuloso da Duke Securities a ponto de a Stratton Oakmont lhes parecer totalmente descartável. Só então eu contaria a eles.

Foi então que dei uma espiada em Victor pelo canto dos olhos, e fiquei um tempo observando-o. Só de olhar para o China Depravado com estômago vazio me deu vontade de comê-lo! Por que esse chinês musculoso, que parecia tão suculento, sempre me deixava desconcertado? Provavelmente tinha a ver com sua pele, que era mais lisa do que a de um bebê recém-nascido. E por baixo daquela delicada pele aveludada havia uma dezena de camadas de gordura chinesa em abundância, perfeitas para cozinhar; e por baixo *daquilo* havia mais uma dezena de camadas de músculos chineses indestrutíveis, perfeitas para comer; e na superfície disso tudo ostentava o delicioso matiz chinês, que era da mesma cor de mel de tupelo fresco.

O resultado era que, toda vez que colocava os olhos em Victor Wang, eu o via como um leitãozinho, e sentia vontade de colocar uma maçã em sua boca, enfiar um espeto em seu cu, assá-lo e temperá-lo com molho agridoce, e então convidar alguns amigos para comê-lo... como se fosse um lual!

"... e Victor sempre se manterá leal", continuou Cabeça Quadrada, "e você poderá ganhar mais dinheiro na Duke Securities do que na Biltmore e na Monroe Parker juntas.

Dei de ombros e falei: "Talvez, Kenny, mas essa não é minha maior preocupação aqui. Não me entenda mal... pretendo ganhar muito dinheiro. Quero dizer, na verdade, por que não podemos todos nós ganhar muito? Mas o que é mais importante para mim, o que realmente estou tentando conquistar, é garantir o seu futuro e o de Victor. Se eu puder fazer isso e ganhar alguns milhões extras por ano ao mesmo tempo, então considerarei tudo um grande sucesso". Fiz uma pausa por alguns instantes, deixei a mentira ser absorvida e tentei fazer uma rápida leitura de como eles estavam encarando minha repentina mudança de coração.

Por enquanto, muito bem, pensei. "De qualquer forma, temos nosso julgamento na Comissão em menos de seis meses, e quem sabe como acabarão as coisas? Apesar de as coisas parecerem ir bem, pode haver um momento em que faria sentido aceitar um acordo para o caso. E, se esse dia chegar, quero ter certeza de que todos tenham seus vistos de saída carimbados e prontos. Acreditem ou não, já faz algum tempo que eu queria ter a Duke funcionando, mas a questão é que minhas ações da Judicate têm pairado sobre a minha cabeça. Ainda não posso vendê-las, só daqui a duas semanas, assim, tudo que fizermos terá de ser mantido em segredo por enquanto. Isso é de fundamental importância. Entenderam?"

Victor acenou com sua cabeça de panda em concordância e disse: "Não vou falar nada para ninguém. E nem me importo com o preço a que minhas ações da Judicate chegarão. Todos iremos ganhar tanto dinheiro com a Duke que, se nunca conseguir vender uma ação, não darei a mínima".

Nesse momento, Kenny entrou na conversa: "Veja, JB... eu te falei! A cabeça de Victor está no lugar certo; ele está totalmente dentro do programa". Mais uma vez, ele se aproximou e deu um tapinha nas costas enormes do China.

Victor, então, disse: "Também quero que saiba que juro lealdade incondicional a você. Apenas me diga que ações quer que eu compre e comprarei todas elas. Você nunca verá uma ação de volta até que a solicite".

Sorri e falei: "É por isso que estou concordando com isso, Victor, porque confio em você e sei que fará a coisa certa. E, logicamente, porque acho que você é um cara astuto e terá muito sucesso nesse ramo". E palavras não têm muito valor, pensei. Na verdade, toda essa boa vontade da parte de Victor era mentira pura, e eu estava disposto a apostar minha vida nisso. O China era incapaz de ser leal a alguém ou algo, sobretudo a ele mesmo, a quem iria inadvertidamente foder para alimentar seu ego deturpado.

Como planejado, Danny surgiu 15 minutos depois de termos nos sentado, o que eu havia calculado ser o tempo adequado para Kenny saborear seu momento de glória sem Danny estar lá para frustrar sua alegria. Afinal, ele ressentia-se profundamente por Danny ter pego seu lugar como número um. Esconder coisas de Kenny era algo que me deixava mal, mas era algo que eu tinha de fazer. Ainda assim, era uma pena ele ter de cair junto com Victor, principalmente por eu ter certeza de que Kenny acreditava em cada palavra que dizia para mim... sobre Victor manter-se leal e todo o resto da papagaiada. Mas a fraqueza de Kenny era que ele ainda olhava para Victor com os olhos de um adolescente. Ainda o venerava como um traficante de coca de sucesso, quando agora era apenas um traficante de maconha de sucesso, um degrau abaixo na cadeia de tráfico de drogas.

De qualquer forma, eu já me sentara e conversara com Danny quando voltei para a Stratton após minha reunião com Ike – explicando meu plano para ele nos mínimos detalhes, ocultando muito pouco. Quando termináramos a conversa, sua resposta fora a esperada.

"Para mim", falara, "você sempre será o dono da Stratton, e 6 centavos de cada dólar ganho sempre serão seus. E assim será esteja você com um escritório na mesma rua ou velejando com seu iate pelo mundo."

Agora, uma hora depois, ele chegara ao Tenjin e imediatamente se serviu de uma grande taça de saquê. Então encheu nossas três taças e ergueu a sua própria, como se fosse fazer um brinde. Danny falou: "À amizade e à lealdade, e à trepada nas Blue Chips hoje à noite".

"Tim-tim!", exclamei, e nós quatro batemos nossas taças de porcelana. Então bebemos a mistura quente e ardente.

Disse para Kenny e Victor: "Ouçam, ainda não conversei com Danny sobre o que está acontecendo com a Duke", uma mentira, "então me deixem fazer um pequeno resumo para ele a fim de deixá-lo a par das coisas, certo?".

Victor e Kenny concordaram, e eu rapidamente entrei nos detalhes.

Quando cheguei ao assunto de sobre onde a Duke deveria ficar, virei-me para Victor e falei: "Vou te dar algumas opções. A primeira é ir para Nova Jersey, pouco depois da Ponte George Washington, e abrir a firma lá. Nossa melhor opção seria Fort Lee, ou talvez Hackensack. De qualquer forma, você não terá problema para contratar gente lá. Conseguirá recrutar garotos da região norte da cidade e ainda alguns errantes, garotos de Manhattan cansados de trabalhar lá. A segunda opção seria ir para Manhattan mesmo; mas isso é uma faca de dois gumes. Por um lado, há um milhão de garotos lá, portanto não teria problemas para contratar, mas, por outro, descobrirá que é difícil construir lealdade lá.

"Uma das chaves da Stratton é que somos o único jogo da cidade. Quero dizer, pegue o exemplo deste restaurante." Apontei com a cabeça para todas as mesas. "Tudo que veem são strattonitas. Assim, Victor, teríamos uma sociedade autossuficiente", resisti à necessidade de usar a palavra "culto", que seria mais apropriada, "onde não se consegue ter uma alternativa. Se abrir um escritório em Manhattan, seus caras estarão almoçando com corretores de milhares de outras firmas. Pode não parecer muito importante agora, mas, acredite em mim, no futuro será decisivo, principalmente se você começar a receber publicidade ruim ou se suas ações começarem a cair. Então ficará muito feliz por estar num lugar em que ninguém está cochichando coisas negativas nas orelhas dos seus corretores. De qualquer forma, dito isso, ainda deixo que você decida."

Victor concordou com sua cabeça de panda, lenta e deliberadamente, como se estivesse medindo os prós e os contras. Considerei isso quase risível, já que as chances de Victor concordar em ir para Nova Jersey eram praticamente nulas. O ego gigante de Victor nunca permitiria que escolhesse Nova Jersey. Afinal de contas, o estado não ressoava prosperidade nem sucesso e, mais importante, não parecia ser um lugar para jogadores. Não, Victor ia querer abrir sua firma bem no coração de Wall Street, fazendo sentido ou não. E eu não tinha nada contra isso. Seria muito mais fácil destruí-lo quando chegasse a hora.

Eu fizera o mesmo discurso para os proprietários da Biltmore e da Monroe Parker, que também, no início, queriam abrir suas firmas em Manhattan. Foi por isso que a Monroe Parker ficou escondida no norte do estado de Nova York e que Biltmore, cuja sede era na Flórida,

escolhera manter seu escritório longe da Toca dos Vermes de Boca Raton, nome dado pela imprensa ao sul da Flórida, onde todas as firmas de corretagem estavam localizadas.

No final, tudo se resumia a lavagem cerebral, que tinha dois aspectos distintos. O primeiro era continuar falando a mesma coisa infinitamente para uma plateia cativa. O segundo aspecto era ter certeza de ser a única pessoa falando alguma coisa. Não haveria pontos de vista conflitantes. É claro que as coisas seriam muito mais fáceis se se estivesse falando exatamente o que seus espectadores queriam ouvir, o que era o caso na Stratton Oakmont. Duas vezes por dia, todos os dias, eu ficava diante da sala de corretagem e dizia-lhes que, se me escutassem e fizessem exatamente como eu mandasse, teriam mais dinheiro do que jamais sonharam ser possível e que haveria garotas deslumbrantes se atirando aos seus pés. E foi exatamente isso que acontecera.

Após uns dez segundos de silêncio, Victor respondeu: “Entendo seu argumento, mas acho que posso me dar bem em Manhattan. Há tantos garotos lá que não consigo imaginar ser impossível encher o lugar em no máximo dois segundos”.

Cabeça Quadrada então completou: “E aposto que Victor poderia fazer algumas reuniões motivacionais do caralho. E todos irão amar trabalhar para ele. De qualquer forma, posso ajudar Victor nisso. Fiz pequenas anotações de todas as suas reuniões, então posso estudá-las com Victor e podemos...”.

Ah, porra! Eu rapidamente apaguei e comecei a observar o panda gigante, tentando imaginar o que poderia estar se passando dentro daquele cérebro deturpado. Ele era de fato um cara esperto e tinha mesmo alguma utilidade. Na realidade, três anos atrás, realizara um belo serviço para mim...

Foi pouco depois de eu ter deixado Denise. Nadine ainda não se mudara oficialmente, e, sem nenhuma mulher por perto, decidi contratar um mordomo em período integral. Mas queria um mordomo gay, como aquele que eu vira na série *Dinastia*... ou teria sido *Dallas*? De qualquer forma, o fato é que eu queria um mordomo gay que pudesse chamar de meu e, sendo rico como eu era, imaginei que merecia isso.

Então, Janet começou a procurar um mordomo gay, o que, é claro, rapidamente conseguiu. Seu nome era Patrick, o Mordomo, e ele era tão gay que havia chamas saindo do seu cu. Patrick me parecia um cara muito legal, apesar de ficar um pouco bêbado de vez em quando... mas eu não ficava tanto tempo em casa, portanto não tinha ideia de como ele era na verdade.

Quando a Duquesa se mudou para lá, ela rapidamente assumiu o controle sobre a criadagem e começou a notar algumas coisas... como que Patrick, o Mordomo, era um alcoólatra dos infernos que trocava de parceiros sexuais numa velocidade feroz, o que ele confidenciou à Duquesa depois que sua língua desvairada fora lubrificada por Valium e álcool e Deus sabe o que mais.

Não muito depois disso, a merda bateu no ventilador. Patrick, o Mordomo, cometeu o triste erro de pensar que a Duquesa iria comigo à casa de meus pais para o jantar da Páscoa judaica, e decidiu realizar uma orgia gay com 21 amigos, que formaram um trenzinho humano em minha sala e brincaram de Twister em meu quarto. Sim, foi uma bela cena que a Duquesa (que tinha 23 anos na época) teve o prazer de presenciar: todos aqueles homossexuais apertados – bunda com saco – trepando como animais no celeiro em nosso minúsculo ninho do amor em Manhattan, no 53º andar do Olympic Towers.

Foi pela janela daquele mesmo andar, na verdade, que Victor acabou segurando Patrick, o Mordomo, pelos pés, depois que veio à tona que Patrick e sua trupe haviam roubado 50 mil

dólares em dinheiro da minha gaveta de meias. Em defesa de Victor, porém, ele pendurou Patrick na janela só depois de ter-lhe solicitado repetidas vezes para devolver os bens roubados. Logicamente, seus pedidos foram pontuados por cruzados de direita e ganchos de esquerda que quebraram o nariz de Patrick, romperam os vasos capilares em ambos os olhos e fraturaram três ou quatro costelas. O normal seria achar que Patrick acertaria as coisas e devolveria o dinheiro roubado, não?

Bem, ele não o fez. Na verdade, Danny e eu estávamos lá para testemunhar o ato de selvageria de Victor. Foi Danny, mais do que qualquer um, que estivera falando duro... até que Victor deu o primeiro soco, e o rosto de Patrick explodiu como carne moída, quando Danny correu até o banheiro e começou a vomitar.

Após um tempo, parecia que Victor começou a ficar um pouco irritado e estava próximo de derrubar Patrick pela janela. Então, gentilmente pedi a Victor que o puxasse de volta, um pedido que pareceu entristecê-lo profundamente, mas que aceitou mesmo assim. Quando Danny emergiu do banheiro, parecendo preocupado e verde, expliquei a ele que chamara os tiras e que eles estavam vindo para prender Patrick, o Mordomo. Danny ficou totalmente chocado por eu ter a audácia de chamar a polícia depois de ser o arquiteto do ataque a Patrick. Mas expliquei a ele que, quando a polícia chegasse, eu lhes contaria exatamente o que acontecera, e foi o que fiz. E, para garantir que os dois jovens policiais entendessem o que eu dizia, dei a cada um deles mil dólares em dinheiro, que eles aceitaram, e então retiraram seus cassetetes dos cintos de utilidade da polícia de Nova York e começaram a arrebentar Patrick, o Mordomo, novamente.

De repente, meu garçom favorito, Massa, veio pegar nosso pedido. Sorri e falei: “Então me conte, Massa, o que é bom...”.

Mas Massa me interrompeu e perguntou: “Por que você usa limusine hoje? Onde Ferrari? Don Johnson, certo? Você gosta Don Johnson?”, ao que as duas garçonetes exclamaram: “Ahhhh, ele Don Johnson... ele Don Johnson!”.

Sorri para meus admiradores japoneses, que estavam se referindo à minha Ferrari Testarossa branca, o mesmo carro que Don Johnson dirigira quando interpretou Sonny Crockett em *Miami Vice*. Era apenas mais um exemplo das minhas fantasias adolescentes sendo realizadas. *Miami Vice* fora uma das minhas séries favoritas na juventude, por isso comprei uma Testarossa branca logo que ganhei meu primeiro milhão. Fiquei um pouco envergonhado com a referência deles a Don Johnson, por isso balancei o dorso da mão no ar, balancei a cabeça e disse: “Então, o que há no cardápio para...”.

Mas Massa me interrompeu mais uma vez: “Você James Bond também! Tem Aston Martin, como Bond. Ele tem brinquedos no carro... óleo... pregos!”, ao que as garçonetes exclamaram: “Ahhh, ele James Bond! Ele beija-beija, atira-atira! Beija-beija, atira-atira!”.

Todos gargalhamos com isso. Massa estava se referindo a uma das maiores asneiras que eu tinha feito. Tinha sido quase um ano antes, depois que a caixa registradora tinha atingido a marca de 20 milhões de dólares numa nova ação. Estava sentado em minha sala com Danny, e os Ludes começando a agir, quando fiquei com foguinho no cu para começar a gastar dinheiro. Chamei meu vendedor de carros exóticos e comprei para Danny um Rolls-Royce Corniche conversível preto, por 200 mil dólares, e, para mim, um Aston Martin Virage verde, por 250 mil dólares. Mas isso não fora suficiente, e ainda estava com vontade de gastar dinheiro. Então meu vendedor de carros exóticos ofereceu-se para transformar meu Aston Martin num verdadeiro

carro de James Bond – completo, com vazamento de óleo, bloqueador de radar, placa que deslizava para revelar uma luz estroboscópica cegante para atrapalhar perseguidores, além de uma caixa de pregos que, com um simples botão, encheria a estrada de pregos ou estacas ou pequenas bombas, se eu conseguisse encontrar um vendedor de armas para trazê-las para mim. O custo: 100 mil dólares. De qualquer forma, comprei o pacote completo, que no final acabou gastando tanta energia da bateria que o carro não mais funcionou bem desde então. Na verdade, toda vez que tirava o carro para um passeio, ele me deixava na mão. Agora ele ficava na garagem, apenas para ser admirado.

Falei a Massa: "Obrigado pelo elogio, mas estamos em meio a uma conversa de negócios, meu amigo". Massa curvou-se submisso, relatou os pratos especiais e pegou nosso pedido. Então se curvou novamente e saiu.

Eu disse para Victor: "De qualquer forma, vamos voltar à questão do financiamento. Não me sinto confortável com a ideia de a mãe de Kenny lhe dar o cheque. Não me importo se vocês estão fazendo negócios juntos, sendo parentes ou não. É uma coisa que chama a atenção, portanto não o faça. Vou te dar os 400 mil em dinheiro, mas não quero nenhum dinheiro indo de você para Gladys. E seus pais? Você poderia dar a eles o dinheiro e então pedir que lhe fizessem um cheque".

"Meus pais não são assim", respondeu Victor, num raro momento de humildade. "São pessoas simples e não entenderiam. Mas posso tentar alguma coisa através de algumas contas no exterior a que tenho acesso, no Oriente."

Danny e eu trocamos olhares dissimulados. A porra do China já estava falando sobre contas no exterior antes de abrir as portas de sua própria empresa de corretagem? Que maníaco depravado! Havia uma certa progressão lógica a ser seguida no mundo do crime, e o tipo de crime a que Victor se referia vinha no final de tudo, depois que se tinha ganhado seu dinheiro, não antes disso. Falei para Victor: "Isso produz outros tipos de alerta, mas tão sérios quanto. Deixe-me pensar sobre o assunto por um dia ou dois e vou descobrir uma forma de te passar o dinheiro. Talvez peça a um de meus laranjas que empreste a você. Não ele mesmo, mas através de um terceiro. Vou descobrir como fazê-lo, portanto não se preocupe com isso".

Victor aquiesceu. "Como quiser, mas se precisar de acesso às minhas contas no exterior, apenas me diga, está bem?"

Dei-lhe um sorriso falso e preparei a armadilha: "Está bem, eu lhe direi se precisar, mas não me interesso por esse tipo de coisa. De qualquer forma, há um último ponto sobre o qual quero conversar com você... como se deve administrar a conta comercial da Duke. Há duas formas diferentes de fazer isso: pode-se negociar a longo ou a curto prazo. E ambas as formas têm seus prós e seus contras. Não vou entrar em detalhes neste momento, mas vou falar o essencial". Fiz uma pausa e sorri com o que disse. "De qualquer forma, se negociar a longo prazo, ganhará muito mais dinheiro do que se negociar a curto prazo. Quando falo negociar a longo prazo, quero dizer que terá de manter grandes porções de ações na conta comercial da Duke; pode-se mandar o preço delas para cima e ganhar dinheiro com aquelas que se mantém. Por outro lado, se as tiver a curto prazo e as ações subirem, perderá dinheiro. E durante o primeiro ano todas as suas ações devem subir, então é necessário ficar com elas por um bom tempo se quiser ganhar muito dinheiro. Isto é, se você realmente quiser lotar a caixa registradora. Agora, não vou negar que se precisa de culhões para fazer isso... quero dizer, isso pode deixá-lo com os nervos à flor da pele

de vez em quando... porque seus corretores nem sempre serão capazes de comprar todas as ações que você está segurando. Dessa forma, seu dinheiro tende a ficar amarrado no inventário.

“Mas, se tiver culhões e, pelo menos, confiança suficiente para ver além, então, quando o período de espera acabar, ganhará uma puta fortuna. Está entendendo o que digo, Victor? Não é uma estratégia para os fracos; é uma estratégia para os fortes... e para aqueles com visão.” Com isso, ergui as sobrancelhas e joguei as palmas da mão para o ar, como se dissesse: “Pensamos igual até aqui?”. Então fiquei esperando para ver se Cabeça Quadrada perceberia que, na verdade, eu acabara de dar a Victor o pior conselho de negócios na história de Wall Street. A verdade era que negociações a longo prazo eram um caminho para o desastre. Ao se manter ações na conta comercial da firma, arriscava-se tudo. Dinheiro era o rei em Wall Street, e se sua conta comercial estivesse amarrada a ações ficava-se vulnerável a ataques. De certa forma, não era diferente de outros negócios. Mesmo um encanador que estocasse seu inventário em excesso acabaria ficando sem dinheiro. E, quando as contas vencessem – ou seja, aluguel, telefone, folha de pagamento –, ele não poderia oferecer seus equipamentos de encanamento para pagar os credores. Não, dinheiro era o rei em qualquer negócio, principalmente neste, em que seu inventário poderia perder o valor do dia para a noite.

A forma adequada de se negociar era a curto prazo, pois se mantinha o fluxo de caixa. É verdade que se perde dinheiro se os preços de suas ações sobem, mas é o mesmo que pagar um prêmio de seguro. Da forma como administrei a conta comercial da Stratton, permiti que a firma tivesse perdas consistentes no negócio do dia a dia, que garantiam que a firma mantivesse um bom fluxo de caixa e se equilibrasse para encher a caixa registradora nos dias de novas emissões. Na essência, perdia 1 milhão de dólares por mês por negociar a curto prazo, mas garantia um lucro de dez milhões por mês por estar no negócio de ofertas públicas iniciais. Para mim, era tão óbvio que não podia imaginar alguém negociando de outra forma.

A questão era se o Cabeça Quadrada e o China Depravado perceberiam isso... ou o ego de Victor se alimentaria da insanidade de negociar a longo prazo? Mesmo Danny, que era esperto como uma raposa, nunca conseguira compreender totalmente esse conceito, ou talvez ele o tenha compreendido, mas adorava assumir riscos e se dispunha a colocar a saúde da firma em jogo para ganhar alguns milhões a mais por ano. Era impossível saber.

No momento exato, Danny aderiu à conversa e falou para mim: “Vou falar a verdade. No começo sempre fiquei nervoso quando você mantinha grandes posições a longo prazo, mas, com o passar do tempo... quero dizer... ver todo aquele dinheiro a mais sendo ganho”, ele começou a balançar a cabeça, como se para reforçar a mentira, “bem... é incrível. Mas definitivamente se precisa de culhões”.

Kenny, o mongoloide: “É, ganhamos uma fortuna negociando dessa forma. Esta é definitivamente a melhor forma de negociar, Vic”.

Achei aquilo irônico. Depois de todos esse anos, Kenny ainda não tinha a menor ideia de como eu conseguira manter a Stratton com boa saúde financeira, apesar de todos os seus problemas. Eu nunca negociara a longo prazo... nem uma única vez! Exceto, é lógico, em dias de novas emissões, quando o preço das unidades disparava. Mas eu sempre sabia que haveria uma onda maciça de bilhetes de compra a qualquer momento.

Victor disse: “Não tenho problemas em viver minha vida com risco. É isso o que separa homens de garotos. Sabendo que as ações estão subindo, eu colocaria até meu último centavo

nisso. Sem arriscar não há como ganhar, certo?”. Com isso, o panda sorriu, e mais uma vez seus olhos desapareceram.

Acenei com a cabeça para o China. “É mais ou menos por aí, Vic. Além disso, se em algum momento você estiver com dificuldades, sempre estarei lá para apoiá-lo até que volte a ficar de pé. Apenas me veja como sua apólice de seguro.”

Erguemos nossas taças para mais um brinde.

UMA HORA DEPOIS, eu estava andando pela sala de corretagem, um pouco confuso. Até agora tudo estava indo conforme planejado, mas o que seria do meu futuro? O que aconteceria ao Lobo de Wall Street? No final, essa experiência toda – essa minha viagem louca – seria uma lembrança distante, algo que eu contaria a Chandler. Contaria a ela que, certa vez, seu papai fora um verdadeiro jogador de Wall Street, dono de uma das maiores firmas de corretagem da história, e que vários jovens rapazes – garotos que se autointitulavam strattonitas – circulavam por Long Island, gastando quantias obscenas de dinheiro em todo tipo de coisas sem sentido.

Sim, Channy, os strattonitas levantavam a cabeça para seu papai e chamavam-no de Rei. E por esse breve período, na época em que você nasceu, seu pai era, realmente, como um rei, e ele e sua mãe viviam como um rei e uma rainha, tratados como monarcas onde quer que fossem. E agora seu papai é... quem diabos ele é? Bem, talvez Papai possa te mostrar alguns recortes de jornais, talvez isso esclareça as coisas... ou... bem, talvez não. De qualquer forma, tudo que dizem sobre seu pai é mentira, Channy. Tudo mentira! A imprensa sempre mente; você sabe disse, Chandler, certo? Vá perguntar para sua vovó, Suzanne; ela vai te falar isso! Ah, espere, me esqueci, você não vê sua vovó há tempos; ela está na cadeia com tia Patricia, por lavagem de dinheiro. Ops!

Que premonição sombria! Caralho! Respirei fundo e afastei o pensamento. Tinha 31 anos e já estava a caminho de viver do passado. Um conto de alerta! Era possível viver do passado tão jovem? Talvez eu fosse como aquelas crianças artistas que crescem e ficam feias e bobas. Qual era o nome daquele ruivinho da *Família Dó-Ré-Mi*? Danny Bona-duceta ou algo assim. Mas não era melhor ser alguém que vivia do passado do que alguém que nem tinha passado? Era difícil dizer, porque havia o outro lado da moeda, ou seja, quando se acostumava com algo era difícil viver sem isso. Eu conseguira viver sem o rugido poderoso pelos primeiros 26 anos de minha vida, não? Mas agora... bem, como podia viver sem isso depois que ele se tornou parte de mim?

Respirei fundo e me ajeitei. Precisava me concentrar nos garotos... os strattonitas! Eu tinha um plano e seguiria firme com ele: a saída lenta, manter-me por trás das cortinas, manter as tropas calmas, manter a paz entre as firmas de corretagem e manter o China Depravado em dificuldades.

Conforme me aproximava da mesa de Janet, percebi que ela estava com uma expressão irada no rosto, o que cheirava a problema. Seus olhos estavam um pouco mais abertos do que o normal e seus lábios, levemente separados. Estava sentada na ponta da cadeira, e no instante em que nos vimos ergueu-se e foi direto até mim. Fiquei me perguntando se ela ouvira alguma coisa sobre o que estava acontecendo com a Comissão. As únicas pessoas que sabiam eram Danny, Ike e eu, mas Wall Street era um lugar curioso, e as notícias tinham uma forma de viajar incrivelmente rápida. Na verdade, havia um velho ditado de Wall Street que dizia: “Notícias boas correm rápido, mas notícias ruins são instantâneas”.

Ela comprimiu os lábios. “Recebi uma chamada da Visual Image, e eles disseram que precisam falar imediatamente com você. Disseram que era absolutamente urgente falar com você hoje à tarde.”

“O que é a Visual Image, caralho? Nunca ouvi falar deles.”

“Sim, ouviu; são os que fizeram seu vídeo de casamento, lembra? Você voou com eles até Anguilla; eram dois, um homem e uma mulher. Ela era loira e ele tinha cabelo castanho. Ela vestia...”

Cortei Janet. “Sim, sim, agora me lembro. Não preciso de uma descrição completa.” Balancei a cabeça espantado com a memória de Janet para detalhes. Se eu não a tivesse interrompido, ela teria me contado a cor da meia-calça que a garota usava. “Quem foi que ligou: o cara ou a garota?”

“O cara. E parecia nervoso. Disse que haveria problemas se não falasse com você nas próximas horas.”

Problemas? Que porra é essa? Não fazia sentido! O que haveria de tão urgente para o câmera do meu casamento precisar falar comigo? Seria algo que acontecera no meu casamento? Fiquei um tempo vasculhando a memória... Bem, era bastante improvável, apesar de eu ter recebido um aviso da minúscula ilha caribenha de Anguilla. Eu comprara passagens de avião para 300 amigos mais próximos (amigos?) para uma viagem com todas as despesas pagas a um dos melhores hotéis do mundo: o Malliouhana. Custou mais de 1 milhão de dólares, e no final da semana o presidente da ilha me informou que eu só não estava preso por posse de drogas porque tinha movimentado tanto a economia local que sentiam que fazer vista grossa era o mínimo que eu merecia. Mas depois me garantiu que todos que estiveram lá ficariam numa lista de observação e que, se alguma vez voltassem a Anguilla, era melhor não irem com drogas. Isso foi há três anos, assim não poderia ter nada a ver com a ligação... ou poderia?

Falei para Janet: “Ligue para o cara. Vou atendê-lo na minha sala”. Virei-me e comecei a andar, então olhei para trás e disse: “A propósito, qual o nome dele?”.

“Steve. Steve Burstein.”

Alguns segundos depois, o telefone da minha mesa tocou. Troquei breves cumprimentos com Steve Burstein, o presidente da Visual Image, uma pequena produtora familiar em algum lugar da costa sul de Long Island.

Steve falou, num tom preocupado: “Er... bem... não sei muito bem como dizer isso ao senhor... o senhor foi muito bom para mim e minha esposa. O senhor... o senhor nos tratou como convidados em seu próprio casamento. O senhor e Nadine não poderiam ter sido mais gentis conosco. E foi realmente o casamento mais legal em que eu já estive e...”.

Interrompi-o. “Escute, Steve, fico feliz por você ter curtido meu casamento, mas estou meio ocupado neste momento. Por que não me diz o que está acontecendo?”

“Bem”, respondeu, “dois agentes do FBI estiveram aqui hoje e me solicitaram uma cópia do vídeo do seu casamento.”

E foi assim que descobri que minha vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 23

ANDANDO NA PONTA DA FACA

Nove dias depois de ter recebido aquela ligação horrível da Visual Image, eu estava sentado no mundialmente famoso restaurante Rao em East Harlem, numa conversa animada com o lendário investigador particular Richard Bo Dietl, conhecido pelos amigos simplesmente como Bo.

Apesar de estarmos numa mesa para oito, só mais uma pessoa se juntaria a nós nessa noite, o agente especial Jim Barsini[4], do FBI, que tinha uma amizade de interesses com Bo e, se tudo desse certo, logo teria uma amizade de interesses comigo também. Bo ajeitara esse encontro, e Barsini deveria chegar em 15 minutos.

Nesse momento, Bo estava falando e eu escutando, ou, sendo mais preciso, Bo estava palestrando e eu escutando e fazendo caretas. O assunto era uma ideia maluca que eu tivera de tentar grampear o FBI, o que, segundo Bo, era uma das coisas mais absurdas que ele já ouvira.

Bo estava dizendo: "... simplesmente não é assim que se devem fazer as coisas, Bo". Bo tinha o hábito estranho de chamar seus amigos de Bo, o que eu considerava confuso de vez em quando, em especial quando estava sob o efeito de Ludes. Felizmente, consegui acompanhá-lo bem nessa noite, porque estava sóbrio como um juiz, o que parecia adequado quando se vai encontrar um agente do FBI pela primeira vez, principalmente um de quem pretendia me tornar amigo... e então, consequentemente, tirar informações.

Apesar disso, havia quatro Ludes no meu bolso, os quais nesse mesmo momento estavam me queimando em minha calça cinza, e, no bolso interno da jaqueta esporte azul-marinho, tinha um pacote de cocaína do tamanho de uma bola de sinuca, que estava chamando meu nome de maneira bastante sedutora. Mas, não, eu estava determinado a ser forte... pelo menos até que o agente Barsini voltasse para onde quer que agentes do FBI voltassem após o jantar, que provavelmente seria sua casa. De início, eu planejara comer pouco, para não interferir na minha doideira de mais tarde, mas, nesse momento, o cheiro de alho frito e molho de tomate caseiro estava banhando meu sistema olfativo de uma forma deliciosa.

"Ouça, Bo", continuou Bo, "tirar informações do FBI não é difícil num caso como esse. Na verdade, já tenho algumas para você. Mas me escute. Antes que eu lhe conte alguma coisa, há certos protocolos que se deve seguir aqui ou, caso contrário, você será pego pelo rabo num segundo. A primeira é que *não* se sai por aí colocando grampos na porra dos escritórios deles." Ele começou a balançar a cabeça em assombro. Era algo que vinha fazendo bastante desde que nos sentamos 15 minutos atrás. "A segunda é que não se tenta subornar suas secretárias, ou qualquer outra pessoa." Com isso, balançou a cabeça mais uma vez. "E não se fica seguindo seus agentes por aí, tentando encontrar merdas em suas vidas pessoais." Dessa vez ele balançou a cabeça rapidamente e começou a girar os olhos para cima, como uma pessoa faz quando acabou de ouvir algo que desafia a lógica de maneira tão dramática que precisa tentar se livrar do efeito causado.

Virei a cabeça para a janela do restaurante a fim de evitar o olhar penetrante de Bo e fiquei observando o centro sombrio de East Harlem, me perguntando por que diabos o melhor restaurante italiano em Nova York tinha de escolher essa porra de bairro nojento para ficar. Mas então me lembrei de que Rao estava nesse negócio havia mais de cem anos, desde o fim do século XIX, e Harlem era um bairro diferente naquela época.

E o fato de Bo e eu estarmos sentados sozinhos numa mesa para oito tinha muito mais importância do que parecia – visto que uma reserva para jantar no Rao precisava ser feita com cinco anos de antecedência. Na realidade, porém, fazer uma reserva nesse estranho lugarzinho anacrônico era praticamente impossível. E 12 mesas do restaurante *pertenciam*, como um apartamento, a um punhado selecionado de nova-iorquinos que, mais do que ricos, eram bem relacionados.

O espaço do Rao não era nada de mais. Nessa noite em particular, o restaurante estava decorado para o Natal, o que não tinha nada a ver com o fato de ser 14 de janeiro. Em agosto, ele *ainda* estaria decorado para o Natal. As coisas eram assim no Rao, onde tudo lembrava uma época em que as coisas eram muito mais simples, em que a comida era servida de maneira caseira e ouvia-se música italiana de uma *jukebox* dos anos 1950 que ficava no canto. Conforme a noite progredia, Frankie Pellegrino, o proprietário do restaurante, cantava para seus convidados, e homens de respeito se reuniam no bar, fumavam charutos e se cumprimentavam à maneira da Máfia, e as mulheres os observavam com fascinação, da forma como faziam nos bons tempos, quando quer que isso fosse. E os homens erguiam-se de suas cadeiras e reverenciavam as mulheres toda vez que iam aos banheiros, da forma como faziam nos bons tempos, quando quer que isso fosse.

Todas as noites, metade do restaurante era ocupada por atletas de primeira linha, estrelas de cinema famosas e grandes empresários, enquanto a outra metade era ocupada por verdadeiros gângsters.

De qualquer forma, era Bo, não eu, o bem relacionado proprietário da mesa, e, fiel à lista de fregueses repleta de estrelas desse minúsculo restaurante, Bo Dietl era um homem cuja estrela estava subindo rapidamente. Com apenas 40 anos, ele era uma lenda no negócio. Antigamente, na metade da década de 1980, fora um dos policiais mais condecorados na história da polícia de Nova York – fazendo mais de 700 prisões, nos bairros mais violentos da cidade, incluindo o Harlem. Construíra seu nome resolvendo casos que ninguém mais conseguia, chegando finalmente ao reconhecimento nacional após solucionar um dos crimes mais atrozes já cometidos no Harlem: o estupro de uma freira branca por dois viciados em crack.

À primeira vista, porém, Bo não parecia tão duro, com seu rosto jovem e bonito, a barba perfeitamente aparada e o cabelo castanho-claro bem fino, penteado bem para trás sobre seu crânio arredondado. Não era um cara grande – talvez 1,75 metro de altura e 90 quilos –, mas tinha um peitoral grande e um pescoço grosso, do tamanho do de um gorila. Bo era um dos homens mais elegantes da cidade, sempre usando ternos de seda de 2 mil dólares e camisas brancas superengomadas com mangas francesas e colarinho executivo. Usava um relógio de ouro pesado o suficiente para criar marcas no pulso e um anel rosado com um diamante do tamanho de uma pedra de gelo.

Não era segredo para ninguém que muito do sucesso de Bo nos casos desvendados tinha a ver com sua formação. Nascera e fora criado numa região de Ozone Park, Queens, rodeado por

valentões de um lado e tiras do outro. Em consequência, desenvolvera uma habilidade única de andar na ponta da faca entre os dois... usando o respeito que adquirira dos chefes da Máfia local para resolver casos que não podiam ser resolvidos por meios convencionais. Com o passar do tempo, adquirira a reputação de um homem que mantinha seus contatos em segredo e que usava as informações que recebia apenas para reprimir os crimes de rua, que pareciam ser sua essência. Era amado e respeitado pelos amigos, e detestado e temido pelos inimigos.

Nunca disposto a lidar com baboseiras burocráticas, Bo aposentou-se da polícia de Nova York aos 35 anos e logo utilizou sua conhecida reputação (e ainda mais conhecidos relacionamentos) em uma das empresas de segurança privada mais respeitadas e que cresciam mais rapidamente dos Estados Unidos. Foi por essa razão que, dois anos atrás, eu procurara Bo pela primeira vez e contratara seus serviços – para construir e manter uma operação de segurança de primeira linha na Stratton Oakmont.

Mais de uma vez chamara Bo para afastar os ocasionais criminosos de meia-tigela que cometiam o erro de tentar espionar as operações da Stratton. Não sabia o que Bo dizia exatamente a essas pessoas. Tudo que sabia era que bastava dar um telefonema para Bo, que então "fazia a pessoa se acalmar", e daí em diante eu nunca mais ouvia falar dela. (Apesar de uma vez eu ter recebido um buquê de flores muito bonito.)

Nas camadas mais altas da Máfia, havia um acordo silencioso, independente de Bo, de que, em vez de tentar espionar as operações da Stratton, era mais lucrativo para os chefes enviar os jovens em que confiavam para trabalhar para nós, onde podiam ser treinados adequadamente. Então, após mais ou menos um ano, esses espiões mafiosos saíam silenciosamente – quase como cavalheiros, na verdade – para não atrapalhar as operações da Stratton. Então abriam suas firmas de corretagem apoiadas pela Máfia, sob o comando de seus mestres.

Nos últimos dois anos, Bo estivera envolvido em todos os aspectos da segurança da Stratton – até investigando as empresas que estávamos levando a público, assegurando que não seríamos enganados por operadores fraudulentos. E, diferentemente da maioria dos seus adversários, Bo Dietl e Associados não surgia com o tipo de informação genérica que qualquer *nerd* de computador podia descobrir no LexisNexis. Não, a equipe de Bo sujava as mãos, descobrindo coisas que se achava impossíveis de descobrir. E, apesar de não haver como negar que seus serviços não eram baratos, o retorno valia a pena.

Para falar a verdade: Bo Dietl era o melhor em sua área.

Eu ainda estava olhando pela janela quando Bo falou: "O que está passando na sua mente, Bo? Você está olhando por essa porra de janela como se fosse encontrar as respostas na rua".

Fiz uma pausa por um breve instante, pensando se deveria ou não lhe contar que a única razão por eu considerar a ideia de grampear o FBI era o sucesso tremendo que tivera ao grampear a Comissão, algo que *ele* inadvertidamente facilitara ao me apresentar antigos agentes do FBI que me venderam escutas sem que ele soubesse. Uma das escutas parecia uma tomada elétrica, e estava grudada na parede da sala de reuniões havia mais de um ano, pegando energia da própria tomada, e assim nunca ficaria sem força. Era um badulaque eletrônico maravilhoso!

Apesar de tudo, decidi que não era o momento de dividir esse segredinho com Bo. Eu disse: "É que estou falando sério sobre lutar contra tudo isso. Não tenho intenção de me fingir de morto só porque um agente do FBI está andando por aí fazendo perguntas sobre mim. Tenho muita coisa em jogo aqui, e há muita gente envolvida para que eu possa apenas sair de cena. Assim, agora

que está mais calmo, conte-me o que descobriu, está bem?".

Bo aquiesceu, mas, antes de me responder, pegou um copo enorme de uísque e engoliu o que deveriam ser três ou quatro doses, como se fosse água. Então lambeu os lábios. "*Ooooooo, garoto!* Agora, sim!" Finalmente continuou: "Para início de conversa, a investigação ainda está em seus estágios iniciais, e está sendo toda conduzida por esse tal Coleman, agente especial Gregory Coleman. Ninguém mais no departamento tem interesse no assunto; todos acham que é um tiro n'água. E, quanto à Procuradoria-Geral, também não estão interessados. O promotor que está cuidando do caso é um cara chamado Sean O'Shea, e pelo que ouvi falar é um cara bastante decente, não tem nada de corrupto.

"Há um advogado chamado Greg O'Connel, muito amigo meu, que costumava trabalhar com Sean O'Shea. Pedi a ele que investigasse Sean para mim, e, de acordo com Greg, Sean não dá a mínima para o seu caso. Você estava certo quando disse que não ligam muito para casos do mercado mobiliário lá. Eles se preocupam mais com coisas ligadas à Máfia, porque a jurisdição deles é no Brooklyn. Assim, quanto a isso, você tem sorte. Mas o boato sobre esse tal Coleman é que ele é muito teimoso. Fala sobre você como se fosse uma espécie de estrela. Tem muita consideração por você, mas não de uma forma simpática. Parece que está um tanto obcecado com tudo isso."

Balancei a cabeça. "Bem, isso não é muito animador! Um agente do FBI obcecado! De onde ele surgiu assim do nada? Por que agora? Deve ter alguma coisa a ver com a proposta de acordo da Comissão. Aqueles canalhas estão me enganando."

"Acalme-se, Bo. Não é tão ruim quanto parece. Não tem nada a ver com a Comissão. Coleman só está intrigado. Provavelmente tem mais a ver com todos esses artigos da imprensa sobre você do que com qualquer outra coisa, toda essa porcaria de Lobo de Wall Street." Ele começou a balançar a cabeça. "Toda essa história de drogas, putas e grandes gastos. É bastante inebriante para um jovem agente do FBI que ganha 40 pilas por ano. E esse tal Coleman é jovem, com 30 e poucos anos, acho; não muito mais velho que você. Então pense sobre a realidade cruel desse cara ao olhar sua restituição de impostos e perceber que você ganha mais em uma hora do que ele num ano. E então ele vê a sua esposa com o nariz empinado na televisão."

Bo deu de ombros. "De qualquer forma, o que estou tentando dizer é que você deveria ficar quieto por um tempo. Talvez tirar umas férias longas ou algo assim, o que faz total sentido, considerando seu acordo com a Comissão. Quando será anunciado?"

"Não estou 100% certo", respondi. "Provavelmente daqui a uma ou duas semanas."

Bo sacudiu a cabeça. "Bem, a boa notícia é que Coleman tem a reputação de ser um cara muito correto. Não é como o agente com quem você irá se encontrar hoje à noite, um cara bem fora da linha. Quer dizer, se fosse Jim Barsini atrás de você... bem, isso seria algo muito ruim. Ele já atirou em duas ou três pessoas, uma delas com um rifle de grande calibre depois que o bandido já havia colocado as mãos para cima. É como se dissesse: 'FBI... *Bang!*... Parado! Coloque as mãos para cima!'. Entende o que estou dizendo, Bo?"

Puta merda!, pensei. Minha única salvação era um agente do FBI xarope com dedo leve no gatilho?

Bo continuou: "Assim, não é tão ruim, Bo. Esse tal Coleman não é do tipo que fabrica evidências contra você e sai por aí ameaçando seus strattonitas com sentenças perpétuas, e não é

do tipo que irá aterrorizar sua esposa. Mas...”.

Cortei Bo, demonstrando grande preocupação na voz. “O que quer dizer com aterrorizar minha esposa? Como ele pode arrastar Nadine para isso? Ela não fez nada, exceto gastar muito dinheiro.” A simples ideia de Nadine ser envolvida nisso deixou minha cabeça em turbilhão.

A voz de Bo assumiu um tom de psicanalista tentando convencer um paciente a não pular de um prédio de dez andares. “Ora, acalme-se, Bo. Coleman não é do tipo que fica apertando. Estava apenas tentando dizer que não é inédito um agente colocar pressão sobre um marido indo atrás da esposa. Mas isso não se aplica a esta situação, já que Nadine não está envolvida em nenhum dos seus negócios, certo?”

“Lógico que não!”, respondi com grande assertividade, e então rapidamente vasculhei meus negócios para ver se o que eu acabara de dizer era verdade. Cheguei à triste conclusão de que não. “O problema é que fiz algumas negociações sob o nome dela, mas nada tão ruim. Eu diria que a responsabilidade dela tende a zero. Mas nunca deixaria chegar a esse ponto, Bo. Preferiria alegar culpa e deixar que me mantivessem preso por 20 anos a permitir que indiciassem minha esposa.”

Bo concordou com a cabeça lentamente e respondeu: “Como qualquer homem de verdade. Mas o que estou dizendo é que eles sabem disso também e podem ver como uma vulnerabilidade. Mas estamos nos adiantando muito”. A investigação está em seus estágios iniciais, mais parecendo um tiro n’água do que qualquer outra coisa. Se você tiver sorte, Coleman irá deparar com outra coisa... um caso não relacionado... e perderá o interesse em você. Apenas seja cuidadoso, Bo, e ficará bem.

Concordei. “Pode contar com isso.”

“Muito bom. Bem... Barsini deve chegar aqui em um segundo, portanto vamos relembrar algumas regrinhas. Primeiro, não mencione seu caso. Não é esse tipo de encontro. É apenas um grupo de amigos falando merda. Nada de falar sobre investigações ou qualquer coisa do estilo. Deve-se começar desenvolvendo uma amizade de interesses com ele. Lembre-se, não estamos tentando fazer com que este cara lhe dê informações que não deveria.” Balançou a cabeça, enfático. “A verdade é que, se Coleman *realmente* estiver querendo pegar você, não há nada que Barsini possa fazer. Apenas se Coleman não tiver nada contra você e estiver sendo um babaca, então Barsini poderia dizer a ele: ‘Ei, conheço o cara e sei que ele não é tão ruim, então por que não lhe dá um tempo?’. Lembre-se, Bo, a última coisa de que você quer ser acusado é de tentar corromper um agente do FBI. Eles o jogarão na cadeia por um bom tempo por causa disso.”

Então Bo ergueu as sobrancelhas e completou: “Mas, por outro lado, há algumas informações que *podemos* tirar de Barsini. Veja, a verdade é que há algumas coisas que Coleman possa *querer* que você saiba, e pode usar Barsini como um condutor. Sei lá. Você pode criar uma amizade de verdade com Barsini. Ele é um cara muito legal mesmo. É um maluco, mas, por outro lado, quem de nós não é, certo?”.

Movi a cabeça em concordância. “Bem, não sou do tipo que fica julgando, Bo. Odeio pessoas que fazem isso. Acho que são da pior espécie, você não acha?”

Bo deu um sorriso falso. “Certo. Imaginei que se sentia assim. Acredite em mim quando digo que Barsini não é o típico agente do FBI, da forma como você conhece. Ele foi um SEAL,[1] ou um fuzileiro naval espião, sei lá, não tenho certeza. Mas uma coisa que se deve saber sobre

Barsini é que ele é um mergulhador incrível, e assim vocês têm alguma coisa em comum. Talvez você possa convidá-lo para o seu iate ou algo do estilo, principalmente se toda essa coisa do Coleman não der em nada. Ter um amigo no FBI nunca é ruim."

Sorri para Bo e resisti contra a vontade de pular sobre a mesa e dar-lhe um beijo molhado nos lábios. Bo era um guerreiro de verdade, um bem tão valioso que seu valor era incalculável. Quanto eu estava lhe pagando, contando Stratton e pessoa física? Mais de meio milhão por ano... talvez mais. E ele valia cada centavo. Perguntei: "O que esse cara sabe sobre mim? Sabe que estou sob investigação?".

Bo balançou a cabeça. "Não. Contei-lhe muito pouco sobre você. Apenas que era um bom cliente meu, e também um bom amigo. E ambas as coisas são verdade... e é por isso que estou aqui, Bo, por amizade."

Com cuidado, respondi: "E não ache que não aprecio isso, Bo. Não irei me esquecer...".

Bo me cortou. "Aí está ele." Apontou na direção da janela, para um homem na casa dos 40 anos entrando no restaurante. Ele devia ter 1,90 metro, cem quilos, e estava em excelente forma. Suas feições eram rígidas, bonitas, olhos castanhos penetrantes e um queixo incrivelmente quadrado. Na verdade, parecia pertencer a um cartaz que recrutava jovens para um grupo paramilitar direitista.

"Grande Bo!", exclamou o mais incomum dos agentes do FBI. "*Meeeeeeu* amigo! Que tem feito, caralho, e onde arrumou essa porra de restaurante? Quero dizer... Porra, Bo, eu podia praticar tiro ao alvo bem aqui neste fim de mundo!" Ele inclinou a cabeça para o lado e ergueu as sobrancelhas, a fim de realçar a lógica de sua observação. Então completou: "Mas, ei, não tenho nada a ver com isso. Apenas atiro em assaltantes de banco, certo?". Esse último comentário insano foi dirigido a mim, acompanhado por um sorriso caloroso, ao que o agente especial Barsini adicionou: "E você deve ser Jordan. Bem, prazer em conhecê-lo, amigo! Bo contou-me que você tem um puta de um barco, ou um navio, e que gosta de mergulhar. Deixe-me apertar sua mão". Estendeu-me a mão. Rapidamente a peguei e me surpreendi ao descobrir que sua mão era quase duas vezes o tamanho da minha. Depois de quase puxar meu braço para fora da omoplata, ele finalmente me liberou de suas garras e nos sentamos.

Eu estava disposto a continuar no assunto de mergulho, mas não tive oportunidade. O agente especial Maluco rapidamente desatou a falar. "Vou te contar", disse com acidez, "este bairro é um esgoto da porra." Balançou a cabeça com nojo, encostou-se na cadeira e cruzou as pernas, o que acabou expondo o enorme revólver em sua cintura.

"Ora, Bo", disse Bo para Barsini, "você é fichinha perto de mim quanto a isso. Sabe quantas pessoas prendi quando trabalhei neste bairro? Você não acreditaria se eu lhe contasse. Metade delas foi mais de uma vez! Lembro de um cara que era do tamanho de uma porra de gorila. Ele se escondeu atrás de mim com uma tampa de lata de lixo e bateu com tudo na minha cabeça, e eu quase apaguei. Então foi atrás do meu parceiro e nocauteou-o com tudo."

Ergui as sobrancelhas e falei: "E o que aconteceu com o cara? Você o pegou?"

"Sim, lógico que sim", respondeu Bo, quase insultado. "Ele não me nocauteou, apenas me deixou tonto. Surgi quando ele ainda estava batendo no meu parceiro, tirei a tampa dele e dei-lhe na cabeça por alguns minutos. Mas ele tinha um daqueles crânios supergrossos, parecia uma merda de um coco." Bo deu de ombros e então finalizou sua história com: "Ele sobreviveu".

"Que pena, porra!", respondeu o agente federal. "Você é muito delicado, Bo. Eu teria

arrancado a traqueia do cara e dado para ele comer. Sabe, há uma forma de fazer isso sem manchar as mãos com uma gota de sangue. Tudo depende do giro do punho. Ouve-se um estalo, tipo", o agente federal colocou a ponta da língua no céu da boca, comprimiu as bochechas e então soltou, "*POP!"*

De repente, o proprietário do restaurante, Frank Pellegrino – também conhecido como Frankie Não, porque estava sempre dizendo "não" às pessoas que lhe solicitavam uma mesa –, veio se apresentar para o agente Barsini. Frank estava vestido com tanta elegância, e tudo combinava tão bem, e estava tão aprumado, que eu jurava que ele tinha acabado de sair de uma lavanderia. Trajava um terno de três peças azul-marinho com riscas de giz cinza. Do seu bolso frontal esquerdo, um lenço branco saía perfeita e brilhantemente, da forma que apenas um homem como Frankie poderia fazer. Ele parecia rico e estava na casa dos 60 anos, elegante e bonito, e tinha o dom único de ser capaz de fazer todos no Rao sentirem-se como convidados em sua própria casa.

"Você deve ser Jim Barsini", disse Frank Pellegrino calorosamente. Estendeu a mão. "Bo contou-me tudo sobre você. Bem-vindo ao Rao, Jim."

Com isso, Barsini ergueu-se da cadeira e começou a puxar o braço de Frank para fora da omoplata. Observei fascinado como o cabelo grisalho perfeitamente penteado de Frank permanecia intacto enquanto o resto dele balançava como uma boneca de pano.

"Caralho, Bo", disse Frank para o verdadeiro Bo, "este cara tem um aperto de mão de urso. Ele me lembra...", e assim Frank Pellegrino começou a narrar uma de suas muitas histórias de homens sem pescoço.

Eu apaguei na hora, sorrindo de vez em quando, enquanto rapidamente tentava planejar como chegar ao assunto principal da reunião. O que eu poderia dizer, fazer ou, pelo menos, dar ao agente especial Bartini para atiçá-lo a mandar o agente especial Coleman me deixar em paz? O mais fácil, lógico, seria simplesmente subornar Barsini. Ele não parecia ser um cara muito ético, parecia? Porém, talvez toda essa coisa de soldado de honra fazia dele alguém incorruptível, como se receber dinheiro por ambição o desonrasse de alguma forma. Fiquei me perguntando quanto pagavam a um agente do FBI. Seria 50 mil por ano? Quantos mergulhos podia um homem fazer com isso? Não muito. Além do mais, havia mergulhos e havia mergulhos. Eu estava disposto a pagar uma boa grana para ter um anjo da guarda dentro do FBI, não estava?

Pelo menos, quanto eu estava disposto a pagar ao agente Coleman para que esquecesse de mim para sempre? Um milhão? Certamente! Dois milhões? Lógico! Dois milhões era dinheiro de troco diante de um processo federal e da possibilidade de ruína financeira!

Ah, quem eu estava enganando? Esses pensamentos eram apenas sonhos. Na verdade, um lugar como o Rao servia como uma lembrança clara de que não se podia confiar no governo a longo prazo. Há apenas três ou quatro décadas, os mafiosos faziam o que queriam. Subornavam a força policial, subornavam políticos, subornavam juízes, pelo amor Deus, subornavam até professoras escolares! Mas então vieram os Kennedy, que eram verdadeiros mafiosos, e viam a Máfia como competidores. Assim, repudiaram todas as negociações – todas aquelas maravilhosas compensações – e... bem, o resto era história.

"... assim, foi dessa forma que ele se ajeitou", disse Frankie Não, finalmente completando seu conto. "Apesar de ele não ter sequestrado o chef na verdade; apenas o manteve refém por um tempo."

Com isso, todos começamos a gargalhar histericamente, apesar de eu ter perdido 90% do que ele dissera. Mas, no Rao, perder uma história era meramente incidental. Afinal, sempre se ouviam as mesmas histórias.

---

1 "Sea, Air, Land", membro de uma força especial da Marinha americana. (N.T.)

CAPÍTULO 24

PASSANDO A TOCHA

George Campbell, meu chofer sem língua, acabara de estacionar a limusine, de maneira delicada e gentil, à entrada lateral da Stratton Oakmont, onde ele literalmente me fez pular do assento ao quebrar seu autoimposto voto de silêncio e perguntar: “O que vai acontecer agora, sr. Belfort?”.

Ora, ora!, pensei. Já não era sem tempo de o velho diabo ceder e dizer algumas palavras para mim! E, apesar de sua pergunta ter parecido um tanto vaga, ele fora diretamente ao ponto. Afinal, em pouco mais de sete horas, às 16 horas, eu estaria diante da sala de corretagem fazendo um discurso de despedida para um exército de strattonitas extremamente preocupados, todos os quais, incluindo George, estariam questionando o que o futuro lhes havia reservado, financeiramente e tudo o mais.

Não tinha dúvidas de que em breve haveria muitas perguntas queimando na mente dos strattonitas. Perguntas como: O que aconteceria agora que Danny estava comandando o show? Ainda teriam suas mesas daqui a seis meses? E, caso tivessem, seriam tratados com justiça? Ou ele favoreceria seus velhos amigos e alguns corretores com quem tomava Ludes? E qual o destino que aguardava os corretores que foram mais amigos de Kenny do que de Danny? Seriam punidos por aquela amizade? Ou, se não fossem punidos, seriam tratados como cidadãos de segunda classe? Era possível que a Disneylândia dos Corretores sobrevivesse? Ou a Stratton lentamente se transformaria numa firma de corretagem comum, nem melhor nem pior do que outros lugares?

Preferi não compartilhar nenhum desses pensamentos com George, e apenas falei: “Você não tem com o que se preocupar, George. O que quer que aconteça, você sempre ficará bem. Janet e eu pegaremos um escritório perto daqui, e há milhares de coisas que Nadine e eu precisamos que você faça.” Sorri amplamente e disse, tentando empolgá-lo: “Pense bem, um dia você estará conduzindo Nadine e eu para o casamento de Chandler. Pode imaginar isso?”.

George concordou com a cabeça, soltou um sorriso largo, revelando sua dentição perfeita, e respondeu humildemente: “Gosto muito do meu trabalho, sr. Belfort. O senhor é o melhor patrão que eu jamais tive. A sra. Belfort também. Todo mundo ama os senhores. É triste que o senhor tenha de sair daqui. Não será a mesma coisa. Danny não é como o senhor. Ele não trata bem as pessoas. As pessoas irão embora”.

Fiquei desconcertado demais com a primeira metade da sentença de George para prestar atenção na segunda. Teria ele realmente dito que gostava do seu trabalho? E que me *amava*? Bem, certamente, toda essa coisa de amor era uma figura de linguagem, mas não havia como negar que George acabara de dizer que amava seu trabalho e me respeitava como chefe. Parecia irônico, depois de tudo por que eu o fizera passar: as putas... as drogas... os passeios à meia-noite pelo Central Park com strippers... as mochilas cheias de dinheiro que eu pedira para ele buscar com Elliot Lavigne.

Sim, por outro lado, eu nunca o desrespeitara, certo? Mesmo nos momentos mais sombrios e

decadentes, eu sempre me esforçara para ser respeitoso com George. Apesar de ser verdade que eu tinha algumas opiniões bizarras sobre ele, nunca as compartilhei com nenhuma alma viva, com exceção, é lógico, da Duquesa, que era minha esposa, o que a tornava isenta. E mesmo nesse caso era apenas para brincar. Eu não era preconceituoso. Na verdade, nenhum judeu de bom senso poderia sê-lo. Nós éramos o povo mais perseguido da Terra.

De repente, senti-me mal por ter alguma vez questionado a lealdade de George. Ele era um bom homem. Um homem decente. Quem era eu para interpretar mil e uma coisas de tudo que ele dizia ou, nesse caso, não dizia?

Com um sorriso caloroso, falei: "George, a verdade é que ninguém pode prever o futuro, pelo menos não eu. Quem pode dizer o que acontecerá à Stratton Oakmont? Acho que apenas o tempo. De qualquer forma, lembro-me de quando veio trabalhar para mim e você costumava tentar abrir a porta da limusine para mim. Você circundava o carro e tentava chegar mais rápido." Soltei uma risadinha ao lembrar disso. "Isso costumava deixá-lo louco. Mas a razão por eu nunca ter permitido que abrisse a porta para mim era porque eu o respeitava demais para apenas me sentar no banco traseiro da limusine e fingir que tinha um braço quebrado ou algo assim. Sempre achei que fosse um insulto para você."

Então completei: "Mas, já que hoje é meu último dia, por que você não abre a porta para mim, apenas uma vez, e faz de conta que é uma porra de um motorista de limusine? Finja que está trabalhando para um WASP gorducho. Você pode me acompanhar até a sala de corretagem. Na verdade, pode até participar da reunião matutina de Danny. Ele deve estar fazendo-a agora".

"… E O ESTUDO analisou mais de dez mil homens", disse Danny pelo alto-falante, "acompanhando seus hábitos sexuais por mais de cinco anos. Acho que ficarão totalmente surpresos quando eu lhes contar algumas das descobertas." Ao dizer isso, comprimiu os lábios, acenou com a cabeça e começou a se mover para frente e para trás, como se dissesse: "Preparem-se para ouvir a verdadeira natureza depravada do macho".

Puta merda!, pensei. Nem saí ainda e ele já está ficando louco! Virei-me para George e fiquei um tempo avaliando sua reação, mas ele não parecia tão chocado. Sua cabeça estava jogada para o lado com um olhar que dizia algo como: "Estou ansioso para ver o que tudo isso tem a ver com ações!".

"Vejam", continuou Danny, trajando um terno cinza risca de giz e réplicas de óculos WASP, "o estudo descobriu que 10% de toda a população masculina é composta de verdadeiros viados." E fez uma pausa para deixar todo o significado de suas palavras ser absorvido.

Lá vem mais um processo judicial! Corri o olhar pela sala... e vi um monte de olhares confusos, como se todos estivessem tentando compreender o que ele estava dizendo. Havia alguns poucos risos abafados, mas nenhuma gargalhada escancarada.

Aparentemente, Danny não estava satisfeito com a reação da plateia, ou a falta dela, então repetiu com gosto: "Vou falar novamente", continuou o homem que a Comissão considerava o menor dos dois demônios, "o estudo descobriu que 10% da população masculina leva no rabo! Sim, 10% é queima-rosca! É um número enorme! Enorme! Todos esses homens recebendo no cu! Chupando rola! E...".

Danny foi forçado a desistir de seu desvario quando a sala de corretagem estourou num pandemônio. Os strattonitas começaram a assoviar, uivar, bater palmas e gritar. Metade da sala

estava agora de pé; muitos batiam palmas. Mas, lá na frente, na seção onde se concentravam as assistentes de vendas, ninguém estava de pé. Só conseguia ver suas madeixas loiras em ângulos agudos, enquanto as jovens fêmeas se inclinavam em suas cadeiras e cochichavam nos ouvidos das outras, balançando a cabeça com surpresa.

Foi então que George falou, confuso: “Não entendo. O que isso tem a ver com o mercado de ações? Por que ele tá falando sobre gays?”.

Dei de ombros e respondi: “É complicado, George, mas a única razão é estar tentando criar um inimigo comum, mais ou menos como Hitler fez nos anos 1930”. E é apenas por uma feliz coincidência, pensei, que ele não está difamando os negros neste momento. Esse mesmo pensamento me fez completar: “De qualquer forma, você não tem de ficar escutando esta merda. Por que não volta no final do dia, por volta das 16h30. Tudo bem?”.

George concordou e se afastou, mais nervoso do que nunca, pensei.

Observando essa baderna matutina, não pude evitar pensar por que Danny sempre resumia suas reuniões a sexo. Obviamente, ele estava procurando causar algumas risadas fáceis, mas havia outras formas de se chegar a isso, formas que não interferiam na transmissão da mensagem verdadeira. A mensagem, nesse caso, era que, apesar de tudo, a Stratton Oakmont era uma firma de corretagem legítima tentando ganhar dinheiro para seus clientes – e a única razão de *não estar* ganhando dinheiro para seus clientes devia-se a uma conspiração diabólica de vendedores a descoberto, que infestavam o mercado como gafanhotos, espalhando boatos cruéis sobre a Stratton Oakmont e qualquer outra firma de corretagem honesta que se colocasse em seu caminho. E, lógico, embutido nessa mensagem estava o fato de que, um dia, num futuro não muito distante, o valor fundamental de todas essas empresas apareceria com facilidade e as ações voltariam com tudo, erguendo-se como uma fênix entre as cinzas, quando então os clientes da Stratton ganhariam uma fortuna.

Eu explicara a Danny em inúmeras ocasiões que, lá no fundo, todos os seres humanos (exceto um punhado de sociopatas) possuíam um desejo inconsciente de fazer a coisa certa. E por isso uma mensagem subliminar deveria ser embutida em toda reunião... para que, quando sorrissem, discassem e arrancassem os olhos dos clientes, eles estivessem realizando não apenas seus próprios desejos hedonísticos de prosperidade e reconhecimento, mas também seu desejo inconsciente de fazer a coisa certa. Assim, e apenas assim, podia-se motivá-los a atingir metas que nunca sonharam ser capazes de atingir.

Danny estendeu os braços para o lado, e lentamente a sala começou a se acalmar. Ele falou: “Está bem, agora eis a parte realmente interessante, ou, deveria dizer, a parte preocupante. Vejam, se 10% de todos os homens são homossexuais enrustidos e há mil homens sentados nesta sala, isso significa que entre nós há cem bichas, tentando comer nosso rabo toda vez que lhes viramos as costas!”.

De repente, cabeças começaram a se virar com suspeita. Até as pequenas assistentes de vendas loiras estavam vasculhando a sala, com olhares de suspeita saindo de seus globos oculares cheios de maquiagem. Houve um murmúrio baixinho na sala, que não consegui entender bem. Mas a mensagem era clara: “Encontre-os e linche-os!”.

Fiquei observando com grande expectativa enquanto mil pescoços viravam-se para lá e para cá... olhares acusatórios eram jogados pela sala às centenas... braços jovens e fortes estendidos em todas as direções, cada um com um dedo apontado para frente. Então veio um grito aleatório

de nomes:

"Teskowitz[5] é uma bicha!"

"O'Reilly é uma porra de um viado! Levante-se, O'Reilly!"

"E Irv e Scott?", gritaram dois strattonitas em uníssono. "Sim, Scott e Irv! Scott chupa o Irv!"

Mas, depois de um minuto de dedos apontados e algumas acusações nem tão infundadas contra Scott e Irv, ninguém confessou. Então Danny ergueu os braços mais uma vez e pediu silêncio. "Ouçam", disse, de maneira acusatória, "sei que alguns de vocês são, e há duas maneiras de fazer isso: a fácil e a difícil. Agora, vejam. Todo mundo sabe que Scott chupou Irv, e vocês não viram Scott perdendo o emprego por causa disso, viram?"

De algum ponto da sala de corretagem veio a voz na defensiva de Scott: "Eu não chupei Irv! É uma...".

Danny cortou-o com uma voz trovejante pelos alto-falantes: "Basta, Scott, basta! Quanto mais você nega, mais culpado parece. Então deixa disso! Apenas sinto pena de sua esposa e de seus filhos, que são envergonhados por alguém como você". Danny balançou a cabeça com nojo e então deixou Scott de lado. "De qualquer forma", continuou o novo presidente da Stratton, "este ato desprezível tem mais a ver com poder do que com sexo. E Irv agora nos provou que é um homem verdadeiramente poderoso... fazer um dos corretores juniores chupá-lo. Assim, o ato é isento e Scott está perdoado.

"Agora que lhes mostrei como sou tolerante com esse tipo de comportamento, não há um homem de verdade entre vocês que tenha culhões, e, pelo menos, a mínima decência, caralho, de se levantar e confessar?"

Do nada, um jovem strattonita com um queixo fraco e um bom senso mais fraco ainda levantou-se e falou, com franqueza: "Sou gay e tenho orgulho disso!". E a sala de corretagem ficou louca. Em questão de segundos, objetos voavam em sua direção como projéteis letais. Então vieram assobios e miados, e depois gritos:

"Seu viado de merda! Caia fora daqui, caralho!"

"Vamos castigar o chupador de rola!"

"Cuidado com o que bebem! Ele vai tentar embebedá-los para estuprá-los!"

Bem, pensei, esta reunião matutina estava oficialmente terminada, fim antecipado por motivos de insanidade. E o que se conseguiu com esta reunião, se é que se ganhou alguma coisa? Não tinha muita certeza, a não ser a representação de um retrato bastante cruel do que esperava a Stratton Oakmont... a partir do dia seguinte.

POR QUE EU deveria ficar surpreso?

Uma hora depois, estava sentado à minha mesa, usando essas seis palavras para me consolar, enquanto escutava Mad Max sendo balístico em relação a Danny e a mim sobre meu acordo de renúncia, que fora invenção de meu contador, Dennis Gaito, apelidado de Chef em razão de seu amor por cozinhar livros contábeis. Em resumo, o acordo dizia que a Stratton deveria me pagar 1 milhão de dólares por mês pelos próximos 15 anos, sendo a maior parte disso sob os termos de um acordo de não competição, o que significava que eu concordava em não competir com a Stratton no negócio de corretagem.

Todavia, apesar de o acordo levantar algumas suspeitas, não era na verdade ilegal (na

embalagem), e eu conseguira intimidar os advogados para aprová-lo, em que pese saberem que, mesmo que o acordo fosse legal, ele não passaria pelo teste de faro.

Nesse momento, havia uma quarta pessoa sentada em minha sala: Cabana, que até o momento não havia falado muito. Mas isso não era nenhuma surpresa. Afinal de contas, Cabana passara a maior parte de sua juventude jantando em minha casa, portanto conhecia muito bem a capacidade de Mad Max.

Mad Max estava dizendo: "... e vocês dois, debiloides, vão prender suas tetas no arame farpado por causa disso. Uma renúncia de 180 milhões de dólares? É como mijar bem no rosto da Comissão. Porra! Caralho! Quando vocês vão aprender?".

Dei de ombros. "Acalme-se, papai. Não é tão ruim quanto parece. É um remédio mais amargo que estou sendo forçado a engolir, e os 180 milhões servem como lubrificantes."

Com uma alegria um tanto exagerada, Danny completou: "Max, você e eu iremos trabalhar juntos por um bom tempo, então por que não engolimos isso como experiência, hein? Afinal, é seu próprio filho quem está recebendo o dinheiro! Qual o problema disso?".

Mad Max virou-se em seu salto e encarou Danny. Deu uma bela tragada em seu cigarro e enrugou os lábios formando um *O* minúsculo. Com uma exalada poderosa, formou um pequeno raio-laser de meio centímetro de diâmetro com a fumaça e o projetou sobre o rosto sorridente de Danny com a força de um canhão da Guerra Civil. Então, com Danny ainda coberto por sua nuvem de fumaça, falou: "Deixe-me dizer-lhe algo, Porush. Só porque meu filho está indo embora amanhã, isso não significa que irei demonstrar-lhe qualquer respeito recém-descoberto. Respeito tem de ser conquistado, e, se a reunião de hoje de manhã for algum indicativo, talvez eu deva ir para o setor de RH neste exato momento. Sabe quantas leis você desrespeitou com aquele discurso imbecil? Estou apenas esperando uma ligação daquele babaca obeso, Dominic Barbara. É para ele que aquele frutinha vai telefonar reclamando dessa merda".

Então ele se virou para mim e falou: "E por que você formulou este acordo de renúncia como de não competição? Como pode competir se já está impedido?". Deu mais uma tragada no cigarro. "Foi você e aquele filho da mãe do Gaito que bolaram esse esquema tosco. É uma bosta de um disfarce, e me recuso a tomar parte nisso." Com isso, Mad Max dirigiu-se para a porta.

"Duas coisas, papai, antes que se vá", falei, erguendo a mão.

Com um berro: "O quê?".

"Primeiro, todos os advogados da firma aprovaram o acordo. E a única razão para ser de 180 milhões é porque a não competição precisa ter um prazo de 15 anos para que não percamos a isenção de impostos. A Stratton irá me pagar 1 milhão de dólares por mês, e 15 anos a 1 milhão de dólares por mês dá 180 milhões de dólares."

"Poupe-me dessa matemática rasteira", disparou. "Não estou impressionado. E, quanto ao código tributário, eu o conheço bem, assim como a indiferença grosseira sua e de Gaito para com ele. Então não tente me impressionar, Homenzinho. Mais alguma coisa?"

Completei casualmente: "Precisamos jantar mais cedo hoje à noite, às seis. Nadine quer levar Chandler para que você e mamãe possam vê-la". Cruzei os dedos e aguardei que o nome *Chandler* fizesse sua magia sobre Mad Max, cujo rosto começou imediatamente a se abrandar com a menção do nome da única neta.

Com um sorriso largo e um sotaque levemente britânico, *Sir* Max falou: "Ahhh, que surpresa incrível! Sua mãe ficará muito feliz por ver Chandler! Bem, está certo, então! Vou ligar para

Mamãe e dar-lhe a boa notícia!". *Sir* Max saiu do escritório com um sorriso no rosto e um passo saltitante.

Olhei para Danny e Cabana e dei de ombros. "Há certas palavras-chave que o acalmam, e *Chandler* é a mais certeira de todas. De qualquer forma, vocês precisam aprendê-las se não quiserem que ele tenha um ataque do coração bem aqui no meio do escritório."

"Seu pai é um bom homem", disse Danny, "e nada mudará para ele por aqui. Eu o vejo como meu próprio pai, e ele pode dizer ou fazer o que quiser até que esteja pronto para se aposentar."

Sorri, apreciando a lealdade de Danny.

"Mas, mais importante que seu pai", continuou, "já estou tendo problemas com a Duke Securities. Apesar de Victor estar no negócio há apenas três dias, ele já começou a espalhar boatos de que a Stratton está em decadência e que a Duke é a nova sensação. Ainda não tentou roubar nenhum corretor, mas isso virá em seguida, tenho certeza. Esse gorducho é muito preguiçoso para ir atrás de seus próprios corretores."

Olhei para Cabana. "O que tem a dizer sobre tudo isso?"

"Não acho que Victor seja uma ameaça tão grande", respondeu Cabana. "A Duke é pequena; ela não tem nada para oferecer a ninguém. Não tem nenhum negócio próprio ou qualquer capital, para início de conversa, e não tem um histórico. Acho que Victor tem uma boca grande demais para controlar."

Sorri para Cabana, que acabara de confirmar o que eu já sabia... que ele não era um conselheiro de guerra e que seria de pouca serventia para Danny em assuntos como esse. Falei, num tom amigável: "Você está enganado, amigo. Você entendeu tudo ao contrário. Veja, se Victor é esperto, perceberá que tem tudo para oferecer a seus novos recrutas. Seu maior poder é, de fato, seu tamanho... ou falta de tamanho, melhor dizendo. A verdade é que, na Stratton, é difícil ser a azeitona da empada; há muitas pessoas no caminho. Assim, a não ser que se conheça alguém na administração, pode-se ser o cara mais esperto do mundo e ainda assim será impedido de subir, ou pelo menos subir rapidamente.

"Mas, na Duke, isso não existe. Qualquer cara astuto pode entrar lá e fazer as coisas como bem entender. Essa é a verdade. É uma das vantagens que uma empresa pequena tem em relação a uma empresa grande, e não apenas neste mercado, mas em qualquer ramo. Por outro lado, temos a estabilidade ao nosso lado e temos um histórico. As pessoas não temem não receber seus salários no dia certo e sabem que sempre há novas emissões de ações. Victor tentará minimizar esses fatores, e é por isso que está espalhando esse tipo de boatos." Dei de ombros. "De qualquer forma, vou comentar isso na reunião de hoje à tarde, e é algo que *você*, Danny, precisa começar a reforçar durante suas reuniões, se puder deixar de lado toda essa merda de difamação de gays. Haverá uma baita guerra de propaganda... apesar de que daqui a três meses tudo acabará, e Victor estará lambendo suas feridas." Sorri com confiança. "Então, que mais?"

"Algumas firmas menores estão atirando contra a gente", disse Cabana, em seu tom melancólico. "Tentando roubar algumas negociações, um corretor aqui e ali. Tenho certeza de que passará."

"Passará apenas se você *fizer* isso passar", bradei. "Espalhe um boato de que iremos processar qualquer cisão da Stratton que tente roubar corretores. Nossa nova política será olho por olho." Olhei para Danny e falei: "Alguém mais recebeu uma intimação da justiça?".

Danny negou com a cabeça. "Não que eu saiba, pelo menos nenhum corretor nosso. Por

enquanto, somos apenas eu, você e Kenny. Não acho que alguém nesta sala saiba que há uma investigação."

"Bem", falei, perdendo cada vez mais a confiança, "há ainda uma boa chance de toda essa coisa ser um tiro n'água. Devo ficar sabendo de algo em breve. Estou apenas aguardando Bo."

Após alguns instantes de silêncio, Cabana falou: "A propósito, Madden assinou o contrato de caução e me devolveu a cautela, assim podemos parar de nos preocupar quanto a isso".

Danny disse: "Eu te *falei* que a cabeça de Steve está no lugar certo".

Resisti contra a vontade de contar a Danny que, ultimamente, Steve estivera difamando-o a níveis sem precedentes, dizendo que Danny era incapaz de comandar a Stratton e que eu deveria me focar mais em ajudá-lo, Steve, a construir a Sapatos Steve Madden, que estava mostrando um potencial maior do que nunca. As vendas estavam aumentando 50% ao mês – ao mês! – e ainda estavam se acelerando. Mas, do ponto de vista operacional, Steve estava completamente maluco, com a produção e a distribuição muito atrás das vendas. Em consequência, a empresa começava a ganhar má reputação com as lojas de departamento por entregar os sapatos com atraso. Encorajado por Steve, estava seriamente considerando a ideia de transferir meu escritório para Woodside, Queens, onde ficava a filial da Sapatos Steve Madden. Lá, dividiria um escritório com Steve e ele daria atenção ao lado criativo enquanto eu cuidaria do negócio.

Mas apenas falei: "Não estou dizendo que a cabeça de Steve esteja no lugar errado. Mas, agora que temos as ações, isso o forçará muito mais a fazer a coisa certa. O dinheiro faz com que as pessoas cometam coisas estranhas, Danny. Apenas tenha paciência; você descobrirá em breve".

Às 13 horas, liguei para Janet a fim de animá-la. Nos últimos dias, ela parecia muito chateada. Hoje, parecia prestes a chorar.

"Ouça", falei, num tom que um pai usaria com sua filha, "há muitos motivos para você ficar feliz aqui, querida. Não estou dizendo que não há por que ficar chateada, mas tem de ver isso como um novo começo, não um fim. Ainda somos jovens. Talvez tenhamos de tomar cuidado por alguns meses, mas depois voltará a ficar a todo vapor." Sorri calorosamente. "De qualquer forma, a partir de hoje trabalharemos em casa, o que é perfeito, porque te considero parte de minha família."

Janet começou a engolir as lágrimas. "Eu sei. É que... é que eu estou aqui desde o começo, e vi você construir isso do nada. Era como assistir a um milagre. Foi a primeira vez que me senti..." – amada?, pensei – "não sei. Quando você caminhava comigo... como um pai... eu...", e então Janet desmoronou, chorando histericamente.

Ah, caramba!, pensei. O que eu fizera de errado? Meu objetivo fora consolá-la, e agora ela estava chorando. Precisava telefonar para a Duquesa! Ela era especialista nesse tipo de coisa. Talvez pudesse vir correndo para cá e levar Janet para casa, apesar de que isso levaria muito tempo.

Não tendo escolha, fui até Janet e abracei-a com delicadeza. Com grande ternura, falei: "Não há nada de errado em chorar, mas não se esqueça de que há muita coisa para fazermos. Com certeza, a Stratton vai quebrar, Janet; é apenas questão de tempo; mas, já que estamos saindo *agora*, sempre seremos lembrados como um sucesso". Sorri e disse num tom mais animador: "De qualquer forma, Nadine e eu vamos jantar hoje com meus pais, e vamos levar Chandler. Quero que venha também, certo?".

Janet sorriu – sorriu com a ideia de ver Chandler – e não pude evitar pensar o que isso significava sobre o estado em que nossas próprias vidas estavam, quando apenas a pureza e a inocência de um bebê podia nos trazer paz.

EU JÁ ESTAVA fazendo meu discurso de despedida havia 15 minutos quando me dei conta que estava fazendo a minha própria oração funerária. Mas, pelo lado bom, eu também tinha a oportunidade única de testemunhar as reações de todos que foram ao meu enterro.

E veja-os sentados lá, prestando atenção a tudo que digo! Tantas expressões extasiadas... tantos olhos ansiosos... tantos torsos bem formados inclinando-se para a frente em seus assentos. Veja todos aqueles olhares adoráveis das assistentes de vendas com suas sedutoras madeixas loiras, seus decotes deliciosamente grandes e, lógico, seus quadris incrivelmente redondos. Talvez eu devesse estar plantando sugestões subliminares em suas mentes... que cada uma delas deveria arder com o desejo insaciável de me chupar e engolir cada gota de minha masculinidade pelo resto de suas vidas.

Puta merda, eu era um pervertido do caralho! Mesmo agora, no meio do meu discurso de despedida, minha mente estava vagando furiosamente. Meus lábios estavam movendo-se para cima e para baixo, agradecendo aos strattonitas por cinco anos de lealdade e admiração incondicionais, mas ainda estava me perguntando se devia ou não ter comido mais assistentes de vendas. O que isso dizia sobre mim? Isso me tornava fraco? Ou seria apenas natural querer comer todas elas? Afinal de contas, qual o sentido de ter o poder se não o usasse para transar? Na verdade, eu não explorara esse aspecto do poder tanto quanto poderia, ou pelo menos não tanto quanto Danny explorara! Será que me arrependeria disso algum dia? Ou será que tivera a atitude correta? A atitude madura! A atitude responsável!

Todos esses pensamentos bizarros rugiam em minha cabeça com a ferocidade de um tornado F-5, enquanto palavras de sabedoria barata jorravam de minha boca em torrentes, sem o menor sinal de esforço consciente. E então notei que minha mente não estava de fato pensando em duas coisas (o que sempre fazia), mas estava pensando em três coisas, o que era bizarro demais.

O terceiro pensamento era um monólogo interno, questionando o aspecto decadente do segundo pensamento, que estava focando nos prós e contras de ser chupado pelas assistentes de vendas. Enquanto isso, o primeiro pensamento zunia ininterruptamente, e minhas palavras para os strattonitas pulavam dos meus lábios como minúsculas pérolas de livros de autoajuda, e as palavras vinham de... onde? Talvez da parte do cérebro que trabalha independentemente da consciência... ou talvez as palavras estivessem fluindo da força do hábito. Afinal, quantas reuniões eu fizera nos últimos cinco anos? Duas por dia por cinco anos... Com 300 dias úteis por ano, dava 1.500 dias úteis, vezes duas reuniões por dia, 3 mil reuniões, menos algumas reuniões que Danny conduzira, provavelmente 10% do total, subtraído do bruto de 3 mil reuniões, e o número 2.700 surgia do nada em minha mente, mas as minúsculas pérolas de almanaque continuavam a jorrar de meus lábios enquanto eu fazia a matemática.

... e quando voltei para o momento, estava explicando como o banco de investimento Stratton Oakmont sobreviveria com certeza – *sobreviveria com certeza!* – porque era maior que qualquer pessoa ou qualquer coisa. E então senti necessidade de roubar uma fala de Franklyn Delano Roosevelt – que, apesar de ter sido um democrata, ainda parecia um cara bastante razoável... mas fui recentemente informado que sua esposa era sapatão – e comecei a contar para os

strattonitas que não havia nada para temer além do próprio medo.

Foi nesse instante que me senti obrigado a enfatizar como Danny era mais do que capaz de comandar a firma, principalmente assessorado por alguém tão astuto como Cabana. Mas, ah, ainda vi milhares de olhos se revirando e um número igual de cabeças balançando, sérias.

Então, senti ser necessário cruzar a linha do bom senso. "Ouçam, todos. O fato de eu estar sendo barrado do mercado de valores não me impede de aconselhar Danny. É verdade! Não apenas é legal dar conselhos a Danny, mas também posso aconselhar Andy Greene, Steve Sanders, os proprietários da Biltmore e da Monroe Parker e qualquer um nesta sala de corretagem que esteja interessado em ouvir. E, apenas para que saibam, Danny e eu temos uma tradição de tomar café e almoçar juntos, e é uma tradição que não temos intenção de terminar só por causa desse acordo ridículo que fui forçado a fazer com a Comissão... um acordo que fiz apenas porque sabia que garantiria a sobrevivência da Stratton pelos próximos cem anos!"

E com isso veio um aplauso estrondoso. Corri os olhos pela sala. Ahhh, que adoração! Tanto amor pelo Lobo de Wall Street! Até que troquei olhares com Mad Max, que parecia estar fumegando pelas orelhas. Por que ele estava tão preocupado? Todo mundo estava engolindo essa merda! Por que ele não podia apenas participar da alegria? Resisti ao desejo de chegar à conclusão óbvia de que meu pai estava reagindo de maneira diferente porque era a única pessoa na sala de corretagem que dava a mínima para mim e que estava, de alguma forma, preocupado ao ver seu filho pular de um precipício legal.

Pelo bem de Mad Max, completei: "Agora, é lógico, serão apenas conselhos, o que, pela própria definição da palavra, significa que minhas sugestões não têm de ser seguidas!". Ao que Danny gritou da lateral da sala: "Sim, isso é verdade, mas por que diabos alguém, em sã consciência, não seguiria o conselho de JB?".

Novamente aplausos entrondosos! Espalhou-se pela sala de corretagem como o vírus ebola, e logo a sala inteira estava de pé, dando ao Lobo ferido a terceira ovação da tarde. Ergui a mão pedindo silêncio e tive a agradável visão de Carrie Chodosh, uma das poucas corretoras da Stratton, que também, por acaso, era uma das minhas favoritas.

Carrie tinha 30 e poucos anos, o que na Stratton a tornava uma antiguidade virtual. Contudo, ainda era linda. Fora uma das primeiras corretoras da Stratton... vindo até mim quando estava quebrada, com as calças na mão. Na época, estava com o aluguel três meses atrasado, e sua Mercedes estava sendo perseguida por um cobrador. Vejam, Carrie era mais uma numa longa linhagem de mulheres bonitas que cometeram o terrível engano de se casarem com o homem errado. Após um casamento de dez anos, seu ex-marido recusava-se a pagar um centavo de pensão alimentícia.

Era uma transição perfeita, pensei: falar sobre a Duke Securities para depois sugerir a possibilidade de uma investigação do FBI. Sim, melhor comentar sobre o FBI agora, quase *prever* uma investigação, como se o Lobo tivesse adivinhado que isso aconteceria e se preparado para se defender do ataque.

Mais uma vez ergui a mão pedindo silêncio. "Ouçam, todos, não vou mentir para vocês aqui. Entrar em acordo com a Comissão foi uma das decisões mais duras que tive de tomar. Mas sabia que a Stratton permaneceria, não importando o que acontecesse. Vejam, o que torna a Stratton tão especial, o que a torna tão impossível de ser parada, é que aqui não é apenas um lugar onde as pessoas vêm trabalhar. E não é apenas um negócio em busca de lucros. A Stratton é uma

ideia! E pela própria natureza de ser uma ideia não pode ser contida, nem pode ser reprimida por uma investigação de dois anos nas mãos de um bando de reguladores palhaços, que ficaram congelados em nossa sala de reuniões e não se importaram em gastar milhões de dólares dos contribuintes para embarcar na maior caça a bruxas desde Salem!

"A ideia da Stratton é que não importa em que família se nasceu, ou a que escolas se foi, ou se foi ou não votado como o mais propenso ao sucesso na formatura da escola. A ideia da Stratton é que, quando se vem aqui e se pisa na sala de corretagem pela primeira vez, começa-se uma nova vida. No mesmo momento em que se atravessa a porta e jura-se lealdade à firma, torna-se parte da família e torna-se um strattonita."

Respirei fundo e apontei na direção de Carrie. "Ora, todos aqui conhecem Carrie Chodosh, certo?"

A sala de corretagem respondeu com assovios, gritos e uivos.

Ergui a mão e sorri. "Está bem, isso foi bem legal. Caso algum de vocês não saiba, Carrie foi uma das primeiras corretoras da Stratton, uma das oito primeiras. E, quando pensamos em Carrie, pensamos em como ela está hoje: uma mulher bonita que dirige uma Mercedes novíssima; que vive no melhor condomínio de Long Island; que veste conjuntos Chanel de 3 mil dólares e vestidos Dolce e Gabanna de 6 mil dólares; que passa seus invernos nas Bahamas e seus verões nos Hamptons; conhece-se ela como alguém que tem uma conta bancária com só Deus sabe quanto dinheiro", provavelmente nada, se eu tivesse de adivinhar, já que ali era a Stratton, "e, lógico, todos conhecem Carrie como uma das executivas mais bem pagas de Long Island, a caminho de ganhar mais de 1,5 milhão de dólares este ano!"

Então contei a eles sobre como era a vida de Carrie quando viera à Stratton e, na hora certa, Carrie respondeu alto e empolgada: "Sempre te amarei, Jordan!", quando então a sala de corretagem ficou maluca novamente, e eu recebi minha quarta ovação.

Baixei a cabeça em agradecimento, então, depois de uns 30 segundos, pedi silêncio. Quando os últimos strattonitas retomaram seus assentos, falei: "Entendam que Carrie estava contra a parede; ela tinha uma criança pequena para cuidar e uma montanha de contas caindo sobre ela. Não podia falhar! Seu filho, Scott, que por acaso é um garoto incrível, logo estará estudando numa das melhores faculdades do país. E, graças à sua mãe, não terá de se formar devendo algumas centenas de milhares de dólares em empréstimos acadêmicos e ser forçado a...". *Ah, merda!* Carrie estava chorando! Eu fizera isso novamente! A segunda vez em um dia que eu levava uma mulher às lágrimas! Onde estaria a Duquesa?

Carrie estava chorando com tanta força que três assistentes de vendas a cercaram. Precisava concluir rapidamente e finalizar meu discurso de despedida antes que alguém mais começasse a chorar. "Está bem", falei. "Todos amamos Carrie e não queremos vê-la chorando."

Carrie ergueu a mão e disse, entre soluços: "Estou.. estou bem. Sinto muito".

"Está certo", respondi, tentando imaginar qual seria a resposta mais adequada a uma strattonita chorosa durante um discurso de despedida. Será que existia tal protocolo? "O que eu estava tentando dizer era que se acham que a oportunidade de avanço rápido não existe mais... que, por a Stratton ser tão grande e tão bem administrada, o seu caminho para o topo é de alguma forma bloqueado, bem, na história da Stratton nunca houve a hora exata para alguém subir na cadeia e ir direto para o topo. E isso, meus amigos, é um fato!

"A verdade é que, agora que estou indo embora, há um grande vazio que Danny precisa

preencher. E de onde ele irá preenchê-lo? Do lado de fora? De algum lugar em Wall Street? Não, lógico que não! A Stratton promove internamente. Sempre foi assim! Desse modo, quer você tenha acabado de entrar, ou esteja aqui já há alguns meses e acabou de passar pela Série Sete, ou esteja aqui há um ano e acabou de ganhar seu primeiro milhão, hoje é seu dia de sorte. Conforme a Stratton continuar a crescer, haverá outros obstáculos regulatórios. E, assim como a Comissão, vamos atravessá-los também. Quem sabe? Talvez da próxima vez seja a Associação Nacional de Corretores de Valores... ou os governos estaduais... ou talvez até a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos. Mas quem sabe com certeza? Afinal, quase toda grande firma de Wall Street passa por isso uma vez. Mas tudo de que precisam saber é que, no final, a Stratton irá aguentar e que da adversidade vêm as oportunidades. Talvez da próxima vez será Danny aqui, e ele estará passando a tocha para algum de vocês."

Fiz uma pausa para deixar minhas palavras serem absorvidas, e então comecei minha conclusão. "Então, boa sorte, pessoal, e sucesso. Peço a vocês apenas um favor: que sigam Danny da forma que me seguiram. Jurem lealdade a ele como fizeram a mim. A partir de agora, Danny está no comando. Boa sorte, Danny, e que Deus o abençoe! Sei que você levará as coisas a um novo nível!" E com isso ergui o microfone para o ar em saudação a Danny e recebi a melhor ovação de uma vida inteira.

Depois que a multidão se acalmou, fui presenteado com um cartão de despedida. Tinha 0,90 por 1,80 metro, e, em um lado, com grandes letras quadradas vermelhas, *Para o Melhor Chefe do Mundo!* Em cada lado havia notas manuscritas – breves cumprimentos de cada um de meus strattonitas – agradecendo-me por mudar suas vidas tão drasticamente.

Mais tarde, depois que fui para minha sala e fechei a porta pela última vez, não pude evitar pensar se eles ainda estariam me agradecendo daqui a cinco anos.

CAPÍTULO 25

OS VERDADEIROS VERDADEIROS

A quantas reprises de A ilha de Gilligan *pode um homem assistir antes de decidir enfiar uma arma na boca e puxar o gatilho?*

Era uma manhã sem graça de quarta-feira, e, apesar de serem 11 horas, ainda estava deitado na cama, assistindo à televisão. Aposentadoria forçada, pensei... não é nenhuma porra de piquenique.

Vinha assistindo a muita televisão nas últimas quatro semanas – demais, de acordo com a deprimida Duquesa – e, ultimamente, ficara obcecado com *A ilha de Gilligan*.

E havia um motivo para isso: enquanto assistia a reprises de *A ilha de Gilligan*, fiz a impressionante descoberta de que eu não era o único Lobo de Wall Street. Para meu desgosto, havia alguém dividindo essa distinção nem tão honrosa comigo, e por acaso ele era um velho WASP espalhafatoso que tivera o azar de naufragar na ilha de Gilligan. Seu nome era Thurston Howell III e, ah, ele *era* realmente um WASP idiota. À típica moda WASP, casara-se com uma fêmea de sua espécie, uma cruel loira-abacaxi chamada Lovey, quase tão idiota quanto ele, mas nem tanto. Lovey achava necessário usar calças de lã, vestidos de bolinha e o rosto cheio de maquiagem, apesar de a ilha de Gilligan ficar em algum lugar no meio do Pacífico Sul, a pelo menos 800 quilômetros da região navegável mais próxima, onde pudesse ser vista por alguém. Mas WASPs são conhecidos pela extravagância ao se vestirem.

Fiquei me perguntando se era apenas uma infeliz coincidência que o Lobo de Wall Street original fosse um debiloide espalhafatoso ou se meu apelido *significava* uma leve comparação de Jordan Belfort a um velho filho da mãe WASP, com um QI de 69, que gostava de molhar a cama. Talvez, pensei com tristeza, talvez.

Era tudo muito triste, e muito deprimente também. O lado bom era que eu vinha passando uma boa quantidade de tempo com Chandler, que acabara de começar a falar. Estava bem claro para mim que minhas suspeitas iniciais foram confirmadas, e minha filha era realmente um gênio. Resistia ao desejo de analisar minha filha por um ponto de vista físico... sabendo muito bem que eu poderia e iria amar cada molécula dela não importando sua aparência. Mas o fato era que ela era absolutamente linda e, com o passar dos dias, ficava cada vez mais parecida com a mãe. Da mesma forma, eu ficava cada vez mais apaixonado por ela, conforme sua personalidade ia se revelando. Ela era uma filhinha do papai, e dificilmente havia um dia sem que eu passasse pelo menos três ou quatro horas com ela, ensinando-lhe novas palavras.

Sentimentos poderosos afloravam dentro de mim, sentimentos que eu não conhecia. Para o melhor ou para o pior, cheguei à conclusão de que nunca amara outro ser humano incondicionalmente... incluindo minhas esposas e meus pais. Foi só então, a partir de Chandler, que entendi o verdadeiro significado da palavra *amor*. Pela primeira vez, entendi por que meus pais sentiam minha dor – literalmente sofrendo ao meu lado –, sobretudo durante minha adolescência, quando eu parecia determinado a desperdiçar meus dons. Finalmente entendi de onde vinham as lágrimas de minha mãe, e agora sabia que eu também derramaria aquelas

mesmas lágrimas se minha filha acabasse fazendo o que eu fizera. Sentia-me culpado por toda a dor que causara a meus pais, sabendo que deve tê-los corroído por dentro. Era amor incondicional, não? Era o amor mais puro de todos, e até agora eu apenas fora a parte receptora.

Nada disso diminuía meus sentimentos pela Duquesa. Ao contrário, ficava me perguntando se poderia algum dia chegar a tal ponto com ela, àquele nível de conforto e confiança em que se pode abaixar a guarda e amar alguém incondicionalmente. Talvez, se tivéssemos mais um filho, pensei. Ou talvez se envelhecêssemos juntos – envelhecer mesmo – e passássemos do ponto em que o corpo físico importava tanto. Talvez aí eu finalmente confiaria nela.

Conforme os dias passavam, procurava em Chandler uma sensação de paz, uma sensação de estabilidade e um propósito para a minha vida. A ideia de ir para a cadeia e ficar longe dela era algo que pairava na base de meu crânio como um peso morto, que não seria retirado até que o agente Coleman terminasse sua investigação e não encontrasse nada. Só então eu descansaria. Eu ainda estava aguardando ouvir algo de Bo, as informações que retirara do agente especial Barsini, mas ele estava tendo dificuldades em entrar em acordo com Barsini.

E então havia a Duquesa. As coisas estavam indo muito bem com ela. Na verdade, agora que eu tinha mais tempo livre, descobri que era muito mais fácil esconder dela meu crescente vício em drogas. Fiz uma programação maravilhosa, em que acordava às cinco da manhã, duas horas antes dela, e tomava meus Ludes matutinos em paz. Então passava por todas as quatro fases do meu barato – formigamento, gagueira, baba, perda de consciência – antes mesmo de ela acordar. Depois disso, assistia a alguns episódios de *A ilha de Gilligan* e *Jeannie é um gênio*, então passava uma hora ou mais brincando com Chandler. Ao meio-dia, encontrava-me com Danny para almoçar no Tenjin, onde podíamos ser vistos por todos os strattonitas.

Depois que a bolsa fechava, Danny e eu nos encontrávamos novamente, quando tomávamos Ludes juntos. Esse era o segundo barato do dia. Em geral voltava para casa mais ou menos às 19h – depois de ficar bem, já tendo passado a fase da baba – e jantava com a Duquesa e Chandler. E, apesar de ter certeza de que a Duquesa sabia o que eu andava fazendo, ela parecia estar fingindo que não via as coisas... feliz, talvez, por eu ao menos me esforçar para não babar em sua presença, o que, mais do que tudo, a enfurecia.

De repente, ouvi um *beep*. "Já está acordado?", perguntou a voz insolente de Janet pelo interfone.

"São 11h, Janet. Lógico que estou acordado!"

"Bem... você ainda não se levantou, então como eu poderia saber?"

Inacreditável! Ela *ainda* não demonstrava nenhum respeito por mim, mesmo agora que trabalhava em minha casa. Era como se ela e a Duquesa estivessem constantemente se juntando contra mim, tirando sarro de mim. Ah, elas fingiam que era tudo de brincadeira, por amor, mas era rude demais.

E baseado em *que* aquelas duas mulheres tiravam sarro de mim? Sério! Apesar de não poder entrar no negócio da corretagem, eu ainda conseguira ganhar 4 milhões de dólares no mês de fevereiro; e, em março, em que pese ser apenas dia 3, eu já ganhara outro milhão. Então não era como se eu fosse alguém vegetando, que apenas ficava na cama o dia todo, fazendo nada.

E que caralho faziam as duas durante o dia todo, hein? Janet passava a maior parte do dia admirando Chandler e fofocando com Gwynne. Nadine passava os dias cavalgando naqueles cavalos idiotas dela, e depois ficava andando pela casa com aquele traje britânico de calça de

equitação verde-limão, camisa de algodão de gola rulê combinando e botas de cavalgar de couro preto brilhante que subiam até os joelhos, enquanto ela espirrava, respirava com dificuldade, tossia e se coçava com suas intratáveis alergias a cavalo. A única pessoa na casa que realmente me entendia era Chandler, e talvez Gwynne, que me servia café da manhã na cama e me oferecia Quaaludes para a dor nas costas.

Falei para Janet: "Bem, estou acordando, então pode parar a porra das suas turbinas. Estou assistindo o Financial News Network".

Janet, a cética: "É mesmo? Eu também. O que o cara está dizendo?".

"Vai se foder, Janet. O que você quer?"

"Alan Chemtob está no telefone; diz que é importante."

Alan Chemtob, também conhecido como Alan Químico, meu confiável traficante de Quaaludes, um verdadeiro pentelho. Não bastava pagar a esse parasita social 50 dólares por Quaalude e ficar em paz. Ah, não! Esse traficante de drogas queria ser amado ou sei lá que caralho ele queria. Quer dizer, esse gorducho deu novo significado à frase *o simpático traficante de drogas da vizinhança*. Ainda assim, tinha os melhores Ludes da cidade: uma verdadeira honra no mundo dos viciados em Quaaludes, com os Ludes vindo de países em que empresas farmacêuticas legítimas ainda podiam fabricá-los.

Sim, era algo triste. Assim como a maioria das drogas recreativas, Quaaludes um dia foram legais nos Estados Unidos, mas acabaram declarados ilegais depois que a Administração de Combate às Drogas ficou sabendo que, para cada prescrição legítima, uma centena era falsificada. Agora havia apenas dois países produzindo Quaaludes: Espanha e Alemanha. E, em ambos os países, o controle era tão estrito que era quase impossível conseguir uma dose considerável.

... e foi por isso que meu coração começou a bater mais forte quando peguei o telefone e Alan Químico falou: "Você não vai acreditar nisso, Jordan, mas encontrei um farmacêutico aposentado que tem 20 Lemmons de verdade, que ficaram trancados em seu cofre por quase 15 anos. Tenho tentado colocar a mão neles há cinco anos, mas ele nunca me deixou chegar perto. Mas ele tem de pagar a mensalidade da faculdade dos filhos, e está disposto a vendê-los por 500 dólares a pílula, então pensei que você pudesse estar intere...".

"Lógico que estou interessado!" Lutei contra a vontade de chamá-lo de babaca de merda por sequer questionar meu interesse. Afinal de contas, havia Quaaludes e *Quaaludes*. Cada marca possuía uma fórmula um pouquinho diferente e, da mesma forma, uma potência um pouquinho diferente. E ninguém os tinha feito *mais corretamente* do que os gênios da Farmacêutica Lemmons, que vendera seus Quaaludes sob o nome de Lemmon 714. Os Lemmons, como eram chamados, tornaram-se lendários, não apenas por sua força, mas pela habilidade que tinham de transformar virgens de uma escola católica em rainhas do boquete. Em consequência, receberam o apelido de *abridores de pernas*. "Vou comprar todas!", disparei. "Na verdade, diga ao cara que, se ele me vender 40, pago mil pratas por pílula, e, se me vender cem, pago 1.500. Isso dá 150 mil dólares, Alan. " Meu Deus, pensei, o Lobo era um homem rico! Lemmons de verdade! Palladins eram considerados os Ludes de verdade, por serem produzidos por uma empresa farmacêutica legítima na Espanha. Assim, se Palladins eram os Verdadeiros, então Lemmons eram... *Verdadeiros Verdadeiros*!

O Químico respondeu: "Ele tem apenas 20".

"Merda! Tem certeza? Você não está escondendo nenhum, está?"

"Lógico que não", respondeu o Químico. "Eu o considero um amigo, e nunca faria isso a um amigo, certo?"

Que perdedor do caralho, pensei. Mas minha resposta foi um pouco diferente: "Concordo plenamente com você, meu amigo. Quando pode vir aqui?".

"O cara só chegará às 16h. Posso passar em Old Brookville por volta das 17h." Então completou: "Mas não se esqueça de não comer".

"Ah, por favor, Químico! Fico ofendido até por você sugerir isso." Com isso, ofereci a ele caminho livre. Desliguei o telefone e me enrolei em meu lençol de seda branco de 12 mil dólares como uma criança que acabara de ganhar um vale-presente da FAO Schwarz.[1]

Fui até o banheiro, abri o gabinete de remédios e tirei uma caixa com a etiqueta *Fleet Enema*. Rasguei-a, desci a cueca até os joelhos e enfiei a ponta da garrafa em meu cu com tanta ferocidade que a senti arranhando o topo do meu cólon. Três minutos depois, todo o conteúdo do meu sistema digestivo inferior saiu pingando. Lá no fundo sabia perfeitamente que isso não aumentaria a intensidade do meu barato, mas ainda parecia uma medida prudente. Então enfiei o dedo na garganta e vomitei o resto do café da manhã.

Sim, pensei, fizera o que qualquer homem sensível faria sob tais circunstâncias extraordinárias, talvez com exceção de enfiar o enema antes de me forçar a vomitar. Mas eu lavara as mãos cuidadosamente em água escaldante, assim me redimi por aquele minúsculo passo em falso.

Então telefonei para Danny e o encorajei a fazer o mesmo, o que, logicamente, ele fez.

ÀS 17 HORAS, Danny e eu estávamos jogando bilhar no porão, aguardando com impaciência Alan Químico. O jogo era sinuca, e Danny estava me destruindo havia quase 30 minutos. Conforme as bolas batiam, Danny difamava o China: "Tenho total certeza de que as ações estão vindo do China. Ninguém tem esse tanto".

As ações a que Danny se referia eram as novas emissões da Stratton, M. H. Meyerson. O problema era que, como parte de minha compensação a Kenny, eu concordara em dar grandes blocos dela a ele. Lógico, as ações foram dadas sob as instruções explícitas de que ele não deveria revendê-las... e, é claro, Victor havia ignorado completamente essas instruções e estava agora revendendo tudo. O que realmente me frustrava era que, por uma característica própria da NASDAQ, era impossível provar tal transgressão. Eram apenas suposições.

Contudo, por eliminação, não era tão difícil juntar dois e dois. O China estava nos fodendo. "Por que você parece tão surpreso?", perguntei com cinismo. "O China é um maníaco depravado. Ele revenderia as ações mesmo que não tivesse de fazê-lo, apenas para nos irritar. De qualquer forma, agora você vê por que lhe falei para manter umas cem mil ações extras. Ele vendeu todas que pode vender, mas você ainda está bem."

Danny concordou com tristeza.

Sorri e falei: "Não se preocupe, amigo. Quanto daquela outra ação você vendeu para ele até agora?"

"Por volta de um milhão de ações."

"Bom. Quando chegar a um milhão e meio, vou acabar com a graça do China, e..."

Fui interrompido pela campainha. Danny e eu olhamos um para o outro e ficamos paralisados, boquiabertos. Alguns instantes depois, Alan Químico veio pulando pelas escadas do porão e

começou sua papagaiada, perguntando: "Como está Chandler?".

Ah, caralho!, pensei. Por que ele não podia ser como qualquer outro traficante de drogas e ficar nas esquinas vendendo drogas para crianças? Por que sentia a necessidade de que gostassem dele? "Ah, ela está bem", respondi calorosamente, *e será que você pode me entregar a porra dos Lemmons*? "Como estão Marsha e as crianças?"

"Ah, Marsha você sabe como é", respondeu, rangendo os dentes como um verdadeiro viciado em coca, que ele era, "mas as crianças estão bem." Rangeu um pouco mais os dentes. "Sabe, realmente gostaria de abrir uma conta para as crianças, se não houver problema. Talvez um fundo universitário ou algo do gênero?"

"Sim, lógico." *Apenas me entregue os Ludes, seu gorducho do caralho!* "Telefone para a assistente de Danny e ela cuidará disso, certo, Dan?"

"Exatamente", respondeu Danny entredentes. Em seu rosto havia um olhar que dizia: "Entregue a porra dos Lemmons ou sofrerá as consequências!".

Quinze minutos depois, Alan finalmente entregou os Ludes. Peguei um e o examinei. Era perfeitamente redondo, um pouco maior que uma moeda de dez centavos, e tinha a grossura de um Pingo D'Ouro. Era branco como a neve... parecia muito simples... e tinha um brilho magnífico, que servia apenas como uma lembrança visível de que, apesar de parecer uma aspirina Bayer, era bem diferente disso. Em um lado da pílula, estava disposta em grossos entalhes a marca: Lemmon 714. No outro havia uma linha fina que percorria todo o diâmetro da pílula. Ao redor da circunferência da pílula estavam os chanfres característicos.

O Químico falou: "É o que há de melhor, Jordan. O que quer que aconteça, não tome mais de uma. Não são como as Palladins... são muito mais fortes".

Garanti a ele que não o faria... e, dez minutos depois, Danny e eu estávamos esperando a chegada do paraíso. Cada um de nós engolira um Verdadeiro Verdadeiro, e estávamos na academia do porão, cercados por espelhos que iam do chão ao teto. A academia era cheia de equipamentos Cybex de última geração e halteres, supinos, bancos e pesos em quantidade suficiente para impressionar Arnold Schwarzenegger. Danny caminhava numa esteira elétrica num ritmo ligeiro; eu estava na StairMaster, escalando, como se o agente Coleman estivesse me perseguindo.

Falei para Danny: "Não há melhor acompanhamento para um Quaalude do que se exercitar, certo?".

"Exatamente, caralho!", exclamou Danny. "Está tudo no metabolismo; quanto mais rápido melhor." Ele se aproximou e pegou uma taça de saquê de porcelana branca. "E, a propósito, isso é genial. Tomar saquê quente depois de consumir um Lemmon verdadeiro é inspirador. Como derramar gasolina numa fogueira furiosa."

Peguei a minha taça de saquê e me aproximei para brindar com Danny. Danny também tentou, mas os dois equipamentos estavam a uns dois metros de distância, e percebemos que era impossível encostarmos as taças.

"Bela tentativa", brincou Danny.

"Pelo menos recebi nota dez por esforço!", brinquei de volta.

Os dois idiotas risonhos brindaram no ar e beberam o saquê.

De repente, a porta se abriu, e lá estava ela: a Duquesa de Bay Ridge, em seu traje de equitação verde-limão. Ela deu um passo agressivo para a frente e assumiu uma pose, com a

cabeça jogada para um lado, os braços dobrados sob os seios, as pernas cruzadas na altura do tornozelo e as costas levemente arqueadas. Então franziu o cenho com suspeita, e falou: “O que vocês, retardados, estão fazendo?”.

Droga! Uma complicação inesperada! “Pensei que você fosse sair com Hope hoje à noite...”, falei de maneira acusativa.

“*Ahh... ahhh... tchim!*”, espirrou minha aspirante a jóquei, abandonando a pose. “Minhas alergias estavam tão ruins que eu tive... tive de... ahhh... tchim!”, espirrou a Duquesa novamente. “Tive de cancelar com Hope.”

“Saúde, jovem Duquesa!”, disse Danny, usando o nome carinhoso de minha esposa.

A resposta da Duquesa: “Se me chamar mais uma vez de Duquesa, Danny, vou jogar essa porra de saquê sobre a sua cabeça”. E então para mim: “Venham aqui, quero falar com vocês sobre uma coisa...”. Virou-se sobre o salto e dirigiu-se para o outro lado do porão, para um sofá gigantesco. Ficava de frente para a quadra de squash, recentemente convertida num showroom de tecidos para sua última inclinação: designer de maternidade.

Danny e eu obedecemos. Sussurrei no ouvido dele: “Já está sentindo alguma coisa?”.

“Nada”, murmurou de volta.

A Duquesa falou: “Estava conversando com Heather Gold hoje, e ela acha que é o momento perfeito para Chandler começar a cavalgar. Quero comprar um pônei para ela”. Ela acenara com a cabeça uma única vez para enfatizar o que dissera. “E eles têm um lá que é muito bonitinho... e nem é tão caro.”

“Quanto?”, perguntei, sentando-me ao lado da Duquesa e me perguntando como Chandler cavalgaria num pônei se ainda nem começara a andar.

“Apenas 70 mil dólares!”, respondeu uma alegre Duquesa. “Nada mal, certo?”

Bem, pensei, se você concordar em fazer sexo comigo enquanto estou sob o efeito do meu Verdadeiro Verdadeiro, comprarei com alegria esse pônei caríssimo para você, mas tudo que falei foi: “Parece uma puta pechincha. Nem sabia que pôneis eram tão caros”. Girei os olhos.

A Duquesa garantiu-me que era assim e, para reforçar seu argumento, aproximou-se de mim para que eu pudesse sentir seu perfume. “Por favor”, disse num tom irresistível, “serei sua melhor amiga.”

Nesse mesmo instante, Janet surgiu descendo as escadas com um grande sorriso no rosto. “Ei, pessoal! Que está acontecendo aqui?”

Ergui a cabeça para Janet e falei: “Desça aqui e entre nessa festa do caralho!”. Obviamente, ela não compreendera o sarcasmo; pouco depois, a Duquesa havia recrutado Janet para seu time, e as duas estavam agora conversando sobre como Chandler ficaria legal cavalgando, num traje de equitação inglês bonitinho, que a Duquesa poderia mandar fazer sob medida por só Deus sabe quanto.

Sentindo a oportunidade, sussurrei para a Duquesa que, se ela fosse para o banheiro comigo e me permitisse fazê-la se curvar sobre a pia, eu ficaria muito feliz em ir pessoalmente ao Estábulo Gold Coast amanhã para comprar o pônei, assim que a apresentação das 11 horas de *A ilha de Gilligan* acabasse, ao que ela cochichou: “Agora?”. Fiz que sim com a cabeça e pedi “por favor” três vezes rapidamente, quando então a Duquesa sorriu e concordou. Pedimos licença por um instante.

Um tanto eufórico, fiz ela se curvar sobre a pia e enfiei nela sem nem um pouquinho de

lubrificação, quando ela gritou, espirrou e tossiu de novo. Falei: “Saúde, meu amor!”. Então dei doze bombadas e gozei dentro dela como um foguete. No total, a coisa toda levara mais ou menos nove segundos.

A Duquesa girou sua linha cabecinha e perguntou: “Só isso? Você acabou?”.

“Ahã”, respondi, esfregando as pontas dos dedos e ainda não sentindo nenhum formigamento. “Por que não sobe lá e usa o vibrador?”

Ainda curvada sobre a pia, a Duquesa falou: “Por que está tão ansioso para se livrar de mim? Sei que você e Danny estão preparando alguma coisa. O que é?

“Nada; apenas conversa de negócios, querida. Só isso.”

“Vai se fuder!”, respondeu uma Duquesa furiosa. “Você está mentindo, e eu sei!” E, com um movimento rápido, ela ergueu-se da pia com os cotovelos, e eu fui para trás, batendo com tudo na porta do banheiro. Então ela subiu suas calças de cavalgar, espirrou, olhou-se no espelho por um segundo, ajeitou o cabelo, empurrou-me para o lado e saiu.

Dez minutos depois, Danny e eu estávamos sozinhos no porão, ainda totalmente sóbrios. Balancei a cabeça, sério, e falei: “São tão velhos que devem ter perdido a potência. Acho que devemos tomar mais um”.

Tomamos e, 30 minutos depois, nada. Nem uma porra de um formigamento!

“Dá pra entender isso?”, disse Danny. “Quinhentas pilas por pílula, e são uma bosta! É um crime! Deixe-me ver a data de validade no frasco”.

Joguei o frasco para ele.

Ele olhou a etiqueta. “Dezembro de 1981!”, exclamou. “Já venceram!” Tirou a tampa e pegou mais dois Lemmons. “Devem ter perdido a potência. Vamos tomar mais um cada um.”

Trinta minutos depois estávamos arrasados. Cada um havia tomado três Lemmons da reserva do chefe e não estávamos sentindo nem um mínimo formigamento.

“Bem, basta!”, esbravejei. “São oficialmente uma bosta.”

“Sim”, concordou Danny. “Assim é a vida, meu amigo.”

De repente, pelo interfone, surgiu a voz de Gwynne: “Sr. Belfort”, *Belforti*, “é Bo Dietl no telefone”.

Peguei o fone. “E aí, Bo, o que está pegando?”

Sua resposta me assustou: “Preciso conversar com você neste exato momento”, disparou, “mas não por essa linha. Vá até um telefone público e me ligue neste número. Tem onde anotar?”

“O que está acontecendo?”, perguntei. “Você falou com Bar...”

Bo me cortou: “Não nessa linha, Bo. Mas a resposta curta é sim, e tenho algumas informações para você. Agora vá pegar uma caneta”.

Um minuto depois, eu estava dentro da minha pequena Mercedes branca, congelando a bunda. Na pressa, esquecera-me de vestir um casaco. Estava muito frio lá fora – pelo menos 15 graus negativos –, e às 19 horas, nessa época do inverno, já estava escuro. Liguei a ignição do carro e me dirigi para os portões de entrada. Fiz uma curva para a esquerda na Pink Oak Court, surpreso por ver uma longa fila de carros estacionados em ambos os lados da rua. Aparentemente alguém do meu quarteirão estava dando uma festa. Maravilha!, pensei. Acabei de gastar 10 mil dólares nos piores Ludes da história e alguém estava fazendo uma porra de celebração!

Meu destino era o telefone público no Brookville Country Club. Ficava a apenas algumas

centenas de 30 à frente, e 30 segundos depois eu estava estacionando na rua. Parei de frente para a recepção do clube e subi uma meia dúzia de degraus de tijolos vermelhos, atravessando um par de colunas coríntias brancas.

Dentro da recepção havia uma fileira de telefones públicos encostados na parede. Escolhi um, disquei o número que Bo me dera e, então, digitei o número do meu cartão de telefone. Depois de alguns toques vieram as notícias terríveis. “Ouça, Bo”, falou Bo, de outro telefone público, “acabei de receber uma ligação de Barsini, e ele me contou que você é o alvo de uma investigação pente-fino de lavagem de dinheiro. Aparentemente esse tal Coleman acha que você tem 20 milhões lá na Suíça. Há uma fonte lá que está passando-lhe informações. Barsini não quis entrar em detalhes, mas, pelo que disse, parece que você foi pego no negócio de outra pessoa, como se você não fosse o alvo inicial, mas que agora Coleman o transformara no alvo principal. O telefone da sua casa provavelmente está grampeado, assim como o da sua casa de praia. Conte para mim, Bo, o que está pegando?”

Respirei fundo, tentando me manter calmo e tentando descobrir o que dizer para Bo... *mas o que havia para ser dito*? Que eu tinha milhões de dólares na conta falsa de Patricia Mellor e que minha própria sogra contrabandeara esse dinheiro para mim? Ou que Todd Garret fora pego porque Danny fora burro o suficiente para dirigir o carro dele sob o efeito de Ludes? Qual seria a vantagem em contar-lhe isso? Nenhuma, pelo que eu sabia. Assim, apenas disse: “Não tenho dinheiro na Suíça. Deve ser algum tipo de engano”.

“O quê?”, perguntou Bo. “Não consegui entender o que você falou. Pode dizer novamente?”

Frustrado, repeti: “Eu dize, não denhu dizero na Zuuza!”.

Parecendo não acreditar, Bo perguntou: “Você está chapado? Não consigo entender uma palavra do que você está dizendo, caralho!”. Então, de súbito, num tom urgente, ele falou: “Ouça, Jordan, não pegue no volante do seu carro! Diga-me onde está e vou mandar Rocco até você! Onde você está, amigo? Fale comigo!”.

De repente, um sentimento de calor veio subindo até o centro do meu cérebro, enquanto cada molécula de meu corpo começou a sentir uma agradável sensação de formigamento. O telefone ainda estava em minha orelha e eu queria falar para Bo que mandasse alguém vir me buscar no Brookville Country Club, mas não consegui fazer meus lábios se moverem. Era como se meu cérebro estivesse enviando sinais, mas eles estivessem sendo interceptados... ou embaralhados. Fiquei paralisado. E senti-me maravilhosamente bem. Olhei para a placa de metal brilhante no telefone público e joguei a cabeça para o lado, tentando encontrar meu próprio reflexo... *Que bonito era o telefone!...* Tão brilhante!... E então, de repente, o telefone pareceu ficar mais distante... O que estava acontecendo?... Aonde o telefone estava indo?... *Ah, merda!...* Eu estava caindo para trás agora, como uma árvore que acabara de ser cortada... *MADEIRA!...* e então... *BUM!* Eu estava deitado de costas, num estado semiconsciente, olhando para o teto da recepção. Era um daqueles tetos de isopor branco furadinho, do tipo que se vê num escritório. Muito simples para um clube de campo!, pensei. Esses porras de WASPs economizam no próprio teto!

Respirei fundo e verifiquei se havia quebrado ossos. Tudo parecia na mais perfeita ordem. Os Verdadeiros Verdadeiros me protegeram de qualquer dano. Levara quase 90 minutos para esses porrinhas agirem, mas, assim que agiram... *UAU!* Passara direto da fase de formigamento para a fase da baba. Na verdade, descobrira uma nova fase, entre a fase da baba e o estado de inconsciência. Era a... que era isso? Precisava de um nome para essa fase. Era a fase da paralisia

cerebral! Sim! Meu cérebro não mais enviava sinais claros para meu sistema músculo-esquelético. Uma nova fase maravilhosa! Meu cérebro estava ágil como uma raposa, mas eu não tinha controle sobre meu corpo! Bom demais! Bom demais!

Com muito esforço, virei o pescoço para o lado e vi o telefone ainda balançando para a frente e para trás com seu cordão metálico brilhante. Pensei ouvir a voz de Bo gritando: "Diga-me onde está e vou enviar Rocco!", apesar de ser provavelmente minha imaginação brincando comigo. *Foda-se!*, pensei. Qual era o sentido em tentar voltar para o telefone, de qualquer forma? Eu oficialmente perdera o poder da fala.

Depois de cinco minutos no chão, dei-me conta de que Danny devia estar na mesma condição. Ah, merda! A Duquesa deve estar louca neste exato momento... tentando imaginar aonde eu teria ido! Eu precisava voltar para casa. Ficava a apenas algumas centenas de metros, um tiro direto. Eu podia dirigir, não? Ou talvez devesse andar até minha casa. Mas, não, estava muito frio para isso. Eu provavelmente morreria de ulceração em razão do frio.

Girei para ficar de quatro e tentei me levantar, mas não funcionou. Toda vez que tirava as mãos do carpete, eu caía para o lado. Teria de *engatinhar* de volta para o carro. Mas qual a vergonha disso? Chandler engatinhava, e ela parecia não ficar nem um pouco envergonhada por isso.

Quando cheguei à porta, fiquei de joelhos e agarrei a maçaneta. Puxei a porta e engatinhei para fora. Lá estava meu carro... dez degraus abaixo. Apesar de tentar, meu cérebro recusava-se a me permitir engatinhar pelos degraus, com medo do que poderia acontecer. Então fiquei de bruços, enfiei as mãos sob o peito, transformei-me num barril humano e comecei a rolar pela escada... lentamente de início... totalmente controlado... e então... ah, merda!... Lá vou eu... Mais rápido... mais rápido... *b-bum... b-bum...* caí no estacionamento de asfalto com um estrondo enorme.

Mas, novamente, os Verdadeiros Verdadeiros evitaram que eu me machucasse, e 30 segundos depois eu estava sentado ao volante com a ignição ligada, o carro em ponto morto e o queixo deitado sobre o volante. Acorcundado como estava, com meus olhos mal aparecendo sobre o painel, eu parecia uma daquelas senhoras de cabelo azul que dirigiam na pista esquerda da estrada, a 50 por hora.

Saí do estacionamento, a cinco quilômetros por hora e fazendo uma oração silenciosa para Deus. Aparentemente, ele era um Deus gentil e amável, assim como diziam as cartilhas, porque um minuto depois eu estava na frente da minha casa, inteiro. *Vitória!* Agradeci ao Senhor por ser o Senhor, e, com um enorme esforço, engatinhei até a cozinha, quando me vi de frente para o belo rosto da Duquesa... *Uh-oh! Estava ferrado!*... Quão furiosa estava ela? Era impossível dizer.

E então, de repente, percebi que ela não estava furiosa. Na verdade, estava chorando histericamente. A cena seguinte de que me lembro era ela agachada, dando-me beijos calorosos por todo o rosto e no topo da minha cabeça, enquanto tentava falar entre as lágrimas. "Ah, graças a Deus você está em casa são e salvo, querido! Pensei que tivesse te perdido! Eu... eu...", ela parecia não conseguir pronunciar as palavras, "eu te amo tanto. Pensei que você tivesse batido o carro. Bo telefonou aqui e disse que estava falando com você e que você havia desmaiado. Desci para encontrá-lo e Danny estava de quatro, batendo nas paredes. Aqui, deixe-me ajudá-lo, querido." Ela me levantou, conduziu-me até a mesa da cozinha e colocou-me numa cadeira. Um segundo depois minha cabeça bateu na mesa.

“Você precisa parar de fazer isso”, implorou. “Você vai se matar, amorzinho. Eu... eu não posso te perder. Por favor, olhe para sua filha; ela te ama. Você vai morrer se continuar com isso.”

Olhei para Chandler, minha filha e eu nos encaramos, e ela sorriu. “Papa!”, falou. “Oi, Papa!”

Sorri para minha filha e estava prestes a gaguejar *Eu te amo* para ela, quando de repente senti um par de braços poderosos puxando-me de minha cadeira e arrastando-me para cima.

Rocco Noite falou: “Sr. Belfort, o senhor tem de ir para a cama e dormir já. Tudo vai ficar bem”.

Rocco Dia completou: “Não se preocupe, sr. B. Vamos cuidar de tudo”.

Que diabos eles estavam falando? Queria perguntar a eles, mas não conseguia pronunciar as palavras. Um minuto depois, eu estava sozinho na cama, ainda totalmente vestido com os lençóis sobre a cabeça e as luzes do quarto apagadas. Respirei fundo, tentando compreender tudo. Era irônico a Duquesa ter sido tão gentil comigo, porém ela chamara os guarda-costas para virem me trazer para cima, como se eu fosse uma criança levada. Bem, foda-se!, pensei. A câmara real era muito confortável, e eu curtiria o resto da fase de paralisia cerebral aqui, flutuando entre a seda chinesa.

De repente, as luzes do quarto se acenderam. Um instante depois, alguém puxou meus gloriosos lençóis de seda branca e eu franzi a testa com uma lanterna extremamente forte.

“Sr. Belfort”, disse uma voz desconhecida, “o senhor está acordado?”

Senhor?... Quem estava me chamando de senhor, caralho?... Após alguns segundos, meus olhos se acostumaram à luz e descobri. Era um policial – dois deles, na verdade – da delegacia de Old Brookville. Trajavam a parafernália completa: armas, algemas, distintivos brilhantes. Um deles era grande e gordo com um bigode inclinado para baixo; o outro, baixo e forte, com a pele vermelha de um adolescente.

De repente, senti uma terrível nuvem negra fechando-se sobre mim. Algo estava muito errado aqui. O agente Coleman certamente trabalhara rápido! Eu já estava sendo preso, e a investigação mal começara! O que aconteceu com a lentidão das rodas da justiça? E por que o agente Coleman usaria a polícia de Old Brookville para me prender? Eram como tiras de brinquedo, pelo amor de Deus, e a delegacia deles era como Mayberry RFD.[2] Era assim que as pessoas eram presas por lavagem de dinheiro?

“Sr. Belfort”, disse o policial, “o senhor estava dirigindo seu carro?”

Uh-oh! Chapado como estava, meu cérebro começou a enviar sinais de emergência para minha caixa vocal, instruindo-a a ficar calada. “Non zei do que vozê ta flando”, disse.

Aparentemente aquela resposta não deu muito certo, e a próxima coisa de que me lembro era estar sendo conduzido pela minha escada em espiral com as mãos algemadas atrás das costas. Quando cheguei à porta, o policial gordo falou: “O senhor teve vários acidentes de carro, sr. Belfort: seis deles foram bem aqui em Pin Oak Court, e o outro foi uma colisão de frente na Chicken Valley Road. A motorista está a caminho do hospital neste exato momento com um braço quebrado. O senhor está preso, sr. Belfort, por dirigir embriagado, por colocar a vida de outros em perigo e por abandonar a cena do acidente”. Depois leu meus direitos. Quando chegou à parte sobre não ter possibilidade de pagar um advogado, ele e seu parceiro abafaram o riso.

Mas sobre o que estavam falando? Não houve nenhum acidente comigo, muito menos sete

acidentes... Deus respondeu à minha oração e me protegeu! Eles pegaram a pessoa errada! Um caso de identidade trocada, pensei...

... até que vi minha pequena Mercedes, e então meu queixo caiu. O carro estava totalmente destruído, do capô ao porta-malas. O lado do passageiro, o qual eu via agora, estava totalmente amassado, e a roda traseira estava virada para dentro num ângulo agudo. A frente do carro parecia um acordeão, e o para-choque traseiro estava pendurado. De repente, fiquei tonto... e meus joelhos falharam... e a coisa seguinte que lembro... *bam!*... estava no chão novamente, olhando para o céu noturno.

Os dois policiais agacharam-se sobre mim. O gordo disse, num tom preocupado: "Sr. Belfort, o que o senhor tomou? Conte-nos para que possamos ajudá-lo".

Bem, pensei, se você fizer a gentileza de subir até o meu gabinete de remédios, encontrará um saquinho plástico com dois gramas de cocaína. Por favor, traga-o até mim e permita-me dar alguns tiros para que eu possa ficar bem, ou, caso contrário, vocês me levarão até a delegacia como um bebê! Mas meu bom senso prevaleceu e tudo que falei foi: "Vuzês begaru u garra eirado!". – *Vocês pegaram o cara errado.*

Os dois policiais se olharam e deram de ombros. Ergueram-me pelos braços e conduziram-me até o carro de polícia.

De repente, a Duquesa surgiu correndo, gritando com seu sotaque do Brooklyn: "Para onde acham que estão levando meu marido, caralho? Ele ficou em casa comigo a noite toda! Se não o soltarem, ambos estarão trabalhando numa loja de brinquedos na semana que vem!".

Virei-me e olhei para a Duquesa. Ela estava ladeada por um Rocco em cada lado. Os dois policiais pararam. O policial gordo disse: "Sra. Belfort, sabemos quem é o seu marido e temos diversas testemunhas de que ele estava dirigindo o carro. Sugiro que telefone para um dos advogados. Tenho certeza de que ele tem muitos". Com isso, o policial voltou a me conduzir até o carro de polícia.

"Não se preocupe", berrou a Duquesa, enquanto eu era colocado no banco traseiro da viatura. "Bo disse que cuidará disso, querido! Eu te amo!"

Enquanto a viatura saía da minha residência, eu só conseguia pensar em quanto amava a Duquesa e, também, em quanto ela me amava. Pensei em como ela chorara quando achou que havia me perdido e como me defendeu quando os policiais estavam me levando algemado. Talvez agora, de uma vez por todas, ela finalmente se provara para mim. Talvez agora, de uma vez por todas, eu poderia dormir em paz... sabendo que ela estaria ao meu lado nos momentos bons e nos momentos ruins. Sim, pensei, a Duquesa realmente me amava. Foi uma viagem curta até a delegacia de Old Brookville, que parecia mais uma casa particular esquisita do que qualquer outra coisa. Era branca, com persianas verdes. O lugar parecia bastante tranquilo, na verdade. Seria um lugar bom, pensei, para dormir depois de uma viagem de Quaalude.

Dentro havia duas celas, e rapidamente me vi sentado em uma delas. Na verdade, eu não estava sentado; estava deitado no chão com o rosto contra o concreto. Lembrei-me vagamente de ter sido fichado: pegar as digitais, ser fotografado e, no meu caso, filmado, para servir como prova do meu estado extremo de intoxicação.

"Sr. Belfort", falou o policial com sua barriga saindo por cima do cinto como um rolo de salame, "precisamos pegar uma amostra de urina."

Sentei-me, de repente percebendo que não estava mais chapado. A real beleza dos

Verdadeiros Verdadeiros surgira mais uma vez, e eu estava agora totalmente sóbrio. Respirei fundo e disse: “Não sei o que acham que estão fazendo, mas, a não ser que eu possa fazer um telefonema neste exato momento, terão um problema filho da puta para resolver”.

Isso pareceu abalar o canalha, que falou: “*Bem*, vejo que o que quer que o senhor tenha tomado finalmente passou. Ficarei feliz em permitir que o senhor saia de sua cela, sem algemas, se prometer não correr”.

Concordei com isso. Ele abriu a porta da cela e apontou para um telefone numa mesinha de madeira. Disquei para o número da casa do meu advogado, resistindo contra o desejo de pensar por que eu sabia de cabeça o telefone da casa do meu advogado.

Cinco minutos depois, eu estava mijando num copinho, perguntando-me por que Joe Fahmegghetti, meu advogado, dissera-me para não me preocupar se o teste desse positivo para drogas.

Eu estava de volta à minha cela, sentado no chão, quando o policial disse: “Bem, sr. Belfort, caso o senhor esteja se perguntando, o teste deu positivo para cocaína, metaqualone, benzodiazepinas, anfetaminas, metilenodioximetanfetamina, êxtase, opiato e maconha. Na verdade, a única coisa que não está aparecendo são alucinógenos. Qual o problema, não gosta desse tipo?”.

Dei-lhe um sorriso falso e respondi: “Deixe-me contar-lhe uma coisa, sr. policial. Em relação a toda essa coisa de direção, você pegou a porra do cara errado, e, quanto ao teste de drogas, não dou a mínima para o que ele diz. Minhas costas doem, e tudo que tomo é prescrito por um médico. Então vai se foder!”.

Ele me encarou, descrente. Então olhou seu relógio e deu de ombros. “Bem, de qualquer forma, é muito tarde para tribunais noturnos... assim, teremos de levá-lo para o cartório central no município de Nassau. Acho que o senhor nunca esteve lá, esteve?”

Resisti contra a vontade de mandar o canalha gordo ir se foder novamente, virei o rosto e fechei os olhos. A prisão do município de Nassau parecia um verdadeiro buraco dos infernos, mas o que eu podia fazer? Olhei para o relógio de parede: pouco antes das 23 horas. Merda! Eu passaria a noite na cadeia. Desagradável pra caralho!

Novamente fechei os olhos e tentei apagar para dormir. Então escutei meu nome sendo chamado. Levantei-me e olhei através das barras... e tive uma visão um tanto bizarra. Havia um senhor careca em pijamas de listrinhas me encarando.

“O senhor é Jordan Belfort?”, perguntou, irritado.

“Sim, por quê?”

“Sou o juiz Stevens. Sou amigo de um amigo. Considere isso sua acusação. Presumo que esteja disposto a desistir de seus direitos a um advogado, certo?” Ele piscou.

“Sim”, respondi, empolgado.

“Está bem, vou entender isso como uma alegação de inocência para o que quer que você esteja sendo acusado. Estou liberando-o sob sua própria fiança. Ligue para Joe para descobrir qual o dia em que deverá comparecer ao tribunal.” Então, sorriu, deu um giro e saiu da delegacia.

Alguns minutos depois, encontrei Joe Fahmegghetti me aguardando na frente da delegacia. Mesmo a essa hora da noite, ele estava vestido como um dândi engomado, num terno marinho impecável e gravata listrada. Seu cabelo grisalho estava perfeitamente penteado. Sorri para ele e

ergui um dedo, como se dissesse: “Espere um segundo!”. Então retornei para a delegacia e falei para o policial gordo: “Com licença!”.

Ele ergueu a cabeça. “Sim?”

Mostrei-lhe o dedo do meio e disse: “Você pode pegar seu cartório central e enfiá-lo no cu!”.

Na volta para casa, falei para meu advogado: “Tenho um problema sério por causa daquele exame de urina, Joe. Deu positivo para tudo”.

Meu advogado deu de ombros. “Com o que está preocupado? Acha que eu o orientaria errado? Eles não o encontraram no carro, encontraram? Então, como podem provar que essas drogas estavam no seu corpo enquanto você estava dirigindo? Quem pode dizer que você não entrou pela porta de casa, tomou alguns Ludes e deu uns tirinhos de coca? Não é ilegal ter drogas no corpo; é apenas ilegal possuí-las. Na verdade, estou disposto a apostar que vou conseguir apagar todo o boletim de ocorrência baseado no fato de Nadine nunca ter dado permissão à polícia para entrar na sua propriedade, para início de conversa. Você apenas terá de pagar pelos danos aos outros carros... estão apenas acusando você por um acidente, porque não havia testemunhas nos outros... e então terá de subornar a mulher cujo braço quebrou. A coisa toda não irá lhe custar mais de cem mil.” Ele deu de ombros, como se dissesse: “Dinheiro de troco!”.

Concordei com a cabeça. “Onde encontrou aquele juiz maluco? Ele foi um verdadeiro salva-vidas!”

“Não queira saber”, respondeu meu advogado, revirando os olhos. “Vamos apenas dizer que ele é amigo de um amigo”.

O restante da viagem ocorreu em silêncio. Quando chegamos à minha residência, Joe disse: “Sua esposa está na cama, bastante abalada. Então vá devagar com ela. Ela está chorando há horas, mas acho que agora já se acalmou bastante. De qualquer forma, Bo ficou aqui com ela a maior parte da noite, e ele foi muito prestativo. Saiu há uns 15 minutos”.

Aquiesci novamente, sem falar nada.

Joe completou: “Apenas se lembre de uma coisa, Jordan. Um braço quebrado é uma coisa, mas ninguém pode consertar um corpo morto. Entende o que estou dizendo?”.

“Sim, Joe, nem tem como discutir. Parei com toda essa merda. De uma vez por todas.” Apertamos as mãos, e ficou assim.

No andar de cima, na suíte principal, encontrei a Duquesa deitada na cama. Inclinei-me e beijei-a na bochecha, então rapidamente me despi e deitei na cama ao seu lado. Ficamos olhando para a seda branca no topo da cama, nossos corpos pelados tocando-se nos ombros e quadris. Agarrei sua mão e segurei-a na minha.

Com uma voz suave, falei: “Não me lembro de nada, Nae. Apaguei. Acho que eu...”.

Ela me cortou: “Shhh, não fale, querido. Apenas fique deitado e relaxe”. Ela agarrou minha mão com mais força, e ficamos lá deitados em silêncio pelo que pareceu um bom tempo.

Apertei sua mão. “Parei, Nae. Juro. E dessa vez estou falando muito sério. Quero dizer, se isso não foi um sinal divino, então não sei o que foi.” Inclinei-me e beijei-a com delicadeza na bochecha. “Mas tenho de fazer alguma coisa em relação à minha dor nas costas. Não posso mais viver dessa forma. É insuportável. E está interferindo em tudo.” Respirei fundo e tentei me acalmar. “Quero ir para a Flórida e ver o dr. Green. Ele tem uma clínica de costas lá, e tem uma alta taxa de cura. Mas, o que quer que aconteça, prometo que parei com as drogas de uma vez por todas. Sei que Quaaludes não são a solução; sei que acabará em desastre.”

A Duquesa virou-se para o lado para me encarar, colocou o braço em meu peito e abraçou-me delicadamente. Então me disse que me amava. Beijei-a no topo de sua cabeça loira e respirei fundo para saborear seu perfume. Então disse a ela que a amava também e que sentia muito. Prometi que nada do estilo aconteceria novamente.

Eu estava certo quanto a isso.

Aconteceria algo pior.

---

1 Grande loja de brinquedos em Nova York, fundada em 1870, que aparece no filme *Quero ser grande*, com Tom Hanks. (N. T.)

2 Seriado da televisão americana. (N. T.)

CAPÍTULO 26

HOMENS MORTOS NÃO FALAM

Duas manhãs depois, acordei com uma ligação da corretora imobiliária licenciada na Flórida, Kathy Green, esposa do mundialmente conhecido neurocirurgião dr. Barth Green. Eu incumbira Kathy de encontrar para mim e para a Duquesa um lugar para viver enquanto eu estivesse passando pelo programa de quatro semanas no Hospital Jackson Memorial, como paciente externo.

"O senhor e Nadine irão adorar Indian Creek Island", disse a bondosa Kathy. "É um dos lugares mais silenciosos para se viver em toda Miami. É *bem* serena e *bem* pacata. Eles até têm sua própria polícia; dada a preocupação com segurança que o senhor e Nadine têm, é mais uma vantagem."

Quieta e pacata? Bem, eu estava tentando me afastar de tudo, não estava? Quantos danos eu poderia causar em breves quatro semanas, principalmente num lugar tão chato e pacífico como Indian Creek Island? Um lugar onde eu ficaria isolado das pressões de um mundo frio e cruel, ou seja: Quaaludes, cocaína, crack, baseados, Xanax, Valium, Ambien, *speed*, morfina e, lógico, o agente especial Gregory Coleman.

Falei: "Bem, Kathy, parece um lugar exatamente como o médico mandou, sobretudo a parte sobre ser um lugar pacífico. Como é a casa?".

"A casa é de tirar o fôlego. É uma mansão mediterrânea branca com telhado de tijolos vermelhos, e há um cais grande o suficiente para um iate de oito pés..." A voz de Kathy sumiu por um instante. "... o que, imagino, não sirva perfeitamente para o *Nadine*, mas talvez o senhor possa comprar um barco enquanto estiver aqui, certo? Tenho certeza de que Barth pode ajudá-lo com isso." A lógica de sua sugestão maluca ecoava pela linha telefônica a cada palavra. "De qualquer forma, o quintal é fabuloso; tem uma piscina olímpica, uma cabana, um bar na piscina, uma churrasqueira a gás e uma *jacuzzi* para seis pessoas com vista para a baía. É absolutamente perfeita para se divertir. E a melhor parte é que o proprietário está disposto a vender a casa, totalmente mobiliada, por apenas 5,5 milhões de dólares. É uma baita pechincha."

Espere um pouco! Quem falou alguma coisa sobre querer comprar uma casa? Eu apenas ficaria quatro semanas na Flórida! E por que consideraria a ideia de adquirir outro barco quando desprezava o que já tinha? Falei: "Para dizer-lhe a verdade, Kathy, não pretendo comprar uma casa neste momento, pelo menos não na Flórida. Acha que o proprietário consideraria alugá-la por um mês?".

"Não", respondeu uma triste Kathy Green, cujas esperanças e sonhos de uma comissão imobiliária de 6% numa venda de US$ 5,5 milhões acabavam de se evaporar bem à sua frente. "Está anunciada apenas para venda."

"Hmmm...", respondi, não muito convencido do fato. "Por que não oferece ao cara cem mil pelo mês e vê o que ele diz?"

NO DIA DA MENTIRA, primeiro de abril, eu estava me mudando e o proprietário estava saindo

– alegre e sorridente, sem dúvida, direto para um hotel cinco estrelas em South Beach para passar o mês. Além disso, o Dia da Mentira era a data perfeita para a mudança, dada minha descoberta de que Indian Creek Island era um santuário para uma espécie em extinção pouco conhecida chamada WASP velha de cabelo azul, a qual, como Kathy previamente indicara, era tão cheia de vida quanto um caramujo.

Vendo as coisas pelo lado bom, no período entre meu acidente de automóvel e a clínica para as costas, consegui ir rapidamente até a Suíça a fim de me encontrar com Saurel e o Mestre em Falsificações. Meu objetivo era descobrir como o FBI soubera de minhas contas suíças. Para minha surpresa, porém, tudo parecia estar em ordem. O governo americano não fizera nenhuma investigação... e tanto Saurel como o Mestre em Falsificações garantiram-me que seriam os primeiros a saber caso tivesse feito.

Indian Creek Island ficava a apenas 15 minutos de carro da clínica para as costas. E não havia carência de carros; a Duquesa cuidara disso, enviando uma Mercedes novíssima para mim e um Range Rover para ela. Gwynne viera para Miami também, para cuidar de minhas necessidades, e ela também precisava de um carro. Por isso, comprei para ela um Lexus novo, de um vendedor de carros de Miami.

Logicamente, Rocco teve de vir também. Ele fazia parte da família, não? E Rocco *também* precisava de um carro; assim, Richard Bronson, um dos proprietários da Biltmore, poupou-me da dor de cabeça de comprar mais um carro e emprestou-me sua Ferrari conversível vermelha durante o mês. Dessa forma, todos estavam cobertos.

Com muitos carros para se escolher, minha decisão de alugar um iate motorizado de seis pés para me levar e trazer da clínica tornou-se ridícula. Custava 20 mil dólares por semana para quatro motores a diesel, uma cabine bem ajeitada em que eu nunca colocava os pés e um convés superior sem cobertura, que resultou numa queimadura de sol de terceiro grau nos meus ombros e pescoço. O barco ficou completo com um velho capitão de cabelos brancos, que me levava e trazia da clínica numa velocidade média de cinco nós.

Nesse momento em particular, estávamos na Hidrovia Intercostal, rumo norte, voltando para Indian Creek Island. Era um sábado, pouco antes do meio-dia, e estávamos fazendo barulho havia quase uma hora. Eu estava sentado no convés superior com o chefe de operações da Dollar Time, Gary Deluca, que tinha uma semelhança impressionante com o presidente Grover Cleveland. Gary era careca, grande, com rosto triste e queixo quadrado, e extremamente peludo, sobretudo no peito. Nesse instante, ambos estávamos sem camisa e tomávamos sol. Eu estava sóbrio havia quase um mês, o que era um verdadeiro milagre.

Logo cedo, Deluca acompanhara-me no meu passeio matutino de barco até a clínica. Era uma forma de ele conseguir um tempo útil sem interrupções, e nossa conversa rapidamente se transformou numa sessão de reclamações mútuas sobre a Dollar Time, cujo futuro, concordamos, era sem esperança.

Mas nenhum dos desastres da Dollar Time era culpa de Deluca. Ele viera depois dos fatos – parte de uma equipe de salvação – e, nos últimos seis meses, provara ser um cara de operações de primeira linha. Eu já o convencera a se mudar para Nova York e tornar-se o chefe de operações da Sapatos Steve Madden, que precisava desesperadamente de alguém com seu conhecimento operacional.

Havíamos discutido tudo aquilo mais cedo, rumo sul. Agora, rumo norte, discutíamos algo que

eu considerava infinitamente mais preocupante: o que ele achava de Gary Kaminsky, diretor financeiro da Dollar Time, o mesmo diretor financeiro que me apresentara a Jean Jacques Saurel e ao Mestre em Falsificações havia quase um ano.

"Como eu estava dizendo", Deluca falava por trás de um par de óculos de sol extravagantes, "há algo estranho nele que não consigo saber exatamente o que é. É como se ele tivesse um objetivo diferente, que não tem nada a ver com a Dollar Time. Como se o lugar fosse uma fachada para ele. Quer dizer, um cara da idade dele deveria ficar maluco quando a empresa estivesse caindo pelas tabelas, porém ele parece não se importar nem um pouco. Fica boa parte do dia tentando me explicar como poderia desviar nossos lucros para a Suíça, o que me deixa com vontade de arrancar a porra da peruca dele, considerando que não temos nenhum lucro para desviar." Gary deu de ombros. "De qualquer forma, cedo ou tarde, vou descobrir o que aquele canalha está tramando."

Concordei com a cabeça lentamente, percebendo que minhas primeiras impressões sobre Kaminsky foram direto ao ponto. O Lobo fora muito perspicaz ao não permitir que aquele canalha de peruca infectasse meus negócios no exterior. Porém, eu ainda não estava certo de que Kaminsky não era confiável, por isso resolvi testar Deluca. "Concordo plenamente com você. Ele é totalmente obcecado por essa coisa de bancos suíços. Na verdade, foi ele quem deu a ideia para mim." Fiz uma pausa, vasculhando a memória. "Talvez há um ano, acho. De qualquer forma, fui lá com ele para verificar, mas me pareceu que haveria problemas demais, portanto desisti da ideia. Ele chegou a mencionar algo a você?"

"Não, mas sei que ele tem um bocado de clientes lá. Ele é bem discreto quanto a isso, apesar de ficar no telefone com a Suíça o dia todo. Sempre procuro verificar a conta telefônica, e ele deve fazer uma meia dúzia de telefonemas para o exterior por dia." Deluca balançou a cabeça, sério. "O que quer que esteja fazendo, é melhor que seja algo correto, porque, se não for e o telefone dele estiver grampeado, terá problemas sérios."

Abaixei os cantos da minha boca e dei de ombros, como se dissesse: "Bem, isso é problema dele, não meu!". Mas a verdade era que, se ele estivesse em contato constante com Saurel e o Mestre em Falsificações, eu teria problemas. Falei casualmente: "Apenas por curiosidade, por que você não pega os registros de ligações e vê se ele está sempre ligando para os mesmos números? Se estiver, faça algumas ligações sem se identificar e descubra com quem ele está falando. Eu gostaria de saber isso, está bem?".

"Sem problemas. Assim que voltarmos para casa, pego o carro e dou uma passada rápida no escritório."

"Não seja ridículo; os registros de ligações ainda estarão lá na segunda." Sorri para reforçar minha falta de preocupação. "De qualquer forma, Elliot Lavigne já deve estar em casa, e quero muito que vocês se conheçam. Ele o ajudará bastante na reconstrução das operações da Steve Madden."

"Ele não é meio maluco?", perguntou Deluca.

"Meio? O cara é insano pra caralho, Gary! Mas, por acaso, é um dos caras mais inteligentes na indústria de roupas... talvez *o mais* inteligente. Você apenas precisa pegá-lo na hora certa, quando não está gaguejando, urrando, viajando ou pagando dez mil para uma puta abrir as pernas sobre uma mesa de vidro e dar uma cagada sobre ele enquanto ele bate uma punheta."

CONHECI ELLIOT LAVIGNE quatro anos atrás, quando eu estava de férias nas Bahamas com Kenny Greene. Estava deitado à piscina do Hotel e Cassino Crystal Palace quando Kenny veio correndo até mim. Lembro-me de ele berrando algo como: "Vamos! Você precisa ir para o cassino já, conhecer esse cara! Ele já ganhou mais de 1 milhão de dólares, e não é muito mais velho que você".

Apesar de ser meio cético quanto à versão de Kenny das coisas, pulei da minha cadeira de descanso e dirigi-me para o cassino. No caminho, perguntei: "O que esse cara faz para viver?".

"Perguntei para um dos funcionários do cassino", respondeu Cabeça Quadrada, cujo conhecimento do idioma inglês não incluía as palavras *distribuidor de cartas* ou *crupiê*, "e disseram-me que ele é o presidente de uma empresa grande da indústria de vestuários."

Dois minutos depois, eu estava observando esse jovem empresário, totalmente estupefato. Em retrospecto, é difícil dizer o que me incomodou mais: a imagem do arrojado jovem Elliot – que não apenas estava apostando 10 mil dólares por mão, mas tinha toda a mesa de *blackjack* para si e estava jogando todas as sete mãos de uma vez só, ou seja, arriscava 70 mil a cada embaralhada – ou a imagem da sua esposa, Ellen, que parecia não ter mais de 35 anos, porém já com uma aparência que nunca vira antes, ou seja, a aparência dos incrivelmente ricos e incrivelmente esfomeados.

Isso me deixou chocado. Assim, fiquei observando essas duas anomalias por uns 15 minutos. Formavam um casal estranho. Ele era baixinho, muito bonito, com cabelo castanho frondoso na altura dos ombros e um senso de estilo tão fabuloso que podia andar de fraldas e gravata-borboleta e ainda se juraria que era a última moda.

Ela, por outro lado, era baixa e tinha um rosto fino, nariz fino, bochechas caídas, cabelo loiro tingido, pele enrugada e bronzeada, olhos muito próximos e um corpo emagrecido quase à perfeição. Imaginei que deveria ter uma das melhores personalidades do mundo: uma esposa amável, protetora, das melhores... Afinal de contas, por que outro motivo esse jovem bonito, que apostava com a segurança e a pretensão do 007, ficaria atraído por ela?

Eu estava um pouquinho enganado.

No dia seguinte, Elliot e eu acabamos nos encontrando na piscina. Passamos rapidamente pelas apresentações de sempre e entramos no assunto do que cada um fazia para viver, quanto ganhávamos e como chegáramos a esse ponto em nossa vida.

Elliot, como fiquei sabendo, era o presidente da Perry Ellis, uma das mais importantes empresas de roupas masculinas no Distrito de Vestuários em Nova York. Na verdade, ele não era proprietário da empresa; era uma divisão da Salant, uma empresa pública que negociava na Bolsa de Valores de Nova York. Assim, em essência, Elliot era um empregado assalariado. Quando me contou seu salário, quase caí da minha cadeira de descanso: apenas 1 milhão de dólares por ano, mais um pequeno bônus de algumas centenas de milhares, baseado nos lucros. Era uma soma ínfima, no meu ponto de vista... principalmente com seu gosto por apostas de alto valor. Para falar a verdade, ele parecia apostar o salário de dois anos toda vez que se sentava na mesa de *blackjack*! Não sabia se devia ficar impressionado ou desdenhoso. Preferi ficar impressionado.

Porém, ele dera uma pista sobre uma fonte adicional de renda com a Perry Ellis... um golpe, por assim dizer, ligado à produção de camisas, que estavam sendo feitas no exterior, no Oriente. E, apesar de não ter entrado em detalhes, consegui ler nas entrelinhas. Ele estava desviando

dinheiro das fábricas. Porém, mesmo que estivesse desviando três ou quatro milhões por ano, era apenas uma fração do que eu estava ganhando.

Antes de partir, trocamos números de telefone e prometemos que nos encontraríamos nos Estados Unidos. O assunto das drogas nunca veio à tona.

Encontramo-nos para almoçar uma semana depois, num ponto de encontro no famoso Distrito de Vestuários. Cinco minutos depois de termos nos sentado, Elliot colocou a mão dentro do bolso interior do terno e puxou um saquinho plástico cheio de cocaína. Mergulhou um prendedor de gravata da Perry Ellis dentro; com um movimento fluido, trouxe-o até o nariz e deu um tiro. Então repetiu o processo mais uma vez, e então mais uma vez, e mais uma vez. Porém, ele fizera isso com tanta delicadeza – e com tamanho relaxamento – que ninguém no restaurante percebeu.

Então ele me ofereceu o saquinho. Rejeitei, dizendo: "Você é louco? Ainda estamos de dia!", ao que ele respondeu: "Apenas cale a boca e faça", ao que eu respondi: "Lógico, por que não?".

Um minuto depois, eu estava me sentindo maravilhosamente bem, e quatro minutos depois disso eu estava me sentindo miseravelmente mal, rangendo os dentes de maneira incontrolável e desesperado por um Valium. Elliot ficou com pena de mim. Colocou a mão no bolso da calça, puxou dois Quaaludes amarronzados e falou: "Pegue, tome isso; são ilegais, mas há Valium neles".

"Tomar Ludes agora?", perguntei, incrédulo. "Durante o dia?"

Ele respondeu: "Sim", e disparou, "por que não? Você é o chefe. Quem vai falar alguma coisa?", e puxou mais alguns Ludes, engolindo as pílulas com um sorriso. Então se levantou e começou a dar pulinhos no meio do restaurante para acelerar a sensação de prazer. Tomei meus Ludes, já que ele parecia saber exatamente o que estava fazendo.

Alguns minutos depois, um homem musculoso entrou no restaurante, chamando muita atenção. Ele parecia ter 60 e poucos anos, e cheirava a riqueza. Elliot falou para mim: "Esse cara vale meio bilhão. Mas veja como é feia a gravata dele". Com isso, Elliot pegou uma faca de carne e andou até o figurão, abraçou-o e então cortou sua gravata, no meio do restaurante lotado. Depois, retirou sua própria gravata, que era magnífica, levantou o colarinho do figurão, colocou sua gravata ao redor do pescoço dele e fez um nó Windsor perfeito em menos de cinco segundos, ao que o figurão o abraçou e lhe agradeceu.

Uma hora mais tarde, estávamos os dois transando com prostitutas, e Elliot me apresentou à minha primeira Blue Chip. E, apesar de eu ter um problema terrível em conseguir ereções sob o efeito de coca, a Blue Chip realizou sua magia oral em mim, e eu gozei como louco... pagando a ela 5 mil dólares pelo serviço. Ela então me disse que eu era muito bonito e que, apesar de ser puta, ela ainda era material para se casar, caso eu estivesse interessado.

Logo depois, Elliot entrou no quarto e falou: "Vamos lá! Vista-se... vamos para Atlantic City! O cassino está nos mandando um helicóptero e eles irão comprar um relógio de ouro para cada um de nós". Ao que eu respondi: "Tenho apenas cinco mil comigo". E ele respondeu: "Falei com o cassino, e eles vão disponibilizar para você uma linha de crédito de meio milhão de dólares".

Fiquei me perguntando por que estavam dispostos a me adiantar tanto dinheiro, considerando que eu nunca apostara mais de 10 mil dólares em toda a minha vida. Mas, uma hora depois, estava jogando *blackjack* no Trump Castle a 10 mil dólares por mão, como se não fosse nada de mais. No final da noite, saí 250 mil mais rico. Aquilo havia me conquistado.

Elliot e eu começamos a viajar juntos pelo mundo; às vezes com as esposas, às vezes sem.

Tornei-o meu laranja principal, e ele me retornava milhões em dinheiro vivo – usando dinheiro desviado da Perry Ellis e dinheiro ganho nos cassinos. Ele era um apostador de primeira linha, e estava adicionando não menos que dois milhões por ano à sua conta.

Então veio meu divórcio com Denise... e então minha festa de despedida de solteiro em honra à minha futura união com Nadine. Isso serviria como um ponto de mudança na vida de Elliot Lavigne. A festa foi em Las Vegas, no Hotel Mirage, que acabara de abrir e era considerado o lugar ideal para se ficar. Uma centena de strattonitas voou para lá, acompanhados por 50 putas e drogas em quantidade suficiente para sedar o estado de Nevada. Juntamos mais umas 30 putas das ruas de Vegas e colocamos mais algumas num avião da Califórnia. Trouxemos uma meia dúzia de tiras de Nova York para passear, os mesmos que eu estivera subornando com as novas emissões da Stratton. E, lá, os tiras de Nova York rapidamente se reuniram com tiras locais de Vegas, e contratamos alguns deles também.

A festa de despedida de solteiro ocorreu numa noite de sábado. Elliot e eu estávamos no andar de baixo, dividindo uma mesa de *blackjack*; havia uma multidão de estranhos nos cercando, assim como um punhado de guarda-costas. Ele estava jogando cinco das sete mãos disponíveis; eu, as outras duas. Ambos estávamos apostando 10 mil dólares por mão, e ambos estávamos com sorte, e ambos estávamos muito chapados. Eu havia tomado cinco Ludes e cheirado não menos que uma bola de sinuca de coca; ele, cinco Ludes também e coca suficiente para pular sem paraquedas. Eu tinha ganhado 700 mil dólares; ele, mais de dois milhões. Com os dentes rangendo e meu queixo moendo-se, falei: "Zamo bará bur aqui e zupir bara gurdir a vesta".

Logicamente, Elliot entendia a língua do Lude tão bem quanto eu, por isso concordou e subimos. Estava tão chapado naquele momento que sabia que não queria mais apostar naquela noite; fiz uma pequena parada na gaiola e retirei a quantia de um milhão. Enfiei a grana numa mochila azul do Mirage e joguei-a sobre os ombros. Elliot, porém, queria apostar mais, e deixou suas fichas na mesa, sob os cuidados de guardas armados.

Lá em cima, andamos por um longo corredor, ao final do qual havia uma porta dupla imensa. Ao lado de cada porta havia um policial uniformizado, tomando conta. Eles abriram as portas, e lá estava a festa de despedida de solteiro. Elliot e eu entramos no quarto e ficamos paralisados. Era a reencarnação de Sodoma e Gomorra. A parede do fundo era uma janela de vidro do chão ao teto e dava vista para a Faixa.[1] O quarto estava cheio de pessoas dançando e se divertindo. O teto parecia estar descendo; o chão parecia estar subindo; o cheiro de sexo e suor misturava-se ao cheiro forte de haxixe de excelente qualidade. A música estava tão alta que parecia ressoar nas minhas entranhas. Meia dúzia de tiras de Nova York supervisionava a ação, assegurando que todos estivessem se comportando.

No fundo da sala, uma puta de pele incrivelmente sedosa e rosada, cabelo laranja e rosto de buldogue estava sentada num banquinho de bar, totalmente nua e coberta de tatuagens. Suas pernas estavam escancaradas, e uma fila de 20 strattonitas pelados aguardavam para comê-la.

Naquele instante fiquei com nojo de tudo que minha vida representava. Era mais um recorde negativo da Stratton. A única solução era descer para a minha suíte e tomar cinco miligramas de Xanax, 20 miligramas de Ambien e 30 miligramas de morfina. Então acendi um baseado e caí num sono sem sonho.

Acordei com Elliot Lavigne balançando meus ombros. Foi na manhã seguinte, e ele estava

calmamente me contando que precisávamos sair imediatamente de Las Vegas, porque aquilo era muito decadente. Feliz por ir embora, rapidamente fiz as malas. Mas, quando abri o cofre, ele estava vazio.

Elliot berrou da sala: "Tive que pegar uma grana emprestada de você na noite passada. Perdi muito".

Fiquei sabendo que ele perdeu 2 milhões de dólares. Uma semana depois, ele, Danny e eu fomos para Atlantic City para que ele pudesse recuperar parte de suas perdas, e ele perdeu mais um milhão. Nos anos que se passaram, ele continuou perdendo... e perdendo... até que finalmente perdeu tudo. Quanto ele havia perdido de fato era só especulação; porém, pelas contas, era algo entre 20 e 40 milhões de dólares. De qualquer forma, Elliot falira. Totalmente quebrado. Estava com os impostos atrasados, com meu dinheiro atrasado e, fisicamente, um caco. Estava pesando não mais de 58 quilos, e sua pele assumira a mesma cor amarronzada de seus Quaaludes falsificados, o que me deixou ainda mais feliz por apenas tomar Quaaludes farmacêuticos. (Sempre procurando pela linha prateada.)

Assim, estava eu agora sentado no meu quintal em Indian Creek Island, olhando para a baía de Biscayne e para os arranha-céus de Miami. Na mesa também estavam Elliot Lavigne, Gary Deluca e o melhor amigo de Elliot, Arthur Wiener, que estava na casa dos 50, ficando careca, rico e viciado em coca.

À piscina estavam a deliciosa Duquesa, a emagrecida Ellen e Sonny Wiener, esposa de Arthur. Às 13 horas, o termômetro marcava 32 graus e não havia uma única nuvem no céu. Nesse momento, Elliot tentava responder a uma pergunta que eu acabara de lhe fazer, sobre qual deveria ser a meta de Steven Madden em seu contrato com a Macy's, que parecia estar receptiva a vender produtos da Steven Madden na loja.

"A jave bro grezimentu rabidu di Mazzen é zolizidar zozo dibu via Mazzen", disse um sorridente Elliot Lavigne, que já havia tomado cinco Ludes e estava bebericando uma Heineken estupidamente gelada.

Falei para Gary: "Acho que ele está tentando dizer que precisamos nos aproximar da Macy's de maneira enérgica e dizer que não podemos fornecer produtos para cada loja. Precisamos fazer região por região, com a meta de estar em todas as lojas do país".

Arthur concordou. "Bem colocado, Jordan; essa foi uma boa tradução." Ele mergulhou uma colherzinha no frasco de coca que estava segurando e deu um tiro para dentro de sua narina esquerda.

Elliot olhou para Deluca, concordou com a cabeça e ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: "Viu? Não sou tão difícil de entender".

De repente, a judia esquelética veio até nós e falou para o marido: "Elliot, me dê um Lude; estou sem nenhum". Elliot fez que não com a cabeça e mostrou-lhe o dedo do meio.

"Você é um cuzão!", disparou a esquelética furiosa. "Você vai ver o que vai acontecer da próxima vez que ficar sem. Vou mandar você ir se foder também!"

Olhei para Elliot, cuja cabeça agora estava sacudindo e contorcendo-se. Era um sinal claro de que estava prestes a sair da fase da gagueira para entrar na fase da baba. Falei: "El, quer que eu faça alguma coisa para você comer, para que consiga acalmar-se um pouco?".

Elliot deu um sorriso largo e respondeu: "Guerro um jisburgui du garalio!".

"Sem problemas!" Respondi, ergui-me da minha cadeira e dirigi-me para a cozinha a fim de

preparar-lhe um cheeseburger do caralho. A Duquesa me interceptou na sala, vestindo um biquíni azul-celeste do tamanho de uma linha de pipa.

Entredentes, reclamou: “Não consigo suportar Ellen nem mais um segundo! Ela é completamente louca, e não a quero mais em minha casa. Ela está gaguejando e cheirando coca, e tudo isso é nojento pra caralho! Você está sóbrio faz quase um mês e não o quero rodeado por isso. Não é bom para você”.

Perdera boa parte do que a Duquesa dissera. Quero dizer... ouvi tudo o que ela falou, mas estava muito ocupado olhando para seus seios, que ela acabara de aumentar para um tamanho 40. Eu disse: “Acalme-se, querida; Ellen não é tão ruim. Além do mais, Elliot é um dos meus melhores amigos, portanto nem adianta discutir”. E, assim que essas últimas palavras saíram dos meus lábios, sabia que havia cometido um erro. Um segundo depois a Duquesa virou-se contra mim. Foi um cruzado perfeito de direita com a mão espalmada.

Mas, sóbrio há um mês, eu estava com reflexos de gato, e consegui me esquivar com facilidade do golpe. Falei: “Acalme-se, Nadine. Não é tão fácil me bater quando estou sóbrio, né?”. Sorri-lhe de maneira diabólica, ao que ela soltou uma risadinha falsa e então jogou os braços ao meu redor, dizendo: “Estou tão orgulhosa de você. É como se você fosse outra pessoa. Até as suas costas estão começando a doer menos, certo?”.

“Um pouquinho...”, respondi. “Dá pra aguentar agora, mas ainda não está perfeito. De qualquer forma, acho que realmente passei da pior fase sem os Quaaludes. E amo você mais do que nunca.”

“Eu também te amo”, disse ela, fazendo careta. “Estou apenas nervosa porque Elliot e Ellen são demoníacos. Ele é péssima influência para você e, se ficar aqui muito tempo... bem, você sabe sobre o que estou falando.”

Ela me deu um beijo molhado nos lábios e empurrou a curva de sua barriga contra a minha.

Repentinamente, com muito sangue correndo em minha virilha, percebi que a opinião da Duquesa fazia muito mais sentido. Falei: “Vou te contar uma coisa. Se concordar em ser minha escrava sexual durante este final de semana, vou colocar Elliot e Ellen num hotel... negócio fechado?”.

A Duquesa sorriu largamente e acariciou-me no lugar certo. “Fechado, querido. Seu desejo é uma ordem; apenas os tire logo daqui e serei toda sua.”

Quinze minutos depois, Elliot estava babando sobre o seu cheeseburger, enquanto eu estava no telefone com Janet, pedindo que reservasse um quarto para Elliot e Ellen num hotel agradável a uns 30 minutos de distância.

Do nada, com a boca cheia de cheeseburger, Elliot pulou da cadeira e mergulhou na piscina. Alguns segundos depois, emergiu e acenou para mim para uma corrida sob a água. Era algo que sempre fazíamos... apostando qual de nós podia dar mais voltas submerso. Elliot era um bom nadador, tendo sido criado perto do mar, portanto tinha uma ligeira vantagem sobre mim. Mas, dada sua atual condição, eu podia vencê-lo. Além do mais, eu fora salva-vidas na juventude, então também era um nadador muito bom.

Cada um de nós deu quatro voltas... empate. A Duquesa surgiu e falou: “Não acham que é hora de vocês dois, retardados, crescerem? Não gosto quando vocês brincam disso. É estúpido. E um de vocês irá se machucar”. Então completou: “E onde está Elliot?”.

Olhei para o fundo da piscina. Franzi a testa. O que ele estava fazendo, caralho? Ele estava

deitado de lado? *Ah, merda!* De repente a gravidade da coisa me atingiu como um raio e, sem pensar, mergulhei até o fundo da piscina para pegá-lo. Ele não estava se mexendo. Agarrei-o pelo cabelo... e, com um puxão poderoso com o braço direito e batendo as pernas o mais forte que conseguia, arranquei-o do fundo e trouxe-o à superfície. Seu corpo quase não tinha peso algum em razão da densidade da água. Assim que chegamos à superfície, joguei meu braço para a direita e Elliot saiu voando da água, pousando na ponta da piscina, sobre o concreto. E estava morto. *Morto!*

"Oh meu Deus!", berrou Nadine, e lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. "Elliot está morto! Salvem-no!"

"Vá chamar uma ambulância!", gritei. "Rápido!"

Coloquei dois dedos sobre sua carótida. Sem pulsação. Agarrei seu pulso e verifiquei. Nada. *Meu amigo está morto*, pensei.

Foi então que escutei um grito; era Ellen Lavigne. "Ah, Deus, não! Por favor, não leve meu marido! Por favor! Salve-o, Jordan! Salve-o! Você não pode deixá-lo morrer! Não posso perder meu marido! Tenho dois filhos! Ah, não! Agora não! Por favor!" Ela começou a chorar de maneira descontrolada.

Percebi que havia uma multidão de pessoas ao meu redor: Gary Deluca, Arthur e Sonny, Gwynne e Rocco, até a babá, que tirara Chandler da piscina infantil e viera correndo ver o motivo da comoção. Vi Nadine correndo na minha direção, tendo acabado de chamar a ambulância, e as palavras continuavam a ecoar nos meus ouvidos: *Salve-o! Salve-o!* Queria fazer os primeiros socorros em Elliot, da maneira que aprendera tantos anos atrás.

Eu realmente queria, mas por que deveria?, pensei. Não seria melhor se Elliot morresse? Ele sabia muito sobre mim, e mais dia menos dia o agente Coleman requisitaria os registros bancários dele, não? Naquele momento, com Elliot morto à minha frente, não pude evitar ficar feliz, pois sua morte era conveniente. *Homens mortos não falam*... Essas quatro palavras começaram a tomar minha mente, implorando para que eu não o ressuscitasse, que deixasse os segredos de nossos negócios nefastos morrerem junto com ele.

E esse homem fora o castigo da minha vida... reconduzindo-me para os Quaaludes depois de anos sem tomá-los, trazendo-me coca de baixa qualidade e falhando comigo na atividade de laranja, o que equivalia a roubar meu dinheiro. E tudo isso para alimentar seu vício por apostas... e seu vício em drogas... e seus problemas com o Fisco. O agente Coleman não era idiota, e exploraria essas fraquezas, principalmente os problemas com o Fisco, com os quais ameaçaria prender Elliot por um bom tempo. Então Elliot cooperaria com a polícia e daria com a língua nos dentes. Eu devia apenas deixá-lo morrer, pelo amor de Deus, porque... *homens mortos não falam*...

Mas, atrás de mim, todo mundo estava gritando: "Não pare! Não pare! Não pare!". De repente, me dei conta: *Eu já estava tentando ressuscitá-lo!* Enquanto minha consciência ponderava as coisas, algo infinitamente mais poderoso já havia produzido um ruído dentro de mim e estava passando por cima dos meus pensamentos.

Naquele mesmo instante, minha boca pressionava a boca de Elliot e meus pulmões expeliam ar para seus pulmões; e então ergui a cabeça e comecei a bombear o peito de Elliot de maneira ritmada. Parei e fiquei um tempo observando-o.

Nada! Merda! Ele ainda estava morto! Que mais podia fazer? Eu estava fazendo tudo certo! Por

que ele não ressuscitava?

De repente, me lembrei de um artigo que li sobre a Manobra de Heimlich e como ela fora usada para salvar uma criança que se afogara... então, virei Elliot de bruços e enrolei-o com meus braços. Apertei o mais forte que pude. *Snap! Crack! Crunch!*... Percebi na hora que havia quebrado boa parte de suas costelas. Então o virei novamente para ver se ele havia começado a respirar... mas nada.

Era o fim. Ele estava morto. Ergui a cabeça para Nadine e, com lágrimas nos olhos, falei: "Não sei o que fazer! Ele não voltará!".

Então ouvi Ellen gritar mais uma vez, com toda a força de seus pulmões: "Ah meu Deus! Meus filhos! Ah, Deus! Por favor, não pare, Jordan! Não pare! Você precisa salvar meu marido!".

Elliot estava totalmente azul, as últimas centelhas de luz saindo de seus olhos. Fiz uma oração silenciosa e engoli a maior quantidade de ar possível. Com todo o resto de força que havia em meus pulmões, soprei um jato de ar para dentro dele e senti seu estômago inchar-se como um balão. De repente, o cheeseburger saiu, e ele vomitou em minha boca. Engasguei.

Observei-o respirar superficialmente, e enfiei meu rosto na piscina, limpando o vômito da boca. Olhei para Elliot e percebi que seu rosto parecia menos azul. Então ele parou de respirar novamente. Olhei para Gary e falei: "Assuma", ao que Gary estendeu as palmas das mãos na minha direção e balançou a cabeça, como se dissesse: "De jeito nenhum, caralho!", e deu dois passos para trás para reforçar o que dizia. Então, virei-me para o melhor amigo de Elliot, Arthur, e pedi que assumisse, e ele reagiu da mesma forma que Gary. Portanto, não tive escolha... tive de fazer a coisa mais nojenta possível. Joguei água no rosto de Elliot e a Duquesa entrou em ação, limpando o vômito das laterais da boca de Elliot. Então enfiei minha mão lá dentro e retirei hamburger parcialmente digerido, puxando sua língua para fora a fim de abrir passagem para o ar. Coloquei minha boca de volta sobre a dele e comecei a soprar novamente, enquanto os outros estavam paralisados de horror.

Finalmente escutei o som de sirenes, e alguns instantes depois havia paramédicos ao nosso lado. Em menos de três segundos, enfiaram um tubo na garganta de Elliot e começaram a bombear oxigênio para seus pulmões. Eles delicadamente o puseram numa maca e carregaram-no para o lado da mansão, sob a sombra de uma árvore, onde enfiaram um intravenoso em seu braço.

Pulei na piscina e lavei o vômito da boca, ainda engasgando incontroladamente. A Duquesa veio correndo, segurando uma escova e uma pasta de dentes, e escovei os dentes ali mesmo na piscina. Então saí e me dirigi para onde Elliot estava deitado na maca. Naquela hora havia uma dezena de policiais lá com os paramédicos. Estavam tentando desesperadamente fazer seu coração voltar a bater, sem sucesso. Um dos paramédicos esticou a mão na minha direção e falou: "O senhor é um herói. O senhor salvou a vida do seu amigo".

E de repente me dei conta. Eu era um herói! Eu! O Lobo de Wall Street! *Um herói!* Que som delicioso tinham essas palavras! Eu precisava desesperadamente escutá-las novamente, assim pedi: "Sinto muito, não entendi o que disse. Pode, por gentileza, repetir?".

O paramédico sorriu para mim e falou: "O senhor é um herói, no verdadeiro sentido da palavra. Poucas pessoas teriam feito o que o senhor fez. O senhor não tinha treinamento, mas fez tudo certo. Muito bem, senhor. O senhor é um verdadeiro herói".

Ah, meu Deus!, pensei. Isso era absolutamente maravilhoso. Mas precisava ouvi-lo da boca da Duquesa, com seus quadris protuberantes e seios novíssimos, que estariam em meu poder, pelo menos pelos próximos dias, porque eu, seu marido, era um herói, e nenhuma fêmea podia rejeitar os ataques sexuais de um herói.

Encontrei a Duquesa sentada sozinha na ponta de uma cadeira de descanso, ainda em estado de choque. Tentei encontrar as palavras corretas que a inspirariam a me chamar de herói. Decidi que seria melhor usar a psicologia invertida com ela – cumprimentá-la por *ela* ter permanecido calma e então elogiá-la por ter chamado a ambulância. Dessa forma, ela se sentiria obrigada a devolver o cumprimento.

Sentei-me ao seu lado e a abracei. "Graças a Deus, você chamou a ambulância, Nae. Quero dizer, todo mundo ficou paralisado, exceto você. Você é uma mulher forte." Aguardei com paciência.

Ela se aproximou e sorriu com tristeza. "Não sei", disse. "Acho que foi mais por instinto do que qualquer outra coisa. Sabe, a gente vê esse tipo de coisa em filmes, mas nunca acha que irá acontecer com você. Sabe o que quero dizer?"

Inacreditável pra caralho! Ela não me chamou de herói! Eu teria de ser mais específico. "Sei o que quer dizer. A gente nunca acha que algo assim possa acontecer, mas, quando acontece, o instinto assume o controle. Imagino que seja por isso que reagi dessa forma." *Olá, Duquesa! Entenda minha dica, pelo amor de Deus!*

Aparentemente ela entendeu, porque jogou os braços ao meu redor e falou: "Ah meu Deus! Você foi incrível! Nunca vi nada assim. Não consigo descrever em palavras como você foi brilhante! Todo mundo ficou paralisado e você...".

Porra!, pensei. Ela continuou a me elogiar, mas se recusava a dizer a palavra mágica!

"... e você é... quero dizer... você é um *herói*, querido!" *Agora, sim!* "Acho que não poderia ter mais orgulho de você. Meu marido, o herói!" Ela deu-me o beijo mais molhado possível.

Naquele mesmo instante entendi por que toda criança quer ser bombeiro. Então eu os vi levando Elliot numa maca. "Venha", falei. "Vamos até o hospital a fim de garantir que eles não estraguem tudo depois de eu ter trabalhado duro para salvar a vida de Elliot."

VINTE MINUTOS DEPOIS, estávamos na sala de emergências do Hospital Monte Sinai, e o primeiro prognóstico era horrível. Elliot sofrera dano cerebral. Ainda não estava claro se ele se tornaria um vegetal ou não.

No caminho para o hospital, a Duquesa telefonara para o dr. Barth. Agora eu o seguia até a UTI, que exalava um cheiro inconfundível de morte. Havia quatro médicos e duas enfermeiras, e Elliot estava deitado numa mesa de exames.

O Monte Sinai não era o hospital de Barth, porém, aparentemente, sua reputação era muito grande. Todo médico lá sabia exatamente quem ele era. Um médico alto com um avental branco falou: "Ele está em coma, dr. Green. Não irá respirar sem aparelhos. Sua função cerebral está diminuída, e tem sete costelas quebradas. Demos epinefrina para ele, mas não respondeu". O médico olhou para Barth diretamente nos olhos e balançou a cabeça lentamente, como se dissesse: "Ele não vai resistir".

Então Barth Green fez uma coisa muito estranha. Com completa e total confiança, foi diretamente até Elliot, agarrou-o pelos ombros, colocou a boca em sua orelha e com uma voz

brava gritou: “Elliot! Acorde já!”. Começou a sacudi-lo vigorosamente. “É o dr. Barth Green, Elliot, e estou te dizendo para parar de brincadeira; abra já os olhos! Sua esposa está lá fora e ela quer te ver!”

E do nada, apesar dessas últimas palavras sobre Ellen querer vê-lo – o que faria a maioria dos homens escolher a morte –, Elliot seguiu as instruções de Barth e abriu os olhos. Um instante depois, sua função cerebral voltou ao normal. Corri os olhos pelo quarto, e todos os médicos e enfermeiras estavam estupefatos.

E eu também. Era um milagre, realizado por um milagreiro. Comecei a balançar a cabeça, admirado, e pelo canto dos olhos vi uma grande seringa cheia com um líquido branco. Forcei a vista para ver o que dizia a etiqueta. *Morfina*. Muito interessante, pensei, saber que davam morfina para um homem próximo da morte.

De repente, fui tomado pelo desejo terrível de roubar a agulha de morfina e enfiá-la na bunda. O motivo disso, eu não sabia. Estivera sóbrio havia quase um mês, mas isso já não parecia ter importância. Corri os olhos pelo quarto e todos estavam amontoados sobre Elliot, ainda aterrorizados por essa mudança incrível de rumos. Inclinei-me até a bandeja de metal, peguei discretamente a agulha e enfiei-a no bolso do short.

Pouco depois senti meu bolso se aquecendo... e então mais quente... *Ah, meu Deus!* A morfina estava me chamando! Precisava injetá-la naquele mesmo instante! Falei para Barth: “Esta é a coisa mais incrível que eu já vi, Barth. Vou sair e contar para todo mundo essa notícia boa”.

Quando informei ao grupo na sala de espera que Elliot tivera uma recuperação milagrosa, Ellen começou a chorar lágrimas de alegria e me abraçou. Empurrei-a para o lado e contei a ela que precisava ir ao banheiro urgentemente. Quando comecei a me afastar, a Duquesa agarrou meu braço e perguntou: “Você está bem, querido? Não parece bem”.

Sorri para minha esposa e falei: “Sim, estou bem. Apenas preciso ir ao banheiro”.

Assim que virei o corredor, parti como um velocista. Abri com tudo a porta do banheiro, entrei numa cabine, tranquei-a e então peguei a seringa, abaixei o short e arqueei as costas, para que minha bunda ficasse empinada para o ar. Estava prestes a enfiar a agulha quando um desastre aconteceu.

A agulha estava sem o êmbolo.

Era uma dessas modernas agulhas seguras, que não podiam ser injetadas sem antes ser colocado um mecanismo para bombear. Tudo que eu tinha era um cartucho inútil de morfina com uma agulha na ponta. Estava arrasado. Fiquei um tempo analisando essa agulha. E tive uma ideia!

Puxei o short para cima, corri para a loja de presentes, comprei um pirulito e voltei ao banheiro. Enfiei a agulha na bunda. Então peguei a vareta do pirulito e empurrei bem no centro da seringa até que a última gota de morfina fosse injetada. De repente, senti um barril de pólvora explodindo dentro de mim, chacoalhando tudo por dentro.

Ah, caralho!, pensei. Eu devo ter atingido uma veia, porque a viagem estava me pegando numa velocidade incrível. E, logo em seguida, eu estava de joelhos e minha boca estava muito seca... parecia que minhas vísceras haviam sido submersas numa banheira de água escaldante, e meus olhos pareciam carvão em brasa, e meus ouvidos tiniam como o Sino da Liberdade, e meu esfíncter anal parecia mais rígido que concreto... e eu estava adorando tudo isso.

E lá estava eu, o herói, sentado no chão do banheiro, com o short arriado abaixo do joelho e a

agulha ainda enfiada na bunda. Mas então me dei conta de que a Duquesa podia estar preocupada comigo.

No minuto seguinte, eu estava no corredor, retornando para a Duquesa, quando ouvi uma velha judia dizer: “Com licença, senhor!”.

Virei-me para ela. Ela sorria nervosa e apontou o indicador para meu short. Então falou: “Seu bumbum! Veja seu bumbum!”.

Eu estava andando pelo corredor com uma agulha enfiada na bunda, como um touro ferido que acabara de ser dardejado por um matador. Sorri para a gentil senhora e lhe agradeci, então removi a agulha, joguei-a numa lata de lixo e me dirigi para a sala de espera.

Quando a Duquesa me viu, ela sorriu. Mas então a sala começou a escurecer e... *Ah, merda!*

Acordei na sala de espera, sentado numa cadeira de plástico. Em pé, acima de mim, estava um médico de meia-idade num velho uniforme cirúrgico verde. Na sua mão direita havia sais de cheiro. A Duquesa estava em pé ao lado dele, e ela não estava mais sorrindo. O médico falou: “Sua respiração está falhando, sr. Belfort. O senhor tomou algum entorpecente?”.

“Não”, respondi, dando um sorriso amarelo para a Duquesa. “Acredito que ser herói é um pouco estressante, certo, querida?” Então desmaiei novamente.

Acordei no banco traseiro de uma limusine Lincoln que se dirigia para Indian Creek Island, onde nada animado acontece nunca. Meu único pensamento era que precisava cheirar um pouco de cocaína para voltar ao normal. Esse fora meu erro todo o tempo. Injetar morfina sem um agente balanceador era coisa de iniciante. Fiz uma anotação mental para nunca mais tentar isso novamente e agradeci a Deus por Elliot ter trazido coca consigo. Eu cheiraria em seu quarto e deduziria dos 2 milhões de dólares que ele me devia.

Cinco minutos depois, o quarto de hóspedes parecia ter sido vasculhado por uma dezena de agentes da CIA em busca de microfilmes roubados. Havia roupas jogadas por todo lado, e cada móvel estava virado para o lado. E ainda nada de cocaína! *Caralho!* Onde estava? Continuei procurando... procurando por mais de uma hora, na verdade, até que finalmente me dei conta: *Foi aquele cuzão, Arthur Wiener!* Ele roubara a cocaína do seu melhor amigo!

Sentindo-me vazio e sozinho, subi para minha gigantesca suíte e amaldiçoei Arthur Wiener... até que caí num sono sem sonho.

---

1 “The Strip”, apelido da cidade de Las Vegas. (N. T.)

CAPÍTULO 27

SÓ OS BONS MORREM JOVENS

Junho de 1994

Parecia bem apropriado o escritório da Sapatos Steve Madden ter o formato de uma caixa de sapatos. Na verdade, havia duas caixas de sapatos: uma estava no fundo, com nove por 18 metros, ocupada por uma fábrica minúscula, consistindo num punhado de máquinas antiquadas de fabricação de sapatos, operadas por mais ou menos dez empregados falantes de espanhol, que compartilhavam um único visto americano e não pagavam nem 1 dólar de imposto; e havia a caixa de sapatos na frente, do mesmo tamanho, ocupada pela administração da empresa, sendo a maioria garotas pós-adolescentes ou com 20 e poucos anos, todas com cabelo multicolorido e piercings visíveis no corpo em tanta quantidade que significavam algo como: “Sim, meu clitóris também tem um piercing, e também meus mamilos!”.

Enquanto essas lunáticas zanzavam pelo escritório, equilibrando-se em cima de sapatos de plataforma de 15 centímetros – todos com a etiqueta Steve Madden –, música *hip-hop* ecoava, incenso de maconha queimava, um monte de telefones tocava, inúmeros novos modelos de sapatos eram desenhados e um amontoado de líderes religiosos vestidos de maneira tradicional realizava rituais de limpeza... e de alguma forma isso tudo parecia funcionar. A única coisa que faltava era uma curandeira autêntica realizando vodus, apesar de eu ter certeza de que isso viria em breve.

De qualquer forma, em frente à mencionada caixa de sapatos da frente, havia uma caixa de sapatos ainda menor – esta talvez de três por seis metros –, que era onde Steve, também conhecido como o Sapateiro, tinha seu escritório. E nas últimas quatro semanas, desde a metade de maio, era onde ficava meu escritório também. O Sapateiro e eu nos sentávamos em lados opostos de uma mesa de fórmica preta, a qual, como tudo mais neste lugar, estava coberta de sapatos.

Nesse momento específico, eu me perguntava por que toda jovem nos Estados Unidos ficava maluca por esses sapatos, que, para mim, eram horríveis. Qualquer que fosse o motivo, não havia como negar que éramos uma empresa ligada ao produto. Havia sapatos por todo lado, principalmente no escritório de Steve, onde estavam espalhados no chão, pendurados no teto e empilhados sobre mesas dobráveis simples e prateleiras de fórmica brancas, que os faziam parecer ainda mais feios.

E havia mais sapatos no peitoril da janela atrás de Steve, em pilhas tão altas que mal permitiam ver uma janela triste que dava para o estacionamento triste, o qual, reconhecidamente, combinava bem com essa parte triste do Queens, ou seja, o centro triste de Woodside. Estava mais ou menos 3,5 quilômetros a leste de Manhattan, onde um homem com meus gostos “um tanto” refinados se adaptava muito melhor.

Apesar disso, dinheiro era dinheiro, e, por algum motivo inexplicável, essa minúscula empresa estava a caminho de ganhar quantias absurdas. Assim, era ali que Janet e eu penduraríamos

nossos chapéus por certo tempo. Ela ficava logo ali no corredor, numa sala separada. E, sim, Janet também estava rodeada de sapatos.

Era uma manhã de segunda, e o Sapateiro e eu estávamos em nosso escritório infestado por sapatos, bebendo café. Acompanhando-nos estava Gary Deluca, que, assim como hoje, era o novo diretor de operações da empresa, não tendo substituído ninguém em particular, pois até aquele momento a empresa vinha sendo administrada em piloto automático. Também na sala estava John Basile, o diretor de produção da empresa havia um bom tempo, que tinha função dupla, também como gerente de vendas.

Era um tanto irônico, pensei, mas, vestidos daquela forma, nunca ninguém adivinharia que estávamos construindo a maior empresa de sapatos femininos do mundo. Éramos uma gentalha: eu, vestido como um jogador de golfe; Steve, como um mendigo; Gary, como um empresário conservador; e John Basile, um pelancudo com 30 e poucos anos, nariz bulboso, crânio careca e feições gordas e rechonchudas, vestido como um entregador de pizza, trajando jeans claros e uma camiseta larga. Eu gostava muito de John. Ele era um talento nato e, apesar de católico, abençoado com uma ética no trabalho verdadeiramente protestante – o que quer que isso significasse – e tinha uma verdadeira visão macro.

Mas, ah, ele era também um cuspidor de primeira linha, o que significava que, sempre que se empolgava – ou simplesmente estivesse tentando expor suas ideias –, era melhor estar usando um casaco de chuva ou pelo menos estar a 30 graus da direção da sua boca. E, com frequência, sua saliva era acompanhada por gestos exagerados, a maioria relacionada ao Sapateiro ser um puta cara medroso que não queria receber pedidos grandes das lojas.

Nesse exato momento, ele estava em meio a uma argumentação desse tipo: "Quer dizer, caralho, como você vai fazer esta empresa crescer, Steve, se não me deixa tirar pedidos para as porras dos sapatos? Jordan, você sabe do que estou falando! Bosta, como posso fazer" – *Merda!* Os *b*s do Cuspidor eram as consoantes mais fatais, e ele acabara de me atingir na testa! – "contratos com as lojas de departamentos quando não tenho produtos para entregar?". O Cuspidor fez uma pausa e olhou para mim, confuso, perguntando-se por que eu havia colocado as mãos na cabeça e parecia estar cheirando as palmas delas.

Ergui-me da cadeira, andei para trás de Steve, procurando me proteger das gotas de saliva, e falei: "A verdade é que entendo *ambas* as posições. Não é diferente do negócio de corretagem. Steve quer realizar as coisas de maneira conservadora e não ter muitos sapatos no estoque, e você quer ir pras cabeças e ter produtos para vender. E a resposta é... ambos estão certos e ambos estão errados, tudo depende de os sapatos venderem ou não. Se vendem, você é um gênio, e vamos ganhar uma tonelada de dinheiro, mas, se estiver errado, e eles não venderem, estamos fodidos e ficaremos sentados sobre uma pilha inútil de merda que não conseguiremos vender para ninguém".

"Isso não é verdade", argumentou o Cuspidor. "Sempre podemos jogar os sapatos para a Marshall's ou a TJ Maxx ou outra cadeia de liquidação qualquer."

Steve girou sua cadeira e disse para mim: "John não está descrevendo todo o cenário. Sim, podemos vender todos os sapatos que quisermos para gente como a Marshall's e a TJ Maxx; mas, se fizermos isso, destruímos nossos acordos com lojas de departamentos e lojas especializadas". Agora Steve olhou para o Cuspidor diretamente nos olhos e falou: "Precisamos proteger a marca, John. Você não entende isso".

Disse o Cuspidor: "Lógico que entendo. Mas também temos de fazer a marca *crescer*, e não podemos fazer isso se nossos clientes vão a lojas de departamentos e não conseguem encontrar nossos sapatos". Agora o Cuspidor franziu o cenho com desprezo e encarou o Sapateiro. "E, se deixarmos isso por sua conta", cuspiu o Cuspidor, "esta será uma operação de fundo de quintal para sempre. Apenas cagões." Ele virou-se diretamente para mim, e eu me protegi. "Vou te contar, Jordan", sua bola de cuspe não me atingiu por questão de dez graus, "graças a Deus você está aqui, porque esse cara é um medroso do caralho, e estou de saco cheio dessa bichice. Temos os sapatos mais legais do país, e não posso tirar pedidos porque este cara não me deixa produzir a mercadoria. Vou te dizer, é uma puta tragédia grega."

Steve falou: "John, sabe quantas empresas faliram por operar da forma que você quer? Precisamos ser bem cautelosos até que tenhamos mais lojas próprias; então aí poderemos levar nossas promoções *porta a porta*, sem corromper a marca. Não há como você me convencer do contrário".

O Cuspidor sentou-se, relutante. Tive de admitir que fiquei bastante impressionado com o desempenho de Steve, não apenas hoje, mas nas últimas quatro semanas. Sim, Steve também era um Lobo em Pele de Cordeiro. Apesar de sua aparência, ele era um líder nato – abençoado com todos os dons naturais, em especial com a habilidade de inspirar lealdade entre seus empregados. Na verdade, assim como na Stratton, todos na Steve Madden orgulhavam-se de ser parte de um culto. O maior problema do Sapateiro, contudo, era sua recusa de delegar responsabilidades. Havia uma parte de Steve que ainda era um sapateirozinho à moda antiga, o que, na verdade, era sua grande virtude e seu maior defeito. A empresa estava faturando apenas 5 milhões de dólares nesse momento, portanto ele podia ficar feliz. Mas isso estava prestes a mudar. Apenas um ano antes, a empresa faturava um milhão. Estávamos planejando faturar 20 milhões de dólares no ano seguinte.

Era a isso que eu estava dando atenção nas últimas quatro semanas. Contratar Gary Deluca fora apenas o primeiro passo. Meu objetivo era que a empresa se mantivesse sem nenhum de nós. Assim, Steve e eu precisávamos criar um setor de design e uma equipe operacional de primeira linha. Mas ser apressado era o caminho para o desastre. Além do mais, primeiro precisávamos ganhar controle sobre as operações, que eram um desastre completo.

Virei-me para Gary e falei: "Sei que é seu primeiro dia, mas estou interessado em ouvir o que você acha. Dê-me sua opinião, e seja honesto, se concorda com Steve ou não".

Ao ouvirem isso, tanto o Cuspidor como o Sapateiro viraram-se para o novo diretor de operações da empresa, que disse: "Bem, entendo ambos os argumentos" – *ahhh, muito bem, bastante diplomático* –, "mas minha opinião sobre isso é muito mais um ponto de vista operacional do que qualquer outra coisa. Na verdade, muito disso, devo dizer, é uma questão de margem bruta, é claro que depois das liquidações, e como isso se relaciona ao número de vezes por ano que planejamos girar nosso estoque". Gary acenou com a cabeça, impressionado com sua própria sagacidade. "Há questões complexas aqui relativas a modalidades de remessa, considerando-se como e onde planejamos entregar nossos produtos... quantos intermediários, por assim dizer. Logicamente, vou precisar fazer uma análise mais detalhada do custo real dos produtos vendidos, incluindo impostos e fretes, que não devem ser ignorados. Pretendo fazer isso desde já e então produzir uma planilha detalhada, a qual poderemos discutir na próxima reunião de diretoria, que deve ser em..."

Ah, meu Jesus Cristinho! Ele estava papagaiando para cima da gente! Eu não tinha paciência para pessoas operacionais e toda essa bosta inútil pela qual pareciam ter tanto apreço. *Detalhes! Detalhes!* Olhei para Steve. Ele era ainda menos tolerante do que eu nesses assuntos e estava visivelmente afundado na cadeira. Seu queixo estava um pouco acima dos ombros e a boca, escancarada.

"... o que, mais do que qualquer coisa", continuou o Papagaio, "tem a ver com a eficiência de nossa operação de pegar, empacotar e remeter. A chave aqui é..."

Foi então que o Cuspidor ergueu-se de sua cadeira e cortou o Papagaio. "Que caralho você está falando?", cuspiu o Cuspidor. "Apenas quero vender as porras dos sapatos! Não dou a mínima para sobre como você os leva para as lojas! E não preciso de uma merda de uma planilha para me dizer que, se faço sapatos por 12 pratas e vendo por 30, estou ganhando dinheiro, porra! Caralho!" Agora o Cuspidor dirigia-se para mim com dois passos gigantes. Pelo canto dos olhos podia ver Steve dando um sorriso forçado.

O Cuspidor falou: "Jordan, você precisa tomar uma decisão aqui. Você é o único a quem Steve escuta". Fez uma pausa e enxugou a baba do queixo redondo. "Quero fazer esta empresa crescer para vocês, mas estou de mãos atadas..."

"Está bem!", falei, cortando o Cuspidor. Virei-me para o Papagaio e disse: "Vá pedir para Janet colocar Elliot Lavigne no telefone. Ele está nos Hamptons". Virei-me para Steve e comentei: "Quero ouvir a opinião de Elliot sobre isso antes de tomarmos uma decisão. Sei que há uma solução para a questão e, se alguém a tem, é Elliot". E, além do mais, pensei, enquanto aguardamos Janet colocá-lo na linha, terei uma chance de contar minha história heroica novamente.

Ah, mas não tive a chance. O Papagaio estava de volta em menos de 20 segundos, e logo em seguida o telefone tocou. "Ei, amigo, como tá?", falou Elliot Lavigne pelo viva-voz.

"Estou bem", respondeu o herói dele. "Mas, mais importante, como *você* está, e como estão suas costelas?"

"Estou me recuperando", respondeu Elliot, que estava sóbrio havia quase seis semanas, um recorde mundial para ele. "Espero voltar ao trabalho em algumas semanas. Mas diga lá."

Rapidamente entrei em detalhes, tomando cuidado para não lhe contar de quem eram as opiniões... para não influenciar sua decisão. Por ironia, não fazia a menor diferença. Quando terminei, ele já o sabia. "A verdade é", disse o sóbrio Elliot, "que toda essa coisa de não poder vender sua marca em lojas de liquidações é um exagero que não condiz com a realidade. Toda grande marca limpa seu estoque morto através de cadeias de desconto. É uma necessidade. Entre em qualquer TJ Maxx ou Marshall's e você verá as grandes marcas... Ralph Lauren, Calvin Klein, Donna Karan e Perry Ellis também. Não há como existir sem os descontos, a não ser que se tenha as suas próprias lojas de fábrica, o que ainda é um pouco cedo para vocês. Mas se deve tomar cuidado quando se negocia com eles. Vende-se aos poucos para eles, porque, se as lojas de departamento descobrirem que seus produtos estão sempre lá, vocês terão problemas."

"De qualquer forma", continuou Elliot, "John está quase totalmente certo; não se pode crescer a não ser que haja produtos para vender. Veja, as lojas de departamentos nunca irão levá-los a sério se não tiverem a certeza de que vocês podem entregar-lhes os bens. E, mesmo que sejam famosos, e sei que são, os compradores não irão comprar, a não ser que estejam convencidos de que vocês podem entregar os sapatos, e sei que a reputação de vocês é de que não podem. Vocês

têm de agir rapidamente. Sei que essa é uma das razões para ter contratado Gary, o que foi definitivamente um passo na direção certa."

Olhei para Gary para ver se ele estava contente, mas não estava. Seu rosto ainda estava paralisado, impassível. Essa gente das operações era um bando estranho; eram jogadores de beisebol conservadores, rebatendo bolinhas o jogo todo, mas nunca batendo com força para fazer *home runs*. A possibilidade de eu ser um deles me dava vontade de cometer suicídio.

Elliot continuou: "Como eu estava dizendo, supondo que coloquem suas operações em ordem, John ainda está apenas metade certo. Steve tem de considerar um cenário maior aqui, que é proteger a marca. Não se enganem, gente... no final das contas, a marca é tudo. Se estragar isso, acabou. Posso dar-lhes um monte de exemplos de marcas que foram quentes num período e então destruíram seu nome ao vender para lojas de desconto. Agora suas etiquetas são encontradas no mercado das pulgas". Elliot fez uma pausa, deixando suas palavras serem absorvidas.

Olhei para Steve e ele estava desmoronado na cadeira: a simples ideia de o nome *Steve Madden* – seu próprio nome! – ser sinônimo das palavras *pulgas* e *mercado* literalmente o deixou sem ar. Olhei para o Cuspidor; ele estava inclinado para a frente na sua cadeira, como se estivesse se preparando para pular através do telefone para estrangular Elliot. Então olhei para Gary, que ainda estava impassível.

Elliot prosseguiu: "A meta principal deve ser licenciar o nome Steve Madden. Então podem relaxar e receber os *royalties*. A primeira coisa deve ser cintos e bolsas, depois artigos esportivos e óculos de sol, e então tudo o mais... e a última parada são perfumes, quando então terão chegado lá. E nunca chegarão lá se tudo for feito como John quer. Sem ofensa, John, mas é assim que funciona. Vocês estão pensando nas condições atuais, enquanto estão quentes. Eventualmente esfriarão, e quando menos esperarem algo não venderá bem, e irão se afundar até os joelhos em um sapato idiota que só as malucas hippies usarão. Então serão forçados a ir para o lado negro da força e colocar os sapatos onde eles não deveriam estar".

Nesse momento, Steve interrompeu. "É exatamente o que estou dizendo, Elliot. Se eu deixar John fazer o que quer, acabaremos com um estoque cheio de sapatos e sem dinheiro no banco. Não serei o próximo Sam & Libby."

Elliot riu. "É simples. Sem saber tudo sobre a empresa, posso apostar que o volume das vendas vem de um punhado de sapatos, três ou quatro provavelmente, e não são aqueles ridículos com os saltos de 20 centímetros, pontas de metal e zíperes. Com esses sapatos vocês criam o mito de que se é jovem e atual e toda essa merda. Mas a realidade é que dificilmente vendem algum desses sapatos *cocota*, exceto talvez para algumas xaropes lá de Greenwich Village e dentro do escritório de vocês. Onde vocês realmente ganharão dinheiro é nos sapatos básicos, os do dia a dia, como o Mary Lou e o Marilyn, certo?"

Olhei para Steve e o Cuspidor, e ambos estavam com a cabeça jogada para o lado, os lábios comprimidos e os olhos escancarados. Após alguns segundos de silêncio, Elliot falou: "Vou entender a falta de resposta como um sim". Steve respondeu: "Você está certo, Elliot. Não vendemos muitos dos sapatos malucos, mas é por eles que somos conhecidos".

"É exatamente assim que deve ser", disse Elliot, que seis semanas atrás não conseguia juntar duas palavras sem babar. "Não é nada diferente daquela alta-costura que se vê nas passarelas de Milão. Ninguém realmente compra aquele lixo, mas é o que cria a imagem. Assim, a solução é

realmente só ir pras cabeças com artigos conservadores, e somente com as cores mais agradáveis. Estou falando sobre sapatos que vocês sabem que irão vender, aqueles que se vendem em qualquer estação. Mas sob nenhuma circunstância arrisquem uma boa grana num sapato perigoso, mesmo que estejam pessoalmente apaixonados por ele, e mesmo que apresente bons resultados em pesquisas de mercado. Sejam sempre cautelosos com qualquer coisa que não seja um sucesso garantido. Se algum sapato realmente vender muito e vocês ficarem sem estoque, isso o deixará muito mais quente. Se produzirem no México, conseguirão ser mais rápidos na reposição que a concorrência.

"E nas raras ocasiões em que forem de cabeça e errarem, então despejem os sapatos nas liquidações e assumam a perda. A primeira perda é a melhor perda nesse negócio. A última coisa que se quer é um estoque cheio de produtos parados. Vocês precisam também começar a fazer parcerias com lojas de departamentos. Deixe-as saber que vocês garantem seus sapatos, que se eles *não* venderem terão o preço de saldo. Eles podem colocar seus sapatos à venda e ainda assim manter as margens de lucro. Façam isso e verão as lojas de departamentos liquidando o lixo para vocês.

"Outra coisa que preciso dizer: vocês devem abrir as lojas Steven Madden o mais rápido possível. Vocês são produtores, portanto podem ter todo o lucro atacadista *e* o lucro de venda. E também é a melhor forma de movimentar o estoque parado: colocar coisas à venda em suas próprias lojas. Assim vocês não arriscam destruir a marca. E aí está a resposta", disse Elliot Lavigne. "Vocês estão a caminho das estrelas. Sigam esse programa e não há como perder."

Corri o olhar pela sala, e todos concordaram.

E por que não iriam? Quem podia argumentar contra tal lógica? Era triste, pensei, que um cara tão astuto quanto Elliot jogasse sua vida fora por causa das drogas. Sério. Não havia nada mais triste do que talento desperdiçado, havia? Ah, Elliot estava sóbrio agora, mas eu não tinha dúvidas de que, assim que suas costelas estivessem curadas e ele estivesse de volta à ativa, seu vício retornaria com tudo. Esse era o problema de alguém como Elliot, que se recusava a aceitar o fato de que as drogas o estragavam.

De qualquer forma, eu tinha coisas para fazer em número suficiente para manter cinco pessoas ocupadas. Ainda estava tramando a destruição de Victor Wang; ainda tinha de negociar com Danny, que estava ficando louco na Stratton; tinha assuntos com Gary Kaminsky, que, como fiquei sabendo, passava boa parte do dia ao telefone com Saurel, na Suíça; e ainda tinha o agente especial Coleman pairando por perto com suas intimações. Então pensar sobre a sobriedade de Elliot era perda de tempo.

Tinha assuntos urgentes para discutir com Steve durante o almoço, e depois precisava pegar um helicóptero até os Hamptons para ver a Duquesa e Chandler. Sob tais circunstâncias, eu diria que a dosagem apropriada de metaqualona deveria ser pequena, talvez 250 miligramas, ou um Lude, tomado agora, 30 minutos antes do almoço, que me daria a viagem correta para curtir minha comida e me permitir escapar das garras do Sapateiro, sóbrio havia quase cinco anos. Um estraga-prazeres.

Então eu cheiraria algumas carreiras de coca um pouco antes de assumir os controles do helicóptero. Afinal de contas, sempre pilotei melhor quando o efeito dos Ludes estava diminuindo, mas ainda tentando sair da minha própria pele num estado de paranoia induzido pela coca.

ALMOÇO SOB O efeito de um único Lude! Um barato inofensivo durante a refeição nas entranhas de Corona, Queens. Como a maioria dos bairros originalmente italianos, era ainda uma fortaleza mafiosa, e em cada fortaleza havia sempre um restaurante italiano cujo proprietário era um "homem do maior respeito" na região. E, sem medo de errar, tinha a melhor comida italiana em quilômetros. No Harlem, era o Rao. Em Corona, era o restaurante Park Side.

Ao contrário do Rao, o Park Side era um local grande, para o povo. A decoração era bonita, com alguns tons de nogueira lisa, espelhos esfumaçados, flores e samambaias perfeitamente cortadas. O bar era a cara da Máfia (literalmente!) e a comida era de matar (literalmente!).

O dono do Park Side era Tony Federici, um verdadeiro homem de respeito. Não surpreendentemente, ele era bem famoso, mas para mim era apenas o melhor anfitrião de todos os cinco bairros de Nova York. Quase sempre podia-se encontrar Tony zanzando pelo restaurante num avental de cozinha, segurando um jarro de Chianti feito em casa numa mão e uma bandeja de pimenta assada na outra.

O Sapateiro e eu estávamos sentados numa mesa no fabuloso jardim. Nesse momento conversávamos sobre a ideia de ele substituir Elliot como meu laranja principal.

"Em princípio, não vejo nenhum problema quanto a isso", eu falava para o voraz Sapateiro, que ficara obcecado com a atividade de laranja, "mas tenho duas preocupações. A primeira é como você irá me devolver a porra do dinheiro sem deixar rastros. É dinheiro pra caralho, Sapateiro. E minha segunda preocupação é que você já é laranja da Monroe Parker, e não quero pisar nos calos deles." Balancei a cabeça para causar efeito. "Um laranja é uma coisa muito pessoal, portanto preciso jogar limpo com Alan e Brian."

O Sapateiro concordou. "Entendo o que está dizendo, e, quanto à devolução de dinheiro, não será problema. Posso fazer isso através das ações da Steve Madden. Sempre que vender as ações que estiver mantendo para você, vou pagar a mais por elas. No papel, eu te devo mais de 4 milhões de dólares, por isso tenho um motivo legítimo para lhe enviar cheques. E, no final das contas, os números serão tão grandes que ninguém será capaz de rastreá-los, certo?"

Não é má idéia, pensei, principalmente se redigíssemos uma espécie de contrato de consultoria em que Steve me pagaria todo ano por ajudá-lo a administrar a Sapatos Steve Madden. Mas o fato de Steve estar "laranjando" 1,5 milhão de ações da Steve Madden para mim criava um problema mais preocupante, qual seja, Steve não possuía quase nenhuma ação de sua própria empresa. Era algo que precisava ser retificado agora, antes que criasse problemas à frente quando Steve percebesse que eu estava ganhando dezenas de milhões, e ele, apenas milhões. Então sorri e falei: "Vamos pensar em alguma coisa para esse esquema. Acho que usar as ações da Madden é uma ideia muito boa, pelo menos de início, mas chegamos a um tema mais importante, que é você não ter titularidade na empresa. Precisamos te dar mais ações antes que as coisas comecem realmente a crescer. Você tem apenas 300 mil ações, certo?".

Steve aquiesceu. "E algumas milhares de opções sobre ações; por volta disso."

"Está certo, bem, como seu parceiro de esquemas em geral, recomendo fortemente que adquira para si um milhão de opções sobre ações com 50% de desconto no mercado corrente. É o correto a se fazer, sobretudo porque você e eu iremos dividi-las por igual, que é o mais correto de tudo. Vamos mantê-las em seu nome, para que a NASDAQ não estranhe, e, quando chegar a hora de vender, você apenas me devolverá junto com tudo o mais."

O Mestre Sapateiro sorriu e estendeu a mão na minha direção. “Não sei como te agradecer, JB. Nunca disse nada, mas isso tem definitivamente me incomodado um pouco. Sabia que, quando chegasse a hora, ajeitaríamos as coisas.” Então ele se levantou da cadeira, assim como eu, e nos abraçamos à moda da Máfia, o que, num restaurante como aquele, não causava o menor espanto a nenhum cliente.

Quando nos sentamos novamente, Steve falou: “Mas por que não adquirimos um milhão e meio, em vez disso? 750 para cada um”.

“Não”, respondi, sentindo um formigamento agradável na ponta dos dez dedos das mãos. “Não gosto de trabalhar com números ímpares. Dá azar. Vamos apenas arredondar para dois milhões. Além do mais, é mais fácil de controlar... um milhão de opções para cada um.”

“Feito!”, concordou o Sapateiro. “E, já que você é o maior acionista da empresa, talvez devamos pular a encheção de uma reunião de diretoria. É tudo estritamente legítimo, certo?”

“Bem”, respondi, coçando o queixo pensativamente, “como seu parceiro de esquemas, recomendo muito que evite usar a palavra *legítimo*, exceto sob as circunstâncias mais terríveis. Mas, já que mencionou o assunto, irei contra todos aqui e darei minha aprovação total a esta transação. Além do mais, isso é algo que *devemos* fazer, para que não seja nossa culpa. Iremos camuflar tudo com uma aparência de jogo limpo.”

“Concordo”, disse o feliz Sapateiro. “Não depende de nós. Há forças estranhas trabalhando aqui bem maiores que um humilde Sapateiro e um não tão humilde Lobo de Wall Street.”

“Gosto da forma como você pensa, Sapateiro. Ligue para os advogados quando voltar para o escritório e diga-lhes para antedatar as atas da última reunião de diretoria. Se colocarem dificuldades, diga-lhes que me telefonem.”

“Sem problemas”, disse o Sapateiro, que acabara de aumentar sua fortuna em 400%. Então abaixou a voz e passou para um tom conspiratório. “Ouça... se você quiser, nem precisa contar a Danny sobre isso.” Ele sorriu de maneira diabólica. “Se ele me perguntar, vou dizer-lhe que são todas minhas.”

Puta merda! Que traidor do caralho era esse cara! Será que ele achava que isso me faria respeitá-lo mais? Mas guardei esse pensamento para mim. “Vou falar uma verdade”, disse eu, “não estou feliz com a forma como Danny está conduzindo as coisas no momento. Ele pensa como o Cuspidor quanto a manter estoque. Quando saí da Stratton, faltavam para a firma alguns milhões de dólares em ações. Agora está praticamente sem nada. É uma baita vergonha.” Balancei a cabeça, sério. “De qualquer forma, a Stratton está ganhando mais dinheiro *agora* do que nunca, que é o que acontece quando se negocia a longo prazo. Mas Danny ficou vulnerável.” Dei de ombros. “Que seja. Cansei de me preocupar com isso. Sem contar que ainda posso tirá-lo do jogo.”

Steve deu de ombros. “Não quero que me entenda mal” – *Ah, é mesmo? Como mais eu poderia entender isso, seu traidor cuzão?* –, “mas é apenas que você e eu vamos passar os próximos cinco anos construindo esta empresa. Sabe, Brian e Allan não vão muito com a cara de Danny também. Nem Loewenstern e Bronson. Pelo menos foi o que ouvi falar. No fim, você terá de deixar esses caras seguirem seus rumos. Eles sempre serão leais a você, mas querem fazer seus próprios negócios, longe de Danny.”

Naquele instante vi Tony Federici vindo em nossa direção, trajando seu uniforme branco de chef e carregando um jarro de Chianti. Assim, levantei-me para cumprimentá-lo. “Ei, Tony,

como está?" Matou alguém recentemente?, pensei.

Apontei para Steve e falei: "Gostaria que você conhecesse um grande amigo meu. Este é Steve Madden. Somos sócios numa empresa de sapatos lá em Woodside".

Steve imediatamente ergueu-se da cadeira e, com um sorriso sincero, disse: "Ei, Tony Valente! Tony Corona! Ouvi falar de você! Quer dizer, fui criado em Long Island, mas mesmo lá todo mundo ouviu falar de Tony Valente! É um prazer conhecê-lo!".

Com isso, Steve estendeu a mão para seu recém-descoberto amigo, Tony Valente Corona, que odiava aquele apelido.

Bem, havia muitas formas de se fazer as coisas, pensei, e essa era uma delas. Talvez Tony fosse gentil e permitisse a Steve a honra de manter seus testículos ligados ao corpo, para que pudesse ser enterrado com eles.

Vi a mão ossuda e pálida do Mestre Sapateiro suspensa no ar, na expectativa, esperando ser agarrada por uma mão em retorno, que não aparecia. Então olhei para o rosto de Tony. Ele parecia estar sorrindo, apesar de seu sorriso ser do tipo que um carcereiro sádico ofereceria a um condenado à morte ao perguntar: "O que gostaria de comer em sua última refeição?".

Por fim, Tony estendeu a mão, embora de maneira frouxa. "Sim, prazer em te conhecer", falou um impassível Tony. Seus olhos castanho-escuros eram como dois raios mortais.

"É legal conhecê-lo também, Tony Valente", disse o cada vez mais morto Sapateiro. "Ouvi falar muito bem deste restaurante, e pretendo vir muito aqui. Se eu ligar para fazer uma reserva, vou apenas dizer que sou um amigo de Tony Valente Corona! Tudo bem?"

"Tudo bem, então!", falei com um sorriso nervoso. "Acho que é melhor voltarmos aos negócios, Steve." Então me virei para Tony e disse: "Obrigado por vir nos cumprimentar. Foi bom te ver, como sempre". Revirei os olhos e balancei a cabeça como se dissesse: "Não ligue para meu amigo; ele tem síndrome de Tourette".

Tony franziu o nariz duas vezes e seguiu seu rumo, provavelmente até o fim da rua, para o clube social local, onde tomaria um café expresso enquanto ordenava a execução de Steve.

Sentei-me e balancei a cabeça, sério. "Caralho, qual o seu problema, Sapateiro? Ninguém o chama de Tony Valente! Ninguém! Quero dizer, você é um homem morto, porra."

"Do que está falando?", respondeu o Sapateiro ingênuo. "O cara me adorou, não?" Então jogou a cabeça para o lado, nervoso, e completou: "Ou estou totalmente por fora aqui?".

De repente, Alfredo, o enorme *maître*, veio até nós. "Há um telefonema para o senhor", disse Alfredo Montanha. "O senhor pode atender ali na frente, no bar. Não há ninguém por perto." Ele sorriu.

Uh-oh! Eles estavam me responsabilizando pelas ações de meu amigo! Isso era coisa da Máfia, impossível para um judeu como eu compreender totalmente as nuanças. A essência era eu ter trazido o Sapateiro para dentro desse restaurante! Eu dera meu aval e agora sofreria as consequências pela insolência dele. Sorri para Alfredo Montanha e lhe agradeci. Então pedi licença e dirigi-me para o bar... ou talvez para o congelador de carne.

Quando cheguei ao telefone, fiz uma pausa e olhei ao redor. "Alô?", falei, cético, esperando ouvir nada além de um toque de discar e então sentir um garrote no meu pescoço.

"Oi, sou eu", disse Janet. "Você parece estranho; qual o problema?"

"Nada, Janet. O que você quer?" Meu tom era um pouco mais rude que o normal. Talvez o Lude estivesse perdendo o efeito.

“Desculpe-me por existir, caralho!”, disse a sensível.

Com um suspiro: “O que você quer, Janet? Estou com alguns probleminhas aqui”.

“Estou com Victor Wang no telefone, e ele diz que é urgente. Falei-lhe que você havia saído para almoçar, mas ele disse que aguardaria aqui até que retornasse. Acho ele um idiota, se quiser saber minha opinião.”

Quem... liga... pra... porra... da... sua... opinião... Janet? “Bem, coloque-o na linha”, disse, sorrindo para meu próprio reflexo no espelho enfumaçado atrás do bar. Eu nem parecia chapado. Ou talvez *não estivesse* chapado. Coloquei a mão no bolso e puxei um Quaalude espanhol, examinei-o por um breve instante e então o engoli... a seco.

Aguardei o som da voz tomada pelo pânico do China Depravado. Eu o deixara no esquecimento havia quase uma semana, e a Duke Securities estava até as orelhas com ações. Sim, estavam chovendo ações sobre Victor, e ele estava me procurando pedindo ajuda, o que eu tinha toda intenção de dar... mais ou menos.

De repente, surgiu a voz do China Depravado. Ele me cumprimentou calorosamente e começou a explicar que possuía mais ações de uma certa empresa do que havia ações físicas. Na verdade, havia apenas 1,5 milhão de ações circulando, mas ele no momento estava em posse de 1,6 milhão de ações.

“... e as ações continuam pingando”, disse o Panda Falante, “só não entendo como isso é possível. Sei que Danny me fodeu, mas também *ele* tem de estar sem ações agora!” O chinês parecia totalmente confuso, sem saber que eu tinha uma conta especial na Bear Stearns que me permitia vender tantas ações quanto meu coraçãozinho desejasse, quer eu as possuísse ou não e quer eu pudesse pegá-las emprestadas ou não. Era um tipo especial de conta chamada conta de corretagem preferencial, o que significava que eu podia realizar minhas negociações através de qualquer firma de corretagem no mundo. Não havia como o China descobrir quem estava vendendo.

“Acalme-se”, falei. “Se você está com problemas de dinheiro, Vic, estou aqui para te ajudar... 100%. Se precisa vender para mim 300 ou 400 mil ações, apenas diga.” Era mais ou menos isso que eu estava a descoberto agora. Mas eu tinha vendido as ações a preços maiores, por isso, se Victor fosse bobo o suficiente para me vender as suas, eu teria um lucro enorme, e então viraria a esquina e abaixaria os preços das ações novamente. Em breve, as ações estariam sendo negociadas a centavos, e o China, trabalhando na rua Mott, enrolando *wontons*.

“Sim”, respondeu o Panda Falante, “isso realmente ajudaria. Estou com pouco capital, e as ações já estão sendo negociadas a menos de 5 dólares. Não posso permitir que caiam mais.”

“Sem problemas, Vic. Apenas telefone para Kenny Kock na Meyerson; ele irá comprar 50 mil blocos de ações a cada hora.”

Victor me agradeceu, e então desliguei o telefone e disquei imediatamente para Kenny Kock, cuja esposa, Phyllis, fora a ministra do meu casamento. Falei para Kenny: “O China Depravado vai ficar te ligando a cada hora para vender 50 mil blocos de ações de *você sabe o quê”* – já havia contado meu plano para Kenny, e ele estava bem ciente de que eu estava travando uma guerra secreta contra o China –, “então saia e venda mais 50 mil ações agora, antes que compremos alguma dele. E então continue vendendo 50 mil blocos de ações a cada 90 minutos mais ou menos. Faça as vendas através de contas cegas, para que Victor não saiba de onde estão vindo.”

“Sem problemas”, respondeu Kenny Kock, o gerente de negócios na M. H. Meyerson. Eu acabara de levantar dez milhões de dólares para a sua empresa numa oferta pública inicial, portanto eu tinha autoridade ilimitada para negociar com ele. “Algo mais?”

“Não, só isso”, respondi. “Apenas mantenha as vendas baixas, em blocos de cinco ou dez mil. Quero que ele ache que está vindo de vendedores a descoberto aleatórios.” *Ahhh, uma ideia.* “Na verdade, sinta-se livre para diminuir quanto quiser da sua própria conta, porque as ações irão chegar a zero!”

Desliguei o telefone e desci para o banheiro para dar uns tirinhos de coca. Com certeza, eu merecia isso depois de minha atuação digna de um Oscar com Victor. Não senti nem uma pitada de culpa por causa da ascensão e queda da Duke Securities. Nos últimos meses, ele cumprira as expectativas de sua reputação de China Depravado. Estivera roubando corretores da Stratton sob o pretexto de eles não quererem mais trabalhar em Long Island; estivera vendendo de volta todas as ações que possuía das novas emissões da Stratton e, logicamente, negando isso; e estivera abertamente difamando Danny, referindo-se a ele como um “bufão espalhafatoso” incapaz de comandar a Stratton.

Então, isso era o troco.

Entrei e saí do banheiro em menos de um minuto, ingerindo um quarto de grama de coca em quatro cheiradas enormes. Enquanto subia de volta as escadas, meu coração batia mais rápido do que o de um coelho e minha pressão sanguínea estava mais alta do que uma vítima de ataque cardíaco, e eu amava isso. Minha mente estava a toda e eu tinha tudo sob controle.

No topo das escadas, dei de cara com o peito inflado de Alfredo Montanha. “O senhor tem mais um telefonema.”

“É mesmo?”, perguntei, tentando manter o queixo no lugar.

“Acho que é sua esposa.”

Putz! A Duquesa! Como ela faz isso? Ela sempre parece saber quando não estou fazendo coisa boa! Contudo, como eu nunca estava fazendo coisa boa, a lei da probabilidade era de ela sempre me telefonar na hora errada.

Cabisbaixo, andei até o bar e peguei o telefone. Eu teria de disfarçar. “Alô?”, falei, preocupado.

“Oi, querido. Você está bem?”

Se eu estava bem? Que pergunta capciosa! Muito malandra essa minha Duquesa. “Sim, estou bem, querida. Estou almoçando com Steve. O que tá pegando?”

A Duquesa deu um suspiro profundo e então falou: “Tenho más notícias. A tia Patricia acabou de morrer”.

CAPÍTULO 28

IMORTALIZANDO OS MORTOS

Cinco dias depois da morte da tia Patricia eu estava de volta à Suíça, na sala de estar com paredes de madeira da casa do Mestre em Falsificações. Era um lugar aconchegante, a mais ou menos 20 minutos de Genebra, em algum lugar da zona rural suíça. Era domingo. Tínhamos acabado de jantar, e a esposa do Mestre em Falsificações, a quem eu passara a chamar mentalmente de sra. Mestre em Falsificações, havia colocado sobre uma mesa de vidro chanfrado todos os tipos de sobremesas engordativas: um sortido fabuloso de chocolates suíços, bolos franceses, pudins e queijos fedidos.

Eu chegara havia duas horas, querendo ir direto ao ponto, mas o Mestre em Falsificações e sua esposa insistiram em me estufar de delícias suíças em quantidade suficiente para fazer um monte de cães alpinos engasgar. Nesse momento, os Falsificadores estavam sentados à minha frente, encostados em cadeiras de couro reclináveis. Usavam conjuntos de moletom cinza, os quais, para mim, faziam-nos parecer dois dirigíveis da Goodyear, mas eram anfitriões incríveis e, além do mais, tinham um bom coração.

Desde o ataque de Patricia e seu falecimento, Roland e eu havíamos tido apenas uma breve conversa pelo telefone... de um telefone público no Haras Gold Coast, a fim de evitar o Brookville Contry Club, que parecia estar amaldiçoado. Ele dissera para não me preocupar, que cuidaria de tudo. Mas se recusara a entrar em detalhes pelo telefone, o que, dada a natureza de nossos negócios, era compreensível.

Tão compreensível que eu voara para a Suíça na noite passada – a fim de sentar-me cara a cara com ele e discutirmos as coisas.

Dessa vez, contudo, fui esperto.

Em vez de pegar um voo comercial e correr o risco de ser preso por apalpação de aeromoça, eu voara num jato particular, um delicado Gulfstream III. Danny viera também, e estava me aguardando no hotel, o que significava, com 90% de certeza, que ele treparia com quatro putas suíças.

Assim, aqui estava eu, com um sorriso no rosto e um coração frustrado, assistindo a Roland e sua esposa devorarem as sobremesas.

Por fim, perdi a paciência e falei com muita delicadeza: “Sabem, vocês são anfitriões maravilhosos. Nem sei como lhes agradecer. Mas, infelizmente, preciso pegar um voo de volta para os Estados Unidos, assim, se estiver tudo bem para você, Roland, podemos falar de negócios agora?”. Ergui as sobrancelhas e sorri de maneira tímida.

O Mestre em Falsificações sorriu largamente. “Lógico, meu amigo.” Ele se virou para a esposa: “Por que você não começa a preparar o jantar, minha querida?”.

Jantar?, pensei. Puta merda!

Ela concordou, apaixonada, e pediu licença, quando então Roland aproximou-se da mesinha e pegou mais dois morangos cobertos de chocolate, números 21 e 22, se eu não estava enganado.

Respirei fundo e falei: “Diante da morte de Patricia, Roland, minha maior preocupação é

como tirar o dinheiro das minhas contas na UBP. E, então, depois disso, que nome usar daí em diante? Sabe, uma das coisas que me deixavam confortável era poder usar o nome de Patricia. Eu realmente confiava nela. E a amava também. Quem teria imaginado que ela faleceria tão rápido?". Balancei a cabeça e dei um suspiro profundo.

O Mestre em Falsificações deu de ombros e falou: "A morte de Patricia é triste, é lógico, mas não há por que se preocupar. O dinheiro foi transferido para dois outros bancos, e nenhum deles tem a menor ideia de quem seja Patricia Mellor. Todos os documentos necessários foram criados, e cada um deles com a assinatura original de Patricia, ou o que com certeza passaria como a assinatura dela. Os documentos foram antedatados para os dias apropriados, logicamente antes de sua morte. Seu dinheiro está seguro, meu amigo. Nada mudou".

"Mas está no nome de quem?"

"Patricia Mellor, é lógico. Não há nomeado melhor que uma pessoa morta, meu amigo. Ninguém nos dois bancos viu Patricia Mellor e o dinheiro nas contas de suas corporações ao portador, das quais você tem certificados." O Mestre em Falsificações deu de ombros, como se dissesse: "Nada disso importa no mundo dos mestres em falsificações". Então ele falou: "O único motivo para eu ter transferido o dinheiro do Union Banc é porque Saurel caiu no meu conceito. Melhor garantir do que se lamentar depois, imaginei".

Mestre em Falsificações! Mestre em Falsificações! Ele acabou se mostrando ser tudo que eu esperava dele. Sim, o Mestre em Falsificações valia seu peso considerável em ouro, ou próximo disso. Ele até conseguira transformar morte em... *vida!* E era dessa forma que a tia Patricia desejaria que fossem as coisas. Seu nome permaneceria para sempre no umbigo gordo do sistema bancário suíço. Em essência, o Mestre em Falsificações a imortalizara. Ao morrer dessa forma... tão repentinamente... ela nunca tivera chance de se despedir. Ah, mas posso apostar que uma das últimas coisas que se passaram em sua mente foi uma pequena preocupação de que seu falecimento inesperado causaria um problema a seu sobrinho favorito.

O Mestre em Falsificações inclinou-se para a frente e pegou mais dois morangos cobertos de chocolate, números 23 e 24, e começou a mastigar.

"Sabe, Roland, gostei muito de Saurel quando o conheci, mas estou avaliando melhor agora. Ele fala com Kaminsky o tempo todo, e isso me deixa desconfortável. Eu gostaria de não fazer mais negócios com o Union Banc, se não houver problemas para você", disse eu.

"Sempre obedecerei às suas decisões", respondeu o Mestre em Falsificações, "e neste caso acho que sua decisão é sábia. Mas, de qualquer forma, não precisa se preocupar com Jean Jacques Saurel. Apesar de ser francês, ele ainda mora na Suíça, e o governo dos Estados Unidos não tem poder sobre ele. Ele não o trairá."

"Não duvido disso", respondi, "mas é uma questão de confiança. Não gosto que as pessoas saibam dos meus negócios, em especial um cara como Kaminsky." Sorri, tentando clarear tudo. "Como estava dizendo, tenho tentado entrar em contato com Saurel há mais de uma semana, mas sua secretária diz que ele saiu a negócios."

O Mestre em Falsificações concordou com a cabeça. "Sim, ele está nos Estados Unidos, acredito. Vendo clientes."

"É mesmo? Eu não tinha a menor ideia." Por algum motivo estranho, achei isso preocupante, apesar de não saber explicar por quê.

Roland falou, de modo casual: "Sim, ele tem muitos clientes lá. Conheço alguns, mas não

todos".

Aquiesci, afastando meu pressentimento ruim como uma paranoia inútil. Cerca de 15 minutos depois, eu estava do lado de fora de sua porta, segurando um saquinho com delícias suíças. O Mestre em Falsificações e eu nos abraçamos de maneira calorosa. "*Au revoir!",* falei, o que significava *Até a volta* em francês.

Em retrospecto, *até mais* teria sido bem mais apropriado.

FINALMENTE ENTREI PELA porta de nossa casa em Westhampton Beach na manhã de sexta, um pouco depois das 22 horas. Tudo que queria era subir e segurar Chandler, em seguida fazer amor com a Duquesa e ir dormir. Mas não tive chance. Estava em casa havia menos de 30 segundos quando o telefone tocou.

Era Gary Deluca. "Sinto muito por incomodá-lo", disse o Papagaio, "mas estou tentando contatar você o dia todo. Pensei que gostaria de saber que Gary Kaminsky foi indiciado ontem de manhã. Ele está numa cadeia de Miami, detido sem fiança."

"É mesmo?", perguntei de maneira despreocupada. Eu estava naquele estado de extremo cansaço em que não se consegue compreender totalmente as consequências do que se está ouvindo, ou pelo menos não de imediato. "Pelo que ele foi indiciado?"

"Lavagem de dinheiro", respondeu Deluca, sem emoção. "O nome Jean Jacques Saurel lhe diz alguma coisa?"

Isso me pegou... me acordou na hora! "Talvez... acho que me encontrei com ele quando estava na Suíça daquela vez. Por quê?"

"Porque ele foi indiciado também", disse o Papagaio das Más Notícias. "Ele está na cadeia com Kaminsky; e também está detido sem fiança."

CAPÍTULO 29

MEDIDAS DESESPERADAS

Sentado na cozinha, avaliando os indiciamentos, achei tudo aquilo muito impressionante. Quantos banqueiros suíços havia? Pelo menos dez mil só em Genebra, e eu tinha de escolher aquele que fora burro o suficiente para ser preso em solo americano. Quais eram as chances de isso acontecer? Mais irônico ainda era que ele fora indiciado por um crime sem nenhuma ligação comigo, algo a ver com lavagem de dinheiro de drogas através de uma corrida de barcos.

Não levou muito tempo para a Duquesa perceber que algo estava terrivelmente errado, apenas pelo fato de eu não ter partido para cima dela no momento em que entrei pela porta. Mas, sem nem ao menos tentar, eu sabia que não conseguiria levantá-lo. Tentei evitar que a palavra *impotente* entrasse em minha cabeça, porque ela tinha muitas conotações negativas para um verdadeiro homem de poder, o que eu ainda me considerava, apesar de ser vítima do comportamento descuidado do meu banqueiro suíço. Assim, preferi pensar em mim como um pinto mole ou pinto espaguete, que era muito mais palatável do que aquela horrível palavra *I*.

De certa forma, meu pênis procurara abrigo dentro do meu abdômen – encolhendo até ficar do tamanho de uma borracha de lápis número dois; por isso, disse à Duquesa que estava enjoado e com *jet lag*.

Mais tarde, naquela noite, entrei no closet do quarto e peguei meu traje de cadeia. Escolhi uma Levi's desbotada, uma camiseta cinza simples com mangas compridas (apenas para o caso de eu sentir frio dentro da cela) e um tênis Reebok batido, que reduziria as chances de um negro de 2 metros de altura chamado Bubba ou Jamal tirá-lo de mim. Vira isso acontecer nos filmes, e sempre tiravam os tênis dos caras antes do estupro.

Na manhã de segunda, decidi não ir para o escritório – imaginando que seria mais digno ser preso no conforto do meu lar do que nas entranhas sombrias de Woodside, Queens. Não, não permitiria que me prendessem na Sapatos Steve Madden. O Sapateiro veria nisso uma oportunidade perfeita de me roubar as porras das opções sobre ações. Os maddenitas teriam de ler sobre o assunto na primeira página do *The New York Times*, como o resto do Mundo Livre. Eu não lhes daria o prazer de me ver sendo algemado; esse prazer eu reservaria para a Duquesa.

Então algo muito estranho aconteceu... nada. Não houve indiciamentos, nenhuma visita não anunciada do agente Coleman e nenhuma incursão do FBI na Stratton Oakmont. Na tarde de quarta, fiquei me perguntando que caralho estava acontecendo. Eu ficara escondido em Westhampton desde sexta, fingindo estar com um caso terrível de diarreia, o que era basicamente verdade. Ainda assim, agora parecia que estava escondido sem nenhum bom motivo... talvez eu não estivesse correndo o risco de ser preso!

Na quinta, o silêncio estava me oprimindo e decidi arriscar um telefonema para Gregory O'Connell, o advogado que Bo recomendara. Ele parecia ser a pessoa perfeita de quem se tirar informações, já que fora ele quem passara na delegacia e falara com Sean O'Shea seis meses atrás.

É claro que eu não abriria o jogo com Greg O'Connell. Afinal de contas, ele era advogado, e

não se podia confiar em nenhum advogado, sobretudo um criminal, que não podia representar legalmente alguém caso ficasse sabendo que o cliente era realmente culpado. Era um conceito maluco, e todo mundo sabia que advogados de defesa ganhavam a vida defendendo culpados. Mas parte do jogo era um entendimento silencioso entre um bandido e seu advogado, em que o bandido jurava inocência para seu advogado e o advogado ajudava o bandido a moldar sua mentira para uma defesa que fosse consistente com os furos na história.

Assim, quando falei com Greg O'Connell, eu menti demais, contando que fora pego no problema de outra pessoa. Disse-lhe que a família da minha esposa na Grã-Bretanha tinha o mesmo banqueiro que um piloto de barcos corrupto, o que era, logicamente, uma total coincidência. Conforme ia narrando essa primeira versão da minha mentira para meu futuro advogado – contando-lhe tudo sobre a adorável tia Patricia, ainda viva e saltitante, porque senti que isso fortaleceria meu caso –, comecei a ver raios de esperança.

Minha história era totalmente crível, pensei, até que Gregory O'Connell perguntou, num tom um tanto cético: "De onde uma professora primária aposentada de 65 anos tirou três milhões em dinheiro vivo para abrir a conta?".

Hmmmm... um pequeno furo em minha história; não devia ser um bom sinal, pensei. Tudo que podia fazer era fingir-me de bobo. "Como é que eu vou saber?", perguntei trivialmente. Sim, meu tom fora correto. O Lobo podia ser uma figura honesta quando tinha de ser... mesmo agora, sob as circunstâncias mais horrendas. "Ouça, Greg, Patricia, que descanse em paz, sempre comentava sobre como seu ex-marido fora o primeiro piloto de testes do jatinho Harrier. Aposto que a KGB pagaria uma fortuna enorme por quaisquer informações internas daquele projeto; ou talvez ele estivesse recebendo grana da KGB... Pelo que me lembro, era coisa de primeira linha naquela época. Muito secreto." Nossa! Que caralho eu estava falando?

"Bem, vou fazer alguns telefonemas e tentar entender as coisas", disse meu gentil advogado. "Só há uma coisa que não estou entendendo, Jordan. Você pode esclarecer se sua tia Patricia está viva ou morta? Você desejou que ela descansasse em paz, mas alguns minutos atrás me contou que ela morava em Londres. Seria de muita ajuda se eu soubesse qual é o estado correto dela."

Eu realmente dera um fora. Teria de ser mais cuidadoso no futuro sobre o estado de vida de Patricia. Não havia o que fazer além de blefar. "Bem, isso depende do que se encaixa melhor para a minha situação. O que é melhor para o meu caso: vida ou morte?"

"*Beeem,* seria legal se ela pudesse aparecer e dizer que o dinheiro era dela, ou, pelo menos, assinar uma procuração atestando este fato. Assim, tenho de dizer que seria melhor que ela estivesse viva."

"Então, ela está bem viva!", respondi, confiante, pensando no Mestre em Falsificações e em sua habilidade de criar todos os tipos de documentos legais. "Mas ela gosta de privacidade, portanto você terá de ajeitar uma procuração. Acredito que ela ficará reclusa por um tempo..."

Só silêncio agora. Depois de uns dez segundos, meu advogado finalmente falou: "Está bem, então! Acredito que tenha entendido tudo. Volto a falar com você em algumas horas".

Uma hora depois, recebi uma ligação de Greg O'Connell: "Não há nada de novo no seu caso. Na verdade, Sean O'Shea está saindo da repartição daqui a uma semana, vai se juntar a nós, humildes advogados de defesa, portanto ele foi estranhamente receptivo comigo. Disse que todo o seu caso está sendo conduzido por esse Coleman. Ninguém na Procuradoria-Geral está interessado. E, quanto ao banqueiro suíço, não há nada acontecendo com ele que tenha relação

com seu caso, pelo menos não agora". Ele então passou mais alguns minutos garantindo-me que eu era bem inocente.

Depois de desligar, ignorei a primeira palavra, *bem*, e agarrei-me à última, *inocente*, como um cachorro com um osso. Contudo, precisava falar com o Mestre em Falsificações, para avaliar toda a extensão do dano. Se ele estivesse numa cadeia americana, como Saurel – ou numa cadeia suíça, aguardando a extradição para os Estados Unidos –, então eu estaria ferrado. Mas, se não estivesse – se ele fosse inocente também, ainda capaz de praticar sua pouco conhecida arte de mestre em falsificações –, então talvez tudo pudesse dar certo para mim.

Liguei para o Mestre em Falsificações de um telefone público no restaurante Starr Boggs. Com a respiração presa, escutei sua preocupante história de como a polícia suíça invadira seu escritório e se apropriara de caixas cheias de registros. Sim, ele fora intimado a depor nos Estados Unidos, mas, não, ele não estava oficialmente indiciado, pelo menos que soubesse. Garantiu-me que sob nenhuma circunstância o governo suíço o entregaria para os Estados Unidos, apesar de ele não poder mais viajar com segurança para fora da Suíça, sob o risco de ser pego pela Interpol com um mandado de prisão internacional.

Finalmente, falamos sobre as contas de Patricia Mellor, e o Mestre em Falsificações disse: "Alguns registros foram confiscados, mas não porque eram especificamente procurados; apenas foram retirados com os outros. Mas não tenha medo, meu amigo, não há nada em meus registros indicando que o dinheiro não pertença a Patricia Mellor. Entretanto, como ela não está mais viva, sugiro que você pare de fazer negócios sob essas contas até que tudo isso tenha passado".

"Isso nem precisa dizer", respondi, agarrando-me a essa última palavra, *passado*, "mas minha maior preocupação nem é ter acesso ao dinheiro. O que realmente me angustia é a possibilidade de Saurel cooperar com o governo americano e dizer que as contas são minhas. Isso me causaria um problema grande, Roland. Talvez se houvesse alguns documentos que indicassem claramente que o dinheiro era de Patricia, isso faria uma grande diferença."

O Mestre em Falsificações respondeu: "Mas esses documentos já existem, meu amigo. Talvez, se você pudesse me passar uma lista de quais documentos poderiam ajudá-lo e em que datas Patricia os assinou, eu poderia buscá-los em meus arquivos para você".

Mestre em Falsificações! Mestre em Falsificações! Ele ainda estava comigo. "Entendi, Roland, e falo com você se precisar de alguma coisa. Mas, neste momento, imagino que é melhor ficar calmo, aguardar e torcer pelo melhor."

O Mestre em Falsificações respondeu: "Como sempre, estamos de acordo. Mas, até que essa investigação termine, você deve ficar longe da Suíça. Lembre-se, contudo, que sempre estarei ao seu lado, meu amigo, e farei o que puder para proteger você e sua família".

Quando desliguei o telefone, sabia que meu destino seria de ascensão e queda com Saurel. Porém, também sabia que tinha de seguir com minha vida. Tinha de respirar fundo e engolir. Tinha de voltar para o trabalho e tinha de voltar a fazer amor com a Duquesa. Tinha de parar de ficar alucinado toda vez que o telefone tocava ou havia uma batida inesperada na porta.

E foi isso que fiz. Voltei a me afundar na insanidade das coisas. Enfiei-me no prédio da Sapatos Steve Madden e continuei a aconselhar minhas firmas de corretagem por trás dos panos. Fiz o possível para ser um marido fiel para a Duquesa e um bom pai para Chandler, apesar das drogas. Conforme os meses passavam, meu vício continuava a aumentar.

Como sempre, eu logo arrumava desculpas para tudo... lembrava-me de que era jovem e rico,

com uma esposa deslumbrante e uma filhinha perfeita. Todo mundo queria uma vida como a minha, não? Havia vida melhor do que aquela em *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*?

De qualquer forma, até a metade de outubro, não houve repercussões da prisão de Saurel, e eu soltei um suspiro final de alívio. Obviamente, ele preferira não cooperar, e o Lobo de Wall Street havia se esquivado de mais uma bala. Chandler dera seus primeiros passos e estava agora fazendo o Passo do Frankenstein, esticando os braços para a frente, mantendo os joelhos duros e zanzando com rigidez. E, claro, o bebê-gênio estava tagarelando. No seu primeiro ano de vida, na verdade, ela já era capaz de formar sentenças completas – uma conquista impressionante para um bebê –, e eu não tinha dúvidas de que ela estava a caminho de um Prêmio Nobel ou pelo menos de uma Medalha Fields de matemática avançada.

Enquanto isso, a Sapatos Steve Madden e a Stratton Oakmont seguiam caminhos divergentes: a Steve Madden crescia rapidamente e a Stratton Oakmont era vítima de estratégias de negócios mal planejadas e uma nova onda de pressão regulatória, e Danny havia provocado as duas coisas sozinho. A última era resultado da recusa de Danny em agir de acordo com um dos termos do acordo da Comissão de Valores Mobiliários – isto é, que a Stratton contratasse um auditor independente, escolhido pela Comissão, que revisaria as práticas comerciais da firma e então faria recomendações. Uma das recomendações foi para que a firma instalasse um sistema para gravar as conversas telefônicas dos strattonitas com seus clientes. Danny recusou-se a obedecer, e a Comissão correu até a corte federal e conseguiu uma ordem formal para que a firma instalasse o sistema de gravação.

Danny finalmente se rendeu – caso contrário, seria mandado para a cadeia por desrespeito à justiça –, mas agora a Stratton tinha uma injunção judicial contra si, que significava que todos os 50 estados tinham o direito de suspender a licença da Stratton, o que, é lógico, começaram, pouco a pouco, a fazer. Era difícil imaginar que, depois de tudo a que a Stratton sobrevivera, sua morte se deveria à recusa de instalar um sistema de gravação, que, afinal de contas, não fazia a menor diferença. Em questão de dias, os strattonitas teriam descoberto como burlar o sistema – dizendo apenas coisas permitidas pelas linhas telefônicas da Stratton e então pegando seus celulares quando sentissem vontade de passar para o lado negro das coisas. Mas estava previsto agora: os dias da Stratton estavam contados.

Os proprietários da Biltmore e da Monroe Parker expressaram o desejo de seguir caminhos distintos, de não fazer mais negócios com a Stratton. É claro que tudo foi feito com o maior respeito, e cada um se ofereceu a me pagar um tributo de 1 milhão de dólares a cada nova ação que lançasse. Isso dava mais ou menos 12 milhões de dólares por ano, portanto aceitei com alegria. Eu também estava recebendo 1 milhão de dólares por mês da Stratton, segundo o acordo de não competição, assim como mais quatro ou cinco milhões a cada dois meses, quando eu descontava grandes blocos de ações restritas das empresas que a Stratton levava a público.

Ainda assim, considerava isso apenas uma gota no balde comparado ao que eu podia ganhar com a Sapatos Steve Madden, que parecia estar num foguete a caminho das estrelas. Lembrava-me dos primeiros dias da Stratton... dias *emocionantes*... dias *gloriosos*... no final dos anos 1980 e começo dos 1990, quando a primeira onda de strattonitas pegava os telefones e a insanidade que definiria a minha vida ainda estava começando. Assim, a Stratton era meu passado e a Sapatos Steve Madden, o meu futuro.

Nesse momento, eu estava sentado em frente a Steve, encostado em sua cadeira de maneira

defensiva enquanto Cuspidor atirava jatos de cuspe nele. De vez em quando, Steve olhava para mim de uma maneira que dizia algo como “O Cuspidor não cansa de solicitar botas, principalmente quando a estação das botas está quase acabando”.

Papagaio também estava na sala, e ele papagaiava para nós sempre que podia. Nesse momento, porém, o Cuspidor era o centro das atenções. “Qual o grande problema em solicitar essas botas?”, cuspiu Cuspidor. Em razão de a discussão de hoje de manhã envolver uma palavra começando com *B*, ele estava soltando uma enorme quantidade de cuspes. Na verdade, toda vez que Cuspidor pronunciava a palavra *bota*, eu podia ver o Sapateiro claramente se contrair. E agora ele voltara sua fúria contra mim: “Ouça, JB, esta bota” – *ah, merda!* – “é tão quente que não há como perdermos. Precisa confiar em mim quanto a isso. Estou te dizendo, nem um único par precisará ser liquidado”.

Balancei a cabeça, discordando. “Nada de botas, John. Paramos com as botas. E não tem nada a ver com o fato de elas serem liquidadas ou não. Tem a ver com conduzirmos nossos negócios com uma certa disciplina. Estamos indo em 18 direções diferentes ao mesmo tempo e precisamos focar no nosso plano de negócios. Estamos abrindo três novas lojas; e também negociando dezenas de quiosques dentro de lojas; estamos prestes a puxar o gatilho de outra marca. Há muita grana para rolar. Precisamos ficar calmos e focados no momento; nada de grandes riscos neste final de estação, principalmente com uma porra de bota com pele de leopardo.”

Papagaio aproveitou essa deixa para papagaiar um pouco mais. “Concordo com você, e é exatamente por isso que faz muito sentido mudarmos nosso departamento de expedição para a Fló...”

Cuspidor cortou Papagaio de imediato. “Isso é *ridículo* pra caralho!”, cuspiu Cuspidor. “Toda essa porra de conceito! Não tenho tempo para esta merda. Preciso que algumas merdas de sapatos sejam produzidos ou estaremos falidos!” Com isso, Cuspidor saiu do escritório e bateu a porta.

De repente o telefone tocou. “Todd Garret está na linha um.”

Girei os olhos para Steve e falei: “Diga a ele que estou numa reunião, Janet. Ligo para ele depois”.

Janet, a insolente: “*Lógico* que falei a ele que você estava numa reunião, mas ele disse que é urgente. Precisa falar com você imediatamente”.

Balancei a cabeça, contrariado, e suspirei longamente. O que poderia ser tão importante com Todd Garret... a não ser, é lógico, que ele tivesse conseguido colocar as mãos em alguns Verdadeiros Verdadeiros! Peguei o telefone e falei, num tom amistoso, porém de alguma forma incomodado: “Ei, Todd, que está pegando, amigo?”.

“Bem”, respondeu Todd, “odeio ser o portador de más notícias, mas um cara chamado agente Coleman acabou de sair da minha casa e me contou que Carolyn está prestes a ser levada para a cadeia.”

Com angústia: “Pelo *quê*? O que Carolyn fez?”.

Senti o mundo cair sobre mim quando Todd respondeu: “Sabia que seu banqueiro suíço está na cadeia e está cooperando contra você?”.

Senti meu cu ficar comprimido e falei: “Estarei aí em uma hora”.

ASSIM COMO SEU proprietário, o apartamento de dois quartos de Todd era intimidador. Do teto ao chão, o lugar todo era preto, não havia nem um centímetro de cor. Estávamos sentados na sala, totalmente destituída de vida vegetal. Tudo que se via era couro e cromo preto.

Todd estava sentado à minha frente, enquanto Carolyn ia para a frente e para trás num carpete preto de pelúcia, balançando sobre saltos muito altos. Todd falou: "Não precisamos nem dizer que Carolyn e eu nunca cooperaremos contra você, portanto nem se preocupe com isso". Ele ergueu a cabeça para a Gostosa Suíça balançante e perguntou: "Certo, Carolyn?".

Carolyn concordou, nervosa, e continuou a balançar. Aparentemente, Todd se incomodava com aquilo. "Você quer parar de balançar?", resmungou. "Está me deixando louco. Vou te arrebentar se você não se sentar!"

"Ah, vá se *fader*, Taad!", grasnou a Gostosa. "Isso não é brincadeira. Tenho dois filhos, caso você tenha esquecido. É tudo por causa daquela pistola estúpida que você carrega."

Mesmo agora, no dia da minha maldição, esses dois maníacos estavam determinados a se matar. "Será que vocês dois podem parar?", falei, forçando um sorriso. "Não entendo o que a posse de arma de Todd tem a ver com Saurel sendo indiciado."

"Não dê atenção a ela", murmurou Todd. "Ela é uma puta idiota. O que ela está tentando dizer é que Coleman descobriu o que aconteceu no shopping center e, agora, está solicitando ao procurador de Justiça do Queens para não fazer um acordo no meu processo. Alguns meses atrás estavam me oferecendo condicional e, agora, estão dizendo que tenho de cumprir três anos, a não ser que coopere com o FBI. Por mim, não dou a mínima para isso, e se tiver de ir para a cadeia é o que farei. O problema é minha esposa idiota, que decidiu virar amiga do seu banqueiro suíço em vez de apenas deixar o dinheiro e não dizer uma palavra, como deveria ter feito. Mas, *nããããão*, ela não pôde resistir a ir almoçar com o cuzão e então trocar números de telefone com ele. Pelo que sei, ela deve ter trepado com ele."

"Sabe", disse a Gostosa, parecendo um tanto culpada, sobre seus deslumbrantes sapatos de salto de couro branco legítimo, "você muito sem-vergonha, cachorrão! Quem você pra atirar pedras em mim? Acha que não sei o que faz com aquela dançarina de gaiola do Rio?" Com isso, a Gostosa Suíça olhou-me diretamente nos olhos e falou: "Você acredita nesse homem ciumento? Pode, por favor, dizer a *Taad* que *Jean Jacques* não é assim? Ele é banqueiro velho, não garanhão. Certo, Jordan?" E ficou me encarando com seus olhos azuis brilhantes e queixo rígido.

Um banqueiro velho? Jean Jacques? Puta merda... que mudança trágica de rumos! Teria a Gostosa Suíça trepado com meu banqueiro suíço? Se ela tivesse apenas deixado o dinheiro, como deveria ter feito, Saurel nem saberia quem ela era! Mas, não, ela não conseguira ficar calada, e, como resultado, Coleman estava agora ligando todos os pontinhos... descobrindo que a prisão de Todd no Shopping Center Bay Terrace não tinha nada a ver com tráfico de drogas, mas com o contrabando de milhões de dólares para a Suíça.

"Bem", falei inocentemente, "eu não classificaria Saurel exatamente como um velho, mas ele não é o tipo de cara que teria um caso com a esposa de outro homem. Quer dizer, ele é casado, e nunca me pareceu ser capaz de fazer algo assim."

Aparentemente ambos encararam isso como uma vitória. Carolyn regozijou-se: "Vê, cachorrão, ele não é desses. Ele é...".

Mas Todd a cortou. "Então por que, caralho, você disse que ele é velho, seu monte de merda

mentirosa? Por que mentir se não tem nada a esconder, hein? Ora, eu...”

Enquanto Todd e Carolyn continuavam a arrancar os pulmões um do outro, eu apaguei e fiquei me perguntando se havia alguma forma de sair dessa enrascada. Era hora de medidas desesperadas; era hora de ligar para meu contador de confiança, Dennis Gaito, também conhecido como Chef. Eu me desculparia humildemente por ter feito tudo isso pelas suas costas. Não, na verdade, eu nunca havia dito a Chef que tinha contas na Suíça. Tudo que podia fazer era abrir o jogo e procurar seu aconselhamento.

“... e o que vamos fazer com dinheiro agora?”, perguntou a Gostosa Suíça. “Esse agente Coleman o vê como um pássaro agora” – *Será que ela queria dizer águia?* –, “daí que você não pode mais vender suas drogas. Vamos morrer de fome, com certeza!”. Com isso, a futura esfomeada Gostosa Suíça, com seu relógio Patek Philippe de 40 mil dólares, colar de diamantes e rubi de 25 mil dólares e traje de 5 mil dólares, sentou-se na cadeira de couro preta. Então colocou a cabeça nas mãos e começou a balançá-la para a frente e para trás.

O irônico de tudo era que, no final das contas, fora a Gostosa Suíça, com seu inglês esquisito e seus seios gigantescos, quem finalmente deixou de lado toda a papagaiada e destilou as coisas para a sua essência... tudo se resumia a comprar seu silêncio. E isso não seria nada de mais para mim; na verdade, tinha uma ligeira suspeita de que para eles também não. Afinal de contas, os dois tinham agora dois bilhetes de primeira classe para o trem da alegria, que seriam válidos ainda por muitos anos. E, se em algum momento as coisas ficassem complicadas, eles sempre podiam apelar para o escritório de Nova York do FBI, onde o agente Coleman estaria aguardando-os de braços abertos e com um sorriso no rosto.

NAQUELA NOITE, NO meu porão em Old Brookville, Long Island, eu estava sentado no sofá em L com o Chef, brincando o pouco conhecido jogo Você Consegue Superar a minha Mentira? As regras eram simples. O competidor que estivesse narrando a mentira tentava tornar sua história a mais plausível possível, enquanto a pessoa que estivesse ouvindo a mentira tentava encontrar furos nela. Para vencer, um dos competidores tinha de inventar uma mentira tão plausível que o outro não pudesse encontrar furos. E como o Chef e eu éramos mestres Jedi em mentiras, era bastante óbvio que, se um de nós conseguisse enganar o outro, então conseguiríamos também enganar o agente Coleman.

O Chef era incrivelmente bonito, uma espécie de versão encurtada do sr. Perfeito. Tinha 50 e poucos anos e cozinhava livros contábeis desde o primário. Eu o olhava como um estadista mais velho, a voz lúcida da razão. Ele era um grande homem, o Chef, com um sorriso contagiante e um carisma de milhões de watts. Era um cara que vivia para campos de golfe de primeira linha, charutos cubanos, excelentes vinhos e bate-papos intelectuais, sobretudo quando tinham a ver com foder o Fisco e a Comissão de Valores Mobiliários, o que parecia ser a missão mais importante de sua vida.

Eu já abrira o jogo com ele essa noite, desnudando minha alma e me desculpando demais por ter feito tudo isso sem que ele soubesse. Comecei a contar mentiras como nunca para ele, antes que o jogo tivesse oficialmente começado, explicando que eu o trouxera para conversar sobre o meu problema suíço porque isso podia colocá-lo em risco. Felizmente, ele não se esforçou para encontrar furos em minha fraca mentira. Em vez disso, respondera com um sorriso caloroso e dando de ombros.

Quando lhe narrei minha desgraça, fiquei ainda mais desanimado. Mas o Chef permaneceu impassível. Quando acabei de contar, ele deu de ombros relaxadamente e falou: “Ah, já ouvi coisas piores”.

“É mesmo?”, indaguei. “Como *isso* pode ser possível?”

O Chef balançou a mão de maneira depreciativa e continuou: “Já estive em enrascadas muito maiores que essa”.

Fiquei bastante aliviado com isso, apesar de ter muita certeza de que ele estava apenas tentando aliviar um pouco a minha preocupação. De qualquer forma, havíamos começado a jogar e agora, depois de meia hora, tínhamos passado por três sequências de mentiras. Até o momento, não havia um vencedor. Mas, a cada rodada, nossas histórias ficavam mais complicadas e engenhosas e, logicamente, mais difíceis de se encontrar furos. Ainda nos prendíamos a duas questões básicas. Primeira, como Patricia surgira com 3 milhões de dólares para abrir uma conta? E, segunda, se o dinheiro era realmente de Patricia, então por que seus herdeiros não foram contatados? Patricia tinha duas filhas, ambas na casa dos 30 anos. Na ausência de testamento que indicasse o contrário, elas eram as herdeiras por direito.

O Chef falou: “Acho que o verdadeiro problema é o crime da saída da moeda. Se o tal Saurel deu com a língua nos dentes, isso significa que os federais vão partir do princípio de que o dinheiro chegou à Suíça em um monte de datas diferentes. Então, o que precisamos é de um documento que contradiga isso, que indique que você deu o dinheiro a Patricia enquanto ela ainda estava nos Estados Unidos. Precisamos de uma procuração de alguém que tenha fisicamente testemunhado você entregando o dinheiro a Patricia neste país. Então, se o governo quiser dizer algo diferente, ergueremos o papel e diremos: “Aqui está, amigo! Temos nossas próprias testemunhas também!”.

Pensando melhor, ele completou: “Mas ainda não gosto dessa coisa do testamento. Cheira mal. É uma pena que Patricia não esteja mais viva. Seria legal se pudéssemos levá-la até a repartição para que dissesse algumas coisas para os federais e, sabe... patati, patatá... e estaria feito”.

Dei de ombros. “Bem, não podemos fazer Patricia levantar-se do túmulo, mas aposto que poderia fazer a mãe de Nadine assinar uma procuração dizendo que testemunhou quando eu entreguei o dinheiro a Patricia nos Estados Unidos. Suzanne odeia o governo, e eu tenho sido realmente muito bom para ela nos últimos quatro anos. Ela não tem nada a perder mesmo, certo?”

O Chef concordou. “Bem, isso seria realmente muito bom, se ela concordasse em fazer.”

“Ela o fará”, disse, confiante, tentando adivinhar a temperatura da água que a Duquesa jogaria sobre a minha cabeça hoje à noite. “Vou falar com Suzanne amanhã. Preciso apenas ajeitar as coisas com a Duquesa primeiro. Mas, presumindo que eu cuide disso, há ainda a questão do testamento. Realmente, soa meio artificial ela não ter deixado nenhum dinheiro para os filhos...” De repente, uma ideia fabulosa surgiu borbulhando em meu cérebro. “E se nós entrássemos em contato com os filhos dela e os envolvêssemos de verdade? E se os mandássemos de avião para a Suíça a fim de reivindicar o dinheiro? Seria como um bilhete premiado para eles! Roland poderia produzir um novo testamento, dizendo que o dinheiro que eu emprestara a Patricia deveria retornar para mim, mas todos os lucros deveriam ir para os filhos. Quero dizer, se as crianças fossem lá e declarassem o dinheiro na Grã-Bretanha, então como o governo americano poderia argumentar que o dinheiro era meu?”

"Ahhhh", disse um Chef sorridente, "agora você está pensando! Na verdade, você acabou de ganhar o jogo. Se pudermos realizar tudo isso, acredito que você será inocentado. E eu tenho uma firma-irmã em Londres que pode fazer a restituição, então teremos controle das coisas todo o tempo. Você receberá seu investimento original de volta, os filhos receberão 5 milhões de dólares inesperados, e poderemos seguir com nossa vida!"

Sorri e falei: "Esse tal Coleman irá ficar maluco quando descobrir que os filhos de Patricia apareceram e reivindicaram o dinheiro. Aposto com você que ele já está sentindo gosto de sangue nos lábios".

"É verdade", disse o Chef.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, encontrei a Duquesa, que ficaria chateada em breve na suíte principal do andar de cima de nossa casa. Ela estava sentada à penteadeira, folheando um catálogo, e não parecia estar apenas olhando. Estava simplesmente deslumbrante. Com o cabelo penteado à perfeição, trajava uma camisola minúscula de seda branca, um tecido tão fino que cobria seu corpo como um orvalho matutino. Usava um par de sandálias de dedo brancas com salto fino e uma tira de tornozelo sensual. E era só isso que vestia. Ela apagara um pouco as luzes, e havia uma dezena de velas queimando, trazendo um brilho alaranjado ao quarto.

Quando ela me viu, veio correndo me banhar de beijos. "Você está tão bonita", falei, depois de uns 30 segundos de beijos e fungadas da Duquesa. "Quero dizer, você sempre está bonita, mas parece especialmente bonita hoje à noite. Não tenho nem palavras para descrever."

"Ora, *obrigada!*", disse a sedutora Duquesa, travessa. "Fico feliz que você ainda pense assim, porque acabei de medir a temperatura e estou ovulando. Espero que você esteja pronto, porque está enrascado hoje, senhorzinho!"

Hmmmm... havia dois lados nessa moeda. Por um lado, quão furiosa podia uma mulher ovulando ficar com o marido? Quero dizer, a Duquesa realmente queria outro filho, assim pode querer esquecer as notícias ruins em nome da procriação. Mas, por outro lado, poderia ficar muito furiosa, vestir o robe de banho e vir me esmurrar. E, com todos aqueles beijos molhados com que ela acabara de me banhar, um *tsunami* de sangue correra para a minha virilha.

Caí de joelhos e comecei a cheirar o topo de suas coxas, como um cachorro no cio. Falei: "Preciso conversar com você sobre uma coisa".

Ela soltou uma risadinha. "Vamos para a cama e conversamos lá."

Fiquei um tempo avaliando aquilo em minha mente, e a cama parecia bastante segura. Na verdade, a Duquesa não era mais forte do que eu; ela apenas era habilidosa para usar sua altura, e a cama minimizaria isso.

Na cama, manobrei para ficar em cima dela e juntei as mãos atrás do seu pescoço, beijando-a profundamente, inalando cada molécula dela. Naquele instante, eu a amava tanto, que parecia quase impossível.

A Duquesa acariciou meu cabelo com os dedos, empurrando-o para trás com movimentos delicados. Ela perguntou: "Qual o problema, querido? Por que Dennis esteve aqui hoje?".

O caminho longo ou o caminho curto, fiquei me perguntando, olhando para suas pernas. E então pensei: por que lhe contar alguma coisa? Sim! Eu subornaria a mãe dela! Que ideia incrível! O Lobo atacava novamente! Suzanne precisava de um carro novo, de modo que eu sairia com ela amanhã para comprar um e então lançaria a ideia da falsa procuração durante

uma conversa mole. “Ei, Suzanne, você fica muito bem mesmo neste novo conversível, e, a propósito, será que poderia assinar aqui, na parte de baixo, onde diz assinatura?... Ah, o que significa *juro sob penalidade de perjúrio*? Bem, é apenas um jargão legal, portanto nem perca seu tempo em ler isso. Só assine, e, se por acaso você for indiciada, podemos discutir depois.” Então eu pediria discrição para Suzanne e rezaria para ela não contar nada para a Duquesa.

Sorri para a deliciosa Duquesa e respondi: “Nada importante. Dennis está assumindo como auditor na Steve Madden, por isso estávamos estudando uns números. De qualquer forma, o que eu queria te contar é que quero tanto esse bebê quanto você. Você é a melhor mãe do mundo, Nae, e é a melhor esposa também. Tenho sorte por ter você”.

“Uau, isso é tão fofo”, disse a Duquesa, com uma voz melosa. “Eu te amo também. Faça amor comigo neste exato momento, querido.”

E eu fiz.

LIVRO IV

CAPÍTULO 30

NOVAS ADIÇÕES

15 de agosto de 1995
(Nove meses depois)

“Seu canalhinha!”, berrou a Duquesa parturiente, esticada numa mesa de parto no Hospital Judaico de Long Island. “Você fez isso comigo, e agora está chapado durante o nascimento de seu próprio filho! Vou arrancar seus pulmões quando sair desta mesa!”

Eram 22 horas, ou seriam 23? Quem sabia?

De qualquer forma, eu acabara de desmaiar, paralisado, meu rosto sobre a mesa de parto, enquanto a Duquesa estava em meio a uma contração. Eu ainda estava de pé, apesar de arqueado num ângulo de 90 graus, com a cabeça entre suas pernas rechonchudas, agora escoradas em estribos.

De repente, senti alguém me balançando. “O senhor está bem?”, ouvi a voz do dr. Bruno, parecendo um milhão de quilômetros distante.

Porra! Eu queria responder, mas estava cansado demais. Os Ludes realmente me pegaram naquela manhã, apesar de eu ter meus motivos para ficar chapado. Afinal de contas, dar à luz é um negócio muito cansativo – para a esposa *e* para o marido – e imagino que haja algumas coisas com as quais mulheres lidam melhor que homens.

Passaram-se três trimestres desde aquela noite à luz de velas, e *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos* seguira sem interrupções. Suzanne mantivera segredo, e os filhos da tia Patricia foram à Suíça e reivindicaram a herança. O agente Coleman, eu presumia, cagara para tudo aquilo, e a última coisa que eu ouvira falar dele foi quando fez uma visita matutina sem avisar à casa de Carrie Chodosh, ameaçando-a com prisão e a perda do filho se se recusasse a cooperar. Mas, eu sabia, essas eram palavras desesperadas de um homem desesperado. Carrie, é lógico, permanecera leal... dizendo ao agente Coleman para ir se foder, com estas mesmas palavras.

E, entre o primeiro e o segundo trimestres, a Stratton continuou a cair, não sendo mais capaz de me pagar 1 milhão de dólares por mês. Mas eu já imaginava que isso fosse acontecer, portanto nem liguei. Além do mais, eu ainda tinha a Biltmore e a Monroe Parker, e cada uma estava me pagando um milhão por negociação. E, para rechear ainda mais o bolo, havia a Sapatos Steve Madden. Steve e eu mal conseguíamos suprir todos os pedidos das lojas de departamentos, e o programa que Elliot preparara estava funcionando como feitiço. Tínhamos cinco lojas agora e planos para abrir mais cinco nos próximos 12 meses. Estávamos também começando a licenciar nossa marca, inicialmente com cintos e sacolas e chegando a artigos esportivos. E, mais importante, Steve estava aprendendo a delegar funções e estávamos a caminho de construir uma equipe administrativa de primeira linha. Mais ou menos seis meses atrás, Gary Deluca, também conhecido como Papagaio, finalmente nos convencera a transferir o estoque para South Florida, e isso acabara por se mostrar uma boa ideia. E John Basile, também conhecido como Cuspidor, estava tão ocupado tentando atender aos pedidos das lojas de departamentos que suas

tempestades de cuspe estavam se tornando cada vez menos frequentes.

Enquanto isso, o Sapateiro estava ganhando mais dinheiro do que podia sonhar – apesar de não ser da Sapatos Steve Madden. Em vez disso, vinha do jogo do laranja, e a Sapatos Steve Madden significava seu futuro. Mas eu não tinha nada com isso. Afinal de contas, Steve e eu havíamos nos tornado amigos muito próximos e estávamos passando a maior parte de nosso tempo livre juntos. Por outro lado, Elliot sucumbira mais uma vez às drogas, deslizando cada vez mais fundo rumo a dívidas e depressão.

No começo do terceiro trimestre da Duquesa, eu operei as costas, mas o procedimento fora malsucedido – deixando-me em pior forma do que antes. Contudo, talvez eu merecesse, pois não seguira o conselho do dr. Green, preferindo que um médico local (de reputação duvidosa) realizasse um procedimento minimamente invasivo chamado extração percutânea de disco. A dor que descia até a minha perna esquerda era torturante e infinita. Minha única consolação, logicamente, eram os Quaaludes, o que eu era sempre rápido em argumentar para a Duquesa, que estava ficando cada vez mais incomodada com minha gagueira constante e meus apagões frequentes.

Apesar de tudo, ela assumira com tanto afinco o papel de esposa co-dependente, que ela, também, não sabia distinguir as coisas. E, com todo o dinheiro, criadagem, mansões e iate, e os boquetes em todas as lojas de departamentos, restaurantes ou onde quer que fôssemos, era fácil fingir que as coisas estavam bem.

De repente, uma sensação de ardência terrível embaixo do nariz... *sais de cheiro!*

Minha cabeça imediatamente se ergueu, e lá estava a Duquesa parturiente, sua boceta gigantesca olhando para mim com desprezo.

"O senhor está bem?", perguntou o dr. Bruno.

Respirei fundo e falei: "Zim, iztou bem, dr. Bruno. Fiquei apenas um pouco enjoado *gom* o sangue. Preciso jogar água no rosto". Pedi licença e corri para o banheiro, dei dois tiros de coca e voltei correndo para a sala de parto, sentindo-me um novo homem. "Está certo", eu disse, não mais gaguejando. "Vamos lá, Nae! Não desista agora!"

"Converso com você depois", bravejou.

E então ela começou a empurrar, e então ela gritou, e então ela empurrou um pouco mais, e então ela rangeu os dentes, e então, de repente, como se por mágica, sua vagina abriu-se ficando do tamanho de um Fusca e – *pop!* – surgiu a cabeça do meu filho, com uma fina camada de cabelo preto escuro. Em seguida veio um jarro d'água e então, no instante seguinte, um ombro minúsculo. O dr. Bruno agarrou o torso do meu filho e girou-o com delicadeza, e desse modo ele saiu.

Então ouvi: "*Buááááááá*...".

"Dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés!", contou um feliz dr. Bruno, colocando o bebê sobre a barriga gorda da Duquesa. "Já têm um nome para ele?"

"Sim", disse a Duquesa gorda, luminosa. "Carter. Carter James Belfort."

"É um belo nome", disse o dr. Bruno.

Apesar de meu pequeno contratempo, o dr. Bruno foi gentil e me permitiu cortar o cordão umbilical, e eu fiz um bom trabalho. Tendo conquistado sua confiança, ele falou: "Está bem, é hora de Papai segurar o filho enquanto eu termino as coisas com Mamãe". Ao dizer isso, o dr. Bruno entregou-me meu filho.

Senti que eu estava jorrando lágrimas. Eu tinha um filho. *Um garoto!* Um Lobinho de Wall Street! Chandler fora um bebê tão bonito, e agora eu veria pela primeira vez o rosto bonito de meu filho. Olhei para baixo e... caralho! Ele era horrível! Era minúsculo e enrugado, e seus olhos estavam colados. Parecia uma criança malnutrida.

A Duquesa deve ter visto o olhar em meu rosto e falou: "Não se preocupe, querido. A maioria dos bebês não nasce parecendo-se com Chandler. Ele é apenas um pouco prematuro. Será lindo como o pai".

"Bem, espero que apenas se pareça com a mãe", respondi, falando sério. "Mas não me importo com a aparência dele. Já o amo tanto que não me importaria se ele tivesse um nariz do tamanho de uma banana." Enquanto olhava para o rosto perfeito e enrugado de meu filho, percebi que tinha de existir um Deus, porque aquilo não poderia ser um acidente. Era um milagre criar esta criaturinha perfeita a partir de um ato de amor.

Olhei para ele pelo que pareceu um tempo muito longo, até que o dr. Bruno disse: "Ah, droga, ela está tendo uma hemorragia. Preparem a sala de operações já! E tragam o anestesista aqui!". A enfermeira partiu como um morcego saindo do inferno.

O dr. Bruno se recompôs e falou calmamente: "Está bem, Nadine, temos uma leve complicação. Você tem uma placenta acreta. Isso significa, querida, que sua placenta entrou muito fundo na parede uterina. A não ser que consigamos tirá-la manualmente, você pode perder uma grande quantidade de sangue. Agora, Nadine, vou tentar fazer o possível para deixá-la limpa". Ele fez uma pausa, como se estivesse tentando encontrar as palavras corretas. "Mas, se não puder, precisarei fazer uma histerectomia."

E, antes que eu tivesse chance de dizer para minha esposa que a amava, dois enfermeiros entraram correndo, tiraram-na da cama e colocaram-na numa maca, levando-a. O dr. Bruno a acompanhou. Quando chegou à porta, virou-se para mim e falou: "Vou fazer o possível para salvar o útero dela". Então saiu, deixando Carter e eu sozinhos.

Olhei para meu filho e comecei a chorar. O que aconteceria se eu perdesse a Duquesa? Como poderia criar dois filhos sem ela? Ela era tudo para mim. Essa insanidade da minha vida dependia dela fazendo tudo certo. Respirei fundo e tentei me acalmar. Tinha de ser forte para meu filho, para Carter James Belfort. Sem mesmo perceber, acabei ninando-o em meus braços, fazendo uma oração silenciosa para o Todo-Poderoso, pedindo-lhe que poupasse a Duquesa e a devolvesse inteira.

Dez minutos depois, o dr. Bruno voltou para a sala. Com um sorriso grande no rosto, falou: "Tiramos a placenta, e o senhor nunca acreditará como".

"Como?", perguntei, com um sorriso de orelha a orelha.

"Chamamos uma de nossas residentes, uma pequenina garota indiana, que tem as mãos mais finas que eu já vi. Ela conseguiu colocar a mão dentro do útero de sua esposa e puxar para fora a placenta manualmente. Foi um milagre, Jordan. Uma placenta acreta é algo muito raro... e muito perigoso. Mas está tudo bem agora. Você tem uma esposa perfeitamente saudável e um filho perfeitamente saudável."

E essas foram as famosas últimas palavras do dr. Bruno, o Rei dos Infortúnios.

CAPÍTULO 31

A ALEGRIA DA PATERNIDADE

Na manhã seguinte, Chandler e eu estávamos sozinhos na suíte principal, envolvidos numa discussão acalorada. Eu falava mais, enquanto ela ficava sentada no chão, brincando com bloquinhos de madeira multicoloridos. Eu estava tentando convencê-la de que a nova adição à família seria uma coisa boa para ela, que as coisas seriam ainda melhores do que antes.

Sorri para o bebê-gênio e falei: “Ouça, docinho, ele é tão bonitinho e pequenino que vai se apaixonar por ele assim que o vir. E apenas pense em quanto vocês vão se divertir quando ele ficar mais velho; você poderá levá-lo para passear o tempo todo! Será incrível!”.

Channy ergueu a cabeça do seu projeto de construção, me encarou com aqueles grandes olhos azuis que herdara da mãe e disse: “Não, deixe-o no hospital”. Então voltou para os bloquinhos.

Sentei-me ao lado do bebê-gênio e dei-lhe um beijo delicado na bochecha. Ela cheirava a limpeza e frescor, assim como qualquer garotinha deveria. Ela tinha pouco mais de dois anos agora, e seu cabelo era fino e tinha um tom castanho maravilhoso. Passava da altura dos ombros, e havia pequenos frisos embaixo. Só vê-la me deixava muito emocionado. “Escuta, docinho, não podemos deixá-lo no hospital; ele é parte da família agora. Carter é seu irmãozinho, e ele será seu melhor amigo!”

Dando de ombros: “Não, acho que não”.

“Bem, tenho de ir para o hospital agora e pegar ele e Mamãe; portanto, de qualquer forma, ele está vindo para casa, docinho. Apenas se lembre de que Mamãe e eu ainda te amamos da mesma forma. Há amor suficiente para todo mundo.”

“Eu sei”, respondeu, indiferente, ainda concentrada em seu projeto de construção. “Você pode trazê-lo. Tudo bem.”

Muito impressionante, pensei. Com um simples “tudo bem” ela havia aceitado a nova adição à família.

EM VEZ DE ir diretamente para o hospital, precisei fazer uma pequena parada no caminho. Era uma reunião de negócios improvisada num restaurante chamado Millie’s Place, no subúrbio da moda de Great Neck, a mais ou menos cinco minutos de carro da Long Island dos judeus. Meu plano era terminar a reunião rapidamente e então pegar Carter e a Duquesa e seguir para Westhampton. Eu estava alguns minutos atrasado, e quando a limusine parou pude ver os dentes brilhantes de Danny através da janela de vidro do restaurante. Ele estava sentado a uma mesa circular, acompanhado por Chef, Cabana e um advogado sacana chamado Hartley Bernstein, de quem eu não gostava nem um pouco. O apelido de Hartley era Texugo, porque ele parecia um roedor. Na verdade, poderia ter sido um dublê em Hollywood para um personagem de história em quadrinhos, BB Eyes de *Dick Tracy*.

Apesar de o Millie’s Place não abrir para o café da manhã, a proprietária do restaurante, Millie, concordara em abrir o restaurante cedo para nos acomodar. Isso era adequado, considerando que o Millie’s Place era onde os strattonitas vinham depois de cada nova emissão de

ações para beber, comer, foder, chupar, tomar, cheirar e fazer o que quer que strattonitas faziam... e tudo era feito como cortesia da firma, que receberia uma conta, entre 25 e 100 mil dólares, dependendo de quanto estrago fosse feito.

Ao me aproximar da mesa, notei uma quinta pessoa sentada lá: Jordan Shamah, o recentemente nomeado vice-presidente da Stratton. Ele era amigo de infância de Danny e seu apelido era Coveiro, porque sua escalada para o poder tinha pouco a ver com seu desempenho e mais a ver com o fato de ter se livrado de qualquer um que se colocou em seu caminho. O Coveiro era baixo e gorducho, e seu método principal de agir era a boa e velha punhalada nas costas, apesar de ser também adepto de destruição de caráter e divulgação de boatos.

Fiz uma rodada rápida de abraços à moda da Máfia com meus parceiros do crime de outrora, me ajeitei numa cadeira e tomei uma xícara de café. O objetivo da reunião era triste: convencer Danny a fechar a Stratton Oakmont, usando a Teoria das Baratas, que significava que, antes de realmente fechar a Stratton, ele abriria uma série de firmas de corretagem menores – cada uma delas comandadas por uma pessoa diferente – e então dividiria os strattonitas em pequenos grupos e os mandaria para as novas firmas, que ele poderia comandar por trás dos panos, sob o disfarce de consultor.

Era uma forma comum para firmas de corretagem com problemas regulatórios seguirem em frente – no fundo, fechar e reabrir com nome diferente, começando através disso o processo de ganhar dinheiro e lutar novamente contra os reguladores. Era como pisar numa barata e espremê-la, apenas para descobrir dez novas baratas correndo em todas as direções.

De qualquer forma, dados os problemas atuais da Stratton, era um caminho adequado, mas Danny não se rendia à Teoria das Baratas. Em vez disso, desenvolvera sua própria teoria, a que ele se referia como Vinte Anos de Céu Azul. De acordo com *essa* teoria, tudo que a Stratton tinha de fazer era passar pela onda atual de obstáculos reguladores, e poderia ficar no negócio por mais 20 anos. Era ridículo! A Stratton tinha só mais um ano, no máximo. Naquele instante, todos os 50 estados estavam rodando em volta da Stratton como águias sobre uma carcaça ferida, e a NASD, a Associação Nacional de Corretores de Valores, também entrara no jogo.

Mas Danny recusava-se totalmente a aceitar isso. Na verdade, ele se tornara uma versão Wall Street de Elvis em seus últimos dias... quando seus ajudantes comprimiam sua enorme massa num macacão de couro branco e o empurravam para cima do palco a fim de que ele cantasse algumas músicas. Então o tiravam a força de lá antes que desmaiasse de calor e Seconals. De acordo com o Cabana, Danny estava agora subindo nas mesas durante reuniões de vendas e atirando monitores de computador no chão, xingando os reguladores. Obviamente, os strattonitas engoliam esse tipo de merda, e Danny estava agora chutando o balde... arriando as calças e mijando em pilhas de intimações da NASD, sob aplausos atroadores.

Cabana e eu trocamos olhares, e acenei com o queixo, como se dissesse: “Pode dizer o que você acha”. Ele aceitou, confiante, e falou: “Ouça, Danny, a verdade é que não sei por mais quanto tempo podemos manter os negócios. A Comissão tem feito jogo duro, e leva-se seis meses para se conseguir a aprovação de qualquer coisa. Se começarmos a trabalhar uma nova firma agora, eu poderia estar a toda no final do ano... fazendo negócios para *todos* nós”.

A resposta de Danny não foi exatamente o que o Cabana esperava ouvir. “Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Cabana. Seus motivos são tão óbvios que me deixam enojado, porra. Há muito a rolar ainda antes de precisarmos considerar a ideia de agir como baratas... assim, por que você não

fecha as asinhas por um tempo?"

"Quer saber, Danny? *Vá se foder!*", disparou o Cabana, correndo os dedos pelo cabelo, tentando fazer isso parecer natural. "Você está tão drogado o tempo todo que nem sabe mais onde está. Não vou desperdiçar a minha vida enquanto você fica babando no escritório como um retardado do caralho."

O Coveiro viu uma oportunidade para apunhalar o Cabana pelas costas. "Isso não é verdade", argumentou. "Danny não fica babando no escritório. Talvez gagueje de vez em quando, mas, mesmo nesses casos, ele está sempre controlado." Então, o Coveiro fez uma pausa, procurando um local para injetar sua primeira dose de veneno. "E, a propósito, você não tem direito de falar isso. Você passa o dia inteiro correndo atrás daquela vagabunda fedida da Donna, com suas axilas podres."

Eu gostava do Coveiro; ele era um verdadeiro ser corporativo – muito estúpido para pensar por si mesmo, gastando boa parte de sua energia mental criando rumores diabólicos sobre aqueles que pretendia enterrar. Mas, nesse caso em particular, seus motivos eram óbvios. Ele tinha uma centena de reclamações de clientes contra si e, se a Stratton falisse, nunca mais conseguiria um bom emprego.

Falei: "Está certo, basta dessa merda... por favor!". Balancei a cabeça, sem conseguir acreditar; a Stratton estava totalmente fora do controle. "Preciso ir ao hospital. Estou aqui apenas porque quero o melhor para todos. Eu pessoalmente não me importo se a Stratton me pagará ou não mais algum centavo. Mas tenho outros interesses, egoístas, devo admitir, e têm a ver com todas essas arbitragens sendo feitas. Muitas delas estão me citando, apesar de eu não estar mais na firma." Olhei diretamente para Danny. "Você está na mesma posição que eu, Dan, e sinto que, mesmo que haja vinte anos de céu azul à frente, as arbitragens não irão parar."

O Texugo entrou na conversa: "Podemos cuidar das arbitragens vendendo ativos. Criaríamos uma estrutura de forma que a Stratton *vendesse* os corretores para as novas firmas e, em retorno, elas concordariam em pagar qualquer arbitragem que surgisse por um período de três anos. Depois disso, o estatuto de limitações valeria e vocês estariam limpos".

Olhei para o Chef, e ele concordou com a cabeça. Achei aquilo interessante. Nunca prestara muita atenção à sabedoria do Texugo. Na essência, ele era a duplicata legal do Chef, mas, ao contrário deste, um homem simpático – que transbordava carisma –, o Texugo não tinha nada dessas características. Nunca achei que ele fosse burro; era apenas que, toda vez que olhava para ele, imaginava-o mordiscando um bloco de queijo suíço. Apesar de tudo, sua última ideia era brilhante. Os processos de clientes me incomodavam, totalizando mais de 70 milhões de dólares no momento. A Stratton estava pagando, mas, se a firma falisse, poderia se transformar num pesadelo do caralho.

De repente, Danny disse: "JB, vamos conversar só nós dois no bar por um segundo".

Concordei, e seguimos para o bar, onde Danny imediatamente encheu dois copos até a boca com Dewar's. Ele ergueu um dos copos e falou: "Para os vinte anos de céu azul, meu amigo!". Manteve o copo erguido, aguardando que eu participasse do brinde.

Olhei para o relógio: eram 10h30. "Ora, Danny! Não posso beber agora. Preciso ir ao hospital para pegar Nadine e Carter."

Danny balançou a cabeça, sério. "Dá azar recusar um brinde assim tão cedo. Você realmente está disposto a arriscar?"

“Sim”, resmunguei, “estou disposto a arriscar.”

Danny deu de ombros. “Bem típico”, e ele engoliu o que deveria ser cinco doses de uísque. “Uaaau!”, murmurou. Então chacoalhou a cabeça algumas vezes, colocou a mão no bolso e puxou quatro Ludes. “Você ao menos toma alguns Ludes comigo... antes de pedir para eu fechar a firma?”

“Agora sim!”, disse, sorrindo.

Danny sorriu largamente e me entregou dois Ludes. Andei até a pia, abri a torneira e enfiei a boca no jato d’água. Então enfiei com naturalidade a mão no bolso e coloquei os dois Ludes lá por segurança. “Está bem”, falei, esfregando as pontas dos dedos, “é uma bomba-relógio agora, portanto vamos logo com isso.”

Sorri com tristeza para Danny e me vi perguntando quantos dos meus problemas atuais poderiam ser-lhe atribuídos. Não que eu estivesse me enganando a ponto de colocar toda a culpa sobre ele, mas não havia como negar que a Stratton nunca teria ficado tão fora do controle sem Danny. Sim, era verdade que eu fora o suposto cérebro da trama, mas Danny fora o músculo, o que forçava as coisas, por assim dizer... fazendo diariamente coisas que eu nunca poderia ter feito, ou pelo menos não poderia ter feito e ainda me olhar no espelho no dia seguinte. Danny era um guerreiro de verdade, e eu não sabia mais se o respeitava ou o detestava por isso. Mas, acima de tudo, eu estava triste.

“Ouça, Danny, não posso te dizer o que fazer com a Stratton. É sua firma agora, e te respeito demais para dizer o que tem de fazer. Mas, se quer minha opinião, eu diria para fechá-la já e sair com todos os louros. Faça exatamente da forma como Hartley disse. Faça as novas firmas assumirem todas as arbitragens e então você receberá dinheiro como consultor. É a atitude correta, e uma atitude esperta. É o que *eu* faria se ainda estivesse comandando as coisas.”

Danny aquiesceu. “Vou fazer isso, então. Apenas quero mais algumas semanas para ver o que acontece com os governos estaduais, está bem?”

Sorri com tristeza de novo, sabendo muito bem que ele não tinha a menor intenção de fechar a firma. Apenas falei: “Lógico, Dan, isso parece razoável”.

Cinco minutos depois, eu terminara as despedidas e estava subindo na traseira da limusine, quando vi o Chef saindo do restaurante. Ele andou até a limusine e disse: “Apesar do que Danny está dizendo, você sabe que ele nunca irá fechar a firma. Eles terão de tirá-lo de lá algemado”.

Fiz que sim com a cabeça lentamente e falei: “Conte-me algo que eu não sei, Dennis”. Então abracei o Chef, entrei na limusine e me dirigi para o hospital.

ERA APENAS COINCIDÊNCIA o Hospital Judaico de Long Island ficar na cidade de Lake Success, a menos de um quilômetro da Stratton Oakmont. Talvez fosse por isso que ninguém pareceu surpreso quando circulei pela maternidade entregando relógios de ouro. Eu fizera a mesma coisa quando Chandler nascera, e isso causara grande espanto na época. Por algum motivo inexplicável, eu sentia uma alegria irracional por desperdiçar 50 mil dólares com pessoas que nunca mais veria.

Era pouco antes das 11 horas quando finalmente completei meu ritual de alegria. Quando entrei no quarto onde a Duquesa estava, não consegui encontrá-la. Ela estava perdida entre as flores. Putz! Havia milhares delas! O quarto estava explodindo de cor – tons fantásticos de vermelho, amarelo, rosa, roxo, laranja e verde.

Finalmente vi a Duquesa sentada numa cadeira. Ela estava segurando Carter, tentando dar-lhe a mamadeira. Mais uma vez, a Duquesa estava linda. De alguma forma, ela conseguira perder peso nas 36 horas desde o parto, e agora era a minha Duquesa sedutora novamente. *Bom para mim!* Ela trajava uma Levi's gasta, uma blusa branca simples e um par de sapatilhas de balé creme. Carter estava enrolado num cobertor azul-celeste, e eu só conseguia ver seu rostinho surgindo sob a coberta.

Sorri para minha esposa e falei: "Você está linda, querida. Não consigo acreditar que seu rosto já tenha voltado ao normal. Você ainda estava inchada ontem".

"Ele não quer a mamadeira", disse a Duquesa maternal, ignorando meu elogio. "Channy sempre tomou da mamadeira. Carter não quer."

De repente, uma enfermeira entrou no quarto. Ela pegou Carter da Duquesa e começou a fazer seu exame de saída. Eu ainda estava fazendo as malas quando ouvi a enfermeira dizer: "Ora, ora, ora, que cílios lindos ele tem! Acho que nunca vi cílios tão bonitos assim num bebê. Quero só ver quando ele crescer um pouquinho. Aposto que ficará lindo demais".

A Duquesa orgulhosa respondeu: "Eu sei. Há algo muito especial nele".

Então ouvi a enfermeira dizer: "Que estranho!".

Virei-me e olhei para a enfermeira. Ela estava sentada numa cadeira, segurando Carter – apertava um estetoscópio contra o lado esquerdo do peito dele.

"Qual o problema?", perguntei.

"Não tenho certeza", respondeu a enfermeira, "mas o coração dele não parece estar bem." Ela parecia muito nervosa agora, comprimindo os lábios enquanto escutava.

Olhei para a Duquesa, e ela parecia ter acabado de receber um tiro no peito. Estava de pé, apoiada sobre a grade da cama. Fui até lá e coloquei o braço ao redor dela. Não dissemos nada.

Finalmente, a enfermeira disse, num tom bastante preocupado: "Não acredito que ninguém tenha visto isso. Seu filho tem um furo no coração! Estou certa quanto a isso. Não consigo ouvir o contrafluxo. Ou é um furo ou algum tipo de defeito com uma das válvulas. Sinto muito, mas vocês não podem levá-lo agora. Precisamos trazer um cardiologista pediátrico aqui já".

Respirei fundo e aquiesci lenta e inexpressivamente. Então olhei para a Duquesa, que estava em lágrimas... chorando silenciosamente. Naquele mesmo instante, ambos sabíamos que nossa vida nunca mais seria a mesma.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, estávamos nas entranhas do hospital, num pequeno quarto lotado de moderno equipamento médico – montes de computadores, monitores de vários formatos e tamanhos, hastes intravenosas e uma minúscula mesa de exames, sobre a qual Carter estava agora deitado pelado. As luzes foram diminuídas e um médico alto e magro estava cuidando dele.

"Ali... está vendo?", disse o médico. Ele apontou o indicador esquerdo para uma tela de computador, que apresentava quatro espaços que pareciam amebas, dois vermelhos e dois azuis. Cada espaço era do tamanho de uma moeda. Eles estavam interconectados e pareciam estar escoando um para o outro de modo lento, rítmico. Com a mão esquerda, o médico segurava um pequeno aparato, do formato de um microfone, e estava apertando-o contra o peito de Carter, movendo-o lentamente em círculos concêntricos. Os espaços vermelhos e azuis eram ecos do sangue de Carter que jorrava pelas quatro câmaras do seu coração.

“E lá”, completou. “O segundo furo... é um pouco menor, mas está definitivamente ali, entre os átrios.”

Então ele desligou o aparelho de ecocardiograma e falou: “Estou surpreso pelo filho de vocês não ter desenvolvido uma falha congestiva do coração. O furo entre seus átrios é grande. Há grande possibilidade de ele precisar de uma cirurgia para abrir o coração nos próximos dias. Como ele está mamando? Está aceitando a mamadeira?”.

“Na verdade, não”, respondeu, triste, a Duquesa. “Não como nossa filha mamou.”

“Ele sua quando mama?”

A Duquesa balançou a cabeça. “Não que eu tenha notado. Ele apenas não está interessado em mamar.”

O médico concordou com a cabeça. “O problema é que sangue oxigenado está se misturando com sangue desoxigenado. Quando tenta se alimentar, isso causa uma grande tensão nele. Suar durante amamentações é um dos primeiros sinais de falha congestiva do coração. Contudo, ainda há a possibilidade de ele estar bem. Os furos são grandes, mas parecem estar se equilibrando. Eles estão criando uma pressão gradual, minimizando o contrafluxo. Se não fosse por isso, ele já estaria apresentando sintomas. Entretanto, só o tempo irá dizer. Se o coração dele não falhar nos próximos dez dias, provavelmente ficará bem.”

“Quais são as chances de o coração dele falhar?”, perguntei.

O médico deu de ombros. “Por volta de 50%.”

A Duquesa: “E se o coração dele falhar? E aí?”.

“Vamos ter de começar a dar-lhe diuréticos para evitar que junte fluidos em seus pulmões. Há outros medicamentos também, mas não coloquemos o carro na frente dos bois. No entanto, se nenhum dos medicamentos funcionar, precisaremos realizar uma cirurgia para consertar o furo.” O médico sorriu com simpatia. “Sinto muito por dar-lhes essas notícias ruins; apenas teremos de aguardar para ver. Vocês podem levar seu filho para casa, mas o observem atentamente. Ao primeiro sinal de suor ou dificuldade para respirar, ou até uma recusa de mamar, liguem para mim imediatamente. De qualquer forma, precisarei vê-los novamente em uma semana” – *Acho que não, amigo! Minha próxima parada é no Presbiteriano de Columbia, com um médico formado em Harvard!* –, “para fazer mais um ecocardiograma. Imagino que o furo terá começado a fechar até lá.”

A Duquesa e eu imediatamente nos animamos. Sentindo um feixe de esperança, perguntei: “O senhor quer dizer que é possível que o furo feche sozinho?”.

“Ah, sim, devo ter me esquecido de mencionar isso” – *Belo detalhe para deixar de lado, seu bosta!* –, “mas, se ele não apresentar sintomas nos primeiros dez dias, então é provável que isso irá acontecer. Vejam, conforme seu filho cresce, o coração dele também cresce, e irá lentamente cobrir o furo. Quando ele completar cinco anos, deve estar totalmente fechado. E, mesmo que não feche completamente, o furo será tão pequeno que não lhe causará nenhum problema. Mas, mais uma vez, tudo se resume aos primeiros dez dias. Não preciso repetir: observem-no com atenção! Na verdade, eu não tiraria os olhos dele por mais do que alguns minutos.”

“Nem tem de se preocupar com isso”, disse uma Duquesa confiante. “Haverá pelo menos três pessoas observando-o o tempo todo, e uma delas será uma enfermeira profissional.”

EM VEZ DE irmos para Westhampton, que ficava uns 115 quilômetros ao leste, seguimos direto para Old Brookville, a apenas quinze minutos do hospital. Lá, nossas famílias rapidamente se juntaram a nós. Até o pai da Duquesa, Tony Cardisi, o perdedor mais amável do mundo, apareceu – ainda parecido com Warren Beatty, e ainda querendo pegar dinheiro emprestado, imaginei, assim que a comoção tivesse diminuído.

Mad Max comandava a vigília, rapidamente se transformando em *Sir* Max... assegurando a mim e à Duquesa que tudo ficaria bem; então ele ia fazer telefonemas para vários médicos e hospitais sem perder a calma uma única vez. Na verdade, não haveria sinais de Mad Max até que a crise se resolvesse, quando então Mad Max magicamente reapareceria – recuperando o tempo perdido com tiradas cruéis e estratégias hostis de fumo. Minha mãe era a de sempre – uma mulher santa que rezava as orações judias para Carter e oferecia apoio moral para a Duquesa e para mim. Suzanne, a anarquista de armário, culpava uma conspiração do governo pelos furos de Carter, que incluía os médicos, os quais, por algum motivo inexplicável, entravam na história.

Explicamos a Chandler que o irmão dela estava doente, e ela nos disse que o amava e que estava feliz por termos decidido trazê-lo para casa. Então ela voltou a brincar com seus blocos. Gwynne e Janet faziam vigília também, mas apenas depois de terem se recuperado de seis horas de choro histérico. Até Sally, minha adorável Labrador chocolate, entrou na brincadeira – acampando ao lado do berço de Carter, saindo apenas para ir ao banheiro e fazer uma refeição ocasional. Contudo, o cão da Duquesa, Rocky, aquele canalhinha diabólico, não poderia ter se importado menos com Carter. Ele fingia que não havia nada de errado e continuava a incomodar todo mundo em casa – latindo incessantemente, urinando no carpete e roubando a comida de Sally da tigela, enquanto ela estava ocupada, mantendo vigília e orando conosco como um bom cachorro faz.

Mas o maior desapontamento era a babá, Ruby, que fora altamente recomendada por uma daquelas agências de empregos WASP especializadas em prover babás jamaicanas para famílias ricas. O problema começou quando Rocco Noite a pegou na estação de trem, e ele achou que ela tinha bafo de álcool. Quando ela terminou de desfazer as malas, ele mesmo cuidou de vasculhar o quarto dela. Quinze minutos depois, ela estava no banco de trás do carro dele, sendo levada embora, e, pelo menos nós, nunca mais ouvimos falar dela. A única recompensa foram as cinco garrafas de Jack Daniel's que Rocco confiscara e que estavam agora na minha adega.

A babá substituta veio algumas horas depois. Era outra jamaicana, chamada Erica. Ela se mostrou uma pedra preciosa... instantaneamente se tornando amiga de Gwynne e o resto do grupo. Assim, Erica entrou no zoológico e fazia vigília também.

Até o quarto dia, o coração de Carter ainda não demonstrara sinais de falhas. Enquanto isso, meu pai e eu fazíamos dezenas de pesquisas sobre quem era o melhor cardiologista pediátrico do mundo. Todas as nossas pesquisas apontaram para o dr. Edward Golenko, chefe da Cardiologia do Hospital Monte Sinai, em Manhattan.

Ah, havia uma espera de três meses para uma consulta, que rapidamente se transformou num cancelamento surpresa no dia seguinte, depois que o dr. Golenko ficou sabendo da doação de 50 mil dólares que eu planejava fazer ao Setor de Cardiologia Pediátrica do Monte Sinai. Então, no quinto dia, Carter estava sobre outra mesa de exames, só que dessa vez rodeado por uma equipe de médicos e enfermeiras de primeira, os quais, após dez minutos de encantamento com seus

cílios, finalmente botaram a mão na massa.

A Duquesa e eu ficamos de lado, em silêncio, enquanto a equipe usava algum tipo de aparato de imagens moderno, observando o coração de Carter muito mais profundamente e com muito maior clareza do que um ecocardiograma padrão. O dr. Golenko era alto, magro, começava a ficar careca e tinha um rosto muito gentil. Corri os olhos pela sala... e contei nove adultos com caras de inteligente, todos em aventais brancos, todos espreitando meu filho como se ele fosse a coisa mais preciosa da Terra, o que ele era mesmo. Então olhei para a Duquesa, que, como sempre, estava mastigando o interior da boca. Sua cabeça estava jogada para o lado, numa atitude de concentração intensa, e me perguntei se ela estava pensando o que eu estava pensando: nunca me sentira tão feliz por ser rico como naquele momento. Afinal de contas, se alguém pudesse ajudar nosso filho seriam essas pessoas.

Depois de alguns minutos de conversa médica entre eles, o dr. Golenko sorriu para nós e falou: "Tenho notícias muito boas para vocês. O seu filho ficará bem. Os furos já começaram a fechar, e a pressão gradual eliminou qualquer contrafluxo entre...".

O dr. Golenko nunca terminou, porque a Duquesa atacou-o como um touro. Todos na sala riram quando ela jogou os braços ao redor do pescoço do médico de 65 anos, enrolou as pernas em torno da cintura dele e começou a beijá-lo.

O dr. Golenko olhou para mim com uma expressão chocada, seu rosto um pouco mais vermelho que uma beterraba, e disse: "Gostaria que as mães de todos os meus pacientes fossem assim!". E todo mundo riu mais um pouco. Que momento feliz! Carter James Belfort iria sobreviver! Deus colocara um segundo furo em seu coração para balancear o primeiro, e o dr. Golenko nos assegurou que, quando ele tivesse cinco anos, ambos os buracos estariam fechados.

Na viagem de limusine de volta para casa, a Duquesa e eu éramos só sorrisos. Carter estava entre nós no banco de trás, e George e Rocco, sentados à frente. A Duquesa falou: "O único problema é que estou tão paranoica agora que não sei se posso cuidar dele da mesma forma que cuidei de Chandler. Ela era tão grande e saudável, que nunca pensei duas vezes antes de qualquer coisa".

Inclinei-me e beijei-a na bochecha. "Não se preocupe, querida. Em alguns dias tudo voltará ao normal. Você verá."

"Não sei", disse a Duquesa. "Tenho medo só de pensar no que pode acontecer."

"Nada irá acontecer. O perigo já passou." E, pelo restante da viagem, mantive os dedos das mãos, os dedos dos pés, pernas e braços cruzados.

CAPÍTULO 32

MAIS ALEGRIAS

Setembro de 1995
(Cinco semanas depois)

Considerei adequado o Sapateiro estar sentado no seu lado da mesa, com uma expressão no rosto como a de um homem que tivesse acabado de ganhar o mundo. Para o ano de 1996, prevíramos uma receita de 50 milhões de dólares, e toda as nossas divisões estavam atingindo as metas. Nosso segmento de lojas de departamentos estava acelerado; nosso negócio de marca particular estava detonando; nosso licenciamento do nome Steve Madden estava bem adiantado; e nossas lojas de atacado, que já eram em número de nove, ganhavam mais dinheiro do que podiam contar. Aos sábados e domingos, na verdade, havia filas nas portas, e Steve estava se tornando uma espécie de celebridade, o estilista de sapatos predileto de uma geração inteira de garotas.

O que *não era* adequado foi o que ele disse em seguida para mim: "Acho que é hora de afastarmos o Papagaio. Se nos livrarmos dele agora, podemos ainda tirar-lhe as opções sobre ações". Ele deu de ombros sem muita preocupação. "De qualquer forma, se ele trabalhar por muito mais tempo para nós, suas opções serão emitidas, e então estaremos fodidos."

Balancei a cabeça, surpreso. A verdadeira ironia era que a quantidade de opções sobre ações que o Papagaio possuía era tão minúscula que ninguém se importava, exceto, é lógico, o Papagaio, que ficaria maluco se suas opções sobre ações simplesmente sumissem – uma vítima dos pormenores em seu próprio contrato de trabalho.

Falei: "Não se pode fazer isso com Gary; o cara tem trabalhado pra caralho há mais de um ano. Sou o primeiro a admitir que ele realmente enche o saco de vez em quando, mas, ainda assim, não se faz isso a um dos seus empregados, principalmente a alguém como Gary, que tem sido 100% leal. É errado pra caralho, Steve. E apenas pense no alerta que isso enviaria a todos. É o tipo de merda que destrói o moral de uma empresa. Todos aqui se orgulham de suas opções sobre ações; elas os fazem sentir-se donos; eles se sentem seguros em relação a seus futuros".

Respirei com enfado e então completei: "Se vamos substituí-lo, sem problemas, mas damos a ele o que merece, e um pouco mais, pelo menos. É a única forma de fazer isso, Steve. Qualquer outra coisa é mau negócio".

O Sapateiro deu de ombros. "Não entendo. Você é o primeiro a tirar sarro do Papagaio, então por que se importaria se eu lhe tirasse as porras das opções sobre ações?"

Balancei a cabeça, frustrado. "Primeiro de tudo, apenas tiro sarro dele para que o dia corra com algumas risadas. Tiro sarro de todos, Steve, incluindo eu e você. Mas eu, na verdade, amo o Papagaio; ele é um bom homem e é leal pra dedéu." Suspirei longamente. "Ouça, não estou negando que Gary pode ter perdido a utilidade, e talvez *seja* hora de substituí-lo por alguém com experiência industrial, alguém com *pedigree* para falar com Wall Street... mas não podemos tirar-lhe as opções sobre ações. Ele veio trabalhar para nós quando ainda estávamos vendendo sapatos no fundo da fábrica. E, apesar de ser lento, ele ainda fez muitas coisas boas pela

empresa. Dá azar fodê-lo."

O Sapateiro suspirou. "Acredito que sua lealdade não está aqui. Ele nos foderia em dois segundos se tivesse a chance. Eu..."

Cortando o Sapateiro, falei: "Não, Steve, ele não nos foderia. Gary tem integridade. Não é como nós. Ele cumpre as promessas, nunca as quebra. Querer demiti-lo é uma coisa. Mas você deveria deixá-lo manter as opções sobre ações". Percebi que, ao usar a palavra *deveria*, eu estava dando a Steve mais poder do que ele merecia. O problema era que, no papel, ele ainda era o acionista majoritário; era apenas através de nosso acordo secreto que eu mantinha o controle.

"Deixe-me falar com ele", disse o Sapateiro, com um olhar diabólico no rosto. "Se eu puder convencê-lo a sair em paz, então por que nos importaríamos?" Ele deu de ombros. "Quero dizer, se eu conseguir recuperar as opções sobre ações dele, podemos dividi-las 50% para cada um, certo?"

Meu queixo caiu, derrotado. Eram 23h30, e eu me sentia cansado pra caralho. Drogas demais, pensei. E a vida em minha casa... bem, não tinha sido um muito fácil ultimamente. A Duquesa ainda estava arrasada em virtude de Carter, e eu basicamente havia jogado a toalha para a dor nas costas, que me assombrava 24 horas por dia agora. Eu agendara o dia 15 de outubro como uma última tentativa para arrumar minha espinha dorsal. Era apenas daqui a três semanas, e só pensar nisso já me deixava aterrorizado. Eu passaria por anestesia geral... ficaria na faca por sete horas. E se eu nunca acordasse? E, mesmo que acordasse, quem garantia que eu não acordaria paralisado? Era sempre um risco que se corria quando se passava por uma cirurgia de costas, apesar de que, com o dr. Green, eu estava sob os melhores cuidados do mercado. De qualquer forma, eu ficaria longe das atividades por pelo menos seis meses, mas então minha dor teria sumido de uma vez por todas, e eu teria minha vida de volta. Sim, o verão de 1996 seria dos bons!

Logicamente, eu usara isso como racionalização para superar meu vício em drogas, prometendo, tanto para Madden como para a Duquesa, que, assim que minhas costas estivessem bem, eu deixaria as drogas de lado e voltaria a ser o "verdadeiro Jordan". Na verdade, a única razão para eu não estar chapado naquele momento era porque eu estava prestes a ir embora para pegar a Duquesa em Old Brookville. Íamos para Manhattan, passar uma noite romântica no Hotel Plaza. Fora ideia da mãe dela... que seria bom para nós nos afastarmos de toda a preocupação que parecia ter-nos esgotado desde a tristeza com o coração de Carter. Seria uma excelente oportunidade para reatarmos.

"Ouça, Steve", falei, forçando um sorriso, "já tenho opções sobre ações em número suficiente, e você também. E sempre podemos imprimir mais para nós, se tivermos vontade." Bocejei amplamente. "De qualquer forma, faça o que quiser, caralho. Estou cansado demais para discutir isso agora."

"Você parece acabado", falou Steve. "Digo isso como amigo. Estou preocupado com você, assim como sua esposa. Você tem de parar com os Ludes e a coca antes que se mate. Está ouvindo isso de alguém que sabe o que está falando. Fiquei quase tão mal quanto você", ele fez uma pausa, como se estivesse procurando as palavras corretas, "mas não era tão rico e, por isso, não consegui me afundar tanto." Fez uma nova pausa. "Ou talvez eu tenha me afundado tanto quanto, mas foi bem mais rápido. Porém, com você, isso pode durar por um bom tempo, por causa de todo o dinheiro que tem. De qualquer forma, estou lhe implorando: você precisa parar

ou, caso contrário, não vai terminar bem. Nunca termina."

"Argumento aceito", disse com sinceridade. "Tem minha promessa de que, assim que eu arrumar as minhas costas, paro de vez."

Steve aprovou com a cabeça, mas o olhar em seu rosto dizia algo como: "Só acredito vendo".

A NOVÍSSIMA FERRARI Testarossa, branca como neve, 20 cilindros, 450 cavalos, gritou como um F-15 decolando quando pisei na embreagem e coloquei a quarta. De repente, outro quilômetro do noroeste de Queens passou voando a 195 quilômetros por hora, enquanto eu costurava o tráfego na Cross Island Road com um cigarro de haxixe de primeira pendurado na boca. Nosso destino era o Hotel Plaza. Com um dedo no volante, virei-me para a Duquesa assustada e falei: "Este carro não é demais?".

"É um filho da puta", murmurou, "e vou te matar se não colocar esse baseado de lado e diminuir a velocidade! Na verdade, se não fizer isso, não vou fazer sexo com você hoje à noite."

Em menos de cinco segundos, a Ferrari estava a 95 por hora e eu estava apagando o baseado. Afinal de contas, eu não fazia sexo com a Duquesa desde duas semanas antes do nascimento de Carter, então havia mais de dois meses. Tenho de admitir que, depois de vê-la sobre a mesa de parto com a boceta com uma abertura grande o suficiente para esconder Jimmy Hoffa, eu não estivera com muita vontade. E o fato de eu estar consumindo uma média de 12 Ludes por dia, além de coca em quantidade suficiente para fazer um bando marchar até a China, saindo do Queens, não ajudara em muito meu impulso sexual.

E então havia a Duquesa. Ela cumpria a palavra. A despeito de Carter continuar perfeitamente são, ela ainda estava uma pilha. Talvez duas noites no Hotel Plaza nos fizessem bem. Tirei um olho da estrada e respondi: "Ficarei feliz em manter o velocímetro a menos de 95 por hora se você topar trepar comigo a noite toda... combinado?".

A Duquesa sorriu. "Combinado, mas primeiro você precisa me levar até a Barneys e então até a Bergdorfs. Depois disso, sou toda sua."

Sim, pensei, a noite de hoje seria muito boa. Tudo que tinha de fazer era enfrentar essas duas câmaras de tortura caríssimas e então estaria livre. E, logicamente, manter a velocidade abaixo de 95 por hora.

A BARNEYS FORA GENTIL e reservara o andar de cima para nós, e eu estava sentado numa cadeira de couro, bebericando Dom Pérignon, enquanto a Duquesa experimentava uma roupa atrás da outra... girando e balançando deliciosamente, fingindo que tinha voltado a ser modelo. Depois do sexto giro, dei uma espiada em seus quadris recheados, e 30 segundos depois a segui até o provador. Lá dentro, ataquei. Em menos de dez segundos, encostei-a na parede e puxei seu vestido para acima da cintura enquanto penetrava nela. Eu a estava esmagando contra a parede, e grunhíamos e berrávamos, fazendo um amor passional.

Duas horas depois, um pouco depois das sete, passávamos pela porta giratória do Hotel Plaza. Era meu hotel predileto em Nova York, apesar de seu proprietário ser Donald Trump. Na verdade, tinha muito respeito por Donald; afinal de contas, qualquer homem (até um bilionário) que conseguisse andar pela cidade com aquela porra de penteado e ainda transar com as mulheres mais lindas do mundo dava um novo significado ao conceito de homem de poder. De qualquer forma, havia dois porteiros atrás de nós, carregando mais ou menos uma dezena de

sacolas de lojas com 150 mil dólares em roupas femininas dentro. No pulso esquerdo da Duquesa havia um novíssimo relógio Cartier de 40 mil dólares ornado com diamantes. Até agora, fizéramos sexo nos provadores de três lojas de departamentos diferentes, e a noite ainda era uma criança.

Mas, ah, quando chegamos ao Plaza, as coisas começaram rapidamente a degringolar. Em pé, na recepção, havia uma loira muito agradável de 30 e poucos anos. Ela sorriu e falou: "Já retornou, sr. Belfort! Bem-vindo! É bom vê-lo novamente!". Alegria, alegria, alegria!

A Duquesa estava a alguns metros à direita, olhando para seu novo relógio e, felizmente, ainda um pouco confusa com o Lude que eu a convencera a tomar. Olhei para a loira da recepção com pânico nos olhos e comecei a balançar a cabeça rapidamente, como se dissesse: "Meu Deus, minha esposa está comigo! Cale a porra dessa boca!".

Com um sorriso largo, a loira falou: "Vamos colocá-lo na sua suíte de sempre, no...".

Cortando-a: "Está bem, então! Perfeito. Vou apenas assinar bem aqui! Obrigado!". Peguei a chave do quarto e puxei a Duquesa na direção do elevador. "Venha, querida; vamos lá. Preciso de você!"

"Está pronto para mais uma?", perguntou, sorrindo.

Tinha de agradecer aos Ludes!, pensei. Uma Duquesa sóbria nunca teria deixado de notar o que acontecera. Na verdade, ela já estaria me batendo. "Está brincando?", respondi. "Estou sempre pronto para você!"

De repente, o funcionário anão veio correndo, num uniforme do Plaza, verde-limão com botões dourados na frente, e uma boina da mesma cor. "Seja bem-vindo de volta!", grasnou o anão.

Sorri e acenei com a cabeça, continuando a puxar a Duquesa para o elevador. Os dois porteiros ainda estavam atrás de nós, carregando todas as nossas sacolas de compras, que eu insistira que trouxéssemos ao quarto a fim de que ela experimentasse tudo na minha frente de novo.

Dentro do quarto, dei para cada porteiro cem dólares e pedi-lhes discrição. Assim que saíram, a Duquesa e eu pulamos na cama *king size* e começamos a rolar e sorrir.

E então o telefone tocou.

Nós dois olhamos para o telefone, preocupados. Ninguém sabia que estávamos aqui, com exceção de Janet e da mãe de Nadine, que estava cuidando de Carter. Merda! Só podia ser notícia ruim. Tinha certeza disso. Certeza completa. Depois do terceiro toque, falei: "Talvez seja da recepção".

Fui até o telefone e atendi. "Alô?"

"Jordan, é Suzanne. Você e Nadine precisam vir já para cá. Carter está com 40,5 de febre; ele não está se mexendo."

Olhei para a Duquesa. Ela estava me encarando, esperando as notícias. Não sabia o que dizer. Nunca a vira tão desesperada como nas últimas seis semanas. A morte de nosso filho recém-nascido a deixaria destruída. "Precisamos ir já, querida. Carter está ardendo de febre; sua mãe disse que ele não está se mexendo."

Não saíram lágrimas de minha esposa. Ela apenas fechou bem os olhos, comprimiu os lábios e concordou com a cabeça. Estava tudo acabado. Ambos sabíamos disso. Por algum motivo, Deus não queria essa criança inocente no mundo. Eu apenas não conseguia entender por quê. Mas

naquele instante não havia tempo para lágrimas. Precisávamos ir para casa a fim de nos despedirmos de nosso filho.

Lágrimas viriam depois. Rios delas.

A FERRARI CHEGOU a 200 por hora quando cruzamos a fronteira entre Queens e Long Island. Contudo, dessa vez, a Duquesa encarou as coisas de maneira um pouquinho diferente. “Mais rápido! Por favor! Temos de levá-lo para o hospital antes que seja tarde demais!”

Concordei com a cabeça e pisei no acelerador, e a Testarossa disparou como um foguete. Em três segundos, o velocímetro apontava 225 e continuava a subir... ultrapassávamos carros que estavam a 120 como se estivessem parados. Apenas não tinha certeza por que havíamos dito a Suzanne para não levar Carter ao hospital, apesar de ter algo a ver com o fato de querermos ver nosso filho em casa pela última vez.

Logo estávamos entrando na garagem e a Duquesa corria para a porta antes mesmo de a Ferrari parar. Olhei para meu relógio: eram 19h45. Normalmente levavam-se 45 minutos do Hotel Plaza até Pin Oak Coart; eu fizera em 17 minutos.

No caminho de volta, a Duquesa falou com o pediatra de Carter pelo celular, e o prognóstico foi horrível. Na idade dele, uma febre extrema acompanhada por falta de movimentos indicava uma meningite espinhal. Havia dois tipos: bacteriana e viral. Ambas podiam ser fatais, mas a diferença era que, se sobrevivesse aos estágios iniciais da meningite viral, ele se recuperaria totalmente. Com a meningite bacteriana, contudo, viveria o resto da vida amaldiçoado com cegueira, surdez e retardamento mental. Era difícil pensar nisso.

Sempre me perguntara como um pai aprende a amar uma criança que sofre de tais males. De vez em quando, eu via uma criança pequena que era retardada mental brincando no parque. Doía no coração... ver os pais fazendo o possível para criar um mínimo de normalidade ou alegria para o filho. E eu sempre ficara maravilhado pelo amor incrível que demonstravam aos filhos apesar de tudo – apesar da vergonha que podiam sentir; apesar da culpa que podiam sentir; e apesar dos óbvios contratempos que isso trazia à vida deles.

Será que eu conseguiria fazer isso? Será que conseguiria lidar com isso? Logicamente, era fácil dizer que sim. Mas palavras não valem nada. Amar uma criança que nunca se chegou a conhecer de fato, com quem nunca se teve chance de se ligar... Eu só podia rezar para Deus me dar a força para ser esse tipo de homem – um *bom* homem – e, de fato, um verdadeiro homem de poder. Não tinha dúvidas de que minha esposa conseguiria fazer isso. Ela parecia ter uma ligação incomum com Carter, assim como ele com ela. Era como as coisas tinham sido comigo e Chandler, a partir do momento em que ela teve idade para compreender as coisas. Mesmo agora, na verdade, quando Chandler ficava inconsolável, era sempre o papai que a salvava.

E Carter, com menos de dois meses, já estava respondendo para Nadine daquela mesma forma milagrosa. Era como se a presença dela o acalmasse, e o aliviasse, e o fizesse sentir que tudo estava bem. Um dia eu seria tão próximo assim de meu filho; sim, se Deus me desse a oportunidade, eu certamente seria.

Quando cheguei à porta de casa, a Duquesa já tinha Carter nos braços, embrulhado num cobertor azul. Rocco Noite trouxera a Range Rover para a frente, pronto para nos levar rapidamente ao hospital. Quando nos dirigíamos para o carro, coloquei o dorso da mão na testinha minúscula de Carter e fiquei muito assustado. Ele estava literalmente *ardendo* de febre.

Ainda estava respirando... apesar de pouco. Não havia movimento; ele estava duro como pedra.

No caminho para o hospital, a Duquesa e eu nos sentamos no banco traseiro da Range Rover, e Suzanne, no banco do passageiro. Rocco era um ex-detetive da polícia de Nova York; por isso, faróis vermelhos e limites de velocidade não lhe diziam nada. E, dadas as circunstâncias, era apropriado. Liguei para o dr. Green, na Flórida, mas ele não estava em casa. Então telefonei para meus pais e disse-lhes para nos encontrarem no Hospital North Shore, em Manhasset, que ficava cinco minutos mais próximo do que o Judaico de Long Island. Ficamos em silêncio o resto da viagem; ainda não havia lágrimas.

Corremos para o pronto-socorro, a Duquesa à frente, com Carter aninhado em seus braços. O pediatra de Carter já havia telefonado para o hospital, então eles estavam nos aguardando. Passamos correndo por uma sala de espera cheia de pessoas inexpressivas e, em menos de um minuto, Carter estava sobre uma mesa de exames, sendo limpo com um líquido que cheirava a álcool.

Um médico de aparência jovial com sobrancelhas grossas falou para nós: "Parece meningite espinhal. Precisamos de sua autorização para coleta de liquor. É um procedimento de baixo risco, mas há sempre uma chance de uma infecção ou...".

"Apenas faça a porra da coleta de liquor!", disparou a Duquesa.

O médico aquiesceu, parecendo não ter ficado nem um pouco ofendido com a linguagem da minha esposa. Ela tinha direito a isso.

E então aguardamos. Se foram dez minutos ou duas horas, era impossível dizer. Em algum momento, a febre dele retrocedeu, caindo para 39. Em seguida, ele começou a chorar incontrolavelmente. Era um berro agudo, desconfortável, impossível de descrever. Fiquei me perguntando se era o som que um bebê emite quando lhe estão sendo roubadas suas aptidões, como se ele estivesse instintivamente chorando de angústia, ciente da maldição terrível que lhe sucedera.

A Duquesa e eu estávamos sentados em cadeiras de plástico azul-claras na sala de espera, encostados um no outro, esperando por uma corda para nos agarrar. Estávamos acompanhados por meus pais e Suzanne. *Sir* Max estava balançando para a frente e para trás, fumando apesar da placa de "proibido fumar" na parede... tinha pena do idiota que lhe pedisse para parar. Minha mãe estava sentada ao meu lado, em lágrimas. Nunca a vira tão triste. Suzanne estava sentada ao lado da filha, não mais falando sobre conspirações. Uma coisa era um bebê ter um furo no coração; ele podia ser remendado. Mas outra, completamente diferente, era uma criança crescer surda, muda e cega.

De repente, o médico surgiu por um par de portas automáticas. Ele usava o uniforme verde de hospital e apresentava uma expressão neutra. A Duquesa e eu pulamos da cadeira e corremos até ele. O médico falou: "Sinto muito, sr. e sra. Belfort; o resultado deu positivo para infecção. Seu filho tem meningite. É...".

Cortei o médico. "É viral ou bacteriana?" Agarrei a mão de minha esposa e a apertei, rezando para que fosse viral.

O doutor respirou fundo e exalou lentamente. "É bacteriana", disse, com tristeza. "Sinto muito. Estávamos todos rezando para que fosse viral, mas o teste é conclusivo. Verificamos os resultados três vezes e não há erro."

O médico respirou fundo novamente e então continuou: "Conseguimos fazer a febre dele

retroceder para um pouco menos de 39, assim parece que ele irá sobreviver. Mas a meningite bacteriana causa um dano significativo para o sistema nervoso central. É muito cedo para dizer quanto e onde, mas quase sempre uma perda de visão e audição e...” – fez uma pausa, como se estivesse procurando as palavras corretas – “alguma perda de função cerebral. Sinto muito. Assim que ele sair dos estágios agudos precisaremos chamar alguns especialistas para avaliar quanto dano foi realmente causado. Agora, porém, tudo que podemos fazer é injetar nele altas doses de antibióticos poderosos para matar a bactéria. Neste ponto, sequer temos certeza de qual bactéria é; parece ser um organismo raro, não encontrado com frequência em meningite. Nosso chefe de doenças infecciosas já foi contatado e está a caminho do hospital neste exato momento”.

Num estado de total descrença, perguntei: “Como ele contraiu?”.

“Não há como dizer”, respondeu o jovem médico. “Mas ele está sendo removido para o setor de isolamento, no quinto andar. Ele ficará em quarentena até que consigamos compreender isso. Além do senhor e sua esposa, ninguém mais pode vê-lo.”

Olhei para a Duquesa. Seu queixo estava caído. Ela parecia estar congelada, olhando para o nada. E então desmaiou.

A UNIDADE DE isolamento do quinto andar estava uma baita bagunça. Carter se debatia loucamente, chutando e arranhando, e a Duquesa balançava para a frente e para trás, chorando com histeria. Lágrimas corriam pelo seu rosto e sua pele estava pálida, cinzenta.

Um dos médicos falou-lhe: “Estamos tentando colocar um intravenoso no seu filho, mas ele não fica parado. Nessa idade pode ser muito difícil encontrar uma veia, por isso acho que teremos de enfiar a agulha no crânio. É a única forma”. Seu tom era um tanto indiferente, antipático demais.

A Duquesa atacou rapidamente. “Seu filho da puta! Sabe quem é meu marido, seu idiota? Entre lá imediatamente e coloque um intravenoso no braço dele ou eu mesma vou te matar, caralho, antes que meu marido tenha a chance de pagar alguém para fazer isso!”

O médico ficou paralisado de terror, boquiaberto. Ele não era páreo para a ferocidade da Duquesa de Bay Ridge. “Bem, que porra você está esperando? Vá!”

O médico voltou correndo para o berço de Carter, erguendo seu bracinho minúsculo a fim de achar outra veia.

De repente, meu celular tocou. “Alô?”, atendi, desanimado.

“Jordan! É Barth Green. Acabei de receber todas as suas mensagens. Sinto muito por você e Nadine. Eles têm certeza de que é meningite bacteriana?”

“Sim”, respondi, “têm certeza. Estão tentando colocar um intravenoso nele, para bombear antibióticos, mas ele está ficando louco agora. Está chutando, gritando e se debatendo...”

“Uou, uou, uou”, disse Barth Green, me interrompendo. “Você acabou de me dizer que ele está se debatendo?”

“Sim, está totalmente louco. Ele está incontrolável desde que a febre retrocedeu. Parece que está possuído por um demônio...”

“Então pode relaxar, Jordan, porque seu filho não tem meningite, viral *nem* bacteriana. Se tivesse, ainda estaria com 40 graus de febre e duro como uma pedra. Ele provavelmente teve uma gripe forte. Bebês têm tendência de apresentar febres incrivelmente altas. Ele estará bem

amanhã de manhã.”

Fiquei impressionado. Como podia Barth Green ser tão irresponsável a ponto de criar falsa esperança assim? Ele nem vira Carter, e a coleta de liquor era conclusiva; eles verificaram os resultados três vezes. Respirei fundo e falei: “Ouça, Barth, agradeço-lhe por tentar me fazer sentir melhor, mas a coleta de liquor mostrou que ele tem algum tipo de organ...”.

Cortando-me novamente: “Eu realmente não dou a mínima para o que o teste apresentou. Na verdade, posso apostar com você que foi uma amostra contaminada. Esse é o problema desses prontos-socorros: Eles são bons para ossos quebrados e feridas de tiro, mas só isso. E isso, bem... é *rude* demais da parte deles tê-lo preocupado assim”.

Podia ouvi-lo suspirando pelo telefone. “Ouça, Jordan, você sabe que lido diariamente com paralisia espinhal, então fui forçado a me tornar um especialista em dar notícias ruins para as pessoas. Mas isso é besteira! Seu filho está gripado.”

Fiquei estupefato. Nunca ouvira Barth Green emitir nem um único xingamento. Será que ele estava certo? Seria possível que, da sala de sua casa na Flórida, ele pudesse fazer um diagnóstico mais acertado que uma equipe de médicos que estava ao lado do leito de meu filho usando os equipamentos médicos mais avançados?

De repente, Barth falou num tom agudo: “Coloque Nadine ao telefone!”.

Fui até ela e entreguei o telefone para a Duquesa. “Ei, é Barth. Ele quer falar com você. Ele diz que Carter está bem e que todos os médicos estão loucos.”

Ela pegou o telefone e andei até o berço, onde observei Carter. Eles finalmente conseguiram colocar um intravenoso em seu braço direito, e ele se acalmou um pouco... agora apenas choramingava e mexia-se desconfortavelmente no berço. Ele era realmente lindo, pensei, e esses cílios... Mesmo agora eles se sobressaíam.

Um minuto depois, a Duquesa andou até o berço, inclinou-se e colocou o dorso da mão na testa de Carter. Parecendo muito confusa, ela falou: “Ele parece estar fresco agora. Mas será possível que todos os médicos estão errados? E como poderia a coleta de liquor estar errada?”.

Coloquei o braço ao redor da Duquesa e a segurei com força. “Por que não fazemos turnos aqui? Dessa forma, um de nós sempre estará com Channy.”

“Não”, respondeu, “não saio deste hospital sem meu filho. Não me importo se tiver de ficar aqui um mês. Não vou deixá-lo, nunca.”

E por três dias seguidos minha esposa dormiu ao lado de Carter, não saindo do quarto nem uma vez. Naquela terceira tarde, sentados no banco traseiro da limusine retornando para Old Brookville, com Carter James Belfort entre nós e a frase *Foi uma amostra contaminada* tilintando prazerosamente em nossos ouvidos, fiquei impressionado com o dr. Barth Green.

Primeiro, vi-o balançando Elliot Lavigne para tirá-lo do coma; agora, 18 meses depois, fizera isso. Sentia-me muito mais confortável por saber que seria ele quem estaria ao meu lado com um bisturi na mão – cortando minha própria espinha. E aí eu teria minha vida de volta.

E, por fim, eu poderia largar as drogas.

CAPÍTULO 33

PRORROGAÇÕES

(Três semanas depois)

O horário exato em que acordei da minha cirurgia nas costas eu não sabia com certeza. Foi em 15 de outubro de 1995, em algum momento no meio da tarde. Lembro-me de abrir os olhos e murmurar algo como: “Ahhhh, caralho! Estou um lixo!”. Então, de repente, comecei a vomitar copiosamente e, a cada vez que vomitava, sentia uma dor aguda terrível ricocheteando em cada fibra neural do meu corpo. Estava na sala de recuperação do Hospital de Cirurgias Especiais em Manhattan, preso a um dispositivo que pingava doses de morfina pura na minha corrente sanguínea toda vez que eu apertava um botão. Lembro-me de estar bem entristecido por ter passado por uma operação de sete horas a fim de chegar a esse barato gratuito sem cometer um crime.

A Duquesa pairava sobre mim, e ela disse: “Você foi bem, querido! Barth falou que tudo vai ficar bem!”. Acenei com a cabeça e deixei-me ser levado por um estado sublime de narcose induzido pela morfina.

Então eu estava em casa. Talvez tenha sido uma semana depois, apesar de os dias parecerem estar derretendo um dentro do outro. Alan Químico foi prestativo: deixou-me 500 Quaaludes no meu primeiro dia em casa após sair do hospital. No Dia de Ação de Graças já tinha acabado tudo. Era um ato de grande virilidade, que me deixou muito orgulhoso: tomar uma média de 18 Ludes por dia, quando um único Lude conseguia derrubar um fuzileiro naval de 90 quilos por até oito horas.

O Sapateiro veio me visitar e contou-me que ajeitara as coisas com o Papagaio, que concordara em sair em silêncio com apenas uma pequena fração de suas opções sobre ações. Então o Papagaio apareceu e me contou que um dia encontraria o Sapateiro num beco escuro e que o estrangularia com seu próprio rabo de cavalo. Danny me visitou também e contou-me que estava prestes a fechar um acordo com os governos estaduais, portanto, definitivamente haveria vinte anos de céu azul. O Cabana veio e contou-me que Danny perdera a noção da realidade – que não havia acordo com os governos estaduais – e que ele Cabana, estava procurando uma nova firma de corretagem, onde pudesse se estabelecer assim que a Stratton implodisse.

Enquanto a Stratton seguia em sua queda, a Biltmore e a Monroe Parker continuavam a progredir. No Natal, haviam cortado totalmente os laços com a Stratton, apesar de continuarem a me pagar um *royalty* de 1 milhão de dólares a cada nova emissão. Ao mesmo tempo, o Chef passava lá a cada duas semanas – deixando-me a par do caso Patricia Mellor, que seguia complicado. Os herdeiros de Patricia, Tiffany e Julie, estavam agora lidando com as autoridades tributárias da Grã-Bretanha. Havia alguns rumores de que o FBI estaria vasculhando o assunto, mas nenhuma intimação fora emitida. O Chef garantiu-me que tudo terminaria bem. Ele entrara em contato com o Mestre em Falsificações, que fora interrogado tanto pelo governo da Suíça como pelo governo dos Estados Unidos, mas mantivera nossa versão. Em consequência, o agente

Coleman entrara num beco sem saída.

E então havia a família: Carter sobrevivera ao início turbulento e agora estava progredindo incrivelmente. Ele era maravilhoso, com uma cabeça cheia de cabelos loiros como pêssego, pele lisinha, grandes olhos azuis e os maiores cílios que eu já vira. Chandler, o bebê-gênio, tinha dois anos e meio, e ela se apaixonara profundamente pelo irmão. Ela gostava de fingir que era a mãe... dando-lhe a mamadeira e supervisionando Gwynne e Erica quando elas lhe trocavam as fraldas. Chandler fora minha melhor companhia, quando eu me transferia da câmara real para o sofá redondo do porão, fazendo nada além de assistir a tevê e consumir quantidades maciças de Quaaludes. Em consequência, tornara-se uma mestra Jedi em compreender frases gaguejadas, o que a deixava preparada, imaginei, se por acaso viesse a trabalhar com enfartados. De qualquer forma, ela passava a maior parte do dia perguntando-me quando eu ficaria bem para começar a carregá-la pela casa. Dizia-lhe que em breve, apesar de eu duvidar muito que chegaria a me recuperar por completo.

A Duquesa tinha sido maravilhosa também... no começo. Mas, quando o Dia de Ações de Graças transformou-se no Natal e o Natal transformou-se no Ano-Novo, ela começou a perder a paciência. Eu estava usando gesso no corpo inteiro e isso me fazia subir pelas paredes. Portanto, imaginei que, sendo seu marido, era minha obrigação fazê-la subir pelas paredes também. Mas o gesso era o menor dos meus problemas... o verdadeiro pesadelo era a dor, que estava pior do que antes. Na verdade, eu não apenas estava amaldiçoado com a dor original, mas havia uma nova dor agora, que era mais forte e atingia bem o centro da minha espinha. Qualquer movimento brusco enviava ondas de fogo por toda a minha espinha dorsal. O dr. Green dissera que a dor diminuiria, mas ela parecia estar aumentando.

No começo de janeiro, eu havia me afundado em novos níveis de desesperança... e a Duquesa desistira. Ela falou que eu precisava diminuir as drogas e pelo menos tentar readquirir alguma semelhança com um ser humano normal. Respondi com uma reclamação sobre como o inverno de Nova York estava destruindo meu corpo de 33 anos. Meus ossos, afinal de contas, rangiam muito na minha idade. Ela aconselhou passarmos o inverno na Flórida, mas respondi que a Flórida era para velhos e, apesar de me sentir velho, eu ainda tinha um coração de jovem.

Então, a Duquesa cuidou sozinha de tudo, e a coisa seguinte de que me lembro é de estar morando em Beverly Hills, no topo de um monte alto com vista para a cidade de Los Angeles. Logicamente, o zoológico precisou vir também, para dar sequência ao *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*... e pela pechincha de 25 mil dólares por mês aluguei a mansão de Peter Morton, celebridade do Hard Rock Cafe, e passei o inverno lá. A aspirante a tudo rapidamente foi até o baú de antigas aspirações, escolhendo o cartão que dizia *aspirante a decoradora de interiores*, e quando nos mudamos havia 1 milhão de dólares de móveis novíssimos na casa, espalhados para tudo quanto é lado. O único problema era que a casa era tão grande, talvez com uns três mil metros quadrados, que eu estava considerando a ideia de comprar uma lambreta motorizada para ir de um canto a outro da casa.

Mudando de assunto, logo percebi que Los Angeles era apenas o pseudônimo de Hollywood. Então, peguei alguns milhões de dólares e comecei a fazer filmes. Levou mais ou menos três semanas para me dar conta de que todo mundo em Hollywood (inclusive eu) era um pouco estranho, e uma das atividades favoritas de todos era almoçar. Meus parceiros no ramo do cinema eram uma pequena família de judeus sul-africanos teimosos, antigos clientes do banco

de investimentos da Stratton. Era um grupo interessante: seus corpos pareciam de pinguins com nariz em formato de agulha.

Na terceira semana de maio, tirei o gesso do corpo. Fabuloso!, pensei. Minha dor ainda era torturante, mas era hora de iniciar a fisioterapia. Talvez *isso* ajudasse. Mas, durante a segunda semana de fisioterapia, senti algo estourar, e uma semana depois estava de volta a Nova York, andando com uma bengala. Passei por vários hospitais em uma semana, fazendo testes, e todos deram negativo. De acordo com Barth, havia uma disfunção no sistema de administração de dor do meu corpo; não havia nada de errado, mecanicamente falando, com as minhas costas, nada que pudesse ser operado.

Certo, pensei. Não havia nada a fazer além de engatinhar até a câmara real e morrer. Imaginei que uma overdose de Ludes seria a melhor forma de fazer isso, ou pelo menos a mais apropriada, já que sempre fora a minha droga preferida. Mas havia outras opções também. Minha dieta diária de drogas incluía 90 miligramas de morfina, para a dor; 40 miligramas de oxicodona, para precaução; uma dúzia de Soma, para relaxar os músculos; 8 miligramas de Xanax, para ansiedade; 20 miligramas de Klonopin, porque parecia ser forte; 30 miligramas de Ambien, para insônia; 20 Quaaludes, porque eu gostava de Quaaludes; um ou dois gramas de cocaína, para balancear; 20 miligramas de Prozac, para afastar a depressão; 10 miligramas de Paxil, para evitar ataques de pânico; 8 miligramas de Zofran, para enjoo; 200 miligramas de Fiorinal, para enxaquecas; 80 miligramas de Valium, para relaxar os nervos; duas colheres de sopa cheias de Senokot, para reduzir a constipação; 20 miligramas de Salagen, para boca seca; e uma pitada de uísque Macallan para lavar tudo.

Um mês depois, na manhã de 20 de junho, eu estava deitado na câmara real, num estado semivegetativo, quando a voz de Janet surgiu pelo interfone. “Barth Green está na linha um.”

“Pegue o recado”, murmurei. “Estou numa reunião.”

“Engraçadinho...”, falou a voz insolente. “Ele diz que precisa falar com você já. Ou você pega o telefone ou vou aí dentro e pego-o para você. E deixe esse frasco de coca de lado.”

Fiquei estupefato. Como ela sabia disso? Corri os olhos pelo quarto procurando uma câmera escondida, mas não encontrei nenhuma. Estariam a Duquesa e Janet me espionando? Que intrometidas! Suspirei, cansado, coloquei de lado o frasco de coca e peguei o telefone. “E aí?”, murmurei, parecendo Hortelino Trocaletra depois de uma noite cansativa na cidade.

Um tom simpático: “Oi, Jordan, é Barth Green. Como estão as coisas?”.

“Nunca estive melhor”, resmunguei. “E você?”

“Ah, estou bem”, disse o bom médico. “Ouça, não nos falamos há semanas, mas tenho conversado com Nadine todos os dias, e ela está muito preocupada com você. Ela diz que faz uma semana que você não sai do quarto.”

“Não, não”, respondi. “Estou bem, Barth. Estou apenas recarregando as baterias.”

Após alguns segundos de silêncio desconfortável, Barth falou: “Como você *está*, Jordan? Como está *de verdade*?”.

Soltei mais um suspiro grande. “A verdade, Barth, é que desisto. Já era. Não aguento mais a dor; isso não é vida. Sei que não é sua culpa, portanto não ache que o culpo ou coisa parecida. Sei que fez o que pôde. Acho que é o destino, ou talvez seja a recompensa. De qualquer forma, não importa.”

Barth contra-atacou: “Talvez você esteja disposto a desistir, mas eu não. Não desistirei até que

você esteja curado. E você *ficará* curado. Agora, quero que tire a bunda da cama já, vá ao quarto dos seus filhos e olhe bem para eles. Talvez você não esteja mais disposto a lutar por si mesmo, mas que tal lutar por eles? Caso não tenha notado, seus filhos estão crescendo sem um pai. Quando foi a última vez que brincou com eles?".

Tentei evitar as lágrimas, mas foi impossível. "Não aguento mais", falei, fungando. "A dor é devastadora. Penetra nos meus ossos. É impossível viver assim. Sinto muita falta de Chandler, e mal conheço Carter. Mas essa dor não para. O único momento em que não dói é nos primeiros dois minutos logo depois que acordo. Então a dor vem rugindo e me consome. Tentei de tudo, e não há nada que eu possa fazer para pará-la."

"Há um motivo para eu ter telefonado hoje de manhã", falou Barth. "Há um novo remédio que quero que experimente. Não é um narcótico e não tem efeitos colaterais. Algumas pessoas têm conseguido resultados incríveis com ele... pessoas como você, com danos neurais." Ele fez uma pausa, e eu consegui ouvi-lo suspirando profundamente. "Escute-me, Jordan. Não há nada errado na estrutura das suas costas. Sua fusão está boa. O problema é que você tem um nervo danificado, e ele está atirando para o lado errado... ou não atirando, para ser mais exato. Veja, numa pessoa saudável, a dor serve como um alerta, para que o corpo saiba que algo está errado. Mas, às vezes, o sistema entra em curto-circuito, normalmente depois de um trauma severo. E então, mesmo depois que o ferimento é curado, os nervos continuam atirando. Suspeito que seja isso que está acontecendo com você."

"Que tipo de medicamento é esse?", perguntei, cético.

"É um remédio para epilepsia, para tratar de ataques, mas funciona para dores crônicas também. Serei honesto com você, Jordan. Ainda é, de alguma forma, um tiro no escuro. Não está aprovado pela FDA para alívio de dores, e todas as evidências são suposições. Você será uma das primeiras pessoas em Nova York a tomá-lo para dor. Já o solicitei para a sua farmácia. Você deve recebê-lo daqui a uma hora."

"Qual o nome?"

"Lamictal", respondeu. "E, como te falei, não tem efeitos colaterais, portanto você nem saberá quando estiver sob o efeito dele. Quero que tome duas pílulas antes de dormir hoje, e então veremos o que acontece."

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei um pouco depois das 8h30 e, como sempre, estava sozinho na cama. A Duquesa já estava nos estábulos, provavelmente espirrando que nem louca. Ao meio-dia, ela estaria de volta, ainda espirrando. Então desceria para o seu showroom de maternidade e desenharia mais algumas roupas. Um dia, pensei, ela pode até tentar vendê-las.

Assim, aqui estava eu, olhando para o dossel de seda branca incrivelmente cara, apenas aguardando o início de minha dor. Foram seis anos de agonia intratável ao lado das patas daquele vira-lata sarnento do Rocky. Mas a dor não estava afetando minha perna esquerda, e não havia sensação de ardência nos membros inferiores. Girei para o lado da cama e fiquei sentado, ereto, alongando os braços na direção do céu. Ainda não sentia nada. Fiz um agachamento lateral... *ainda* nada. Não que eu estivesse sentindo menos dor; eu não sentia dor nenhuma. Era como se alguém tivesse apertado um botão e literalmente desligado a minha dor. Tinha acabado.

Dessa forma, fiquei lá, de cueca samba-canção, pelo que pareceu um bom tempo. Então fechei os olhos, mordi o lábio inferior e comecei a chorar. Fui até o canto da cama, encostei a

testa na ponta do colchão e continuei a chorar. Eu havia perdido seis anos da minha vida para essa dor, sendo os três últimos tão severos que literalmente me tiraram a vontade de viver. Tornara-me um viciado em drogas. Tinha ficado depressivo. E fizera coisas inacreditáveis sob o efeito delas. Sem as drogas, eu nunca teria deixado a Stratton sair do controle.

Qual a parcela de culpa das drogas para eu ter esta vida sombria? Se estivesse sóbrio, teria dormido com todas aquelas prostitutas? Teria contrabandeado todo aquele dinheiro para a Suíça? Teria permitido que as práticas comerciais da Stratton ficassem tão fora do controle? Tenho de admitir que era fácil colocar toda a culpa nas drogas, mas, é lógico, eu ainda era responsável pelas minhas ações. Meu único consolo era que estava tendo uma vida mais honesta agora... construindo a Sapatos Steve Madden.

De repente, a porta se abriu, e era Chandler. Ela falou: “Bom dia, papai! Vim dar um beijo para afastar o bicho-papão”. Ela se inclinou e beijou minha região lombar, um beijo de cada lado, e então plantou um beijo diretamente na minha espinha, pouco acima da cicatriz.

Virei-me, ainda com lágrimas nos olhos, e fiquei um tempo observando minha filha. Ela não era mais um bebê. Enquanto eu estava perdido na dor, ela deixara de lado as fraldas. Seu rosto estava mais esculpido agora, e, apesar de ter menos de três anos, não mais falava como bebê. Sorri para ela e falei: “Quer saber, picurucha? Você afastou o bicho-papão do Papai com beijos! Acabou de vez agora”.

Isso lhe chamou a atenção. “*Acabou*?”, perguntou, maravilhada.

“Sim, querida, acabou.” Agarrei-a e fiquei de pé, ereto, erguendo-a sobre a minha cabeça. “Está vendo, querida? A dor do papai acabou de vez. Isso não é incrível?”

Muito empolgada: “Você vai brincar comigo lá fora hoje?”.

“Pode apostar que sim!” E girei-a sobre a minha cabeça num grande círculo. “A partir de hoje vou brincar com você todos os dias! Mas primeiro preciso achar a mamãe para contar-lhe as novidades.”

Com um tom inteligente: “Ela está trotando com o Leapyear, papai”.

“Bem, é para lá que vou, então, mas primeiro vamos ver Carter e dar-lhe um beijão, certo?” Ela concordou com a cabeça avidamente e saímos.

QUANDO A DUQUESA me viu, ela caiu do cavalo. Literalmente.

O cavalo fora para um lado, ela para o outro, e agora estava caída no chão, espirrando e ofegante. Contei-lhe da minha recuperação milagrosa, e nos beijamos... curtindo um momento maravilhoso e despreocupado juntos. Então falei algo que viria a ser uma ironia: “Acho que devemos tirar umas férias no iate; será muito relaxante”.

CAPÍTULO 34

VIAGEM RUIM

Ahhh, o iate *Nadine!* Apesar de odiar a porra do barco e desejar que ele afundasse, havia algo de muito sensual em navegar pelas águas azuis do Mediterrâneo a bordo de um iate motorizado de 170 pés. Na verdade, nós oito – a Duquesa e eu, e seis de nossos amigos mais próximos – estávamos nos divertindo muito a bordo desse meu palácio flutuante.

Logicamente, nunca poderia embarcar em uma viagem tão animada sem estar adequadamente armado. Portanto, na noite anterior à nossa partida, recrutei um dos meus melhores amigos, Rob Lorusso, para ir comigo a uma coleta de drogas em cima da hora. Rob era o homem perfeito para a tarefa; não apenas participaria da viagem, como eu e ele tínhamos uma história com esse tipo de coisa... Certa vez perseguimos um caminhão da Federal Express por três horas durante uma nevasca furiosa, numa busca desesperada por uma entrega frustrada de Quaaludes.

Conhecia Rob havia quase 15 anos e o adorava. Ele tinha a minha idade e possuía uma empresa familiar de financiamento imobiliário que fazia hipotecas para os strattonitas. Como eu, ele amava as drogas, e também tinha um grande senso de humor. Ele não era particularmente bonito – mais ou menos 1,75 metro, um pouco acima do peso, com um rechonchudo nariz italiano e um queixo bem fino –, mas, apesar disso, as mulheres o adoravam. Ele era de uma espécie rara de homens que podia se sentar a uma mesa com um bando de beldades que desconhecia e ficar peidando, soluçando, arrotando e fungando, e elas apenas diriam: “Ah, Rob, você é tão engraçado! Nós te amamos tanto, Rob! Por favor, peide mais um pouco para a gente!”.

Seu erro fatal, contudo, era que ele era o homem mais sovina do mundo. Na verdade, era tão sovina que isso lhe custara seu primeiro casamento com uma garota chamada Lisa, uma beldade morena cheia de dentes. Após dois anos de casamento, ela se cansou de ele ficar realçando a parte dela da conta telefônica e, assim, decidiu ter um caso com um playboy local. Rob pegou-a no flagra, e eles se divorciaram logo em seguida.

A partir dali, Rob começou a sair com várias garotas, mas cada uma tinha algum tipo de defeito: uma tinha mais cabelo que um gorila; outra gostava de ser amarrada com *silver tape* durante o sexo enquanto fingia ser uma defunta; outra recusava-se a fazer sexo que não fosse pela via anal; e outra ainda (minha favorita) gostava de colocar Budweiser nos cereais dele. Sua última namorada, Shelly, viria conosco no iate. Ela era bem bonitinha, apesar de parecer um pouco um filhotinho de cachorro. Mesmo assim, ela tinha o estranho hábito de zanzar com uma Bíblia, citando passagens obscuras. Dei um mês para Rob e ela.

Enquanto Rob e eu passamos as últimas horas adquirindo itens essenciais, a Duquesa ficou engatinhando pela nossa garagem, juntando calhaus. Era a primeira vez que deixava as crianças e, por algum motivo inexplicável, isso a deixou com vontade de fazer artesanato. Assim, produziu para nossos filhos uma caixinha de desejos: uma caixa de sapatos femininos muito caros (nesse caso, a morada antiga de um par de Manolo Blahniks de mil dólares) cheia de minúsculos

calhaus, coberta com uma camada de papel-alumínio. Sobre o papel-alumínio, a Duquesa artística colara dois mapas – um da Riviera italiana e um da Riviera francesa –, e também mais ou menos uma dezena de fotos que ela recortara de revistas de viagens.

Um pouco antes de sairmos para o aeroporto, fomos ao quarto de brincar de Chandler e Carter para nos despedir. Carter tinha quase um ano de idade e venerava a irmã mais velha, apesar de bem menor que a veneração reservada à mãe, que podia levá-lo às lágrimas se ela tomasse um banho e não secasse o cabelo antes de sair do banheiro. Sim, Carter bebê gostava do cabelo loiro de sua mãe, o qual, quando úmido, ficava muito escuro para ele. Bastava uma rápida olhada na Duquesa de cabeça molhada para que apontasse o dedo para o cabelo dela e berrasse com toda a força dos pulmões: "*Nããããããããããããããão! Nããããããããããããããão!*".

Frequentemente, ficava me perguntando como Carter reagiria quando descobrisse que o cabelo de sua mãe era apenas tingido de loiro, mas concluí que ele trabalharia isso na terapia quando fosse mais velho. De qualquer forma, nesse momento em particular, ele estava de bom humor, todo sorridente, na verdade. Olhava para Chandler, que estava cuidando de uma centena de bonecas Barbie, ajeitadas num círculo perfeito ao redor dela.

A Duquesa artística e eu sentamo-nos no carpete e presenteamos nossos dois filhos perfeitos com suas perfeitas caixinhas de desejos. "Sempre que sentirem saudades de mamãe e papai", falou a Duquesa, "basta chacoalharem esta caixinha de desejos e saberemos que estão pensando em nós." Então, para minha própria surpresa, a Duquesa artística puxou uma segunda caixinha de desejos, idêntica à primeira, e completou: "E mamãe e papai terão uma caixinha de desejos também! Assim, toda vez que sentirmos saudades de vocês, vamos balançar a nossa caixinha de desejos, e saberão que estamos pensando em vocês também, combinado?".

Chandler franziu o rosto e ficou um tempo considerando a ideia. "Mas como posso ter certeza?", perguntou, cética, não aceitando o sistema da caixinha de desejos com a facilidade que a Duquesa esperava.

Sorri calorosamente para minha filha. "É fácil, picurucha. Estaremos pensando em vocês noite e dia, então, sempre que acharem que estamos pensando em vocês, estaremos pensando em vocês! Pense nisso!"

Silêncio total. Olhei para a Duquesa, que estava me encarando com a cabeça para o lado e um olhar no rosto que dizia: "Que merda foi essa que você acabou de falar?". Então olhei para Chandler, e ela tinha a cabeça para o lado no mesmo ângulo que a mãe. *As garotas estavam jogando em dupla contra mim!* Mas Carter parecia não dar a mínima para a caixinha de desejos. Ele tinha um sorriso amarelo no rosto e estava produzindo um som de arrulho. Ele parecia estar do meu lado nisso.

Demos os beijos de despedida nas crianças, dissemos a eles que os amávamos mais do que tudo e nos dirigimos para o aeroporto. Dali a dez dias veríamos seus rostos sorridentes novamente.

OS PROBLEMAS COMEÇARAM no instante em que pousamos em Roma.

Nós oito – a Duquesa e eu, Rob e Shelly, Bonnie e Ross Portnoy (amigos de infância meus), e Ophelia e Dave Ceradini (amigos de infância da Duquesa) – estávamos aguardando nossa bagagem no Aeroporto Leonardo da Vinci, quando uma Duquesa incrédula falou: "Não acredito! George esqueceu-se de despachar minha bagagem no Kennedy. Agora estou sem roupas!"

Essas últimas palavras saíram com uma careta.

Sorri e falei: “Relaxe, querida. Seremos como aquele casal que perdeu a bagagem no comercial da American Express, com a diferença de que gastaremos dez vezes mais e estaremos dez vezes mais chapados enquanto estivermos gastando!”.

Nesse instante, Ophelia e Dave foram até a deprimida Duquesa a fim de confortá-la. Ophelia era uma beldade espanhola de olhos escuros, um patinho feio que se tornara um cisne deslumbrante. A boa notícia era que, como fora uma jovem feia como o pecado, precisou desenvolver uma grande personalidade.

Dave era totalmente na média, um fumante inveterado que bebia oito mil xícaras de café por dia. Era do tipo quieto, apesar de se poder contar com ele para rir das piadas sem graça que Rob e eu contávamos. Dave e Ophelia gostavam que as coisas fossem chatas; eles não eram viciados em ação como Rob e eu.

Bonnie e Ross vieram se juntar à festa. O rosto de Bonnie era uma máscara de Valium e BuSpar, ambos os quais ela havia tomado para se preparar para o voo. Na juventude, Bonnie era a loira para casar que todo garoto na vizinhança (incluindo eu) queria comer. Mas Bonnie não se interessava por mim. Bonnie gostava dos meninos maus (e velhos também). Aos 16 anos, ela estava dormindo com um traficante de maconha de 32 anos, que já havia sido preso. Dez anos depois, quando tinha 26, casou-se com Ross, assim que ele saiu da cadeia por traficar cocaína. Na verdade, Ross não era um traficante de coca de verdade; apenas um idiota azarado que estava tentando ajudar um amigo. Ainda assim, ele se qualificara para comer a sedutora Bonnie, que, ah, não era mais tão sedutora como antes.

De qualquer forma, Ross era um convidado de iate muito bom. Era um usuário casual de drogas, um mergulhador mediano, um pescador decente e era rápido em resolver problemas se fosse preciso. Ele era baixo e moreno, com cabelo preto crespo e um bigode preto grosso. Ross tinha uma língua ferina, apesar de apenas contra Bonnie, a quem ele sempre lembrava a condição de debiloide. Porém, acima de tudo, Ross orgulhava-se de ser um homem macho, ou pelo menos um *homem radical*, que gostava de enfrentar a natureza.

A Duquesa ainda parecia aborrecida, por isso falei: “Vamos, Nae! Tomaremos Ludes e iremos fazer compras. Será como nos velhos tempos. Tomar e comprar! Tomar e comprar!”. Fiquei repetindo essas palavras como se fossem o refrão de uma canção.

“Quero falar com você em particular”, disse uma Duquesa séria, afastando-me de nossos convidados.

“Que foi?”, perguntei inocentemente, apesar de não me sentir muito inocente. Rob e eu ficamos levemente fora de controle no avião, e a paciência da Duquesa estava chegando ao limite.

“Não fico feliz com todas essas drogas que você anda tomando. Suas costas já melhoraram, por isso não entendo.” Ela balançou a cabeça, como se estivesse desapontada comigo. “Sempre peguei leve com você por causa de suas costas, mas agora... bem, não sei. Não parece certo, querido.”

Ela estava sendo bastante legal... muito calma, na verdade, e também razoável. Dessa forma, imaginei que devia a ela uma mentira boa. “Assim que essa viagem terminar, Nae, prometo que vou parar. Juro por Deus; acabou.” Ergui a mão como um escoteiro fazendo um voto.

Houve alguns segundos de silêncio desconfortável. “Está certo”, disse ela, cética, “mas espero

que faça isso mesmo."

"Bom, porque quero que acredite mesmo. Agora vamos fazer compras!"

Coloquei a mão no bolso e puxei três Ludes. Quebrei um no meio e dei-o para a Duquesa. "Aqui", falei, "meio para você, e dois e meio para mim."

A Duquesa pegou sua dose ridícula e dirigiu-se até o bebedouro. Segui-a obedientemente. No caminho, porém, coloquei a mão no bolso novamente e puxei mais dois Ludes. Afinal de contas, se for fazer... faça direito.

TRÊS HORAS DEPOIS, estávamos no banco traseiro de uma limusine, descendo uma montanha que dava em Porto di Civitavecchia. A Duquesa possuía um novo guarda-roupas, e eu estava tão sob o efeito de Ludes que mal conseguia manter os olhos abertos. Havia duas coisas de que precisava desesperadamente: movimento e um cochilo. Estava naquela fase rara de um barato de Lude chamada fase de movimento, na qual não se aguenta ficar no mesmo lugar por mais de um segundo. É o equivalente, para usuários de drogas, a ter formigas dentro da calça.

Dave Ceradini foi o primeiro a notar. "Por que há espuma no porto?" Ele apontou com o dedo pela janela, e nós oito olhamos.

Era verdade... a água cinzenta parecia terrivelmente brava. Havia minúsculos redemoinhos por todo lado. Ophelia falou para mim: "Dave e eu não gostamos de águas bravas. Ficamos enjoados".

"Eu também", disse Bonnie. "Não podemos esperar até que as águas se acalmem?"

Ross respondeu por mim: "Não seja boba, Bonnie. O barco tem 170 pés; ele pode resistir a um pouquinho de sacolejos. Além do mais, enjoo é coisa da cabeça".

Eu precisava tranquilizar a todos. "Temos adesivos contra enjoo a bordo", falei com confiança, "por isso, se costumam ficar enjoados, grudem um assim que embarcarmos."

Quando chegamos ao pé da montanha, percebi que todos estávamos enganados. Não havia espuma; havia ondas... *Caralho!* Nunca vira algo assim antes! No porto havia ondas de 1,50 metro, e elas pareciam estar se cruzando, para nenhuma direção específica. Era como se o vento estivesse soprando dos quatro cantos da Terra simultaneamente.

A limusine fez uma curva para a direita, e lá estava: o iate *Nadine*, majestoso, sobressaía entre todos os outros iates. Deus... como eu odiava aquela coisa! Por que caralho eu o tinha comprado? Virei-me para meus convidados e falei: "Ele é lindo, não?".

Todos concordaram com a cabeça. Então Ophelia disse: "Por que há ondas no porto?"

A Duquesa disse: "Não se preocupem. Se estiver muito bravo, vamos aguardar".

Nem fodendo!, pensei. *Movimento... movimento... eu precisava de movimento.*

A limusine parou no fim da doca, e o capitão Marc estava aguardando para nos cumprimentar. Ao seu lado estava John, o primeiro-oficial. Ambos trajavam o uniforme do *Nadine*: camisas polo de colarinho branco, shorts náuticos azuis e mocassins náuticos de lona cinza. Cada peça de roupa tinha a marca *Nadine*, desenhada por Dave Ceradini pela pechincha de 8 mil dólares.

A Duquesa abraçou o capitão Marc com força. "Por que o porto está tão bravo?", perguntou.

"Uma tempestade que surgiu do nada", respondeu o capitão. "As ondas vão de 2,5 a 3 metros. Deveríamos" – *deveríamos* – "aguardar até que elas abaixem um pouco para nos dirigirmos à Sardenha."

"Nem fodendo!", disparei. "Preciso me movimentar já, Marc, caralho."

A Duquesa foi rápida para cortar minhas asinhas: “Não vamos a lugar nenhum a não ser que o capitão Marc diga que é seguro”.

Sorri para a Duquesa preocupada com segurança e falei: “Por que você não sobe a bordo e tira as etiquetas das suas roupas novas? Estamos no mar agora, querida, e eu sou um deus dos mares!”.

A Duquesa revirou os olhos. “Você é um puta idiota e não sabe porcaria nenhuma sobre o mar.” Ela se virou para o grupo. “Vamos lá, garotas, o *deus dos mares* falou.” Com isso, todas as mulheres riram de mim. Então, em fila única, dirigiram-se para o passadiço e embarcaram no iate... seguindo sua líder adorada, a Duquesa de Bay Ridge.

“Não posso ficar sentado neste porto, Marc. Tomei muitos Ludes. Qual a distância até a Sardenha?”

“Mais ou menos 160 quilômetros, mas, se sairmos agora, vai levar um bom tempo para chegarmos lá. Teremos de ir devagar. Há ondas de 2,5 metros, e as tempestades são imprevisíveis nesta parte do Mediterrâneo. Teríamos de tirar todas as coisas dos deques, amarrar tudo no salão principal.” Ele deu de ombros. “Mesmo assim, poderá haver alguns danos no interior... alguns pratos quebrados, vasos, talvez um ou outro copo. Vamos chegar lá, mas aconselho fortemente não o fazermos.”

Olhei para Rob, que comprimiu os lábios e fez um único aceno com a cabeça, como se dissesse: “Vamos lá!”. Então falei: “Vamos lá, Marc!”. Joguei o punho para o ar. “Será uma aventura incrível, para entrar no livro dos recordes!”

O capitão Marc sorriu e começou a balançar sua cabeça retangular. Embarcamos e nos preparamos para zarpar.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, eu estava deitado num colchão muito confortável no deque superior do iate enquanto uma comissária de cabelo escuro chamada Michelle servia-me um Bloody Mary. Como o resto da tripulação, ela trajava o uniforme do *Nadine*.

“Aqui está, sr. Belfort!”, falou Michelle, sorrindo. “Posso trazer-lhe mais alguma coisa?”

“Sim, Michelle. Tenho uma doença rara que requer que eu beba um desses a cada 15 minutos. E são ordens do médico, Michelle, portanto, por favor, ligue o despertador ou, caso contrário, posso acabar no hospital.”

Ela soltou uma risadinha. “Como quiser, sr. Belfort.” Ela começou a se afastar.

“Michelle!”, gritei, numa voz alta o suficiente para cortar o vento e o ronco dos motores duplos.

Ela virou-se para mim, e falei: “Se eu cair no sono, não me acorde. Apenas continue trazendo um Bloody Mary a cada 15 minutos e coloque-os ao meu lado. Eu os tomarei quando acordar, está bem?”.

Ela fez sinal de positivo e então desceu um lance de escadas bastante íngreme que dava no deque inferior, onde o helicóptero estava guardado.

Olhei para o relógio. Eram 13 horas, horário de Roma. Nesse momento, dentro do meu estômago havia quatro Ludes se dissolvendo. Em 15 minutos eu estaria com o corpo todo dormente; 15 minutos depois eu cairia no sono. Que relaxante, pensei, enquanto bebia o Bloody Mary. Então respirei fundo e fechei os olhos. Isso era muito relaxante!

ACORDEI AO SENTIR gotas de chuva, mas o céu estava azul. Isso me deixou confuso. Olhei

para a minha direita, e havia oito Bloody Marys enfileirados, todos cheios até a boca. Fechei os olhos e respirei fundo. Um vento feroz uivava. Então senti mais algumas gotas. *Que porra é essa?* Abri os olhos. Estaria a Duquesa jogando água em mim novamente? Entretanto, ela não estava por perto. Eu estava sozinho no deque superior.

De repente, senti o iate mergulhando de uma forma bem assustadora até ficar em um ângulo de 45 graus, e então do nada ouvi um ruído violento de rachadura. Um instante depois, uma parede espessa de água cinzenta surgiu ao lado do iate, dobrou-se sobre o deque superior e caiu, encharcando-me da cabeça aos pés.

Meu Deus, o que era aquilo? O deque superior ficava a uns nove metros acima da água e – *ah, merda, ah, merda* – o iate estava mergulhando novamente. Eu havia sido jogado para o lado, e os Bloody Marys voaram sobre mim.

Sentei-me ereto, olhei para o lado e... *puta merda!* As ondas deviam ter uns 6 metros de altura e eram mais espessas que prédios. Em seguida, perdi o equilíbrio. Saí voando do colchão para o deque de teca, e os copos de Bloody Mary me seguiram, ficando em milhares de cacos.

Engatinhei para o lado, agarrei um corrimão cromado e me puxei para cima. Olhei atrás do barco e – puta merda! O *Chandler!* Estávamos rebocando o *Chandler*, um barco de mergulho de 42 pés, por duas cordas de navio grossas, e ele estava desaparecendo e reaparecendo nos cumes e canais daquelas ondas enormes.

Fiquei de quatro e comecei a engatinhar pelos degraus. O iate parecia estar se quebrando ao meio. Quando consegui descer, engatinhando, pelos degraus até o deque principal, eu estava ensopado e havia sido espancado sem perdão. Entrei tropeçando no salão principal. O grupo todo estava sentado sobre o carpete de leopardo, encolhido num minúsculo círculo. Eles estavam de mãos dadas e vestindo salva-vidas. Quando a Duquesa me viu, ela se separou do grupo e veio engatinhando na minha direção. Mas, então, de repente, o barco começou a virar rapidamente para bombordo.

"Cuidado!", gritei, observando a Duquesa rolar pelo carpete até bater contra uma parede. Um instante depois, um vaso chinês antigo saiu voando pelo salão principal e quebrou-se numa janela sobre a cabeça dela, ficando em milhares de cacos.

Então o barco se endireitou. Caí de quatro e engatinhei rapidamente até ela. "Você está bem, querida?"

Ela rangeu os dentes para mim. "*Seu...* seu deus dos mares do caralho! Vou te matar se a gente conseguir sair dessa porra de barco! Vamos todos morrer! O que está acontecendo? Por que as ondas estão tão grandes?" Ela me encarou com aqueles olhos azuis enormes.

"Não sei", respondi, na defensiva. "Eu estava dormindo."

A Duquesa estava incrédula. "Você estava dormindo? Como você consegue dormir enquanto toda esta merda está acontecendo? Nós vamos afundar! Ophelia e Dave estão quase morrendo. Assim como Ross e Bonnie... e Shelly também!"

De repente, Rob veio engatinhando com um grande sorriso no rosto. "Esse é o nosso fim, né? Sempre quis morrer no mar."

A Duquesa deprimida: "Cala essa porra de boca, Rob! Isso é culpa sua e do meu marido. Vocês dois são completamente idiotas".

"Onde estão os Ludes?", disparou Rob. "Recuso-me a morrer sóbrio."

Concordei com a cabeça. "Tenho alguns no bolso... Aqui...", coloquei as mãos no bolso do

short, puxei um punhado de Ludes e entreguei quatro para ele.

"Me dê um!", ordenou a Duquesa. "Preciso relaxar."

Sorri para a Duquesa. Ela era gente boa, minha esposa! "Aqui está, querida." Dei-lhe um Lude.

Ergui a cabeça, e Ross, o radical corajoso, estava engatinhando. Ele parecia aterrorizado. "Ah, meu Deus...", murmurou, "preciso sair deste barco. Tenho uma filha. Eu... eu... eu não consigo parar de vomitar! Por favor, me tire deste barco."

Rob falou para mim: "Vamos subir até a sala de comando para ver o que está acontecendo".

Olhei para a Duquesa: "Espere aqui, querida. Volto já".

"Nem fodendo! Eu vou com você."

Concordei. "Está bem, vamos lá."

"Vou ficar aqui", disse o radical corajoso, e ele começou a engatinhar de volta para o grupo com o rabo entre as pernas. Olhei para Rob, e ambos começamos a rir. Então nós três engatinhamos na direção da sala de comando. No caminho, passamos por um bar bem estocado. Rob parou e falou: "Acho que deveríamos tomar tequila".

Olhei para a Duquesa. Ela fez que sim com a cabeça. Falei para Rob: "Vá pegar a garrafa". Trinta segundos depois, Rob voltou engatinhando, com uma garrafa de tequila na mão. Ele tirou a tampa e entregou-a para a Duquesa, que deu um gole gigante. *Que mulher!*, pensei. Então Rob e eu demos uns goles.

Rob fechou a garrafa e jogou-a contra uma parede. Ela se quebrou em dezenas de pedaços. Ele sorriu. "Sempre quis fazer algo assim."

A Duquesa e eu trocamos olhares.

Um pequeno lance de escadas levava do deque principal para a sala de comando. Enquanto subíamos, dois marinheiros chamados Bill desceram correndo, literalmente pulando sobre nós. "O que está acontecendo?", berrei.

"A plataforma de mergulho acabou de quebrar", gritou um dos Bills. "O salão principal irá inundar se não fortalecermos as portas traseiras." E eles seguiram correndo.

A sala de comando parecia uma colmeia em atividade. Era um espaço pequeno, talvez de 2,5 por 3,5 metros, e tinha um teto muito baixo. O capitão Marc segurava o leme de madeira antiga com as duas mãos. A cada dois segundos, tirava a mão direita do leme e manipulava os dois aceleradores, tentando manter o bordo apontado na direção das ondas. John, o primeiro marinheiro, estava ao seu lado. Ele estava agarrado a um poste de metal para manter o equilíbrio. Com a direita, segurava um par de binóculos aos olhos. Três comissárias estavam sentadas num banco de madeira, com os braços entrelaçados e lágrimas nos olhos. Através de ruídos de estática ouvi o rádio retumbando: *Alerta de tempestade! Este é um alerta de tempestade!*

"Que caralho está acontecendo?", perguntei ao capitão Marc.

Ele balançou a cabeça, sério. "Estamos fodidos! Essa tempestade só vai piorar. As ondas estão com 6 metros, e estão aumentando."

"Mas o céu ainda está azul", falei, inocentemente. "Não entendo."

Uma Duquesa furiosa disse: "Quem dá a mínima para a porra da cor do céu? Não podemos voltar, Marc?".

"Não tem como", respondeu. "Se tentarmos retornar, vamos tombar e afundar."

"Você não consegue nos manter flutuando?", perguntei. "Ou talvez você deva pedir *mayday*?"

“Vamos sobreviver”, respondeu ele, “mas vai ser complicado. Os céus azuis vão desaparecer em breve. Estamos em direção ao centro de uma tempestade de força 8.”

Vinte minutos depois, senti o efeito dos Ludes. Sussurrei para Rob: “Me dê uma chupada”. Olhei para a Duquesa a fim de ver se ela havia me pego no flagra.

Aparentemente, sim. Ela balançou a cabeça e falou: “Vocês dois estão totalmente sem noção... juro!”.

Mas duas horas depois, quando as ondas chegaram a 9 metros ou mais, é que a merda realmente bateu no ventilador. O capitão Marc falou, com uma voz de amaldiçoado: “Ah, merda, não me diga que...”. Então, um segundo depois, ele gritou: “Onda traiçoeira! Segurem-se!”

Onda traiçoeira? Que caralho era isso? Descobri um segundo depois quando olhei pela janela, e todos na sala de comando gritaram juntos: “Puta merda! Onda traiçoeira!”.

Devia ter uns 18 metros... e estava se quebrando rapidamente.

“Segurem-se!”, gritou o capitão Marc. Com a mão direita, agarrei a Duquesa pela sua cintura minúscula e puxei-a para mais perto. Ela cheirava bem, a Duquesa, mesmo naquele momento.

De repente, o barco começou a tombar em um ângulo incrivelmente íngreme, até ficar apontado diretamente para baixo. O capitão Marc apertou os aceleradores para força total, o barco foi jogado para a frente e subimos pela face da onda traiçoeira. De repente, o barco pareceu parar com tudo. Então a onda começou a dobrar-se sobre o topo da sala de comando, e desceu com tudo, com a força de uma dinamite de mil toneladas... *CABUM!*

Tudo ficou preto.

Parecia que o barco ficaria submerso para sempre, mas, lenta e dolorosamente, nos reerguemos – passando a bombordo agora, com dificuldade, a um ângulo de 60 graus.

“Estão todos bem?”, perguntou o capitão Marc.

Olhei para a Duquesa. Ela acenou com a cabeça. “Estamos bem”, falei. “E você, Rob?”

“Nunca estive melhor”, murmurou, “mas preciso mijar como um cavalo de jóquei. Vou descer e ver se todos estão bem.”

Enquanto Rob descia pelas escadas, um dos Bills veio correndo para cima, gritando: “O convés frontal acabou de estourar! Vamos afundar pela proa!”.

“Bem, *isso* meio que é foda”, falou a Duquesa, balançando a cabeça resignada. “Isso é que são férias de merda...”

O capitão Marc agarrou o transmissor de rádio e apertou o botão. “*Mayday*”, disse, com pressa. “Aqui é o capitão Marc Elliot, a bordo do iate *Nadine*. Isso é um *mayday*: estamos a 80 quilômetros da costa de Roma e estamos afundando de cabeça. Requisitamos assistência imediata. Temos 19 almas a bordo.” Então se agachou e começou a ler uns números em diodo laranja de um monitor de computador, dando à guarda costeira italiana nossas coordenadas exatas.

“Vá pegar nossa caixinha de desejos!”, ordenou a Duquesa. “Está lá embaixo, na nossa cabine.”

Olhei-a como se ela fosse louca. “O que você está...”

A Duquesa me cortou. “Pegue nossa caixinha de desejos”, gritou, “já, caralho!”

Respirei fundo. “Está bem, eu vou, eu vou. Mas estou morrendo de fome.” Olhei para o capitão Marc. “Pode pedir para o *chef* me preparar um sanduíche?”

O capitão Marc começou a rir. “Sabe, você é realmente um cara doente!” Ele balançou sua cabeça quadrada. “Vou pedir para o *chef* nos preparar alguns sanduíches. Será uma noite longa.”

“Você é o melhor”, disse, dirigindo-me para as escadas. “Pode pedir também umas frutas frescas?” Então desci correndo as escadas.

Encontrei meus convidados no salão principal, em estado de pânico, amarrados por uma corda de doca. Mas eu não estava nem um pouco preocupado. Em breve, eu sabia, a guarda costeira italiana estaria ali para nos resgatar; dali a algumas horas, estaríamos sãos e salvos, e este albatroz flutuante estaria longe de mim. Perguntei a meus convidados: “Estão se divertindo?”.

Ninguém riu. “Estão vindo nos resgatar?”, perguntou Ophelia.

Fiz que sim com a cabeça. “O capitão Marc acabou de dar um *Mayday*. Tudo ficará bem, gente. Preciso ir lá embaixo. Já volto.” Dirigi-me para as escadas, mas fui rapidamente derrubado por outra onda maciça e bati com tudo na parede. Fiquei de quatro e comecei a engatinhar até as escadas.

De repente, um dos Bills passou por mim, gritando: “Perdemos o *Chandler*! Ele se partiu!”, e continuou correndo.

Quando cheguei ao pé das escadas, me ergui com o auxílio de um corrimão. Entrei tropeçando em minha cabine com água na altura dos tornozelos e lá estava ela: a porra da caixinha de desejos, sobre a cama. Agarrei-a, subi até a sala de comando e entreguei-a à Duquesa. Ela fechou os olhos e começou a chacoalhar os seixos.

Falei para o capitão Marc. “Talvez possamos decolar com o helicóptero do barco. Posso levar quatro pessoas por vez.”

“Esqueça isso”, disse ele. “Com o mar assim, seria um milagre se você conseguisse pilotar sem bater. E, mesmo que o fizesse, seria impossível pousar novamente.”

Três horas depois, o motor ainda estava ligado, mas não estávamos nos movendo para a frente. Havia quatro enormes navios cargueiros ao nosso redor. Eles escutaram o *mayday* e estavam tentando nos proteger das ondas. Estava quase escuro, e ainda aguardávamos o resgate. A proa estava apontada para baixo num ângulo íngreme. Gotas de chuva batiam nas janelas, as ondas tinham mais de 20 metros e ventava a 50 nós ou mais. Mas não estávamos mais tombando. Tínhamos nossas pernas marinhas.

O capitão Marc estava no rádio pelo que parecia uma eternidade, falando com a guarda costeira. Finalmente, falou para mim: “Está bem, há um helicóptero logo ali; ele irá descer uma cesta, portanto chame todos os convidados para cá. Colocaremos as convidadas primeiro, então as tripulantes e depois os convidados. Os tripulantes irão por último, e eu irei depois deles. E diga a todos que não será permitido levar bagagem. Vocês podem levar apenas o que puderem carregar nos bolsos”.

Olhei para a Duquesa e falei. “Bem, lá se vão todas as suas roupas novas!” Ela deu de ombros e respondeu com alegria: “Sempre podemos comprar mais!” Então me agarrou pelo braço e descemos.

Depois que expliquei a programação para todos, puxei Rob para o lado e falei: “Você pegou os Ludes?”.

“Não”, respondeu com tristeza. “Eles estão na cabine. Está totalmente alagado lá, talvez um metro de água... provavelmente mais agora.”

Respirei fundo e exalei lentamente. “Vou te dizer, Rob: tenho 250 mil em dinheiro lá embaixo

e não dou a mínima. Mas precisamos pegar aquelas porras de Quaaludes. Temos 200 e não podemos deixá-los para trás. Seria um desperdício."

"É verdade", falou Rob. "Vou pegá-los." Uns 20 segundos depois ele voltou. "Levei um choque", murmurou. "Acho que tem um curto-circuito lá; o que devo fazer?"

Não respondi. Olhei-o diretamente nos olhos e joguei o punho para o ar uma única vez, como se dissesse: "Você consegue, soldado!".

Rob aquiesceu e disse: "Se eu for eletrocutado, quero que você dê 7 mil dólares a Shelly para uma plástica nos seios. Ela me deixa louco por causa disso desde o dia em que a conheci!".

"Combinado", disse prontamente.

Três minutos depois, Rob estava de volta com os Ludes. "*Deus*, aquilo doeu pra caralho! Acho que estou com queimaduras de terceiro grau nos pés!" Então ele sorriu e falou: "Mas ninguém é melhor do que eu, certo?"

Forcei um sorriso. "Ninguém, Lorusso. Você é foda."

Cinco minutos depois, estávamos todos no deque do helicóptero, e eu observava, horrorizado, a cesta balançando uns 30 metros para a frente e para trás. Estávamos lá em cima há uns 30 minutos – assistindo e aguardando com o coração apertado –, e então o sol afundou-se no horizonte.

De repente, John subiu ao deque, parecendo tomado pelo pânico. "Todo mundo, voltem aqui para baixo", ordenou. "O helicóptero ficou sem combustível e teve de retornar. Teremos de abandonar o barco; vamos afundar."

Olhei para ele, estupefato.

"São as ordens do capitão", completou. "O bote salva-vidas está inflado na popa, onde ficava a plataforma de mergulho. Vamos lá!" Ele apontou com a mão.

Um bote de borracha?, pensei. Em ondas de 15 metros? Vai se foder! Parecia loucura. Mas eram as ordens do capitão, e por isso obedeci, assim como todos os outros. Fomos até a popa, e os Bills estavam segurando as pontas de um bote de borracha laranja brilhante. No instante em que o colocaram no oceano, ele foi levado pelas ondas.

"Está certo, então!", falei, com um sorriso irônico no rosto. "Acho que a ideia do bote de borracha não deu certo." Virei-me para a Duquesa e estendi-lhe a mão. "Vamos lá; vamos falar com o capitão Marc."

Expliquei ao capitão Marc o que acontecera ao bote. "Droga!", bravejou. "Falei para os garotos não colocarem o bote na água sem amarrá-lo... *Merda!*" Respirou fundo e se recompôs. "Está certo", falou, "ouçam-me. Estamos com apenas um motor. Se ele parar, não poderemos mais controlar o barco e ficaremos à deriva. Quero que vocês dois fiquem aqui. Se o barco tombar, pulem e nadem o mais longe que puderem. Haverá uma corrente para baixo muito forte enquanto o barco estiver afundando, e ela tentará sugá-los junto. Portanto, não parem de bater as pernas até chegarem à superfície. A água está quente e lhes permitirá sobreviver por quanto tempo precisarem. Há um destróier naval italiano a mais ou menos 80 quilômetros a caminho daqui. Eles tentarão fazer mais um resgate de helicóptero com suas Forças Especiais. É muito complicado para a guarda costeira."

Concordei com a cabeça e falei para o capitão Marc: "Eu vou lá embaixo contar para todos".

"Não", ordenou, "vocês dois vão ficar aqui. Podemos afundar a qualquer minuto e quero vocês dois juntos." Ele virou-se para John: "Vá lá embaixo e explique tudo para os convidados".

Duas horas depois, o barco estava praticamente inundado quando um estalo surgiu pelo rádio. Outro helicóptero estava logo acima de nós, agora das Forças Especiais italianas.

“Está certo”, disse o capitão Marc, com um sorriso de louco no rosto, “vamos fazer assim. Eles irão descer um dos comandos num guindaste, mas primeiro precisamos empurrar o helicóptero para o lado a fim de abrir espaço.”

“Você está brincando!”, falei, sorrindo.

“Ah, meu Deus!”, exclamou a Duquesa, levando a mão à boca.

“Não”, respondeu o capitão Marc, “não estou brincando. Deixe-me ir pegar a filmadora; isso precisa ser registrado para a posteridade.”

John permaneceu nos controles enquanto o capitão Marc e eu seguimos para o deque de voo com os dois Bills e Rob. Lá, o capitão Marc entregou a filmadora para um dos Bills e rapidamente soltou as amarras do helicóptero. Então ele empurrou-me para a frente do helicóptero e colocou o braço em meus ombros. “Está bem”, falou, sorrindo, “quero que diga algumas palavras para a plateia do estúdio.”

Olhei para a câmera e disse: “Ei! Estamos empurrando nosso helicóptero para o Mediterrâneo. Isso não é incrível pra caralho?”.

O capitão Marc completou: “Sim! É a primeira vez na história do iatismo! Com a palavra, o proprietário do iate *Nadine*!”.

“Sim”, completei, “e, se todos morrermos, quero que saibam que foi minha a ideia de fazer este cruzeiro maluco. Forcei o capitão Marc a fazê-lo, portanto ele ainda merece um enterro adequado!”

Isso encerrou nossa transmissão. O capitão Marc falou: “Está certo... aguarde até sermos atingidos por uma onda e o iate começar a tombar para a direita; então todos empurramos de uma só vez”. E, assim que o iate tombou para a direita, todos empurramos para cima e o helicóptero saiu voando pela lateral do deque. Corremos para o lado e observamos ele afundar em menos de dez segundos.

Dois minutos depois, éramos 17 pessoas no deque de voo, aguardando o resgate. O capitão Marc e John permaneceram na sala de comando, tentando manter o iate flutuando. Uns 35 metros acima da gente, pairava um helicóptero Chinook de laminação dupla. Era pintado em verde militar e incrivelmente grande. Mesmo a 35 metros, o estrondo dos dois rotores era ensurdecedor.

De repente, um comando pulou do helicóptero e começou a descer por uma corda grossa de metal. Ele trajava seu uniforme completo das Forças Especiais, vestindo uma roupa de mergulho de borracha preta e um capuz ajustado. Tinha uma mochila sobre os ombros e o que parecia ser um arpão pendurado numa das pernas. Estava balançando muito, 30 metros para cada lado. Quando estava 10 metros acima do barco, agarrou seu arpão, apontou e acertou o barco. Dez segundos depois, o comando estava no deque... sorrindo largamente e fazendo-nos sinal de positivo. Aparentemente, ele estava se divertindo.

Todos nós, num total de 18 pessoas, fomos içados para a segurança. Porém, houve um pouquinho de confusão com todo esse negócio de mulheres e crianças primeiro, quando Ross, tomado pelo pânico (o antigo radical corajoso), derrubou Ophelia e os dois Bills, lançou-se como louco sobre o comando e pulou sobre ele... com as pernas e os braços atrás dele e recusando-se a libertá-lo até que saíssem do barco. Mas nem eu nem Rob vimos problema algum nisso; afinal,

tínhamos material fresco para tirar sarro de Ross pelo resto de sua vida.

O capitão Marc, contudo, afundaria com o barco. Na verdade, a última coisa que vi antes de o helicóptero ser empurrado para longe foi a popa do iate, enquanto ele afundava na água pela última vez, e o couro cabeludo da cabeça quadrada do capitão Marc subindo e descendo entre as ondas.

O LEGAL DE ser resgatado por italianos é que a primeira coisa que eles fazem é te alimentar e mandar você beber vinho tinto; então eles o fazem dançar. Sim, festejamos como astros de rock a bordo de um destróier naval italiano com a própria Marinha italiana. Eles eram um bando divertido, e Rob e eu encaramos isso como um sinal para ficarmos loucos de Ludes. O capitão Marc estava salvo, graças a Deus, e fora tirado da água pela guarda costeira.

Só me lembro do capitão do destróier e a Duquesa me carregando para a enfermaria. Antes de colocarem os cobertores sobre mim, o capitão explicou como o governo italiano estava muito preocupado com o resgate – uma questão de relações públicas, por assim dizer –, portanto ele estava autorizado a nos levar a qualquer lugar no Mediterrâneo; podíamos escolher. Ele recomendou o Hotel Cala di Volpe na Sardenha, conhecido como um dos melhores do mundo. Concordei avidamente, fiz sinal de positivo para ele e disse: "Zeve-mi bara a Zardena!".

Acordei na Sardenha, e o destróier parou em Porto Cuervo. Estávamos, todos nós, no total de 18 pessoas, no deque principal, observando com estupefação centenas de sardos acenando para nós. Uma dezena de jornalistas, cada um com uma câmera de vídeo, estava ansiosa para filmar os americanos idiotas que foram burros o suficiente para velejar no meio de uma tempestade de força 8.

Quando saímos do destróier, a Duquesa e eu agradecemos a nossos salvadores italianos e trocamos números de telefone. Dissemos a eles que, se fossem aos Estados Unidos, deveriam nos procurar. Ofereci dinheiro a eles – pela coragem e heroísmo –, e todos recusaram. Eram um grupo incrível... heróis de verdade, no sentido real da palavra.

Enquanto nos dirigíamos para a multidão de sardos, dei-me conta de que havíamos perdido todas as nossas roupas. Para a Duquesa, era o segundo *round*. Mas tudo bem. Eu ia receber um cheque muito alto do Lloyd's de Londres – que havia segurado o barco e o helicóptero. Após darmos entrada no hotel, levei todos para fazer compras: convidados e tripulantes. Só encontramos roupas de veraneio: estampas chamativas rosas, roxas, amarelas, vermelhas, douradas e prateadas. Passaríamos dez dias na Sardenha parecendo pavões humanos.

Dez dias depois, os Ludes tinham acabado e era hora de voltar para casa. Foi então que tive a ideia incrível de empacotar todas as nossas roupas e mandá-las de navio para os Estados Unidos, evitando a alfândega. A Duquesa concordou.

Na manhã seguinte, um pouco antes das seis, desci até o saguão para pagar a conta do hotel. Deu 700 mil dólares. Não era tão ruim quanto parecia, porque a conta incluía um bracelete dourado, de 300 mil dólares, adornado com rubis e esmeraldas. Comprara-o para a Duquesa mais ou menos no quinto dia, depois de eu ter dormido sobre um suflê de chocolate. Era o mínimo que eu podia fazer para indenizar minha principal parceira.

No aeroporto, aguardamos duas horas pelo jato particular. Então um homem minúsculo que trabalha no terminal de jatos particulares veio até mim e falou, com um inglês cheio de sotaque: "Sr. *Belforte*, seu avião caiu. Gaivota voou em motor, e avião caiu na França. Não virá buscar o

senhor".

Fiquei sem fala. Coisas assim aconteciam a todos? Achei que não. Quando informei a Duquesa, ela não disse uma palavra. Apenas balançou a cabeça e saiu andando.

Tentei ligar para Janet – a fim de reservar um voo –, mas era impossível usar os telefones. Decidi que o melhor a fazer era voar até a Inglaterra, onde poderíamos entender que porra as pessoas falavam. Assim que chegamos a Londres, sabia que tudo ficaria bem... até que, sentados no banco traseiro de um táxi preto de Londres, notei algo estranho. As ruas estavam insanamente lotadas. Na verdade, quanto mais próximos ficávamos do Hyde Park, mais lotado ficava.

Perguntei para o taxista britânico de rosto pastoso: "Por que está tão abarrotado de gente? Vim a Londres dezenas de vezes e nunca vi algo assim".

"Bem, chefe", disse o taxista, "estamos tendo nossa celebração de Woodstock nesse final de semana. Há mais de meio milhão de pessoas no Hyde Park. Eric Clapton vai tocar, The Who, Alanis Morissette e outros também. Será um show muito bom, chefe. Espero que tenham reservado hotéis, porque praticamente não há um quarto disponível em Londres."

Hmmm... havia três coisas que me deixaram assustado. A primeira era que essa porra de taxista continuava dirigindo-se a mim como "chefe"; a segunda era que eu acabei indo para Londres no primeiro final de semana desde a Segunda Guerra Mundial em que não havia quartos de hotel disponíveis em toda a cidade; e a terceira era que todos precisávamos comprar roupas novamente – que seria a terceira vez da Duquesa em menos de duas semanas.

Rob falou para mim: "Não acredito que temos de comprar roupas novamente. Você ainda vai pagar?"

Sorri e disse: "Vai se foder, Rob".

No saguão do Hotel Dorchester, o gerente falou: "Sinto muito, sr. Belfort, mas todos os quartos estão reservados por todo o final de semana. Na verdade, não acredito que haja um quarto disponível em toda Londres. Fique à vontade, contudo, e traga seu grupo para a área do bar. É hora do chá, o senhor sabe, e será um prazer oferecer-lhe um chá de boas-vindas e sanduíches para todos os seus convidados".

Girei o pescoço, tentando manter a compostura. "O senhor poderia ligar para outros hotéis e ver se há quartos disponíveis?"

"Certamente", respondeu. "Será um prazer."

Três horas depois ainda estávamos no bar, tomando chá e mastigando bolinhos, quando o gerente entrou com um sorriso grande no rosto e falou: "Houve um cancelamento no Four Seasons. E por acaso é a suíte presidencial, que é particularmente adequada para o senhor. O valor é oito...".

Interrompi-o. "Eu pego!"

"Muito bem", disse ele. "Há um Rolls-Royce aguardando o senhor lá fora. Pelo que ouvi falar, o hotel tem um spa muito bom; talvez uma massagem seja apropriada depois de tudo pelo que o senhor passou."

Concordei com a cabeça, e duas horas depois estava deitado numa mesa de massagem, na suíte presidencial do Hotel Four Seasons. A varanda era de frente para o Hyde Park, onde o concerto estava acontecendo.

Meus convidados estavam vagabundeando pelas ruas de Londres, comprando roupas; Janet estava a todo vapor, reservando voos no Concorde; e a Duquesa sedutora tomava banho,

competindo com Eric Clapton.

Eu amava minha Duquesa sedutora. Mais uma vez, ela se provara para mim, e dessa vez sob intensa pressão. Ela era uma guerreira... ficando sempre do meu lado, enfrentando a morte, mantendo um sorriso naquele rosto lindo dela o tempo todo.

Era por essa razão, na verdade, que eu estava tendo dificuldades em manter minha ereção naquele instante, enquanto uma massagista etíope de 1,80 metro batia uma punheta para mim. Logicamente, eu sabia que era errado ser masturbado por uma massagista enquanto minha esposa cantava no chuveiro, a sete metros dali. Porém... havia alguma diferença entre ser masturbado e bater uma punheta eu mesmo com minha própria mão?

Hmmm... segurei-me naquele pensamento confortante pelo resto da minha masturbação, e no dia seguinte estava de volta a Old Brookville, pronto para continuar o *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*.

CAPÍTULO 35

A TEMPESTADE ANTES DA TEMPESTADE

Abril de 1997

Apesar de parecer impossível, nove meses depois de o iate ter afundado, minha vida afundara-se a níveis ainda maiores de insanidade. Eu descobrira uma maneira inteligente – uma maneira também *lógica*, na verdade – de levar meu comportamento autodestrutivo a um novo extremo, ou seja, substituir minha droga favorita, Quaaludes, por cocaína. Sim, era hora de mudanças, imaginei, sendo minha principal motivação estar cansado de babar em locais públicos e adormecer em posições inadequadas.

Assim, em vez de começar o dia com quatro Quaaludes e um copo grande de café gelado, eu acordava com um grama do estimulante pó boliviano... sempre tendo o cuidado de dividir a dose igualmente, meio grama em cada narina, a fim de não privar um lado do meu cérebro da precipitação instantânea. Era o *verdadeiro* Café da Manhã dos Campeões. Então eu completava meu café da manhã com três miligramas de Xanax, para reprimir a paranoia que com certeza se seguiria. Depois disso – apesar de minhas costas não terem mais nenhuma dor –, tomava 45 miligramas de morfina, simplesmente porque cocaína e narcóticos eram feitos um para o outro. Além do mais, como eu tinha um monte de médicos prescrevendo-me morfina, qual era o problema?

De qualquer forma, uma hora antes do almoço eu tomava minha primeira dose de Quaaludes – quatro, para ser exato –, seguido por mais um grama de coca, a fim de afastar o cansaço incontrolável que com certeza se seguiria. Logicamente, eu ainda conseguia consumir minha dose diária de 20 Quaaludes, mas pelo menos agora eu os estava usando de maneira mais saudável, de maneira mais produtiva: para balancear a coca.

Era uma estratégia inteligente e funcionara à perfeição por um tempo. Mas, como todas as coisas da vida, havia alguns obstáculos no caminho. Nesse caso, o obstáculo principal era que eu estava dormindo apenas três horas por semana, e em abril eu sofria com uma paranoia tão profunda induzida pela cocaína que acabara atirando no leiteiro com uma espingarda de calibre 12.

Com um pouquinho de sorte, imaginei, o leiteiro espalharia o boato de que o Lobo de Wall Street não era homem de brincadeira, que estava armado e pronto – totalmente preparado para afastar qualquer invasor idiota que tentasse entrar em sua residência –, mesmo que seus guarda-costas estivessem dormindo em serviço.

Deixando isso de lado, foi em dezembro, quatro meses antes, que a Stratton finalmente fechara. Ironicamente, não foram os governos estaduais que abaixaram as portas da Stratton, mas os palhaços espalhafatosos da NASD. Eles revogaram a titularidade da Stratton – mencionando manipulações de ações e violações comerciais. Na essência, a Stratton fora afastada e, do ponto de vista legal, fora um golpe de morte. Ser membro da NASD era um prerrequisito para vender ações nos estados; sem isso, estava-se fora do negócio. Assim, com

relutância, Danny fechou a Stratton, e a era dos strattonitas chegou ao fim. Fora uma viagem de oito anos. Não tinha muita certeza sobre como isso seria registrado, apesar de suspeitar que a imprensa não seria gentil.

A Biltmore e a Monroe Parker ainda estavam fortes e me pagavam 1 milhão de dólares por negócio, apesar de eu considerar possível os proprietários, com exceção de Alan Lipsky, estarem tramando contra mim. Como e por que, eu não tinha muita certeza, mas essa era a natureza das tramoias... principalmente quando os conspiradores eram seus amigos mais próximos.

E mais: Steve Madden *estava* tramando contra mim. Nosso relacionamento azedara-se por completo. De acordo com Steve, tinha a ver com o fato de eu aparecer no escritório chapado, ao que eu lhe respondera: "Vá se foder, seu idiota metido a santinho! Se não fosse por mim, você ainda estaria vendendo sapatos no porta-malas do carro!". Verdade ou não, o fato era que as ações estavam sendo negociadas a 13 dólares, a caminho de chegar a 20.

Tínhamos 18 lojas agora, e nosso estoque para lojas de departamentos estava reservado por duas temporadas adiantadas. Eu podia apenas imaginar o que ele estava pensando sobre mim – o homem que pegara 85% de sua empresa e controlava o preço de suas ações havia quase quatro anos. Porém, agora que a Stratton estava fora do jogo, eu não tinha mais controle sobre suas ações. O preço da Sapatos Steve Madden era ditado pelas leis da oferta e da procura – subindo e caindo de acordo com o sucesso da própria empresa, não o sucesso de uma firma de corretagem qualquer que a estivesse recomendando. O Sapateiro *tinha* de estar tramando contra mim. Sim, era verdade: eu aparecia no escritório um pouco chapado, o que era errado, mas, ainda assim, tratava-se meramente de uma desculpa para me afastar da empresa e roubar minhas opções sobre ações. E o que eu podia fazer se ele tentasse fazer isso?

Bem, eu tinha nosso contrato secreto, mas isso cobria apenas minhas ações originais, 1,2 milhão delas; minhas opções sobre ações estavam no nome do Steve, e eu não tinha nada por escrito. Será que ele tentaria roubá-las de mim? Ou tentaria roubar tudo, tanto minhas ações como minhas opções? Talvez aquele idiota careca se iludisse, pensando que eu não teria culhões para expor nosso contrato secreto, que, por sua própria natureza, causaria problemas demais para nós dois se fosse a público.

Ele estava a caminho de um despertar cruel. As chances de ele se livrar roubando minhas ações e opções eram menores que zero... mesmo que isso significasse a prisão de nós dois.

Se fosse um homem sóbrio, lúcido, eu ainda teria pensado nisso, mas, naquele meu estado mental, essas ideias ardiam em minha mente de maneira totalmente venenosa. Mesmo que Steve não estivesse planejando me foder, isso era totalmente irrelevante; nunca teria a oportunidade de fazê-lo. Ele não era diferente de Victor Wang, a porra do China Depravado. Sim, Victor tentara me foder também, e eu o mandara de volta para Chinatown.

Era a segunda semana de abril, e eu não ia à Sapatos Steve Madden havia mais de um mês. Era uma tarde de sexta-feira, e eu estava no meu escritório em casa, sentado à minha escrivaninha de mogno. A Duquesa já fora para os Hamptons, e as crianças passavam o final de semana com a mãe. Eu estava sozinho com meus pensamentos, pronto para a guerra.

Liguei para Cabana em sua casa e falei: "Quero que telefone para Madden e diga a ele que, como agente de caução, você o está informando de que pretende liquidar cem mil ações imediatamente. Dá por volta de 1,3 milhão de dólares, um pouco mais ou um pouco menos. Diga-lhe que, de acordo com o contrato, ele tem o direito de vender suas ações também, na

mesma proporção que eu, o que significa que pode vender 17 mil. A decisão depende da porra da cabeça dele".

Cabana, o Fraco, respondeu: "Para fazer isso rapidamente, preciso da assinatura dele. E se ele se recusar?".

Respirei fundo, tentando controlar minha fúria. "Se ele dificultar as coisas para você, diga-lhe que, de acordo com o contrato de caução, você irá executar a penhora na nota e vender as ações privativamente. Diga-lhe que eu já concordei em comprar. E diga para aquele careca cuzão que isso me dará 15% da empresa, o que significa que terei de registrar um 13D na Comissão, e então todos em Wall Street irão saber que boqueteiro do caralho ele é por tentar me foder. Diga para aquele cuzão que irei levar toda a coisa a público e que, toda semana, irei continuar comprando mais ações na porra do mercado aberto até adquirir 51% da empresa dele, e então irei chutar aquele rabo ossudo dele para longe daqui." Respirei fundo novamente. Meu coração estava batendo com muita força. "E diga para aquele cuzão que, se ele acha que estou blefando, ele deveria se enfiar numa porra de um abrigo, porque estou prestes a soltar uma bomba atômica sobre aquele corpo fodido dele." Levei a mão à gaveta da minha escrivaninha e puxei um saquinho Zippy com meio quilo de cocaína.

"Farei o que você quiser", respondeu Cabana, o Fraco. "Apenas quero que pense sobre isso por um segundo. Você é o cara mais esperto que conheço, mas parece um pouco irracional agora. Como seu advogado, devo recomendar que não leve este contrato a públi..."

Cortei a porra do meu advogado. "Andy, deixe-me dizer-lhe uma coisa, caralho. Você não tem a menor ideia de como estou cagando para a porra da Comissão e a porra da NASD." Abri o saquinho e peguei uma carta de baralho em minha escrivaninha, então a enfiei fundo no pó, cavoucando cocaína em quantidade suficiente para causar um ataque cardíaco numa baleia azul. Joguei sobre a escrivaninha. A seguir, inclinei-me, enfiei o rosto no pó e comecei a cheirar. "E mais", completei, agora com o rosto coberto de cocaína, "estou cagando e andando para aquele cuzão do Coleman também. Ele tem me perseguido há quatro anos, caralho, e ainda não encontrou porra nenhuma contra mim." Balancei a cabeça algumas vezes, tentando controlar a euforia que estava rapidamente me tomando. "E não há como eu ser indiciado por aquele contrato do caralho. Seria muito anticlímax para Coleman. Ele é um homem de honra e quer me pegar por algo sério. Isso seria como pegar Al Capone por sonegação de impostos. Então que se foda Coleman!"

"Entendido", falou Cabana, "mas preciso de um favor seu."

"O quê?"

"Estou ficando sem dinheiro...", disse meu advogado charlatão, fazendo uma pausa para causar efeito. "Sabe, Danny realmente fodeu as coisas para mim ao não seguir a Teoria das Baratas. Ainda estou aguardando minha licença de corretor. Você pode me ajudar enquanto isso?"

Inacreditável!, pensei. A porra do meu próprio agente de caução estava me pedindo dinheiro emprestado. *Aquele cuzão de peruca!* Eu devia matá-lo também! "De quanto precisa?"

"Não sei...", respondeu, fraco, "talvez 100 ou 200 mil."

"Certo!", disparei. "Vou te dar 250 mil, agora vá telefonar para o cuzão do Madden neste exato instante, caralho, e depois ligue para mim e conte o que ele falou." Bati o telefone sem me despedir. Então me inclinei e enfiei a cabeça na coca novamente.

Dez minutos depois o telefone tocou. “O que o cuzão disse?”, perguntei.

“Você não vai gostar”, avisou Cabana. “Ele nega a existência do contrato de caução. Diz que é um contrato ilegal e que sabe que você não o levará a público.”

Respirei fundo, tentando manter o controle. “Então ele acha que estou blefando, né?”

“Sim”, disse Cabana, “mas diz que quer resolver as coisas amigavelmente. Ele está lhe oferecendo 2 dólares por ação.”

Girei o pescoço lentamente num grande círculo enquanto fazia os cálculos. A 2 dólares por ação, ele estaria roubando mais de 13 milhões de dólares de mim, e isso apenas nas ações; ele também mantinha um milhão de opções minhas, com um preço de exercício de 7 dólares. Pelo preço de mercado do dia – 13 dólares –, adicionemos 6 dólares ao montante. Assim eram mais 4,5 milhões de dólares. Contando tudo, ele estava tentando roubar 17,5 milhões de dólares de mim. Ironicamente, eu não estava nem furioso por isso. Afinal de contas, sabia disso havia muito tempo, desde aquele dia em meu escritório, vários anos atrás, quando contei para Danny que seu amigo não era confiável. Foi por esse motivo, na verdade, que fizera Steve assinar o contrato de caução e entregar os certificados de ações.

Assim, por que ficar nervoso? Fui forçado a esse caminho estúpido pelos palhaços da NASDAQ; não tive escolha e precisei alienar minhas ações para Steve, mas tomara todas as precauções necessárias – preparando-me para essa eventualidade. Pesquisei toda a história do nosso relacionamento em minha mente e descobri que não cometi nenhum erro. E, apesar de não haver como negar que aparecer chapado no escritório não fora legal de minha parte, isso não tinha nada a ver com o que estava acontecendo. Ele teria tentado me foder de qualquer forma; tudo que as drogas causaram foi trazer isso à tona mais rapidamente.

“Está certo”, falei, calmamente. “Tenho de ir para os Hamptons agora, então iremos cuidar disso logo cedo na segunda. Nem se preocupe em ligar para Steve novamente. Apenas junte toda a papelada para a aquisição de ações. É hora de entrar em guerra.”

SOUTHAMPTON! A HAMPTON DOS WASPs! Sim, era lá que ficava a minha casa de praia. Chegara a hora de crescer, e Westhampton era um pouco *simples* demais para os gostos refinados da Duquesa. Além do mais, Westhampton era cheia de judeus, e eu estava de saco cheio de judeus, apesar de ser um. Donna Karan (uma judia de nível mais alto) tinha uma casa a oeste da minha; Henri Kravis (também um judeu de nível mais alto) tinha uma casa a leste da minha. E, pela pechincha de 5,5 milhões de dólares, eu agora possuía uma mansão de mil metros quadrados, cinza e branca, pós-moderna, na fabulosa Meadow Lane, a estrada mais exclusiva em todo o planeta. A frente da casa dava para a baía Shinnecock; a parte de trás, para o oceano Atlântico; e os nasceres e pores do sol explodiam com uma quase indescritível paleta de laranjas, vermelhos, amarelos e azuis. Era realmente divino, uma vista digna do Lobo Selvagem.

Enquanto atravessava os portões de ferro forjado na frente da residência, tinha de me sentir orgulhoso. Aqui estava eu, no volante de um novíssimo Bentley turbo azul-marinho de 300 mil dólares. E, logicamente, havia cocaína no porta-luvas em quantidade suficiente para manter toda Southampton dançando o Watusi do Dia da Lembrança[1] ao Dia do Trabalho.

Eu estivera nessa casa apenas uma vez, havia pouco mais de um mês, quando ainda não tinha móveis. Levara um parceiro de negócios chamado David Davidson. Esse nome era uma piada

cruel, apesar de eu perder mais tempo observando seu olho direito piscando do que dando atenção a seu nome. Sim, ele era um piscador, mas apenas de um lado, o que tornava tudo muito mais perturbador. De qualquer forma, o Unipiscador possuía uma firma de corretagem chamada DL Cromwell, que empregava um monte de ex-strattonitas; estávamos fazendo negócios juntos, ganhando dinheiro demais. Porém, a característica mais atraente do Unipiscador – o que eu mais gostava nele – era ser viciado em coca, e, naquela noite em que eu o levara em casa, ele primeiro parara no Grand Union e comprara 50 latinhas de Reddi Wip. Então nos sentamos no chão de madeira clara, seguramos as latinhas de ponta-cabeça, empurramos os bocais para o lado e sugamos todo o óxido nitroso. Era um baita barato, principalmente quando intercalávamos cada sorvida com dois tiros de cocaína, um em cada narina.

Fora uma noite inesquecível, mas nada comparado ao que me aguardava hoje à noite. A Duquesa mobiliara a casa – à custa de dois milhões de dólares do meu dinheiro ganho com facilidade. Ela ficou tão empolgada com essa ideia que ficara vomitando sua merda de aspirante a decoradora infinitamente, e durante esse tempo nunca perdia uma oportunidade de me encher o saco por ser viciado em coca.

E foda-se ela por isso! Quem diabos era ela para me dizer o que fazer, principalmente quando eu ficara viciado em coca pelo bem dela? Afinal de contas, ela ficou ameaçando me abandonar se eu não parasse de dormir nos restaurantes. Portanto, foi por esse motivo que eu mudara para a coca. E agora ela estava dizendo coisas como: "Você está doente. Você não dorme há um mês. Você nem faz mais sexo comigo! E está pesando apenas 59 quilos. Você só come Froot Loops. E sua pele está verde!". Possibilitei a Vida para a Duquesa e, no final de tudo, ela virou as costas para mim! Bem, foda-se ela também! Era fácil para ela me amar quando eu estava doente. Todas aquelas noites em que eu sofria com uma dor crônica, ela vinha e tentava me confortar, dizendo que me amava incondicionalmente. E agora descobri que era apenas um golpe. Ela não era mais confiável. Beleza. Bom. Que ela seguisse seu caminho. Não precisava dela. Na verdade, não precisava de ninguém.

Todos esses pensamentos estavam rugindo em meu cérebro quando subi pela escada de mogno e abri a porta de minha mais nova mansão. "Olá", falei, bem alto, entrando pela porta. A parede de trás era toda feita de vidro, e eu tinha uma vista panorâmica do oceano Atlântico. Às sete da noite nessa época da primavera, o sol estava se pondo atrás de mim, na baía, e a água apresentava um matiz interessante de púrpura real. E a casa parecia maravilhosa. Pois é, não havia como negar que, apesar de a Duquesa ser uma pentelha de mão cheia – uma estraga-prazeres de proporções bíblicas –, ela tinha talento para a decoração. A entrada dava numa sala enorme. Era um espaço aberto com teto ascendente. Havia tantos móveis enfiados nesse espaço que era encantador pra caralho. Poltronas superestofadas, sofás de dois lugares e cadeiras espalhavam-se por todo lado, cada um no seu espaço. Toda a fabulosa mobília do caralho era branca e cinza-clara, bem praiana, bem na moda.

De repente, surgiu o comitê de recepção real. Era Maria, a cozinheira gorda, e seu marido, Ignácio, um baixinho mordomo mal-humorado, que, com 1,46 metro, era um pouquinho maior que a esposa. Eles vieram de Portugal e se orgulhavam por oferecer um serviço da maneira formal, tradicional. Eu os desprezava porque Gwynne os desprezava, e Gwynne era uma das poucas pessoas que realmente me entendiam... ela e meus filhos. Quem garantia que esses dois eram confiáveis? Eu tinha de ficar esperto com eles... e, se necessário, neutralizá-los.

“Boa noite, sr. Belfort”, disseram Maria e Ignácio em uníssono. Ignácio ajoelhou-se formalmente, e Maria fez uma reverência. Então Ignácio completou: “Como o senhor está?”.

“Melhor do que nunca”, murmurei. “Onde está minha adorável esposa?”

“Está na cidade, fazendo compras”, respondeu a cozinheira.

“Que surpresa do caralho!”, resmunguei, passando por eles. Eu estava carregando uma mala de viagens Louis Vuitton, cheia de drogas perigosas.

“O jantar será servido às 20 horas”, falou Ignácio. “A sra. Belfort pediu-me para informá-lo que seus convidados estarão aqui por volta das 19h30, e pediu a gentileza de o senhor estar arrumado.”

Ah, foda-se ela!, pensei. “Está bem”, resmunguei. “Estarei na sala de tevê; por favor, não me incomodem. Tenho negócios importantes para resolver.” Dizendo isso, fui para a sala de tevê, coloquei os Rolling Stones no vídeo e escondi as drogas. A Duquesa me instruíra para estar arrumado às 19h30. Que caralho ela queria dizer com isso? Que eu devia estar trajando uma porra de um terno... ou cartola e fraque? Quem ela achava que eu era, um macaquinho de merda? Eu vestiria um moletom cinza e uma camiseta branca, e isso estava bom pra caralho! Quem pagou por toda esta merda, caralho? Eu... só eu! E ela tinha a audácia de ficar me dando ordens!

SÃO 20 HORAS, o jantar está na mesa! E quem precisa comer? Me deem Froot Loops e leite desnatado, não essa porcaria que Maria e a Duquesa apreciam tanto. A mesa de jantar era do tamanho de um estábulo. Ainda assim, os convidados para o jantar não eram tão chatos, com exceção da Duquesa. Ela estava sentada à minha frente, no outro lado do estábulo. Estava tão distante que eu precisava de um interfone para conversar com ela, o que provavelmente era um fato bom. Tinha de admitir que ela estava deslumbrante. Mas esposas-troféu como a Duquesa eram fáceis de se achar, e as boas não iriam se virar contra mim sem motivo algum.

Sentados à minha direita estavam Dave e Laurie Beall, que vieram da Flórida para nos visitar. Laurie era uma boa loira burra. Sabia seu lugar no esquema geral das coisas, e por isso me entendia. O único problema era que ela também estava sob a influência da Duquesa, que se infiltrara em sua mente... plantando ideias subversivas contra mim. Portanto, Laurie não era totalmente confiável.

O marido dela, Dave, era outra história. Ele era confiável... mais ou menos. Era um caipira grande: 1,90 metro, 113 quilos de puro músculo. Quando estava na faculdade, trabalhava como segurança. Um dia, alguém falara de maneira grosseira com ele, e Dave deu-lhe um soco na lateral da cabeça, arrebentando-lhe o olho. Boatos correram na época de que o olho do cara ficou pendurado por alguns ligamentos. Dave era um ex-strattonita e agora trabalhava na DL Cromwell. Naquela noite, eu podia contar com ele para repelir intrometidos. Na verdade, ele o faria com prazer.

Meus outros dois convidados eram os Schneiderman, Scott e Andréa. Scott fora criado em Bayside, apesar de não termos sido amigos na juventude. Era um homossexual assumido que se casara por motivos inexplicáveis, porém meu palpite era porque desejava ter filhos, o que ele hoje tinha, uma filha. Ele, também, era um ex-strattonita, mas nunca possuíra o instinto assassino. Estava fora do mercado agora. E estava aqui por uma única razão: era meu traficante de drogas. Tinha um conhecido no aeroporto que me trazia cocaína pura da Colômbia. Sua esposa era

inofensiva: uma morena rechonchuda que sabia dizer apenas poucas palavras, todas sem sentido.

Após quatro pratos e duas horas e meia de conversa torturante, finalmente eram 23 horas. Falei para Dave e Scott: “Venham, rapazes, vamos para a sala de tevê assistir a um filme”. Ergui-me da cadeira e dirigi-me para a sala de tevê, com Dave e Scott a reboque. Não tinha dúvidas de que a falta de vontade da Duquesa de conversar comigo era igual à minha. E isso era bom. Nosso casamento basicamente havia acabado; agora era apenas questão de tempo.

O QUE ACONTECEU EM seguida começou com uma ideia animada que tive de dividir meu estoque de cocaína para duas festas diferentes de cheiração. A primeira se iniciaria agora e consistiria de oito gramas de cocaína em pó. Ela aconteceria aqui, na sala de tevê, e duraria aproximadamente duas horas. Então passaríamos para a sala de jogos no andar de cima, onde jogaríamos bilhar e dardos e encheríamos a cara de uísque. Então, às duas da manhã, iríamos para a sala de tevê novamente e começaríamos a segunda festa de cheiração, que consistiria em uma pedra de vinte gramas de cocaína 98% pura. Cheirá-la de uma sentada seria uma conquista digna do próprio Lobo.

E seguimos esse plano – totalmente de acordo com a porra da programação, na verdade –, passando as duas horas seguintes cheirando carreiras gordas de cocaína através de um canudinho de ouro 18 quilates, enquanto assistíamos à MTV sem som e escutávamos “Sympathy for the Devil” repetidamente. Então subimos para a sala de jogos. Quando deu duas da manhã, falei com um grande sorriso no rosto: “Chegou a hora de cheirar a pedra, meus amigos! Sigam-me”.

Descemos para a sala de tevê e sentamo-nos em nossas posições anteriores. Levei a mão até onde estava a pedra e ela havia sumido. Sumido? Como isso era possível, caralho? Olhei para Dave e Scott e falei: “Está bem, gente. Parem de zoeira. Qual de vocês pegou a pedra?”.

Os dois olharam para mim, assustados. Dave disse: “O quê? Você está brincando comigo? Não peguei a pedra! Juro pelos olhos dos meus filhos!”.

Scott completou, num tom defensivo: “Não olhem para mim! Eu nunca faria algo assim”. Ele balançou a cabeça, sério. “Zoar com a coca de outro homem é um pecado capital. Sério.”

Nós três ficamos de quatro e começamos a engatinhar pelo carpete. Dois minutos depois estávamos olhando um para o outro, embasbacados... e de mãos vazias. Falei, cético: “Talvez tenha caído atrás do estofado do sofá”.

Dave e Scott concordaram com a cabeça, e começamos a averiguar todo o estofado. Não encontramos nada.

“Não acredito nesta merda”, falei. “Não faz sentido algum, caralho.” Então uma ideia surgiu borbulhando em meu cérebro. Talvez a pedra tenha caído *dentro* do estofado! Parecia improvável, mas coisas estranhas aconteceram antes, não?

Com certeza. “Já volto”, disse, corri para a cozinha, a toda velocidade, e retirei uma faca de açougueiro, de aço inoxidável, do suporte de madeira. Então corri de volta para a sala de tevê, armado e pronto. A pedra era minha!

“O que você vai fazer?”, perguntou Dave, incrédulo.

“Que porra você acha que vou fazer?”, bradei, ficando de joelhos e enfiando a faca no estofado. Comecei a jogar a espuma e as penas no carpete. O sofá tinha três estofados e o mesmo número de apoio para costas. Em menos de um minuto eu retalhara todos. “Filho da puta!”, murmurei. Voltei minha atenção para o sofá de dois lugares, abrindo o estofado,

vingativo. Nada ainda. Agora eu estava ficando nervoso. "Não acredito nesta merda! Onde essa porra da pedra foi parar?" Olhei para Dave e perguntei: "Nós chegamos a ir para a sala de estar?".

Ele balançou a cabeça, nervoso. "Não me lembro de ir para a sala de estar", respondeu. "Por que não deixamos a pedra pra lá?"

"Você é louco ou o quê? Vou achar essa porra de pedra mesmo que seja a última coisa que faça!" Virei-me para Scott e franzi o cenho de maneira acusativa. "Não minta para mim, Scott. Nós *estivemos* na sala de estar, não?"

Scott balançou a cabeça. "Acho que não. Sinto muito, mas não me lembro de ter ido para a sala de estar."

"Querem saber?", gritei. "Você são um monte de merda! Sabem tão bem quanto eu que aquela porra de pedra caiu dentro de um estofado. Tem de estar aqui em algum lugar, e eu vou provar para vocês, caralho." Levantei-me, chutei o restante do estofado para longe e caminhei, através de um amontoado de espuma e penas, para a sala de estar. Na minha mão direita estava a faca de açougueiro. Meus olhos, escancarados. Meus dentes, trincados de fúria.

Olhem essas merdas de sofás! Foda-se ela se pensa que pode ficar impune ao comprar toda essa mobília! Respirei fundo. Estava no limite. Precisava voltar a ter noção das coisas. Mas eu havia bolado um plano perfeito... só cheirar a pedra às duas da manhã. Poderia ter sido perfeito e veja todos esse móveis. Foda-se tudo! Fiquei de joelhos e comecei a agir, abrindo espaço na sala de estar, perfurando com selvageria até que todos os sofás e cadeiras ficaram destruídos. Pelo canto dos olhos, vi Dave e Scott me observando.

E então me dei conta... estava dentro do carpete! Óbvio pra caralho! Baixei os olhos para o carpete cinza-claro. Quanto essa porra custou? 100 mil? 200 mil? Para ela, era fácil gastar o meu dinheiro. Comecei a fatiar o carpete, como um homem possuído.

Um minuto depois, nada. Sentei-me no chão e corri o olhar pela sala de estar. Estava totalmente destruída. De repente, vi um abajur de latão deslumbrante. Parecia humano. Com o coração palpitando, deixei a faca de açougueiro cair. Peguei o abajur sobre a cabeça e comecei a balançá-lo como Thor, um deus nórdico, balançava o martelo. Então o soltei na direção da lareira, e ele foi voando contra a parede... *CRASH!* Corri até a faca novamente e a peguei.

De repente, a Duquesa saiu correndo da suíte principal, trajando um minúsculo roupão branco. Seu cabelo estava perfeito e suas pernas pareciam divinas. Era a maneira pela qual ela tentava me manipular, me controlar. Funcionara no passado, mas não dessa vez. Estava protegido agora. Conhecia o jogo dela.

"Ah, meu Deus! ", gritou, levando a mão à boca. "Por favor, pare! Por que está fazendo isso?"

"Por quê?", gritei. "Quer saber por que, caralho? Bem, vou te dizer por quê! Sou a porra do James Bond procurando um microfilme! É por isso, porra!"

Ela olhou para mim boquiaberta e com os olhos escancarados. "Você precisa de ajuda", disse ela, desanimada. "Você está doente."

Essas palavras me enfureceram. "Ah, vai se foder, Nadine! Quem é você, caralho, para me dizer que estou doente? O que vai fazer... tentar me bater? Bem, tente a sorte e veja o que vai acontecer!"

De repente, uma dor terrível em minhas costas! Alguém estava me empurrando para o chão! Meu pulso estava sendo esmagado. "Ahhh, caralho!", gritei. Ergui a cabeça, e Dave Beall estava

sobre mim. Ele apertou meu pulso até a faca de açougueiro cair.

Ele olhou para Nadine. “Volte para dentro”, falou, calmamente. “Eu cuido dele. Tudo ficará bem.”

Nadine voltou correndo para a suíte principal e bateu a porta. Um segundo depois, ouvi a fechadura.

Dave ainda estava sobre mim. Girei a cabeça para encará-lo e comecei a rir. “Está certo”, falei, “pode me soltar agora. Eu estava brincando. Não ia machucá-la. Estava apenas tentando mostrar a ela quem manda aqui.”

Agarrando meu bíceps direito com sua mão enorme, Dave me conduziu até um assento no outro lado da casa... um dos poucos que eu não destruíra. Colocou-me numa poltrona superestofada, olhou para Scott e disse: “Vá pegar o frasco de Xanax”.

A última coisa de que me lembro foi Dave entregando-me um copo de água e alguns Xanax.

ACORDEI E ERA noite... do dia seguinte. Estava em meu escritório em Old Brookville, sentado à minha escrivaninha de mogno. Não tinha certeza sobre como havia chegado lá, mas me lembrava de ter dito “Obrigado, Rocco!” para Rocco Dia, por me tirar do carro depois de eu tê-lo batido num poste na esquina da minha propriedade, enquanto voltava para casa. Ou teria agradecido a Rocco Noite? Bem... quem se importava? Eles eram leais a Bo, e Bo era leal a mim, e a Duquesa não falava muito com nenhum deles... então ela não os influenciara ainda. Contudo, ficaria alerta.

Fiquei me perguntando onde estava a Duquesa Triste. Não a vira desde o episódio da faca de açougueiro. Ela estava em casa, mas escondida em algum canto da mansão... escondida de mim! Estaria na suíte principal? Não importa. O importante eram meus filhos; pelo menos eu era um bom pai. No final, era assim que eu seria lembrado: um bom pai, um verdadeiro homem de família e um provedor maravilhoso!

Fui até a gaveta da escrivaninha e peguei meu saquinho Zippy com quase meio quilo de coca. Joguei-o sobre a mesa, enfiei a cabeça no monte e cheirei com ambas as narinas simultaneamente. Dois segundos depois, joguei a cabeça para trás e murmurei: “Puta que pariu! Ah, meu Deus!”. Então desmoronei na cadeira e comecei a respirar com sofreguidão.

Naquele momento, o volume da tevê pareceu aumentar drasticamente, e ouvi uma voz grosseira, acusadora, falar: “Sabe que horas são? Onde está sua família? Essa é sua ideia de diversão, sentado diante de uma televisão a essa hora da manhã... sozinho? Bêbado, chapado, arrasado? Olhe seu relógio por um segundo, se ainda tiver um”.

Que caralho era aquilo? Olhei para meu relógio: um Bulgari de ouro de 22 mil dólares. Lógico que ainda tinha um! Foquei novamente na tevê. Que rosto! Puta merda! Era um homem com 50 e poucos anos, cabeça enorme, pescoço comprido, feições ameaçadoramente bonitas, cabelo grisalho penteado com perfeição. Naquele mesmo instante, o nome Fred Flintstone surgiu borbulhando em meu cérebro.

Fred Flintstone continuou: “Quer se livrar de mim agora? Que tal se livrar de sua doença já? Alcoolismo e vício estão te matando. Seafield tem as respostas. Ligue para nós hoje; nós podemos ajudar”.

Inacreditável!, pensei. Intrusivo pra caralho! Comecei a resmungar para a tevê: “Seu cabeça de Fred Flintstone do caralho... vou chutar seu rabo de merda daqui até Timbuktu!”.

Flintstone continuou falando: “Lembre-se, não há vergonha alguma em ser um alcoólatra ou viciado; a única vergonha é não fazer nada quanto a isso. Por isso, ligue já e pegue...”.

Corri os olhos pela sala... *lá está!*... uma escultura Remington sobre um pedestal de mármore verde. Tinha 60 centímetros, feito de latão sólido... um vaqueiro cavalgando um bronco selvagem. Peguei-o e corri na direção da tela de tevê. Com toda a força que consegui juntar, girei-o na direção de Fred Flintstone e... *CRASH!*

Não havia mais Fred Flintstone.

Dirigi-me para a tevê estilhaçada: “Seu filho da puta! Eu avisei! Vir até a porra da minha casa e me dizer que tenho uma merda de um problema. Olhe para você agora, cuzão!”.

Voltei para minha escrivaninha e me sentei, então enfiei meu nariz sangrando dentro do monte de coca. Mas, em vez de cheirar, simplesmente descansei a cabeça sobre ele, usando-o como travesseiro.

Senti uma ligeira pontada de culpa por meus filhos estarem lá em cima, mas, sendo um provedor tão maravilhoso, todas as portas eram de mogno puro. Não havia como alguém ter escutado algo. Ou pelo menos foi isso que achei até ouvir passos pesados na escada. Um segundo depois, veio a voz da Duquesa: “Ah, meu Deus! O que você está fazendo?”.

Ergui a cabeça, totalmente ciente de que meu rosto estava coberto de coca, mas sem me importar. Olhei para a Duquesa, e ela estava completamente nua... tentando me manipular com a possibilidade de sexo.

Falei: “Fred Flintstone estava tentando sair da tevê. Mas não se preocupe... eu o peguei. Você pode voltar a dormir agora. Não há perigo”.

Ela me encarou, boquiaberta. Seus braços estavam cruzados abaixo dos peitos, e não consegui evitar olhar seus mamilos. *Pena que a mulher virou-se contra mim*. Seria difícil substituí-la... não impossível, mas difícil.

“Seu nariz está jorrando sangue”, falou com delicadeza.

Balancei a cabeça com nojo. “Pare de exagerar, Nadine. Quase nem está sangrando, e é apenas um ataque de alergia.”

Ela começou a chorar. “Não posso mais ficar aqui, a não ser que você vá a uma clínica de reabilitação. Eu te amo demais para ficar vendo você se matar. Sempre te amei; não se esqueça disso.” E então ela saiu do quarto, fechando a porta, mas sem bater.

“Vai se foder!”, gritei para a porta. “Não tenho porra de problema nenhum! Posso parar quando quiser! ” Respirei fundo e usei minha camiseta para limpar o sangue do nariz e do queixo. O que ela estava pensando? Que podia me convencer a ir a uma clínica de reabilitação? Por favor! Senti outro jorro quente sob o nariz. Ergui a camiseta novamente e limpei mais sangue. Porra! Se eu tivesse éter, podia transformar a cocaína em crack. Então eu podia apenas fumar a coca e evitar todos esses problemas nasais. *Mas espere!* Havia outras formas de fazer crack, não? Sim, havia receitas caseiras... algo com bicarbonato de sódio. Tinha de haver uma receita para fazer crack na Internet!

Cinco minutos depois, encontrara minha resposta. Entrei tropeçando na cozinha, peguei os ingredientes e os derramei sobre o balcão de granito. Enchi um pote de cobre com água e adicionei a cocaína e o bicarbonato de sódio, então acendi o fogão em fogo alto e fechei a boca do pote de cobre. Com uma jarra de cerâmica para guardar biscoitos.

Sentei-me num banco perto do forno e descansei a cabeça sobre o balcão. Comecei a sentir

tontura, então fechei os olhos e tentei relaxar. Eu estava sendo levado pela corrente... pela corrente... *CABUM!* Quase saí pulando da pele quando minha receita caseira explodiu por toda a cozinha. Havia crack por todo lado... teto, chão e paredes.

Um minuto depois, a Duquesa veio correndo. “Ah, meu Deus! O que aconteceu? O que foi essa explosão?”. Ela estava sem fôlego, quase tomada pelo pânico.

“Nada”, murmurei. “Estava assando um bolo e caí no sono.”

A última fala dela de que me lembro: “Vou para a casa de minha mãe amanhã de manhã”.

E o último pensamento de que me lembro: quanto mais cedo, melhor.

---

1 Dia da Lembrança: última segunda de maio, em que se homenageiam os cidadãos americanos que morreram em guerra; Dia do Trabalho: primeira segunda de setembro, nos Estados Unidos. (N. T.)

CAPÍTULO 36

CADEIAS, INSTITUIÇÕES E MORTE

Na manhã seguinte – ou seja, algumas horas depois – acordei em meu escritório. Senti algo quente e prazeroso sob meu nariz e bochechas. *Ahhh, que agradável... A Duquesa ainda estava comigo... me limpando... cuidando de mim...*

Abri os olhos e... ah, era Gwynne. Ela segurava uma toalha de banho muito cara, umedecida com água morna, e estava limpando a cocaína e o sangue grudados em meu rosto.

Sorri para Gwynne, uma das poucas pessoas que não me traíram. Porém, seria ela realmente confiável? Fechei os olhos e pensei sobre isso... Sim, era. Não havia dúvidas quanto a isso. Iria comigo até o amargo fim. Na verdade, mesmo depois que a Duquesa me abandonara, Gwynne ainda estaria lá... cuidando de mim e me ajudando a criar as crianças.

"O senhor está bem?", perguntou minha bela sulista favorita.

"Sim", grasnei. "O que está fazendo aqui no domingo? Você não tinha que ir à igreja?"

Gwynne sorriu com tristeza. "A sra. Belfort telefonou e pediu-me para vir hoje a fim de cuidar das crianças. Aqui, levante os braços; trouxe uma camiseta limpa."

"Obrigado, Gwynne. Acho que estou com fome. Você pode me trazer uma tigela de Froot Loops, por favor?"

"*Eston* bem aqui", respondeu, apontando para o pedestal de mármore verde onde o vaqueiro de latão costumava ficar. "Estão frescos e encharcados...", completou, "como o senhor gosta!"

Isso que é serviço! Por que a Duquesa não podia ser assim? "Onde está Nadine?", perguntei.

Gwynne comprimiu seus lábios grossos. "Está lá em cima, preparando uma mochila. Ela vai para a casa da mãe."

Uma sensação terrível de naufrágio tomou conta de mim. Começou na boca do estômago e espalhou-se para cada célula do meu corpo. Era como se meu coração e minhas tripas tivessem sido arrancados. Senti náusea, com vontade de vomitar. "Já volto, caralho", bradei, pulando da cadeira e dirigindo-me para a escada em espiral. Subi a escada correndo com uma fogueira furiosa ardendo dentro de mim.

A suíte principal era do lado da escada. A porta estava trancada. Comecei a esmurrá-la. "Deixe-me entrar, Nadine!" Nada de resposta. "É meu quarto também! Deixe-me entrar!"

Por fim, 30 segundos depois, a fechadura se abriu; mas a porta, não. Abri a porta e entrei no quarto. Sobre a cama havia uma mala cheia de roupas, todas dobradas direitinho, mas nada da Duquesa. A mala era marrom-chocolate com o logo da Louis Vuitton emplastrado por toda a superfície dela. Custou uma puta fortuna... *do meu dinheiro!*

De repente, a Duquesa saiu andando do seu closet de sapatos do tamanho de Delaware, carregando duas caixas de sapatos, uma sob cada braço. Não disse uma palavra, nem olhou para mim. Apenas caminhou até a cama e colocou as caixas de sapatos ao lado da mala, então girou e voltou para o closet.

"Onde você acha que está indo, caralho?", bradei.

Ela me encarou com desprezo. "Eu te falei: vou para a casa de minha mãe. Não posso mais

ficar assistindo você se matar. Acabou para mim."

Senti uma explosão de vapor erguendo-se no meu cérebro. "Espero que não ache que irá levar as crianças com você. Não vai levar meus filhos... nunca!"

"As crianças podem ficar", respondeu, calmamente. "Vou sozinha."

Isso me pegou desprevenido. Por que ela iria embora deixando as crianças?... A não ser que fosse algum tipo de golpe. É lógico. Ela era prevenida, a Duquesa. "Acha que sou estúpido ou o quê? Assim que eu cair no sono você voltará e roubará as crianças."

Ela me olhou com desdém e falou: "Nem sei o que responder a isso". Começou a andar de volta para o closet.

Aparentemente eu não a estava machucando o suficiente, então falei: "Não sei para onde você pensa que está indo com todas essas roupas. Se você sair daqui, sai com a roupa do corpo, sua pistoleira do caralho".

Isso a afetou! Ela virou e me encarou. "Vai se foder!", gritou. "Tenho sido a melhor esposa possível para você. Como se *atreve* a me chamar disso depois de todos esses anos? Eu te dei dois filhos maravilhosos. Atendi todas as porras dos seus desejos! Fui uma esposa fiel... sempre! Nunca te traí, nenhuma vez! E veja o que recebo em troca! Quantas mulheres você fodeu desde que nos casamos? Seu... filho da puta mulherengo! Vai se foder!"

Respirei fundo. "Pode falar o que quiser, Nadine, mas, se sair daqui, sai sem nada." Meu tom era calmo, mas ameaçador.

"Ah, é mesmo? Que porra você vai fazer? Botar fogo nas minhas roupas?"

Que ideia excelente! Peguei a mala dela da cama, fui cambaleando até a lareira de calcário e joguei todas as roupas dela em cima da lenha que já estava lá, esperando para ser acesa com um único toque em um botão. Encarei a Duquesa; ela estava parada, congelada de terror.

Não satisfeito com a reação dela, corri até o closet e arranquei dezenas de suéteres, camisas, vestidos, saias e calças de cabides que pareciam muito caros. Voltei correndo até a lareira e atirei tudo sobre a pilha.

Olhei para ela novamente. Agora havia lágrimas em seus olhos. Ainda não estava bom. Queria ouvi-la se desculpando, implorando-me para parar, então cerrei os dentes, determinado, e me inclinei sobre a mesa onde ela mantinha sua caixa de joias. Peguei a caixa, voltei até a fogueira, abri a tampa e balancei todas as joias sobre a pilha. Fui até a parede, coloquei meu indicador direito sobre um pequeno botão de aço inoxidável e a encarei.

"Vai se foder!", gritei... e apertei o botão.

No instante seguinte, suas roupas e joias estavam consumidas pelas chamas. Sem dizer uma palavra, ela saiu calmamente do quarto, fechando a porta com uma gentileza nunca antes vista. Voltei-me e fiquei olhando as chamas. Foda-se ela!, pensei. Ela mereceu isso... por fazer ameaças a mim. Será que achava que eu a deixaria sair assim? Continuei olhando para as chamas até que ouvi o som de cascalho na entrada da casa. Corri até a janela e vi a traseira da Range Rover preta dela disparando na direção do portão frontal.

Bom!, pensei. Assim que se espalhasse a notícia de que a Duquesa e eu tínhamos nos separado, haveria mulheres fazendo fila na porta... *fazendo fila!* Aí então iríamos ver quem mandava!

AGORA QUE A Duquesa estava longe, era hora de colocar um sorriso no rosto e mostrar às crianças como a vida podia ser maravilhosa sem a Mamãe. Não haveria intervalos de descanso

para Chandler; pudim de chocolate para Carter sempre que tivesse vontade. Eu os levei para o balanço no quintal e brincamos juntos – e Gwynne, Rocco Dia, Erica, Maria, Ignácio e mais alguns membros do zoológico supervisionavam a ação.

Divertimo-nos pelo que pareceu ser muito tempo... uma eternidade, na verdade, e rimos, regozijando-nos sem fim, olhando para a abóbada azul do céu e sentindo o frescor das flores primaveris. Ter filhos era demais!

Ah, a eternidade acabou durando apenas três minutos e meio, quando então perdi o interesse pelos meus dois filhos perfeitos e falei para Gwynne: "Assuma, Gwynne. Tenho uma papelada para analisar".

Um minuto depois, estava de volta ao meu escritório, com uma nova pirâmide de cocaína diante de mim. Como uma homenagem à fascinação de Chandler por colocar todas as bonecas em fila e cuidar delas, coloquei todas as minhas drogas em fila e cuidei delas também. Havia 22, a maior parte em frascos, mas algumas em saquinhos plásticos. Quantos homens podiam tomar todas essas drogas e não ter uma overdose? Nenhum! Apenas o Lobo conseguia! O Lobo, que adquirira toda essa resistência após anos de mistura e balanceamento cuidadosos, passando pelo complicado processo de tentativa e erro até que conseguisse fazer *certinho*.

A MANHÃ SEGUINTE FOI uma guerra.

Às oito, Cabana estava em minha sala de estar, enchendo-me o saco. Na verdade, ele devia ser mais esperto e não vir até minha casa para tentar explicar as leis mobiliárias americanas... analisando-as apenas superficialmente. Porra, eu posso ter sido deficiente em muitas áreas da vida, mas a legislação mobiliária americana não era uma delas. Na verdade, mesmo após três meses basicamente sem dormir – e mesmo depois das últimas 72 horas de total insanidade, tempo em que consumi 42 gramas de cocaína, 60 Ludes, 30 Xanax, 15 Valium, 10 Klonopin, 270 miligramas de morfina, 90 miligramas de Ambien e Paxil, Prozac, Percocet, Pamelor, GHB e Deus sabe quanto álcool –, eu ainda sabia mais sobre burlar as leis mobiliárias americanas do que quase todas as outras pessoas do planeta.

Cabana falou: "O problema maior é que Steve nunca assinou um poder sobre ações, então não podemos apenas mandar um certificado de ações para o agente de transferência e passá-lo para o seu nome".

Naquele instante, apesar de minha mente estar grogue, ainda fiquei chocado sobre quão amador era meu amigo. Era um problema tão simples que senti vontade de cuspir fogo sobre ele. Respirei fundo e falei: "Deixe-me dizer-lhe uma coisa, seu cuzão. Eu te amo como uma merda de um irmão, mas irei arrancar as porras dos seus olhos na próxima vez que me disser o que não posso fazer com este contrato de caução. Você vem até a porra da minha casa para pegar 250 mil dólares emprestados e fica preocupado com umas porcarias de poderes sobre ações? Porra, Andy, caralho! Só precisamos de poderes sobre ações se quisermos vender as merdas das ações, mas não se quisermos comprá-las! Você não entende isso? Essa é uma guerra de resistência, uma guerra de *possessão*, e, assim que tivermos a posse das ações, teremos o poder".

Suavizei meu tom. "Ouça-me: tudo que você precisa fazer é executar a penhora na nota para o contrato de caução e então terá uma obrigação legal de vender as ações a fim de pagar a nota. Depois você vem e vende as ações para mim a 4 dólares cada, e eu te assino um cheque, de 4,8 milhões de dólares, que cobre o preço de aquisição das ações. Então você assina um cheque de

volta para mim com os mesmos 4,8 milhões de dólares, para liquidar a nota, e acabou! Você não entende? É tão simples."

Ele aquiesceu, fraco.

"Ouça", falei, calmo, "possessão é 90% da lei. Eu te assino um cheque já e oficialmente temos controle sobre as ações. Então registramos um 13D hoje à tarde e fazemos um anúncio público de que pretendo continuar comprando mais ações e começar uma disputa por procurações de voto. Isso causará tanto tumulto que forçará Steve a abrir o jogo. E a cada semana continuarei a comprar mais ações e continuaremos a registrar 13Ds atualizados. Estará no *The Wall Street Journal* toda semana... deixando Steve louco!"

Quinze minutos depois, Cabana saiu de minha casa, 250 mil dólares mais rico e levando um cheque de 4,8 milhões. Naquela tarde, chegaria à rede de notícias do Dow Jones a informação de que eu estava tentando tomar o comando da Sapatos Steve Madden. E, apesar de não ter nenhuma intenção de fazer isso, eu não tinha dúvidas de que isso deixaria Steve louco... e o obrigaria a me pagar o preço justo de mercado pelas ações. Quanto à minha obrigação pessoal, não estava preocupado. Havia planejado tudo e, como Steve e eu não tínhamos assinado nenhum contrato secreto até um ano após a subscrição, a questão de a Stratton emitir um falso prospecto era discutível. A obrigação era mais de Steve do que minha, porque, como presidente da empresa, era *ele* quem estava representado nos registros da Comissão. Eu podia alegar desconhecimento; dizer que pensei que os registros estavam sendo feitos corretamente. Não era a verdadeira negabilidade plausível, mas era negabilidade plausível de qualquer forma.

Assim, Cabana não estava mais na minha cola.

Subi para o banheiro real e comecei a cheirar novamente. Havia uma pilha de coca no gabinete de remédios e milhares de lâmpadas incandescentes brilhavam – refletindo-se nos espelhos e no chão de mármore cinza de 1 milhão de dólares. Enquanto isso, eu me sentia horrível por dentro. Vazio. Oco. Sentia muita falta da Duquesa, terrivelmente, mas não havia como tê-la de volta agora. Afinal de contas, ceder a ela seria admitir derrota... admitir que eu tinha um problema e que precisava de ajuda.

Então, enfiei o nariz no monte e cheirei com ambas as narinas de uma vez. Depois engoli alguns Xanax e um punhado de Quaaludes. O segredo, contudo, não eram os Ludes e o Xanax. Era manter o efeito da coca nos estágios iniciais... naquele primeiro jorro de alegria, em que tudo parecia fazer sentido e em que os problemas ficavam bem distantes. Isso requeria um consumo constante – acho que duas carreiras grossas a cada quatro ou cinco minutos –, mas, se eu conseguisse ficar daquele jeito por mais ou menos uma semana, deveria apenas ficar aguardando a Duquesa e observá-la rastejar de volta para mim. Isso requeria um bom balanceamento de drogas, mas o Lobo estava disposto a encarar a tarefa...

... entretanto, se eu caísse no sono, ela viria roubar as crianças. Talvez eu devesse sair da cidade com elas, mantê-las longe de suas garras diabólicas, apesar de Carter ser ainda muito pequeno para viajar. Ele ainda usava fraldas e era muito dependente da Duquesa. Logicamente, isso mudaria em breve, principalmente quando estivesse pronto para ganhar o primeiro carro e eu lhe oferecesse uma Ferrari caso concordasse em esquecer a mãe.

Assim, fazia mais sentido sair da cidade apenas com Chandler e Gwynne. Afinal de contas, Chandler era uma companhia incrível, e nós poderíamos viajar juntos pelo mundo, como pai e filha. Vestiríamos as melhores roupas e viveríamos uma vida despreocupada, enquanto os outros

ficariam nos admirando. Então, depois de alguns anos, eu voltaria para Carter.

Cerca de 30 minutos depois, eu estava de volta à sala de estar – fazendo negócios com Dave Davidson, o Unipiscador. Ele estava reclamando sobre negociar a partir do lado mais fraco, que ele estava perdendo dinheiro enquanto as ações subiam. Porém, eu não dava a mínima; apenas queria ver a Duquesa, fazer com que soubesse de meu plano de viajar pelo mundo com Chandler.

De repente, ouvi a porta abrindo-se. Alguns segundos depois, vi a Duquesa passar pela sala de estar e entrar no quarto de brincar das crianças. Eu estava discutindo estratégias de negócios com o Unipiscador quando ela saiu andando, segurando Chandler. As palavras saíam de minha boca espontaneamente, como se fosse uma gravação... e ouvi os passos delicados da Duquesa dirigindo-se para o porão, para o showroom de maternidade. Ela nem se deu conta de que eu estava lá, pelo amor de Deus! Ela estava me ridicularizando, me desrespeitando, *me enfurecendo pra caralho!* Senti meu coração batendo forte.

"... assim, esteja por perto para o próximo negócio", continuei, enquanto minha mente vagava ferozmente. "O segredo, David, é você... com licença um segundo." Ergui o indicador. "Preciso descer e conversar com minha esposa."

Desci tropeçando a escada em espiral. A Duquesa estava sentada à sua mesa, abrindo a correspondência. *Abrindo a correspondência? Que audácia a dela!* Chandler estava deitada no chão ao lado dela... com um giz de cera na mão, desenhando num livro de colorir. Falei para minha esposa, num tom embebido de veneno: "Vou para a Flórida".

Ela ergueu a cabeça. "E daí? Por que deveria me importar?"

Respirei fundo. "Não me importo se você se importa ou não, mas vou levar Chandler comigo."

Ela deu um sorriso forçado. "Acho que não."

Minha pressão arterial chegou a níveis altíssimos. "Você acha que não? Bem, vá se foder!" Abaixei-me, peguei Chandler e comecei a correr na direção da escada. No mesmo instante, a Duquesa pulou da cadeira e começou a me perseguir, gritando: "Vou te matar, seu filho da puta! Coloque-a no chão! Coloque-a no chão!".

Chandler começou a gemer e chorar histericamente, e eu gritei para a Duquesa: "Vá se foder, Nadine!" Cheguei correndo à escada. A Duquesa deu um pulo e me agarrou pela coxa, tentando desesperadamente evitar que eu subisse.

"Pare!", gritou. "Por favor, pare! É sua filha! Coloque-a no chão!" E ela continuou subindo pela minha perna, tentando chegar ao meu torso. Olhei para a Duquesa, e naquele instante queria vê-la morta. Em todos os anos em que estivemos casados nunca ergui a mão para ela... até agora. Coloquei a sola do meu tênis firmemente na barriga dela e, com um impulso poderoso, empurrei-a... e de repente assisti à minha esposa voando pela escada e caindo sobre o seu lado direito com um baque tremendo.

Parei, atônito, confuso, como se tivesse acabado de testemunhar um ato terrível cometido por duas pessoas insanas, nenhuma das quais eu conhecia. Alguns segundos depois, Nadine rolou sobre os quadris, segurando sua lateral com ambas as mãos, contraindo-se de dor, como se tivesse quebrado uma costela. Mas então seu rosto enrijeceu-se novamente, ela ficou de quatro e tentou subir pela escada, dessa vez engatinhando, ainda na tentativa de evitar que eu levasse sua filha.

Virei-me e subi correndo a escada, segurando Chandler próxima ao meu peito e dizendo: "Está

tudo bem, querida! Papai te ama e vai te levar para um passeio rápido! Vai ficar tudo bem". Quando cheguei ao topo da escada, saí em disparada, e Chandler continuava a chorar incontrolavelmente. Eu a ignorei. Logo nós dois estaríamos sozinhos, e tudo ficaria bem. Enquanto corria para a garagem, sabia que um dia Chandler entenderia tudo; ela entenderia por que sua mãe teve de ser neutralizada. Talvez, quando Chandler fosse muito mais velha, depois que sua mãe tivesse aprendido uma lição, elas poderiam se reunir e ter algum tipo de relacionamento. Talvez.

Havia quatro carros na garagem. A Mercedes conversível de duas portas era o mais próximo, por isso abri a porta do passageiro, coloquei Chandler no assento e bati a porta. Quando dei a volta no carro, vi uma das criadas, Marissa, observando horrorizada. Pulei para dentro do carro e dei a partida.

Então a Duquesa estava se jogando contra o lado do passageiro do carro, esmurrando a janela e gritando. Imediatamente bati no botão de trava automática. Em seguida, vi o portão da garagem sendo fechado. Olhei para a direita e vi o dedo de Marissa sobre o botão. *Caralho!*, pensei... dei partida no carro, pisei no acelerador e atravessei a porta da garagem, estilhaçando-a. Continuei dirigindo a toda velocidade – batendo com tudo num pilar de calcário de 2 metros de altura no fim da entrada de minha casa. Olhei para Chandler. Ela não estava usando cinto de segurança, mas não parecia machucada, graças a Deus. Ela estava berrando, chorando histericamente.

De repente, alguns pensamentos muito perturbadores começaram a surgir em meu cérebro, começando com: Que merda eu estava fazendo? Que diabos estava acontecendo? O que minha filha estava fazendo no banco da frente do meu carro sem um cinto de segurança? Nada fazia sentido. Abri a porta do motorista, saí e fiquei parado ali, em pé. Um segundo depois, um dos guarda-costas veio correndo até o carro, agarrou Chandler e correu para dentro de casa com ela. Isso pareceu uma boa ideia. Então a Duquesa veio até mim e falou-me que tudo ficaria bem e que eu precisava me acalmar. Ela disse que ainda me amava. Colocou os braços ao meu redor e me abraçou.

E ficamos lá. Por quanto tempo, eu nunca saberia dizer, mas logo escutei o barulho de uma sirene, e então vi luzes brilhando. E em seguida eu estava algemado, sentado no banco de trás de uma viatura, deitando o pescoço a fim de tentar olhar a Duquesa pela última vez antes que me levassem para a cadeia.

EU PASSARIA O resto do dia sendo transferido de uma cela de prisão para outra, a começar pela cela na delegacia de Old Brookville. Duas horas depois, algemaram-me novamente e me levaram até outra delegacia, onde fui conduzido para outra cela, só que maior e cheia de gente. Não falei com ninguém, e ninguém falou comigo. Havia muitos gritos, berros e confusão, e o lugar estava muito frio. Fiz uma anotação mental para vestir algo quente caso o agente Coleman surgisse em minha porta com um mandado de prisão. Então escutei meu nome sendo chamado, e alguns minutos depois estava no banco de trás de outra viatura de polícia... a caminho da cidade de Mineola, onde o tribunal estadual ficava.

Acabei numa sala de tribunal, em frente a uma juíza... *Ah, merda! Agora eu estava fodido!* Virei-me para o meu advogado ligeiro, Joe Fahmegghetti, e falei: "Estamos fodidos, Joe! Esta mulher vai me dar pena de morte!".

Joe sorriu para mim e colocou o braço em meu ombro. “Relaxe”, disse, “vou tirar você daqui em dez minutos. Apenas não diga nada até que eu mande.”

Após alguns minutos de blá-blá-blá, Joe inclinou-se e sussurrou em meu ouvido: “Diga inocente”, ao que sorri e falei: “Inocente”.

Dez minutos depois, eu estava livre, saindo do tribunal com Joe Fahmegghetti ao meu lado. Minha limusine me aguardava na calçada em frente ao tribunal. George estava no volante e Rocco Noite, no banco do passageiro. Ambos saíram do carro e notei que Rocco estava carregando minha valiosa bolsa LV. George abriu a porta da limusine sem dizer uma palavra, enquanto Rocco rodeava o carro. Ele me entregou a bolsa e falou: “Todas as suas coisas estão aqui, sr. B, mais 50 mil dólares em dinheiro”.

Meu advogado rapidamente completou: “Há um Learjet aguardando-o no Aeroporto Republic. George e Rocco o levarão até lá”.

De repente, fiquei confuso. Era a Duquesa tramando contra mim! Não havia dúvidas quanto a isso! “Que caralho vocês estão falando?”, resmunguei. “Aonde estão me levando?”

“Para a Flórida”, respondeu meu advogado ligeiro. “David Davidson está aguardando-o no Republic neste exato momento. Ele voará com você a fim de que tenha companhia. Dave Beall estará em Boca quando você pousar.” Meu advogado suspirou. “Ouça, meu amigo, você precisa ficar longe por alguns dias até que possamos resolver as coisas com a sua esposa. Caso contrário, você acabará na cadeia novamente.”

Rocco completou: “Falei com Bo, e ele me disse para permanecer aqui e ficar de olho na sra. B. O senhor não pode ir para casa, sr. B. Ela tem uma ordem de proteção contra o senhor; o senhor será preso se for para casa”.

Respirei fundo e tentei descobrir em quem eu podia confiar... Meu advogado, sim... Rocco, sim... Dave Beall, sim... a Duquesa suja... *NÃO!* Então, qual o sentido de ir para casa? Ela me odiava e eu a odiava, e eu ia acabar matando-a se a visse, e isso traria um obstáculo sério a meus planos de viagem com Chandler e Carter. Portanto, sim, talvez alguns dias sob o sol poderiam ser de alguma valia.

Olhei para Rocco e franzi o cenho. “Está *tudo* aqui?”, perguntei de maneira acusativa. “Todos os meus remédios?”

“Peguei tudo”, disse Rocco com cara de enfado. “Todas as coisas de suas gavetas e da escrivaninha, mais a grana que a sra. Belfort deu. Está tudo aí.”

Justo, pensei, 50 mil dólares deveriam durar alguns dias. E as drogas... bem, devia haver drogas na mala em quantidade suficiente para deixar toda a população de Cuba chapada pelo resto de abril.

CAPÍTULO 37

CADA VEZMAIS DOENTE

Era insanidade pura! Estávamos viajando a 39 mil pés e havia tantas moléculas de cocaína flutuando no ar recirculado que, quando levantei para ir ao banheiro, notei que os dois pilotos usavam máscaras de gás. Bom. Eles pareciam ser gente bem decente, e eu odiaria vê-los reprovados num teste de drogas por minha culpa.

Estava com pressa. Eu era um fugitivo! Precisava continuar me movendo, a fim de me *manter*. Descansar significava a morte. Permitir que minha cabeça abaixasse, permitir-me cair, permitir que meus pensamentos focassem no que acabara de acontecer... isso seria morte certa!

Mas... por que tudo isso acontecera? Por que eu chutara a Duquesa na escada? Ela era minha esposa. Eu a amava mais do que tudo. E por que eu jogara minha filha no banco do passageiro da minha Mercedes e atravessara uma porta de garagem sem ao menos colocar o cinto de segurança nela? Ela era o meu bem mais valioso do mundo. Será que ela se lembraria da cena na escada pelo resto da vida? Será que sempre visualizaria a mãe rastejando pela escada, tentando salvar a filha do... do... do quê? Do maníaco drogado?

Em algum lugar sobre a Carolina do Norte, eu admitira para mim que era realmente um maníaco drogado. Por um breve instante, eu passara do limite. Mas agora estava de volta, mais uma vez são. Estaria mesmo são?

Eu precisava continuar a cheirar. E precisava continuar a tomar, sem parar, Ludes, Xanax e montes de Valium. Precisava evitar a paranoia. Precisava manter o barato acima de tudo; *descansar significava morte... descansar significava morte*.

Vinte minutos depois surgiu o sinal para apertar o cinto, servindo como uma lembrança de que era hora de parar de cheirar, hora de tomar Ludes e Xanax... a fim de garantir que pousaríamos num estado perfeito de intoxicação.

COMO MEU ADVOGADO prometera, Dave Beall me aguardava na pista de decolagem com uma limusine Lincoln preta. Obra de Janet, imaginei, já me arrumando transporte.

Em pé, lá, com os braços cruzados, Dave parecia maior que uma montanha. “Está pronto para curtir?”, perguntei com alegria. “Preciso encontrar minha próxima ex-esposa.”

“Vamos para a minha casa, relaxar”, respondeu a Montanha. “Laurie foi para Nova York ficar com Nadine. Temos a casa toda para nós. Você precisa dormir um pouco.”

Dormir? Não, não, não!, pensei. “Tenho todo o tempo para dormir quando estiver morto, seu bobão. De que lado você está, hein? Do meu ou do dela?” Dei-lhe um cruzado que bateu bem no bíceps direito.

Ele deu de ombros, aparentemente não sentindo a força do meu golpe. “Estou do seu lado”, falou com gentileza. “Estou sempre do seu lado, mas não acho que haja uma guerra. Vocês dois vão se ajeitar. Dê alguns dias para ela se acalmar; é só disso que as mulheres precisam.”

Cerrei os dentes e balancei a cabeça ameaçadoramente, como se dissesse: “Nunca! Nem daqui a um milhão de anos, caralho!”.

Ah, a verdade era um pouco diferente. Queria minha Duquesa de volta; na verdade, estava desesperado para tê-la de volta. Mas não podia deixar que Dave soubesse disso; ele podia soltar alguma coisa, contar para Laurie, que iria então falar algo para a Duquesa. Então a Duquesa saberia que eu estava sofrendo sem ela, e isso lhe daria alguma vantagem.

"Espero que ela caia morta", murmurei. "Quer dizer, depois do que ela fez para mim, Dave. Não a receberia de volta nem que fosse a última boceta do mundo. Agora, vamos para o Solid Gold pegar algumas strippers para nos chupar!"

"Você é quem manda", disse Dave. "Minhas ordens são para apenas garantir que você não se mate."

"É mesmo?", resmunguei. "Quem te deu essas porras de ordens?"

"Todo mundo", disse meu grande amigo, balançando a cabeça, sério.

"Bem, então que se *fodam* todos!", bradei, dirigindo-me para a limusine. "Fodam-se todos!"

SOLID GOLD... QUE lugar! Uma baderna de jovens strippers, pelo menos duas dúzias delas. Enquanto seguíamos para o espaço central, pude dar uma olhada melhor naquelas jovens beldades e cheguei à triste conclusão de que a maioria delas fora espancada na cabeça com um pau enorme.

Virei-me para Montanha e Unipiscador e falei: "Há muitos insetos aqui, mas, se olharmos com cuidado, aposto que vamos conseguir encontrar um diamante não lapidado". Mexi a cabeça para lá e para cá. "Vamos andar um pouco."

A parte de trás do clube era uma seção VIP. Um enorme segurança negro estava em frente a alguns degraus, protegidos por uma corda de veludo vermelho. Fui na direção dele. "Como tá?", falei, calorosamente.

O segurança olhou para mim como se eu fosse um inseto chato que precisasse ser esmagado. Ele precisava melhorar sua atitude, pensei; então, coloquei a mão na minha meia direita, puxei um maço de 10 mil dólares em notas de cem, cortei na metade e entreguei para ele.

Tendo corrigido a atitude dele agora, falei: "Você pode me trazer as cinco melhores garotas deste lugar, e então limpar a seção VIP para mim e meus amigos?".

Ele sorriu.

Cinco minutos depois, dispúnhamos da seção VIP só para nós. Havia quatro strippers razoáveis à nossa frente, vestidas como vieram para o mundo e de salto alto. Tinham uma aparência decente, mas nenhuma delas era para casar. Eu precisava de uma verdadeira beldade, uma com a qual pudesse desfilar em Long Island para mostrar para a Duquesa de uma vez por todas quem mandava.

De repente, o segurança abriu a corda de veludo, e uma adolescente pelada subiu os degraus, sobre sapatos deslumbrantes de couro branco legítimo. Ela sentou-se ao meu lado no braço da poltrona, cruzou suas pernas nuas com total indiferença, então se inclinou e me deu uma bitoca na bochecha. Ela cheirava a uma mistura de perfume Angel e uma minúscula gota de seu próprio aroma almiscarado da dança. Era deslumbrante. Não podia ter mais de 18 anos. Apresentava um cabelo castanho-claro lindo, olhos verde-esmeralda, narizinho em forma de botão e um queixo delicado. Seu corpo era incrível... 1,67 metro, um par de peitos siliconados grandinhos, uma curva delicada na barriga e pernas que disputavam com as da Duquesa. Sua pele era cor de oliva e não tinha uma única mancha.

Trocamos sorrisos, e seus dentes eram perfeitos e brancos. Numa voz alta o suficiente para atravessar a música de striptease, perguntei: “Qual é seu nome?”.

Ela se inclinou para mim até que seus lábios quase tocassem minha orelha direita, e respondeu: “Blaze”.

Recuei e olhei para ela com a cabeça jogada para o lado. “Que porra de nome é esse? Blaze? A sua mãe sabia que você seria uma stripper desde quando nasceu?”

Ela mostrou a língua para mim, e eu mostrei a língua para ela. “Meu nome verdadeiro é Jennifer”, falou. “Blaze é meu nome artístico.”

“Bem”, eu disse, “é um prazer conhecê-la, Blaze.”

“Auuuu”, falou, esfregando sua bochecha na minha. “Você é uma gracinha!”

Inha? Ora... sua... *putinha em roupas de stripper! Devia te dar um soco!* Respirei fundo e perguntei: “O que você quer dizer com isso?”.

Isso pareceu confundi-la. “Quero dizer que você é... uma gracinha... e você tem olhos bonitos... e você é jovem!” E me ofereceu seu sorriso de stripper.

Ela tinha uma voz muito doce. Entretanto, será que Gwynne a aprovaria? Na verdade, era muito cedo ainda para saber se essa seria uma mãe adequada para as crianças.

“Você gosta de Quaaludes?”, perguntei.

Ela encolheu seus ombros nus. “Nunca experimentei. Qual a sensação que eles dão?”

Hmmmm... uma novata, pensei. Sem paciência alguma para introduzi-la. “E coca? Já experimentou?”

Ela ergueu as sobrancelhas. “Sim, eu amo coca! Você tem?”

Aquiesci avidamente. “Sim, muita!”

“Bem, então, me siga”, disse ela, agarrando minha mão. “E não me chame mais de Blaze, está bem? Meu nome é Jennie.”

Sorri para minha futura esposa. “Está bem, Jennie. A propósito, você gosta de crianças?”, cruzei os dedos.

Ela sorriu de orelha a orelha. “Sim, adoro crianças. Quero ter um monte um dia. Por quê?”

“Por nada”, respondi para minha futura esposa. “Estava apenas querendo saber.”

AHHH, JENNIE! MEU antídoto para a traiçoeira Duquesa! Quem precisava voltar para Old Brookville agora? Eu podia apenas transferir Chandler e Carter aqui para a Flórida. Gwynne e Janet viriam também. A Duquesa teria direitos de visita, uma vez por ano, sob supervisão legal. Isso seria justo.

Jennie e eu passamos as quatro horas seguintes no escritório do gerente, cheirando cocaína, enquanto ela me fazia danças de colo particulares e boquetes de primeira, apesar de eu ainda não ter sido capaz de atingir uma ereção. Estava convencido agora, contudo, de que ela seria uma mãe adequada para meus filhos, assim disse para o topo da cabeça de Jennie: “Espere aí, Jennie. Pare de chupar por um instante”.

Ela colocou o pescoço de lado e me ofereceu seu sorriso de stripper. “Qual o problema, querido?”

Balancei a cabeça. “Não há nada de errado. Na verdade, está tudo certo. Quero apresentar você para minha mãe. Espere um segundo.” Puxei meu celular e telefonei para a casa de meus pais em Bayside, que manteve o mesmo número por 35 anos.

Em seguida surgiu a voz preocupada de minha mãe, ao que respondi: “Não, não, não lhe dê ouvidos. Está tudo bem... Uma ordem restritiva? E daí, caralho? Tenho duas casas; ela pode ficar com uma e eu fico com a outra... As crianças? Elas vão morar comigo, é lógico. Quero dizer, quem poderia criá-las melhor do que eu? De qualquer forma, não foi por isso que liguei, mãe; liguei para lhe contar que vou me divorciar de Nadine... Por quê? Porque ela é uma puta traiçoeira, só por isso! Além do mais, já conheci outra pessoa, e ela é bem legal”. Olhei para Jennie, que estava praticamente brilhando, e pisquei para ela. Então falei ao telefone: “Ouça, mãe, quero que você converse com minha futura esposa. Ela é realmente doce e bonita e... Onde eu estou? Estou num clube de strip em Miami... Por quê?... Não, ela não é uma stripper, pelo menos não mais. Ela está saindo dessa agora. Estou apagando esse passado negro dela”. Pisquei para Jennie novamente. “O nome dela é Jennie, mas você pode chamá-la de Blaze se quiser. Ela não se ofenderá com isso; ela é uma garota bem fácil de lidar. Espere um pouco... aqui está ela.”

Passei o celular para Jennie. “O nome da minha mãe é Leah, e ela é bem legal. Todo mundo a ama.”

Jennie deu de ombros e pegou o telefone. “Alô, Leah? É Jennie. Como está?... Ah, estou bem, obrigada por perguntar... Sim, ele está bem... Ahã, sim, está bem, espere um segundo.” Jennie colocou a mão sobre o bocal e falou: “Ela diz que quer falar com você novamente”.

Inacreditável!, pensei. Foi muito rude por parte da minha mãe dispensar minha futura esposa dessa forma! Peguei o telefone e desliguei na cara dela. Então sorri de orelha a orelha, deitei-me no sofá e apontei para a minha virilha.

Jennie aquiesceu avidamente, inclinou-se sobre mim e começou a chupar... e a agarrar... e a arranhar... e a puxar... e então a chupar mais um pouco... Ainda assim, de jeito nenhum eu conseguia fazer o sangue fluir. Mas a jovem Jennie era uma guerreira, uma adolescentezinha determinada, disposta a não desistir sem tentar de tudo. Quinze minutos depois, ela finalmente encontrou aquele lugarzinho especial, e só me lembro de ficar duro como pedra... fodendo-a sem perdão num sofá de tecido branco barato e dizendo-lhe que a amava. Ela disse que me amava também, ao que ambos sorrimos. Era um momento feliz para nós, e nos maravilhávamos sobre como nossas almas perdidas puderam se apaixonar tanto tão rapidamente... mesmo sob tais circunstâncias.

Era impressionante. Sim, naquele instante – pouco antes de eu gozar –, Jennie era tudo para mim. E aí, no instante seguinte, eu desejava que ela virasse fumaça. Uma depressão terrível apossou-se de mim como uma onda de 30 metros. Meu coração foi para o fundo do estômago. Eu visivelmente me afundei. Estava pensando na Duquesa... sentia falta dela.

Precisava desesperadamente falar com ela. Precisava que ela me dissesse que ainda me amava e que ainda era minha. Sorri com tristeza para Jennie e disse-lhe que precisava falar com Dave por um instante e que voltaria logo. Saí para o clube, encontrei Dave e disse-lhe que, se não saíssemos daquele lugar naquele mesmo segundo, eu me suicidaria, o que traria um monte de problemas para ele, já que era o responsável por me manter vivo até que as coisas se ajeitassem um pouco. Assim, saímos, sem nos despedirmos de Jennie.

DAVE E EU estávamos no banco de trás da limusine, a caminho da casa dele em Broken Sound, um condomínio fechado em Boca Raton. O Unipiscador havia se apaixonado por uma stripper e ficado para trás – e eu estava considerando a ideia de cortar meus pulsos. Eu me sentia destruído;

o efeito da cocaína estava passando, e eu estava caindo de um precipício emocional. Precisava falar com a Duquesa. Apenas ela poderia me ajudar.

Eram duas da manhã. Agarrei o celular de Dave e disquei o número de minha casa. Uma voz feminina atendeu, mas não era a da Duquesa.

"Quem está falando?", bradei.

"É Donna."

Ah, merda! Donna Schlesinger era o tipo de cadela traiçoeira que aceitaria esta bosta. Era uma amiga de infância de Nadine e tivera inveja dela desde que ficara velha o suficiente para entender o conceito das coisas. Respirei fundo e disse: "Deixe-me falar com minha esposa, Donna".

"Ela não quer falar com você neste momento."

Isso me enfureceu. "Apenas coloque-a na porra do telefone, Donna."

"Eu te disse", repreendeu Donna, "ela não quer falar com você."

"Donna", disse, calmamente, "não estou brincando. Estou avisando que, se não colocá-la no telefone já, vou pegar uma merda de um avião de volta para Nova York e enfiar uma faca bem no meio do seu coração, caralho. E, então, quando tiver terminado com você, vou atrás do seu marido, apenas por questão de princípio." E aí berrei: "Coloque-a no telefone já, caralho!".

"Espere um instante", respondeu Donna, bastante nervosa.

Mexi o pescoço, tentando me acalmar. Então olhei para Dave e comentei: "Você sabe que não falei sério. Estava apenas tentando argumentar".

Ele aquiesceu e falou: "Odeio Donna tanto quanto você, mas acho que você deve deixar Nadine em paz por alguns dias. Apenas se afaste um pouco. Conversei com Laurie, e ela disse que Nadine está bastante abalada".

"Que mais Laurie falou?"

"Ela disse que Nadine não te aceitará de volta a não ser que você passe por uma clínica de reabilitação."

De repente, pelo celular: "Oi, Jordan, é Ophelia. Você está bem?".

Respirei fundo. Ophelia era uma boa garota, mas não era confiável. Ela era a amiga mais antiga da Duquesa, e queria o melhor para nós... mas, ainda assim... a Duquesa fizera sua cabeça... manipulara-a... virara-a contra mim. Ophelia podia ser uma inimiga. Contudo, ao contrário de Donna, ela não era maldosa, por isso achei sua voz de alguma forma calmante. "Estou bem, Ophelia. Você poderia por favor colocar Nadine no telefone?"

Escutei seu suspiro. "Ela não virá ao telefone, Jordan. Ela não falará com você a não ser que passe por uma clínica de reabilitação."

"Não preciso de reabilitação", falei, com sinceridade. "Apenas preciso diminuir um pouco a velocidade. Diga-lhe que irei fazer isso."

"Direi a ela", falou Ophelia, "mas não acho que irá ajudar. Ouça, sinto muito, mas preciso ir." E, assim, ela desligou o telefone na minha cara.

Fiquei ainda mais arrasado. Respirei fundo e deixei minha cabeça cair, derrotado. "Inacreditável", murmurei entre a respiração.

Dave colocou o braço em meu ombro. "Você está bem, amigo?"

"Sim", menti, "estou bem. Não quero conversar agora. Preciso apenas pensar um pouco."

Dave aquiesceu, e passamos o resto da viagem em silêncio.

Cerca de 15 minutos depois, eu estava na sala de estar de Dave, sentindo-me desesperado e arrasado. A insanidade parecia ainda pior agora; estava mais arrasado do que nunca. Dave estava ao meu lado no sofá, sem dizer nada. Apenas observava e aguardava. À minha frente, havia uma pilha de cocaína. Minhas pílulas estavam sobre o balcão da cozinha. Tentei ligar para casa uma dezena de vezes, mas Rocco começara a atender ao telefone. Aparentemente ele se virara contra mim também. Eu o despediria assim que tudo fosse resolvido.

Falei para Dave: "Ligue para o celular de Laurie. É a única forma de eu conseguir chegar a ela".

Dave concordou, cansado, e começou a discar o número de Laurie no telefone sem fio. Trinta segundos depois, ela estava comigo no telefone, e chorava. "Ouça", falou, aspirando as lágrimas, "você sabe quanto Dave e eu amamos você, Jordan, mas, por favor, estou lhe implorando, você precisa ir para uma clínica de reabilitação. Você precisa buscar ajuda. Você está prestes a morrer. Não percebe? Você é um homem brilhante e está se destruindo. Se não quer fazer por si mesmo, faça-o por Channy e Carter. Por favor!"

Respirei fundo, levantei-me do sofá e comecei a andar na direção da cozinha. Dave seguiu-me alguns passos atrás. "Nadine ainda me ama?", perguntei.

"Sim", respondeu Laurie, "ela ainda te ama, mas não ficará mais com você, a não ser que vá para uma clínica de reabilitação."

Respirei fundo novamente. "Se ela me ama, virá me atender."

"Não", falou Laurie, "se ela te ama, ela *não* virá te atender. Vocês estão juntos nisso; ambos estão cansados dessa doença. Ela pode até estar mais doente do que você por permitir que isso durasse tanto tempo. Você precisa passar por uma reabilitação, Jordan, e ela precisa buscar ajuda também."

Não conseguia acreditar nisso. Até Laurie virara-se contra mim! Nunca teria imaginado isso... nem em um milhão de anos. Bem, *foda-se ela!* E foda-se a Duquesa! E foda-se todo mundo na terra! Quem se importava? Eu já chegara ao topo, não? Tinha 34 anos e já vivera dez vidas. Qual o sentido agora? Havia algo a fazer além de cair? O que era melhor: morrer uma morte lenta e dolorosa ou cair numa chama de glória?

De repente vi o frasco de morfina. Havia pelo menos cem pílulas, com 15 miligramas cada. Eram pílulas pequenas, metade do tamanho de uma ervilha, e apresentavam um brilho roxo incrível. Tomara dez hoje, quantidade suficiente para colocar a maioria dos homens num coma irreversível; para mim, não era nada.

Com grande tristeza na voz, falei para Laurie: "Diga a Nadine que sinto muito e que dê um beijo de despedida nas crianças". A última coisa que ouvi antes de desligar foi Laurie gritando: "Jordan, não! Não desligue...".

Com um movimento ágil, agarrei o frasco de morfina, tirei a tampa e joguei todo o seu conteúdo na palma da mão. Havia tantas pílulas que metade delas caiu no chão. Ainda assim, havia pelo menos 50, erguendo-se em minha mão como uma pirâmide. Parecia bonita... uma pirâmide roxa. Joguei-as na boca e comecei a mastigá-las. Então o inferno começou.

Vi Dave correndo na minha direção, então disparei para o outro lado da cozinha e peguei uma garrafa de Jack Daniel's, mas, antes que conseguisse colocar os lábios na garrafa, ele estava sobre mim... arrancando a garrafa da minha mão e dando-me um abraço de urso. O telefone começou a tocar. Ele o ignorou e levou-me ao chão, então enfiou seus dedos enormes em minha

boca e tentou tirar as pílulas. Mordi-lhe os dedos, mas ele era tão forte que me sobrepujou. Ele gritava: “Cuspa-as! Cuspa-as!”.

“Vai se foder!”, berrei. “Deixe-me levantar ou vou te matar, caralho, seu filho da puta!”

E o telefone continuou a tocar, e Dave continuava a gritar: “Cuspa as pílulas! Cuspa-as!”, e eu seguia mastigando e tentando engolir mais pílulas, até que, finalmente, ele agarrou minhas bochechas com a mão direita e apertou com uma força tremenda.

“Ai, caralho!”, cuspi as pílulas. Elas tinham gosto de veneno... incrivelmente amargas... e eu já havia engolido tantas que realmente não me importava. Era apenas questão de tempo agora.

Segurando-me com uma mão, ele pegou o telefone sem fio, discou 192 e deu seu endereço à emergência, de maneira frenética. Então jogou o telefone e tentou arrancar mais pílulas da minha boca. Eu o mordi novamente.

“Tira as porras das patas da minha boca, seu tosco do caralho! Nunca irei te perdoar. Você está do lado *delas*.”

“Acalme-se”, falou, pegando-me como um monte de lenha e carregando-me para o sofá.

E lá me deitei, amaldiçoando-o sem parar por dois minutos, até que comecei a perder interesse. Estava ficando cansado... muito quente... muito nebuloso. Era, na verdade, uma sensação bem agradável. Então o telefone tocou. Dave atendeu... era Laurie. Tentei escutar a conversa, mas apaguei rapidamente. Dave apertou o telefone em minha orelha e falou: “Aqui, amigo, é sua esposa. Ela quer falar com você. Ela quer dizer que ainda te ama”.

“Nae?”, perguntei, meio sonolento.

A adorável Duquesa: “Ei, querido, espere por mim aí! Ainda te amo. Tudo ficará bem. As crianças te amam, e eu te amo também. Tudo vai ficar bem. Não durma agora, comigo no telefone”.

Comecei a chorar. “Me perdoa, Nae. Não quis fazer aquilo a você. Não sabia o que estava fazendo. Não posso viver sozinho... sinto... muito.” Soluçava incontrolavelmente.

“Não tem problema”, falou minha esposa. “Eu ainda te amo. Apenas fique comigo. Tudo vai acabar bem.”

“Sempre te amei, Nae, desde o primeiro dia em que te vi.”

Então tive uma overdose.

ACORDEI COM A sensação mais horrenda imaginável. Lembro-me de gritar: “Não! Tire essa coisa da minha boca, seu cuzão!”, mas sem saber exatamente por quê.

Descobri um segundo depois. Estava amarrado a uma mesa de exames numa sala de emergência, cercado por uma equipe de cinco médicos e enfermeiras. A mesa estava posicionada para cima, perpendicular ao chão. Não apenas meus braços e pernas estavam amarrados, mas havia também dois cintos de vinil grossos fixando-me à mesa, um em meu torso e outro em minhas coxas. Um médico à minha frente, com uniforme de hospital verde, segurava um tubo preto, comprido e grosso na mão, do tipo que se espera encontrar num radiador de carro.

“Jordan”, falou com firmeza, “você precisa cooperar e parar de tentar morder minha mão. Temos de lavar seu estômago.”

“Estou bem”, murmurei. “Nem engoli nada. Eu cuspi tudo. Estava apenas brincando.”

“Entendo”, disse ele, com paciência, “mas não posso me permitir correr esse risco. Demos-

lhe Narcan para compensar os narcóticos, então você está fora de perigo agora. Mas ouça-me, amigo. Sua pressão sanguínea está altíssima e seu batimento está instável. Que outras drogas você tomou além de morfina?"

Fiquei um tempo observando o médico. Ele parecia iraniano ou persa ou algo por aí. Seria confiável? Eu era judeu, o que me tornava seu inimigo eterno. Ou o juramento de Hipócrates transcendia isso tudo? Corri os olhos pela sala, e no canto vi algo bastante perturbador: dois policiais, de uniforme, com armas. Eles estavam encostados numa parede, observando. Hora de ficar calado, pensei.

"Nada", resmunguei. "Só morfina... e talvez um pouco de Xanax. Tenho as costas ruins. É o médico quem me dá essas coisas."

O médico sorriu com tristeza. "Estou aqui para ajudá-lo, Jordan, não para prendê-lo."

Fechei os olhos e me preparei para a tortura. Sim, eu sabia o que ia acontecer. Esse canalha persa-iraniano ia tentar enfiar aquele tubo em meu esôfago e fazê-lo descer até o meu estômago, onde todo o conteúdo seria aspirado. Então ele jogaria alguns quilos de carvão dentro do meu estômago para empurrar as drogas pelo meu tubo digestivo sem serem absorvidas. Foi um dos raros momentos de minha vida em que me arrependi por ler muito. E o último pensamento que tive antes de os cinco médicos e enfermeiras me atacarem e forçarem o tubo em minha garganta foi: *Deus, odeio estar certo o tempo todo!*

UMA HORA DEPOIS, meu estômago estava totalmente vazio, exceto pelo caminhão de lixo cheio de carvão que eles forçaram pela minha garganta. Eu ainda estava amarrado à mesa quando finalmente removeram o tubo preto. Enquanto os últimos centímetros da tubulação deslizavam pelo meu esôfago, fiquei me perguntando como as atrizes pornôs eram capazes de engolir fundo todos aqueles pênis enormes sem engasgar. Sabia que era uma ideia estranha, mas, ainda assim, foi o que me ocorreu.

"Como está se sentindo?", perguntou o médico gentil.

"Preciso muito ir ao banheiro", respondi. "Na verdade, se não me desamarrar, vou evacuar nas calças."

O médico aquiesceu, e ele e as enfermeiras começaram a tirar as amarras. "O banheiro fica ali", falou. "Virei daqui a pouco para ver como você está."

Não tinha muita certeza sobre o que ele quis dizer com isso, até que o tiro de pólvora saiu explodindo pelo meu reto com a força de um canhão d'água. Resisti contra o desejo de olhar dentro da privada para ver o que estava saindo de mim, mas, depois de dez minutos de tiros explosivos, criei coragem e espiei a bacia. Parecia a erupção do monte Vesúvio: quilos de cinzas vulcânicas pretas explodindo do meu cu. Se eu pesava 59 quilos pela manhã, eu devia estar pesando apenas 54 agora. Minhas vísceras estavam dentro de uma privada de porcelana barata em Boca Raton, Flórida.

Uma hora depois, finalmente saí do banheiro. Tinha passado a parte mais difícil, e eu estava me sentindo muito mais normal. Talvez tenham aspirado parte da minha insanidade, pensei. De qualquer forma, era hora de voltar ao *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*... era hora de ajeitar as coisas com a Duquesa, encurtar meu consumo de drogas e viver uma vida mais controlada. Afinal de contas, eu tinha 34 anos e era pai de duas crianças.

"Obrigado", falei para o médico gentil. "Sinto muito mesmo por tê-lo mordido. Estava apenas

um pouco nervoso antes. Você entende, não?"

"Sem problemas", respondeu. "Fico feliz por termos ajudado."

"Podem chamar um táxi para mim, por favor? Preciso ir para casa dar uma dormida."

Foi então que notei que os dois policiais ainda estavam no quarto e vinham na minha direção. Tinha a distinta impressão de que não estavam a fim de me oferecer transporte para casa.

O médico deu dois passos para trás, quando um dos policiais puxou um par de algemas. Ah, merda!, pensei. Mais uma vez algemado? Seria a quarta vez que o Lobo ficaria acorrentado em menos de 24 horas! E o que eu realmente havia feito? Decidi não seguir por essa linha de pensamento. Afinal de contas, lá, para onde eu estava indo, haveria muito tempo para pensar sobre as coisas.

Ao bater com as algemas em mim, o policial falou: "De acordo com a Lei Baker, o senhor será mantido em uma unidade psiquiátrica fechada por 72 horas, quando então será levado a um juiz a fim de saber se ainda é um perigo para si e para outros. Sinto muito, senhor".

Hmmm... ele parecia ser um camarada bem legal, esse policial da Flórida, e, afinal de contas, estava apenas fazendo seu trabalho. Além do mais, estava me levando para uma unidade psiquiátrica, não para uma prisão, e isso devia ser uma coisa boa, não?

"SOU UMA BORBOLETA! Sou uma borboleta!", gritava uma mulher obesa, de cabelo negro, num *muu-muu* azul enquanto batia os braços e flutuava em círculos vagarosos pelo quarto andar da unidade psiquiátrica do Centro Médico Delray.

Eu estava sentado em um sofá muito desconfortável no meio da área de lazer enquanto ela flanava. Sorri e acenei com a cabeça para ela. Havia uns 40 pacientes, a maioria trajando roupões de banho e chinelos e apresentando várias formas de comportamentos inaceitáveis. Na frente da unidade ficava a seção das enfermeiras, onde todos os loucos se alinhavam a cada duas horas para seus Thorazine e Haldol ou algum outro tipo de antipsicótico, a fim de aliviar seus nervos em frangalhos.

"Preciso entender. Seis ponto zero dois vezes dez elevado a vinte três...", murmurou um adolescente alto, magro, com um caso feroz de acne.

Muito interessante, pensei. Eu estava observando esse pobre garoto por mais de duas horas, enquanto ele caminhava num círculo incrivelmente perfeito, cuspindo o número de Avogadro, uma constante matemática usada para medir densidade molecular. De início, fiquei um pouco confuso sobre o motivo de ele ser tão obcecado por esse número, até que uma das funcionárias explicou que o jovem era viciado em ácido, impossível de ser tratado, com um QI muito alto, e que ficava fascinado com o número de Avogadro sempre que uma dose de ácido o atingia da forma errada. Era sua terceira estada no Centro Médico Delray nos últimos 12 meses.

Achei irônico eu ser colocado num lugar como esse – considerando que eu era são –, mas era o problema de leis como a Baker: eram produzidas para atender às necessidades das massas. De qualquer forma, as coisas estavam indo razoavelmente bem até o momento. Eu convencera um médico a me prescrever Lamictal, e ele, por sua própria vontade, indicara-me uma espécie de opiato de ação breve para me ajudar nas minhas recaídas.

O que me incomodava, contudo, era que eu tentara ligar para pelo menos uma dúzia de pessoas pelo telefone público da unidade: amigos, família, advogados, parceiros de negócios. Até tentara contatar Alan Químico, a fim de pedir que ele arrumasse um lote novo de Quaaludes para mim quando eu finalmente fosse liberado desse asilo insano, mas não conseguira entrar em

contato com ninguém. Nem uma alma... nem a Duquesa, meus pais, Lipsky, Dave, Laurie, Gwynne, Janet, Cabana, Joe Fahmegghetti, Greg O'Connel, o Chef, até Bo, com quem eu sempre conseguia falar. Era como se eu estivesse congelado, abandonado por todos.

Na verdade, ao final do meu primeiro dia nesta gloriosa instituição, odiava a Duquesa mais do que nunca. Ela esquecera-se totalmente de mim, fez todos se virarem contra mim, usando aquele único ato desprezível que eu cometera na escada para angariar a simpatia de meus amigos e parceiros de negócios. Tinha certeza de que ela não me amava mais e que proferira aquelas palavras para mim durante a minha overdose apenas por simpatia... pensando que, talvez, eu pudesse bater as botas e ela conseguisse, dessa forma, me enviar para o inferno com um último falso "eu te amo".

À meia-noite, a cocaína e os Quaaludes estavam bem longe do meu sistema, mas eu ainda não conseguia dormir. Foi então, nas primeiras horas do dia 17 de abril de 1997, que uma enfermeira com um coração muito bom me deu uma dose de Dalmane na minha nádega direita. E, finalmente, 15 minutos depois, caí no sono sem cocaína em meu corpo pela primeira vez em três meses.

Acordei 18 horas depois com o som do meu nome. Abri os olhos e havia um enorme auxiliar negro sobre mim.

"Sr. Belfort, o senhor tem uma visita."

A Duquesa!, pensei. Ela viera me tirar deste lugar. "É mesmo?", perguntei. "Quem é?"

Ele deu de ombros. "Não sei o nome dele."

Fiquei arrasado. Ele me conduziu até uma sala com paredes acolchoadas. Dentro havia uma mesa de metal cinza e três cadeiras. Lembrava-me a sala em que oficiais da alfândega suíça me interrogaram depois que eu bolinara a aeromoça, com exceção das paredes acolchoadas. À mesa estava um homem com 40 e poucos anos e óculos com aros de chifres. No instante em que trocamos olhares, ele ergueu-se da cadeira e me cumprimentou.

"Você deve ser Jordan", disse, estendendo a mão direita. "Sou Dennis Maynard."[6]

Por instinto, apertei sua mão, apesar de haver algo nele que desgostei de cara. Ele estava vestido como eu, de jeans, tênis e uma camisa polo branca. Tinha uma aparência bastante razoável, um tanto abatido, mais ou menos 1,80 metro, compleição mediana, com cabelo castanho curto, penteado para o lado.

Ele apontou para um assento à frente. Aquiesci e me sentei. Um instante depois, outro auxiliar entrou na sala... um irlandês grande que parecia bêbado. Ambos os auxiliares ficaram atrás de mim, a alguns metros, aguardando para agir se eu tentasse brincar de Hannibal Lecter com esse cara... arrancando seu nariz com os dentes, como se não fosse nada de mais.

Dennis Maynard falou: "Tenho uma procuração de sua esposa".

Balancei a cabeça, espantado. "O que você é? Uma porra de advogado de divórcio ou algo assim? Caramba, aquela boceta age rápido! Imaginei que ela, ao menos, teria a decência de aguardar os três dias, até que a Lei Baker expirasse, antes de entrar com o divórcio."

Ele sorriu. "Não sou advogado de divórcio, Jordan. Sou um intervencionista de drogas, e fui contratado por sua esposa, que ainda o ama. Assim, você não devia ser tão apressado a ponto de chamá-la de boceta."

Franzi o cenho para esse idiota, tentando adivinhar o que estava acontecendo. Não mais me

sentia paranoico, mas ainda estava no limite. “Então você diz que foi contratado por minha esposa, que ainda me ama... Bem, se ela me ama tanto, por que não vem me visitar?”

“Ela está assustada neste momento. E muito confusa. Passei as últimas 24 horas com ela, e ela está muito frágil. Não está pronta para vê-lo.”

Senti minha cabeça encher-se de fumaça. Esse cuzão estava dando em cima da Duquesa. Pulei da minha cadeira e saltei sobre a mesa, gritando: “Seu boqueteiro!” Ele recuou, enquanto os dois auxiliares se arremessavam contra mim. “Vou te apunhalar até a morte, seu pedaço de merda, por ir atrás da minha esposa enquanto estou preso aqui. Você é um homem morto! E sua família também! Você não sabe do que sou capaz.”

Respirei fundo enquanto os auxiliares me empurravam de volta para meu assento.

“Acalme-se”, disse o futuro marido da Duquesa. “Não estou atrás da sua esposa. Ela ainda o ama e estou apaixonado por outra mulher. O que eu estava tentando dizer é que passei as últimas 24 horas com sua esposa falando sobre você, e sobre ela, e sobre tudo que aconteceu entre vocês dois.”

Senti-me totalmente irracional. Estava acostumado a ter controle, e considerei essa falta de controle totalmente desconcertante. “Ela contou que a chutei na escada com minha filha nos braços? Ela contou que destruí 2 milhões de dólares de mobília brega? Ela contou da tragédia no forno? Posso imaginar bem o que ela disse.” Balancei a cabeça, contrariado, não apenas em razão das minhas próprias ações, mas porque a Duquesa lavou nossa roupa suja com um completo estranho.

Ele acenou com a cabeça e deu um sorrisinho, tentando desarmar minha fúria. “Sim, ela me contou tudo isso. Algumas coisas foram bastante divertidas, na verdade, principalmente a parte sobre a mobília. Nunca tinha escutado isso antes. Mas a maioria das coisas foi bem perturbadora, como o que aconteceu na escada e na garagem. Entenda, contudo, que nada disso é sua culpa... ou, deveria dizer, nada dessas coisas o torna uma pessoa má. Você é apenas uma pessoa *doente*, Jordan; você está doente, uma doença que não difere muito de câncer ou diabetes.”

Ele fez uma pausa por um instante e, então, deu de ombros. “Mas ela também me contou que você costumava ser maravilhoso, antes de as drogas se apoderarem de você. Ela contou que você era brilhante e comentou sobre todas as suas conquistas e como você a deixou maluca quando se conheceram. Ela contou-me que nunca amou ninguém como o amou. Ela contou-me como você é generoso com todo mundo, e como todos se aproveitam de sua generosidade. E também me contou sobre suas costas, e como isso exacerbou...”

Enquanto meu intervencionista continuava a falar, fiquei fixado na palavra *amou*. Ele dissera que ela me *amou*... no pretérito perfeito. Isso significava que ela não mais me amava? Era provável, pensei, pois, se ainda me amasse, teria vindo me visitar. Todo esse negócio de ela estar com medo não fazia sentido. Eu estava numa unidade psiquiátrica fechada... como poderia machucá-la? Estava sofrendo uma dor emocional terrível. Se ela ao menos me visitasse – *mesmo que por um segundo, pelo amor de Deus!* – e me abraçasse e me dissesse que ainda me amava, isso aliviaria minha dor. Eu faria isso por ela, não? Parecia estranhamente cruel da parte dela não me visitar depois de eu quase cometer suicídio. Não me parecia o ato de uma esposa apaixonada – separada ou não –, não importando as circunstâncias.

Obviamente, Dennis Maynard estava aqui para tentar me convencer a ir para uma clínica de reabilitação. E talvez eu fosse, se a Duquesa viesse aqui e ela mesma me pedisse. Mas não dessa

forma, não enquanto estivesse me chantageando e ameaçando me abandonar caso não fizesse o que ela queria. Contudo, não era isso o que eu queria: a reabilitação? Ou, pelo menos, não era disso que precisava? Será que eu realmente queria desperdiçar minha vida como viciado em drogas? Mas como conseguiria viver sem drogas? Minha vida toda foi centrada nas drogas. A simples ideia de viver os próximos 50 anos sem Ludes e coca parecia impossível. Entretanto, houve um tempo, muito antes de tudo isso acontecer, em que levei uma vida sóbria. Seria possível voltar àquele ponto, voltar os ponteiros do relógio, por assim dizer? Ou teria a química do meu cérebro sido imutavelmente alterada... e agora eu era um viciado em drogas, amaldiçoado para aquela vida até o dia em que morresse?

"... e quanto ao temperamento do seu pai", continuou o intervencionista, "e como sua mãe tentou proteger você dele, mas nem sempre conseguiu. Ela me contou tudo."

Lutei contra a vontade de ser irônico, mas rapidamente desisti. "Então a pequena Martha Stewart lhe contou que *ela* é perfeita? Quero dizer, como eu sou tão cheio de defeitos e falhas, ela conseguiu lhe contar alguma coisa sobre si? Porque, afinal, ela é perfeita. Ela irá lhe dizer, talvez não nessas palavras, é lógico... mas ela irá lhe dizer. Acima de tudo, ela é a Duquesa de Bay Ridge."

Essas últimas palavras o fizeram rir. "Ouça", falou, "sua esposa está longe de ser perfeita. Para falar a verdade, ela está mais doente do que você. Pense sobre isso um segundo. Quem está mais doente: o esposo viciado em drogas ou a esposa que fica assistindo à pessoa que ama se destruir? Eu diria que esta última. A verdade é que sua esposa sofre com sua própria doença, ou seja, codependência. Ao ficar o tempo todo cuidando de você, ela ignora seus próprios problemas. Ela tem o caso mais sério de codependência que já vi."

"Blablablá", falei. "Acha que não sei de toda essa merda? Leio muito, caso alguém não lhe tenha contado. Apesar dos 50 mil Ludes que consumi, ainda me lembro de tudo que li desde o maternal."

Ele concordou com a cabeça. "Eu não me encontrei apenas com sua esposa, Jordan; também conversei com todos os seus amigos e família, todo mundo que é importante para você. E uma coisa sobre a qual são unânimes é que você é o homem mais esperto do planeta. Portanto, dito isso, não vou tentar enganá-lo. Eis o que tenho a falar. Há uma clínica de reabilitação de drogas na Geórgia chamada Talbot Marsh. Especializada em tratar de médicos. O lugar é lotado de algumas pessoas muito inteligentes, de modo que você se encaixa bem lá. Tenho o poder de liberar você deste inferno aqui já. Você poderá estar em Talbot Marsh daqui a duas horas. Há uma limusine aguardando-o lá embaixo, e seu jato está no aeroporto, totalmente abastecido. Talbot Marsh é um lugar muito legal, e muito luxuoso. Acho que irá gostar de lá."

"O que torna você tão qualificado, caralho? Você é médico?"

"Não", respondeu, "sou apenas um viciado em drogas como você. Nenhuma diferença, com exceção de eu estar em recuperação e você, não."

"Há quanto tempo está sóbrio?"

"Dez anos."

"Dez anos, caralho?", bradei. "Puta merda! Como isso é possível? Não consigo passar um dia, uma hora, sem pensar em drogas! Não sou como você, amigo. Minha cabeça age de modo diferente. De qualquer forma, não preciso ir para uma clínica de reabilitação. Talvez eu tente AA ou algo assim."

“Você passou desse ponto. Na verdade, é um milagre que ainda esteja vivo. Você devia ter parado de respirar há um bom tempo, meu amigo.” Ele deu de ombros. “Mas um dia sua sorte vai acabar. Da próxima vez, seu amigo Dave pode não estar por perto para ligar para a emergência, e você acabará num caixão em vez de numa unidade psiquiátrica.”

Num tom bem sério, ele falou: “No AA, dizemos que há três lugares em que um alcoólatra ou viciado acaba: na cadeia, nas instituições ou no cemitério. Ora, nos últimos dois dias, você esteve numa cadeia e numa instituição. Quando ficará satisfeito? Quando estiver numa casa funerária? Quando sua esposa tiver de se sentar com seus dois filhos para contar que eles nunca mais verão o pai novamente?”.

Dei de ombros, sabendo que ele estava certo, mas não querendo dar o braço a torcer. Por algum motivo inexplicável, senti a necessidade de resistir a ele, de resistir à Duquesa... na verdade, de resistir a todos. Se eu fosse ficar sóbrio, seria sob minhas próprias condições, não sob as de outra pessoa, e certamente não com uma arma em minha cabeça. “Se Nadine vier aqui, vou considerar a ideia. Caso contrário, você pode ir se foder.”

“Ela não virá aqui”, respondeu. “A não ser que você vá para uma clínica de reabilitação, não irá falar com você.”

“Bastante justo”, respondi. “Então vocês dois podem ir se foder. Sairei daqui em dois dias; então lidarei com meu vício sob minhas próprias condições. E, se isso significar perder minha esposa, que seja.” Levantei-me da cadeira e apontei para os auxiliares.

Enquanto eu saía da sala, Dennis falou: “Você pode ser capaz de encontrar outra esposa bonita, mas nunca encontrará uma que o ame tanto quanto ela. Quem você acha que organizou tudo isso? Sua esposa passou as últimas 24 horas num estado de pânico, tentando salvar sua vida. Você seria um idiota se a deixasse”.

Respirei fundo e disse: “Muito tempo atrás havia outra mulher que me amava tanto quanto Nadine; o nome dela era Denise, e eu a fodi de jeito. Talvez eu esteja apenas recebendo o que mereço. Quem sabe? Mas, de qualquer forma, não serei convencido a entrar numa clínica... portanto você está perdendo seu tempo. Não venha mais me ver”.

Então saí da sala.

O RESTO DO DIA não foi menos torturante. Meus pais, todos os meus amigos e minha família vieram à unidade psiquiátrica e tentaram me convencer a ir para uma clínica de reabilitação. Com exceção da Duquesa. Como pode a mulher ter tanto sangue-frio, depois de eu ter tentado... o quê?

Resisti contra o uso da palavra *suicídio*, mesmo em meus próprios pensamentos... talvez porque fosse muito doloroso, ou talvez pela vergonha de o amor – ou, nesse caso, a obsessão por uma mulher, mesmo que fosse minha própria esposa – conseguir me levar a cometer tal ato. Não era ato de um verdadeiro homem de poder, nem era ato de um homem que tivesse respeito por si mesmo.

Na verdade, nunca pretendera realmente me matar. Lá no fundo, sabia que seria levado às pressas para o hospital e que meu estômago seria lavado. Dave estava ao meu lado, pronto para intervir. A Duquesa, contudo, não sabia disso; do ponto de vista dela, eu ficara tão perturbado com a possibilidade de perdê-la e tão tomado pelo desespero de uma paranoia induzida por cocaína, que tentara tirar minha própria vida. Como ela podia não ficar tocada com isso?

Verdade: eu agira como um monstro para ela, não apenas na escada, mas ao longo dos meses que culminaram naquele ato odioso. Ou talvez anos. Desde os primeiros anos de nosso casamento, eu explorara nosso acordo não expresso: que, ao prover a Vida para ela, eu tinha direito a certas liberdades. E, apesar de haver um tico de verdade nessa ideia, não havia dúvidas de que eu passara do limite.

Contudo, apesar de tudo, eu sentia que ainda merecia compaixão.

A Duquesa não tinha compaixão? Haveria uma certa frieza nela, um ponto de seu coração que era inatingível? Na verdade, sempre suspeitara disso. Como eu – como todo mundo –, a Duquesa tinha problemas; era uma boa esposa, mas uma esposa que trouxera sua própria bagagem para nosso casamento. Na infância, seu pai a abandonara. Ela me contara histórias de todas as vezes que se arrumara, aos sábados e domingos – linda como ela era, com cabelo loiro esvoaçante e um rosto de anjo –, e aguardara seu pai para levá-la a um jantar num local chique ou para a montanha-russa em Coney Island ou no Parque Riss, a praia no Brooklyn, onde ele pudesse dizer para todo mundo: “Esta é minha filha! Olhem como ela é linda! Tenho tanto orgulho por ela ser minha filha!”. Contudo, ela ficava aguardando por ele na varanda, e se desapontava quando ele nunca aparecia ou nem mesmo telefonava para animá-la com uma desculpa esfarrapada.

Suzanne, logicamente, cobria-o – dizendo a Nadine que o pai a amava, mas que estava possuído por seus próprios demônios, que o levavam a uma vida itinerante, a uma existência sem raízes. Estaria eu sentindo um pouco disso agora? Seria essa frieza dela resultado das barreiras que ergueu enquanto criança, que a impossibilitaram de se tornar uma mulher misericordiosa? Ou eu estaria me apegando a qualquer coisa? Talvez esse fosse o troco... por todas as paqueras, as Blue Chips, as NASDAQs, os pousos de helicóptero às três da manhã, as falas durante o sono sobre Venice, a Puta, e a massagem e apalpação da aeromoça...

Ou seria o troco algo mais sutil? Seria isso resultado de todas as leis que eu burlara? De todas as ações que manipulara? De todo o dinheiro que contrabandeara para a Suíça? Por foder Kenny Greene, o Cabeça Quadrada, que fora um parceiro leal? Era difícil dizer. A última década da minha vida foi extremamente complicada. Eu levara o tipo de vida que as pessoas apenas conhecem pelos romances.

Contudo, essa havia sido a minha vida. *Minha*. Bem ou mal, eu, Jordan Belfort, o Lobo de Wall Street, fora um verdadeiro selvagem. Sempre me vira como à prova de balas: desviando-me da morte e do cárcere, vivendo minha vida como uma estrela de rock, consumindo mais drogas do que milhares de homens conseguiriam e ainda sobrevivendo para contar a história.

Todos esses pensamentos estavam rugindo pela minha mente, quando terminou meu segundo dia na unidade psiquiátrica do Centro Médico Delray. E, conforme as drogas continuavam a sair do meu cérebro, minha mente ficava mais forte. Estava me recuperando: pronto para enfrentar o mundo com todas as minhas faculdades mentais; pronto para fazer picadinho daquele canalha careca do Steve Madden; pronto para retornar à minha luta contra meu nêmesis, o agente especial Gregory Coleman; e pronto para ganhar a Duquesa de volta, não importando o que precisasse fazer.

NA MANHÃ SEGUINTE, logo depois da chamada das pílulas, fui convocado de novo para a sala acolchoada, onde encontrei dois médicos me aguardando. Um era gordo e o outro era normal, apesar de ter olhos azuis salientes e um pomo de adão do tamanho de uma laranja.

Problema de glândulas, imaginei.

Eles se apresentaram como dr. Brad e dr. Mike[7] e imediatamente acenaram para os auxiliares saírem da sala. Interessante, pensei, mas bem menos interessante que os primeiros dois minutos de conversa, quando cheguei à conclusão de que aqueles dois mais pareciam comediantes do que intervencionistas de drogas. Ou seria aquele o método deles? Sim, os dois pareciam muito bons. Na verdade, eu meio que gostei deles. A Duquesa os mandara da Califórnia, num jatinho particular, depois que Dennis Maynard a informou que nós dois não havíamos nos dado muito bem.

Portanto, esses dois eram os reforços.

"Ouça", falou o gordo dr. Brad, "posso liberá-lo deste lugar de merda já e em duas horas você estará em Talbot Marsh, bebendo *piña colada* sem álcool e olhando para uma jovem enfermeira... que é paciente porque foi pega injetando Demerol através de sua saia de enfermeira." Ele deu de ombros. "Ou pode ficar aqui mais um dia e se tornar mais amigo da senhora-borboleta e do garoto matemático. Mas tenho de lhe dizer... acho que você ficaria louco se permanecesse neste lugar um segundo a mais do que precisa. Quer dizer, tem cheiro de..."

"Merda", completou Problema de Glândulas. "Por que não nos deixa liberá-lo daqui? Quero dizer, não tenho dúvidas de que você é louco e tudo o mais, e que talvez gostasse de ficar preso mais alguns anos, mas não aqui... não neste buraco de merda! Você precisa ficar num asilo de xaropes mais chique."

"Ele está certo", finalizou Brad-pançudo. "Deixando a brincadeira de lado, há uma limusine lá embaixo nos aguardando, e seu jatinho está na Aviação Boca. Assim, deixe-nos liberá-lo deste manicômio, e vamos para o jatinho nos divertir um pouco."

"Concordo", seguiu Problema de Glândulas. "O jatinho é bonito. Quanto custou para sua esposa nos mandar para cá de avião, lá da Califórnia?"

"Não tenho certeza", respondi, "mas aposto que ela pagou um valor alto. Se há uma coisa que a Duquesa odeia é pechinchar."

Ambos riram, principalmente Brad-pançudo, que parecia encontrar graça em tudo. "A Duquesa! Adoro isso! Ela é uma mulher bem bonita, sua esposa, e ela realmente o ama."

"Por que você a chama de Duquesa?", perguntou Problema de Glândulas.

"Bem, é uma longa história", respondi, "mas não posso receber os créditos pelo nome, apesar de que gostaria. Veio de um cara chamado Brian, o dono de uma das firmas de corretagem com quem tenho vários negócios. Por algum motivo, estávamos num jatinho particular, voltando para casa de St. Bart's, um monte de Natais atrás, e todos estávamos realmente de ressaca. Brian estava à frente de Nadine na cabine e soltou um peido medonho, falando: 'Ah, merda, Nae, acho que deixei marcas de derrapagem com esse!'. Nadine começou a ficar de saco cheio dele, dizendo-lhe que era grosseiro e nojento, quando Brian disse: 'Ah, desculpe-me; acho que a Duquesa de Bay Ridge nunca soltou um peido em suas calcinhas de seda e deixou marcas de derrapagem!'."

"Isso é engraçado", comentou Brad-pançudo. "A Duquesa de Bay Ridge. Gosto disso."

"Não, esta não é a parte engraçada. O que aconteceu em seguida é que foi realmente engraçado. Brian considerou sua piada tão hilária que se dobrou de rir, e não viu a Duquesa enrolando a edição de Natal da revista *Town and Country*. Bem na hora em que ele estava

erguendo a cabeça, ela pulou de seu assento, deu o golpe mais forte que você pode imaginar na cabeça dele e o deixou inconsciente. Estou falando sério, caralho, ficou paralisado! Então ela voltou a se sentar e começou a ler a revista novamente. Brian voltou a si alguns minutos mais tarde, depois de sua esposa jogar água em seu rosto. De qualquer forma, desde então o nome ficou."

"Isso é incrível!", disse Problema de Glândulas. "Sua esposa parece um anjo. Não achei que fosse do tipo que fizesse algo assim." Brad-pançudo concordou com a cabeça.

Virei os olhos. "Ah, vocês não têm ideia do que ela é capaz. Ela pode não parecer durona, mas é forte como um touro. Sabem quantas vezes ela me bateu? É especializada em usar água." Dei uma risadinha. "Quer dizer, não me entendam mal: mereci a maior parte dos espancamentos. Apesar de amar a garota, eu não vinha sendo um marido exemplar. Mas ainda acho que ela deveria vir me visitar. Se tivesse vindo, eu já estaria na clínica, mas agora não quero fazer isso porque não gosto de ser chantageado."

"Acho que ela queria vir", falou Brad-pançudo, "mas Dennis Maynard aconselhou-a a não fazer isso."

"Faz sentido", bradei. "Aquele cara é realmente um merda. Assim que tudo for resolvido, vou mandar alguém lhe fazer uma visita."

A trupe de comédia recusou-se a se engajar comigo. "Posso dar-lhe uma sugestão?", perguntou Problema de Glândulas.

Fiz que sim com a cabeça. "Lógico, por que não? Gosto de vocês. Foi o outro idiota que odiei."

Ele sorriu e olhou ao redor, de maneira conspiratória. Então abaixou a voz e falou: "Por que não nos deixa liberá-lo daqui e levá-lo para Atlanta já... e lá você foge da clínica logo após a entrada? Não há muros, barras, arame farpado ou qualquer coisa assim. Você ficará num condomínio de luxo com um bando de médicos malucos".

"Sim", disse Brad-pançudo, "assim que o deixarmos em Atlanta, a Lei Baker estará anulada e você ficará livre para sair. Apenas diga a seu piloto para não deixar o aeroporto. Se não gostar da clínica, apenas saia."

Comecei a rir. "Vocês são inacreditáveis! Estão tentando apelar para meu coração maquiavélico, não?"

"Farei o que precisar para levá-lo até a clínica", falou Brad-pançudo. "Você é um cara legal e merece viver, não morrer com a boca num cachimbo de crack, que é o que acontecerá se não ficar sóbrio. Acredite em mim... falo por experiência própria."

"Você é um viciado em fase de recuperação também?", perguntei.

"Nós dois somos", respondeu Problema de Glândulas. "Estou sóbrio há 11 anos. Brad, há 13."

"Como isso é possível? A verdade é que eu gostaria de parar, só que não consigo. Não conseguiria por mais do que alguns dias, que dirá 13 anos..."

"Você consegue", falou Brad-pançudo. "Não por 13 anos, mas aposto que consegue ficar sóbrio hoje."

"Sim", respondi. "Posso ficar sóbrio hoje, mas só isso."

"E isso é suficiente", disse Problema de Glândulas. "Hoje é tudo que importa. Quem sabe o que o amanhã lhe reserva? Apenas encare um dia por vez e você ficará bem. É assim que faço. Não acordei hoje e falei: 'Putz, Mike, é importante controlar seu desejo de beber pelo resto da vida!'. Eu falei: 'Putz, Mike, apenas aguente pelas próximas 24 horas e o resto de sua vida se

resolverá sozinho’.”

Brad-pançuco concordou com a cabeça. “Ele está certo, Jordan. E sei o que você provavelmente está pensando agora... que isso é apenas um autoengano idiota, que é como tapar o sol com a peneira.” Ele deu de ombros. “E talvez seja, mas eu não me importo. Funciona, e é só isso que me interessa. Isso devolveu a minha vida, e vai devolver a sua também.”

Respirei fundo e exalei lentamente. Gostei desses caras; gostei mesmo. E realmente queria ficar sóbrio. Pelo menos *tentar*. Mas minha compulsão era muito forte. Todos os meus amigos usavam drogas; todos os passatempos incluíam drogas. E minha esposa... bem, a Duquesa não viera me ver. Mesmo com aquela coisa horrível que eu fizera a ela, sabia, no fundo do meu coração, que nunca esqueceria que ela não viera me ver depois de eu ter tentado cometer suicídio.

E, logicamente, havia o lado da Duquesa. Talvez ela preferisse não me perdoar. Não podia culpá-la por isso. Fora uma boa esposa para mim, e eu, em troca, me tornara um viciado em drogas. Eu tivera meus motivos, imaginei, mas isso não alterava os fatos. Se ela quisesse um divórcio, teria motivos. Eu sempre cuidaria dela, ia amá-la para sempre e sempre lhe asseguraria uma boa vida. Afinal de contas, ela me dera dois filhos lindos, e foi ela quem organizou tudo isso.

Olhei Brad-pançudo diretamente nos olhos e comecei a concordar com a cabeça lentamente. “Vamos cair fora deste inferno, caralho!”

“Perfeito”, falou. “Perfeito.”

CAPÍTULO 38

MARCIANOS DO TERCEIRO REICH

O lugar parecia bastante normal, à primeira vista.

O Centro de Recuperação Talbot Marsh fica numa área de meia dúzia de acres, totalmente ajardinada, em Atlanta, Geórgia. Foi uma viagem do aeroporto, na limusine, de apenas dez minutos, e eu passara todos esses 600 segundos planejando minha fuga. Na verdade, antes de descer do avião, dei aos pilotos uma ordem para não decolarem sob nenhuma circunstância. Era eu, afinal de contas, não a Duquesa, explicara, quem estava pagando a conta. Além do mais, havia uma graninha extra para eles caso ficassem por um tempo. Eles me garantiram que ficariam.

Assim, quando a limusine embicou na entrada da clínica, vasculhei o terreno com os olhos de um prisioneiro. Enquanto isso, Brad-pançudo e Mike Problema de Glândulas estavam à minha frente e, como eles haviam dito, não se via um muro de cimento, uma barra de metal, uma torre de vigia nem uma cerca de arame farpado.

A propriedade brilhava com o sol da Geórgia, com todas aquelas flores roxas e amarelas, roseiras aparadas e carvalhos e olmos enormes. Era bem diferente dos corredores infestados por urina do Centro Médico Delray. Contudo, algo parecia fora do lugar. Talvez porque o lugar fosse muito bonito? Havia mesmo tanto dinheiro em clínicas de reabilitação de drogas?

Havia uma área circular de desembarque em frente ao prédio. Quando a limusine se aproximou, Brad-pançudo levou a mão ao bolso e puxou três notas de 20. "Pegue isso", disse. "Sei que você está sem dinheiro no bolso, portanto considere isto um presente. É quanto custa um táxi até o aeroporto. Não quero que precise pegar carona. Nunca se sabe o tipo de maníaco viciado em drogas com quem se irá deparar."

"Do que está falando?", perguntei, inocentemente.

"Eu o vi sussurrando no ouvido do piloto", falou Brad-pançudo. "Faço isso há muito tempo, e se há uma coisa que aprendi é que, se alguém não está pronto para ficar sóbrio, não existe nada que eu possa fazer para forçá-lo. Não vou insultar você com a analogia de conduzir um cavalo até a água e todo esse lixo. Mas, de qualquer forma, imaginei que lhe devia 60 pratas por me fazer rir tanto no caminho para cá." Ele balançou a cabeça. "Você é realmente uma figura."

Fez uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas. "De qualquer forma, tenho de dizer que esta foi uma das intervenções mais bizarras do mundo. Ontem estava na Califórnia, sentado numa convenção chatíssima, quando recebi uma ligação frenética do sempre atrasado Dennis Maynard, que me fala de uma modelo deslumbrante que tem um marido zilionário prestes a se matar. Acredite ou não, hesitei de início, em razão da distância, mas então a Duquesa de Bay Ridge pegou o telefone e não aceitaria um não como resposta. Em seguida, estávamos num jatinho particular. E então encontramos você, que era a maior viagem de todas." Ele deu de ombros. "Tudo que posso dizer é que desejo muita sorte para você e sua esposa. Espero que fiquem juntos. Seria um grande final para a história."

Problema de Glândulas concordou com a cabeça. "Você é um bom homem, Jordan. Nunca se

esqueça disso. Mesmo que saia pela porta da frente daqui a dez minutos e vá direto para uma caverna de crack, isso ainda não muda quem você é. Essa é uma doença do caralho; ela é esperta e destrói a gente. Eu fugi de três clínicas antes de fazer a coisa certa. Minha família acabou me encontrando debaixo de uma ponte; eu estava vivendo como um mendigo. E o mais doente de tudo é que, depois que eles finalmente me levaram para uma clínica, escapei novamente e voltei para a ponte. É assim que essa doença funciona."

Suspirei longamente. "Não vou mentir para vocês. Mesmo durante o nosso voo para cá hoje, quando eu estava contando todas aquelas histórias hilárias e todos ríamos incontroladamente, *ainda* estava pensando em drogas. Ardia no fundo da minha mente como uma porra de um ferro de moldar. Já estou pensando em telefonar para o meu traficante de Quaaludes assim que sair daqui. Talvez eu consiga viver sem cocaína, mas não sem Ludes. Eles são uma parte importante da minha vida agora."

"Sei exatamente como se sente", falou Brad-pançudo, concordando com a cabeça. "Na verdade, ainda me sinto assim em relação à coca. Não passa um dia sem que eu sinta vontade de usar. Mas consegui ficar sóbrio por mais de 13 anos. E sabe o que faço?"

Sorri. "Sim, gordinho do inferno... um dia por vez, certo?"

"Ah", disse Brad-pançudo, "você está aprendendo! Ainda há esperança para você."

"Sim", murmurei, "que a cura comece."

Saímos do carro e andamos por um curto caminho de concreto que dava na entrada principal. Dentro, o lugar era bem diferente do que eu imaginara. Era deslumbrante. Parecia um clube masculino de charuto, com carpete bem felpudo, rico e avermelhado, muito mogno e nogueira nodosa, além de sofás, cadeiras e poltronas que pareciam confortáveis. Havia uma estante enorme cheia de livros que pareciam antigos. Em frente a ela ficava uma poltrona de couro vermelho-escuro com um encosto bem alto. Parecia incrivelmente confortável, então fui direto para ela e me deixei cair.

Ahhhhhhh... quanto tempo fazia que eu não me sentava numa cadeira confortável sem que cocaína e Quaaludes estivessem borbulhando dentro do meu cérebro? Eu não sentia mais dores nas costas, ou nas pernas, ou nos quadris, ou qualquer outra dor. Nada me incomodava, nada de encheção de saco. Respirei fundo e soltei o ar... Era uma respirada boa, sóbria, parte de um momento bom, sóbrio. Quanto tempo fazia? Quase nove anos que eu não ficava sóbrio. Nove anos, caralho, de total insanidade! Puta merda... que vida!

E eu estava morrendo de fome! Precisava desesperadamente comer algo. Qualquer coisa menos Froot Loops.

Brad-pançudo andou até mim e perguntou: "Você está bem?".

"Estou morrendo de fome", respondi. "Pagaria 100 mil dólares por um Big Mac já."

"Vou ver o que posso fazer", falou. "Mike e eu precisamos preencher alguns formulários. Então vamos levá-lo para dentro e conseguiremos algo para você comer." Ele sorriu e saiu.

Respirei fundo novamente, com a diferença de que, dessa vez, durou uns dez segundos. Estava olhando para o centro da estante de livros quando finalmente soltei o ar... e, naquele mesmo instante, estava livre da compulsão. Estava satisfeito. Nada mais de drogas. Eu sabia. Tinha usado o suficiente. Não sentia mais o desejo. Tinha passado. O motivo, eu nunca saberia. Tudo que eu sabia era que nunca tocaria nelas novamente. Algo havia dado um clique em meu cérebro. Algum tipo de interruptor fora apertado, e era tudo que eu sabia.

Ergui-me da cadeira e andei até o canto da sala de espera, onde Brad-pançudo e Mike Problema de Glândulas estavam preenchendo a papelada. Levei a mão ao bolso e puxei as 60 pratas. "Pegue isso", falei para Brad-pançudo, "pode levar a grana. Vou ficar."

Ele sorriu e aquiesceu, com consciência. "Que bom, meu amigo."

Pouco antes de saírem, disse-lhes: "Não se esqueçam de telefonar para a Duquesa de Bay Ridge e peçam a ela para entrar em contato com os pilotos. Caso contrário, eles ficarão aguardando lá por semanas".

"Bem, um brinde para a Duquesa de Bay Ridge!", falou Brad-pançudo, fazendo um falso brinde.

"Para a Duquesa de Bay Ridge!", todos dissemos em uníssono.

Então nos abraçamos... e fizemos promessas de manter contato. Mas eu sabia que isso nunca aconteceria. Eles cumpriram sua função, e era hora de passarem para o próximo caso. E era hora de eu ficar sóbrio.

FOI NA MANHÃ seguinte que um novo tipo de insanidade começou: insanidade sóbria. Acordei por volta das 9 horas, sentindo-me positivamente alegre. Nenhum sintoma de recaída, nada de ressaca e nada de compulsão para usar drogas. Eu não estava na verdadeira reabilitação ainda; isso começaria amanhã. Ainda estava na unidade de desintoxicação. Enquanto me dirigia à lanchonete para tomar café, a única coisa que me incomodava era que ainda não conseguira entrar em contato com a Duquesa, que parecia ter sumido do mapa. Eu telefonara para casa em Old Brookville e falara com Gwynne, que me dissera que Nadine sumira. Ela aparecera uma única vez, para falar com as crianças, e nem sequer mencionara meu nome. Assim, concluí que meu casamento tinha acabado.

Depois do café da manhã, estava retornando para meu quarto quando um cara musculoso, com uma careca feroz e aparência de paranoia intensa, acenou para mim. Encontramo-nos perto dos telefones públicos. "Oi", falei, estendendo a mão. "Meu nome é Jordan. Como está?"

Ele apertou minha mão com cuidado. "Shhh!", disse, olhando ao redor. "Siga-me."

Segui-o até a lanchonete, onde nos sentamos a uma mesa quadrada de refeitório, longe dos ouvidos de outros seres humanos. A essa hora da manhã, havia apenas um punhado de pessoas na lanchonete, e a maioria era de funcionários, trajando aventais brancos. Eu considerara meu novo amigo um lunático completo. Ele estava vestido como eu: jeans e camiseta.

"Meu nome é Anthony", falou, estendendo a mão para mais um cumprimento. "Você é o cara que veio de jatinho particular ontem?"

Ah, droga! Eu queria permanecer anônimo de vez em quando, não aparecer como um dedão inchado. "Sim, fui eu", respondi, "mas gostaria que não comentasse sobre isso. Quero me enturmar, está bem?"

"O seu segredo está seguro comigo", murmurou, "mas desejo-lhe sorte ao tentar manter qualquer coisa em segredo neste lugar."

Isso soou um tanto estranho, meio Orwell, na verdade. "É mesmo?", perguntei. "Por quê?"

Ele olhou ao redor novamente. "Porque este lugar é como a porra de Auschwitz", sussurrou. Então piscou para mim.

Nesse instante, percebi que o cara não era totalmente louco, talvez um pouco doido apenas. "Por que é como Auschwitz?", perguntei, sorrindo.

Ele encolheu os ombros musculosos. “Porque é uma puta tortura aqui, parece um campo de concentração nazista. Vê aqueles funcionários ali?” Apontou com a cabeça. “Eles são a SS. Depois que o trem o deixa aqui, nunca mais se sai. E há trabalho escravo também.”

“Que merda você está falando? Pensei que fosse apenas um programa de quatro semanas.”

Ele comprimiu os lábios, formando uma linha fina, e balançou a cabeça. “Talvez para você, mas não para o resto de nós. Imagino que não seja médico, certo?”

“Não, sou banqueiro... apesar de estar um tanto aposentado agora.”

“É mesmo?”, perguntou. “Como você se aposentou? Parece uma criança.”

Sorri. “Não sou uma criança. Mas por que me perguntou se sou médico?”

“Porque quase todo mundo aqui é médico ou enfermeira. Eu, por exemplo, sou quiroprático. Há apenas um punhado de pessoas como você. Todos os outros estão aqui porque perderam a licença para praticar medicina. Assim, os funcionários têm total domínio sobre a gente. A não ser que digam que está curado, não se recebe a licença de volta. É um baita pesadelo. Algumas pessoas estão aqui há mais de um ano, e *ainda* estão tentando pegar a licença de volta!” Balançou a cabeça, sério. “É uma puta insanidade. Todo mundo fica delatando os outros, tentando ganhar pontos com os funcionários. Doentio pra caralho mesmo. Você não tem ideia. Os pacientes zanzam como robôs, cuspindo lixo da AA, fingindo que estão reabilitados.”

Concordei com a cabeça, compreendendo a situação. Um acordo maluco como esse, em que os funcionários tinham todo esse poder, era uma receita para o abuso. Graças a Deus, eu estava acima disso. “Como são as pacientes mulheres? Alguma gostosa?”

“Só uma”, respondeu. “Um arraso. Nota 12 numa escala de 1 a 10.”

Isso me excitou! “Ah, e como ela é?”

“É uma loirinha, mais ou menos 1,67 metro, corpo incrível, rosto perfeito, cabelo cacheado. Realmente bonita. Uma bunda linda.”

Sacudi a cabeça, fazendo uma anotação mental para ficar longe dela. Ela cheirava a problema. “E quem é esse tal Doug Talbot? Os funcionários falam dele como se ele fosse uma porra de um deus. Como ele é?”

“Como ele é?”, murmurou meu amigo paranoico. “Ele é como o puto do Adolf Hitler. Ou, na verdade, como o dr. Josef Mengele. Ele é um cara convencido pra caralho, e tem poder total sobre nós, com exceção de você e talvez mais dois. Mas você ainda precisa ter cuidado, porque ele tentará usar sua família contra você. Eles entrarão na cabeça da sua esposa e dirão que, a não ser que fique aqui por seis meses, você irá ter uma recaída e colocará fogo nos seus filhos.”

NAQUELA NOITE, POR volta das 19 horas, liguei para Old Brookville procurando a Duquesa, mas ela ainda estava sumida. Contudo, consegui falar com Gwynne; contei a ela que havia conhecido meu terapeuta e que fora subdiagnosticado (sei lá o que isso significa) como um consumista compulsivo e também viciado em sexo, o que era basicamente verdade e que, pensei, não era problema dele. De qualquer forma, o terapeuta me informara que eu seria mantido sob restrição de dinheiro e masturbação – sendo-me permitido apenas dinheiro suficiente para usar em máquinas de bebidas e comida e masturbação uma vez a cada duas semanas. Imaginei que esta última restrição era reforçada pelo sistema de honra.

Pedi a Gwynne que enfiasse alguns milhares de dólares dentro de meias enroladas e então as enviasse pela UPS. Tinha esperança de que passariam pela Gestapo, falei-lhe, mas, de qualquer

forma, era o mínimo que ela podia fazer, especialmente após nove anos sendo uma das minhas principais facilitadoras. Preferi não compartilhar minha restrição de masturbação com Gwynne, contudo tinha uma leve suspeita de que isso seria um problema até maior do que a restrição de dinheiro. Afinal de contas, eu estava sóbrio havia quatro dias e já tinha ereções espontâneas sempre que o vento soprava.

O mais triste de tudo foi que, antes de terminar a ligação com Gwynne, Channy veio até o telefone e falou: "Você está em Atlântida porque empurrou mamãe na escada?".

Respondi: "Este é um dos motivos, docinho. Papai estava muito doente e não sabia o que estava fazendo".

"Se você ainda está doente, posso dar um beijo para afastar o bicho-papão de novo?".

"Espero que sim", respondi, com tristeza. "Talvez você possa dar um beijo para afastar tanto o bicho-papão da mamãe como o do papai." Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

"Vou tentar", falou ela, com a maior seriedade.

Mordi o lábio, afastando o choro escancarado. "Sei que irá, querida. Sei que irá." Então disse a ela que a amava e desliguei o telefone. Antes de ir para a cama naquela noite, fiquei de joelhos e fiz uma oração para que Channy conseguisse afastar com beijos nossos bichos-papões. Assim tudo ficaria bem novamente.

ACORDEI NA MANHÃ seguinte pronto para conhecer a reencarnação de Adolf Hitler... ou seria dr. Josef Mengele? De qualquer forma, a clínica toda – pacientes e funcionários – estava se juntando essa manhã no auditório para uma reunião regular de grupo. Era um espaço vasto sem separações. Havia 120 cadeiras num círculo enorme, e à frente da sala havia uma pequena plataforma com um púlpito, onde o orador do dia contaria sua história de desgraça por vício de drogas.

Estava sentado como qualquer paciente num grande círculo de médicos e enfermeiras viciados em drogas (ou marcianos, do Planeta Talbot Marte, conforme eu os nomeara). Nesse momento, todos os olhos estavam sobre o orador convidado de hoje: uma mulher de aparência desolada, com 40 e poucos anos, que tinha um quadril do tamanho do Alasca e um problema sério de acne, do tipo que se encontra normalmente em doentes mentais que passaram a maior parte da vida sob o efeito de drogas psicotrópicas.

"Oi", falou ela, com uma voz tímida. "Meu nome é Susan, e eu sou... errr... uma alcoólatra e viciada em drogas."

Todos os marcianos na sala, incluindo eu, responderam em seguida, dizendo: "Oi, Susan!", ao que ela corou e abaixou a cabeça, derrotada... ou seria uma vitória? De qualquer forma, não havia dúvidas de que ela era uma propagadora de baboseiras de primeira linha.

Agora havia silêncio. Aparentemente, Susan não era bem uma oradora pública, ou talvez o cérebro dela tenha entrado em curto-circuito em razão de todas as drogas que consumira. Enquanto Susan juntava as ideias, fiquei um tempo analisando Doug Talbot. Ele estava sentado na frente da sala com cinco funcionários em cada lado. Tinha cabelo curto bem branco e parecia estar na casa dos 60 anos. Sua pele era branca e pastosa, e ele tinha o tipo de queixo quadrado e expressão amarga que em geral se associa a um carcereiro maldoso, o tipo que olha no olho um condenado à espera da sentença de morte antes de apertar o botão da cadeira elétrica e diz: "Estou fazendo isso para o seu próprio bem!".

Finalmente, Susan continuou. “Eu... estou... err... sóbria... há quase 18 meses e não poderia ter feito isso sem a ajuda e inspiração de... err... Doug Talbot.” Ela se virou para Doug Talbot e fez uma reverência com a cabeça, quando então a sala toda ergueu-se e começou a bater palmas; a sala inteira com exceção de mim. Eu estava chocado demais com a imagem coletiva de mais de cem marcianos puxa-sacos tentando conseguir suas licenças de volta.

Doug Talbot acenou com a mão para os marcianos e então balançou a cabeça, como se dissesse: “Oh, por favor, vocês estão me deixando envergonhado! Faço este trabalho apenas pelo amor à humanidade!”. Mas eu não tinha dúvidas de que essa alegre infantaria de funcionários observava com cuidado quem não estava aplaudindo alto o suficiente.

Enquanto Susan continuava a papagaiar, comecei a girar a cabeça pela sala... procurando a loira cacheada com o rosto deslumbrante e o corpo de matar, e a encontrei sentada bem à minha frente, no lado oposto do círculo. Ela era deslumbrante mesmo. Tinha feições delicadas, angelicais... não as feições esculpidas de modelo da Duquesa, mas eram bonitas de qualquer forma.

De repente, os marcianos ficaram de pé novamente, e Susan fez uma reverência envergonhada. Então andou pesadamente até Doug Talbot, inclinou-se e deu-lhe um abraço. Mas não era um abraço caloroso; ela manteve seu corpo longe do dele. Era da forma que os poucos pacientes do dr. Mengele que sobreviveram devem tê-lo abraçado, em reuniões de atrocidade e eventos afins... uma espécie de versão extrema da síndrome de Estocolmo, em que reféns acabavam respeitando seus sequestradores.

Agora, um funcionário começava a declamar um pouco da sua papagaiada. Dessa vez, quando os marcianos se levantavam, eu me levantava também. Todos pegavam as mãos dos outros, e eu pegava também.

Em uníssono, fazíamos reverências com a cabeça e cantávamos o mantra do AA: *“Deus, dê-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar as coisas que posso e a sabedoria para saber a diferença”.*

Agora todos começaram a aplaudir, e aplaudi também... só que dessa vez eu estava aplaudindo com sinceridade. Afinal de contas, apesar de ser um cínico filho da puta, não havia como negar que o AA era uma coisa incrível, uma salvação para milhões de pessoas.

Havia uma longa mesa retangular no fundo da sala com alguns bules de café, bolachinhas e bolos. Quando me aproximei, escutei uma voz desconhecida berrando: “Jordan! Jordan Belfort!”.

Virei-me e – Puta merda! – era Doug Talbot. Estava andando na minha direção, com um sorriso enorme em seu rosto pastoso. Ele era alto, por volta de 1,85 metro, apesar de não parecer estar em boa forma. Trajava uma jaqueta esporte azul que parecia cara e calça de *tweed* cinza. Ele acenava para que eu fosse até ele.

Naquele instante, podia sentir centenas de pares de olhos fingindo não olhar para mim... não, na verdade eram 115 pares de olhos, porque os funcionários estavam fingindo também.

Ele estendeu a mão. “Então finalmente nos conhecemos”, disse, acenando com a cabeça. “É um prazer. Bem-vindo a Talbot Marsh. Sinto como se você e eu nos conhecêssemos há muito tempo. Brad contou-me tudo sobre você. Mal posso esperar para ouvir as histórias. Tenho algumas para contar também... nenhuma tão boa quanto as suas, tenho certeza.”

Sorri e apertei a mão do meu novo amigo. “Ouvi falar muito de você também”, respondi, lutando contra o desejo de me utilizar de ironia.

Ele colocou o braço em meu ombro. “Venha”, falou calorosamente, “vamos para o meu escritório por um tempo. Eu o libero hoje à tarde. Você será transferido lá para cima, para um apartamento. Vou levá-lo de carro até lá.”

E naquele mesmo instante fiquei sabendo que a clínica estava com um problema sério. Seu proprietário – o inalcançável, primeiro e único Doug Talbot – era meu novo melhor amigo, e todos os pacientes e funcionários sabiam disso também. O Lobo estava pronto para mostrar suas garras... mesmo na clínica.

DOUG TALBOT ACABOU se mostrando um cara bastante decente, e passamos um bom tempo contando histórias de guerra. Na verdade, como eu logo descobriria, praticamente todos os viciados em recuperação compartilham um desejo mórbido de jogar “Você Consegue Ultrapassar a Insanidade do Meu Vício?”. Obviamente, não demorou muito para Doug perceber que tinha sido seriamente sobrepujado e, quando cheguei à parte em que abri minha mobília com uma faca de açougueiro, ele já havia escutado o suficiente.

Por isso, mudou de assunto e começou a contar que estava em meio a um processo de levar sua empresa a público. Então ele me entregou alguns documentos, para ilustrar que negócio incrível estava fazendo. Estudei-os obedientemente, apesar de achar difícil prestar atenção. Aparentemente algo se desligara em meu cérebro a respeito de Wall Street, e não consegui ter aquela empolgação de sempre enquanto olhava a papelada.

Depois entramos em sua Mercedes preta e ele me levou até meu apartamento, que era no final da rua da clínica. Na verdade, não fazia parte de Talbot Marsh, mas Doug tinha um acordo firmado com a empresa administradora do complexo, e mais ou menos um terço das 50 unidades semianexadas era ocupado pelos pacientes de Talbot. Outro centro lucrativo, concluí.

Quando eu estava saindo da Mercedes, Doug falou: “Se houver algo que possa fazer por você, e se algum dos funcionários ou pacientes não estiver tratando-o bem, apenas me diga que eu cuido disso”.

Agradeci, imaginando que havia 99% de chances de eu ir conversar com ele sobre este assunto antes de as quatro semanas terminarem. Então me dirigi para a cova do leão.

Havia seis apartamentos separados em cada prédio da vila, e a minha unidade ficava no segundo andar. Subi um pequeno lance de escada e encontrei a porta da minha unidade escancarada. Meus dois companheiros de quarto estavam lá dentro, sentados a uma mesa de jantar circular feita de alguma madeira clara que parecia bem barata. Eles estavam escrevendo furiosamente em cadernos espiralados.

“Oi, meu nome é Jordan”, falei. “Prazer em conhecê-los.”

Antes mesmo de se apresentarem, um deles, um loiro alto, com pouco mais de 40 anos, perguntou: “O que Doug Talbot queria?”.

Então o outro, que era realmente muito bonito, completou: “É, como você conhece Doug Talbot?”.

Sorri para eles e respondi: “Sim, bem, é um prazer conhecê-los também”. Então passei por eles sem dizer mais nada, fui para o quarto e fechei a porta. Havia três camas lá dentro, sendo que uma delas estava desarrumada. Joguei minha mala ao lado e sentei-me no colchão. Na outra ponta do quarto havia uma tevê simples sobre um *rack* de madeira barata. Liguei a tevê e coloquei no noticiário.

Um minuto depois, meus companheiros de quarto estavam sobre mim. O loiro falou: “Assistir a tevê durante o dia não é considerado adequado”.

“Isso alimenta sua doença”, disse o bonito. “Não é considerada boa ideia.”

Boa ideia? Porra! Se eles soubessem ao menos como minha cabeça era demente! “Bem, agradeço a preocupação de vocês com a minha doença”, disparei, “mas não assisto a tevê há quase uma semana, portanto, se vocês não se importarem, por que não ficam longe de mim e se preocupam com a doença de vocês, caralho? Se eu quiser ter ideias ruins, é isso que irei fazer.”

“Que tipo de médico você é, hein?”, perguntou o loiro, de maneira acusadora.

“Não sou médico, e qual é a daquele telefone ali?” Apontei para um telefone preto Trimline sobre uma mesa de madeira. Sobre ele havia uma janela retangular que precisava desesperadamente de limpeza. “É permitido usá-lo ou isso seria considerado ideia ruim também?”

“Não, pode usar, sim”, respondeu o bonito, “mas é apenas para chamadas a cobrar.”

Aquiesci. “Qual sua especialidade médica?”

“Costumava ser oftalmologista, mas perdi minha licença.”

“E você?”, perguntei ao loiro, que era um verdadeiro membro da juventude hitlerista. “Perdeu sua licença também?”

Ele fez que sim com a cabeça. “Sou dentista e mereci perder minha licença.” Seu tom era totalmente robótico. “Sofro de uma doença terrível e preciso ser curado. Graças à equipe de Talbot Marsh, tive grandes avanços em minha recuperação. Assim que disserem que estou curado, tentarei recuperar minha licença.”

Balancei a cabeça como se houvesse acabado de ouvir algo que desafiava a lógica, então peguei o telefone e comecei a ligar para Old Brookville. O dentista disse: “Falar por mais de cinco minutos é considerado inadequado. Não é bom para sua recuperação”.

O médico dos olhos completou: “Os funcionários irão repreendê-lo por isso.”

“É mesmo?”, perguntei. “Como eles vão descobrir?”

Ambos ergueram as sobrancelhas e deram de ombros inocentemente.

Ofereci-lhes um sorriso sem graça. “Bem, com licença, porque preciso fazer alguns telefonemas. Devo terminar em mais ou menos uma hora.”

O loiro sacudiu a cabeça, olhando para o relógio. Então os dois voltaram para a sala de jantar e mergulharam em suas recuperações.

Um instante depois, Gwynne atendeu o telefone. Cumprimentamo-nos calorosamente, e ela sussurrou: “Enviei para o senhor mil dólares nas suas meias. Tu recebeu?”.

“Ainda não”, respondi. “Talvez chegue amanhã. Mais importante, Gwynne, não quero envolvê-la mais nessa história com Nadine. Sei que ela está em casa e que não atenderá telefone, e não me importo. Nem conte a ela que telefonei. Apenas atenda o telefone todo dia de manhã e chame as crianças para mim. Vou ligar por volta das 8 horas, tudo bem?”

“Certo”, disse Gwynne. “Espero que o senhor e a sra. Belfort ajeitem as coisas. Tudo tem estado muito quieto por aqui. E muito triste.”

“Espero que sim também, Gwynne. Espero mesmo que sim.” Conversamos por mais alguns minutos até que me despedi.

Naquela noite, pouco antes das 21 horas, recebi minha primeira dose da insanidade de Talbot Marsh. Havia uma reunião na sala de estar com todos os residentes da vila, onde deveríamos

compartilhar qualquer ressentimento que surgira durante o dia. Era chamada de reunião do passo 10, porque tinha algo a ver com o décimo passo dos Alcoólicos Anônimos. Mas quando peguei o livro dos AA e li o décimo passo – que era continuar a fazer o inventário pessoal e, quando estivesse errado, admitir o erro prontamente –, não conseguia imaginar como essa reunião se aplicava a isso.

Seja lá como for, oito de nós estávamos sentados em círculo. O primeiro médico, um careca com cara de *nerd*, com 40 e poucos anos, falou: "Meu nome é Steve e sou alcoólatra, viciado em drogas e viciado em sexo. Estou sóbrio há 42 dias".

Os outros seis médicos disseram: "Oi, Steve!". E disseram com tanto prazer que, se eu não soubesse, teria jurado que haviam acabado de conhecer Steve.

Steve falou: "Tenho apenas um ressentimento hoje, e é em relação a Jordan".

Isso me acordou! "Em relação a mim?", exclamei. "Nem troquei duas palavras com você, amigo. Como você poderia estar ressentido comigo?"

Meu dentista favorito disse: "Você não tem o direito de se defender, Jordan. Não é o propósito da reunião".

"Ora, desculpem-me", murmurei. "E qual o propósito, então, desta reunião maluca? Porque juro que não consigo descobrir."

Todos balançaram a cabeça em uníssono, como se eu fosse burro ou algo assim. "O propósito desta reunião", explicou o dentista nazista, "é que guardar ressentimentos pode interferir em sua recuperação. Assim, todas as noites, nos juntamos e contamos qualquer ressentimento que possa ter surgido durante o dia."

Olhei para o grupo, e todos haviam baixado o canto da boca e estavam concordando com a cabeça sabiamente.

Balancei a cabeça, contrariado. "Bem, pelo menos posso ouvir por que o bom e velho Steve está ressentido comigo?"

Todos fizeram que sim com a cabeça, e Steve falou: "Tenho ressentimentos em relação a você por causa de seu relacionamento com Doug Talbot. Todos nós estamos aqui há meses, alguns há quase um ano, e nenhum de nós sequer chegou a conversar com ele. Contudo, ele te trouxe para casa de Mercedes".

Comecei a rir na cara de Steve. "E é por isso que você está ressentido comigo? Porque ele me trouxe para casa na porra da Mercedes dele?"

Ele concordou e deixou a cabeça cair, derrotado. Alguns segundos depois, a pessoa seguinte no círculo se apresentou, da mesma maneira retardada, e então falou: "Eu também estou ressentido com você, Jordan, por voar para cá num jatinho particular. Nem tenho dinheiro para comer e você fica voando por aí em aviões particulares".

Corri os olhos pela sala e todos estavam concordando com a cabeça. Perguntei: "Mais alguma razão para estarem magoados comigo?".

"Sim", respondeu, "também tenho ressentimentos contra você pela sua relação com Doug Talbot." Mais cabeças concordando.

Então o próximo médico apresentou-se como alcoólatra, viciado em drogas, viciado em comida, e falou: "Tenho apenas um ressentimento, e também em relação a Jordan".

"Ora, meu Deus do céu", murmurei, "que surpresa do caralho! Você poderia me alegrar dizendo por quê?"

Ele comprimiu os lábios. "Pelas mesmas razões deles, e também porque você não precisa seguir as regras daqui em razão de sua relação com Doug Talbot."

Corri os olhos pela sala e todos estavam concordando com a cabeça.

Um a um, todos os meus sete colegas pacientes compartilharam seus ressentimentos em relação a mim. Quando foi minha vez de falar, disse: "Olá, meu nome é Jordan, e sou alcoólatra, viciado em Quaalude e viciado em cocaína. Sou também viciado em Xanax, Valium, morfina, Klonopin, GHB, maconha, Percocet, mescalina e quase tudo o mais, incluindo putas caríssimas, putas com preços medianos e uma prostituta de rua ocasional, mas apenas quando tenho vontade de me punir. Às vezes, recebo uma massagem à tarde numa daquelas pocilgas coreanas e mando uma jovem garota coreana bater uma punheta para mim com óleo de bebê. Sempre ofereço algumas notas de cem a mais se enfiarem a língua no meu cu, mas é uma incógnita, em razão da barreira da língua. De qualquer forma, nunca uso camisinha, por questão de princípio. Estou sóbrio há cinco dias inteirinhos, e fico andando por aí com uma ereção constante. Sinto muita falta de minha esposa e, se quiserem *realmente* ter ressentimento de mim, vou lhes mostrar uma foto dela". Dei de ombros. "De qualquer forma, tenho ressentimento de cada um de vocês por serem fracotes e por tentarem jogar as frustrações de suas vidas sobre mim. Se querem realmente se focar em suas próprias recuperações, parem de olhar para o lado e comecem a olhar para dentro de si, porque são verdadeiras vergonhas para a humanidade. E, a propósito, estão certos sobre uma coisa... *sou* amigo de Doug Talbot, portanto desejo a vocês muita sorte quando tentarem me delatar para os funcionários amanhã." Com isso, saí do círculo e disse: "Com licença, preciso fazer alguns telefonemas".

Meu dentista favorito falou: "Ainda precisamos discutir as suas tarefas. Cada pessoa na unidade tem de limpar uma área. Colocaremos você nos banheiros esta semana".

"Acho que não", resmunguei. "A partir de amanhã, haverá uma faxineira nessa espelunca. Podem falar com ela quanto a isso." Entrei no quarto, bati a porta e telefonei para Alan Lipsky a fim de contar-lhe sobre essa insanidade dos marcianos de Talbot. Rimos por uns bons 15 minutos e então começamos a conversar sobre os bons tempos.

Antes de desligar, perguntei se ouvira alguma coisa da Duquesa. Ele disse que não, e desliguei o telefone mais triste por causa disso. Fazia quase uma semana, e as coisas pareciam estranhas com ela. Liguei a tevê e tentei fechar os olhos, mas, como sempre, dormir não foi fácil. Finalmente, por volta da meia-noite, caí no sono... com mais um dia de sobriedade na conta e uma ereção furiosa dentro da cueca.

NA MANHÃ SEGUINTE, às 8 horas em ponto, telefonei para Old Brookville.

O telefone foi atendido no primeiro toque.

"Alô?", perguntou a Duquesa com delicadeza.

"Nae? É você?"

Com simpatia: "Sim, sou eu".

"Como você está?"

"Estou bem. Aguentando firme, acredito."

Respirei fundo e soltei o ar lentamente. "Eu... eu telefonei para dizer oi para as crianças. Elas estão aí?"

"Qual o problema?", perguntou com tristeza. "Não quer falar comigo?"

“Não, *lógico* que quero conversar com você! Não há nada no mundo que eu queira mais do que falar com você. Apenas achei que você não queria falar comigo.”

Com gentileza: “Não, isso não é verdade. Eu quero muito falar com você. Bem ou mal, você ainda é meu marido. Acredito que esta seja a parte *mais difícil*, certo?”

Senti lágrimas juntando-se em meus olhos, mas lutei para afastá-las. “Não sei o que dizer, Nae. Eu... sinto muito pelo que aconteceu... eu... eu...”

“Não faça isso”, disse ela. “Não se desculpe. Eu entendo o que aconteceu e te perdoo. Esta é a parte fácil, perdão. Esquecer é outra história.” Ela fez uma pausa. “Mas eu te perdoo, sim. E quero continuar. Quero tentar fazer esse casamento funcionar. Ainda te amo, apesar de tudo.”

“Eu te amo também”, falei, entre lágrimas. “Mais do que você imagina, Nae. Eu... eu não sei o que dizer. Não sei como isso aconteceu. Eu... eu não consegui dormir por meses e...”, respirei fundo, “... não sabia o que estava fazendo. Está tudo borrado em minha mente.”

“A culpa é tanto minha quanto sua”, falou, com gentileza. “Eu via você se matando e apenas fiquei lá, sem fazer nada. Pensei que estava te ajudando, mas estava na verdade fazendo o oposto. Eu não sabia.”

“Não é sua culpa, Nae, é minha. É que tudo aconteceu tão lentamente, ao longo de tantos anos, que não vi como aconteceu. Antes que eu me desse conta, estava fora de controle. Sempre me considerei uma pessoa forte, mas as drogas eram mais fortes.”

“As crianças estão com saudade. Eu também. Eu queria falar com você há dias, mas Dennis Maynard disse-me que eu devia esperar até que você estivesse totalmente desintoxicado.”

Aquele idiota do caralho! Vou arrebentar aquele cuzão! Respirei fundo, tentando me acalmar. O que eu menos precisava era perder a linha com a Duquesa no telefone. Eu precisava provar para ela que ainda era um homem racional, que as drogas não haviam me modificado para sempre. “Sabe”, falei com calma, “foi muito bom você ter mandado aqueles dois médicos até o hospital”, recusava-me a usar as palavras *unidade psiquiátrica*, “porque odiei Dennis Maynard, mais do que você pode imaginar. Quase não vim à clínica por causa dele. Havia algo nele que me pegou da maneira errada. Acho que ele tinha uma queda por você.” Fiquei aguardando ela me chamar de louco.

Ela deu uma risadinha. “É engraçado você dizer isso, porque Laurie pensou a mesma coisa.”

“É mesmo?”, perguntei, com vontade de matar alguém. “Achei que eu estava apenas sendo paranoico!”

“Não sei”, disse a Duquesa sedutora. “De início, eu estava muito abalada para notar isso, mas, quando ele me convidou para ir ao cinema, achei que era um pouco além da conta.”

“Você foi?” O método mais apropriado para matá-lo, pensei, seria fazer com que perdesse sangue através de castração.

“Não! Lógico que não fui! Foi inapropriado da parte dele convidar. De qualquer forma, ele foi embora no dia seguinte e nunca mais ouvi falar dele.”

“Por que você não foi me ver no hospital, Nae? Senti tanto sua falta. Pensei em você o tempo todo.”

Houve um silêncio longo, mas fiquei aguardando. Precisava de uma resposta. Ainda estava tentando entender por que essa mulher, minha esposa – que obviamente me amava –, não tinha vindo me visitar depois de uma tentativa de suicídio. Não fazia sentido.

Após uns dez segundos, ela respondeu: “De início, estava assustada pelo que aconteceu na

escada. É difícil explicar, mas você parecia outra pessoa naquele dia, possuído ou algo assim. Não sei. E então Dennis Maynard falou-me que eu não deveria vê-lo até que fosse para a clínica. Não sabia se ele estava certo ou errado. Não é como se eu tivesse um manual para seguir nessa situação, e ele supostamente era o especialista. De qualquer forma, o que importa é que você foi para a clínica, certo?".

Queria dizer que não, mas não era hora de começar uma discussão. Tinha o resto da vida para discutir com ela. "Sim, bem, estou aqui, e isso é o mais importante."

"Como estão as recaídas?", perguntou, mudando de assunto.

"Na verdade, não tive nenhuma recaída, ou pelo menos nenhuma que eu sentisse. Acredite ou não, assim que cheguei aqui perdi o desejo de usar drogas. É difícil explicar, mas estava sentado na sala de espera e, de repente, a compulsão se desvaneceu. De qualquer forma, este lugar é meio maluco, para dizer o mínimo. O que irá me manter sóbrio não é Talbot Marsh; sou eu."

Muito nervosa agora: "Mas você ainda vai ficar aí 28 dias, certo?".

Sorri com gentileza. "Sim, pode relaxar, querida. Vou ficar. Preciso de um tempo afastado de toda a loucura. De qualquer forma, a parte dos AA é realmente boa. Li o livro e é incrível. Irei a reuniões quando chegar em casa, apenas para garantir que eu não tenha recaídas."

Passamos os 30 minutos seguintes falando pelo telefone, e no final da conversa eu tinha minha Duquesa de volta. Sabia disso. Podia sentir em meus ossos. Contei-lhe todas as minhas ereções e ela me prometeu que ajudaria nesse departamento assim que eu retornasse para casa. Perguntei a ela se faria sexo por telefone comigo, mas ela se recusou. Contudo, continuaria insistindo com ela quanto a isso. Por fim, imaginei, ela consentiria.

Então dissemos vários *Eu te amos* e fizemos promessas de escrever um para o outro todos os dias. Antes de desligar, contei-lhe que telefonaria três vezes por dia.

Os dias seguintes passaram sem que nada diferente acontecesse e, sem que me desse conta, eu havia completado uma semana longe das drogas.

Todo dia tínhamos algumas horas para atividades pessoais, para irmos à academia ou algo assim, e eu logo entrei num pequeno grupo de marcianos puxa-sacos. Um dos médicos – um anestesista que tivera o hábito de se anestesiar enquanto seus pacientes estavam na mesa sob seus cuidados – estava em Talbot Marsh havia mais de um ano, e recebera seu carro, enviado pela família. Era uma merda de um Toyota sedã cinza, mas servia para o seu propósito.

Era uma viagem de mais ou menos dez minutos de carro até a academia, e eu estava sentado no banco de trás, trajando um short Adidas cinza e uma regata, quando tive uma ereção enorme. Fora provavelmente causada pelas vibrações do motor de quatro cilindros, ou talvez pelos buracos na estrada, mas havia enviado algumas doses de sangue para a minha virilha. Era uma ereção enorme, dura como pedra, do tipo que aperta sua cueca e precisa ser ajustada, e então reajustada, deixando o cara insano.

"Vejam isso", disse, puxando a frente do meu short de ginástica e mostrando o pênis aos marcianos.

Todos se viraram e olharam. Sim, pensei, parecia legal. Apesar de minha altura, Deus fora bem generoso comigo nesse departamento. "Nada mal!", falei para meus amigos médicos, enquanto agarrava meu pênis e dava algumas sacudidas. Então o bati contra minha barriga, o que causou uma pancada um tanto agradável.

Finalmente, depois da quarta pancada, todo mundo começou a rir. Era um raro momento de

leveza em Talbot Marsh, um momento entre homens, um momento entre marcianos, em que as delicadezas sociais podiam ser deixadas de lado, em que a homofobia podia ser totalmente ignorada e homens podiam ser apenas aquilo: homens! Malhei bem naquela tarde, e o resto do dia passou sem que acontecesse nada de mais.

No dia seguinte, pouco depois do almoço, eu estava numa sessão de terapia em grupo terrivelmente chata. Minha conselheira apareceu, pedindo para falar comigo.

Não poderia estar mais feliz... até dois minutos depois, quando estávamos em seu pequeno escritório e ela jogou a cabeça para o lado, num ângulo que demonstrava esperteza, e falou, usando o tom do Grande Inquisidor: "Então, como está, Jordan?".

Abaixei os cantos da boca e dei de ombros. "Estou bem, acho."

Ela sorriu com cautela e perguntou: "Tem tido desejos ultimamente?".

"Não, de forma alguma", respondi. "Numa escala de um a dez, eu teria de dizer que meu desejo por drogas é zero. Talvez até menos que isso."

"Ah, isso é muito bom, Jordan. Muito, muito bom."

Que caralho! Sabia que estava deixando passar algo aqui. "Err, estou um pouco confuso. Alguém lhe disse que eu estava pensando em usar drogas?"

"Não, não", respondeu, balançando a cabeça. "Não tem nada a ver com isso. Estou apenas querendo saber se você teve algum outro desejo ultimamente, não relacionado a drogas."

Vasculhei minha memória curta por desejos, mas não encontrei nada, além do desejo óbvio de sair deste lugar, ir para casa encontrar a Duquesa e comê-la toda, sem parar, por um mês. "Não, não tenho tido nenhum desejo. Quer dizer, sinto falta da minha esposa e tudo o mais, e gostaria de ir para casa, ficar com ela, mas só isso."

Ela comprimiu os lábios, concordou com a cabeça lentamente e então disse: "Tem tido desejos de se expor em público?".

"O quê?", bradei. "Do que está falando? O que você acha, que sou um maníaco ou algo assim?" Balancei a cabeça com desdém.

"Bem", ela disse, séria, "recebi três reclamações por escrito hoje, de três pacientes diferentes, e todos dizem que você se expôs para eles; que abaixou o short e se masturbou na presença deles."

"Isso é mentira", disparei. "Não estava batendo punheta, pelo amor de Deus. Apenas chacoalhei algumas vezes e bati-o contra a minha barriga para que todos pudéssemos ouvir o som. Só isso. Qual o problema disso? De onde eu vim, um pouquinho de nudez entre homens não é algo para se fazer caso." Balancei a cabeça. "Estava apenas brincando. Tenho tido ereções desde que cheguei a este lugar. Acho que meu pinto está finalmente acordando depois de todas as drogas. Mas, já que isso parece incomodar tanto todo mundo, vou manter o passarinho na gaiola nas próximas semanas. Nada de mais."

Ela aquiesceu. "Bem, você tem de entender que traumatizou alguns dos outros pacientes. A recuperação deles está bem frágil neste ponto, e qualquer choque repentino pode mandá-los de volta para o consumo."

"Você acabou de dizer *traumatizados*? Para com isso, caralho! Não acha que é um pouco de exagero? Quer dizer... Caramba! Estamos falando de homens adultos! Como poderiam ter ficado traumatizados ao ver meu pinto, a não ser, é lógico, que um deles quisesse chupá-lo. Acha que pode ser isso?"

Ela deu de ombros. “Não saberia dizer.”

“Bem, tenho certeza de que ninguém naquele carro ficou traumatizado. Foi um momento entre homens, só isso. O único motivo para eles me delatarem foi porque queriam provar à equipe que estavam curados, reabilitados, ou sei lá o quê. Fariam qualquer coisa para receber suas licenças de volta, certo?”

Ela concordou. “Obviamente.”

“Ah, então você sabe isso?”

“Sim, lógico que sei. E o fato de todos terem delatado você me faz questionar seriamente o *status* da recuperação deles.” Ela me deu o sorriso que significava que não havia ressentimentos. “De qualquer forma, isso não muda o fato de seu comportamento não ter sido apropriado.”

“Que seja”, murmurei. “Não irá acontecer novamente.”

“É justo”, falou, entregando-me uma folha de papel datilografada. “Apenas preciso que assine este contrato comportamental. Diz aí que você concorda em não se expor em público novamente.” Ela me deu uma caneta.

“Está brincando comigo!?”

Ela fez que não com a cabeça. Comecei a rir ao ler o contrato. Tinha apenas algumas linhas e dizia exatamente o que ela indicara. Dei de ombros e assinei, então me levantei da cadeira e me dirigi para a porta. “Só isso?”, brinquei. “Caso encerrado?”

“Sim, caso encerrado.”

Quando estava retornando para minha sessão de terapia, tive a sensação estranha de que não estava encerrado. Esses marcianos de Talbot eram um grupo estranho.

NO DIA SEGUINTE, era hora de outra discussão da távola redonda. Mais uma vez, todos os 105 marcianos e mais ou menos uma dúzia de funcionários sentaram-se num círculo grande no auditório. Doug Talbot, percebi, estava conspicuamente ausente.

Assim, fechei os olhos e me preparei para a papagaiada. Depois de 10 ou 15 minutos, eu estava meio dormindo, quando escutei: “... Jordan Belfort, que a maioria de vocês conhece”.

Ergui a cabeça. Minha terapeuta assumira a reunião em algum momento, e agora estava falando sobre mim. Fiquei me perguntando o porquê.

“Assim, em vez de ter um orador convidado hoje”, continuou minha terapeuta, “acho que seria mais produtivo se Jordan compartilhasse com o grupo o que aconteceu.” Ela fez uma pausa e olhou na minha direção. “Você faria a gentileza de compartilhar conosco, Jordan?”

Corri os olhos pela sala, vendo que todos os marcianos estavam me encarando, incluindo Shirley Temple com suas lindas madeixas loiras. Eu ainda estava um pouco confuso sobre o que a minha terapeuta queria que eu falasse, apesar de ter uma leve suspeita de que tinha algo a ver com o fato de eu ser um maníaco sexual.

Inclinei-me para a frente, encarei minha terapeuta e dei de ombros. “Não tenho nada contra falar para o grupo”, falei, “mas o que é que você quer que eu diga? Tenho muitas histórias. Por que não escolhe uma?”

Com isso, todos os 105 marcianos viraram a cabeça na direção da terapeuta. Parecia que estávamos disputando uma partida de tênis. “Bem”, respondeu ela, terapeuticamente, “você tem a liberdade de falar sobre o que quiser nesta sala. É um lugar muito seguro. Mas por que não começa falando sobre o que aconteceu no carro outro dia, no caminho para a academia?”

Os marcianos viraram a cabeça para mim. Gargalhando, falei: “Você está brincando, certo?”.

Agora os marcianos voltaram a olhar para minha terapeuta... que comprimiu os lábios e balançou a cabeça, como se dissesse: “Não, estou falando sério!”.

Que ironia!, pensei. Minha terapeuta estava me tornando o centro das atenções. Que glória! O Lobo... de volta à ação! Eu adorava isso. O fato de metade das pessoas na sala serem mulheres tornava tudo ainda melhor. A Comissão de Valores Mobiliários retirara de mim a possibilidade de ficar diante de uma multidão e fazer um discurso, e agora minha terapeuta fizera a gentileza de me devolver aquele poder. Eu faria um show que os marcianos nunca esqueceriam!

Acenei com a cabeça e sorri para minha terapeuta. “Tudo bem se eu ficar de pé no meio da sala para falar? Penso melhor enquanto estou me movendo.”

As 105 cabeças marcianas voltaram-se para minha terapeuta. “Por favor, fique à vontade.”

Andei até o centro da sala e encarei diretamente os olhos de Shirley Temple. “Olá, pessoal! Meu nome é Jordan e sou alcoólatra, viciado em drogas e maníaco sexual.”

“Olá, Jordan!”, veio a resposta sincera, acompanhada por algumas risadinhas. Shirley Temple, contudo, ficara vermelha como beterraba. Eu a encarei diretamente em seus enormes olhos azuis quando me referi a mim mesmo como maníaco sexual.

Segui: “De qualquer forma, não sou muito de falar diante de multidões, mas farei o que posso. Está certo... por onde devo começar? Ah, minhas ereções... sim, é o ponto mais apropriado, imagino. Eis a raiz do problema. Passei os últimos dez anos de minha vida com o pinto num estado de seminarcose, resultado de todas as drogas que eu usava. Quer dizer, não me entendam mal, não era impotente ou algo assim, apesar de ter de admitir que houve milhares de vezes em que não consegui levantá-lo em razão de toda a coca e os Ludes”.

A risada se espalhou. *Ah, o Lobo de Wall Street! Comecemos a partida!* Ergui a mão pedindo silêncio.

“Não, sério, não é para ficar rindo. Vejam, na maior parte das vezes que não conseguia levantá-lo, eu estava com putas, e isso acontecia umas três vezes por semana. Portanto, eu estava basicamente jogando dinheiro pela janela... pagando mais de mil dólares por trepada e nem sendo capaz de dormir com elas. Era tudo muito triste, e muito caro também.

“De qualquer forma, no final elas normalmente conseguiam, pelo menos as boas conseguiam, apesar de precisar um pouco de coação com brinquedos e afins.” Baixei os cantos da boca e dei de ombros, como se dissesse: “Brinquedinhos sexuais não é algo vergonhoso!”.

Agora irrompia uma gargalhada enorme e, apesar de nem olhar, podia dizer que era o som da gargalhada das marcianas. Minhas suspeitas se confirmaram quando corri os olhos pela sala e vi todas as marcianas me olhando com sorrisos incríveis em seus belos rostos marcianos. Seus ombros marcianos iam para cima e para baixo a cada risadinha. Enquanto isso, os marcianos atiravam farpas contra mim com seus olhos marcianos.

Balancei a mão pedindo silêncio e continuei: “Não importa, não importa. Vejam, a ironia é que, quando estava com minha esposa, nunca tinha este problema. Podia sempre levantá-lo com ela, e da forma normal... e se vocês a vissem entenderiam por quê. Mas, quando comecei a cheirar sete gramas de coca por dia, bem, surgiram problemas com ela também.

“Contudo, agora que não toco em drogas há mais de uma semana, acho que meu pênis está passando por alguma espécie de metamorfose estranha, ou talvez um novo despertar. Tenho andado por aí com uma ereção 23 horas por dia... ou talvez até mais.” Um grande estrondo de

gargalhada das marcianas. Corri os olhos pela sala. Ah, sim, eu as tinha pego! Eram minhas agora! O Lobo... jogando suas presas para as damas! Centro das atenções!

"De qualquer forma, achei que alguns dos homens aqui compreenderiam meu apuro. Quer dizer, parecia lógico que outras pessoas estivessem sofrendo esta aflição terrível também, certo?"

Corri os olhos pela sala e todas as marcianas estavam concordando com a cabeça, enquanto os marcianos balançavam a cabeça para a frente e para trás, olhando-me com desdém. Dei de ombros. "Assim, como estava dizendo, eis como o problema começou. Eu estava no carro com três outros pacientes, pacientes sem pinto, agora que estou pensando melhor, e nos dirigíamos para a academia, e acho que foram as vibrações do motor ou talvez os buracos na estrada, mas, o que quer que tenha sido, do nada tive uma ereção enorme!"

Observei a sala, cuidadosamente evitando os olhares flamejantes dos marcianos... saboreando, em vez disso, os olhares apaixonados de todas as marcianas. Shirley Temple lambia os lábios em antecipação. Pisquei para ela e falei: "De qualquer forma, foi apenas um momento inofensivo entre homens, só isso. Ora, não vou negar que saquei a cobra", um estrondo de risadas das marcianas, "e não vou negar que a bati contra minha barriga uma ou duas vezes ", mais risadas, "mas tudo foi feito para brincar. Não era como se eu estivesse chacoalhando-o com ferocidade, tentando gozar no banco de trás do carro... porém não vou passar sermão naqueles que já o fizeram alguma vez. Quer dizer, cada um com seu cada um, certo?". Uma marciana não identificada berrou: "Sim, cada um com seu cada um!", ao que o resto das marcianas começou a bater palmas.

Ergui a mão pedindo silêncio, perguntando-me por quanto tempo os funcionários permitiriam que isso continuasse. Suspeitei que por tempo indefinido. Afinal de contas, a cada segundo que eu falava havia alguma empresa de seguro recebendo um boleto de cada um desses 105 marcianos. "Assim, para resumir, vou lhes dizer o que está realmente me incomodando em todo esse assunto: é que esses três caras que me entregaram, cujos nomes não serão mencionados... contudo, se vierem até mim mais tarde, ficarei feliz em contar-lhes exatamente quem são, a fim de que possam evitá-los... todos riram e brincaram enquanto estávamos no carro. Ninguém me confrontou, nem me deu qualquer pista de que considerava aquilo que eu estava fazendo de mau gosto."

Balancei a cabeça com nojo. "Sabem, a verdade é que venho de um mundo bem extravagante, um mundo que eu mesmo construí, em que coisas como nudez, prostitutas, sacanagens e todos os tipos de atos depravados eram considerados normais.

"Olhando para o passado, sei que era errado. E sei que era insano. Mas sei disso agora... *hoje*... aqui, como um homem sóbrio. Sim, hoje sei que arremessar anões é errado e que trepar com quatro putas é errado e que manipular ações é errado e que trair a esposa é errado e que dormir à mesa de jantar ou no acostamento da estrada ou bater nos carros de outras pessoas porque dormi no volante, sei que todas essas coisas são erradas.

"Sou o primeiro a admitir que estou bem longe de ser alguém perfeito. Sou na verdade inseguro e humilde, e fico facilmente envergonhado." Fiz uma pausa, mudando meu tom para bem sério. "Mas me recuso a demonstrar isso. Se tivesse de escolher entre vergonha e morte, escolheria morte. Dessa forma, sim, sou uma pessoa fraca, impotente. Mas uma coisa que nunca me verão fazendo é julgar as outras pessoas."

Dei de ombros e soltei um suspiro bastante óbvio. "Sim, talvez o que fiz no carro tenha sido

errado. Talvez tenha sido de mau gosto e ofensivo. Mas desafio qualquer pessoa nesta sala a dizer que fiz com malícia no coração ou para tentar foder a recuperação de outra pessoa. Fiz aquilo para brincar com esta situação terrível em que estou. Sou viciado em drogas há quase uma década e, apesar de parecer normal de alguma forma, sei que não sou. Vou sair daqui em algumas semanas, e estou cagando de medo de voltar para a cova do leão, de voltar para as pessoas, lugares e coisas que alimentavam meu vício. Tenho uma esposa que amo e dois filhos que venero, e, se voltar para lá e tiver uma recaída, irei destruí-los para sempre, principalmente meus filhos.

"Contudo, aqui em Talbot Marsh, onde eu supostamente estaria rodeado por pessoas que *entendem* o que estou passando, há três cuzões tentando questionar minha recuperação e me mandar para fora deste lugar. E isso é realmente triste. Não sou nada diferente de qualquer um de vocês, homem ou mulher. Sim, talvez eu tenha um pouco mais de grana, mas tenho medo, preocupação e insegurança em relação ao futuro, e passo a maior parte do dia rezando para que tudo termine bem. Para que um dia eu seja capaz de sentar com meus filhos e dizer: 'Sim, é verdade que empurrei mamãe pela escada uma vez enquanto estava sob o efeito de cocaína, mas isso foi 20 anos atrás, e estou sóbrio deste então'."

Balancei a cabeça novamente. "Assim, da próxima vez que pensarem em me delatar para os funcionários, gostaria que pensassem duas vezes. Vocês estarão apenas se machucando. Não serei mandado para fora deste lugar tão rapidamente, e os funcionários são muito mais espertos do que vocês imaginam. E isso é tudo o que tenho a dizer. Agora, se me dão licença, estou tendo uma ereção... portanto preciso me sentar para evitar um constrangimento. Obrigado." Balancei a mão no ar como se fosse um candidato político em campanha, e a sala explodiu num aplauso atroador. Todas as marcianas, todos os funcionários e mais ou menos metade dos marcianos levantaram-se, fazendo uma ovação incrível.

Quando me sentei, fixei o olhar em minha terapeuta. Ela sorriu para mim, acenou com a cabeça e mostrou o punho no ar uma única vez, como se dissesse: "Bom para você, Jordan".

Nos 30 minutos seguintes, ocorreu uma discussão aberta, durante a qual as marcianas defenderam minhas ações, dizendo que eu era adorável, enquanto alguns machos da espécie continuavam a me atacar, dizendo que eu era uma ameaça à sociedade marciana.

NAQUELA NOITE, SENTEI-me com meus companheiros de quarto e falei: "Ouçam, estou de saco cheio de toda esta merda que está acontecendo aqui. Não quero ficar ouvindo que esqueci de abaixar a tampa da privada e que falo demais ao telefone ou que ronco muito alto. Estou cansado. Então eis minha proposta. Vocês estão desesperados por grana, certo?".

Fizeram que sim com a cabeça.

"Bom", falei. "Eis o que vamos fazer. Amanhã de manhã vocês irão telefonar para meu amigo Alan Lipsky, e ele abrirá contas para vocês na firma de corretagem dele. Amanhã à tarde, cada um de vocês terá cinco mil. Podem mandar o dinheiro para onde quiserem. Mas não quero ouvir mais nenhum cochicho de nenhum de vocês até eu sair deste lugar. Isso acontecerá daqui a menos de três semanas, portanto não será muito difícil."

Logicamente, ambos telefonaram na manhã seguinte, e logicamente isso melhorou em muito nosso relacionamento. Todavia, meus problemas em Talbot Marsh estavam longe do fim. Mas não era a sedutora Shirley Temple quem complicava as coisas. Não, meus problemas vinham de

meu desejo de ver a Duquesa. Escutei boatos entre a comunidade marciana de que, em raras ocasiões, a equipe médica concedia licenças. Telefonei para a Duquesa e perguntei-lhe se ela pegaria um voo até aqui para passar um longo final de semana, caso minha requisição fosse aceita.

"Só me diga onde e quando", respondeu, "e vou te dar um final de semana do qual você nunca esquecerá."

Era por essa razão que eu estava no momento no consultório da minha terapeuta, tentando conseguir uma licença. Era minha terceira semana no planeta Talbot Marsh e eu não tivera mais nenhum problema, apesar de ser conhecimento comum entre os marcianos que eu participava de apenas 25% das sessões de terapia em grupo. Mas ninguém parecia se importar com isso. Eles perceberam que Doug Talbot não iria me afastar e que, com os meus modos estranhos, eu estava sendo uma influência positiva.

Sorri para minha terapeuta e falei: "Ouça, não vejo qual o problema de eu sair numa sexta e voltar num domingo. Estarei com a minha esposa o tempo todo. Você falou com ela, portanto sabe que ela está ciente do programa. Será bom para a minha recuperação".

"Não posso permitir isso", argumentou minha terapeuta, balançando a cabeça. "Seria uma diferença muito grande em relação aos outros pacientes. Todos estão nervosos, e isso tem a ver com o suposto tratamento especial que você recebe aqui." Ela sorriu com simpatia. "Ouça, Jordan, nossa política é de que pacientes não têm direito a licenças até que tenham ficado na clínica por pelo menos 90 dias... e tenham se comportado perfeitamente. Nada de ficar pelado ou algo assim."

Sorri para minha terapeuta. Ela era uma pessoa decente, essa dama, e eu me aproximara dela nas últimas semanas. Fora perspicaz da parte dela, naquele dia, colocar-me diante da multidão e me dar uma chance de me defender. Eu descobriria, apenas muito tempo depois, que ela havia conversado com a Duquesa, que a informara de minha habilidade para convencer as massas, para o bem ou para o mal.

"Sei que vocês têm regras", falei, "mas elas não foram feitas para alguém em minha situação. Como posso estar sujeito a uma regra que requer um período de esfriamento de 90 dias quando minha estada completa será de apenas 28 dias?" Dei de ombros, não gostando muito de minha própria lógica, até que uma inspiração maravilhosa começou a borbulhar em meu cérebro sóbrio. "Tenho uma ideia!", gorjeei. "Por que você não me coloca diante do grupo novamente para fazer outro discurso? Vou tentar vender para eles ideia de que mereço uma licença, mesmo que isso vá contra a política institucional."

Sua resposta foi colocar a mão na ponta do nariz e começar a esfregá-lo. Então ela sorriu delicadamente. "Sabe, quase quero responder que sim, apenas para ouvir que tipo de lorota você irá contar aos pacientes. Na verdade, não tenho dúvidas de que os convenceria." Ela deu mais algumas risadinhas. "Foi um belo discurso aquele que você fez duas semanas atrás, de longe o melhor na história de Talbot Marsh. Você tem um dom incrível, Jordan. Nunca vi algo assim. Apenas por curiosidade, porém, o que diria aos pacientes se eu lhe desse a oportunidade?"

Dei de ombros. "Ainda não tenho certeza. Sabe, não planejo sempre o que vou dizer. Eu costumava fazer duas reuniões por dia com um campo de futebol cheio de gente. Fiz isso por quase cinco anos, e não consigo me lembrar de uma única vez que cheguei a pensar sobre o que diria antes de fazer o discurso. Normalmente havia um ou dois tópicos que precisavam ser

abordados, mas era só isso. Tudo o mais vinha com o momento.

"Sabe, há algo que acontece comigo só quando estou diante de uma multidão. É difícil descrever, mas é como se, de repente, tudo ficasse muito claro. Meus pensamentos começassem a se desenrolar pela minha língua sem nem ao menos eu precisar pensá-los. Um pensamento leva a outro, e então eu entro no pique.

"Mas, respondendo a sua pergunta, eu provavelmente usaria psicologia reversa com eles, explicaria que a permissão para eu sair de licença seria bom para a recuperação deles mesmos. Que a vida, num todo, não é justa, e que eles deviam se acostumar a isso agora num ambiente controlado. Então, em seguida, faria se sentirem mal por mim... contando-lhes o que fiz a minha esposa na escada e como minha família estava próxima de ser destruída em razão de meu vício em drogas, e como essa visita agora provavelmente faria a diferença para minha esposa e eu permanecermos juntos ou não."

Minha terapeuta sorriu. "Acho que você precisa descobrir uma forma de usar suas habilidades para algo bom, descobrir uma maneira de passar sua mensagem, só que fazendo-o para um bem maior, não para corromper pessoas."

"Ahhh", falei, sorrindo de volta, "então você tem me escutado todas essas semanas. Eu não tinha certeza. De qualquer forma, talvez eu o faça algum dia, mas, por enquanto, quero apenas retornar para minha família. Planejo sair do negócio de corretagem também. Tenho alguns investimentos para recuperar e então paro de vez, para sempre. Parei com as drogas, as putas, as traições, todo o lixo das ações, tudo. Vou viver o resto da minha vida calmamente, longe dos holofotes."

Ela começou a rir. "Bem, de alguma forma, acho que sua vida não será assim. Acho que nunca viverá na obscuridade. Pelo menos não por muito tempo. Não me refiro a isso como uma coisa ruim. O que estou tentando dizer é que você tem um dom maravilhoso, e acho que é importante para sua recuperação aprender a usar esse dom de maneira positiva. Apenas foque na sua recuperação primeiro, fique sóbrio, e o resto de sua vida cuidará de si."

Deixei cair a cabeça, fiquei olhando para o chão e concordei. Sabia que ela estava certa, e isso me assustava muito. Eu queria desesperadamente manter-me sóbrio, mas sabia que as chances eram totalmente adversas. Tinha de admitir que, após aprender mais sobre os AA, isso não mais parecia uma impossibilidade patente, apenas uma tentativa a longo prazo. A diferença entre sucesso e derrota, eu achava, tinha muito a ver com participar das reuniões dos AA assim que saísse da clínica de reabilitação – encontrar um padrinho com quem me identificasse, alguém que oferecesse ajuda e força quando as coisas não estivessem bem.

"E quanto à minha licença?", perguntei, erguendo as sobrancelhas.

"Vou levar o assunto para ser discutido na reunião de funcionários amanhã. No final, não depende de mim, depende do dr. Talbot." Ela deu de ombros. "Como sua terapeuta principal, posso vetar, mas não irei fazê-lo. Vou me abster de votar."

Acenei com a cabeça, indicando que compreendi. Eu falaria com Talbot antes daquela reunião. "Obrigado por tudo", disse. "Você me terá por apenas mais uma semana, mais ou menos. Tentarei não te encher muito."

"Você não me enche", respondeu ela. "Na verdade, você é meu favorito, apesar de eu nunca admitir isso para ninguém."

"E não contarei a ninguém." Inclinei-me e a abracei com carinho.

CINCO DIAS DEPOIS, numa sexta-feira, um pouco antes das 18 horas, eu estava aguardando na pista de pouso do terminal particular do Aeroporto Internacional de Atlanta. Estava encostado no para-choques traseiro de uma limusine Lincoln preta, olhando para o céu boreal com olhos sóbrios. Meus braços estavam cruzados no peito e tinha uma ereção enorme dentro da calça. Estava aguardando a Duquesa.

Pesava quatro quilos e meio a mais do que quando cheguei, e minha pele voltara a resplandecer juventude e saúde. Tinha 34 anos e havia sobrevivido ao inenarrável... um vício em drogas de proporções bíblicas, um vício em drogas de tamanha insanidade que eu deveria ter morrido havia muito, de overdose, de acidente de automóvel, de queda de helicóptero, de acidente de mergulho ou de uma entre milhares de formas diferentes.

Contudo, lá estava eu, ainda de posse de todas as minhas faculdades. Era um começo de noite bonito e limpo, com uma brisa leve e quente. A essa hora do dia, no começo do verão, o sol ainda estava tão alto no céu que eu consegui ver o Gulfstream muito antes de suas rodas tocarem a pista. Parecia quase impossível que dentro daquela cabine estivesse minha linda esposa, a quem eu fizera passar por um inferno de sete anos de vício em drogas. Fiquei tentando imaginar o que ela estaria vestindo e o que estaria pensando. Estaria nervosa como eu? Estaria tão bonita quanto eu me lembrava? Exalaria ainda aquele perfume incrível? Ela realmente ainda me amava? As coisas poderiam voltar ao que foram?

Descobri tudo no instante em que a porta da cabine se abriu e a sedutora Duquesa emergiu com sua linda e cintilante madeixa loira. Estava deslumbrante. Deu um passo para a frente e então, à típica maneira da Duquesa, firmou uma pose, com a cabeça jogada para o lado, os braços dobrados abaixo dos seios e uma longa perna nua girada para o lado, numa afirmação de desafio.

Então ela apenas ficou me olhando. Usava um vestidinho de verão rosa. Não tinha mangas e ficava a uns 15 centímetros acima dos joelhos. Ainda mantendo a pose, comprimiu aqueles lábios sedutores e começou a balançar sua cabecinha loira para trás e para a frente, como se dissesse: “Não acredito que este é o homem que amo”. Andei um passo para a frente, joguei as palmas das mãos para o ar e dei de ombros.

E ficamos lá, encarando-nos por uns dez segundos, até que, de repente, ela desistiu de sua pose e me assoprou um beijo duplo maravilhoso. Então esticou os braços, fez uma pequena pirueta para anunciar sua chegada à cidade de Atlanta e desceu a escada correndo com um grande sorriso no rosto. Comecei a correr na direção dela, e nos encontramos no meio da pista de pouso. Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e deu um pulinho para enrolar suas pernas em torno da minha cintura. Então me beijou.

E ficamos nos beijando pelo que pareceu uma eternidade, enquanto inspirávamos o perfume um do outro. Girei 360 graus, ainda a beijando, até que nós dois começamos a rir. Afastei os lábios, enterrei o nariz no decote dela e a cheirei, como um cachorrinho. Ela soltava risinhos incontroladamente. Seu cheiro era tão bom que quase parecia impossível de existir.

Joguei a cabeça um pouco para trás e encarei aqueles olhos azuis vívidos dela. Falei, num tom bem sério: “Se eu não fizer amor com você neste exato segundo, irei gozar bem aqui na pista de pouso”.

A resposta da Duquesa foi uma reversão para sua voz de bebê: “Ai, meu pobre garotinho!”.

Inho? Inacreditável! “Está com tanto tesão que está prestes a explodir, não?”

Concordei avidamente.

A Duquesa continuou: “E olhe como você está jovial e bonito agora que ganhou alguns quilinhos e sua pele não está mais verde. Pena que tenha de aprender uma lição neste final de semana”. Ela deu de ombros. “Não haverá amor até 4 de julho.”

Hein? “O que você está falando?”

Num tom muito sábio: “Você me escutou, amorzinho. Você foi um garoto muito mau, portanto agora terá de pagar por isso. Primeiro tem de provar-se para mim antes que eu permita que enfie novamente. Por enquanto apenas pode me beijar”.

Dei uma risadinha. “Para com isso, sua louca!” Agarrei sua mão e comecei a puxá-la na direção da limusine. “Não consigo esperar até 4 de julho! Preciso de você agora... neste exato instante! Quero fazer amor com você no banco de trás da limusine.”

“Nananinanão”, falou, balançando a cabeça de uma forma exagerada. “Este final de semana será apenas de beijos. Vamos ver como se comporta nos próximos dois dias, e então talvez no domingo considerarei a ideia de avançarmos.”

O motorista da limusine era um caipirão branquelo baixinho, na casa dos 60 anos, chamado Bob. Usava um quepe de motorista e estava em pé ao lado da porta traseira, aguardando-nos. Falei: “Esta é minha esposa, Bob. Ela é uma duquesa, por isso trate-a adequadamente. Aposto que não tem recebido muita realeza por aqui ultimamente, tem?”.

“Ah, não”, respondeu Bob, bastante sério. “Nem pessoas comuns.”

Comprimi os lábios e acenei com a cabeça, sério. “Foi o que pensei. De qualquer forma, não fique intimidado com ela. Ela, na verdade, é bastante simples, certo, querida?”

“Sim, bastante simples. Agora cale a porra dessa boca e entre na droga da limusine”, bradou a Duquesa.

Bob ficou paralisado de horror, obviamente assustado com a possibilidade de alguém com sangue real, como a Duquesa de Bay Ridge, usar tal linguajar.

Falei para Bob: “Não ligue para ela; ela apenas não quer parecer muito arrogante. Reserva seu lado elegante para quando está na Inglaterra, com os outros reais”. Pisquei. “De qualquer forma, deixando a brincadeira de lado, Bob, como sou casado com ela, sou um duque; assim, acho que, como será nosso motorista durante todo o final de semana, pode muito bem se dirigir a nós como Duque e Duquesa... apenas para evitar qualquer confusão.”

Bob fez uma reverência formal. “Logicamente, Duque.”

“Muito bem”, respondi, empurrando a Duquesa para o banco de trás pelas suas fabulosas nádegas reais. Entrei logo na sequência. Bob bateu a porta e então se dirigiu ao avião a fim de pegar a bagagem real da Duquesa.

Imediatamente ergui o vestido dela e vi que não usava calcinha. Ataquei. “Eu te amo tanto, Nae. Tanto, tanto!...” Empurrei-a para baixo no assento de trás, comprido, e encostei minha ereção nela. Ela grunhiu deliciosamente, esfregando sua pélvis na minha, dando-me o prazer de uma pequena fricção. Beijei-a e beijei-a até que, depois de alguns minutos, ela estendeu os braços e me empurrou para longe.

Entre risadinhas: “Pare, garotinho safado! Bob está voltando. Você terá de esperar até chegarmos ao hotel”. Ela olhou para baixo e viu minha ereção através do jeans. “Ai, meu pobre bebezinho” – *inho? Por que sempre inho?* – “está prestes a explodir!” Ela comprimiu os lábios.

“Deixe-me esfregá-lo para você.” Desceu a palma da mão até minha virilha e começou a esfregar o contorno da ereção.

Respondi apertando o botão da divisória no console do teto. Quando a partição subiu, fechando-se, murmurei: “Não posso esperar até chegarmos ao hotel! Vou fazer amor com você bem aqui, com Bob ou sem Bob!”.

“Certo!”, falou a Duquesa traquina. “Mas é apenas uma foda de compaixão, portanto não conta. Ainda não vou fazer amor com você até que prove para mim que se tornou um bom garoto. Entendido?”

Concordei, fazendo minha expressão de cachorrinho, e começamos a rasgar as roupas um do outro. Quando Bob voltou para a limusine, eu estava já bem dentro da Duquesa, e nós dois grunhíamos com selvageria. Levei um indicador aos lábios e falei: “Shhhhhh!”.

Ela concordou, e eu me levantei e apertei o botão do interfone. “Bob, meu bom homem, você está aí?”

“Sim, Duque.”

“Esplêndido. A Duquesa e eu temos alguns assuntos muito urgentes para discutir, portanto, por gentileza, não nos perturbe até chegarmos ao Hyatt.”

Pisquei para a Duquesa e indiquei o botão do interfone com as sobrancelhas. “Ligado ou desligado?”, sussurrei.

A Duquesa ergueu a cabeça e começou a morder o interior da boca. Então deu de ombros. “Você pode até deixá-lo ligado.”

Essa era a minha garota! Ergui a voz e falei: “Curta o show da realeza, Bob!”. E, com isso, o sóbrio Duque de Bayside, Queens, começou a fazer amor com sua esposa, a sedutora Duquesa de Bay Ridge, Brooklyn, como se não houvesse amanhã.

CAPÍTULO 39

SEIS MANEIRAS DE MATAR UM INTERVENCIONISTA

Meus cães precisam de uma operação... meu carro quebrou... meu chefe é um cuzão... minha esposa é uma idiota ainda maior... congestionamentos me deixam louco... a vida não é justa... e por aí vai...

Sim, realmente, havia uma papagaiada idiota nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos de Southampton, Long Island. Estava em casa havia uma semana, e, como parte de minha recuperação, me comprometi a fazer um 90 em 90, ou seja: tinha uma meta de participar de 90 reuniões dos AA em 90 dias. E, com uma Duquesa bastante nervosa me observando como uma águia, tinha de fazer isso.

Logo percebi que seriam 90 dias bem longos.

Assim que entrei em minha primeira reunião, alguém me perguntou se eu gostaria de ser o orador convidado, ao que respondi: "Falar diante do grupo? Lógico, por que não?". O que poderia ser melhor do que isso?, perguntei-me.

Os problemas começaram rapidamente. Ofereceram-me um banco atrás de uma mesa retangular diante da sala. O mediador da reunião, um homem de aparência gentil com 50 e poucos anos, sentou-se ao meu lado e fez alguns anúncios breves. Então acenou para que eu começasse.

Comecei a falar, numa voz alta e franca: "Olá, meu nome é Jordan, e sou um alcoólatra e viciado".

A sala, com mais ou menos 30 ex-bêbados, respondeu em uníssono: "Olá, Jordan; bem-vindo".

Sorri e aquiesci. Com grande confiança, segui: "Estou sóbrio há 37 dias, e...".

Fui imediatamente cortado. "Com licença", falou um ex-bêbado de cabelo grisalho e veias que pareciam teias de aranha no nariz. "Precisa-se estar sóbrio há 90 dias para falar nesta reunião."

Ora, que insolência do velho idiota! Fiquei totalmente devastado. Senti como se tivesse pego o ônibus escolar sem vestir o uniforme. Fiquei apenas sentado ali, naquela cadeira de madeira terrivelmente desconfortável, olhando para o velho bêbado e esperando que alguém me arrastasse com um gancho.

"Não, não. Não sejamos tão duros", disse o condutor. "Como ele já está aqui, por que não o deixamos falar? Será um sopro de ar fresco escutar um recém-chegado."

Resmungos impudentes surgiram da multidão, junto com uma série de dar de ombros insolentes e balançar de cabeças desdenhosos. Pareciam furiosos. E cruéis. O condutor colocou o braço em meu ombro e me olhou nos olhos, como se dissesse: "Está tudo bem. Pode ir em frente".

Aquiesci nervosamente. "Está bem", falei para os furiosos ex-bêbados. "Estou sóbrio há 37 dias e..."

Fui cortado novamente, só que dessa vez por um aplauso atroador. *Ahhh, que maravilha!* O Lobo estava recebendo sua primeira ovação, e ele ainda nem começara! Esperem até ouvir minha história! Vou trazer a plateia abaixo!

Aos poucos, o aplauso acalmou-se, e com uma confiança renovada continuei: "Obrigado, gente. Realmente agradeço o voto de confiança. A droga que escolhi foram os Quaaludes, mas usei muita cocaína também. Na verdade...".

Fui cortado novamente. "Com licença", disse meu nêmesis com veias em formato de teias de aranha, "esta é uma reunião dos AA, não uma reunião do NA. Não se pode falar sobre drogas aqui, apenas sobre álcool."

Corri os olhos pela sala, e todas as cabeças estavam concordando com ele. *Ah, merda!* Isso parecia uma política antiquada. Estávamos nos anos 1990. Por que alguém decidiria ser alcoólatra e evitaria as drogas? Não fazia sentido.

Estava prestes a pular da cadeira e sair correndo, quando ouvi uma poderosa voz feminina berrar: "Como se atreve, Bill? Como se atreve a tentar afastar este garoto que está lutando pela vida? Você é desprezível! Todos somos viciados aqui. Ora, por que não cala a boca, cuida das suas coisas e deixa o garoto falar?".

O garoto? Teria eu acabado de ser chamado de garoto? Tinha quase 35 anos, pelo amor de Deus! Olhei para a voz, e ela vinha de uma senhora muito velha usando óculos de vovó. Ela piscou para mim. Pisquei de volta.

O velho bêbado esbravejou contra a Vovó. "Regras são regras, sua velhota!"

Balancei a cabeça, sem conseguir acreditar. Por que a insanidade me seguia para onde quer que eu fosse? Não havia feito nada errado aqui, havia? Apenas queria me manter sóbrio. Porém, por outro lado, eu era o motivo de uma discórdia. "Que seja...", falei para o condutor. "Farei o que você quiser."

No final, deixaram-me falar, apesar de eu ter saído da reunião querendo arrebentar o pescoço do velho idiota. A partir daí, as coisas continuaram a decair quando fui para uma reunião dos NA, Narcóticos Anônimos. Havia apenas quatro outras pessoas na sala; três delas estavam visivelmente chapadas, e a quarta mantinha-se sóbria havia menos dias do que eu.

Queria falar alguma coisa para a Duquesa, contar-lhe que toda essa coisa dos AA não era para mim, mas sabia que ela ficaria arrasada. Nossa relação estava ficando mais forte a cada dia. Não havia mais brigas, xingamentos, pancadas, punhaladas, tapas ou arremesso de água... nada. Éramos apenas dois indivíduos normais, levando uma vida normal com Chandler, Carter e 22 criados em casa. Decidíramos permanecer em Southampton durante o verão. Imaginamos que seria melhor me manter afastado da loucura, pelo menos até que minha sobriedade prevalecesse. A Duquesa emitira avisos para meus velhos amigos: eles não eram mais bem-vindos em nossa casa, a não ser que estivessem sóbrios. Alan Químico recebeu um aviso pessoal de Bo, e nunca mais ouvi falar dele.

E meus negócios? Bem, sem Quaaludes e cocaína, não tinha mais estômago para aquilo, ou pelo menos ainda não. Estando sóbrio, problemas como a Sapatos Steve Madden pareciam fáceis de se lidar. Fiz meus advogados entrarem com um processo, enquanto ainda estava na clínica, e o contrato de caução havia se tornado público. Até agora, não fora preso por isso, e suspeitava que nunca o seria. Afinal de contas, pelo que estava escrito, o contrato não era ilegal; era um problema maior por Steve não o ter levado a público... o que o tornava mais culpado do que eu. Além do mais, o agente Coleman sumira muito tempo atrás, e eu esperava nunca mais ouvir falar dele. No fim, teria de entrar em acordo com o Sapateiro. Eu já havia me negado a isso, e não dava a mínima. Mesmo no meu estado emocional mais depravado – pouco antes de entrar

na reabilitação –, não era o dinheiro que me deixava louco, mas a ideia de o Sapateiro tentar furtar minhas ações e mantê-las para si. E isso não era mais possível. Como parte de um acordo, ele seria forçado a vender minhas ações a fim de me pagar, e estaria tudo resolvido. Deixaria meus advogados lidarem com isso.

Eu estava em casa havia pouco mais de uma semana quando cheguei de uma reunião dos AA e encontrei a Duquesa sentada na sala de tevê – a mesma sala onde eu perdera minha pedra de 20 gramas, seis semanas atrás, que a Duquesa admitira ter jogado na privada.

Com um grande sorriso no rosto, falei: "Olá, querida! Como estão...".

A Duquesa ergueu a cabeça, e fiquei paralisado de terror. Ela estava visivelmente abalada. Lágrimas corriam pelo seu rosto, e seu nariz estava escorrendo. Com o coração apertado, perguntei: "Nossa, querida! Qual é o problema? O que aconteceu?". Abracei-a com carinho.

Seu corpo tremia em meus braços quando ela apontou para a tela de tevê e falou, entre lágrimas: "É Scott Schneiderman. Ele matou um policial algumas horas atrás. Estava tentando roubar o pai para comprar coca e atirou num policial". Começou a chorar histericamente.

Senti lágrimas correndo pelas minhas bochechas e falei: "Putz, Nae, ele esteve aqui no mês passado. Eu... eu não...". Tentei encontrar algo para dizer, mas rapidamente me dei conta de que não havia palavras para descrever a magnitude dessa tragédia.

Assim, não falei nada.

UMA SEMANA DEPOIS, numa noite de sexta, a reunião das 19h30 na Igreja Nossa Senhora da Polônia havia acabado de começar. Era o final de semana do Dia da Memória, e eu estava na expectativa dos 60 minutos de tortura de sempre. Então, para minha surpresa, as palavras de abertura do condutor da reunião vieram na forma de uma diretiva... dizendo que não seriam permitidas conversas que não fossem sobre drogas, não sob o seu comando. Ele estava criando uma Zona Livre de Papagaiada, explicou, porque o propósito dos AA era criar esperança e fé, não reclamar sobre a fila na chegada do Grand Union. Então ergueu um cronômetro, mostrando-o à plateia, e falou: "Não há nada que não consigam dizer em menos de dois minutos e meio que eu não tenha interesse em escutar. Portanto, sejam breves e doces". E fez um sinal com a cabeça.

Estava sentado no fundo, ao lado de uma mulher de meia-idade que parecia razoavelmente bem... para uma ex-bêbada. Ela tinha cabelo avermelhado e uma compleição vermelha. Inclinei-me para ela e sussurrei: "Quem é este cara?".

"George. Ele é uma espécie de líder não oficial aqui."

"É mesmo?", perguntei. "Desta reunião?"

"Não, não", cochichou, num tom que implicava que eu estava totalmente por fora, "não apenas daqui, de todos os Hamptons." Ela olhou para o lado de maneira conspiratória, como se fosse divulgar uma informação ultrassecreta. Então, baixinho, falou: "Ele é o dono da Seafield, a clínica de reabilitação de drogas. Nunca o viu na tevê?".

Fiz que não com a cabeça. "Não assisto muita tevê, apesar de ele me parecer um pouco familiar. Ele... *ah, meu Deus!* " Fiquei sem fala. Era Fred Flintstone, o homem com a cabeça enorme que surgiu na tela da minha tevê às 3 horas da manhã, inspirando-me a atirar minha escultura Remington em seu rosto!

Quando a reunião terminou, fiquei esperando a multidão se acalmar, fui até George e falei:

"Olá, meu nome é Jordan. Queria apenas lhe dizer que realmente gostei da reunião. Foi incrível".

Ele estendeu a mão, que era do tamanho de uma luva de beisebol. Apertei-a obedientemente, rezando para que não arrancasse meu braço.

"Obrigado", respondeu. "Você é um recém-chegado?"

Fiz que sim com a cabeça. "Sim, estou sóbrio há 43 dias."

"Parabéns. Isso não é uma vitória pequena. Você deve estar orgulhoso." Fez uma pausa e jogou a cabeça para o lado, dando uma boa olhada em mim. "Sabe, você me parece familiar. Qual é seu nome mesmo?"

Lá vamos nós! Aqueles idiotas da imprensa... não havia como fugir deles! Fred Flintstone vira minha foto nos jornais, e agora iria me julgar. Era hora de uma mudança de assunto estratégica. "Meu nome é Jordan, e preciso te contar uma história engraçada, George: estava em minha casa lá no norte da ilha, em Old Brookville, e eram 3 horas da manhã...", e comecei a contar-lhe que joguei minha escultura Remington em seu rosto, ao que ele sorriu e respondeu: "Você e mais mil pessoas. A Sony devia me pagar 1 dólar para cada tevê que vendem a um viciado em drogas que quebrou seu aparelho depois do meu comercial". Deu uma risadinha, então completou, cético: "Você mora em Old Brookville? É um bairro superlegal. Mora com os pais?".

"Não", respondi, sorrindo. "Sou casado e tenho filhos, mas aquele comercial foi tão..."

Ele me cortou. "Você está aqui para o Dia da Memória?"

Porra! Isso não estava indo de acordo com o planejado. Ele havia me colocado na defensiva. "Não, tenho uma casa aqui."

Parecendo surpreso: "Ah, é mesmo? Onde?".

Respirei fundo e falei: "Meadow Lane".

Ele jogou a cabeça para trás e franziu o cenho. "Você mora em Meadow Lane? É mesmo?"

Concordei com a cabeça lentamente.

Fred Flintstone deu um sorriso falso. Aparentemente, a foto estava ficando mais clara. Ele sorriu e falou: "E qual você disse que era seu sobrenome?".

"Não disse. Mas é Belfort. Te diz alguma coisa?"

"Sim", respondeu, rindo. "Muita coisa. Você é aquele garoto que abriu... err... qual o nome... Strathman alguma coisa."

"Stratton Oakmont", respondi, sem graça.

"Sim! Isso mesmo. Stratton Oakmont! Meu Deus! Você parece uma merda de um adolescente! Como pode ter causado tanta confusão?"

Dei de ombros. "O poder das drogas, certo?"

Ele concordou. "Sim, bem, vocês, filhos da puta, me tiraram centenas de milhares de dólares em alguma ação louca pra caralho. Nem consigo lembrar o nome dela."

Ah, merda! Isso era ruim. George podia me bater com aquelas luvas de beisebol dele! Eu me ofereceria para devolver-lhe o dinheiro naquele exato momento. Voltaria correndo para casa e tiraria o dinheiro do cofre. "Não estou envolvido com a Stratton há um bom tempo, mas teria o maior prazer em..."

Ele me cortou novamente. "Ouça, estou realmente curtindo esta conversa, mas preciso ir para casa. Estou esperando um telefonema."

"Ah, sinto muito. Não quis te prender. Voltarei na próxima semana; talvez possamos conversar."

“Ora, está indo para algum lugar agora?”

“Não, por quê?”

Ele sorriu. “Eu ia te convidar para uma xícara de café. Vivo na mesma quadra que você.”

Com as sobrancelhas erguidas, falei: “Você não está bravo por causa dos cem mil?”.

“Nada, o que são cem mil entre dois bêbados, certo? Além do mais, precisava deduzir dos impostos.” Sorriu e colocou o braço em meu ombro, e nos dirigimos para a porta. Ele falou: “Eu estava esperando encontrá-lo nas salas qualquer dia. Ouvi muitas histórias malucas sobre você. Estou muito feliz por você ter vindo para cá antes que fosse tarde demais”.

Concordei com a cabeça. Então George completou: “De qualquer forma, estou te convidando a vir até minha casa sob uma condição”.

“Qual?”, perguntei.

“Quero saber a verdade... se você afundou seu iate para receber o dinheiro do seguro.” Ele franziu o cenho de maneira suspeita.

Sorri e falei: “Vamos lá, eu te conto no caminho!”.

E, dessa forma, saí da reunião de sexta à noite dos Alcoólicos Anônimos com meu novo padrinho: George B.

GEORGE MORAVA NA South Main Street, uma das ruas mais chiques na zona residencial de Southampton. Ficava um pouco abaixo da Meadow Lane, em relação a preço, apesar de a casa mais barata em South Main ainda custar 3 milhões de dólares. Estávamos sentados, um diante do outro, a uma mesa de carvalho claro muito caro, dentro de sua cozinha francesa.

Eu estava contando a George que planejava matar meu intervencionista Dennis Maynard, assim que meu 90 em 90 tivesse sido completado. Decidira que George era a pessoa apropriada para se conversar sobre isso, depois que ele contou uma rápida história sobre um oficial de justiça que viera à sua residência a fim de apresentar-lhe uma notificação fajuta. Como George se recusou a atender a porta, o oficial começou a pregar a notificação em sua porta de mogno esculpida à mão. George foi até a porta e aguardou até que o oficial de justiça tivesse terminado de martelar, então abriu com tudo a porta, nocauteou o oficial e fechou a porta com tudo. A coisa aconteceu tão rápido que o oficial não conseguiu descrever George para a polícia, e, portanto, nenhuma acusação foi apresentada.

“... e me dá raiva saber”, eu falava, “que esse filho da puta se considera um profissional. Sem contar o fato de que ele falou para minha esposa não vir me visitar enquanto eu estava apodrecendo naquele manicômio de lunáticos! Quer dizer, só isso já é motivo para quebrar-lhe as pernas. Mas convidá-la para ir ao cinema a fim de tentar levá-la para a cama, bem, isso é motivo para *morte*!” Balancei a cabeça, furioso, e suspirei longamente, feliz por enfim desabafar sobre isso.

E George de fato concordou comigo! Sim, na opinião dele, meu intervencionista realmente merecia morrer. Assim, passamos os minutos seguintes discutindo sobre as melhores formas de matá-lo... começando com a ideia de cortar fora seu pau com uma chave inglesa. Mas George achou que isso não seria doloroso o suficiente, porque o intervencionista entraria em choque antes que seu pau caísse no carpete e desmaiaria em questão de segundos. Assim, pensamos em fogo... queimá-lo até a morte. George gostava disso porque era muito doloroso, mas o preocupava a possibilidade de danos colaterais, já que estaríamos queimando sua casa também como parte do

plano. A seguir, veio envenenamento por monóxido de carbono, o que ambos concordamos ser muito menos doloroso, e então discutimos os prós e contras de envenenar-lhe a comida, o que, no final, pareceu muito século XIX. Uma simples tentativa de roubo frustrada veio à mente, uma que se transformasse em assassinato (a fim de se evitarem testemunhas). Mas então pensamos em pagar 5 dólares para um viciado em crack ir correndo até o intervencionista e apunhalá-lo bem nas tripas com uma faca enferrujada. Dessa forma, George explicou, ele sangraria lenta e saborosamente, sobretudo se o rasgo fosse pouco acima do fígado, o que seria bem mais doloroso.

Então escutei a porta se abrir e uma voz feminina berrar: "George, de quem é essa Mercedes?". Era uma voz gentil, dócil, que por acaso trazia também um sotaque feroz do Brooklyn; portanto, as palavras saíram assim: "*Jóji, diquem é a Merrcedes?*".

Um instante depois, uma das senhoras mais bonitas do planeta entrou na cozinha. Tudo que ele tinha de grande, ela tinha de minúscula – talvez 1,50 metro, 45 quilos. Ela tinha cabelo alaranjado, olhos da cor do mel, feições pequeninas e uma pele perfeita adornada com algumas poucas e simpáticas sardas. Parecia ter entre 40 e 50 anos, mas muito bem conservada.

George falou: "Annette, diga olá para Jordan. Jordan, diga olá para Annette".

Fui apertar-lhe a mão, mas ela me deu um abraço caloroso e um beijo na bochecha. Cheirava a limpeza e a algum perfume muito caro, que eu não consegui reconhecer. Annette sorriu e segurou-me em frente a ela pelos ombros, à distância dos braços, como se estivesse me inspecionando. "Bem, tenho de dizer uma coisa", falou, com sinceridade, "você não é do tipo de perdidos que George costuma trazer para casa."

Todos rimos com isso, e então Annette pediu licença e foi cuidar das suas tarefas, que consistiam em tornar a vida de George a mais confortável possível. Logo havia um bule de café fresco sobre a mesa, assim como bolos, tortas, rosquinhas e uma tigela de frutas frescas cortadas. Então ela se ofereceu para cozinhar para mim um banquete, porque achou que eu parecia muito magro, ao que respondi: "Você devia ter me visto 43 dias atrás!".

E, enquanto bebíamos o café, continuei falando sobre meu intervencionista. Annette foi rápida em entrar na conversa. "Ele parece um verdadeiro filho da puta" – *fiodaputa* – "se quiser saber minha opinião", disse o minúsculo foguete do Brooklyn. "Acho que você tem todo o direito do mundo de querer arrancar-lhe os *cojones*. Não acha, Gwibbie?"

Gwibbie? Era um apelido interessante para George! Eu meio que gostei, apesar de achar que não se adequava bem a ele. Talvez Pé Grande, pensei... ou quem sabe Golias ou Zeus.

Gwibbie respondeu: "Acho que o cara merece uma morte lenta e dolorosa, então quero pensar sobre isso hoje à noite. Podemos planejar amanhã".

Olhei para Gwibbie e concordei com a cabeça. "Isso mesmo!", falei. "O cara merece uma morte violenta."

Annette falou para George: "E o que você irá lhe dizer amanhã, Gwib?".

Gwib respondeu: "Amanhã irei dizer-lhe que quero pensar mais um pouco sobre o assunto e que poderemos planejar no dia seguinte". Ele sorriu com ironia.

Sorri e balancei a cabeça. "Vocês são demais! Sabia que estavam zoando comigo."

Annette falou: "*Eu* não estava! Acho que ele merece que lhe cortem os *cojones*!". Agora sua voz assumiu um tom de muita sabedoria. "George faz intervenções o tempo todo, e nunca ouvi falar de esposas serem mantidas à distância, certo, Gwib?"

Gwib encolheu seus ombros enormes. “Não gosto de ficar julgando os métodos de outras pessoas, mas parece que havia falta de um certo *carinho* em sua intervenção. Fiz centenas delas, e uma coisa que sempre quis garantir é que a pessoa que recebia a intervenção entendesse que ela era amada e que todos estariam do seu lado caso fizesse a coisa certa e ficasse sóbria. Nunca manteria uma esposa longe do marido. Nunca.” Ele encolheu os ombros enormes mais uma vez. “Mas tudo sempre termina bem, certo? Você está vivo e sóbrio, o que é um milagre maravilhoso, apesar de eu me questionar se está realmente sóbrio.”

“O que quer dizer? Lógico que estou sóbrio! Completo 43 dias hoje, e em algumas horas serão 44. Não toquei em nada. Juro.”

“Ahhh”, falou George, “você está há 43 dias sem beber e se drogar, mas isso não significa que esteja realmente *sóbrio*. Há uma diferença... certo, Annette?”

Annette concordou com a cabeça. “Conte-lhe sobre Kenton Rhodes,[8] George.”

“O cara da loja de departamentos?”, perguntei.

Os dois fizeram que sim com a cabeça, e George começou: “Sim, mas na verdade foi o filho idiota dele, o herdeiro do trono. Ele tem uma casa em Southampton, não muito longe de você”.

Com isso, Annette continuou a história. “Sim, veja, eu tinha uma loja na rua acima, na Windmill Lane; era chamada Stanley Blacker Boutique. Então... vendíamos alguns trajes orientais incríveis, botas Tony Lama...”

George, aparentemente, não tinha paciência para papagaiada, mesmo de sua própria esposa, e a cortou. “Caramba, Annette, que diabos isso tem a ver com a história? Ninguém liga para o que você vendia na droga da loja ou quem eram meus inquilinos 19 anos atrás.” Ele olhou para mim e revirou os olhos.

George respirou fundo, inflando-se até ficar do tamanho de uma geladeira industrial, e então falou lentamente: “Assim, Annette tinha uma loja ali na Windmill Lane, e ela costumava estacionar sua pequena Mercedes na frente. Um dia, ela estava na loja atendendo a um cliente e viu pela janela uma outra Mercedes atrás da dela batendo no para-choque traseiro. Então, alguns segundos depois, um homem saiu com a namorada e, sem nem deixar um recado, foi caminhando para o centro.

Nesse instante, Annette olhou para mim, ergueu a sobrancelha e sussurrou: “Foi Kenton Rhodes quem bateu em mim!”.

George reprimiu-a com o olhar e falou: “Certo, foi Kenton Rhodes. De qualquer forma, Annette saiu da loja e viu que não apenas ele tinha batido na traseira do carro dela como também parara em local proibido, em frente a um hidrante; assim, Annette chamou a polícia, ela veio e o multou. Uma hora depois, ele saiu andando de algum restaurante, bêbado como um gambá; voltou para seu carro, olhou para a multa e sorriu, então a rasgou e jogou-a na rua”.

Annette não conseguiu resistir à tentação de entrar na conversa de novo. “Sim, e esse *fiodaputa* estava com um olhar convencido no rosto... por isso, corri para fora e falei: ‘Deixe-me dizer-lhe uma coisa, amigo... você não apenas bate no meu carro sem dar a mínima, mas também tem a coragem de parar próximo a um hidrante, rasgar a multa e jogá-la no chão?’.”

George concordou com a cabeça, sério. “E, por um acaso, eu estava passando por lá quando tudo isso aconteceu, e vi Annette apontando o dedo para aquele filho da puta convencido, gritando com ele, e então eu o ouvi chamando-a de puta, ou algo assim. Fui até Annette e disse: ‘Vá para

dentro da droga da loja, Annette, já!', e Annette saiu correndo, sabendo o que estava por vir. Enquanto isso, Kenton Rhodes estava me xingando violentamente, e então entrou em sua Mercedes. Ele bateu a porta, ligou a ignição, apertou o botão da janela e os grossos vidros escuros começaram a subir. Então colocou seus enormes óculos de sol Porsche... sabe, aqueles grandes, que fazem com que você se pareça com um inseto... sorriu para mim e me mostrou o dedo do meio."

Comecei a rir, balançando a cabeça. "E aí, o que você fez?"

George girou seu pescoço do tamanho de um hidrante. "O que eu fiz? Juntei toda a minha raiva e bati na janela do lado do motorista com tanta força que a quebrei em milhares de cacos. Minha mão atingiu diretamente a têmpora esquerda de Kenton Rhodes, e isso o deixou inconsciente... sua cabeça caiu bem em cima da coxa da namorada dele, com aqueles óculos de sol Porsche ridículos ainda no rosto... com a diferença de que agora estavam tortos."

Gargalhando, perguntei: "Você foi preso?".

Ele balançou a cabeça. "Não exatamente. Veja, nesse momento, a namorada dele estava gritando com toda a força. 'Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Você o matou! Você é louco!' Ela saiu rapidamente do carro e foi correndo até a delegacia mais próxima para trazer um tira. Alguns minutos depois, Kenton Rhodes estava voltando a si, e sua namorada estava retornando correndo com um tira, que por acaso era meu bom amigo Pete Orlando. Assim, ela foi até o lado do motorista e ajudou Kenton Rhodes a sair do carro, limpando todos os cacos dele, e então os dois começaram a gritar com Pete Orlando, exigindo que ele me prendesse.

"Annette saiu correndo, berrando: 'Ele rasgou uma multa, Pete, e jogou-a no chão! Ele é um porcalhão maldito e estacionou na frente de um hidrante!', ao que Pete circulou a traseira do carro e começou a balançar a cabeça, sério. Então ele se virou para Kenton Rhodes e falou: 'O senhor estacionou na frente de um hidrante; mova já seu carro ou eu o guincharei'. Então, Kenton Rhodes começou a resmungar, amaldiçoando Pete Orlando, e entrou no carro, batendo a porta. Depois ligou a ignição, colocou a ré e começou a se afastar alguns metros, quando então Pete ergueu a mão e gritou: 'Pare! Saia do carro, senhor!'. Ao que Kenton Rhodes parou o carro, saiu e perguntou: 'O que foi agora?', e Pete respondeu: 'Sinto cheiro de álcool em seu hálito; o senhor terá de passar pelo bafômetro'. E então Kenton Rhodes começou a murmurar para Pete: 'Você não sabe quem eu sou, caralho!', e todo esse tipo de lixo... e ele ainda estava xingando baixinho um minuto depois, quando Pete Orlando o prendeu por dirigir bêbado e enfiou-lhe as algemas."

Nós três caímos na gargalhada por pelo menos um minuto; foi minha primeira gargalhada sóbria em quase dez anos. Na verdade, mal podia me lembrar da última vez que rira com tamanha vontade. A história tinha uma mensagem, é lógico... que naquela época George estava praticamente sóbrio, mas isso não significava que estivesse totalmente sóbrio. Ele podia ter parado de beber, mas ainda agia como um bêbado.

Finalmente, George se recompôs e falou: "De qualquer forma, você é um cara esperto, portanto acho que entendeu o que quero dizer".

Concordei com a cabeça. "Sim, que querer matar meu intervencionista não é o ato de um homem sóbrio."

"Exatamente", falou. "Não há problema em pensar nisso, falar sobre isso, ou até fazer piadas com isso. Mas realmente fazer isso... é aí que a questão da sobriedade surge." Respirou fundo e

soltou o ar lentamente. “Estou sóbrio há mais de 20 anos, e ainda vou a reuniões todos os dias... não apenas para não ingerir álcool, mas porque, para mim, sobriedade significa muito mais do que não ficar bêbado. Quando vou a reuniões e vejo recém-chegados como você, lembro-me de quão próximo estou do precipício e como seria fácil escorregar. Serve como um lembrete diário para não pegar uma bebida. E quando vejo os veteranos lá, pessoas com mais de 30 anos, com mais sobriedade até do que eu, lembro-me de quão maravilhoso é este programa e de quantas vidas ele salvou.”

Aquiesci, mostrando ter entendido a mensagem, e falei: “Eu não ia realmente matar meu intervencionista. Apenas precisava me escutar falando sobre isso, para descarregar”. Dei de ombros e balancei a cabeça. “Imagino que, quando você olha para o passado, deve ficar chocado por ter feito algo assim para Kenton Rhodes. Com 20 anos de sobriedade, você apenas mostraria a outra face para um cuzão como aquele, certo?”.

George olhou-me com total incredulidade. “Está brincando comigo, né? Não importa se eu estivesse sóbrio há cem anos. Eu ainda nocautearia aquele filho da puta da mesma forma!” E caímos numa gargalhada histérica novamente, e continuamos rindo e rindo, por todo o verão de 1997, meu primeiro verão sóbrio.

Na verdade, segui sorrindo – assim como a Duquesa – e nos tornamos mais próximos de George e Annette, ao passo que nossos velhos amigos, um a um, foram sumindo na neblina. Na realidade, quando estava comemorando meu primeiro ano de sobriedade, eu havia perdido contato com quase todo mundo. Os Beall ainda estavam por perto, assim como algumas amigas antigas de Nadine, mas pessoas como Elliot Lavigne, Danny Porush, Rob Lorusso, Todd e Carolyn Garret não faziam mais parte de minha vida.

Logicamente, pessoas como Cabana, Bonnie e Ross e alguns dos meus amigos de infância ainda apareciam de vez em quando para jantares festivos e coisas afins... mas as coisas nunca mais voltariam a ser o que foram. O trem da alegria parara oficialmente de circular, e as drogas, que foram a cola, não estavam mais lá para nos manter unidos. O Lobo de Wall Street morrera aquela noite em Boca Raton, Flórida... de overdose na cozinha de Dave e Laurie Beall. E o pouco que sobrevivera do Lobo fora extinguido quando conheci George B., que me colocou no caminho da verdadeira sobriedade.

Exceção a isso, logicamente, era Alan Lipsky, meu amigo mais antigo e mais *querido*, que estava lá desde muito antes de isso ter acontecido, muito antes de eu ter a ideia maluca de trazer minha própria versão de Wall Street para Long Island... criando caos e insanidade para uma geração inteira de moradores de Long Island. Foi durante o outono de 1997 que Alan veio até mim, dizendo que não aguentava mais, que estava de saco cheio de perder o dinheiro de seus clientes e que preferia ficar sem fazer nada a manter a Monroe Parker aberta. Eu concordava com ele em todos os aspectos, e a Monroe Parker foi fechada logo em seguida. Alguns meses depois, a Biltmore seguiu o mesmo caminho, e a era dos strattonitas finalmente chegou ao fim.

Foi mais ou menos na mesma época que finalmente entrei num acordo em meu processo com Steve Madden. Acabei fazendo um acordo de pouco mais de 5 milhões de dólares, muito longe do que as ações realmente valiam. Entretanto, como parte do acordo, Steve foi forçado a vender minhas ações para um fundo mútuo, portanto nenhum de nós recebeu todo o lucro. Eu sempre olharia para a Steve Madden como um negócio que escapou pelas minhas mãos, apesar de, no final das contas, ainda ter ganhado mais de 20 milhões no negócio... nada mal, mesmo para meus

padrões exorbitantes.

Enquanto isso, a Duquesa e eu havíamos entrado num estilo de vida mais calmo, mais modesto, lentamente reduzindo a criadagem para um nível mais razoável, ou seja, 12 pessoas. Os primeiros a saír foram Maria e Ignácio. Em seguida, os Roccos, de quem eu sempre gostara, mas que não considerava mais necessários. Afinal de contas, sem cocaína e Quaaludes alimentando minha paranoia, parecia um tanto ridículo ter seguranças particulares numa vizinhança sem crimes. Bo recebera a demissão com alegria, dizendo-me que estava bem feliz por eu ter sobrevivido a tudo aquilo. E, mesmo que nunca o tenha dito, eu tinha certeza de que ele se sentia culpado pelas coisas, apesar de não achar que estivesse ciente de quão pesado meu vício tinha se tornado. Ora, a Duquesa e eu havíamos escondido isso muito bem, não? Ou talvez todos soubessem exatamente o que acontecia, mas, desde que a galinha continuasse botando ovos de ouro, quem se importaria se ela estava se matando?

Logicamente, Gwynne e Janet permaneceram, e a discussão sobre elas serem minhas principais facilitadoras (além da Duquesa) nunca aconteceu. Às vezes é melhor não mexer nos fantasmas do passado. Janet era especialista em enterrar o passado, e Gwynne era sulista... bem, enterrar o passado era o que os sulistas faziam melhor. De qualquer forma, eu as amava, e sabia que ambas me amavam. A verdade é que o vício em drogas é uma doença filha da puta, e as linhas do bom senso ficam muito escuras nas trincheiras, principalmente quando se está vivendo o *Estilo de Vida dos Ricos e Malucos*.

E, falando das principais facilitadoras, havia, é lógico, a sedutora Duquesa de Bay Ridge, Brooklyn. Acho que ela se mostrou bastante correta no final, não? Foi a única que se manteve ao meu lado, a única que se importou o suficiente para firmar o pé e dizer "Basta!".

Mas, após o primeiro aniversário da minha sobriedade, comecei a notar alterações nela. Às vezes dava uma espiada naquele rosto deslumbrante sem que ela notasse e via um olhar distante, uma espécie de expressão fechada salpicada com um toque de tristeza. Ficava frequentemente me perguntando o que ela estava pensando naqueles momentos, quantos rancores ainda guardava contra mim, não apenas por aquele momento desprezível na escada, mas por tudo... por todas as traições, paqueras, dormidas em restaurantes e mudanças de humor que iam de acordo com o meu vício. Perguntei a George sobre isso... o que ele achava que ela podia estar pensando e se achava que eu podia fazer algo quanto a isso.

Com certa tristeza na voz, ele me contou que nem todos os problemas haviam sido resolvidos ainda, que era inconcebível que Nadine e eu pudéssemos ter passado pelo que passamos e então simplesmente varrer tudo para debaixo do tapete. Na verdade, em tantos anos que ele se manteve sóbrio nunca ouvira algo assim; a Duquesa e eu atingíramos um novo nível de relacionamento complicado. Ele comparou Nadine ao monte Vesúvio... um vulcão adormecido que um dia, com certeza, explodiria. Quando e com que ferocidade ele não sabia, mas recomendava que nós dois passássemos por terapia, o que não fizemos. Em vez disso, enterramos o passado e seguimos em frente.

Às vezes eu encontrava a Duquesa chorando... sentada sozinha em seu showroom de maternidade com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Quando eu lhe perguntava qual era o problema, ela me dizia que não conseguia entender por que tudo aquilo tinha acontecido. Por que eu havia me afastado dela e me perdido nas drogas? Por que eu a tratara tão mal durante todos aqueles anos? E por que eu era um marido tão bom agora? De alguma forma, isso apenas

piorava as coisas, ela dizia, e a cada ato de gentileza que eu lhe demonstrava agora ela ficava ainda mais ressentida pelo fato de as coisas não terem sido assim por todos aqueles anos. Mas então fazíamos amor, e tudo ficava bem novamente, até a próxima vez que eu a encontrasse chorando.

Afinal de contas, ainda tínhamos nossos filhos, Chandler e Carter, e encontrávamos consolo neles. Carter acabara de comemorar seu terceiro aniversário. Estava mais lindo do que nunca, com seu cabelo loiro aplatinado e cílios maravilhosos. Ele era um filho de Deus, protegido desde aquele dia terrível no Hospital North Shore, quando nos disseram que cresceria sem todas as suas faculdades. A ironia era que, desde aquele dia, ele nunca tivera nem um resfriado. O furo em seu coração estava quase fechado, e isso nunca lhe causara nenhum problema.

E quanto a Chandler? E quanto ao meu docinho, o antigo bebê-gênio, que afastara todos os bichos-papões do papai com um beijinho? Bem, como sempre, ela ainda era a filhinha do papai. Em algum momento, recebera o apelido de CIA, porque passava boa parte do dia escutando as conversas de todos e juntando informações. Acabara de completar cinco anos e era muito mais esperta do que sua idade permitia. Era uma excelente vendedorazinha, usando o sutil poder da sugestão para me convencer a realizar suas vontades, o que, tenho de admitir, não era tão difícil.

Às vezes, eu a olhava enquanto ela estava dormindo... perguntando-me o que ela se lembraria de tudo isso, de todo esse caos e insanidade que a rodearam pelos primeiros quatro anos de vida, anos de formação importantíssimos. A Duquesa e eu sempre tentamos protegê-la das coisas, mas as crianças são observadoras perspicazes. Com certa frequência, na verdade, algo a ativava e ela nos lembrava do que acontecera na escada aquele dia... e então me dizia que estava feliz por eu ter ido para Atlântida a fim de que Mamãe e Papai pudessem ficar felizes novamente. Eu chorava por dentro nesses momentos, mas ela mudava de assunto rapidamente, para algo totalmente inofensivo, como se as lembranças não a tivessem tocado visceralmente. Um dia eu teria algumas explicações a dar, e não apenas sobre o que acontecera naquele dia na escada, mas sobre tudo. Porém, havia tempo para isso – muito tempo –, e naquele momento parecia prudente permitir que ela curtisse a abençoada ignorância da infância, pelo menos por mais um tempinho.

Nesse momento em particular, Channy e eu estávamos na cozinha em Old Brookville, e ela estava puxando meu jeans, dizendo: “Quero ir até a Blockbuster pegar o novo filme do *Rugrats*! Você prometeu!”.

Na verdade, eu não havia prometido nada, mas isso me fazia respeitá-la ainda mais. Afinal de contas, minha filha de cinco anos de idade estava fazendo a venda para mim... argumentando de uma posição de força, sem fraqueza. Eram 19h30. “Está bem”, respondi, “vamos já, antes que Mamãe chegue em casa. Vamos, docinho!” Estendi os braços para ela, e ela pulou para eles, enrolou seus bracinhos em meu pescoço e sorriu deliciosamente.

“Vamos, Papai! Rápido!”

Sorri para minha filha perfeita e respirei profunda e sobriamente, saboreando-lhe o perfume, que era delicioso. Chandler era bonita, por dentro e por fora, e eu não tinha dúvidas de que ela seria forte, deixando sua marca neste mundo. Ela tinha uma expressão, uma certa faísca nos olhos que notei no mesmo instante em que ela nasceu.

Escolhemos pegar minha pequena Mercedes, que era o carro favorito dela, e abaixamos a capota para que pudéssemos curtir a bonita tarde de verão. Estávamos a alguns dias do Dia do

Trabalho, e o clima estava incrível. Era uma daquelas noites claras, sem vento, e eu podia sentir os primeiros sinais do outono. Ao contrário daquele dia fatídico, 16 meses atrás, apertei o cinto de segurança na minha preciosa filha no banco do passageiro da frente e seguimos pela garagem sem bater em nada.

Quando passamos por aqueles pilares de pedra no fim da propriedade, notei um carro estacionado do lado de fora. Era um sedã cinza de quatro portas, talvez um Oldsmobile. Quando passei por ele, um homem branco de meia-idade, com um crânio estreito e cabelo grisalho curto, penteado para o lado, colocou a cabeça para fora da janela do motorista e perguntou: "Com licença, aqui é Cryder Lane?".

Pisei no freio. Cryder Lane?, pensei. Que ele estava falando? Não havia Cryder Lane em Old Brookville, ou, pelo menos, não em Vale Locust. Olhei para Channy e senti uma pontada de pânico. Naquele instante, desejei ainda ter os Roccos cuidando de mim. Havia algo estranho e perturbador nesse encontro.

Balancei a cabeça e respondi. "Não, aqui é Pin Oak Court. Não conheço nenhuma Cryder Lane." Naquele momento percebi que havia mais três pessoas sentadas no carro, e meu coração imediatamente disparou... *Caralho... eles estavam aqui para sequestrar Channy!...* Aproximei-me dela, coloquei o braço em seu peito, olhei-a nos olhos e falei: "Segure-se, querida!".

Quando pisei no acelerador, a porta de trás do Oldsmobile abriu-se e uma mulher surgiu. Ela sorriu, acenou para mim e disse: "Está tudo bem, Jordan. Não estamos aqui para machucar você. Por favor não fuja". Ela sorriu novamente.

Coloquei o pé de volta no freio. "O que você quer?", perguntei, apressado.

"Somos do FBI", respondeu. Ela puxou um distintivo de couro preto do bolso e abriu-o para mim. Olhei... e aquelas três letras feias estavam me encarando: F-B-I. Eram grandes letras quadradas, em azul-claro, e havia alguns escritos que pareciam oficiais acima e abaixo delas. Em seguida, o homem com o crânio estreito mostrou-me suas credenciais também.

Sorri e falei, irônico: "Acho que não estão aqui para me pedir açúcar emprestado, certo?".

Ambos fizeram que não com a cabeça. De repente, os outros dois agentes emergiram do lado do passageiro do Oldsmobile e mostraram-me suas credenciais também. A mulher de aparência simpática ofereceu-me um sorriso triste e falou: "Acho que você deveria fazer meia-volta e levar sua filha de volta para casa. Precisamos falar com você".

"Sem problemas", respondi. "E, a propósito, obrigado. Agradeço o que estão fazendo."

A mulher acenou com a cabeça, aceitando minha gratidão por ter a decência de não fazer uma cena na frente de minha filha. Perguntei: "Onde está o agente Coleman? Estou louco para conhecer o cara depois de tantos anos".

A mulher sorriu novamente. "Tenho certeza de que é um sentimento mútuo. Ele estará aqui em breve."

Aquiesci, resignado. Era hora de dar a má notícia para Chandler: não haveria *Rugrats* naquela noite. Na verdade, tinha uma leve suspeita de que haveria outras mudanças em casa, e ela não gostaria muito de nenhuma delas... a começar pela ausência temporária de Papai.

Olhei para Channy e falei: "Não podemos ir até a Blockbuster, querida. Tenho de conversar com essas pessoas por um tempo".

Ela franziu o cenho e rangeu os dentes. Então começou a berrar: "Não! Você prometeu! Está quebrando sua promessa! Quero ir para a Blockbuster! Você prometeu!".

Enquanto voltava para casa, ela continuou gritando... e então continuou gritando quando fomos até a cozinha e eu a passei para Gwynne. Falei para Gwynne: “Ligue para Nadine no celular dela; diga-lhe que o FBI está aqui e que eu vou ser preso”.

Gwynne concordou com a cabeça sem dizer nada e levou Chandler para cima. No instante em que Chandler estava longe, a gentil agente do FBI falou: “O senhor está preso por fraude mobiliária, lavagem de dinheiro e...”.

Blá-blá-blá, pensei, enquanto ela colocava as algemas em mim e citava meus crimes contra a humanidade, Deus e todo mundo. Contudo, suas palavras passavam por mim como uma rajada de vento. Não faziam o menor sentido para mim, ou pelo menos não mereciam ser ouvidas. Afinal de contas, eu sabia o que tinha feito e sabia que merecia o que me sucederia. Além do mais, haveria muito tempo para analisar o mandado de prisão com meu advogado.

Em questão de minutos, havia pelo menos 20 agentes do FBI em minha casa... de uniforme completo, com armas, coletes à prova de balas, munição extra e tudo o mais. Era irônico, pensei, que eles se vestissem daquela forma, como se estivessem executando algum mandado de alto risco.

Alguns minutos depois, o agente especial Gregory Coleman finalmente surgiu. E fiquei chocado. Ele parecia uma criança, não mais velho do que eu. Tinha mais ou menos a minha altura e cabelo castanho curto, olhos bem escuros, feições normais e uma compleição totalmente mediana.

Quando me viu, ele sorriu. Então estendeu a mão direita e nos cumprimentamos, apesar de ter sido bem desajeitado, com minhas mãos algemadas e tudo o mais. Ele falou, num tom respeitoso: “Preciso lhe dizer, você foi um adversário astuto. Devo ter batido numa centena de portas e nem uma única pessoa cooperava contra você”. Balançou a cabeça, ainda admirado com a lealdade que os strattonitas tinham por mim. Então completou: “Achei que gostaria de saber disso”.

Dei de ombros e falei: “Sim, bem, o trem da alegria acaba causando isso nas pessoas, não?”.

Ele abaixou os cantos da boca e concordou. “É verdade.”

De repente, a Duquesa surgiu correndo. Havia lágrimas em seus olhos, porém ela ainda estava linda. Mesmo na minha própria prisão, não pude evitar olhar para suas pernas, principalmente por não ter muita certeza de que as veria novamente.

Enquanto me conduziam algemado, a Duquesa deu-me uma bitoca na bochecha e falou-me para não me preocupar. Acenei com a cabeça e disse-lhe que a amava e que sempre a amaria. E então parti, desse jeito. Para onde eu não tinha a menor ideia, mas imaginei que acabaria em algum lugar em Manhattan, e então no dia seguinte seria levado diante de um juiz federal.

Em retrospecto, lembro-me de me sentir de alguma forma aliviado... o caos e a insanidade ficariam finalmente para trás. Eu cumpriria minha pena e então sairia de lá como um homem sóbrio e jovem – pai de dois filhos e marido de uma mulher de bom coração, que ficou ao meu lado na alegria e na tristeza.

Tudo ficaria bem.

EPÍLOGO

OS TRAIDORES

É verdade, teria sido legal se a Duquesa e eu tivéssemos vivido felizes para sempre... se eu pudesse ter cumprido minha pena, e então saído da prisão para seu abraço gentil e adorável. Mas não. Diferentemente de um conto de fadas, esta parte da história não tem um final feliz.

O juiz fixou o valor de minha fiança em 10 milhões de dólares, e foi então, naqueles mesmos degraus do tribunal, que a Duquesa jogou a bomba sobre mim.

Com frieza, ela falou: "Não te amo mais. Todo esse casamento foi uma mentira". Então fez meia-volta e telefonou para seu advogado de divórcio no celular.

Tentei argumentar com ela, logicamente, mas não valeu de nada. Entre fungadas minúsculas, artificiais, completou: "Amor é como uma estátua: você pode esculpi-lo só até o ponto em que não restar mais nada".

Sim, isso pode ser verdade, pensei, se não houvesse o fato de você ter aguardado até eu ser indiciado para chegar a essa conclusão, *sua vagabunda traiçoeira e mercenária!*

Que seja. Separamo-nos algumas semanas depois, e fui para o exílio em nossa fabulosa casa de praia em Southampton. Era um lugar bem agradável para assistir aos muros da realidade caírem sobre mim... escutando as ondas se quebrando no oceano Atlântico e observando pores do sol sobre a baía Shinnecock, enquanto minha vida ruía nas pedras.

Enquanto isso, no front *legal*, as coisas estavam ainda piores. Era meu quarto dia fora da cadeia quando o procurador-geral dos Estados Unidos telefonou para meu advogado e disse-lhe que, a não ser que eu me confessasse culpado e me tornasse uma testemunha federal, ele iria indiciar a Duquesa também. E, apesar de não entrar em detalhes quanto às acusações, meu palpite era de que ela seria indiciada por conspiração ao gastar quantias obscenas de dinheiro. Afinal de contas, de que mais ela era culpada?

De qualquer forma, o mundo estava de ponta-cabeça. Como podia eu, no topo da cadeia alimentar, entregar todos aqueles abaixo de mim? Entregar um monte de peixinhos menores compensava o fato de eu ser o maior peixe de todos? Era uma questão de matemática simples: 50 peixinhos seriam iguais a uma única baleia?

Cooperar significava que eu teria de usar um grampo; que teria de testemunhar em julgamentos e participar de julgamentos contra meus amigos. Teria de dar com a língua nos dentes, e revelar cada detalhe de cada golpe financeiro da última década. Era uma ideia terrível. Um pensamento totalmente horrível. Mas que escolha eu tinha? Se não cooperasse, eles indiciariam a Duquesa e a levariam algemada.

Uma Duquesa indiciada, algemada. De início, achei a ideia bastante agradável. Ela provavelmente reconsideraria o divórcio se ambos estivéssemos sendo indiciados, não? (Seria como irmãos, caindo juntos.) E ela seria uma conquista muito menos desejável para outro homem se tivesse de se reportar a um oficial de condicional todo mês. Não havia dúvidas quanto a isso.

Mas, não, não podia deixar isso acontecer, nunca. Ela era a mãe de meus filhos, e isso

finalizava a discussão.

Meu advogado amorteceu o golpe explicando que todos cooperavam num processo como o meu... que, se fosse a julgamento e perdesse, eu pegaria 30 anos. E, se eu pegasse seis ou sete anos com uma simples alegação de culpa, isso deixaria a Duquesa exposta, o que era totalmente inaceitável.

Assim, cooperei.

Danny também foi indiciado; e ele também cooperou, assim como os rapazes da Biltmore e da Monroe Parker. Danny acabou cumprindo 12 meses, enquanto o resto dos garotos teve liberdade condicional. O China Depravado foi indiciado em seguida. Ele cooperou também e foi sentenciado a oito anos. Então vieram Steve Madden, o Sapateiro Sanguinário, e Elliot Lavigne, o Degenerado de Primeira Linha, ambos tendo alegado culpa. Elliot pegou três anos; Steve, três e meio. E, finalmente, veio Dennis Gaito, o Chef de Jersey. Ele foi a julgamento e considerado culpado. Ah, o juiz deu-lhe dez anos.

Andy Green, também conhecido como Cabana, ficou livre; e Kenny Green, o Cabeça Quadrada, também se livrou, apesar de parecer não conseguir manter a mão longe do pote. Ele foi indiciado muitos anos depois, por um caso de fraude mobiliária que não tinha nada a ver com a Stratton. Como o resto do clã, ele também cooperou e cumpriu um ano.

Durante esse tempo, a Duquesa e eu nos apaixonamos novamente; o único problema é que foi por outras pessoas. Cheguei até a ficar noivo, mas desisti no último segundo. Ela, contudo, casou-se e segue casada até hoje. Vive na Califórnia, a apenas alguns quilômetros de mim. Depois de alguns anos turbulentos, a Duquesa e eu finalmente fizemos as pazes. Damo-nos muito bem – em parte porque ela é uma mulher incrível, em parte porque seu novo marido é um homem incrível. Dividimos a guarda das crianças, e os vejo quase todos os dias.

Ironicamente, iriam se passar mais de cinco anos entre o dia em que fui indiciado e o dia em que fui realmente para a cadeia... cumprindo 22 meses numa prisão federal. O que eu nunca teria imaginado, contudo – nem em um milhão de anos, na verdade –, era que esses últimos cinco anos seriam tão insanos quanto os antes deles.

Agradecimentos

Inúmeros obrigados para meu agente literário, Joel Gotler, que, após ler três páginas de um manuscrito muito bruto, disse-me para largar tudo que estava fazendo e me tornar um escritor em tempo integral. Ele tem sido um *coach*, um conselheiro, um psiquiatra e, acima de tudo, um verdadeiro amigo. Sem ele, este livro nunca teria sido escrito. (Portanto, caso seu nome esteja nele, culpe Joel, não a mim!)

Gostaria de agradecer também a meu editor, Irwyn Applebaum, que acreditou em mim desde o começo. Seu voto de confiança é que fez a diferença.

Imensuráveis obrigados à minha preparadora, Danielle Perez, que fez o trabalho de três preparadores – tranformando um manuscrito de 1.200 páginas num livro de 500. Ela é uma mulher incrível, com uma graça e um estilo próprios. Nos últimos nove meses, as cinco palavras que ela dirigia a mim de que eu mais gostava eram: “Odiaria ver o seu fígado!”.

Muito obrigado a Alexandra Milchan, meu exército composto de uma única mulher. Se todos os autores tivessem a sorte de possuir uma Alexandra Milchan, haveria muito menos autores passando fome no mundo. Ela é valente, gentil, brilhante e tão bonita por dentro quanto por fora. Ela é, definitivamente, a filha do pai dela.

E muito obrigado a meus bons amigos Scott Lambert, Kris Mesner, Johnnie Marine, Michael Peragine, Kira Randazzo, Marc Glazier, Faye Greene, Beth Gotler, John Macaluso e a todos os garçons e garçonetes nos restaurantes e cafés em que escrevi este livro – as garotas em Chaya, Skybar e Coffee Bean, e Joe em Il Boccaccio.

E, por fim, agradeço à minha ex-esposa, a Duquesa de Bay Ridge, Brooklyn. Ela ainda é a melhor, apesar de ficar me dando ordens como se eu ainda fosse casado com ela.

Nos anos 1990, Jordan Belfort, o todo-poderoso do famoso banco de investimentos Stratton Oakmont, tornou-se um dos nomes mais conhecidos do mercado financeiro norte-americano. Ele era um brilhante negociador de ações cuja ousadia e truculência lhe garantiram a alcunha, alimentada por ele mesmo, de Lobo de Wall Street.

Com talento para fazer milhares de dólares em apenas alguns minutos, nem sempre pelos caminhos éticos ou legais, Jordan Belfort comandava uma gangue de corretores desvairados que ele levou de Wall Street para um escritório imponente em Long Island, onde montou seu quartel-general.

Nesta autobiografia impressionante e divertida, o Lobo de Wall Street narra sem meias palavras sua história de ambição, poder e excessos. Uma vida marcada pelo relacionamento tumultuado com sua esposa, com quem morava numa mansão servida por 22 criados, e por aventuras ao redor do mundo com aviões, iates, drogas e mulheres. Até que alguns passos em falso o colocaram frente a frente com a Justiça, ao mesmo tempo que se perdia no mundo do vício... e tudo começou a desmoronar.

JORDAN BELFORT nasceu no Queens, em Nova York, e aos 27 anos se tornou um dos homens mais ricos do mercado de ações nos Estados Unidos. Indiciado pelo governo federal aos 36 anos, ele cumpriu 22 meses na prisão e passou um mês na reabilitação.

Seus dois best-sellers internacionais (*O Lobo de Wall Street* e *A caçada ao Lobo de Wall Street*) já foram publicados em mais de 40 países. Agora sua história também pode ser vista no cinema, no filme dirigido por Martin Scorsese e protagonizado por Leonardo DiCaprio.

Hoje Jordan mora em Los Angeles e é palestrante motivacional.

Leia também *A caçada ao Lobo de Wall Street*, em que Jordan Belfort conta tudo que aconteceu depois que foi pego pelo FBI e seu império começou a desmoronar.

DO AUTOR DO BEST-SELLER *O LOBO DE WALL STREET*

JORDAN BELFORT

A SEQUÊNCIA DO BEST-SELLER QUE VIROU FILME DE MARTIN SCORSESE

A CAÇADA AO LOBO DE WALL STREET

Planeta

Durante o dia ele ganhava milhares de dólares por minuto. À noite gastava o mais rápido que podia, com drogas, sexo e viagens internacionais. Esta é a história de Jordan Belfort, mais conhecido como Lobo de Wall Street, um gênio do mercado de ações cujas artimanhas acabaram levando-o para a prisão. Nesta autobiografia, ele narra com uma sinceridade tocante como realizava suas operações e como foi viver no topo do mundo. Uma vida tão inacreditável que se lê como uma deliciosa ficção.

"As revelações cruas e sempre hilariantes de Belfort representam uma renovação no gênero memórias de Wall Street"

The New York Times

"É surpreendente como a narrativa de Belfort é ao mesmo tempo divertidamente rude e terrivelmente triste"

Rolling Stone

"Um livro que precisa ser lido. Uma combinação de A fogueira das vaidades, de Tom Wolfe, e Os bons companheiros, de Scorsese"

The Sunday Times